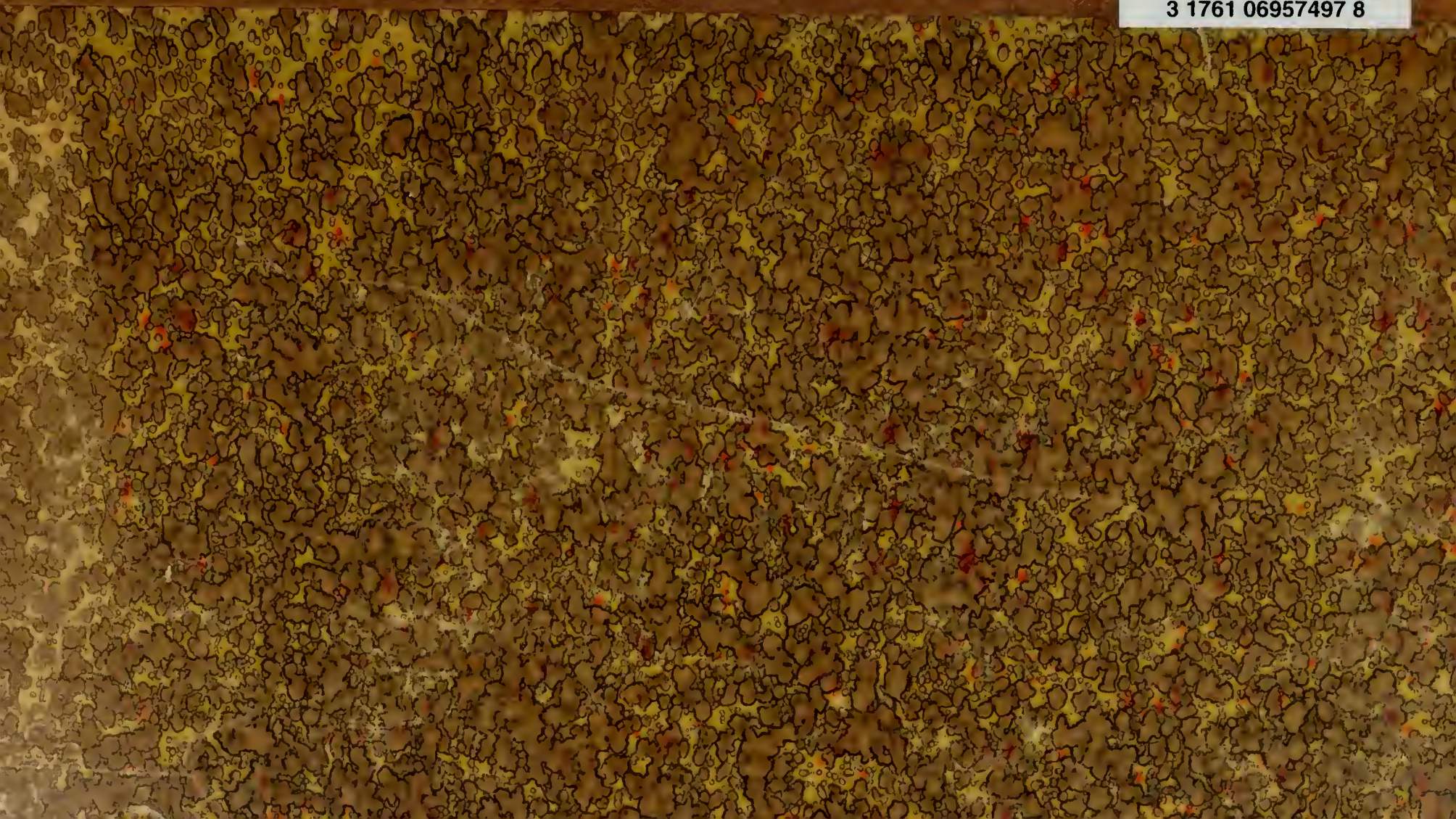


3 1761 06957497 8

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/mysteriosdainqui02silv

Mysterios da Inquisição

F. GOMES DA SILVA

Mysterios da Inquisição

ILLUSTRADO A CÔRES

POR

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

II VOLUME

LISBOA

Secção Editorial da Companhia Nacional Editora

Adm. — Justino Guedes

50 — LARGO DO CONDE BARÃO — 50

1900

LIBRARY
DEC
9
1900

PQ
9697
S4E4 M88
1900
v.2

Os christãos novos

Eva

Sob a alta arcaria moviam-se duas sombras, fortemente desenhadas no espaço, tendo por fundo a calçada e o céo, onde a lua batia á vontade.

As *silhouettes* d'estas duas figurinhas, de mãos dadas, saltando sobre a verdura do portal, como um par que avança na praia, com medo e ao encontro das ondas, lembravam um d'estes grupos de *biscuit* que são a maior galantaria da esculptura moderna para decoração dos salões burguezes...

Dir-se-hia, quem tal visse, á distancia em que estava o velho gardunho, que, no espaço azul d'aquelle improvisado theatro, se estavam exhibindo *sombrinhas* gentis em tela transparente.

De mãos dadas e braços extendidos, deixando entre elles o espaço necessario para que a vista lhes recortasse os vultos, em todos os seus pormenores... Paco encaminhava e segurava Eva, para que ella saltasse os barrancos, as moitas grosseiras e os charcos lodosos...

Dir-se-hia que dois aldeões da Normandia procuravam imitar o classico minuete da côrte de França, no seculo XVII!

Paco, o pequeno *chivato* da Gardunha, o bandido apprendiz d'aquella infernal officina, mostrava a forma do grosseiro borzeguim, as polainas, o calção, o gibão andaluz, curto e justo, deixando já adivinhar o *bolero* que veiu assignalar a elegancia sevilhana, e sobre o cabello, basto e longo, as linhas pyramidaes do gorro; e Eva, de pés descalços, saiote curto, justa na cintura, no collo qualquer tecido miseravel e velho, mas com o feitio suave d'um collo que desponta, e na cabeça o mais pobre e o mais rico dos ornatos — o cabello!...

E o velho gardunho, ao ver o grupo saltitando, e a figurinha, já pronunciada, em curvas e aprumo, da pequena, pensou:

— Paco tem razão; Eva é já uma promessa... E' preciso occultal-a. O olhar da rua prostitue tanto uma mulher como os mysterios d'um lupanar... Se o povo a fica conhecendo, a nobreza não a reconhecerá depois. Não é prudente expôr no grande bazar todas as pedras da minha joalharia!

— Quem mandou chamar-me, Paco? perguntou Eva, mal largou a mão do seu companheiro, por ter chegado ao carreiro que conduzia á escada da galeria.

— Foi mestre Pietro. que deseja melhorar a tua posição. Não tens passado da cepa torta; é tempo de fazer de ti alguem.

— Não tenho ambições...

— Mas é necessario que tenhas...

— Tenho apenas uma — libertar-me do poder da Gardunha, e fazer-me uma rapariga recolhida e trabalhadora. Abhorrece-me, envergonha-me esta vadiagem a que me obrigam.

— Com a virtude não medras, tôla!... Es bonita e podes ganhar muito dinheiro... Não conheces muitas *serenas* que vivem em palacios?

— E Suzana?

— Perdeu-se exactamente por tomar a vida a serio. Depois de ser o que foi, quiz fugir com armas e bagagens. E a Gardunha vingou-se... Se ella voltar...

— Não volta, não. Morre lá dentro, ou mata-se cá fora.

— Por que a estimas tanto?

— Porque ella era boa... E quando se arrependeu, até me fez a promessa de me tirar d'esta vida, que odeio. Falsos andrajos, falsa mendiga, a espionar quem passa, a atraiçoar quem me soccorre!... E para que? Para ser um dia mulher do primeiro bandido que me appeteça, roubar o primeiro homem de bem que me amar, ou vender-me ao primeiro fidalgo que me ajuste? É esta a peor prostituição — feita por conta alheia e para fazer mal...

— Toma cuidado com essas pieguices. — Sabes que não abundam agora raparigas da tua edade e no teu estado... Na Gardunha podes ter fortuna... Eu, por exemplo, logo que chegue a *pustulante,* ou me faço frade, ou caso comtigo, no altar cá de dentro...

— Nem tu, nem outro qualquer d'este bando, que já me teria desgraçado, se a pobre Suzana me não tivesse defendido...

— Mas agora não tens quem te defenda, e eu poderei obrigar-te.

— Enganas-te — defendo-me eu.

— E se eu te roubasse um beijo!

— Quebrarias os dentes na ponta d'este punhal!

E a cigana fez luzir aos olhos de Paco uma pequena lámina, que lhe saltou do seio.

— Bello, bello! Já tens espinhos como as rosas. Toma, porém, cuidado, que as rosas, quando um homem quer, tambem são colhidas e esfolhadas...

— Atreve-te...

— Agora não, que mestre Pietro espera-te, e ainda não tenho gráu para ousadias... mas mais tarde, quando a Gardunha ganhar a tua percentagem, hei de ser teu socio no amor e nas prebendas...

— Se escolher um homem, qualquer que seja a religião ou raça d'elle, hei de escolhel-o, bandido ou homem de bem, mas que saiba defender-me...

— Mas, emfim, queres ser alguem? Andarás garrida e serás mais cubiçada, que as *serenas* mais guapas.

O olhar de Eva brilhou por forma que Paco bem percebeu que tinha ferido a corda sensivel da pobre rapariga.

— Isso quero, sim, Paco. Quero ser formosa e elegante... perder este aspecto miseravel, que na infancia me era indifferente, mas que agora começa a ser o meu martyrio.

— Bem, n'esse caso, mettamos mãos á obra. Pietro destina-te uma posição cheia de sedas e de *pesetas*. É necessario arranjar umas lampadas garridas para esses teus olhos de fogo...

E os dois desgraçados subiram a escadaria...

No primeiro patamar, através d'uma fresta, ouviram gente n'um salão mal illuminado, onde se jogava como n'uma tavolagem. Havia uma notavel promiscuidade de sexos e de classes.

N'essa noite houvera partilha na Gardunha.

Chegaram, emfim, á balaustrada, onde Pietro os esperava.

— Aqui está a pequena, mestre. E diga-se, para honra da verdade, que a encontrei no seu posto, como sentinella vigilante.

— Eva, disse-lhe o velho gardunho, que edade tens?

— Fiz quinze annos, pela Semana Santa...

— Estás uma mulher. Se fôsses passaro, já podias voar sósinha por esses ares de Hespanha. Dize-me, já sentes as guias a pesarem-te nas azas?

— Fiz quinze annos pela Semana Santa, repetiu Eva.

— Já sei isso. Trata-se agora de saber se já amas alguem...

— Amo os que me fazem bem...

— Fica-te bem a gratidão: o que pergunto é se já pensas em algum rapaz de Sevilha, que te elogiasse os olhos, ou te apertasse a cintura...

Eva baixou os olhos, e respondeu apenas:

— Amo Suzana...

— E' necessario esquecel-a. Se ella não tivesse offendido a Deus e á Gardunha, que é como quem diz a Inquisição, andaria livre. Para ti foi melhor assim. Com os conselhos que te dava, havia de cortar-te a carreira.

— Brilhante e honrada carreira!

— Com ella se enriquece e se domina. Hoje nada és, e ámanhã poderás ser uma das mulheres mais desejadas em toda a Andaluzia...

— Se me deixassem livre, não ficaria só. A vergonha é que nos isola no mundo...

— Pertences-nos. Se tentasses fugir-nos, ficarias perdida.

— Sei, demais o sei!

— Para que vieste? Acompanhaste tua mãe, herdaste-lhe a sorte...

— Mas, emfim, o que me quereis, mestre? perguntou Eva.

— Tens visto, n'estas ultimas noites, ou de dia, atravessar a ponte de Triana, ou demorar-se nas margens do rio, alguem que desperte a suspeita de andar n'uma empresa mysteriosa?

— N'estas ultimas noites? Um rapaz delgado, moreno, de olhar vivo como o de um hespanhol, e meigo como o de um portuguez? com vestes de velludo, como os pagens da côrte? cabellos negros como os meus? cabeça levantada como a de um fidalgo? recato no olhar como o de um escudeiro?

— Sabes mais do que esperava!... Sim, será esse... Como se chama?

E Eva respondeu entristecida:

— Não sei, senhor. Digo-vos como elle é, porque me dava esmola quando eu lh'a pedia, e continúa a dar-m'a, agora que nada lhe peço.

— E por que não pedes?

— A pensar na minha vida, esqueço-me de pedir... Depois eu sei que elle não me esquece...

— Está bem. E' preciso saber como elle se chama, onde reside, e o que faz... E' preciso principalmente que de tudo informes Paco e os outros companheiros, da maneira de o haverem ás mãos, se o interesse d'elle fôr contrário ao nosso...

— Mas, senhor, como interrogal-o? como detel-o? Os meus andrajos afastam, não attrahem.

— Os teus olhos suppririam tudo. Mas não é necessario dar-lhes já tantas responsabilidades. Em casa de Mercedes terás habitos mais conformes á tarefa. Agradece os favores recebidos e pede-lhe protecção... Dize-lhe que és perseguida, e que não tens quem te defenda... Que perdeste a familia.... que és honesta... E chora, chora muito, ouviste bem?

— Por alma de minha mãe, que a Gardunha prostituiu e matou, juro-vos, mestre, que tudo isso direi... E' tão facil! Se é a verdade! Chorarei tambem, chorarei lagrimas de sangue, appellarei para o coração e para o braço d'elle. Direi que sou perseguida, e que não posso defender me, que ainda sou honesta, mas que está ameaçada esta honestidade, até hoje vigiada e defendida por um plano da mais terrivel exploração. Direi mais: que preciso de lhe contar a minha vida, e que para isso terá de se encontrar commigo em logar e horas certas...

— E' exactamente isso. E tudo isso dirás, perturbada, como quem não diz tudo que deseja, córando, quando possas, de vergonha e pejo... Comprehendes bem?

— Perfeitamente; affirmo-vos que hei de córar de vergonha e que não lhe direi quanto desejo. Hei de attrahil-o, contar-lhe a minha vida, procurar devassar-lhe os segredos que elle occulta... Estaes satisfeito?

— Estou. De tudo darás conta, com urgencia e frequencia...

— De tudo darei conta...

— Juras?

— Juro.

E Eva dizendo isto, poz o olhar no céo, onde havia tanta luz!...

Foi n'este momento que ella disse mentalmente esta promessa:

— Juro que de tudo darei contas... a Deus.

*

Eva era uma creança? Talvez; mas uma creança, que o infortunio adeantara.

Começara muito cedo a viver. e, cousa notavel! no seu abandôno, fôra sempre, como deveremos dizer? defendida? não; vigiada pela Gardunha.

Entre as preciosidades do thesouro da Gardunha, a innocencia e a virgindade andavam sempre na *vitrine* da espionagem. Uma rapariga era uma riqueza que se guardava, uma flôr que se abrigava do vento.

A Gardunha não colhia, ainda verdes, os fructos do seu pomar...

Eva começara a sua carreira na edade mais tenra, e, se a prostituição a envolvera, não se identificara com ella... A lã, que é quente, preserva o gêlo... O vicio era o envolucro d'estas virgens...

Eva fôra lançada na praça pública, com tal educação e arte, que parecia prostituida, e não era tal. A castidade que, sem educação, córa e resiste, é como os animaes ferozes que se domesticam. Uma virgem que nasce na prostituição, não se corrompe com ella... Eva atravessava Se-

vilha sobre as ameaças de seducção, como uma creança descalça transita sobre cascalho — rapidamente, e sem se ferir. Qualquer outra ficaria com os pés ensanguentados... O habito endurecera-lhe as plantas... Qualquer donzella lançada n'aquelle caminho cahiria a gemer; Eva corria com os pés intactos!

A Gardunha não abrigava do frio, nem matava a fome, se era necessario apurar o aspecto da miseria e da doença; mas não polluia o corpo, se era necessario crear e desenvolver uma virago.

A belleza era um valor que se aprimorava nas suas estações mais proprias. A cultura d'esta planta obedecia a todas as regras da jardinagem.

As *serenas* que a Gardunha educava eram como os fructos das arvores que se debruçam pelos caminhos... Só as creanças lhes atiram pedras para os fazer cahir... Estavam tão expostas que ninguem as cubiçava.

Quem não tem visto os fructos verdes da vinha que orla a estrada?!... Ao alcance da mão, e ninguem os colhe!... Na época da vindima é que os guardas andam de espingarda ao hombro...

A virtude não está no viandante que passa, mas no fructo que ainda amarga...

A Gardunha era tal qual o lavrador, que espreita a côr do cacho, para guardar a vinha do Senhor.

Eva andara toda a sua infancia á beira dos caminhos, creança, entre a folhagem da pobreza e da mendicidade; verde, apesar de promettedora...

Era agora que começava a lourejar o bago, e a coroal-o a lagrima do mel... Podia-se vêr — a não serem os labios d'alguma abelha, nada ainda a cubiçara...

As aves passaram, sem lhe tocar — e só agora é que boliram de leve nos ramos, e tentaram beijal-os.

Não havia dúvida — chegara o tempo da vindima...

A Gardunha punha a espingarda ao hombro...

Começa o tempo em que os pardaes descobrem a grainha e os transeuntes arrancam alguns bagos!

A honestidade de Eva procedia muito da tutela, mas principalmente do caracter da cigana.

A desgraça habituara-a muito mais ao odio que ao amor... E como não seria assim, se ella era uma escrava d'essa instituição que a martyrisava?

O soffrimento fizera-a mulher mais cedo que ás outras creanças; a puberdade do espirito anticipa-se com a desgraça.

A Gardunha distribuira-lhe um grande papel na tragedia da inquisição sevilhana, e que ella desempenhava com visivel repugnancia. A Gardunha, que lhe poupara o corpo, não lograra prostituir-lhe o caracter. Ella só tinha odio ao odio, como disse o exilado de Guernesey... Suzana, que a comprehendera. contara-lhe a sua vida.

Depois, a pobre creança viu quanto a regeneração da peccadora fôra, para a sua amiga, perseguição e castigo. Suzana era judia, como o fôra Magdalena, e como esta mercadejara o pudor, sob a pressão dos vicios do mundo. Ao ficar só, pensou em fugir... Mas como e para onde?

Teve então um pensamento: pedir ao amor que a salvasse dos seus inimigos. Tendo fatalmente de entregar-se — entregaria tambem o coração.

Suzana pensara e fizera o mesmo; mas, em vez de fugir, Samuel ficara a guardar as suas accumuladas riquezas. Os ricos não podem voar; pesa-lhes o oiro nas pontas das azas...

Logo que deixasse aquelles andrajos, e se affirmassem, sob galas do melhor quilate, as graças que se lhe desenvolviam, buscaria um homem pobre, bohemio, mas forte e leal, que a defendesse com o seu braço. Para ella não havia já segredos no mundo das paixões; não os tinha, mas conhecia os vicios.

Por isso Eva se defendia, para se não vender por conta da Gardunha, mas para se dar por conta propria.

Começava a formosa rapariga a pensar assim quando o acaso a encarregava de captivar o moço frequentador da ponte da Triana!

Notou a coincidencia.

Esse rapaz poderia salval-a — salval-a ou possuil-a, isso era indifferente. A solidão era a escravidão. Um companheiro é uma grande fôrça.

E elle tinha, apesar de creança, tanta bondade no olhar!

A primeira vez que lhe pediu esmola elle olhou para ella tão compadecido! No dia seguinte demorou-se tanto a olhal-a, que ella teve de cerrar as palpebras!...

Por fim, quando passava, sorria-lhe com tanto dó... ou, quem sabe? com tanto amor!

Ella julgava que, sendo tão nova e tão pobre, ninguem faria mais que ouvir-lhe os rogos...

Toda a gente que lhe dava esmola, nem sequer lhe via os olhos!...

Esse rapaz, pelo menos, tinha um excellente coração... Se elle a visse bem vestida e bem calçada, talvez lhe falasse...

Em casa de Mercedes ataviara-se com tanto gôsto e singelleza, que parecia de ha muito habituada aos artificios do luxo. No espelho vira ella, de surpresa, linhas tão elegantes como as das mais gentis *manolas* da ci-

dade... O cabello, até então cahido, em luzidios e untuosos caracoes sobre a testa e pescoço, alçava-se em pôpas e bandós, e exhalavam perfumes exquisitos. A saia já não cahia liza, esguia, batendo a fimbria nos joelhos; arredondava-se nas ilhargas, formando ancas suaves, que affirmavam a cintura, e descia, bem tufada, em pregas frequentes, até o artelho... Parecia mais alta!

E, revirando-se ao espelho, notava o contraste entre a doce curvatura das espaduas, d'onde sahia o pescoço de garça, bem redondo e bem lanpaçado, e a do seio a respirar pelo decote...

Notou, então, que tinha as mãos pequeninas e os dedinhos tumidos, e as unhas, que Mercedes lhe tratara com muito esmero, tão rosadas que pareciam boccados de coral, polidos pelas ondas do mar...

Sentiu-se feliz, por momentos... Valia alguma coisa!...

E porque estivesse alegre, na verdade, ou porque proseguisse na descoberta dos seus encantos, para a propria imagem abriu um sorriso...

Tinha os dentes miudos, alvos, tão alvos como o leite, e tão unidos como os bagos de uma romã...

Como os pavões esmorecem, assim ella esmoreceu olhando os pés.

Habituados a andar descalços, a liberdade que tinham gosado tanto tempo, fizera-os mal geitosos. Corrigira-os, um pouco, o calçado, mas deixara-lhes ainda grandeza e formas, que se não compadeciam com a natural elegancia de todo o vulto...

Assumaram-lhe então duas lagrimas, e viu que os olhos se lhe accendiam no espelho, como se n'elles brilhassem duas estrellas.

— E' para os olhos que elle ha de olhar, suspirou ella, mais animada e risonha.

Teve tentações de pôr uma flôr nos cabellos, mas arrependeu-se depois e lançou-a ao chão. Uma flôr é um clarão de alegria, que apaga qualquer traço de dôr.

Precisava de estar limpa e bonita, mas grave e triste...

Um lampejo de intelligencia mostrou-lhe o êrro em que ia cahir. Não seria só a flôr que lhe daria um aspecto festivo... O luxo é todo feito de flôres... Como se explicava aquella transformação? Hontem cheia de andrajos, e hoje resplandecente de galas! Se dissesse que uma fada lhe déra aquella transformação ninguem a acreditaria... A's mendigas bonitas que se vestem de princezas acodem magicos, vulgarmente — fadas só nos contos da lareira... Evidentemente quem a visse tão luzida adivinharia logo um mysterio sombrio... O olhar que a captivara fôra inspirado pela sua miseria, não pelos seus atavios... Aquelle expediente começou a parecer-lhe grosseiro .. Quem lhe assegurava que os seus olhos não brilhavam

com mais encanto na cabeça descurada, que por entre tantos artificios vulgares?

E Eva, com um movimento brusco, desmanchou o penteado, sem se importar com a reprehensão de Mercedes.

Esta mulher não passava d'uma velha *cobertera* sem educação e sem alma. O que entendia ella d'estas cousas de seducção?

Era verdade que o espelho lhe denunciara bellezas, que julgava não possuir, mas tambem o espelho lhe estava mostrando que ella assim era egual a muitas raparigas bonitas que passeavam a Trana.

Miseravel, e com aquelles dotes, é que poderia distinguir-se...

Os pés, por exemplo, eram mais bonitos descalços, e as *outras* levavam-lhe n'esse ponto incontestavel vantagem...

E, n'outro movimento de nervosa resolução, poz a nú os pés delgados e bem feitos. — Pareceram-lhe então mais bellos e pequeninos.

— Que estás fazendo, rapariga? Não sabes que recebi ordens para te enfeitar?

— Fazeis-me feia com tanta cousa garrida!

— Quereis, então, o fato velho e roto? N'esse caso ninguem attentará na tua mocidade e belleza.

— Quero que o meu aspecto reflicta a minha alma. Se pudesseis vêr me o coração! Está descalço, roto e pobre como o meu corpo!...

— N'esse caso despe tambem a saia...

E Eva ia a desprender o cós, quando notou que as curvas airosas da perna ficariam a descoberto.

— Não, disse ella, córando levemente, a saia fica... Já estou tão crescida!...

E Eva tinha razão — a saia desce aos pés da mulher, quando o pudor sobe ás faces... N'estes dois enfeites d'uma donzella está a primeira *toilette* do amor.

— Tens razão; pequena, não ficas assim mais feia... Julgo até que ficas melhor... Agora pareces a mesma, já melhorada, e ha pouco, parecias me outra! A saia é maior, mas não é rica. Qualquer bemfeitora poderia dar-t'a... E's uma rapariga intelligente.

— Assim podem reconhecer-me, sem me accusarem, não é verdade?

— Digo que, se fôsse homem, antes te queria assim. Tens uma apparencia mais innocente...

— E honesta?

— São dotes que andam sempre juntos...

— Não pareço uma *serena* da Gardunha?

— Nem por sombras... Até perdeste aquelle molde grosseiro e bravio

d'uma cigana... Quando affeiçoares os pés ao melhor resguardo, serás uma andaluza das mais guapas, e tão christã e catholica como o Papa...

— Obrigada, Mercedes, pelos vossos serviços.

— Quando voltas?

— Não sei. Não levo prazo para a tarefa. Talvez ámanhã... Talvez nunca mais.

— Ides pedir?

— Não, isso acabou — vou offerecer...

— Que Nossa Senhora te acompanhe.

*

Cahiam rapidamente as sombras da tardinha nas ruas estreitas do bairro de Triana... Cahiam, não, subia pelas casarias do bairro essa multidão de sombras, que pareciam sahir da terra. Do céo não pareciam vir, que esse ainda tinha luz abundante, que lhe mandava o sol poente... No rio tambem a luz fluctuava ainda sobre a corrente vagarosa.

Na ponte tôsca e mal defendida ia cessando o movimento...

N'um degráu, do lado do bairro, sentara se Eva n'uma attitude mendicante, mas despreoccupada da generosidade das pessoas que passavam...

A noite não se fez esperar, e as margens do Guadalquivir estavam desertas e silenciosas. Começaram a accender-se as estrellas e, sobre o leito da ponte, apenas se projectava a fraca luz que d'ellas vinha e que tremia na agua que em baixo sussurrava, espreguiçando-se.

Appareceu, então, caminhando devagar, e tateando o varandim grosseiro, formado de troncos cruzados, a personagem a que Paco se referira na conversação que tivera com mestre Pietro.

Basta-nos a sombra para que possamos reconhecel-a: era Pepe, que se dedicara fingidamente ao serviço da Inquisição, para mais de perto vigiar Jacob, o seu infeliz protector.

Já não era facil, para quem o não tivesse seguido nas suas arrojadas aventuras, reconhecer n'aquelle familiar do Santo Officio o desenvolto pastor de Lorvão.

Pepe estava na edade em que os rapazes fazem as mais extraordinarias surpresas a quem lhes marca a estatura.

A mudança de vida e de habitos emmagrecera o e fizera o crescer rapidamente, corrigindo-lhe os movimentos.

Aproveitara bem o tempo acceitando de Pedro Soares licções de jôgo d'armas, e os rapazes mais espadachins, que ainda o não temiam, já lhe reconheciam excepcional vocação para esses exercicios.

N'esses jogos adquirira a plastica da gente d'armas, e, vestido como os melhores escudeiros da côrte de D. Manuel, offerecia, na apparencia, um misto de pagem, de fidalgo e de rufião. Não se sabia bem a que classe pertencia e que mestér desempenhava.

Como de costume, ao entrar na ponte, foi depôr a sua esmola na mão de Eva.

— Deus vos salve, boa pequena.

— Obrigada, senhor... mas, se permittis...

— Achaes pouco? Tendes razão. O meu bom amigo todos os dias me augmenta o salario, e eu não tenho augmentado a minha caridade. Aqui estão mais dois maravedís...

— O que desejo não se ganha com tão pouco... Queria que guardasseis o vosso dinheiro e me desseis a vossa attenção.

— Não me convem demorar n'este logar; mas, emfim, dizei.

— Queria pedir-vos uma esmola, não para a minha miseria, mas para o meu abandôno.

— Correis algum perigo?

— Todos os perigos.

— E demoraes-vos por aqui, a taes horas, em noites escuras e frias?! Ha na cidade pontos mais transitados, e, portanto, mais lucrativos. Tão nova, podereis envelhecer n'estas sombras... Brilham muito os vossos olhos, mas não chegam para illuminar este caminho. De que vos queixaes, pequena?

— De ser obrigada a mendigar, tendo já edade e fôrça para o trabalho...

— E por que não resistís? Vossos paes são talvez d'estes mandriões que vivem da mocidade das filhas e dos vicios generosos...

— Não tenho paes...

— Peor. Andaes então por conta da ciganada que rouba creanças e vende mulheres?

Eva ergueu-se, e, agarrando no braço de Pepe, disse-lhe com voz commovida:

— Corro o grande perigo de vos perder, salvando-me, ou de me salvar, perdendo-vos...

— Não percebo; nada pode haver de commum entre nós...

— Senhor, conheceis a Gardunha?

— Como os meus dedos.

— E não a temeis?

— Como toda a gente teme ladrões e assassinos. Pelo que vejo, pertenceis á cafila.

— Pertenço.

— Gosto da franqueza. Pois fazeis mal; é melhor entregar a alma ao Diabo, que vender o corpo a essa quadrilha. Quem tem tão boa madrinha não se queixa, a quem passa, de morrer moura. Ficae-vos com Deus, se não tendes medo d'elle...

E Pepe ia a continuar o seu caminho.

— Senhor, pela vida de quem amaes, não atravesseis a ponte nem passeis no rio... Conspiram contra a vossa liberdade, ou talvez contra a vossa vida...

— Estaes fazendo uma traição a quem vos paga. Não tenho medo, que nunca me aventuro por aqui sósinho...

— Quem vos acompanha?

— Esta cigana, que me abraça pela cintura como a melhor das amantes.

— E é fiel?

— Como uma esposa honesta. Se quizerdes, fazei signal a algum dos vossos parceiros, e vereis como, em pouco tempo, elle achará fria de mais a agua do rio.

— E se fôssem muitos?

— Não ficariam muitos...

— E essa espada é menos generosa que vós?

— E' tão generosa como o braço que a move.

— Pois bem, senhor, vós, que sois forte e generoso, fazei o acto mais generoso da vossa vida —fugi d'aqui — sei que vos ameaçam.

— E que interesse vos inspira?...

— O de salvar um homem que me poderá libertar ámanhã das garras dos bandidos, como Samuel salvou Suzana...

— Samuel? Suzana? Conheceis essa gente?

— Os meus unicos protectores! Bons, carinhosos e ricos, deixaram me no inferno, de que elles sahiram...

Pepe sentiu-se perturbado. O nome de Samuel interessava-lhe devéras. Era por causa d'esse desgraçado que elle andava por alli em busca de vestigios...

— Como vos chamaes, pequena?

— Eva, senhor...

— E onde está essa Suzana de que falaes?

— Na Inquisição...

— Quereis, então, fugir aos vossos companheiros?

— Se quero! Choro noite e dia, pedindo a Deus essa liberdade!

— E quem me garante, que não sois uma embusteira?

— A vossa boa fé.

— Tem-me enganado muitas vezes...

— Olhae bem para mim, senhor; que lêdes nos meus olhos?

— Que sois sincera; mas a sinceridade foi sempre a melhor máscara do embuste...

— E a minha confissão?

— E' mais feia que os vossos olhos, mas dá-me mais garantias. Isso, porém, pouco nos interessa. Pedis a minha protecção, e não hei de negar-vol-a. Procurae-me ámanhã no palacio da Fé.

— E como direi?

— Que precisaes de falar a Pepe, o Portuguez, o familiar do Santo Officio... Não esqueçaes de dizer — *o Portuguez*; é n'isso que está a minha distincção.

— E franqueiam a entrada assim, a uma pobre rapariga?...

— Tomae esta moeda, e apresentae-a. As portas serão franqueadas.

E Pepe entregou a Eva uma pequena medalha de prata, que tirou do bolso do gibão.

— Obrigada, senhor; agora voltaes para traz, não é verdade?

— Não, tenho que fazer n'estes sitios.

— Esperaes alguma mulher?

— E' isso o que desejaes informar? Pois bem—não é uma mulher, mas por causa de uma mulher... Tenho uma missão a cumprir em proveito da pobre Suzana.

— Como sois do Palacio, podeis dizer-me se Suzana ainda vive?

— Vive ainda. E' assim que se responde dos vivos encarcerados.

Eva começou a soluçar.

— Por que choraes, boa pequena?

— Por essa desgraçada, que tanto me ama. Se eu fôsse sua filha não lhe deveria mais protecção e arrimo. E Samuel, senhor, o que é feito do meu bom Samuel?

— Esse soffre menos, porque já não vive.

— E', pois, certo? Eis-me duas vezes orfã, á mercê de todos e de tudo! Não morrerei de fome, mas de vergonha e de remorsos...

— Tendes praticado crimes?

— Vou começar...

Pepe ia já a interessar-se pela desgraçada rapariga. A voz d'ella era tão maguada! soluçava tão supplicante! e era tão nova! Ser nova é ser boa ainda. Uma mulher, só quando é perfeita de corpo, é que pode ser imperfeita na alma. Por alguma razão se pintam os anjos com rosto de creança...

— Eva, disse-lhe Pepe, por que não fugis d'aqui?...

— Porque sou vigiada. Logo que eu me afaste, virão ter commigo, para que eu denuncie o vosso nome, e a razão por que insistis em vigiar estes logares que a Gardunha anda explorando.

— Para roubar quem passa?

— Não, para descobrir o logar onde julga ter Samuel escondido o oiro da sua fortuna... Julgam os gardunhos que andaes no mesmo empenho, por indicações do mouro, ou do Santo Officio.

Pepe estremeceu; mas Eva não percebeu esse movimento involuntario.

— E' célebre! disse o pagem, que razões terão elles para desconfiar d'este logar?

— Teem revolvido Sevilha inteira; mas perdem o seu tempo.

— Então, não é aqui que a riqueza de Samuel estará escondida?

— Não; a fortuna que elle juntara foi levada pelos irmãos de Suzana e posta a salvo, não sei aonde, mas muito longe d'aqui.

— Bem; quero prestar um serviço á memoria de Samuel. — Vem commigo, Eva... disse Pepe, familiarisando-se.

— Impossivel, senhor, estamos cercados.

— Romperei o cêrco, como teem feito os meus heroes na India.

— Arriscareis a vida sem proveito .. Vejo, por entre as sombras, os olhares sinistros de *guapos* e *fuelles*, que receiam que eu os atraiçôe e nos deterão o passo.

— E se eu avançar sósinho?

— Ficarão tranquillos e virão interrogar-me.

— N'esse caso, fica; e ámanhã irás ter commigo, porque, se és o que pareces, se o teu coração ainda não esta corrompido por tão ruim camaradagem, poderas contar com o meu braço. Queres ser uma mulher de bem?

— Oh! sim, quero, vivendo, se me defenderdes; atirando-me ao rio, se não tiver quem me defenda...

— Pobre rapariga! Por Deus te juro, que hei de proteger-te...

— Obrigada, senhor, que o Céo vos abençôe.

E Eva, lançando-se de joelhos, aos pés de Pepe, exclamou soluçando:

— Pela Virgem, que me tem conservado casta, salvae o thesouro de Samuel.

— O thesouro de Samuel! Que quer isso dizer?

— Quer dizer — que me salveis: *O meu thesouro!* Era assim que me chamava o infeliz mouro... Eu era a sua maior riqueza!

Pepe levantou rapidamente Eva...

— Elle chamava-te — seu thesouro?

— Sim...

— Quando a ti se dirigia, quando de ti falava — dizia: — o meu thesouro?

— Sim...

— Então, sempre que o ouvisses dizer — o meu thesouro — esse thesouro eras tu, infeliz creança?

— Ouvia-lhe sempre essa invocação, quando me beijava, para me alegrar, e nas suas orações, quando pedia ao seu Deus que me defendesse.

— Eva, Samuel, antes de morrer, disse chorando: *No rio, junto da ponte, está o meu thesouro*. Queria elle dizer?...

— Que sua filha, a creança que elle adoptara e protegera, ficava abandonada no mundo, mendigando na ponte da Triana, á mercê da Gardunha, á beira de um grande abysmo! Estou ouvindo a sua ultima prece! Morrendo, foi para mim o seu ultimo pensamento!

— Obrigado, meu Deus! disse Pepe, levantando os olhos para o céo, onde a lua começava a subir, á proporção que as estrellas iam desmaiando — obrigado, Senhor! Andei á caça da riqueza, talvez accumulada á custa de vicios e crimes, e vejo o phantastico thesouro transformado na miseria bôa, amorosa, innocente! Obrigado, meu Deus! Não pode uma creança ser fardo mais pesado, que os taleigos da avareza. Vale mais, Eva, o thesouro que encerra a tua alma, que me apparece illuminado pela luz do céo, que as joias e o ouro que a Gardunha e eu buscavamos nos abysmos da terra! Sim, minha infeliz creança, eu sou o obreiro de Deus, de Samuel e de Jacob. De todos tres recebi a missão de te salvar!

— Senhor! Sois por mim?

— Mais — sou comtigo. Se encontrasse o oiro de Samuel, não me julgaria mais rico! Vamos, deixa-me encher as mãos com as madeixas do teu cabello, como se estivesse revolvendo o escondido thesouro .. Entra, creança, no meu peito, enche o meu coração com as scintillações dos ricos brilhantes do teu olhar... Eva, d'óra ávante, és tu ó meu thesouro... Achei-o, é meu. Foi-me legado por um martyr, e tenho a elle direito, á face da justiça .. Desafio a Gardunha a que venha roubar-m'o... Se a terra me tivesse offerecido uma arca de pedras preciosas, roubal-a-hia ao mysterio da noite, com um dos braços, e, com o outro, defenderia a minha prêsa! Pois bem, Eva, por ordem de Samuel, apodero-me do thesouro que elle deixou...

E, abraçando Eva, que chorava de alegria, apertou-a com o braço esquerdo de encontro ao peito, e com o direito desembainhou a espada.

— Vamos, já aqui não tenho que fazer. *Guapos* e *fuelles*, bandidos da Gardunha, ficae com o vosso thesouro, que eu levo o meu!...

E arripiou o caminho por onde entrara na ponte...

O seu vulto, abraçado ao de Eva, prolongava-se, em sombras, até o varandim e cahia depois sobre a agua do rio, que então já estava prateada.

Na extremidade da ponte, do mesmo lado por onde Pepe entrara n'ella, appareceu um vulto de homem.

— Alto lá, *serena,* sabes que ainda agora principiou o serão ..

— Eu volto já, disse a rapariga, agarrando-se com fôrça ao braço de Pepe.

— Interessa-te isso muito, homem de Deus? Não vês que vae em boa companhia! Respondo por ella...

— Não basta isso... Essa pequena tem dono. Estar na rua não quer dizer que esteja perdida. Pertence-me...

— Guardas mal o que é teu... Dá-me signaes particulares, se queres que t'a restitua...

— E' bem simples: tem amuletos de cigana sobre o collo, e na camisa e mais roupa o signal da Gardunha.

— N'esse caso chega te a ella e despe-a...

— Cedo-te esse direito, meu franganote, se pagares bem...

— Não haja questão por tão pouco. Faze o preço...

— E' difficil o ajuste. Faremos isso depois de teres vestido essa lámina sem pudôr, que parece dizer que és mais capaz de roubar que de pagar...

— Como te enganas! E' assim descarada para me servir de fiadora. Se não gostas de a ver luzir, insulta a, que ella irá vestir-se na tua propria roupa...

— Por mim não havia dúvida, mas pode accordar este *guapo,* que morre por espadas nuas...

E o homem da Gardunha, recuando dois passos, apresentou um pequeno punhal...

— Vamos, pois, ter dança? disse Pepe collocando Eva atraz de si. Vamos, não te julgo capaz de disputar a posse d'esta pequena. E' dinheiro que appeteces? Ahi vae algum por conta...

E Pepe tirou da bolsa do cinto algumas moedas, que arremessou aos pés do bandido.

— Desastrado! respondeu o gardunho, tantas moedas e tão espalhadas, precisam de muita gente que as apanhe...

E, mettendo os dedos na bôcca, soltou um silvo agudo, que echoou a grande distancia.

Pepe comprehendeu a difficuldade da situação e não perdeu mais tempo... deu um salto, e cahiu a fundo sobre o gardunho, enterrando-lhe a ponta da espada no lado esquerdo do peito.

O bandido cahiu fulminado.

— Ouvindo isto, Pepe precipitou no rio o cadaver do gardanho

— Diabo; parece que o matei... Julguei que não tinha coração...

— Fujamos, senhor, disse Eva afflicta.

— E' melhor esperar. Quantos são elles?

— Mais quatro, pelo menos — matar-vos-hão.

— Bello exame para honra do mestre!

E Pepe encostou-se ao parapeito da ponte para abrigar as costas de alguma cilada.

— Colloca-te a meu lado, Eva, mas deixa-me os braços livres. Se fôr preciso hei de abraçal-os para lhes agradecer a surpresa.

— Elles não podem demorar-se, senhor.

— Elles virão dos dois lados. E' necessario luctar...

— Podeis sahir por aqui... por esta escada, que vae a logar seguro, no caso d'elles acudirem á ponte.

Effectivamente, no parapeito havia uma pequena abertura.

— Tens razão, disse Pepe; vae descendo, Eva, e espera-me...

— Juraes que fugireis commigo?

— Juro que não comprometterei a minha vida e que não te deixarei abandonada. Desce, Eva, desce depressa.

Eva sentou-se na abertura do parapeito, e desappareceu.

— Estou assim mais livre, pensou Pepe.

Depois, collocando tranquillamente a espada na cintura:

— Fica-te para ahi, minha velha, que és nobre de mais para sangue de gardunhos. Para assassinos e ladrões é melhor a manha, que a arte.

Alguns homens appareceram na extremidade da ponte.

Pepe vergou-se sobre o cadaver, e, abraçando-o, pôl-o de pé, e foi arrastando-o para o parapeito...

O vivo e o morto abraçados davam a illusão d'um combate corpo a corpo.

As sombras que projectavam multiplicavam-lhe os movimentos.

— Ainda luctam, disse a voz de Paco — chegamos a tempo!

Ouvindo isto, Pepe precipitou no rio o cadaver do gardunho, e, ao mesmo tempo, agilmente, escorregou nos degráus da escada, por onde Eva descera.

Ouviu-se distinctamente o baque d'um corpo sobre a agua do rio...

— Fizeram-na bonita, disse Paco, debruçando-se. A ponte está velha e os miseraveis cahiram abraçados!...

E os outros bandidos correram e debruçaram-se tambem.

Em baixo, no sitio onde o cadaver cahira, ainda a agua se mostrava encrespada...

— D'estes estamos livres! disse o chefe da Gardunha.

E, como se receassem qualquer alarme, dispersaram ligeiramente...

XL

O thesouro de Samuel

Pepe, durante algumas noites, depois da morte de Samuel, sonhara uma grande descoberta e uma grande empresa.

Ouvira falar na riqueza do mouro, e tomara a indicação, que recebera de Jacob, como elemento bastante para realisar o seu plano gigantesco.

Com paciencia e vagar descobriria o filão d'essa sonhada mina de grandezas, e depois, rico e poderoso, far-se-hia o salvador de todos os seus amigos e bemfeitores.

Corromperia os agentes da Inquisição e libertaria Jacob; impediria a partida de Pedro Soares, dando alegria e confôrto a Deborah e a Sarah; a Lorvão levaria o descanço ao braço de seu pae, e compraria para seus irmãos os melhores rebanhos e os melhores casaes.

Sonhando, Pepe passava noites inteiras a percorrer galerias de phantasticos esplendores. As pedras e as moedas de mais alto valor enchiam grandes cofres de ebano e charão, e, desde os feitiços de infieis até os baculos dos bispos, todas as alfaias das synagogas, mesquitas e cathedraes, cravejadas de esmeraldas e rubis, lhe ficavam ao alcance das mãos. Encantados salões, transformados em bazares, esplendiam de corôas e mitras das mais ricas e bellas de todos os reis e papas, que tinham governado o mundo e a Egreja!... Choviam-lhe sobre a cabeça, emquanto sonhava, taes delicias — perolas em fio, como rosarios, ou a granel, como granizo. O seu gibão modesto transformara-se em vistosa armadura, e o telim da espada tinha as scintillações dos grandes sultões orientaes!

Na posse de tão maravilhoso segredo, a mãos largas, Pepe, sempre sonhando, distribuia esmolas a todos os pobres, enxugava todas as lagrimas, humilhava todos os orgulhosos, vencia todos os poderes, desarmava todas as tyrannias!

Embora andasse de rastos pelas entranhas da terra, havia de desco-

brir esse immenso manancial de riquezas, e entornal-o a flux em obras meritorias, á luz do sol, para exemplo dos máus e egoistas.

— Que esplendido futuro me espera! pensava.

Suzana não resistiria, decerto, ao julgamento da Inquisição, e Jacob entraria com elle na posse de tão sonhada riqueza!

De repente o acaso accordou-o e o sonho dissipou-se!

A maravilha desfez-se como o fumo; e, comtudo, Pepe não entristecera com a surpresa! E' que elle tinha no coração thesouros mais valiosos que os sonhados pela sua escandescida imaginação.

Uma creança de bello rosto e bella alma não valia menos que o ouro, que andava a fazel-o ambicioso, cheio de orgulho e de vaidade. Salvar das garras da miseria e da prostituição uma rapariga amoravel e boa, era bem mais para desejar, que arrancar ao mysterio as economias d'um mouro.

Eva seria sua irmã, e havia de amal-o, porque era intelligente e grata.

Tão novo, tinha já uma creatura que dependia do seu braço e do seu affecto!

Pepe, que desabara das nuvens da opulencia á esphera da pobreza, sentia-se agora tão consolado, como se, effectivamente, os olhos de Eva valessem tanto, ou mais, que os brilhantes negros que elle imaginara nas myriades que buscava pelos recantos de Sevilha!

Esperava descobrir ouro amoedado, perolas polidas, diamantes facetados — e encontrara mais alguma coisa — uma creança, uma mulher, um coração, que a desgraça arrancara dos abysmos da terra, ou do mar de vicios e de crimes, para que elle o lapidasse no tôrno da moral, da religião e do amor!

Sentia-se agora mais forte e mais generoso! Quasi se sentia pae!

Não se pode facilmente descrever a impressão resultante d'esta paternidade precoce.

Pae muito novo, ou avô muito velho — são os dois paes que mais carinhos dispendem.

Pepe, até então, fôra um subordinado: quando muito um auxiliar; mas, junto de Eva, mulher, fraca, desprotegida, sentia-se superior.

A ella podia dar conselhos, e amparal-a contra os inimigos...

Acabara até de provar que sabia defendel-a. Fôra o acaso, bem o sabia, que lhe proporcionara esse ensejo; mas elle aproveitara-o.

Defender uma mulher, é mais que amal-a: é merecel-a.

Era aquillo uma conquista feita em nome da generosidade.

Valer mais que uma mulher é ser um homem.

Evidentemente, este valor prevalecia n'uma sociedade onde a fôrça exclusivamente se affirmava.

Eva, apesar da sua educação e do seu meio, era uma creatura debil. Qualquer tyrannia a amedrontava, e qualquer fôrça extranha a defendia.

No lôdo pode, ás vezes, apparecer uma perola, que, banhada em agua pura, revele todo o seu brilho e valor. Pepe, pelo que observara, chegara muito a tempo... Ouvira falar em mulheres que, depois de perdidas, se salvavam, e Eva ainda não era uma rapariga perdida.

O mundo é como um mar, onde ha naufragos que se salvam agarrados pelos cabellos. Assim Pepe salvara Eva...

Encontrara-a prestes a submergir-se, mas alcançara-a ainda...

De que qualidade seria a gratidão que havia de educal-a?...

Educal-a era o grande problema... E elle havia de cuidar n'isso...

O meio é tudo... Logo que Eva ouvisse a todo o momento dizer coisas honestas, havia de ser honesta. Se ella resistira a um meio vicioso, melhor resultado daria em meio regrado e honesto.

Intelligente era ella, tão intelligente, que, vivendo no mal, distinguia o bem. Era tão intelligente que adivinhava o que não conhecia...

Pepe estava orgulhoso do papel que o acaso lhe distribuira.

Mal se deixou escorregar pela escada da ponte, encontrou Eva, que o esperava.

— Fujamos, depressa, senhor, disse ella. — Segui-me, que conheço o caminho. Em poucos momentos estaremos na Triana, e poderemos esconder-nos...

— Ninguem nos persegue, Eva, e se elles tanto ousarem, encontrar-me-hão a teu lado.

— Para onde quereis seguir, senhor?

— Quero internar-me no bairro e depois buscaremos abrigo.

— A minha casa é perto d'aqui... A Gardunha conhece-a, mas não a procurará esta noite. Ao nascer do sol...

— Ao nascer do sol já nada devemos temer. Com o salvo-conducto que tenho da Inquisição, sahirei de Sevilha, e irei esconder-te onde não será facil descobrir-te.

Entretanto os dois fugitivos atravessavam as ruas tortuosas de Sevilha, e chegavam a uma casa de modesta apparencia.

Eva adeantou-se ao seu companheiro e entrou n'um quarto tão pobre, tão miseravel, que Pepe sentiu um leve estremecimento...

Seria de compaixão ou desconfiança?

Accesa a luz mortiça, n'uma lampada collocada sobre um escabello grosseiro, a porta se fechou...

Na rua um silencio sepulcral! Nem o sereno os vira entrar, apesar de estar a pouca distancia soltando o seu pregão triste como o da coruja...

O quarto era terreo; parecia um pedaço de rua apenas abrigado do vento...

Um catre pobrissimo era a principal mobilia d'este antro, apenas humanisado pela imagem da Virgem, que estava na parede.

Uma ucha velha completava o scenario, e quem procurasse mais adornos apenas descobriria um pedaço de espelho, pendurado atraz da porta...

Pepe mal chegou sentou-se na ucha ennegrecida. emquanto Eva escutava, com o ouvido applicado á porta cerrada, os ruidos externos que podiam denunciar a approximação dos seus inimigos.

Passou na rua o sereno, annunciando as dez horas, e a insistencia do vento norte soprando rijo e frio.

— Que estás escutando, Eva?

— Os passos d'elles...

— E se fôssem?

— Fugiamos por essa porta, que dá para outra *calle* da Triana, tão perigosa como esta, mas com a grande virtude de ser outra...

E Eva indicava, na parte mais sombria do casebre, um pequeno postigo, que denunciava uma abertura mysteriosa...

— Não tenhas medo, Eva, e vem sentar-te junto de mim... A Gardunha perdeu-nos de vista, e só ámanhã procurará encontrar-nos.

— Se me encontram, o que será de mim?

— Pertences-me, Eva... Assim o quiz a sorte. Dize-me, pois, estás resolvida a obedecer-me?

— Sim, como se fôsseis Deus.

— Está bem. Confia em mim e vem retemperar o teu ánimo enfraquecido.

— Senhor, estou tão bem junto de vós!

— Não tens medo?

— De que! Não sois vós tão bom e generoso?

— E de que procede essa confiança? Não vês que sou muito novo, e que esta fuga se confunde com uma vulgar occorrencia da Gardunha?

— Não sois, senhor, como os outros homens!

— E quem te disse isso?...

— A nobreza das vossas palavras e dos vossos habitos.

— Repara, porém, que já não sou uma creança.

— Mas reconheces que ainda o sou...

— És uma creança formosa. Já o espelho te disse tanto?

— Talvez. E é por isso que vos peço, senhor, que me defendaes... Sou tão desgraçada!...

— Que esperas d'esta aventura, Eva?

— Nada e tudo. Nada, porque a minha vida não pode ir longe n'este abysmo a que desci; tudo, porque vos adoro como a um anjo tutelar.

— E os perigos?

— Que perigos?

— Brota-nos a mocidade n'esta solidão em que nos acompanhamos. Tu, que foges de quem te persegue, não tens medo de quem te acompanha?

— Por Deus o juro; não tenho medo.

— Sou mais cobarde que tu, Eva...

— Vós, que sois tão valente com os homens?!

— E' que os homens teem o odio no olhar, e tu tens o carinho... E's tu uma innocente, Eva?

— Não sou. Conheço o mundo, com todos os seus abysmos. Tendo naufragado n'este mar, procuro salvar-me, agarrando-me ao primeiro lenho que passa junto de mim, fluctuando.

— Conheces já o que é o amor?

— Vi-o em todos os seus planos e em todas as suas aventuras. Não posso ter a innocencia das outras creanças, nem o vicio das outras mulheres, mas sei que encerro em mim um premio que se vende. Senhor, dou-vol-o. A gratidão vale tanto como o amor!

Pepe pensava entristecido, ouvindo esta linguagem!

Eva era uma mulher que se lhe entregava!

E que admirava isto?

Não a mereceria elle?

Quando um rapaz se conduz com uma rapariga, tão fidalgamente como o fizera Pepe com Eva, o que havia de fazer a pobre rapariga?

— Pepe, eu tinha um coração, e tu salvaste-o; é teu! Pepe, eu tenho dezeseis annos e uns olhos que todos elogiam; são teus!

Era isto que Eva tinha vontade de dizer a Pepe.

A virtude defende-se dos que a querem roubar, mas entrega-se a quem a defende.

A castidade é como os objectos preciosos que se perdem — chama ladrão a quem a acha e guarda, e dá alviçaras a quem a restitue...

Pepe achara na ponte de Triana uma virgem perdida...

Não a guardou; restituiu-a.

— Pepe, pensava Eva, pedi o premio, e tereis o que pedirdes!...

Pepe, porém, restituiu, por honra e brio, e não por cubiça, e assim pensava:

— Eva, salvo-te a honra; guarda-a. Nada me deves.

Assim foi Eva approximando-se de Pepe, e de joelhos, com os olhos vermelhos e a voz trémula, lhe disse, fitando-o:

— Senhor! Còmo pagar-vos? Nada valho, nada sou, nada tenho, a ninguem pertenço; nem pae, nem mãe, nem protectores! Por mim arriscastes a vida, por mim estaes aqui em perigo! Quem fez tanto? Nem Deus, que poderia fazel-o... Arriscar um homem a vida, é mil vezes mais que uma mulher entregar o corpo, por que a vida é tudo! Que vos devo? Mais que ao pae e á mãe, mais que ao ar que respiro, mais que ao Deus que adoro! Quem sois? um moço que defende os fracos, que ama os desgraçados, que consola os tristes! Quem teve melhores direitos sobre mim? O que hei de offerecer-vos? O meu coração? Se me salvastes toda, porque me não offerecerei toda?... Ha perigos n'este preço? O que poderá succeder? Que me abandoneis depois? E se vos tivessem assassinado? Quem ficaria com mais direitos ao que defendestes e salvastes?

E, pensando assim, mas só pensando, Eva dizia phrases sem nexo, com que procurava convencer Pepe de que ella sabia de quanto era devedora, e que não tinha valores com que pagar.

— Eva, disse Pepe, o que agradeces?

— O vosso sacrificio por uma pobre rapariga...

— Enganas-te; por uma rica rapariga! Não te empobreço, descança, para não amesquinhar a minha obra. Uma espada me bastou para te livrar de perigos e seducções... Fraca empresa! Basta um pulso para tudo isso! Agora o teu perigo é maior, e eu o teu inimigo. Vou continuar a defender-te...

— E como, senhor?

— Esgrimindo contra mim a espada do dever... Guarda, Eva, o que eu salvei... Contra os teus perseguidores vim eu em nome do Céo; agora contra mim vem a voz da consciencia... Toma cuidado, Eva, que o amor confunde-se muito com qualquer *guapo* da Gardunha... Repara bem n'este quarto... E' peor que a ponte de Triana... Faze de conta que o olhar d'aquella Virgem é o luar que me apontou o peito do sicario...

Ouvia-se o ruido de passos proximos da porta do miseravel albergue, e esse ruido cessava de repente.

Alguem, portanto, parava para espreitar a luz, ou escutar as vozes.

Pepe previra a curiosidade dos seus perseguidores e, antes que estes se tivessem approximado, soprou a chamma que o allumiava.

Os fugitivos ficaram completamente ás escuras...

As trévas teem influencias bem diversas no espirito dos timidos — ou os enchem de medo, ou de confiança.

Misturemos com as trévas um pouco de amor, e elles tudo verão e não serão vistos. E' como se estivessem por traz d'uma lanterna furta-fogo.

Eva, emquanto a chamma da lampada ardia, embora frouxamente, fe-

chava os olhos a miude para não affrontar o olhar de Pepe — e Pepe desviava o olhar de Eva. em quem, pouco a pouco, ia descobrindo bellezas e exuberancias, que lhe despertavam os sentidos... A escuridão auctorisou ambos a abrir os olhos, que, apesar de se não verem, se encontravam, cruzando aquelles raios que constituem a vista dos cegos.

E porque se viam como cegos, como estes completavam a visão com o tacto.

O pudor está mais na côr das faces que no calor das mãos... Eva apertava trémula as mãos de Pepe. A's escuras é vulgar tremer de medo... Se nem sempre é essa a causa, nunca ha direito para duvidar de ella...

Em Eva o medo era sincero — mas um medo consolador... Chegava a desejar que não cessassem os motivos de que elle derivava.

E aquella escuridão era cheia de recato e de probidade... Não era um plano arteiro, era uma necessidade invencivel. A culpa não era d'elles... D'ahi a irresponsabilidade.

Não tinham fugido á luz para se enganarem, mas para se defenderem...

E Pepe, que tinha coração fidalgo, bem sabia que a fraqueza de Eva, nas trévas, era aggravada... A sombra congrega... O que a luz afasta, a tréva approxima. A sombra lançou os braços sobre elles, e apertou-os...

Pepe sentia Eva tão junto d'elle, que parecia querer entrar-lhe no peito... E a pobre rapariga tremia... De medo, de frio, quem sabe se de prazer?

Pepe ia jurar que ella estava pallida, com o rosto amargurado, o pranto nos olhos... e. para a acalmar, passava lhe meigamente a mão pelo rosto...

Se um raio de luz os surprehendesse, Pepe veria nos labios da cigana, o sorriso mais alegre de toda a sua vida!

E os passos na rua iam e vinham, e paravam, e de novo se afastavam...

Era n'estes ultimos momentos que elles trocavam algumas palavras... E, para não serem ouvidos, falavam ao ouvido. Nada ha mais indiscreto que um segredo. As falas mais ousadas são as que se dizem com timidez, em voz baixa...

O segredo é para a palavra o que a sombra é para o olhar. Segredos ás escuras são gritos e são claróes!

— Tremes, minha filha?

— Tremo, mas não sei de que! A vosso lado nada receio. Já sei quanto sois bravo e bom.

— Pobre creança! disse Pepe, em tom protector. Se tens frio, esconde-te nos meus braços, se tens medo, confia na minha dedicação.

— Estou tão bem, que até me esquecem os perigos, e, se me afflijo, é com receio de ficar sem este amparo...

— Tens as mãos a arder, Eva... tens febre?

— Se isto é doença, quero morrer d'este mal...

— Não tens tido quem te afague?

— Só tenho tido os afagos de Suzana. . Quantas vezes adormeci nos braços d'ella, quando eu era mais pequena...

— Por que não dormes agora? Faze de conta que sou tua mãe. Os meus braços de rapaz affeiçoados ao trabalho podem bem accommodar-se ao teu rosto e aos teus cabellos.

— Descança, pobre pequena, na rua ha silencio... D'aqui a pouco o dia trará segurança a nós ambos. Nada temo senão a traição, e os traidores são como os mochos, fogem aos raios do sol.

— E vós não dormireis?

— Eu não... As mães não dormem, quando os filhos tremem...

— Já estou tranquilla. Sinto-me aqui, como se estivesse sob o olhar de Deus! Percebeis na minha voz que já não tenho medo, nem frio? Parece-me até que estou sonhando, um sonho muito bonito, muito bom! Julgo que vos conheci sempre... que sois meu irmão... Acredito quanto me dizeis, e nem já penso que possa viver sem vós! Hei de contar-vos toda a minha vida, para que saibaes que de crimes e miserias alimenta aquella maldita Gardunha...

— Bem, cala-te e socega. Talvez que ámanhã tenhas muito que andar, e preciso de ti com fôrças e alegria.

— Atraz de vós não haverei canceiras... E o coração já não bate como até ha pouco... Dae-me a vossa mão... Vêde... Pois não é verdade? Está tão sereno!

E Eva, pegando na mão de Pepe, collocou-a sobre o peito...

— Agora sois vós que tremeis! Tendes frio?

— Não, é o cançaço que a espada me deixou hoje. Mas, vamos, Eva, aquieta-te e dorme...

— Sim, talvez consiga dormir; mas, antes de adormecer, queria pedir-vos um favor.

— Dize...

— Não vos zangaes?

— Não; se não fôr alguma loucura...

— Não é; mas tenho vergonha...

— Vergonha? Eu não te vejo...

— Mas vejo eu... Agora está olhando para mim...

— E não te enganas. E' o perfume que tens no cabello que me chama o olhar...

— Então, peço?

— Que não te farei eu, Eva? E's o meu thesouro, como te chamava Samuel...

— Pois bem. Volte para lá os olhos, e ouça... Dá-me um beijo?

Pepe não respondeu; agarrou com as duas mãos a cabeça de Eva, e chegando-a aos labios, beijou-a na testa.

— Obrigada, disse Eva — sois tão bom, que até me fazeis boa tambem!

E Eva, reclinando outra vez a cabeça, ao beijar a mão com que Pepe lhe tapava os olhos, foi cançando, até que adormeceu!

Pepe encostou-se melhor á parede, passou um pedaço da capa sobre os hombros de Eva e, com um pedaço de manta, que estava sobre o catre, embrulhou os pés da gardunha...

Eva respirava serenamente.

Depois de verificar que a espada lhe continuava na cintura, Pepe contou as horas que o sereno pregoava na rua...

Ainda a noite não ia adeantada de mais.

— E eis aqui, em que se transformou o sonho dourado das minhas futuras riquezas! Quem será capaz de adivinhar, ou de comprehender, o que se está passando n'este miseravel recanto da Triana? Até estas sombras, que me envolvem, devem estar cheias de admiração e pasmo! Como o amor faz innocentes os que o não são!

Eva, ao fim d'alguns momentos, agitou a cabeça, parecendo sonhar, e muito. Pepe ouvia-lhe dizer em palavras sôltas, como se a dormente estivesse a recordar um pensamento:

— Como é bom amar com o coração!

E Pepe, não como quem recorda, mas como quem esquece, pousou a bôcca nos labios entreabertos da formosa rapariga...

E lá fora o sereno pregoava, com a sua cantiga, eterna como a Hespanha:

Duas horas da madrugada!... O luar occulta-se entre nuvens... Vae passando o borzeguim da Santa Inquisição. A rua está deserta. Ave, Maria Purissima!

Quando o dia começou a raiar e a luz penetrou no pequeno quarto pelas frinchas da porta, Pepe e a sua companheira surprehenderam-se com um sorriso tão affectuoso, que parecia até que era na alma d'elles que a madrugada raiara primeiramente.

O thesouro de Samuel fôra bem defendido e bem guardado pelo honrado amigo de Jacob!

As trevas não tinham conseguido escurecer-lhe o entendimento. E' a grande virtude da razão humana — tem luz propria — é como os olhos de alguns animaes que brilham na escuridão!

Não faltará quem affirme não ser humana esta noite de nupcias sagradas...

Quem acredita, dirão os experientes do mundo, na castidade mantida entre dois adolescentes, envoltos no véo da noite, amantes, livres e com educação bohemia e aventureira?

E por que? Onde estava o perigo? Na juventude d'esse casal humano?

Ah! que não sabem que a mocidade é a quadra da vida, onde o espirito mais agil esvoaça e o corpo mais obedece!

O amor das creanças é todo feito de azas transparentes e de luz brilhante!

Entretém-se a brincar sobre os labios, como as creanças a edificar palacios sobre a areia fina dos jardins! O amor é um palacio encantado em cujos salões não entram de corrida aquelles que já o adivinham, mas ainda o não admiraram! Assombra e entretém a sua fachada elegante, e o addito tem esplendores e adornos, que enlevam o espirito, afagam a vista e embaraçam o passo...

Quando se caminha para uma surpresa anda-se de vagar...

Pára-se até a gosar o que se vê e a conjecturar o que se espera...

Amar pela primeira vez é um assombro que produz indecisão... Sae-se da infancia para a mocidade, como se sae d'uma noite sem estrellas para um dia cheio de sol!

Emquanto se não afeiçôa a vista ao grande clarão, perde-se muito tempo a cerrar as palpebras...

Depois é que vem o perigo...

Do primeiro olhar ao primeiro beijo vae um seculo; mas, logo em seguida, o amor triumpha n'um momento.

Não haja medo de que dois namorados, ao alvorecer da vida, se percam na primeira entrevista... Ao sol, ou ás escuras, o olhar do amor tem para elles esplendores que os cegam.

O amor sincero, que provém d'um sentimento que ameiga e não d'uma cobiça que morde, não vem descomposto como o filho de Venus — traz o corpo mais velado que um cysne com a sua plumagem, e como este, que anda no lago e não esfria, anda aquelle a passear nos labios, e não se queima.

Na varanda de Julieta nada houve, em tantos idyllios nocturnos, que

fizesse córar a Lua... E' que Romeo e Julieta andavam a cançar o espirito, emquanto o corpo não accordava...

Os protestos, as confissões, os sonhos revelados, os olhares indiscretos, as súpplicas, as pequeninas liberdades, entreteem tanto tempo, que fazem acreditar que o amor é como o fogo de palha... uma faúlha prepara um incendio, mas vae devagar fazendo muito, muito fumo, que chega a suffocar a gente, primeiro que a chamma nos creste e mate...

Não nos digam que não é humano este heroismo de Pepe — esta resignação de Eva... Nada ha como a mocidade para sacrificar a vida e para brincar com o amor...

Os namorados juvenis, que se beijam, fazem lembrar as borboletas que assaltam a luz .. O que querem ellas? Queimar-se? E fogem tanto! Salvar-se? E tanto se chegam!

A continencia no amor é propria dos dois extremos da vida, por causas bem diversas.

O amor dos novos tem o ideal que o reveste...

Ser humano não é conhecer e obedecer apenas ás leis da Natureza... Seria isso converter o lar n'um covil de feras! A comprehensão d'um dever é o melhor freio para os instinctos e para as paixões!

Isto a que se chama probidade não vem só do respeito pela propriedade alheia; vem tambem d'um sentimento generoso e religioso aconselhado pela moral.

Se assim não fôsse, como poderia a riqueza confiar-se ás mãos dos miseraveis?

O supplicio de Tantalo é a imagem de toda a nossa vida... Soffrel-o é condição essencial para ser honesto.

Em que edade sacrifica elle com menor sacrificio a saude e a vida? O sacrificio generoso é a virtude principal dos primeiros annos...

Na edade mais forte, o que é mais forte não é o corpo — é a vontade.

A vontade de Pepe governava-lhe todos os instinctos, todas as paixões!

A essa alta virtude deve o homem a sua incontestavel superioridade sobre os outros animaes.

Aquella noite de trevas representa a maior illuminação do espirito do homem.

Ser Tantalo voluntario é mais que fabuloso — é humano — que está tão proximo do divino!

Eva não era uma rapariga qualquer, que se lhe lançara n'uns braços; era uma rapariga que pedia protecção. — Toda a fraqueza é uma menoridade — acceital-a era roubal-a...

Sarah sobre as ancas do animal sustinha-se de lado

Eva era mais formosa que outra qualquer?... Que importava isso? Por acaso o dinheiro em ouro é menos respeitavel em mãos alheias que as moedas inferiores?

Eva era o legado d'um moribundo, e Pepe tinha por verdade que os vivos podem pedir, mas os que morrem mandam sempre.

Insultar um morto é o mesmo que espancar um homem que dorme — uma cobardia...

Por tudo isto, Pepe, mal viu a luz, disse á sua companheira:

— São horas, filha — vamos partir.

— E se nos seguem?

— Voaremos...

— Sahimos de Sevilha?

— Já. Abre a porta por onde entrámos, e partamos por esta, que não costumas abrir.

Eva obedeceu.

— Agora abraça-me, Eva, e vamos affrontar o destino. Se eu morrer primeiro que tu, darei de ti noticias ao mouro Samuel; se lá chegares primeiro que eu, conta-lhe que passaste uma noite nos meus braços, sendo mulher, tão santamente, como passaste a meninice no collo de tua mãe...

Eva lançou os braços ao pescoço de Pepe, e, dando um salto, beijou-o na face...

.....

Pouco depois abriu-se a porta com violencia, e entraram no albergue dois bandidos da Gardunha.

— Eva, Eva... disse um d'elles.

E como ninguem lhe respondesse:

— Estás escondida?

— Repara, disse o outro, fugiu por esta porta... E nós ha tanto tempo guardando a outra!

E sahiram, na piugada da sua formosa companheira.

Entretanto Pepe, que lograra sahir da cidade, ia pelos campos no melhor corcel, que alugara por bom preço.

Eva, sobre as ancas do animal, sustinha-se de lado, batendo com os pés nús no xairel vermelho, a um dos braços do cavalleiro, n'aquella attitude graciosa com que ainda hoje chegam á feira de Sevilha as formosas andaluzas, nas suas vistosas cavalgadas.

XLI

A resurreição

Ameaçados e perseguidos fugiam, ao acaso, Pepe e Eva... E iam alegres!

Estes dois noivos iam pelo caminho aspirando a aura da liberdade, e sonhando um futuro de sorrisos!

E Eva era uma desgraçada que a caridade de Pepe levantara da rua...

Mas sentia-se agora orgulhosa e rica. — Solteira e donzella, se conquistasse o amor de Pepe talvez chegasse a ser sua mulher...

Elle respeitara-a, talvez por alimentar a mesma esperança!...

Eva sahira dos abysmos em que se não perdera! Pepe ainda na vespera não conhecia Eva e já a levava toda inteira guardada no coração.

Que extraordinario contraste!

Não viajaram com vivas alegrias, nem com esperanças risonhas, os noivos de Lorvão, a caminho de Lisboa!...

Pedro Soares ia triste, Sarah pensativa, Deborah muito doente.

Pedro não comprehendia por que a sua generosidade e o seu amor não mereciam um sorriso de reconhecimento e uma promessa n'um olhar!

E' que Deborah, a recatada, a honesta, a piedosa Deborah, que crescera ao calor da familia, que se fizera mulher, apoiando-se no braço de seu pae, que vivera sempre n'um céo de virtudes, era mais pobre e mais infeliz que a miseravel pedinte da ponte de Triana!

Eva era um thesouro respeitado, apesar de exposto nas ruas d'uma cidade e n'uma sociedade criminosa, e Deborah era um sacrario roubado á defendida egreja do seu lar!

Pedro legalisara aos pés do altar o direito á posse de Deborah, e a tristeza e a frieza de Deborah, se não a recordação da desgraça que perdoara e julgara esquecer, começavam a contestar-lhe esse direito!

Pepe e Eva, que não tinham legalisado esse direito, nem aproveitado a liberdade, sentiam-se noivos, felizes, abençoados pelo Céo!

As bençãos da Egreja abriram todas as chagas d'aquelles tres corações, que emigravam de Lorvão.

A generosidade de Pedro, amante, começava a transformar-se no ciume de Pedro, marido!

A resignação de Sarah aggravava-se agora com o aspecto do desespêro. A pobre menina soffria de dois males — um physico, outro moral, mas ambos lhe affligiam o coração.

Emquanto Pedro fôra solteiro, ella, que o amava, esperava sempre o acaso. O acaso que se espera é sempre dos melhores...

Um amor que se perde n'um dia de nupcias, chora-se como se o perdessemos n'um dia de entêrro.

O funeral entretém os olhos e o pensamento. Já se vê a morte, mas ainda se não acredita n'ella!... O feretro parece uma imagem de sonhos... O dia seguinte é terrivel! O dia seguinte é a realidade... Chora-se menos e soffre-se mais! Seccam-se os olhos e chora o coração...

Sarah já não tinha lagrimas; por isso lhe doía mais o seu sacrificio...

Deborah presentia o phenomeno que se estava operando no espirito do seu noivo, e condemnava-se por ter sacrificado sua irmã.

Eram duas felicidades que se perdiam!

Pedro amava-a, com certeza, mas Pedro precisava de ser feliz, e Deborah era tão triste, tão pouco alegrava o seu companheiro, que chegava a acreditar mais na compaixão, que no amor.

Em vez de ser uma estrella, Deborah era uma sombra na vida do pobre moço...

Elle acabaria por se enfadar de ver perdida toda a sua dedicação... A desgraça é um cancro que se renova depois de operado... Corta-se para adiar os estragos, e morre-se d'elle afinal.

Quando dois entes que se amam começam por desconfiar de si mesmos, acabam por desconfiar um do outro.

Deborah reprehendia-se e admittia que Pedro tinha razão em estar tão triste como ella; mas, se começava por se lamentar, acabava insensivelmente por accusar o que ella já chamava o arrependimento de Pedro.

Os tristes são uns doentes, e, por isso, ralham com as suas dôres, primeiro, e depois com os seus enfermeiros...

Pelo caminho, seguindo estradas e atalhos (que estradas e que desvios os do seculo XVI!), ou descançando nas pousadas, a conversação, mal começava, terminava logo.

Dir-se-hia que havia medo de a prolongar... E' que os labios sustinham alguns queixumes imprudentes...

As phrases sôltas, curtas e bem pensadas, as perguntas que ficam

sem resposta, as respostas dadas a perguntas que ninguem fez, é tudo quanto ha de menos sincero... Quem fala assim produz em quem o escuta a mesma attitude de defesa que toma quem assiste ao desrolhar d'uma garrafa de Champagne...

São palavras que esfuziam antes que se dê a grande explosão...

Aquella trindade de tristes fomentava o pranto e o queixume... Contra quem? se ninguem tinha culpa de tamanho infortunio?

Raras vezes se reunem tres creaturas como aquellas, tão boas, tão generosas, tão resignadas! Aquillo era um montão de resignações e sacrificios!

Cada uma d'ellas pertencia ás outras duas... E todas viam perdidos todos os seus esforços para fazer as outras alegres e felizes! Tres corações, tres abysmos cheios de mysterios!

Adivinhavam-se, comprehendiam-se talvez, mas não sabiam explicar-se, e cada uma contestava ás outras o direito de se lamentar. Assim, aquelles tres anjos chegavam a parecer tres ingratos!

Pedro pensava:

—Enganei-me! Pretendi fazer feliz estas duas mulheres, e afinal a mim proprio desconsolei... Acudi a Deborah, victima de um bandido, e, quando esperava que ella só em mim pensasse, é o algoz quem a preoccupa e vence! Tinha sepultado as cinzas do Aragonez no carneiro de S. Francisco, e o frade renasce d'essas cinzas no cerebro de Deborah!

Dividira Deborah em dois grandes quinhões... e contentava-se com o que era formado pelo pensamento de sua mulher, e afinal o monstro, que roubara um em vida, apoderava-se agora do outro depois de morto! Deborah retrahia-se, talvez por lealdade, mas parecia bem que era por orgulho... Até para ser generoso tinha de pedir licença! Quem devia estar triste? Ella, que vira attenuada toda a sua desgraça? ou elle, que sacrificara todo o seu ciume ao seu grande amor?

Elle offerecera o que Deborah devia ter-lhe pedido, e Deborah só mostrava ter acceitado por favor o que Pedro lhe dera por amor! Se alli alguem devia estar triste era elle, e afinal era ella que mostrava dedicação e affecto sem um sorriso de felicidade! Que mais queria a sua noiva? Que mais poderia elle offerecer? Só se ella o julgava ainda na obrigação de se mostrar alegre, como um imbecil, no meio d'aquelle valle de lagrimas! Parecia-lhe ser de mais!... Comprehendia-se que ella não estivesse tão triste e elle tão alegre, que ambos revelassem indifferença pelo que a um entristecia e a outro alegrava! Mas, assim, peorando ambos do mesmo mal, derrubar o castello das suas esperanças, a gloria da sua obra, era de mais egoismo e pretensão!

Deborah tambem meditava, e, quanto mais se abysmava em recordações e commentarios, mais infeliz se julgava.

Quanto ella desejaria esquecer o passado e pagar em sorrisos a generosa dedicação de Pedro!

Que homem fazia o que elle fez? Mas a generosidade cança e Pedro ia, sem dúvida, exigir-d'ella a perdida alegria... Parecia até que Pedro já lhe não reconhecia o direito que ella, decerto, tinha de entristecer por causa d'elle... Bem comprehendia que elle perdoara a sua desgraça, mas não a esquecera... E todo o perdão deixa de o ser quando o esquecimento o não acompanha!... Bem o adivinhara ella!... Todo o amor que se compadece, é mais compaixão que amor... Dizia elle que o dia do seu casamento seria o mais feliz da sua vida, e, agora, que chegara esse dia, em vez de pensar n'ella, estava talvez pensando no outro, que odiava! Era capaz de lhe fazer a injustiça de se julgar menos amado! Não tinha tido ciumes do vivo, e preoccupava-se agora com um espectro! Ia arrepender-se de a ter preferido!... Casara, como quem dá uma esmola; mas estava já comprehendendo que concedera uma pensão... Porque não insistira ella na recusa? Ficava-lhe melhor não acceitar sacrificios! Talvez elle julgasse que não cedera por amor, mas por interesse... E não fôra! Se ella o não amasse tanto, não lhe teria acceitado o sacrificio. Ha cousas que se não acceitam de toda a gente! E o que estava para succeder, santo Deus!? Se as suas suspeitas se confirmassem, que desgraças viriam visital-a!... Livre, seria lamentada por elle... mas agora?... A bondade scintilla por um momento, mas apaga-se muitas vezes! Tambem sua irmã se sacrificara por ella; mas, afinal, já não dominava o seu resentimento! Nem já falava em Jacob, fingindo que o amava!... Tinha obrigação de se mostrar, alegre não diria, mas satisfeita com aquelle casamento, e, ia de olhos no chão, ou no céo, sem ao menos quebrar aquelle silencio tenebroso!

E Deborah não tinha razão...

A pobre Sarah comprehendia a situação dos noivos, e não ousava provocar explicações. Perturbar aquelle recolhimento era uma profanação... Elles, ao menos, estavam tristes á vontade, um por causa do outro, e não pensavam n'ella! E era natural... O amor é tão meigo quando ri como quando chora. Referia-se ao amor correspondido... O d'ella não era d'esses... não era um — eram dois amores desirmanados. . O seu era uma imagem sem espelho... o de Jacob tinha um espelho onde a imagem se não reflectia.

Com certeza que elles iam pensando um no outro...

Ella até servia de embaraço... Era uma testemunha incómmoda

d'aquellas tristezas confundidas. E Sarah não merecia que a esquecessem. Sua irmã bem sabia com quanta lealdade se sacrificara! E, se pensavam n'ella, e por causa d'ella não tinham a amorosa vivacidade de noivos, iam, os dois, a lamental-a, julgando-se mais felizes que ella... Sem dúvida, era Sarah, que ia a entristecel-os e a contrarial-os! Ella! que tanto trabalhara para que elles fôssem felizes!

E assim vinham a caminho de Lisboa, ora accusando-se, ora absolvendo-se... Pedro reservado, Sarah pensativa, Deborah doente.

A's vezes um rompia aquelle incómmodo silencio.

Por exemplo:

— Como o céo está bonito! dizia Sarah.

— Está... dizia sua irmã.

— Podia estar melhor... Ainda tem nuvens — concluia Pedro.

Outras vezes começava Pedro:

— Estás muito fatigada, minha filha?

— Muito — respondia a doente...

— E' do balanço da liteira, explicava Sarah.

Pedro teimava.

— Os caminhos estão tão máus!...

— Tomara já chegar a nossa casa...

— Já falta pouco...

E terminava o tercetto!

De novo se olhavam, e de novo emmudeciam.

Por vezes um d'elles aventurava uma phrase alegre, uma recordação do mosteiro, uma referencia ao casamento...

Respondiam os outros com um sorriso frouxo, e logo indicavam uma pedra, uma arvore, um riacho, uma ermida, do que havia pelo caminho...

O assumpto em que mais se demoravam era a velha Joanna; mas, se alguem se lembrava de falar na alegria com que ella estaria esperando-os, logo esse se arrependia, e os outros se calavam...

Todas as conversas de então eram salpicadas de referencias a judeus, a frades, a egrejas, a castelhanos, a supplicios. Tudo isso os sobresaltava, como se fôssem solavancos que os fizessem estremecer.

Até os pobres que cantavam á beira dos caminhos — os cegos, os mutilados, os reptis!...

Quando, pouco depois de entrarem em Lisboa, se approximaram da casa da Nova Gibraltar, d'aquella morada tão cheia de recordações tristes e alegres, e viram a pobre Joanna, que os esperava á porta, caminhar para elles, de braços abertos e lagrimas nos olhos, então é que todos tres

se abraçaram n'esse affectuoso ponto de união, e, a soluçarem como creanças, exclamaram, como se todos quizessem enganar-se:

— Oh! querida mãe, como somos felizes!... Jorrava assim o Champagne d'aquelle festim de amarguras.

*

E a velha Joanna não sabia o que fazer: se abraçar o filho, se a nora, se a outra...

Eram todos tão seus!

Ha quanto tempo chamavam *sua filha* á triste Deborah! Ha quanto tempo!... Agora, felizmente, podia chamar-lhe assim, com todo o direito.

Sarah era irmã de Deborah, e, portanto, sua filha tambem...

Estimava-as tanto, que quasi não sabia o valor que ellas tinham!

Que saudades que soffrera!

Só, n'aquella casa que ellas tinham animado com o seu sorriso, ou com a sua tristeza, que a tristeza tambem faz companhia, contava, momento a momento, o tempo que faltava para que chegassem as duas pequenas e o seu filho querido...

Joanna chorava? Quem pode dizer se ella chorava?

Se ella ria tanto, ao mesmo tempo! Chorava e ria! E o riso com lagrimas é o melhor sorriso, é o mais alegre, é o mais sincero, é o mais violento!

E assim Joanna saltava dos braços de um para os do outro, e d'esta para aquella, e beijava todos, ora na testa, ora na bôcca, ora nas faces!...

— Minha querida Deborah! Meu bom Pedro! Minha adoravel Sarah! Cheguei a recear de que não os veria mais? Ainda bem! Cá estão, juntos de mim! Para sempre, não é verdade? Tu és muito feliz, Pedro? E tu, Deborah, tambem, não é assim? E a nossa Sarah! Como ella deve estar satisfeita! Era esta a sua principal ambição — por Deborah e por Pedro. Parecia que morria se os não visse casados!... Pois agora ahi estão; são um do outro — são dois juntos — são um só! Então, que tal foi a viagem? Fatigante, não é verdade? Faço idéa, faço idéa! E os caminhos? Como estão os caminhos? Com as chuvas! Hão de me contar o que é Lorvão... Deve ser muito bonito. Trataram nas bem com certeza. Que boas senhoras devem ser as freiras! Algumas muito bonitas, não é verdade! Coïtadinhas! Muito devotas, sempre a rezar! Pobres senhoras! longe do mundo, longe da familia, sem amores, só entregues a Deus! E os jejuns, todos os dias jejuns? E o casamento? Já se vê, uma linda festa! Todos muito alegres! Muita musica, muitas flôres, muitos beijos? Ai! que pena

que eu tenho de não estar lá! E o Gil? disse versos? Se não disse versos, disse outras coisas bonitas. Aquillo é uma bôcca de ouro! Como ia a Deborah! Faço idéa... uma belleza! Com a sua flôr de laranjeira... Muito córada... e muito meiga!... E o meu Pedro?! Parece-me estar a vêl-o... Com o seu fato novo, o seu telim dourado... Fui eu quem escolheu os borzeguins. O melhor que encontrei... E tu, Sarah? Como havias de estar alegre! Muito vaidosa por ter ficado para tia!... É bem feito!... E eu, aqui, tão sósinha, a rezar por todos, a Nossa Senhora... Mas que tens tu, Deborah? Tens os olhos vermelhos, e estás pallida... Estas viagens longas são terriveis... E tu, Sarah? Bem se vê que não dormiste... Estás amarella... Pedro é que é sempre o mesmo mocetão... Estou olhando para ti, e ainda me parece que estou vendo seu pae no dia do meu casamento... Era tal qual... Alto, elegante, tambem um pouco pensativo... Quando o conheceste já elle tinha cabellos brancos, mas a verdade é que foi um rapaz muito interessante... Tinha uma figura como a tua! Foi no tempo do sr. D. João II... Parece que foi hontem... Quando D. Vasco partiu para a India, era elle uma das melhores figuras que estiveram na praia, ao lado do velho Restello! E isso foi já no tempo de el-rei, quando elle, coitado, já andava afflicto com as maleitas, que o não deixavam!... A abbadessa tambem assistiu á cerimonia? É provavel que sim. Diz-se que ella é muito bonita... Pudera não ser... uma abbadessa! Aqui, em Villa Nova, diz-se que até el-rei está apaixonado por ella... Já se vê, apaixonado pela sua piedade... Tenho os seus quartos muito arranjadinhos! Ha flôres por todos os lados! Tenho gasto dez almotolias de azeite no meu oratorio! Mas, Nossa Senhora fez-me a vontade. Trouxe-me todos os tres, e muito alegres e felizes...

— Sim, querida mãe, muito felizes!...

— Felizmente, estamos livres d'aquelles frades malditos .. Tiveram os bandidos o premio das suas façanhas... Coitados!... Vieram contar-me que soffreram muito... Não fôssem máus... Quem os mandou açular a canalha contra a gente de bem? Sabem quem esteve cá a despedir-se, na vespera da sua partida para Roma? Foi o padre Ignacio... Disse-me elle que andava tratando de organisar uma grande sociedade, que ha de pôr a direito estas cousas de egreja, Deus o queira!

E a pobre Joanna parecia, mal comparada, uma d'estas cadellinhas de raça fina, muito animadas, que veem á porta esperar os donos, e que saltam, e se recurvam, beijam, lambem os donos, com os olhos muito alegres, a cauda muito trémula, o pêlo muito erguido, ora a um, ora a outro, gemendo docemente, volteando tão felizes, tão felizes!...

— Vamos, Pedro, dá o braço á tua noiva, e vamos para casa. E tu,

Sarah, vem commigo... Uma viuva e uma solteira, parecem casadas, quando acompanham uns noivos...

E Joanna tudo dispoz — as maletas, os machos, a refeição para o arrieiro, a liteira que estava ao sol, para baixo do telheiro, e avançou, dando o braço a Sarah, e dizendo aos noivos que entrassem em casa...

No portão havia festões de loiro, já amarellado, e de flôres séccas, formando uma arcaria festiva e sob a qual passaram Pedro e Deborah...

— Santa creatura! disse Pedro.

— E' verdade... como ella nos ama! ajuntou Deborah.

— Vamos, minha mãe, gemeu Sarah, beijando Joanna, dissestes muito bem: Uma viuva e uma solteira parecem casadas quando acompanham uns noivos...

— Quem é o vosso marido, mãe Joanna?

— O meu marido, que está vivo e carinhoso na memoria que ainda conservo...

— Mesmo depois de morto o vêdes e amaes?

— Sim, como se elle vivesse... Amo o que passou, e tu, Sarah, podes amar o que está para vir.

— Teus razão, boa Joanna; assim como se vive depois da morte, assim se morre emquanto se vive...

— Lá o disse um menestrel da côrte:

Uma casada e uma solteira
São casadas, de maneira...

— Não sabes o resto, boa Joanna?

— Não sei...

— Deve ser isto:

Que parecem duas viuvas...

— Isso não; o resto não podia ser isso... Não pode ser, porque a solteira é a viuva com a esperança, e a outra — a viuva — com a saudade!...

E a santa familia desappareceu por entre os ramos amarellados e as flôres sêccas!...

*

Emfim! pela primeira vez ia Pedro estar a sós alguns momentos com a sua noiva. Durante o caminho, a doença de Deborah fizera com que Sarah nunca tivesse deixado de ser uma enfermeira desvelada.

A pobre doente estava constantemente na mais cruel agitação.

As insomnias affligiam-na tanto que, desperta, parecia sonhar, e, dormindo, tinha os olhos abertos!

Deborah estava pallida, enfraquecida, com as faces levemente cavadas e os cantos dos labios descahidos, n'umas linhas de constante amargura... A palavra sahia-lhe a custo e a respiração era offegante...

Mal entrou em casa, amparando-se no braço de Pedro e de sua irmã, pediu que a conduzissem á sua alcôva.

Fizeram-lhe a vontade.

Quando a velha Joanna, guiando seus filhos, abriu a porta d'aquelle templo, que ella adornara com toda a arte do seu coração, o grupo parou nos umbraes, admirando o luxo de ramos e perfumes que enchiam o ninho de tão entristecidos amores.

— Boa Joanna, disse Deborah, quanto o vosso carinho me consola de meus males! Fazeis com tanto engenho nesgas de céo sobre a terra, que me pareceis uma fada dos velhos contos da minha infancia! Dae-me um beijo, querida mordoma, que tão bem embellezastes a minha alcôva.

— Deu-me trabalho, deu: cancei os braços a dispôr adornos e a cabeça a imaginal-os.

— Deborah bem merece o ninho que vós, minha mãe, amaciastes com o frouxel das vossas azas.

— Então, por sermos pobres, meu Pedro, não havemos de festejar a volta das andorinhas! Vem longe a primavera, vem, mas, ao lado dos meus noivos, gorgeia alegremente o eirado da nossa casa! E' tudo pobrezinho, mas vistoso e alegre! Palmitos das capellas e plantas da açotéa! Andei n'esta faina com tanto fervor, ou mais, Deus me perdôe, do que aquelle com que costumo enfeitar o nosso oratorio na noite de Natal.

— Queimastes incenso, minha mãe?

— Tal qual como nos officios da Sé. Este aroma faz lembrar que Deus vem' assistir ás vossas bodas. Olhem, alli estão, bem illuminados, sobre toalhas de renda, os dois padroeiros que vos escolhi. Como não ha santa do teu nome, minha Deborah, dei-te a imagem da Virgem... E o S. Pedro? Não vêem? E' elle que vos ha de abrir as portas do Céo, como eu vos abri a porta d'este jardim, e vós abristes o coração um do outro...

— Deborah precisa de descançar, Joanna... Não vedes como está fatigada?...

— Pois ella que se encoste alguns momentos, emquanto vou dar algumas voltas nos preparativos do jantar. Tenho uma ovelha que é uma belleza! Hoje quero jantar de festa! Convidei alguns vizinhos, que me teem feito companhia, e havemos de fazer muitos brindes...

Frei José, alli de fronte, tambem janta comnosco. E' piedoso e muito

alegre .. fala latim, que é mesmo uma perfeição, e recita com muita graça os autos de Gil Vicente... Hão de gostar d'elle, hão de!...

Deborah sentou-se no leito, com expressão angustiada...

— Que tens, Deborah? perguntou Pedro carinhosamente. Sentes-te peor?...

— Não estou bem, meu Pedro... Desde que entrei na alcôva, sinto que me falta a vista...

— Desaperta-te, filha, desaperta-te... Agora já não deves ter vergonha de Pedro...

— E as duas mulheres collocaram-se deante da noiva e desapertaram-lhe o vestido no peito...

— Não estou bem ainda... Quero respirar... Soltem-me as roupas...

Pedro passeava agitado...

— Sabem o que está affligindo-me muito e a produzir-me muitas agonias? E' este cheiro de incenso...

— Abre-se uma janella...

— E as flôres? Teem um cheiro tão activo...

— Tenha paciencia, minha mãe, mas retire isso que está nos jarrões...

— Que pena! disse Joanna, estava tudo tão vistoso...

— Com licença...

E Pedro arremessou pela janella as flôres que havia no quarto.

— Então, perguntou Sarah, anciosa, agora estás mais alliviada. Deborah?

— Um pouco melhor, mas não boa .. Sinto uma cousa que parece o estomago a subir-me pelo peito. Mais ar, Sarah, e menos plantas.

Pedro, que ouvira, andava já na faina de pôr fora da alcôva, as jarras e os vasos com as plantas asiaticas.

— Está a desfazer-se todo o meu trabalho... Mas que importa isso!? O peor é a doença da minha querida Deborah!

— Joanna! disse Deborah, o cheiro do azeite, não me deixa descançar. Tem paciencia... ha um cheiro tão pronunciado a morrão!... Por que não apagam as lampadas? A' noite poderão accendel-as...

— Seja o que tu quizeres; comtanto que melhores...

E apagou com um sôpro as luzes que illuminavam as imagens da Virgem e de S. Pedro.

Deborah tinha-se reclinado nas grandes almofadas. O rosto estava da côr da cera...

Pedro subiu ao leito e poz a mão sobre a testa da doente, tomou-lhe o pulso, e disse-lhe em segredo como quem supplica perdão:

— Minha boa Deborah, perdôa. Estava queixoso por não estares alegre no dia do nosso casamento. Mas vejo que soffres, que soffres muito!

Paciencia! Has de melhorar... Não te zangues commigo. Fui injusto, mas já não sou... Eu bem sei que me amas e que soffres... Se continuares passando mal, vou chamar o physico e as mésinhas te hão de curar de prompto. Deborah, minha querida Deborah, descança.... Nós velaremos por ti... Nós todos passaremos a tarde e a noite a teu lado...

— Talvez que um chá de tilia lhe faça bem. Sarah... dize á môça que faça, da tilia que está no armario, uma chicara de chá. Eu tive d'isto muita vez, e a tilia fazia-me bem... Faz bem ao nervoso... Isto é doença de raparigas. Olhem, eu já não incommodo com estes achaques...

Deborah tomou o chá, aos goles, porque vinha a ferver, mas não sentiu allivios... Pelo contrário, cada vez parecia mais afflicta, e se, por acaso, ia a socegar, parecia mesmo que perdia os sentidos...

— Valha-nos Deus, valha-nos Deus! Que grande semsaboria! Não ha prazer completo. Já fugiram as flôres, as luzes, o incenso, tudo quanto tinha preparado para o ninho dos meus rostos... Afinal um dia de festa está mudado n'um dia de tristeza...

— Não se incommodem por minha causa...

Isto passa... Não é nada... E' o estomago que me não deixa estar bem... Em jantando foram-se todos os males... Depois o cançaço da viagem e os perfumes que eu não esperava... Em fechando os olhos acaba-se tudo... Creio que a luz me incommoda deveras... E se fechassem aquella adufa?

Mal Deborah disse isto, logo a alcôva ficou a meia luz... Pelo menos os raios que entravam já não incidiam sobre o leito...

A doente sentia, com isso, alguns allivios.

Sarah conchegou-lhe a almofada.

— Tens frio?

— Algum...

— E agora? disse Sarah lançando sobre sua irmã um cobrejão de boa lã.

— Vae passando a tremura...

— Ainda estás muito agoniada?

— Ainda; mas não é nada. Não estejam afflictos por minha causa. Eu já disse: isto não é nada, isto passa.

— Tens tido isso mais vezes? perguntou Pedro.

— Algumas. Não sei o que é... E' um grande abalo interior. Tenho tantos affrontamentos!...

— Tens a cintura apertada?

— Nada... estou á vontade... mas não respiro bem...

— Tens alguma dôr?

— Não; não sei o que tenho... Deixem-me... Se eu dormisse?

— Pois sim, disse Sarah, beijando sua irmã. Vamo-nos todos embora, para tu descançares. Se precisares de alguma cousa, chama. Estamos alli fora e logo vimos... Não te assustes... Tu és muito nervosa...

— O Pedro não sáe?

— Ninguem sáe, descança... Queres que chame o medico?

— Não, isso não! gritou Deborah, como se lhe tivessem feito uma grande ameaça... Não quero medico... Para que? Eu vou levantar-me, eu estou boa, eu nada tenho... Se me não deixam descançar, então levanto-me e vou lá para fora... O medico para que? Que entendem elles d'isto? Veem assustar a gente e fazer despesas. Eu já conheço isto. Não chamem ninguem... Por quem são, não me inquietem... Ficaria peor.

— Bem, bem; lhe disse a irmã, não se chama o medico. Dorme, Deborah, fecha os olhos, faze diligencia para dormir. Adeus...

E Sarah, depois de chamar Pedro para fora da alcôva, disse-lhe rapidamente e em segredo:

— E' indispensavel o physico... Deborah está muito doente. Tem a testa a arder e os olhos despedem fogo... Vae, Pedro, traze alguem que lhe acuda... Parece-me que ella vae perder os sentidos. Não gosto de a ver... Está tão desfallecida!

Pedro não respondeu; pegou no gorro, que estava proximo, e partiu...

Sarah e Joanna ficaram á porta da alcôva, olhando o leito.

— Deborah, disse Joanna, sentes-te melhor?

Deborah não respondeu.

As duas precipitaram-se sobre o leito, uma de cada lado.

— Deborah! disse Joanna, pondo-lhe a mão sobre o rosto.

O mesmo silencio.

— Minha irmã! grítou Sarah; estás a dormir e tens os olhos abertos!... Responde-nos... Que te doe?

Deborah desmaiara, sem dúvida.

As duas mulheres, muito afflictas, voltaram a doente na cama, e afastaram-lhe o cobrejão... Depois, quasi a despiram toda e friccionaram-lhe as mãos, os pés...

Desnudaram-lhe o peito, arrancaram-lhe a saia...

— Repare, Joanna, disse Sarah afflicta, como ella está inchada!

As duas mulheres entreolharam-se meio surprehendidas, meio desconcertadas...

— Isto é inchação, Joanna?

— Ou flato... O flato faz coisas extraordinarias! Dá-me um copo de agua, de cima d'essa mesa...

E, emquanto Sarah obedecia, Joanna apalpava o corpo de Sarah...

— Que coisa tão extraordinaria! Pobre pequena! Que terá ella?

E, depois, com aquella intenção propria da velhice innocente, modificada pela experiencia:

— Se não fôsse tão cedo, diria que a doença de Deborah, não é doença...

— Aqui está a agua...

— Que será isto, Joanna? Será coisa de perigo?...

E Joanna, emquanto banhava a testa de Deborah com agua fria, que lhe trouxera Sarah, ia explicando, em voz baixa, como se falasse comsigo mesma:

— E' menos perigoso que a morte, porque parece ser o contrário...

Entretanto, Deborah reanimava-se um pouco... O olhar mostrava-se mais firme, e as faces tomavam um leve colorido...

Sarah beijava-a, chorando.

— Minha mãe, disse a doente, afaste a minha pobre Sarah... Quero ficar sósinha comsigo...

— Não me queres a teu lado, irmã?

— Não; Joanna é mãe; só ella poderá escutar-me...

Sarah retirou-se vagarosamente, parando muitas vezes antes de chegar á porta, onde se sumiu...

— Minha mãe, disse a pobre noiva, onde está Pedro?

— Sahiu; foi alli defronte a visitar frei José... Não pode demorar-se...

— Tenho que revelar-lhe um segredo, minha mãe...

— Dize, filha, saberei guardal-o...

— Não é segredo que se guarda, porque é d'aquelles de que se morre...

— Blasphemas, filha?

— Não sou peccadora, sou victima.

E Deborah, sentando-se no leito, e deitando a fronte no rosto da pobre velha, disse soluçando:

— Joanna, sou a noiva de Pedro, e vou ser mãe de um filho do Aragonez!

Joanna, placidamente, como quem já não pode abalar-se com surpresas, reclinou Deborah na luxuosa almofada, de novo a conchegou com a roupa sôlta, e foi ajoelhar em frente da Virgem, a rezar.

Ora movia apenas os labios, ora murmurava de forma que se ouvia:

— *Bemdito é o fructo do vosso ventre...*

Entretanto o cirurgião chegava, e vinha conversando com Pedro.

XLII

Mestre Jeronymo

Felizmente o homem morava perto, e foi encontrado a sahir de casa.

Era um velho physico, experimentado em achaques provenientes de máus humores... Descobrira em Africa umas hervas sempre vivas, que curavam todas as maleitas, e durante a peste, que ia a extinguir-se, arriscara a vida, expondo-se ao contagio e usando prodigamente os parches d'agua quente. Melhorara alguns deprimidos com esticões nos musculos e gemadas feitas com vinho branco. Era ignorante, mas intelligente, e até adquirira, á sua custa, o habito de não sangrar ninguem sem lhe observar as alterações do pulso... Em casa tinha grande deposito de emolientes, e sempre se fazia acompanhar d'uma porção d'elles.

— Que a maior parte das doenças eram resultado de inflammações, dizia elle. Só receitava papas e infusões. A cozinha era a sua botica predilecta... O pão, a carne, o peixe e a agua foram as primeiras receitas feitas pela natureza... Havia uma doença, a que elle chamava — do espirito — e que tratava com duas historias alegres, uns sorrisos de confiança e a promessa de voltar.

Não era ganancioso; pelo contrário — se lhe não pagavam, nada pedia — salvo qualquer copo de geropiga, que acceitava, depois de ver os doentes, e que engolia, dando um estalo com a lingua, ao saboreal-a...

Tinha tres phrases sacramentaes a que obrigava a sua clinica. Começava por dizer — isto não é nada — dizia depois — esperemos, devagar se vae ao longe — e, quando o perigo era evidente — ha de ser o que Deus quizer!...

Trajava sempre de preto, e tinha excepcional cuidado na barba... Dizia elle, quando se barbeava — que limpava as feridas da velhice. Era calvo como a mó mais limpa, e d'isso se consolava por não mostrar os cabellos brancos. Como as rugas da cara lhe passavam certidão de eda-

de, teimava em affirmar que eram geitos que lhe ficaram das gargalhadas da mocidade.

Visitava os doentes montado n'um cavallo, que no tamanho lembrava o de Troia, e na magreza, dir-se-hia hoje, o de D. Quixote.

Quando não percebia a doença que tratava, mal chegava á rua, perguntava ao seu corcel se tinha feito asneira...

— Que, afinal, dizia elle afagando o cavallo, tu entendes d'isto mais que eu!...

Para creanças é que elle era uma delicia... As mais pequeninas lhe sorriam! Não queria que as mães tirassem o ermo da moleirinha, mas ensinava-as a cortar os sapinhos da bôcca, com uma arrecada de ouro... Tinha ás vezes uma intuição que o fazia excentrico n'aquelles bons tempos em que as lombrigas eram a causa unica de todos os desarranjos.

Dizia ás mulheres que comessem assucar para temperar o leite... E' com lambedores que eu lhes posso vender as minhas drogas...

Os filhos estão dentro das mães emquanto mammam o calor das azas...

As raparigas com elle estavam á vontade... gostavam muito de o ouvir. Não lhes ralhava; pelo contrário — chrismava-as, com dois dedos, quando ellas andavam tristes e fastientas...

— Passas, pequena, a chamar-te mulher... D'ora avante deixa-te de te mésinhares com um velho... escolhe um rapaz que te sangre...

Se uma mulher casada se dizia doente, só a duas causas attribuia o mal — por estar gravida — ou por não estar. — Se admittia a primeira, receitava — *espere* — se a segunda — era logo — *teime*.

Assim, como para o diagnostico, nas mulheres, inquiria só edade e estado, nos homens inquiria principalmente a profissão.

Aos de officio sedentario, mandava-os passear; aos que se fatigavam de pé, mandava-os para a cama...

Recommendava poucas lavagens... Isso é para os patos, porque a agua lhes não chega á pelle...

Os romanos cahiram por causas das thermas...

Quando não chover, ou não chorarem, façam isso... Quando se quizerem acear trabalhem, e limpem depois o suor! No corpo são não se mexe; elle que se mexa!... No doente sim... As doenças são resultado dos esquecimentos da natureza. — Lavem o corpo por dentro, que as tisanas fazem essas limpezas...

Como se vê, entre acertos e absurdos adivinhava-se uma consciencia.

Não conhecia Hippocrates, nem Galeno, mas conhecia os outros physicos, os de Lisboa. Até os da Alcáçova! e ria-se d'elles. Que admiração! Curar gente rica! Com uma ucharia cheia de viandas e de vinhos genero-

sos, os principes só teriam achaques, se os seus physicos os tratassem...

Em compensação os sabios de Alcáçova consultavam-n'o ás vezes:

— Que terá este homem?

— O que elle não tem é aqui que lhe falta, e batia com a mão no logar da lesão.

E era assim!

Nomes é que elle não sabia, por isso não explicava mais... Isso vinha nos livros. O que elle queria era saber o nome dos doentes, porque tinha de conversar com elles... Nomes dos orgãos, para que? Se não tinha que os chamar?... As drogas, as hervas, os emplastros, as tisanas, estavam todas com endereços...

Por não saber o nome do que reveste os pulmões, nunca isto deixou de receber o que elle lhe mandava...

As mésinhas nãs são como as pedradas... mettidas no estomago, ou lançadas á pelle, lá vão ter ao seu destino.

Os meus confrades teem a mais que eu, um lexicon que os carrega...

Era um velho bom de lei, que curava achaques do corpo e da alma.

Se o doente era muito religioso, logo á primeira visita lhe dizia:

— Ainda tem esperança?

— Ainda, senhor, ainda...

— Pois, então, tome o *Senhor*, que a fé tambem nos salva.

A's velhas inválidas aconselhava chá, de duas em duas horas, e dez rosarios nos intervallos!

E depois explicava:

— Emquanto rezam não gemem.

A uma rapariga bonita, que definhava, perguntou um dia:

— Amas alguem?

— O João...

— Pois, visto isso, pega-lhe a doença...

Chamavam-lhe o mestre Jeronymo.

Quando elle passava na rua, os rapazes saudavam-n'o com affecto... A cada um d'elles tinha curado d'um achaque.

Pelo braço de Pedro foi andando e interrogando:

— Então que temos? Mulher desmaiada?

— Sim, mestre Jeronymo; Deborah...

— Mas desmaiou por que perdeu a côr, ou os sentidos?

— Está sem sentidos e sem côr!

— Se perdeu os sentidos, não sentiu o desmaio... Vamos lá procural-os...

— Não gracejeis, mestre, que o caso é de cuidado...

— Sim, sim; vamos andando. Isto é, aproveitar tempo. Emquanto o corpo não chega lá, vou mandando adeante o pensamento. Ora bem, então ella perdeu os sentidos? Amuos da natureza fresca! E como quereis que eu os ache, sem investigar primeiro...

— Pois sim, investigae...

— Ora, uma noiva tem sempre todos os sentidos empregados no marido... Pelo que vejo, Pedro, foste tu que lh'os roubaste, e vens agora dizer-me que ella os perdeu! Mentiroso de uma figa...

— Mestre Jeronymo, ella ha muitos dias que está doente... e tem ido a peor... a peor...

— Se ella não sente nada é que tem ido a melhor... Se as mulheres não desmaiassem ás vezes, tinham os homens que as matar mais cedo. Os cheliques são as férias do marido... Emquanto ella estiver assim, não te abusina com ciumes. Olha lá, não seria isso um ataque de cotovello?

— Se a visse! Que profunda tristeza! Que anceios! A's vezes parece que tem engulhos... E é tão fraca ..

— Não houve ralhos, nem sustos, nem ciumes, não! Pois, então, isso não é nada ..

— Mas perdem-se assim os sentidos, e não é nada?...

— Já viste um pavio com morrão, que logo se reaccende mal se lhe chega uma chamma?

— Que quer isso dizer?

— Reaccende-se o morrão porque fumega... E' o mesmo fumo que se inflamma. O desfallecimento n'uma mulher é o mesmo que o fumo de um pavio... Eu vou já receitando: chega-lhe dois beijos, Pedro, e verás como lhe brilham os olhos novamente...

— Sempre bem disposto, mestre Jeronymo. Oxalá que não vades entristecer...

— As mulheres não me mettem medo... As doenças não querem nada com ellas... A humanidade tem saude e achaques: a saude são os homens, os achaques são as mulheres; isto é, as mulheres são os achaques dos homens...

— Deus queira que soffra sempre estes meus...

— Quando era rapaz e estudava estas coisas, já me diziam que as mulheres teem um bicho no interior... E' uma entranha? Será. Mas tambem as plantas são todas plantas, e algumas ha que papam insectos que é um regalo... Esse bicho é que faz a desordem toda; fal-as rir e chorar, mette-lhes sustos, dá-lhes máu genio, fal-as impertinentes, ariscas e meigas, magras e gordas... O mal dos homens está no coração e o das mulhe-

Então julgaes que a doença...

res no ventre... Vae-te com isto. As mulheres nunca teem má cabeça; teem máu ventre. E' d'alli que vem o bom e o máu. Veiu Jesus e vim eu!

— Então, julgaes que a doença de Deborah seja de pouca importancia?

— Julgo de muita, de toda! Nem as doenças das mulheres teem outras, que não sejam grandes.

— Logo, ha perigo...

— Perigo, de ordem moral, ás vezes. Imagina, Pedro, que grande quantidade de doenças, que representam mais que um accidente natural, em consequencia de um facto mysterioso ..

— Bem, mestre Jeronymo, somos chegados. Queira subir.

No corredor estava Sarah lacrimosa.

— Adeus, pequena, disse Jeronymo. Estás triste? Por que? Por que tua irmã não fala e não te ouve? Uma surda-muda! O ideal dos homens... Onde está ella?

— Alli, mestre Jeronymo.

Jeronymo entrou; poz a bengala ao canto do quarto, mandou abrir a janella, para ver bem a doente, e, assoando-se ruidosamente, approximou-se do leito.

Joanna afastou-se do oratorio e veiu para junto da doente, espreitando, com cuidado, o olhar do physico.

— Vamos a isto, disse Jeronymo. A doente está disperta! Bem dizia eu! O pavio tinha morrão! Vamos lá, Deborah, de que te queixas?

— Eu! de nada! Estava fraca e tive deliquio...

— E vós, tia Joanna, sois do mesmo parecer? Trata-se, apenas, d'um caso de fraqueza?

— Examinae-a bem, mestre... Eu nada entendo d'isso. Dizeis vós!... Parece-me dilatado de mais o estomago de Deborah. Julguei que era flato e dei-lhe uma colhér de flôr de laranjeira.

— Sempre a mesma mania! Flôr de laranjeira! sempre flôr de laranjeira! Tomara eu que ella não tivesse tanto d'isso... Para os espasmos, ás vezes, é necessaria a flôr de laranjeira; mas, outras o que faz lembrar o mal é haver tanta... Vamos, tia Joanna, conte-me o que se passou...

Joanna fez o seu relatorio de enfermeira, com todas as reservas de confidente.

Jeronymo examinou a doente; demorando-se a ver-lhe as pupillas, auscultou-a com vagar e, por fim, sem que manifestasse a mais leve preoccupação, disse a todos:

— Preciso de ficar só com a doente.

Todos obedeceram.

— Mas eu posso ficar, mestre, não é assim? disse Pedro.

— Eu disse: só com a doente.

Não foi necessario mais.

Deborah, mal se viu a sós com Jeronymo:

— Mestre, disse ella, descobriste o meu mal?

— Descobri... Pedro deve conhecel-o...

— Não conhece ..

— Então, Deborah, que queres que eu faça?...

— Menti — é o vosso dever...

— Tens razão, mentirei... Mas, por que me não dizes a verdade toda? Um velho amigo...

— Juro-vos que não atraiçoei o meu Pedro...

— Então, por que não queres que eu revele?

— Joanna vos contará tudo... Agora o amigo que me diga: terei tempo de morrer?

— De morrer? Estás tonta! O teu dever é viver... Os grandes crimes deixam grandes rastos... Eu sei tudo... Como physico tinha de me calar, como amigo, preciso de salvar duas, tres vidas — salvar até a tua honra, Deborah!

Deborah tapara o rosto e chorava...

Joanna, cuja impaciencia não a deixava estar ausente, entrou na alcôva..

— Mestre Jeronymo, quereis receitar?

— Sem dúvida...

— Escrevei então...

— Não receito para Deborah; mas para Pedro, conversando com elle, e em segredo.

E Jeronymo sahiu do quarto.

A' porta, Pedro esperava ancioso, e Sarah interrogava com o olhar.

— Que vos pareceu a doente?

— Está bem. Vae descançar. Como previ, não é caso de cuidado — Coisas de mulheres!

E dando o braço a Pedro:

— Acompanha-me a casa:

E mal se puzeram a caminho!

— Pois, continuando, meu caro Pedro. — Dizia eu que as mulheres são os achaques dos homens. Effectivamente é assim. Deborah está bem — tu, Pedro, é que estás ameaçado d'uma doença grave. Vem a minha casa — tenho muito que te dizer...

— Assustaes-me. mestre Jeronymo... Parece que quereis annunciar-me uma nova desgraça!...

— Enganas-te, quero lembrar-te uma velha desgraça!...

— Deborah morre?

— Não... Não é a morte que deve inquietar-te, que mais uma vez se prova que a morte não existe. Tudo n'esta vida se renova... O que faz mal em Deborah, não é a morte, é uma vida nova...

— Assustaes-me, mestre Jeronymo. Quem vive então?

— O executado de Evora...

— O Aragonez?

— Sim, esse.

— E' pois certo que Deborah é victima do terror que esse homem lhe inspirou? Mas vós dissesteis que um beijo meu lhe restituiria os sentidos...

— Disse... mas antes o frade resuscitará...

— Eu vi-o estrebuchar no garrote, cahir afogado, e subir em cinzas...

— Prepara-te, para o veres de novo...

— Em sonhos?

— Na realidade...

— Impossivel!

— Nunca te succedeu cortar uma arvore rente do solo, e ver depois rebentar de novo as raizes?

— Quereis dizer?

— Que o Aragonez renasce no seio de Deborah!

Pedro ia a soltar um grito, mas Jeronymo abafou-o com a mão, que lhe poz sobre a bôcca.

— Pagaste o amor de Deborah, com fidalguia e generosidade. Vaes receber a demasia.

— Não comprehendo o que dizeis, gritou Pedro, mal se viu livre. Falava-vos no terror de Deborah pelo frade, que a ameaçou, e respondestes-me lançando ao frade as minhas responsabilidades! Que quereis dizer? continuou Pedro, respirando como quem descança no fim d'uma ladeira. Que quereis dizer? Que Deborah vae ser mãe? Quanto vos agradeço! Deus do Céo! Agora, que sou seu marido, já não tenho interesse em guardar segredo... Sim, mestre Jeronymo, deve ser isso. Adivinhastes ou comprehendestes o mal, — Deborah vae dar-me um filho, esse penhor do cumprimento da promessa que lhe fiz, n'aquelle dia em que livrei Deborah das ameaças do Aragonez e a fiz submissa aos meus rogos... Está bem, mestre Jeronymo, chegastes a causar-me medo.... Ainda não estou em mim!... Eu bem o sabia... Ha quanto tempo o sabia! Por que apressei eu o casamento? Porque ella estava cada vez mais doente, e eu não queria um desenlace, antes de lhe poder chamar minha mulher... Emfim! Sou pae! Não imaginaes, mestre Jeronymo, como sou feliz! Custa-me até

a acreditar em tamanha felicidade! Um filho! com o rosto d'ella, ou com o meu! Parecido, emfim, com um de nós. Noivo e pae, no mesmo dia! A quem deve ella contas do seu passado!... Eu devia-lhe. Que mais é necessario? Não é talvez bonito que as bodas coincidam com o baptismo... Mas, se a Egreja em ambos intervem, onde está o mal?... Sim, mestre Jeronymo, fui amante de minha mulher; violentei-a, se quizerem, mas remi o meu peccado, dando o meu nome á mais honesta e pura das mulheres, que teria sido victima d'um bandido, se o meu amor não a tivesse salvo! Vou, emfim, ter um filho, que ás vezes, chegava a ter medo d'isso; mas, depois sentia uma certa consolação por ver assim assignalado o verdadeiro dia dos nossos esponsaes? E tivestes medo da confidencia? Valha-vos Deus. Por que não viestes dizer-me, com o melhor dos sorrisos, a grande nova? Que me importa que seja já, ou mais tarde que isso succeda. Nem nós devemos conta dos nossos actos, senão a Deus... E Deus abençoou-nos ha pouco — entregou-nos um ao outro — possuimo-nos... Ella é a mãe? e eu sou o pae? Pois quem havia de ser? Eu que a salvei, que a raptei, que passei uma noite com ella, que me denunciei ao corregedor das justiças, que a fui buscar a Lorvão, que a acceitei por minha mulher, que lhe tenho espreitado todos os achaques, que a adoro, e cada vez mais, e principalmente depois de saber que ella vae ser mãe d'um filho meu, muito meu, ouvistes bem, mestre Jeronymo? Muito meu, tão meu como esta luz que nos allumia, como o Deus da minha religião, como é minha a minha casta mãe, como é mãe de Jesus a Virgem Maria! Não duvideis. Pois, é verdade. E prohibo-vos de que duvideis. Duvidar seria uma injuria, mais ainda, uma calumnia! Duvidar era um insulto a ella e a mim. Se duvidasseis insultar-vos-hia, mestre Jeronymo; faria mais, matar-vos-hia, como quem mata um bandido que nos assalta e rouba. Cuidado, muito cuidado, mestre Jeronymo, que representaes toda a gente... Se minha mulher está gravida, é porque eu vou ser pae, um pae muito feliz, muito, muito!...

Pedro, parecia um allucinado!

Estava trémulo, pallido, a palavra sahia-lhe aos gritos e o gesto em arremessos...

Mestre Jeronymo, a este assalto de ira, ou de paixão, ficou-se tranquillo, olhando o pobre moço. Por vezes fez signal de que queria falar, mas Pedro não o deixava... Segurava-lhe as mãos, batia-lhe nos hombros, tapava-lhe a bôcca... Depois olhava em roda, um pouco estonteado, e, deixando de gritar, falava em segredo: ora com vontade de que o mundo o ouvisse, ora com medo de que alguem estivesse a escutar.

— Foi ella que vos disse que o filho não era meu? Mentiu, juro-vos que

mentiu! E' meu, muito meu, só meu! Coitadinha! não quiz comprometter-me!... Pois, de quem devia ser? Se o frade a tivesse violado, isso sim... A creança seria d'elle... Mas d'ella não podia ser, não é assim, mestre? Para que sois physico, se não sabeis dizer isto? Se fôsse uma violencia, não haveria um filho... Ou tambem? Tenho ouvido dizer que os filhos vem do amor... Não é verdade? A brutalidade nada tem com o amor... E vós o vereis, meu mestre, quando ella der á luz. A creança terá os meus olhos, a minha bôcca, o meu caracter... ou tudo isto d'ella... Quem fala no Aragonez? Mato quem me falar n'elle, e, se, por acaso, o filho se parecesse com o frade, sendo eu o pae, matava o pequeno tambem... N'esse caso era a influencia diabolica d'aquelle bandido a vingar-se, d'além tumulo, da justiça humana... Mestre Jeronymo, cuidado, com as vossas revelações... O que sabeis? Não sabeis nada! Sabeis que Deborah foi minha amante antes de ser minha mulher?... Sabeis que ella mentiu por vergonha, suppondo que me honrava, deshonrando-me... Mestre Jeronymo, cuidado com a lingua. . Se Deborah está gravida — a culpa é minha, só minha, eu bem o sabia, sempre o soube... Foi por sabel-o que vos chamei... — Era necessario que alguem o dissesse a ella e a minha mãe. Eu sabia tudo. Para mim não era surpresa... Era fatal... Aquella noite! Ainda bem que me casei a tempo! Julgastes-me, então, algum estupido, que não tivesse comprehendido? Ha quanto tempo! Aquella tristeza, aquelles modos, o espirito, o corpo, tudo estava a denuncial-a! Quem fala aqui no Aragonez? Só quem fôr meu inimigo; só essa gente, sem alma, sem coração, poderia lembrar-se de tal! O meu filho com os olhos do frade?! Que horror! Aquelle olhar, aquelle sorriso, aquelles labios sensuaes e grosseiros, aquella face que eu vi no patibulo, aquella carne que eu vi a fumegar! Um pequenino Aragonez a surgir entre nós ambos como um grito de guerra, uma ameaça de vingança, uma resurreição satanica!... Mestre Jeronymo, dae-me alguma coisa que me acalme, que eu tenho a cabeça em fogo, e deante dos olhos uma nuvem de sangue!...

— Pedro, disse-lhe Jeronymo abraçando-o — enganei-me, talvez... Tranquillisa-te, socega .. Amanhã voltarei a vêl-a... Quem sabe?

— Não vos enganastes, não, mestre Jeronymo. É isso que dissestes .. Deborah, a minha Deborah, a minha noiva, a minha mulher, vae ser mãe, vae dar-me um filho... De quem será elle, senão meu? Pois um morto poderia vingar-se? Dissestes que as arvores renascem no logar onde foram abatidas... Deixei raizes vivas e destrui o tronco e os ramos? Não pode ser... Eu já vos disse... o Aragonez era uma fera, e os hybridos não são nossos filhos. Se foi veneno que elle deixou, destruamol-o... destruamol-o... Mas isso não pode ser. Deborah foi roubada por mim aos bra-

ços do sicario, e elle foi extincto a meus olhos. De sob o chão de S. Francisco não se erguem os mortos! Ainda bem, mestre Jeronymo, que me daes tão boa nova! Com que então Deborah vae ser mãe?!... Foi o meu olhar cheio de amor que a fecundou... não é verdade, mestre? Acredito no meu olhar, mas não acredito no crime. Isso seria um artificio da natureza... Nós somos filhos de duas vontades. No meu olhar havia uma coincidencia, n'uma violação não pode haver accôrdo!... Mestre, que sabeis d'isto? Nada, não é assim? Pois sei eu; a minha Deborah acaba de me fazer feliz, muito feliz, porque me concedeu o maior prazer que um homem pode ambicionar — ver fructificar o seu amor... Quanto vos agradeço a boa nova!... Abraçae-me, mestre Jeronymo, abraçae-me, como se eu fôsse vosso filho, porque sou feliz, muito feliz! Vou annunciar a toda a gente a ventura que me espera! A minha querida Deborah! O meu querido filho!

E, soluçando como uma creança, Pedro lançou-se nos braços do physico, e ficou agarrado a elle, repetindo por alguns momentos:

— Como sou feliz, mestre! Como sou feliz!

— Desgraçado! dizia Jeronymo, abraçando-o com ternura! Abriste-me o teu coração, quando mais procutavas cerrar-m'o!...

— Vamos, Pedro, sê homem e homem superior, que n'este mundo não ha d'outros. Os outros não são homens. Bem vejo que és feliz, ou que pretendes convencer-me de que o és. Pois, talvez devas ser. E por que não? Por que a cilada de abril teve as suas naturaes consequencias? Ah! egoista, egoista! Nada ha menos generoso que um homem que offerece generosidades. Afinal, sahiste-me um patife como outro qualquer...

— Mestre Jeronymo, não gracejeis, que o gracejo em certos casos é a linguagem d'uma tragedia!

— Eu já esperava isso! Nem esperava outra coisa! Uma tragedia depois de um idyllio. Nem havia idyllio sem essa choradeira tradicional. Riste hontem, ante-hontem, riste ha quasi nove mezes, e agora é que te lembras de indignações e de protestos! Quizeste passar por fidalgo, perdoando generosamente, o que? O que não pedia perdão, mas dó. Se Deborah tivesse cahido das alturas por ter colhido as suas azas de anjo, acceitavas-lhe o aleijão que d'isso resultasse?... Acceitavas, ou não? Sem dúvida. E tanto que fizeste de heroe. Ninguem m'o disse, mas adivinhei o. Pedro, acceita briosamente as responsabilidades do frade... Bonita acção! Honrado homem! Tu mesmo deves ter tido orgulho d'essa façanha... Coitadinha! Que culpa tem ella da desgraça que lhe succedeu? Fica perdida, fica desgraçada! Eu que a amo, salvo-a! Muito bem, Pedro, disse eu, cá dentro, a sós, com a minha consciencia. Assim é que é! Um espirito superior distingue bem. Deborah é pura. Para deixar pura uma mulher de-

pois de a fecundar, nada ha como o Espirito Santo, e o Diabo, na figura d'um frade forte, estupido, selvagem, sensual... Pedro, levanta a cabeça e envergonha-te do que estás fazendo... Quizeste as responsabilidades, sem responsabilidades? Absolveste as causas, sem contar com as consequencias? Se não és máu, como julgo, és tôlo, e do melhor quilate. Que esperavas tu? Que a peste passasse sem deixar a peste? Pedro, completa a tua obra.. O que dizes com ironia, dil-o sinceramente. O frade passou e mordeu... Mataste o frade, pois sára agora a mordedura... Querias um sacrificio que te não sacrificasse, uma resignação sem soffrimento, um favor sem favor! Valha-te Deus! Isso de que te orgulhaste nada era, absolutamente nada; era absolutamente nada, se não tivesses necessidade de sacrificar-lhe a tua alegria e as tuas paixões... Levanta a cabeça, Pedro, e olha para mim, bem de frente... Que quer dizer tanta exaltação e tanta energia?... Que te enganaram? Quem? Ella? Coitadinha! uma doente, dominada, violentada... Tu bem o sabias... Se isso não fôsse assim, que generosidade tinhas tido para com ella? Não sabes que o fructo vem da flôr!... Se a flôr não era tua, como ha de ser o fructo? Completa a tua obra, se queres que te amem e agradeçam. Invocas a minha sciencia? O que é isso? N'este mundo não ha senão moral. E' n'ella que está toda a sciencia... Se a sciencia se oppõe á moral, manda-a para os selvagens de Africa, que a teem de primeira qualidade no conhecimento das leis naturaes... Deborah vae expellir os beijos do Aragonez... E' uma purificação!... Achas pouco? Feita a limpeza, beija-a tu. Se ella tivesse tomado um veneno, eu dava-lhe um vomitorio, e salvava-a. Pois, sem que eu interviesse, a natureza opera... Quem te disse que a natureza é estupida? Ella sabe mais que eu e que tu! Tudo quanto ella faz é bem feito...

— E' pois certo?...

— Mais que certo, meu egoista... Acceitaste Deborah no estado em que ella se achava — nobre acção a tua! — e agora queres reconsiderar? Compraste sem medir, por confiança, e agora protestas por que não foi bom o negocio? Querias fazer o bem, comtanto que d'isso não resultasse o mal, não é verdade? Déste esmola, primeiro com lagrimas nos olhos, e agora pedes lucros, como judeu avarento?

— Calae-vos, mestre Jeronymo, calae-vos, que as vossas palavras mais me perturbam o entendimento...

— O que te perturba não é um sentimento bom, mas uma paixão ruim. Não duvides. Acceitaste como tua mulher a mulher do frade; sê consequente; recebe-lhe tambem a prole... Matar a creança!... Por que? Que culpa tem a innocencia do que faz o crime? Tens medo da herança? Que entendes tu d'isso tudo? Julgas que somos tôdos filhos de

Abel? Quantos não o seremos de Caim? Diz-se que Satanaz foi um anjo... Por que não seremos nós todos descendentes do máu ramo da familia humanidade? Ha filhos de gente feia que apparecem bellos, ha talentos que dão idiotas, ha doidos que geram sabios... Prestaste-te a ser marido, porque Deborah é formosa! Olhem que grande sacrificio!... Chamaste a um prazer uma abnegação!

— Mas, mestre Jeronymo, disse Pedro acalmando-se um pouco, é isto que vos digo — que me resigno, que me contento, que acceito todas as consequencias dos meus impulsos... Por que me reprehendeis? Por que me assusta essa recordação perpétua d'uma desgraça que eu pretendia esquecer? Por que vou ver Deborah, beijar o filho do bandido, a cuja memoria não perdôo? Por que me parece ver o sicario, lá do infinito, céo ou inferno, onde elle jaz, a rir-se de mim, vendo-me a beijar os labios que elle beijou e a deixar viver e crescer, ao peito de Deborah, o filho d'elle, o herdeiro do seu sangue, que eu vi correr, das suas cinzas, que eu vi voar? Collocae-vos no meu logar, mestre Jeronymo, e dizei-me se não devo chorar de dôr e de despeito...

— Vae para junto de Deborah, desgraçado, e anima-a e consola-a n'esta hora angustiada. Olha que ella soffre mais que tu, porque Deus deu ás femeas o divino instincto da maternidade — isto é, o amor pelos filhos, que é mil vezes superior ao amor que dedicam a seus maridos. Vae para junto d'ella e anima-a, e consola-a como a uma victima principal d'essa immensa desgraça... De que te admiras? Centenas de donzellas tiveram sorte egual n'essa horrenda sedição. Muitas gemem e choram, a esta hora, infortunio egual, ao desamparo, deshonradas, esquecidas, vendo surgir-lhes, a seu lado, fructos d'esse cannibalismo infame. Queres confundir Deborah na multidão d'essas miseraveis que a estupidez dos paes repelliu e que a honra convencional d'este seculo deixou sem amparo, sem nome, sem esperança?! Queres voltar para tua casa a dizer á infeliz menina que a sua primeira desgraça te commoveu, mas que a segunda te exaspera? Que querias tu, Pedro? Que ella afogasse no seio essa existencia, que era uma triste recordação d'um miseravel episodio? Imagina que o Aragonez deixou mãe, uma pobre velha, de cujo ventre elle sahiu, uma innocente dos crimes do filho... Sim, imagina que essa creatura existe e se te depara triste, afflicta, a pedir a protecção do teu braço... Que lhe dizes? Insúltal-a? Que lhe fazes? Mátal-a? Ou extendes-lhe a mão, dás-lhe o teu sorriso, acodes ao seu infortunio? Gritas contra a descendencia? E contra a ascendencia o que fazes? Julgas por acaso que o sangue do frade passou ao filho e não veiu dos paes? Ou sabio illustre, ou moralista imbecil, que entendes tu d'isto mais que eu?

— A mãe do Aragonez? Existe ella ainda?

— Não sei, nem isso me importa, mas imagina que sim: se a visses chorosa junto do patibulo do filho, eras capaz de a entregar á pressão do garrote, á justiça do algoz?

— Oh! não, não, mestre Jeronymo!...

— Se a visses a disputar frangalhos do corpo, que ajudaste a lançar na fogueira, eras capaz de lhe negar um dos braços que lhe tinham cingido o collo?... Vamos, heroe, que te exaltaste aos olhos de Deborah pela caridade excepcional do teu coração — lançarias ás faces da pobre velha afflicta um punhado de cinzas de seu filho condemnado e executado?...

— Isso não, mestre Jeronymo; juro-o; isso não... Que culpa tinha a pobre mãe dos crimes de seu filho...

— Então, como queres tomar contas ao filho dos crimes do pae!

— Assombraes-me, mestre Jeronymo, mas não abrandaes a dôr que me tortura...

— É que ainda distingues entre o rosto engelhado da mãe, no fim da vida, e as faces rosadas da creança que nasce... Sabes por que hesitas, cobarde? Porque a mãe te reprehenderia chorando, e a creança te agradeceria sorrindo... Torpe raça a d'estes moralistas, que só cuidam no seu orgulho e só fazem o bem por egoismo! Não denuncies esse egoismo, e vinga-te do frade roubando-lhe com amor, com educação, com exemplos, essa pequenina alma que vae começar a viver no calor do teu ninho, á influencia d'esse pae que odeias. Vou dar-te uma noticia: o Aragonez deixou um filho que está ameaçado de morte pela justiça que condemnou o pae. Pensava eu em salval-o... Ajudas-me? Talvez isso te distraia das preoccupações que te affligem...

— Contae commigo, mestre, não vae tão longe o meu odio!

— Pois bem, volta para casa e pede a Deborah que t'o entregue. Ella, a grande victima, gerou-o sem o matar... Vae ajudal-a n'essa empresa, e não apagues a luz que o innocente quer ver... Não sejas inferior a tua mulher. Serias, não a imitando, peor que o frade... Odiar uma creança é mil vezes peor que polluir uma mulher...

— Tendes talvez razão, mestre Jeronymo, mas eu tambem tenho motivos para me julgar bem infeliz... O que offereci a Deborah foi o esquecimento, e não a recordação constante do infortunio d'ella e do meu. Que prometti eu? Esquecer. Cumpri. Como me pagam? Accordando-me a memoria! Julgaes que me queixo de quem não tem culpa dos meus males? Enganaes-vos. Queixo-me da minha sorte; queixo-me da Providencia, que não providenciou, e da minha previdencia, que não previu! Por que me

recorda Deus o que deve ser esquecido? Essa creança será o retrato do pae? Como hei de, n'esse caso, vel-a, acaricial-a, chamar-lhe minha? Philosophaes fora da hypothese... Isso é facil... Quando ella beijar o filho, beijará o filho? Dissestes que as mulheres são mais que tudo mães... Comprehende-se, acceita-se, agradece-se até, quando são mães por nossa causa; mas, se o são por causa de outros não são mães, são adulteras... Reduzir o tyranno para o amar em miniatura, é attenuar o odio... Ora, eu preciso de que Deborah odeie o Aragonez, emquanto d'elle se lembrar... O que o Aragonez praticou foi um crime contra a moral, contra a natureza, contra a religião, contra Deus! O fructo d'um crime parece a justificação d'elle. Crimes que servem a natureza, não são contra ella; crimes que despertam um amor não são contra a moral, crimes que provocam a piedade não são contra a religião!... Se Deus aproveitou um crime para dar ao mundo um innocente, é que o crime não foi contra elle!... N'esse caso, o meu odio foi uma injustiça, a minha generosidade uma vaidade, o meu amor, um appetite! Que differença existe entre o meu amor por Deborah e o do dominicano? O meu, que recorreu á moral social, á religião e a Deus, talvez seja esteril; ainda o é com certeza n'este momento; o d'elle, instinctivo, brutal, feroz, foi fecundo, dando ao mundo uma creatura digna de compaixão, á victima uma companhia amoravel, a Deus, talvez um crente fervoroso. Revoltaram-se contra a injuria do bandido o espirito de Deborah, a sua castidade, a sua educação, decerto, o seu amor por mim, porque já então era a minha imagem que lhe enchia o peito, mas não se revoltou todo o seu organismo de mulher, que vibrou, evolucionando se em obediencia ás leis da geração, sem se importar do amor, ou do odio, da seducção, ou da violencia! Somos, afinal, todos eguaes, mestre Jeronymo. A materia é o mundo... O espirito é fumo, isto é, residuos muito leves da materia solida, em combustão... Deu-se uma lucta entre mim e o frade; e ambos estavamos com Deus do nosso lado. No caminho para a conquista eu andei em reviravoltas longas, inuteis, cheias de piéguice, escrupulos, respeito, pudor, delicadeza e religião; elle caminhou decidido, brutal, sem leis de decôro, sem respeito pela fraqueza, sem temor de Deus... Chegou primeiro... Elle é o pae, eu sou padrasto... O que fez a justiça dos homens? Destruiu o criminoso, e para o destruir bem, reduziu-o a cinzas. Esqueceu-lhe um pedaço, que é elle inteiro. Como pode viver esse pedaço? E' n'elle que está a carne e o sangue do bandido; provavelmente a indole traiçoeira e feroz... Como é que se destroe um vulto e fica a sombra?

— Está bem, Pedro, não perderei mais cera com ruins defuntos. Não te queres convencer com argumentos da minha lavra?

Pois, não insistirei. Para gente estupida, não vale gastar tempo em produzir razões. Eu sou uma besta, tu és um sabio. Como não te vingas-te, por tuas mãos, do criminoso, queres aproveitar o ensejo de tirar a desforra do pequerrucho... Ahi, valente! E' facil a tarefa. Aquillo ainda nem gente é, a carne está ainda mais tenra, que as gorduras d'um borracho, os ossos não passam de cartillagens macias, e brancas, como miôlo de côco,... Com dois dedos esmagas aquelle feto de tyrannia... Se lhe soprares os olhos, logo que elle nasça, ficarão despejadas as orbitas pequeninas... Com o teu dedo minimo sobre o coração fal-o-has parar... Deita-lhe os dentes ao pescoço e este se contrahirá como se mordesses um doce do mosteiro de Odivellas! Arrancas as orelhas á pequenina caveira como se estivessem pegadas com cuspo! Não imaginas como é facil desmanchar aquelles entesinhos tão bem feitos! Um homem, á nascença, é um homem provisorio... Se os paes querem, podem reconsiderar... Uma malha cahida desmancha uma obra de malha... Puxa lhe pelo umbigo, Pedro, e fica-te na mão um novello de intestinos... Se não queres desmanchar essa obra genial da natureza, deixa-a morrer inteira. Nega-lhe o leite da mãe ou atira com ella para a rua, como se faz aos cães e aos gatos, que abundam em ninhadas! Se não queres fingir de fracalhão recorrendo ao abandôno, enche-lhe os pulmõesitos de ar frio e humido... E' isso mais rapido que o garrote no almargem d'Evora... Se não a queres ver, por justificado odio ao pae, mata-a no abysmo em que ella está. Alli tens-la mais segura. Não chora, nem esperneia... Atravessa-lhe o craneo com um instrumento perfurante, uma agulha do trabalho de tua mãe, por exemplo! Afinal tu é que tens razão, e eu é que sou estupido!...

Pedro, prostrado n'uma cadeira, com a cabeça entre as mãos, ouvia, mas não ousava responder... Não respirava, ao menos...

Parecia que tinha um pé de Jeronymo a carregar-lhe pesadamente no peito.

— Estamos de accôrdo, Pedro... E não tenhas medo... Matar gente tão pequena não chega a ser crime... Quem havia de denunciar-te? A mãe? Essa talvez morra com o filho, que os filhos tambem são pedaços da mãe... Isso ainda é melhor... E' uma testemunha a menos... Se queres, eu ajudo-te, ou procedo já, atirando com venenos ao monstro que está de boa-fé aconchegado no seio materno, ou ensino-te, quando elle nascer, onde podes abafar aquelle chôro de alegria com que as creanças saudam o ar, a luz, a vida... Depois ficas tranquillo, sem odios, sem ciumes, feliz, alegre, sereno... Isto tem só um inconveniente, é que a consciencia dos criminosos tem utero, como o ventre das mulheres violadas, e maior será a tua surpresa e o teu desespêro quando, no meio da

tua felicidade, sentires lá dentro, a revolver-se em contorsões vingativas, o frade, o filho e Deborah!

— Nem mais uma palavra, mestre Jeronymo, disse Pedro, levantando-se e abraçando o bom velho, nem mais uma palavra! Curaes os corpos e as almas! Estava enferma a que entreguei aos vossos cuidados... está curada. Voltae para junto de Deborah, meu bom amigo, acudi a ella e a seu filho, e dizei a ambos que jurei a Deus, apertando a mão d'um homem de honra e de coração, cumprir o meu dever ..

— Ora ainda bem! Curo os corpos com emollientes e os espiritos com revolutivos! Eu bem dizia: *isto não é nada*. Tu vae passear, Pedro, areja essa cabeça. A Deborah vou dar a minha receita habitual — espere...

E o velho physico, cobrindo a cabeça e sacudindo cuidadosamente o seu coçado gibão, encaminhou-se, com um sorriso nos labios, para casa de Joanna.

Pelo caminho ia pensando:

— Sciencia! sciencia! a grande sciencia no mundo consiste em fazer bem. Foi por isso que Jesus deu vista aos cegos e curou os lazaros... As boas razões da gente boa são como a lingua do cão — saram todas as feridas.

Pedro foi de passeio até a Ribeira das Náus.

Levava o pobre rapaz uma tristeza consoladora.

— Quem sabe, pensava elle, se a conceição repara n'estes casos, perante Deus, a obra do algoz, como eu julguei reparal-a perante os homens!

*

Acolheu Deborah as boas novas que lhe levou Jeronymo, com pouco alvorôço. Adivinhou que aquellas palavras tinham sido arrancadas a seu marido á fôrça de controversia prolongada e azêda.

O que a razão conquista é facilmente reconquistado pelo coração...

A logica é um chicote que tem uma convicção na extremidade. — Sentimol-o emquanto elle nos bate... Depois esquece.

— Pedro é capaz de perdoar mais uma vez a minha desgraça; mas dois perdões para uma innocente é humilhação demasiada! Estou fazendo a desgraça d'elle, e elle a sacrificar-se, sem lograr fazer-me feliz!

A verdade, porém, era que Deborah soffria muito mais do terror, que o seu estado lhe inspirava, que do receio da mágua de seu marido.

O que ella sentia parecia-lhe sobrenatural.

Não acreditava na proximidade d'um nascimento, mas na ameaça d'uma resurreição. Não experimentava o amor, mas o terror da maternidade...

Em uma noite de delirio vira nos braços uma creança, com a repellente physionomia do Aragonez. Os olhos injectados, faiscantes, ferozes, os labios grossos, trémulos, sensuaes, mais parecendo quererem morder que beijar, as narinas dilatadas e offegantes, a testa pequena e chata, o craneo agudo!

A creança falava, articulando palavras, que Deborah já ouvira em uma noite terrivel!... No pescoço, o pequeno phantasma tinha um sulco escuro formado por coagulos de sangue! O corpo, envôlto em farrapos negros, desfazia-se em carvões, quentes e fumegantes, quando ella o tocava...

Deborah, transida de medo, quiz conchegar ao peito o filho, para não lhe ver o rosto, e este, mal viu o crucifixo que descançava no collo materno, entrou em convulsões tão violentas, que se soltou dos braços que o sustinham e todo se desfez em sangue e cinzas...

N'essa manhã, quando mestre Jeronymo foi ver a doente, não disse as suas graças habituaes, e á sahida, quando Joanna e Sarah o consultaram com o olhar, elle respondeu sêccamente:

— Ha de ser o que Deus quizer!

XLIII

A morte

Pobre Deborah! Quanto ella soffreu, dias e dias! Physicamente muito, e moralmente muito mais! Tanto, que as duas enfermeiras pareciam soffrer mais do que ella! Quando a dôr dá taes manifestações, que a sympathia a quem a vê mais attribula, é a maior das dôres!

Hoje o phenomeno seria facilmente explicado, mas n'aquelle tempo andava a sciencia tão atrazada, ou por caminhos tão differentes, quem sabe? que tudo que Deborah soffria era attribuido a causas mysteriosas e até diabolicas.

Era isto no tempo em que se suppunha que o parto era uma funcção pathologica!

Jeronymo adeantava-se ao seu tempo, e tanto, que estava tranquillo... Tranquillo com o trabalho da mãe, mas não com o da mulher.

Deborah soffria de mais de uma doença. Havia n'ella uma grave perturbação moral, que era como se dissesse mental.

Havia n'ella um mysterio! Mysterio nas causas, note-se, que não nos effeitos...

Jeronymo conhecia casos identicos, terriveis; e o peor era que ignorava a maneira de os prevenir.

Quasi adivinhava o que estava para vir, mas não sabia como evital-o!...

Deborah parecia uma possessa!... Que absurdo! Possessa era toda a mulher que, padecendo doenças nervosas, offerecia a todo o momento symptomas de loucura.

Sarah, que não tinha licença para entrar na alcôva, chorava á porta, de bruços, sobre uma cadeira...

Joanna não abandonava a cabeceira da doente, e Pedro, o noivo, percorria todas as casas, já esquecido de seus males, pedindo a Deus o fim d'aquelle tormento, cheio de generosidade e de perdão. Vivesse Deborah! e isso seria tudo! Que importava o resto?

Elle estava alli para defender sua mulher.

Se o frade quizesse. que voltasse — matal-o-hia; mas, se apparecesse apenas a creança, seria acolhida... Estava votado a isso... Jeronymo convencera-o, e a caridade fizera mais — persuadira-o!

Os vizinhos batiam, a miude, á porta de Joanna, a pedirem-lhe noticias.

— Então, senhora Joanna, como está a doente?

— A mesma, ella está na mesma. Peor não se pode dizer; mas melhor tambem não!...

— E o que diz o physico?

— O peor. Não diz nada!

— Mas ha novidade?

— Não. Seguia tudo bem, se não fôsse não sei o que? Alli ha coisa grave! Está em delirio! Sempre diz coisas! Parece até que está louca! Não quer vêr ninguem! Quer entrar, vizinha?

— Para que? se ella não quer vêr-me? Coitada! Deus lhe dê melhoras, senhora Joanna! Eu vou accender a lampada á nossa padroeira...

— Pois vá, vá, e que Deus a oiça...

E Joanna voltava para junto de sua nora.

Uma ou outra curiosa do bairro ia entrando e ficava a consolar Sarah!

— Aquillo não é nada! Ha mulheres assim... Soffrem muito, porque teem dôres nervosas... São terriveis... Eu já tinha chamado a Custodia, da Villa... Tem umas hervas, que são mesmo milagrosas... Quando estive muito mal, toda a gente affirmava que eu ia morrer, e, logo que chegou a Custodia... fez umas rezas, em cruz, que foram como uma ordem do Senhor...

— Mande queimar um boccado de incenso, menina Sarah, mande... A's vezes o diabo mete-se no corpo, e o cheiro da egreja afugenta-o... Por que não experimenta? Dois maravedis bastam. E' um instante...

Isto dizia uma velha muito entendida em doencas de familia.

— Não tem arruda em casa, menina Sarah? Se não tem, eu vou buscal-a... Tenho o quintal cheio d'isso. A arruda é muito boa...

Isto dizia a mulher do hervanario da esquina...

— E por que lhe não veste a camisa do noivo?! Ah! é remedio santo! A Guiomar esteve oito dias a morrer, mas assim que vestiu a camisa do Joaquim, logo Deus lhe deu saude... Vista-lhe a camisa do seu Pedro, menina Sarah!...

Sarah nada respondia...

Quando não chorava, era porque estava de ouvido á escuta, ouvindo os gemidos...

Não faltou quem viesse lembrar:

— Já accenderam o cirio da Semana Santa? Ainda não!? Ora, ahi está... Pois accenda, menina Sarah, accenda, que não ha coisa melhor... Minha mãe, quando estava doente, sempre, n'essas alturas, queimou o cirio paschal!

N'este momento abriu-se a porta da alcôva e appareceu Jeronymo.

— Tragam agua quente e mostarda, disse elle, com voz de commando...

Sarah correu, emquanto Jeronymo, entre portas, ficou esperando.

— Mestre Jeronymo, disse uma das conselheiras, como está ella, coitadinha!?

— Está bem, porque lhes não ouve os disparates...

— Mas, está em perigo, coitadinha?

— De as ouvir, a livrarei eu. Vão conversar para mais longe. Ouve-se tudo aqui dentro... Quem soffre não quer ser lamentado... Quem soffre deveras... Os outros gostam d'isso, porque fingem.

E Jeronymo, tomando das mãos de Sarah a bacia de prata, onde a agua fumegava, ia a retirar-se...

— Mestre Jeronymo, disse a cuidadosa vigilante, não posso vêr minha irmã?

— Não é preciso. Aos doentes não se dá senão o necessario...

— Mestre Jeronymo, Deborah está em perigo?

— Qual é o vivo que não está assim! Ha de ser o que Deus quizer... Sou padrinho n'um torneio... Depois te darei noticias, filha...

— Um torneio!

— Sim, um torneio — batem-se duas vidas... Qual vencerá, não sei...

— Deborah conhece?...

— Ninguem se conhece n'este mundo. Isto está muito bem feito, Sarah. Atura esse mulherio...

— Deverei rezar, mestre Jeronymo?

— Quando não tiveres que fazer. — Antes d'isso, porém, aquece mais agua. Quanto a Deus, confia n'elle, mas não de mais... Lembra-te que tudo isto vem de S. Domingos, e Deus estava lá fechado no sacrario... A alcôva de tua irmã é ainda a sacristia dos dominicanos.

E Jeronymo fechou a porta, sem fazer ruido...

Sarah não se deixou illudir, ou melhor, procurou comprehender o que Jeronymo lhe dissera, e chorou, chorou amargamente, a terrivel prophecia...

Pedro dava n'essa occasião uma das suas voltas impacientes:

— Que te disse elle, Sarah?

— Nada, e tudo... Que não e que sim... Evidentemente, um perigo, um grande perigo nos ameaça!

Pedro não respondeu.

Abraçou a cabeça de Sarah e, soluçando, se demorou n'essa attitude...

— Se ella morrer, disse afinal, a custo, morro tambem...

— Tens razão, Pedro, morreremos ambos...

N'este momento reabriu-se a porta da alcôva, e Joanna, muito pallida, pediu em segredo:

— Chamem o nosso padre.

— Eu vou, eu vou, disse uma vizinha. — A fé é uma grande cousa n'estes casos...

— Minha mãe, disse Pedro, deixae-me entrar...

— Já entras, filho... Deixa descançar um pouco tua noiva... Já chamou por ti muitas vezes; mas, como agora chamou por Deus, deixa que o receba primeiro...

— Ella vê?

— Sim, o que nós não vêmos...

— E ouve?

— Talvez as mais celestes harmonias!

— Morre, não é assim, minha mãe?

— Não; delira, felizmente...

— Que diz Jeronymo?

— Que está entre a vida e a morte...

— A morte de Deborah, sem dúvida! disse Sarah, chorando.

— A vida do Aragonez, gritou Pedro, abraçando-se de novo á cabeça de Sarah, cujo cabello banhou com as lagrimas quentes, como o fogo da sua dôr...

Frei José, de quem falara Joanna a seus filhos, quando elles chegaram de Lorvão, appareceu com os soccorros da Egreja, devidamente paramentado, e seguido pelo acolyto com a lanterna...

As mulheres que occupavam a ante-camara lançaram-se de joelhos, inclinando beatificamente a cabeça.

Lá fora o sino da freguezia annunciava aos fieis a sahida do Senhor.

Frei José atravessou a casa lançando a benção.

— Onde está a doente? perguntou elle.

— Alli, disse Pedro, indicando-lhe a porta da alcôva.

— Mandae dizer-lhe que o Senhor vem vêl-a, ouvil-a e aconselhal-a...

— Podeis entrar, frei José, ella espera-vos...

Abriu-se a porta de par em par e viu-se o leito de Deborah rodeado de

cirios accesos, e junto da cabeceira, d'um lado Joanna, do outro, Jeronymo.

Deborah, com a sua touca muito branca, sorria, olhando aquelle templo improvisado.

Encheu a atmosphera um murmurio triste d'uma oração rezada em côro...

O sino ao longe parecia chorar a ausencia do Viatico.

Frei José approximou-se da doente e extendeu-lhe a mão, que ella beijou.

— Mandaste-me chamar, Deborah?

— Pedi...

— Queres confessar-te?

— Sim.

— Mas que pressa!... Podias esperar alguns dias; irias então á egreja... Se estivesses em perigo de vida!

— Eu não estou doente, frei José. Sinto-me bem. Chamei-vos porque preciso das vossas rezas... Se o espirito do mal se apoderar de mim!...

— Pobre creança; nada temas. Tenho aqui Deus crucificado, que te ha de defender.

— De quem é esse?

— E' da congregação a que pertences, Deborah... Beija-o.

E frei José levou a cruz aos labios da doente...

Deborah estremeceu, como se uma grande dôr a affligisse...

— Que foi isso, pequena?

— E' Satanaz, que tenho no seio, que sentiu o ruido d'este beijo.. Frei José, essa cruz está abençoada?

— Todas as cruzes são bentas... A que fizesses com dois dedos te livraria de tentações...

— E esta, frei José, tambem tem essa virtude?

E a doente mostrou ao frade uma cruz que guardava no peito.

— Tambem, sim...

— Mas não me defendeu!... E' que eu não estou na graça do Senhor, não é assim?

— E's uma tonta .. A Virgem tambem soffreu dôres...

— Mas foi vencida pelo Espirito Santo?

— Não; foi convencida.

— Ah! frei José, que eu fui vencida pelo espirito do mal! Sinto em mim um inferno que se revolve... queimam-me a cabeça as chammas que me sobem... Frei José, disse agarrando com fôrça a mão do frade, livrae me d'este tormento, pelas cinco chagas de Christo... O demonio quer

roubar-me a minha casa, a minha familia, a minha fé... E eu d'aqui estou vendo o Céo tão cheio de estrellas, de sóes, e de anjos toucados de flôres... Quero confessar-me, quero confessar-me, frei José... Preciso do perdão de Deus, para que todos me perdôem.

— Mestre Jeronymo, disse frei José, voltando-se para o physico, julgaes a doente nas condições do sacramento...

— Não. Vêde como vacillam as luzes d'estas vellas... Ha na doente fogo de mais e luz de menos. Absolvei-a sem a fatigar...

— Tendes razão. Conheço os teus peccados, Deborah; vou recordal-os ao Céo e absolver-te depois em nome d'elle.

E o frade começou a rezar apenas n'um murmurio.

Deborah poz as mãos, cerrou os olhos, e começou:

— Peccadora, me confesso a Deus, todo poderoso... á bemaventurada... Virgem Maria...

Não pôde continuar.

Uma nova dôr, mais forte e mais demorada, a obrigou a soltar um grito e a revolver-se no leito.

— Deborah precisa agora mais dos meus cuidados que dos vossos... Chega uma crise grave...

E Jeronymo segurou vigorosamente os pulsos de Deborah...

— Logo voltareis, frei José, que as dôres que se amiudam são beneficios de Deus. Apaguem essas velas, fechem essa porta, calem esses soluços.

Jeronymo tinha razão...

Deborah debatia-se n'uma convulsão assustadora.

D'esta vez era necessario que Pedro ficasse, e ficou.

Na ante-camara estava muita gente e na alcôva apenas a indispensavel.

A'quella porta, que se fechou, ficaram presos todos os olhares...

Frei José não perdeu tempo:

— Cumpramos o nosso dever.

E, pondo a cruz sobre uma mesa, entre duas velas de cera, ajoelhou...

Os assistentes associaram-se á prece, rezando baixinho...

Deus parecia estar surdo a tantos rogos, ou taes rogos eram mal feitos e improprios .. O caso era que lá de dentro, da alcôva sinistra, que fôra enfeitada para amores, vinham taes murmurios e gemidos, que, na verdade, parecia que Deus, tendo ouvido a prece, assistia á lucta immensa entre a morte e a vida — da mãe e do filho!...

Por quem se pronunciaria elle?

O que todos desejavam era a salvação de Deborah...

Nova, formosa, noiva, muito feliz depois de ter sido muito desgraçada, tinha direito a viver, incontestavel direito...

Tudo quanto a maldade dos homens tinha inventado para a desgraçar, havia sido inutilisado pela bondade dos homens.

Mataram-lhe o pae, e não ficou orfã. Pedro tinha amor e mocidade para destruir essa orfandade!

Tinham-lhe desmanchado a sua capella de noiva, e Pedro entreteceu-lhe a que ella ostentou na egreja de Lorvão! Fizeram-na mãe, e ficou tão casta e respeitada, como se a sua conceição fôsse tão milagrosa como a da Virgem.

Tinham-lhe cobiçado os seus amores, e esses mesmos lhe foram abandonados com a mais santa abnegação!

Que feliz desgraçada era esta Deborah!

Por que não havia de viver?

No intervallo das orações, a vizinhança, a côrte dos moribundos da classe média, e dos pobres, que esfriam ao calor da lareira, lamentava sinceramente a perda de Deborah.

Dizia-se a perda, porque o silencio dos prophetas que rodeiam um doente é a prophecia mais triste...

Que sabia aquella gente do estado de Deborah? Sabia tudo. Vira-lhe o *facies!*

O *facies* é o grande cartaz que a morte affixa na cabeça d'um doente perdido!

O que é elle?

Que traços tem?

Ninguem o descreve. O *facies* é... o *facies*. Ha n'elle uma côr, uma luz, uma contracção, que se não pinta, nem se accende, nem se move com preceitos! Em cada pessoa tem o seu aspecto, em cada doença o seu terror.

Quando um imbecil olha a physionomia de um doente, e diz, encolhendo os hombros:

— Não gostei de o vêr... aquella cara tinha um não sei que!... Não viram aquelle olhar, aquella bôcca? O nariz tão afilado, os labios tão descahidos!

E' que viu essa máscara terrivel.

E a côr? E' negra, é amarella, é vermelha, é verde? Qualquer que seja mantém um tom que não é normal, que não parece da vida, que tem reflexos d'além tumulo. O *facies* sorri na hora extrema... Quem é capaz de dizer em que consiste a differença entre esse sorriso derradeiro e todos os outros que enchem a nossa existencia?

E o olhar? Brilhante ou amortecido, como o olhar dos que se despedem, parece conter uma luz extranha!

O caso é que toda aquella gente, n'um momento em que avistara o rosto de Deborah, lhe vira aquelle colorido especial que annuncia a loucura ou a morte — isto é, a morte da cabeça, ou a morte do corpo todo.

Havia no rosto d'ella alguma cousa que, por dentro lhe trabalhava o rosto, e que por fora esvoaçava, como um fluido trémulo, transparente, que sae da terra aquecido pelo sol, ou das sepulturas em as noites do estio... uma especie de auréola descórada, mas brilhante, como que annunciando o véo de ló, que ha de depois envolver um cadaver!...

Foi essa a auréola que a côrte modesta da casa de Joanna viu ou adivinhou, no rosto de Deborah, nos rapidos momentos em que a doente conversou com o frade.

Assim, a prece, já não era para pedir a Deus a salvação da infeliz, mas para a ajudar a bem morrer.

De forma que aquellas rezas, que frei José já não dirigia e regrava, passaram a ter a melopêa pungente dos canticos funebres!

Os soluços de Sarah faziam o acompanhamento mais conforme...

Lá dentro tinham parado os gritos violentos, e apenas se ouvia um gemido, de espaço a espaço...

Sarah, que se conservara a um canto, quasi esquecida na sombra, ergueu-se de repente, e foi encostar-se á porta, ouvido collado, olhar fixo no pequeno altar, parecendo querer lembrar ao Christo os rogos que lhe dirigira.

Duas mulheres foram ter com ella.

Disse-lhe uma:

— Tire-se d'ahi, menina Sarah... Para que se está a affligir mais?... O que tem de ser será... Tenha coragem. Talvez se salve... Está muito mal, é certo. mas tem estado assim gente, que ainda vive... Então, seja mulher... Se o sr. Pedro a vê chorar, peor... Vamos rezar, vamos... Não vê que está tão fraca?!... Quer adoecer... Assim não a cura, decerto... O que está escripto tem muita fôrça... Vamos lá, ande... pela saude da pobre Joanna!...

— Deixem-me; era o que Sarah respondia a quanto lhe diziam. E não poder estar junto d'ella!... Talvez me queira falar!... Que desgraça! que desgraça! Eu morro tambem! Eu não posso viver sem a minha querida irmã...

Mas, as duas mulheres foram levando-a para o seu canto, e alli, ellas e outras a rodearam, beijando-a, dando-lhe esperanças e conselhos, citando exemplos... Era tudo baldado.

— Mas deixem-me, senhoras, deixem-me... Obrigada... deixem-me chorar.

— Frei José, lembraram-se de dizer ao frade, que continuava, senão rezando, pelo menos em attitude de o fazer, dê consôlo á pobre menina, dê, frei José...

— A dôr é surda, não me ouviria... é melhor que chore. Ha palavras de consôlo que revolvem feridas do coração... Recolham-se, senhoras, e façam como eu... Isto é como quando treme a terra e se illumina o céo. E' tão incerto o perigo que não sabemos como fugir-lhe, ou tão certo que é inutil procurar evital-o.

As attenções ficaram de novo suspensas.

Na alcôva passara-se algum facto decisivo.

Todos os olhares se cruzaram e ficaram parados.

Só frei José poz instinctivamente as mãos como se tivesse visto fusilar um grande relampago.

Quanto estariam soffrendo a pobre Joanna e seu filho!

Que supplicio, que torturas inventou a natureza para estes dois terriveis momentos da vida — o primeiro e o ultimo! O que ouviu a piedosa gente foi a coincidencia d'esses dois momentos, annunciada por dois gritos — um, rouco, abafado, como se a morte estivesse lá dentro empolgando uma victima; o outro agudo, trinado, vigoroso, insistente, como se a vida tivesse soprado nos labios d'uma creança. Um era um grito de soccorro, o outro um hymno de victoria! Um parecia o gemido que solta quem se precipita n'um abysmo, o outro o riso trémulo de quem se sente voando.

Pareciam duas explosões — um trovão e uma girandola! N'aquelle templo tão cerrado ouviu-se ao mesmo tempo — *miserere*, e *gloria in excelsis*.

Eram inconfundiveis . tão differentes um do outro, quanto differe o abrir da sepultura do embalar d'um berço!

Esses dois gritos não prenderam a attenção da boa gente, que tanto se interessava pela vida de Deborah.

Abriu-se novamente a porta, e mestre Jeronymo disse:

— Frei José, podeis vir, chegou a vossa vez. Trazei a uncção.

— Ha quem se confesse? perguntou frei José.

— Não; ha quem commungue. Trazei, frei José, a primeira, e a extrema uncção...

O frade desappareceu rapidamente da porta da alcôva. Sarah, que tudo ouviu, soluçou mais afflictivamente.

Ouviu-se então, lá dentro, uma reza muito triste...

As mulheres cá fora segredavam, receosas de que Sarah as ouvisse, como se a pobre irmã não tivesse já a certeza do desastre que a ameaçava!

Sarah, através da porta cerrada, estava vendo tudo que se passava lá dentro, como se vê o rosto d'uma mulher através d'um véo com que ella procura occultal-o.

A faina que se anima com a chegada da morte, é tão irregular e incerta, cheia de longo silencio e de gritos afflictivos, que bem faz lembrar uma noite de tempestade, em que o perigo e o medo não procedem da escuridão, mas da luz, e em que o trovão se ouve depois de ter descido o raio!

Quando na alcôva de um moribundo se accendem muitas luzes, é que o vendaval se anima; quando a dôr faz explosão é que a victima já está fulminada!

Sarah ouvira os estampidos d'aquella borrasca... Contra Deborah?

Devia ser assim. Pelo menos nas lagrimas, que enchiam os olhos de Sarah, desenhava-se a scena.

Nem Pedro nem Joanna choravam. Quem lucta não tem tempo para chorar. Depois de vencidos, sim... Se não se ouvia o soluçar dos cariciosos enfermeiros, era evidente que Deborah cahira ainda viva... Bruxuleava-lhe o espirito como a luz de uma lampada sem alento.

A doente devia estar de costas, com os olhos mal cerrados, n'aquelle socêgo milagroso que vem depois de uma agonia muito violenta.

Quando um filho irrompe no seu primeiro chôro, desapparecem os gemidos maternaes...

Chega-se até a acreditar que eram os lamentos do filho que irrompiam dos labios da mãe!

Se vae morrer a que venceu a grande lucta, é que a vencedora é victima de alguma traição...

Morrer depois do parto é o supremo martyrio da mulher!

Quem ha de esperar que desfalleça para sempre a que resistiu a dôres tão cruciantes? ..

Parece que se morre da vida, visto ter-se vivido durante aquella morte afflictiva, tremenda!

Perder a propria vida, serenamente, quando se tem ao lado uma vida nova a que se deu origem, faz descrer da justiça do Creador!

Morrer durante uma batalha, comprehende-se; mas esmorecer n'um hospital de sangue, longe do inimigo, no silencio da paz, afagado pela caridade, soccorrido pela sciencia!...

Ouvir e vêr a creatura, que tanto tempo guardou, e ficar depois inutil e perdida ao lado do filho, como fica estalada e esquecida a casca d'um ovo!...

Passar uma noite inteira affrontada pelos relampagos, atordoada pelos

trovões, batida pelo vento, a tremer de medo, e morrer depois á chegada da bonança nos primeiros alvôres da madrugada!...

Como isto é triste e parece injusto!

Viver algumas horas, com o olhar desvairado, o corpo a desmanchar-se, cheia de lagrimas e suor, sem posição, sem fôrças, sem esperanças, rezando e gemendo, pedindo soccorro a quem a olha, sentindo dentro de si a derrocada tremenda do seu organismo... e viver!

E quando tudo se aquieta, e o peito respira, e o leito, que era de pedras, parece ninho de frouxel; e o olhar, que desvairara, parece adormecer, e o corpo, que se desfazia, se concerta, e o coração se applaca, e as lagrimas ficam suspensas a refrescar as palpebras e as faces, e o sorriso desponta nos labios que se alizam!... morrer?!

Ter vinte annos, ser formosa e boa, amante e amada, vêr a illuminar-se o horizonte do futuro e a fugirem as sombras do passado, e uma lei, uma necessidade, um acaso, uma fôrça que se chama Providencia, um juiz que se chama Deus, manter, ajudar, dar energias excepcionaes ao sangue, aos musculos, aos nervos, para resistirem, desde a primeira contracção, que assusta, até a ultima dôr, que enlouquece!... e, por fim morrer!

Terrivel mysterio da natureza, que faz d'um filho o algoz de sua mãe, como se os pequenos bandidos pagassem ao asylo do seio materno, com a maior ingratidão — isto é, roubando descaroavelmente a melhor porção d'essa existencia!

Andar n'um oceano de dôres, sem saber fluctuar, e, á fôrça de instincto, fugir ao pelago e ganhar a margem, e depois, sobre a praia, descançando na areia, aquecendo ao sol!... e morrer!

Despedir-se do mundo n'um tristissimo anceio, pedindo a vida em olhares cheios de fé fixados em Jesus, na Virgem, em santos diversos, na chamma da lampada — gemer de joelhos e mãos postas, chamando Deus e o physico, bebendo quanto lhe chegam aos labios, sempre agarrando-se á vida que foge, que volta, que torna a fugir — e, depois de a agarrar, e ao cahir com ella tranquillamente sobre o travesseiro macio e fresco... morrer!

Sarah, cá de fora, olhando á porta, viu tudo isto!

Viu até Pedro, com o olhar indeciso, sentado sobre o leito, tomando o pulso a sua mulher, e a debruçar-se depois sobre ella, enxugando-lhe os cabellos, beijando-a na face, a dizer-lhe promessas de amor, a pintar-lhe felicidades futuras, a pedir-lhe coragem, paciencia, resignação!...

Via a pobre Joanna, ora d'um lado, ora do outro, impotente contra tamanho mal, ora sorrindo, ora chorando, acudindo de prompto com o que

o physico reclamava espreitando a doente no olhar, no gesto, na posição...

E ella, alli, immovel, inutil, recordando a desgraça de sua irmã, que se via perder-se, sem ter ao menos a consolal-a a idéa de que soffria e morria, n'aquelle mar de dôres, por ter andado nas azas do amor a esvoaçar estonteada!

Aquella mãe, era uma mãe qualquer... Era uma martyr da maldade dos homens posta ao serviço d'uma religião fanatica, brutal, que Deus deixava tripudiar em seu nome, sem acudir ás victimas, que criam n'elle e que debalde o invocavam!

Sarah, que começara por ajoelhar deante da cruz, acabava por blasphemar contra ella!

Na sua alma varonil operavam-se terriveis transformações. A creança sentia-se mais que mulher... ia tomando as proporções d'uma heroina!

Falavam-lhe de todos os lados, e ella nada ouvia... Pairava-lhe no espirito a idéa de fugir áquelle desenlace... O que ficava ella fazendo n'este mundo! Morta sua irmã, que lhe restava?

Pedro ia partir, Jacob ia morrer... Porque não havia ella de morrer tambem! Se não morresse n'aquelle momento, morreria pouco mais tarde, e depois de ter soffrido muito, muito! Bastava-lhe a saudade para a matar devagar. A sua má estrella brilhava sinistramente... Recordando os seus ultimos dias, via apenas uma série de desgraças, que cresciam e se multiplicavam. Pedro ia passar o resto da vida chorando aquella perda, e ella ficaria ouvindo, a todos os momentos, as palavras tristes e fatidicas de sua irmã.

Aquella casa sem Deborah ia converter-se n'um tumulo!...

Para que havia de ficar sepultada em vida? Para que? O que lhe faltava? Coragem! Morrer como Deborah era difficil, mas morrer n'um suicidio era facil, rapido... Chegava a ser uma consolação... Ia adormecer! não veria sua irmã no esquife, não teria que apagar os échos da sua voz...

A açotéa estava alta, e a rua do lado do mirante descia muito, augmentando a altura da muralha onde ella costumava abraçar sua irmã á sombra dos cactos vermelhos como o sangue...

A noite estava escura. Onde ha trevas não se pode medir o abysmo... Subir alli rapidamente, aspirar uma flor, como quem aspira a essencia de Deus, e depois lançar-se no espaço, era fechar com chave de ouro o martyrio da sua vida...

Sarah limpou os olhos com um lenço de linho e rendas, levou á bôcca uma infusa que continha agua pura e fresca, e um pouco cambaleante, dirigiu-se á escada interior que communicava com o terraço...

Já se não ouvia a voz de frei José...

Sarah lançou á porta da alcôva um olhar de despedida, demorado, profundamente triste... Depois lançou-se na sombra do corredor!

Ainda não começara subindo quando Joanna appareceu, pallida e trémula.

— Sarah, Sarah, minha querida Sarah...

Sarah parou.

— Que me quereis, Joanna?

— A nossa Deborah...

— Acabou, não é assim?

— Não, louvado Deus! Está muito mal, muito, mas pede-te que a vás vêr...

— E' o seu ultimo adeus?

— E' mais. E' o seu testamento.

— Vou partir com ella, Joanna: não preciso de me despedir. Nem acceito a saudade que me lega.

— Vem, filha, tem coragem...

— Ah! Joanna, disse Sarah, lançando-se-lhe nos braços; não me enganas? Deborah morreu...

— Não, Sarah, não te engano. Deborah vive... que não morrem os anjos, mas transformam-se...

E Joanna impelliu Sarah para dentro da alcôva.

Sarah entrou e logo viu sua irmã reclinada no leito, como se estivesse n'um esquife... branca como marfim, olhos cerrados, mãos postas sobre o peito... o corpo muito direito, ao centro da cama, os pés muito juntos, erguendo a roupa...

A luz que lhe illuminava a cabeceira produzia-lhe um abysmo de sombras nas orbitas encovadas. As oscillações da luz faziam mover as palpebras, como se a pobre martyr ainda pestanejasse...

Pedro tinha a cabeça pousada no espaldar do leito, e o corpo de pé, como uma sentinella fatigada que tivesse adormecido encostada á lança...

Frei José, de joelhos, rezava ao Christo da parede, tambem cheio de sombras e de luz, e tão pallido e tão morto como o corpo da pobre noiva.

Pedro, mal viu Sarah, foi-lhe ao encontro, e fez bem, que, se não chegasse a tempo de amparar sua irmã, ella teria escorregado pelo braço debilitado da amoravel Joanna.

— Minha querida Sarah, disse elle, enlaçando-se no pescoço da afflicta creaturinha, como pode uma creança agarrar-se ao pescoço de sua mãe, a nossa querida Deborah voou... O que alli vês é a plumagem apenas...

— Pedro, interrogou Sarah, sem lagrimas, mas com a voz trémula — que nos cumpre fazer?

— Adorar a sua memoria!...

— Não; acompanhal-a na sepultura...

— E tens a certeza de que a alcanças ainda? Ah! minha boa irmã, que nem esse consôlo da fé a minha desgraça me deixa ter!... Temos de viver emquanto a nossa existencia fôr necessaria... Precisamos de ficar untos... Não vês, minha pobre mãe? Olha para ti, creança... Quem te ha de amparar, se eu partir no rasto de luz que ella vae deixando.

— A minha missão está finda, Pedro...

— Na tua edade?...

— Não era uma creança essa martyr que nos deixou? Devo seguil-a, não ha dúvida... Deviamos, talvez, ter seguido o velho Lopo, n'aquella hora de sangue e lôdo. O amor prendeu-nos... O de Deborah por ti, Pedro, e o meu por Deborah... Agora acabou-se tudo... Partiram-se as ultimas raizes que me prendiam á vida. A primeira saudade fere-nos, mas depressa a mocidade repara esse golpe... A segunda nem já a saudade pode curar...

— Bem sei que nada te mereço, Sarah, mas não é de mim que se trata. Preciso da tua vida, reclama-a a memoria de tua irmã, exige-a a doutrina da tua egreja...

— A dôr desvaira-me, e até a crença me vae fugindo com a esperança. .

— Vamos, minha irmã, beija pela ultima vez a minha pobre noiva, que o foi do vicio e não o logrou ser do amor... Vê, na serenidade d'aquelle rosto, quanto ella soffreu resignada... Talvez te escute ainda! Talvez ainda adivinhe o teu heretico pensamento!... Que lagrimas ella choraria se te ouvisse dizer que pensas em abandonar a velha Joanna!... que ainda resiste porque ficas a seu lado, mas que morreria de dôr, se eu a deixasse só e esquecida, sem os teus carinhos, n'esta babylonia onde o fanatismo mais brutal anda a queimar os corpos e a gelar as almas... Pela vida de minha mãe, Sarah, resiste, vive, sê-lhe cyrinéo n'este immenso calvario... Junto d'este leito, como se estivessemos aos pés d'um altar, jura-me que me pagarás a vida que te salvei com a vida de Joanna...

Sarah encaminhou-se para o leito, affectando serenidade e frieza; mas, mal se abeirou do rosto gelado de sua irmã, rompeu n'um chôro tão abafado, tão afflicto! beijou tanto, n'uma torrente de pranto, o rosto de Deborah, que, ao ser levantada pelos braços de Pedro, ficou transida de espanto e medo!...

Deborah parecia chorar!...

E' que pelas faces pallidas, como se fôssem as proprias, corriam as lagrimas com que Sarah as banhara!...

Então Pedro, erguendo carinhosamente Sarah nos seus braços de

athleta, afastou-a do leito e foi depôl-a cuidadosamente junto d'um pequenino vulto enroupado, que respirava sobre a tampa almofadada d'uma arca...

— Precisas de viver, Sarah. Essa creança não é minha. E' a herança de tua irmã... Pertence-te.

E Sarah, ouvindo estas palavras de Pedro, descobriu o pequeno corpinho rosado, como um cherubim de capella, e ficou a contemplal-o n'uma attitude de curiosidade e de compaixão...

Entretanto, a turba da ante-camara invadia a alcôva, e as vizinhas, alarmadas ou commovidas, ficavam-se a respeitosa distancia, umas soltando lamentos, mais declamadores que apaixonados, outras, olhando fixamente o cadaver — diziam com um leve sorriso, meigo e triste:

— Como ella está bonita!

E tinham razão estas ultimas...

A morte nem sempre afflige; até ás vezes consola! nem sempre é triste e feia: quantas compõe os rostos que a vida transtornou, e alegra aspectos que foram sempre sombrios e carregados? Ha cadaveres que parecem mais animados que corpos vivos, mais illuminados que as estrellas do céo!

Deborah estava mais bella que n'aquelle dia em que a vimos entrar na egreja de S. Domingos; mais serena que quando andava em passeio na cêrca do mosteiro; mais meiga que quando falava d'amor ao seu Pedro nos curtos serões da sua casa; mais casta que aos pés do altar no dia dos seus esponsaes!

Deborah tinha um alado sorriso a roçar-lhe os labios, como se estivesse vendo os seus amores...

Parecia agora que estava livre de espectros e phantasmas, e tinha até o que quer que fôsse que lhe illuminava o rosto, que parecia reflexo d'uma alegria intima, como se tivesse avistado de novo o velho Lopo, em espirito, no gôso da bemaventurança celeste!...

Estava tão quieta, tão socegada, como se não recordasse já a matança dos christãos-novos, nem sentisse a queimar-lhe as faces os beijos de fogo do frade maldito... Desapparecera aquella sensibilidade exaggerada que lhe fazia contrair todos os membros ao sôpro da briza, ao grito d'uma creança, á queda d'uma folha!...

Agora é que se via bem quanto ella era bonita! Como lhe brilhava o cabello, em ondas que se espreguiçavam sobre a roupa branca do leito! Como lhe ondeava o lençol sobre as curvas do seio! Formavam-lhe as sobrancelhas e pestanas um tôldo de lucto nos olhos adormecidos.. Parecia dormir cheia de saude, e sonhar cheia d'amor!

Já não soffria! Emmudecera aquella voz lacrimosa, socegara aquelle arfar do peito, desapparecera aquelle terror constante... Fôra tão pouco feliz a pobre Deborah, e estava agora tão calma e tão consolada!

Não andavam de rastos os mendigos a recordar-lhe torturas, não lhe era de espinhos a corôa de laranjeira, nem mortalha o habito de noviça... Parecia que, se agora quizesse falar de esperança, de felicidades, de amores, de esquecimento, lhe sahiriam firmes e doces as palavras, como se nenhum receio as embaraçasse!

Não tinha no rosto o menor signal de ciume! Tinha alli Pedro e Sarah, muito proximos, e ella nem os olhos abria para os contemplar de soslaio! Parecia que o espirito, sempre escravo, lhe sahira do corpo, e que andava por fora a illuminal-o com a luz da liberdade!...

Estava deitada de costas e o corpo tão leve e tão gentil, parecia erguer-se, como se as azas lhe estivessem crescendo, ou desenrolando-se...

Se a creança soltava um vagido, olhando-se bem, chegava-se a perceber que ella, se não voltava a cabeça, pelo menos, sob o véo das palpebras, movia docemente o olhar...

E' que a morte não é tão feia como se diz... Pelo menos para os infelizes, parece ser um balsamo consolador para todas as chagas da alma!

E por isso é que a boa gente que chegava junto de Deborah, soltando gemidos alarmantes, ao vêl-a, recuava um pouco, e mudando em sorriso a tristeza do aspecto, dizia, como se lhe invejasse a paz angelical, seraphica:

— Como ella está bonita!

E assim veiu o silencio dominar aquella scena dolorida e religiosa, em que por muito tempo se não ouviu nem um soluço, nem um gemido.

Havia alli, como n'um templo, o extasi da adoração!

Pedro, de pé, braços cruzados, cabeça pendida, olhava Deborah, como se quizesse com esse olhar recordar a sua ventura de noivo, e Sarah e frei José, ambos de joelhos, um a um lado e outro a outro, rezavam, aquella á creança que nascera d'um martyrio e d'um crime, e este a um Deus, que morrera de tudo isso.

De repente, aquelle silencio foi interrompido pelo ruido d'um beijo, ou de tres, n'um unisono de surprehendente effeito: — Pedro collara os labios febris nos labios gelados de Deborah, dizendo *amor;* Sarah dava um beijo de gêlo nos labios quentes da creancinha, dizendo — *perdão,* e o frade, ao erguer-se, punha os labios sêccos e frios nos pés de marfim da imagem crucificada, dizendo — *Fé!*

Os outros fieis d'este templo rezavam por alma de Deborah, e, sempre que se interrompiam, era para dizerem uns aos outros:

— Não vêem como ella está bonita?

XLIV

A reacção

Havia já tres mezes que se tinham extinguido as ultimas esperanças de que a Inquisição fôsse contrariada nos seus brutaes designios.

A morte de Izabel, e de que resultara o governo esperançoso, mas ephemero, de Philippe I, não afastara por muito tempo do throno de Castella a figura negra de Fernando V.

O formoso marido da desgraçada Joanna pagou bem cedo com a vida os seus desatinos amorosos e as suas arriscadas aventuras.

Nunca ficou bem averiguada a causa do mallôgro d'um reinado que se iniciara tão energicamente contra as crueldades inquisitoriaes.

Contam uns historiadores que o rei fôra acommettido de uma doença grave ao sahir do jôgo da pella, muito seu predilecto; outros, que uma bem urdida conspiração o victimara com o veneno. Esta ultima hypothese é a mais acceitavel, e d'ella se encontraram vestigios valiosos na historia da Gardunha.

Como vimos, ao passarmos por uma d'essas sinistras assembléas, formadas de assassinos e ladrões, alli foi preparado esse trama de que resultou a morte de Philippe I.

Evidentemente, a Inquisição hespanhola, e principalmente a de Sevilha, instigada pelo arcebispo Deza, a quem a justiça do novo rei ferira em primeiro logar, não perdera tempo...

Como se não tratava de uma conspiração de musulmanos, ou christãos-novos, contra o scelerado Pedro Arbués, que um concilio romano não teve pejo de santificar, mas d'uma conspiração de todos os Arbués colligados contra o brando archiduque da Austria, a obra foi levada á cabo, com exito e segurança.

Philippe, de amoravel coração e indole generosa, tinha o animo fraco. A paixão exaggerada pelas mulheres e os vicios que o minavam, se não

obscureciam o entendimento nem lhe adulteravam a vontade, esterelisavam-lhe o esfôrço.

Julgava Philippe que bastava ser rei de Castella e Aragão para que os seus decretos fôssem cumpridos, e, assim, emquanto castigava os abusos, e de ánimo leve suspendia esses poderosos magistrados da Inquisição, deixava a propria vida e o governo dos seus Estados á mercê d'essas conspirações planeadas pelos mesmos que teriam de prevenil-as, ou julgal-as.

Assim se perderam todas essas generosas intenções, que decretavam amnistias e modificavam rigores.

Morto em setembro de 1506, o rei Philippe deixou os destinos da Hespanha confiados a essa louca, que o mesmo foi que confial-os aos antigos elementos reaccionarios, que tinham sempre adoptado uma politica sanguinaria.

E, assim, tendo governado apenas alguns mezes, se perdeu esse moço de 26 annos de edade, que, ao amor apaixonado da pobre Joanna, arrancou meia duzia de filhos, que se espalharam pelos principaes thronos da Europa.

Foi d'esse casal, formado por uma doida e por um estouvado, avesso ao trato da côrte e profundamente ignorante da arte de reinar, que resultou esta notavel galeria de principes:

Carlos, que foi 1.º em Hespanha e 5.º na Allemanha, em quem se reflectiram, embora attenuadas, as energias e os desfallecimentos de seu pae: Fernando, que occupou tambem na Allemanha o throno imperial de seu irmão: Leonor, a ultima mulher de D. Manuel e a primeira de Francisco I, e que, por isso, cingiu duas corôas em sua vida — a de Portugal e a de França: Izabel, que esplendeu com a sua formosura no throno da Dinamarca: Maria, que logrou essa e outras glorias no throno da Hungria: e, finalmente, Catharina, que se sentou na Alcáçova portugueza ao lado de D. João III.

E este principe, que podia ter transformado a face do mundo e aberto com a tolerancia o caminho da liberdade á consciencia humana, esterelisou-se n'uma vida de galanteios e em ameaças á tyrannia, que odiava, mas a cuja acção se esquecia de oppôr a correspondente resistencia.

Foi, por tudo isto, que a morte de Philippe produziu viva impressão em toda a Hespanha.

Em toda a Hespanha? Em todo o mundo catholico, se não nas altas classes dominantes que defendiam a politica do fanatismo, com certeza n'aquellas onde a Reforma começava a excitar os espiritos, e nas outras onde a intolerancia andava opprimindo e ameaçando.

Os judeus, os christãos-novos, os scismaticos, que sentiam a influencia

dos theologos e philosophos allemães, tremeram de susto ao saberem a triste nova.

Portugal tambem não foi indifferente ás consequencias d'esse crime. Folgaram com elle os negros conspiradores, que andavam em relações com a côrte de Roma, para compellirem D. Manuel ao estabelecimento da inquisição; e os infieis, que recordavam as matanças d'abril, e que tinham chegado a ver luzir-lhes uma estrella de esperança na corôa de Philippe, de novo se lamentaram, prophetisando novas vinganças e perseguições.

Imagine-se o que se passaria na alma d'esses miseraveis que tinham seus amores encarcerados nos muros do Santo Officio!

Durante algum tempo não houvera em Sevilha um auto de fé; muitos perdões tinham sido decretados, e, quer fôsse verdade quer não, voavam, por toda a parte, os boatos bem justificados de que tinham abrandado os martyrios do terrivel tribunal!

Os desgraçados, capturados depois da acclamação do herdeiro de Izabel, entravam no maldito palacio da Fé, com a fagueira esperança de que em breve se veriam restituidos á liberdade.

E, lá dentro, tinham mais luz os seus immundos cubiculos, pareciam mais fracas as dôres da saudade, e as que vinham do azorrague e de outros instrumentos de supplicio mais depressa esmoreciam. Pensavam no moço soberano como pensavam em Deus — e era d'elle que esperavam, a todo o momento, o perdão para os innocentes e o castigo para os algozes.

Quantas vezes os miseros condemnados, sabendo que ainda vivia Philippe I, se sorriam, confiando em que, d'um para outro momento, sentiriam desabar aquellas paredes ennegrecidas!

Quando se referiam ou inventavam intuitos do novo rei, logo o povo, na sua sábia previsão, observava entristecido:

— Em pouco tempo darão cabo d'elle... E' fatal! A Gardunha deve estar trabalhando para isso. Se el-rei não dá o golpe rapido e certeiro, estará perdido... E com elle a justiça em Hespanha!

A historia da paixão de Joanna, a partida para Flandres, as infidelidades do rei, os seus desatinos e aventuras de amoroso, os seus exercicios e jogos, e a apregoada debilidade do seu organismo — nada d'isto era acreditado.

Tudo isto era attribuido aos sinistros intuitos de preparar a morte proxima do principe, cuja vida era uma ameaça constante para os frades inquisidores.

Quando chegou a Sevilha a narração d'esse funebre cortejo, em que a figura da allucinada viuva occupou o primeiro logar, coberta de lucto e

banhada de lagrimas: d'esse passeio immenso de Miraflores, ao pé de Burgos, até Granada, o coração do povo sevilhano estremeceu e parou!...

A morte d'aquelle rei era a morte da ultima esperança d'aquella infeliz população!

Na gente do Santo Officio é que a impressão foi bem diversa. Os dobres da cathedral repicavam no coração da fradaria e familiares — davam-se, intimamente, graças ao Céo, nas exequias rezadas em todos os templos de Sevilha!

Parecia ás victimas da reacção catholica que ouviam resfolegar de alegria o peito dos esbirros e dos juizes da gente negra!...

O jubilo foi tanto n'essa gente, que lograra desfazer-se do rei generoso e brando, e era tal o requinte de maldade com que elles se consolavam, que por todos os carceres do Santo Officio ella andou a dar a triste nova aos martyres que só viviam da esperança, morta com essa morte.

Jacob foi dos primeiros a ser visitado por um d'esses solicitos alviçareiros. Entrava essa participação na grande série de martyrios moraes, em cuja invenção aquella quadrilha infame era notavelmente fecunda.

— Jacob, disse o cynico mensageiro, entrando de surpresa na camara da Misericordia, venho dar-vos uma triste nova...

— Está de saude o nosso inquisidor geral?

— Ès ingrato, Jacob: a saude do nosso chefe superior tem sido garantia dos privilegios que tens gosado...

— Seja como fôr... Já que annuncias desgraça, não te detenhas. Espero tudo, e nada bom... E da tua bôcca melhor é conhecer um desastre, que uma felicidade. Tens a mentira por habito... Talvez que o mal seja falso: novas de boa ventura em teus labios não passariam d'uma ironia pungente.

— Se não queres, nada te digo do que se passa de novo, e apenas te aconselharei a que sejas mais cauteloso... Ha sombras mais negras no futuro da tua existencia.

— Bem, dize — se não ficar sabendo o que se passa lá fora, comprenderei, ao menos, o interesse da mentira cá dentro, para meu martyrio e desespêro...

— Está bem — é teu dever rezar esta noite pelo formoso rei de Castella e Aragão, o archiduque d'Austria, o sr. D. Philippe I, que Deus chamou á sua gloriosa presença!

— Morreu Philippe?... Quem o matou?

— A justiça de Deus...

— Se não a traição d'algum frade...

— Não é isto da tua competencia. Granada acaba de receber-lhe as

cinzas... Estão bem em terra de mouros os restos d'um rei catholico que se apiedava dos infieis... Fica-te em paz, Jacob Adibe, e reza por el-rei ou pelas tuas perdidas esperanças. Deve a tua alma julgar-se viuva, como viuva está a desvairada filha de Fernando e Izabel!

Jacob ficou só, mais triste que nunca, que a ser verdadeira aquella noticia ia-se-lhe rapidamente a sua ultima esperança!

Philippe I, o filho do imperador Maximiliano e de Maria de Borgonha, era a unica esperança para esses desgraçados que gemiam nos carceres da Inquisição. Era elle generoso, amavel e bemfeitor, e instruido tanto como o podia ser um principe n'aquelle tempo. Assim o dizem diversos chronistas, e assim o comprovam diversas tentativas por elle feitas para extinguir o predominio d'essa nefanda instituição.

As suas relações com Luiz XII, que não foi decerto o peor Luiz de França, o fazia sympathico e estimado.

Jacob pensou em tudo isto: Philippe desvendara demais os seus planos para que os inquisidores não tivessem artes e tempo para lhe destruirem a influencia, se elle fôsse transigente, ou a vida, se elle porfiasse.

Elle porfiou, logo morreu.

D'uma insignificancia por signal: d'um copo d'agua que bebeu e que a tradição diz ter sido envenenado com todos os cuidados da Gardunha, o annexo occulto do Santo Officio!...

Philippe I, o amoroso, o voluvel, o doido, emquanto não pudera esmagar a tyrannia inquisitorial, negociara, como se já reinasse Henrique VIII na Inglaterra, o acolhimento benevolo de todos os fugitivos das Hespanhas. O caracter inglez se revoltou energicamente contra a instituição do Santo Officio. A Inglaterra fez os mais terriveis prognosticos sobre o futuro da Hespanha, e, para contrariar essa desgraçada politica, a Gran-Bretanha abriu todos os portos aos miseraveis que emigravam da Peninsula.

Até essa attitude da Inglaterra iria modificar-se com a morte do archiduque...

A Inquisição, desprestigiada depois de Torquemada, avigorou-se com o franciscano Ximenes, que era cardeal e ministro.

Ximenes fez mais que Torquemada, que matou hespanhoes, que matou a Hespanha.

Jacob calculou bem o que seria o reinado de Joanna... um periodo de temivel reacção. Philippe fôra victima dos seus inimigos e Joanna ficaria á mercê do partido clerical. O fato da rainha, e, mais que o luto que lhe cobria o vulto, as trevas que lhe escureciam a razão, fal-a-hiam um instrumento passivo da vontade d'essa cohorte de tyrannos e fanaticos.

As negociações da côrte portugueza iriam abortar definitivamente...

A Inquisição voltaria a ser o que tinha sido... Detivera-se para dar o salto...

Jacob, até alli tão poupado, ia passar a ser victima. Se Philippe morrera não havia dúvida de que elle iria morrer tambem...

—E ainda bem, pensava elle, para que hei de viver, se já não tenho quem me prenda á vida? A côrte de Portugal adormeceu... Quer viver bem com Castella e com Roma, e não pode estar a quebrar lanças por um judeu, quem tantas cruza com os infieis em tantas partes do mundo! Quem me entregou com traição, não pode salvar-me com sacrificio! Uma conquista está já alcançada — quebrantaram-me o ánimo. Nem sequer penso em resistir... Ceder, não cedo... Quem quizer vencer-me o caracter, ha de primeiramente destruir-me o corpo. Uma só esperança poderia fazer-me amar a vida: a apparição de Sarah; mas a sua apparição real, que em sonhos a vejo todos os dias, e lhe falo, e até a adoro! Mas tudo isso não passa d'um sonho .. Sarah compadece-se talvez de mim, mas não me ama, que, se me amasse, me mandaria phrases de consôlo... Pepe m'as traria... Ouvi hoje falar n'um auto de fé, destinado a lamentar a morte de Philippe... Assim lhe infamam a memoria, os perfidos algozes!... Sopra já uma aragem mais forte sobre a fogueira do patibulo, retingem-se á pressa os emblemas diabolicos da *carocha*, e amiudam-se os supplicios de confissão! Não me illudo: a minha sorte está decretada .. Bem disse o esbirro: morreram em Granada as minhas ultimas esperanças!... Quantas vezes tenho adormecido a pensar no perdão, isto é, na liberdade, que eu aproveitaria, não nas minhas vinganças, mas nos meus amores...

A noticia da morte de Philippe poderia ser falsa; mas era provavel que fôsse verdadeira. Envenenado, ou não, a verdade era que um principe bom cahira nas mãos dos seus inimigos... E era o que poderia chamar-se boa presa... Na Inquisição houvera férias... Muitos dias se tinham passado sem que houvesse supplicios na sala das torturas. Ouvia-se apenas o ranger de dentes dos frades contrariados. — Agora andavam de novo os frades alegres e ameaçadores.

Bem se via que a adversidade colhera as azas e cahira sobre as victimas da Inquisição!

A onda do odio, tanto tempo reprimida, ia correr com impetuosidade e cahir no Santo Officio como uma avalanche indomavel!

Jacob pensava tudo isto, quando um frade do Santo Officio o veiu procurar.

—Jacob, disse elle, sinto ter de te dar a triste nova de que finda hoje a tua hospedagem na camara da Misericordia...

— Vindes dar-me a liberdade? . . .

— Venho buscar-vos para vos conduzir a um dos carceres privados, onde permanecerás, até que a justica de Deus vos chame á responsabilidade das vossas heresias!

— Aonde ides encarcerar-me!

— N'uma cella mais pequena do que esta, e onde estarás menos commodamente. E' isto signal, descança, de que está proximo o dia do teu julgamento. . .

— Ainda bem, frade, tenho pressa de ser julgado, que d'isso só pode resultar a absolvição proclamada pelos justos, ou a punicão sentenciada pela iniquidade! Estou ás vossas ordens.

— A'manhã comparecerás perante o tribunal, para que possas abjurar as tuas doutrinas. . .

— Comparecerei. . .

— E se te não penitenciares de tuas culpas e heresias, soffrerás as torturas que já presenceaste.

— Soffrerei.

— E, sendo assim, serás relaxado ao poder secular. . .

— Serei o que quizerdes. . .

— E morrerás na fogueira. . .

— Morrerei. . . Já vos disse — estou ás vossas ordens.

— Em poucos dias haverá em Sevilha um grande auto de fé; o primeiro depois que o mallogrado Philippe I subiu ao throno. Se tens pressa de liquidar o teu captiveiro serás incluido n'elle!

— Sim; tenho pressa. Não seria possivel economisar o tempo das torturas e ir logo á execução final?

— Não; o dever do tribunal é salvar-te a alma das penas do inferno. Morrer impenitente, é ter a eternidade em chammas. Martyrisado podes chegar a convertido, e, n'esse caso, o fogo que te reduzir o corpo a cinzas elevará a tua alma até Deus.

— E falam em Deus estes bandidos . . .

— Vaes ficar no isolamento mais rigoroso. Queres despedir-te de alguem?

Quero.

— Escreve, então. Será respeitada a tua vontade.

Jacob, pallido, mas sereno, sentou-se e escreveu n'um pedaço de pergaminho:

«Senhora. — Antes que o fogo me devore, vou ser encerrado n'um carcere, talvez sem luz e sem ar . . . Começa a agonia. A'manhã estarei doido, dois dias depois condemnado — pouco mais, e Sevilha vêr-me-ha

morrer. Acabou-se para mim a misericordia da Inquisição. Morro com a minha fé e com o meu amor. A confissão d'um moribundo não vos injuria: morro amando-vos. Quer me ameis quer não, se sois generosa, mostrae-me o vosso rosto á hora do meu supplicio. Vereis em mim duas labaredas — a que me ha de destruir o corpo, a que me ha de alar o espirito. Poucas palavras soltarei, entre gemidos, na hora extrema — Deus e Sarah, céo e terra — fé e amor!»

— Nada mais innocente, como vêdes. Fazei chegar isto ás mãos de Pedro Soares, cavalleiro portuguez, residente em Lisboa, e prestes a partir para a India, ao serviço de el-rei D. Manuel.

— Sera cumprida a tua vontade, Jacob. Agora vem. E' Deus que o exige.

E Jacob poz-se a caminho, seguindo o seu guia.

Desceram um e outro ao ultimo pavimento, que era subterraneo, e que apenas recebia, nos seus immensos corredores, a luz do dia, por umas frestas sujas abertas junto do tecto, e que, se estivessem á altura de permittirem que alguem d'ellas se debruçasse, apenas mostrariam pateos fundos como poços, e, como elles, humidos, escuros e limosos.

Nos échos d'esses subterraneos falavam gemidos que, por serem fortes e afflictivos, logravam fazer-se ouvir através das velhas e massiças muralhas!...

Eram ruidos tão fracos, esses que representavam gritos de desesperados, que se podia bem dizer que alli se sentia o silencio d'uma praia, a horas mortas: os murmurios que alli chegavam pareciam o rumor das ondas ao longe, no mar alto!

Nada mais difficil que descrever essas cavernas de Caco, a que a Historia chama muito singellamente os carceres da Inquisição!

Parecia, ao atravessarmos essa região de sombras, que se atravessava o exgôtto acanhado de uma cidade pequena, dos nossos dias.

De que era o chão? Quem nos diz que materias o formavam, se a agua negra que n'elle escorria tanto podia ser agua da que descia pelas paredes tôscas, como as do interior de uma gruta, quanto vasa correntia de uma vala alimentada por sentinas e estrumeiras?...

Nos muros d'essas galerias, mais negras que esses muros, se abriam sombras profundas indicando communicações através das muralhas colossaes.

Era n'essas sombras que existiam as cellas dos miseraveis, que, se resistissem a tal atmosphera de miasmas, iriam purificar o corpo nas chammas d'um auto de fé!

Era tão extensa e tão negra essa galeria, que chegava a parecer

pequena, porque apenas se via n'ella o pedaço em que se estava. Pela corrente d'ar abafado e quente que de longe vinha e que proseguia além, é que se podia avaliar aquelle immenso caminho direito, ou em cotovellos e torcicollos, e que amparava nos alicerces o velho edificio sevilhano, que os mouros tinham erguido para sua mesquita, e que o tempo e a fatalidade convertera em catacumbas de supplicio e sepultura do islamismo e do mosaismo perseguidos e captivos.

Sentia se esvoaçar nos recantos da abobada passaros da côr da noite, e andavam pelo chão e paredes reptis que rostilhavam...

A voz mais fraca tinha échos sinistros, e o chapinhar de pés humanos fazia lembrar o salto das rãs em charcos lodosos!

Se abrissemos uma d'essas sombras mais pesadas, como se quizessemos fugir para algum affluente d'esse rio pestilento, veriamos uma cavidade feita na muralha, e onde um homem apenas poderia caber de pé, com a cabeça mal erguida, ou sentado com as pernas cruzadas.

Dava-se a estes buracos, com mais apparencia de covil de feras que de prisão de homens, o pomposo nome de cellas!...

Por que lhe não chamavam sarcophago, carneiro, visto ser alli impossivel a vida?

Entrava-lhe o ar por uma fenda estreita, frio como o gêlo e humido como a neblina.

— Aonde me trazeis, frade? Mal vos vejo e mal vos sinto n'este inferno sem fogo e sem luz! disse Jacob.

— Ao logar mais afastado do bulicio e dos prazeres do mundo, onde podes com mais fé e saudade chorar a perda do rei magnanimo.

— E aonde me quereis metter?

— N'este esconderijo, onde não chegam os murmurios das paixões, e onde a consciencia estará tranquilla.

— Mas isto é a morte, frade!

— Qual morte nem meia morte! Aqui se vive annos, porque se come e respira.

— Aqui?...

— Sim...

— Sobre o chão humido, encostado á parede salitrosa, exposto ás facadas d'aquella fresta, bandido?

— Uma delicia, Jacob! Onde cabe um corpo só, não pode estar o orgulho e a vaidade, que são coisas que tomam muito espaço! O orgulho é um atavio que nos alarga a estatura, quando estamos em liberdade, mas que nos comprime a respiração n'um ambito acanhado. Se queres caber melhor, despe a arrogancia que te dilata, Jacob...

— E quanto tempo estarei aqui? disse Jacob horrorisado.

— Isso depende de ti. Amanhã, se quizeres, podes ir perante o tribunal denunciar teus cumplices e apostatar das tuas doutrinas.

— Isso nunca...

— Em tal caso, gosarás muito tempo os prazeres d'esta guarida, n'essa ociosidade de corpo, que fará trabalhar o espirito.

— E depois?...

— Depois ser-te-ha lida a sentença. .

— Condemnando-me?...

— Evidentemente! E logo em seguida, se tiveres bom empenho, e attenta a abjuração, que será tida como voluntaria, levar-te-hão em triumpho a morrer, como hereje, em presença d'uma piedosa multidão!

— Antes d'isso matar-me-hei...

- E como queres fazer isso?

— Como me aprouver.

— Não terás ferros, nem veneno, nem baraço com que possas fazel-o! Deus quer que expies as tuas culpas... Só Deus e a Inquisição teem o direito de privar-te da vida.

— Dize-me, fráde, não tem havido quem n'este inferno attente contra a existencia?

— Não seria a primeira vez. Esmagando a cabeça, batendo com ella nas paredes, ou abstendo-se o captivo de comer a ração diaria. De fome é vulgar esse caso... Ha quem prefira morrer, aqui, na sombra, de fome e de febre, a respirar o ar livre no dia da execução... Ainda não ha muito appareceram mortas mãe e filha... A mãe sugou o sangue da filha, que desfalleceu para sempre, e depois cortou uma arteria com os dentes .. Ora tu não tens mulher que te sugue... Tambem podes morrer de fome... Quando um condemnado não quer comer, não ha meio de o obrigar... Mas, não vale a pena. Todas essas mortes são peores que o garrote e o fogo. Querer ir além da Inquisição nos flagicios é ser mais rigoroso que ella.

— Conhecia já grandes monstruosidades, mas assombram-me as que estou vendo. E, pois, certo que estou n'um covil de feras?!...

— As feras nada te pediram: a tua salvação não teria preço, e nós dizemos-te por quanto podes salvar a alma já que tão levianamente quizeste perder o corpo...

— El-rei de Portugal não terá noticia d'este martyrio?

— El-rei transigiu em proveito da Fé. Não pede a tua condemnação, mas não protestará contra ella...

— Cobarde...

— Emquanto viveu Philippe, mostrou interessar-se pela raça proscripta e seus cumplices... Agora, o caso é outro... E' necessario recuperar o tempo perdido... A Hespanha pede um grande exemplo. Vamos, Jacob, entra na tua alcôva, e entra sem resistir, que em cada sombra d'este subterraneo está o braço d'um esbirro. Se és curioso, e queres aproveitar ainda o favor que tens gosado, posso mostrar-te a vizinhança em diversos lances da sua clausura... Para a esquerda e para a direita estão alguns miseraveis, que vão cedo ao auto de fé, por já não terem vida para esperar! Tambem era bom vêr as cellas que se abrem para receber os condemnados, que não teem o ar e a luz que te damos, e que ficaram de pé, na parede fechada para sempre...

— Para sempre!?

— Para sempre é um modo de dizer. Lá de tempos a tempos, abre-se-lhes a porta, para se tirar o esqueleto, direito, inteiro e bem articulado — um excellente apparelho para os physicos mais estudiosos...

— Tenho ao menos uma gôtta d'agua?

— Sem dúvida. Todos os dias o pão e a agua virão consolar-te. Consola-te com essa distincção. Ouves aquelles gritos na extremidade da arcaria? São d'um christão-novo, que ha tres dias não bebe, mas que tem tido manjares bem adubados com o sal do Senhor.

— Vamos, miseravel, cerra-me a porta d'este inferno. Pedirei a morte a Deus, se elle existe, ou se é capaz de se apiedar de mim...

— Blasphemas, mas és bom rapaz. Entra e accommoda-te, e entretem-te pensando em Moysés, que te perdeu, em Philippe, que não pôde salvar-te, e em D. Manuel, que só pensa nas embaixadas de Roma e nas esquadras da India.

Jacob entrou vagarosamente no seu cubiculo.

E a porta bateu logo, com estrondo, fazendo um écho prolongado n'esse abysmo de horrores...

O frade subiu novamente, e dirigiu-se ao cartorio.

— Posso expedir esta carta á pequena Sarah. A resposta chegará tarde. Os mortos não sabem ler... Mas, se chegar a tempo, melhor...

XLV

A confissão

Não pôde a Inquisição de Sevilha precipitar o processo de Jacob.

Apesar de tudo, a reacção hesitava um pouco em contrariar os desejos da côrte de Portugal ... Ceder a todas as solicitações do partido de D. Manuel seria demasiado. Ximenes não queria transigir, mas fingia que transigia. Desde que o fugitivo fôra, por forma tão irregular, confiado ao Santo Officio, evidentemente o governo portuguez apenas desejava salvar as apparencias.

Se Jacob fôsse victima d'uma pena cumprida dentro do palacio da Fé, nem a execução constaria, nem o rei de Portugal se julgaria responsavel, nem os fanaticos inquisidores poderiam queixar-se de lhes escapar a victima!

Todos os dias morriam captivos do Santo Officio antes das torturas e do julgamento.

Uma vida tira-se aos pedaços...

Emquanto a diplomacia entretinha negociações, ia-se cuidando em enfraquecer aquelle organismo e em esmorecer aquelle espirito.

Se o conflicto se tornasse mais tenso, a morte natural de Jacob poria termo áquelle com rara facilidade.

Bastava para isso que se aproveitasse o terror que resultara da morte de Philippe I, para ir reduzindo as commodidades, já escandalosas, concedidas a Jacob, em virtude das reclamações de Antonio Carneiro.

Foi o que succedeu.

Os altos poderes inquisitoriaes falaram aos ouvidos dos inflexiveis e mandaram que elles applicassem os tentaculos da justiça barbara ao coração do moço christão-novo.

A insalubridade da nova installação era bastante para atrophiar aquella existencia. Jacob não era leão para jaula tão acanhada. Alli o seu espirito ficaria gravemente abatido e o corpo adoeceria rapidamente.

Jacob amava, e, se do amor feliz se vive muito, do amor cheio de saudades e de desespêro se morre com rapidez.

Jacob não parecia o mesmo... Que differença entre o prisioneiro da camara de misericordia e o violento apaixonado de Lorvão.

Esmorecera-lhe o olhar, descórara-lhe o rosto, cavaram-se-lhe as faces, os cabellos tinham encanecido, em grandes laivos, e alquebrara-se-lhe o busto! No caracter já se anichara um pouco de resignação, que é a primeira fraqueza dos vencidos...

Calcule-se, portanto, que estragos devia fazer, n'aquelle corpo e n'aquella alma, a nova violencia a que se via condemnado o apaixonado de Sarah...

Passou a viver durante alguns mezes uma vida de moribundo...

Passou noites e dias a tiritar de frio... Só a febre vinha por vezes suavisar-lhe esta tortura.

Porque não podia comer o pão que lhe davam, esperou que a fome lhe trouxesse o appetite, e depois, quando quiz matar a fome, já esta se combinara com a doença, e reagia contra o pão negro...

A posição contrafeita em tão acanhado cubiculo aleijara-lhe os membros... Quando estava de pé, parecia um velho alquebrado; quando se deixava cahir no chão terroso e humido, ficava enroscado como um cão a dormir!

Tinha momentos de colera em que arrancava os cabellos da barba e lançava olhares de condemnação, para cima, na direcção da fresta gradeada, como se fôsse aquelle o caminho do Céo...

Outras vezes, esquecido de seus males, ficava absorto, com o sorriso nos labios, como se estivesse a gosar as delicias d'uma sonhada existencia!

E quantas, quantas! ao despertar d'esses sonhos, recordava a ventura perdida e as perdidas esperanças, e até o esquecimento que merecera aos que diziam defendel-o, e chorava!...

Chorava, ora o pranto dos fortes, que é apenas o excretar de lagrimas grandes, quentes, silenciosas, ora o chôro soluçante, convulso, ruidoso, como o queixume d'uma creança!

Uma ou outra vez vinham buscal-o e levavam-n'o á presença dos juizes algozes que lhe faziam sempre a mesma pergunta:

— Abjuras a doutrina que tens defendido?

— Reconheces a infallibilidade do Santo Officio?

E, elle, de cabeça abatida, olhar incerto, respiração offegante, no rosto as contracções das dôres que o affligiam, respondia sempre:

— Não, não. Já o disse mil vezes...

— Volta então para o teu covil, perro teimoso, e agradece á fraqueza da côrte de Hespanha não soffreres as provas mortificantes que haviam de te convencer...

E o desgraçado era de novo encerrado na sepultura dos vivos!

Ninguem pensava n'elle!

Ninguem lhe acudia! Ninguem! Nem Pedro nem Gil ensaiavam a sua influencia na Alcáçova! Nem Sarah solicitava a seu favor!... Até Pepe o esquecera! Talvez o julgassem morto!... Que de falsidades podiam ter sido inventadas!

Era isso, provavelmente...

Tinham-n'o escondido para que a mentira prevalecesse.

Pepe devia estar em Sevilha. Sarah devia pensar n'elle... Era impossivel que Gil Vicente e Pedro Soares o tivessem esquecido...

Se em Portugal ainda reinava D. Manuel, se este ainda ouvia os mesmos conselheiros, não podia a politica portugueza estar esmagada pelos interesses de Castella!

Mas nada d'isso o salvava, se acaso a sua morte tinha sido annunciada! E para que lhe servia viver? Estava morto... envelhecera em pouco tempo, e a velhice não reconsidera... Sentia nas articulações symptomas d'um grande mal, e no peito, principalmente no coração, havia estragos, que ás vezes se demoram, mas que nunca se curam!

Fugira-lhe o vigor do braço, a agilidade das pernas, aquella fôrça de ánimo que era a maior riqueza da sua mocidade! Só podia alimentar esperanças ideaes, sonhadas sempre, e nunca realisadas!... A sua pequena fortuna devia estar já confiscada... Velho, doente e pobre, já não devia pensar na pobre Sarah...

Além de que, se esta o visse, já não poderia amal-o... Elle tinha na fronte o duplo estygma da vida e da honra perdidas.

Estava alli para morrer lentamente, dorido, afflicto, desesperado, sem ouvir uma palavra de consôlo e de amor.

Ninguem lhe fecharia os olhos, nem lhe falaria de Deus... Lá fora não échoaria a sua ultima palavra...

Um dia o guarda, quando viesse trazer-lhe a triste refeição, achal-o-hia quieto, mudo, cego...

Leval-o-hia então d'aquella para outra sepultura!...

Quanto elle invejava a sorte dos outros infelizes, que em breve iriam ver de novo a luz do sol, e acabar no cadafalso a sua infernal tortura!... Ao menos, na praça pública, o povo saberia que elle tinha morrido, e como! Ao menos, n'um auto de fé, elle poderia esmagar, com as suas apostrophes, aquella cobarde tyrannia...

Mas alli, quasi ás escuras, morrer, n'aquella edade, com o coração cheio de amor, com a mente cheia de recordações! ... Era horrivel!

E quem sabe se a perfida inquisição até a sua memoria lhe iria deshonrar, annunciando apostasias a que elle, até aquelle momento, sempre fôra rebelde?! Nem essa gloria lhe deixariam os bandidos!

Era necessario morrer, e morrer depressa ...

Mas como? Mordendo os pulsos? E poderia elle operar assim, com resultado? Não comendo? Não seria essa a morte que estava provocando, e que tanto se demorava, e tanto o fazia soffrer?

Se lá fora rebentasse uma revolução? Se o povo, cançado de tanta tyrannia, se revoltasse?

Qual? O povo era fraco, ignorante e fanatico. Viu-se bem o que elle fez para vingar a morte de Pedro Arbués ... Se o povo conseguisse penetrar na inquisição, seria para chacinar mouros e judeus, innocentes e criminosos, que alli estavam atormentados. Bastava lembrar o que se passara em Lisboa... O mundo era todo um santo officio, isto é, um officio infernal!...

O melhor era aproveitar o primeiro dia em que voltasse a ser interrogado, arrancar a lança a um dos guardas e espetal-a depois no peito, no sitio onde o coração parecia querer parar ...

No meio d'este tumulto de idéas e de protestos, não faltavam tambem extasis religiosos, em que rezava com devoção e em que chegava a convencer-se de que a Providencia o ouvia e viria salval-o...

Assim viveu mais de tres mezes o infeliz Jacob.

Um dia, porém, quando mal tinha acabado o martyrio d'uma noite, longa e fria, como as noites de inverno, antes da hora da visita do guarda, Jacob ouviu que alguem lhe abria a porta da cella.

— Que haverá mais? Se fôsse a morte? disse elle animando o olhar, como se lhe sorrisse a melhor esperança ... Ella que venha, que não ha melhor graça do Céo que o termo d'esta agonia...

Um vulto, escondendo a cabeça na volta de uma capa ampla e negra, apresentou-se deante de Jacob.

Atraz do visitante estava um frade com uma lanterna na mão.

— Jacob Adibe...

— Sou eu, disse o prisioneiro.

— Não me conheceis?

— Como? se occultaes o rosto.

— Sou um amigo. Vêde.

E o embuçado, abrindo a capa, e pegando na lanterna que o seguia, applicou-a ao rosto.

O Jacob de Adibe — Sou eu, disse o prisioneiro...

— Conheceis-me agora?

— Sois um frade...

— É o que basta saber: dil-o a cara, e dizem-n'o tambem o habito e o coração...

— O coração! Ha d'isso, d'estas muralhas a dentro?

— Um pouco — não dos corações que salvam, mas d'aquelles que suavisam...

— Se não vindes salvar-me, para que me interrompeis o martyrio?

— Exactamente para isso — para o interromper... Embaraçar a dôr é annullar-lhe os effeitos.

— Depois de tantos estragos?

— Mesmo assim. A vida não é eterna — demoral-a é dal-a.

— Prefiro morrer depressa...

— É sempre esse o desejo dos fracos... Pareceis-me forte... por que não resistis?

— Resistir sem esperança?!

— A esperança é irmã gemea da vida... Mais que gemea, porque nasceram juntas e juntas morrem...

— Talvez tenhaes razão. Que quereis de mim?

— Escutar-vos...

— É tarde. Já me falece a palavra.

— Não quero escutar-vos a palavra; basta-me que vos adivinhe o pensamento. Tendes pensado!

— Muito!

— E quereis levar á sepultura esse pensar, depurado na solidão e no soffrimento?

— De que vos serviria conhecel-o? Que me aproveitaria revelal-o?

— De muito: sou um pouco theologo e um pouco physico; isto é, um pouco philosopho; melhor, sou um mystico humano. Ha physicos que estudam craneos, e philosophos que procuram verdades. Comprehendo os perigos que ameaçam a vossa vida; desejo conhecer as impressões do vosso espirito. Ha quem estude o cerebro dos garrotados; tenho estudado isso mas antes desejo estudar a alma dos desesperados. A vossa está no momento opportuno. Quereis abrir-me o vosso espirito?

— Por que me escolheis para esses estudos? Não haverá n'este inferno almas perdidas como a minha?

— Talvez; mas perderia tempo na escolha... Conheço a vossa: tem luz e tem fôrça; assim como nem todos os cadaveres servem para o estudo do organismo, assim nem todos os espiritos podem encerrar revelações...

— Não seria mais humano deixar-me em paz?

— Não, decerto; se eu me retirasse voltarieis ás vossas dôres, e o dia de hoje teria o mesmo numero de horas afflictas que teve o de hontem... Lembrae-vos d'elle. Foi horrivel; não é assim? No de hoje devereis abater os momentos em que houverdes conversado commigo. Alguem é uma distracção! Entreter o cerebro é adormecer o corpo...

— Vindes confessar-me?

— Não, venho confessar-me...

— Por conta do Santo Officio?

— Talvez. Isso pouco importa. Cumpro um dever do cargo, e satisfaço um desejo amoravel...

— E que uso fareis da minha confissão?

— O que fôrem idéas serão licções para mim, o que fôrem factos revelarei a Deus, por intermedio dos seus representantes...

— E a quem reconheceis como tal?

— Ao santo tribunal da Inquisição.

— Sois d'uma franqueza que assombra!...

— E de uma lealdade que me honra...

— Será. N'esse caso o que preferis? Factos?

— Não — idéas. Estaes prevenido... podeis dizer apenas o que vos aprouver... Eu, no vosso caso, diria tudo... Se não quizerdes, direis o menos possivel, mas a verdade. Bem vêdes que não trago commigo instrumentos de tortura...

— Dissestes — no meu caso... Sou então um homem perdido?

— Perdido...

— Não devo alimentar a menor esperança?

— Digo-vos como um physico — *Deus super omnia!*

— Mas dos homens já não posso esperar salvação?

— Não.

— Morrerei aqui?

— Infallivelmente.

— Frade, pareceis-me de marmore...

— Como as estatuas dos grandes esculptores, em cujas obras-primas ha carne que palpita e roupas que se movem... De barro foi o primeiro homem, e Deus insufflou-lhe a vida... Abri-me o vosso pensamento. Talvez que, ouvindo-vos, os veios azues d'este marmore se transformem em vasos de sangue vivo. Experimentae.

— A verdade ou a mentira em vossos labios parecem vir de um sabio, ou de um cynico...

— N'este mundo não ha verdade nem mentira; ha um misto de am-

bas, que se chama estudo ou curiosidade. Abri-me o vosso peito, Jacob. O momento é solenne!

— Por que? Acreditaes na morte?

— Tanto como na vida... Mas noto a transição por que passa a forma humana quando se abeira da sepultura... Ides transformar-vos, Jacob; legae-me a chrysallida do vosso espirito.

— Frade, dizei claramente: quem vos manda?

— O dever sacerdotal.

— Sois, pois, extranho ao meu martyrio?

— Estou tão innocente do vosso castigo quanto Deus...

— Basta; disponde de mim... podeis interrogar-me.

— Retira-te, disse o frade ao homem da lanterna; basta-me a luz do dia, que já nos visita...

O homem retirou-se, fazendo uma vénia, e a porta do carcere miseravel fechou-se com estrondo.

Jacob aconchegou-se a um canto, de joelhos, sentando-se sobre os calcanhares e reclinando as costas e a cabeça na parede ennegrecida.

O frade ficou de pé, cosido com a porta, com as mãos extendidas, na attitude de quem abençôa...

Nos rostos dos dois homens batia a luz frouxa, que se escoava da fresta...

O frade era um velho de cabellos alvissimos na barba e na cabeça, quasi calva.

Tinha um aspecto severo e triste, que não excluia um tom de bondade meiga e de justiça austera.

— Sois christão? perguntou o confessor.

— Novo... respondeu Jacob, fechando os olhos de cançaço.

— Como os velhos?

— Como alguns velhos; talvez como vós.

— Catholico, apostolico, romano?

— Como um filho de judeu...

— E's um submettido, ou um convencido?

— Sou um captivo...

— Credes em Deus Pae?

— Creio em Deus...

— No Filho e no Espirito Santo?

— Amo os filhos de Deus e creio no espirito santo das santas religiões...

— Que religião preferis?

— A de meus paes...

— Por que?

— Por ser a d'elles...

— Julgaes que ella seja a melhor?

— Nunca pensei n'isso. Talvez que meu pae não seja o mais perfeito; não é decerto o mais bello; e mais pobre e ignorante que muitos outros — talvez mais peccador... talvez!... A todos os outros o prefiro...

— Convém distinguir, Jacob; não nos pertence escolher a nossa origem...

— Assim será. Direi então: Filho d'uma raça proscripta, tenho por patria o mundo inteiro; não é assim? Pois bem, ao berço da minha raça, prefiro a aldeia onde nasci, a lingua que me ensinaram á lingua dos meus maiores! Veiu-me a fé religiosa no primeiro raio de luz que o céo me enviou, e confirmou-a o primeiro raio da luz da razão, que viu Deus acima das religiões, pequenas modalidades no culto e na fé.

— E' possivel que tenhaes alguma razão, Jacob. Mas, se em tão pequena conta tens a differença das egrejas, por que resistis á unidade da fé, da lithurgia, dos dogmas? Por que resistis á religião da vossa patria, da gente da vossa terra? Por que, não podendo fazer judia toda a christandade, não converteis em christianismo o mosaismo, que nem se accrescenta, nem logra firmar-se n'um canto da terra? Se todas as religiões servem a Deus, por que não reconheceis que só a mais forte, a que mais pode, a que mais acompanha a obra da conquista e da civilisação, é a eleita do senhor?

— Era assim o paganismo no velho imperio romano. E vós acreditaes que já então o fraco christianismo tinha a eleição do Céo? Se o christianismo se alliou com o catholicismo, que tem um throno em Roma e dispõe dos reis de todo o mundo, e apesar d'isso é tão pobre, tão fraco, tanto se arreceia, e taes resistencias affronta, por que inventou a Inquisição, este templo mais barbaro que os templos da Antiguidade, mais selvagem que os pagodes que vimos de descobrir? As melhores religiões, meu bom confessor, são as mais triumphantes, mas tambem as mais tolerantes... Mas, por quem sois, não me fatigueis com estes debates, que os scismas, que se manifestam no mundo catholico, hão de alarmar as consciencias e ensanguentar este seculo... Se podeis, dae alentos á minha alma e enchei-me de resignação, para fechar os olhos e os ouvidos aos erros e ás injustiças d'esta vida...

— E se eu vos pedisse, em troca da vossa vida, da salvação do vosso corpo, em nome da liberdade que choraes, que, vista a dúvida do vosso espirito e a intenção pacificadora de Roma e das côrtes suas alliadas, que declarasseis, em homenagem aos meus cabellos brancos, á minha fé pro-

funda e intransigente, que repudiaveis as heresias de que vos accusam, fal-o-hieis?

— Meu santo amigo, negae-me a vossa absolvição, que eu quero morrer impenitente. Se tendes coração, se amaes a Deus, enforcae-me já com as vossas piedosas mãos... Dae-me a liberdade, destrui este covil, enxotae do templo estes hypocritas, apagae as fogueiras, deixae voar a idéa e a crença, e eu ajoelharei deante do rei de Castella e do papa de Roma! Antes não. Morrendo n'este covil como os antigos escravos, cheio de dôres, de chagas, de fome, de desespêro — estas novas feras dos supplicios romanos, a todos amaldiçôo, desde o esbirro mais grosseiro, enlodado n'este charco, até Deus, que não destróe esta obra, que o envergonha e deshonra!

E Jacob cahiu desfallecido com a cabeça sobre os pés do inflexivel confessor.

Este nem reparou na crise terrivel do desgraçado prisioneiro; com as mãos postas e os olhos levantados, rezava serenamente...

A crise não se demorou.

Jacob, não ouvindo o frade, julgou que elle o estaria fitando...

Com um pequeno esfôrço, ergueu a cabeça e viu o seu confessor em extasi de santidade.

— Meu padre, não aggraveis as minhas angustias com o vosso silencio... Promettestes-me calma para o meu espirito agitado... Por que viesteis revoltal-o mais? Que tenho eu com essas queixas religiosas, eu que tenho entretido a vida amando como toda a gente, e servindo o Céo, sem cálculo, sem interesse! Que me importa que domine a religião de Moisés, ou de Christo? Se me não move o odio contra os que não são meus correligionarios, por que hão de elles perseguir-me e martyrisar-me? Que importa a minha abjuração? Sou por acaso algum theologo que tenha auctoridade e influencia para adeantar o espirito de reforma que alastra pelo mundo e que tanto alarma a religião de Roma? Se me proclamo d'outra fé, é porque a Inquisição me instiga a que proteste contra a intolerancia d'uma religião que se diz primeira no amor e na generosidade... Padre, falae-me dos amores da terra... Deus conhece-nos a todos. Confio na sua justiça...

— E' criminosa essa indifferença, Jacob. A Inquisição aprecia mais as confissões dos que morrem, que a propaganda dos que vivem. A sepultura tem um grande écho... Se passastes a vida distrahido das controversias suscitadas entre as diversas seitas, não deveis deixar o mundo sem que solteis a prece derradeira. Quando uma luz se apaga é que mais se lhe aviva a chamma. Vae apagar-se a vossa razão... deixae-a brilhar com

o seu esplendor transitorio. Dizei-me, Jacob, qual é a religião que tendes por verdadeira?

— A que não contraria o bem e faz os homens justos e bons.

— Dae-lhe o nome...

— Amor...

— E o symbolo...

— O universo, com as suas leis...

— E's um atheu, Jacob.

— Por ter um deus maior que o vosso?

— Uma luz pequena faz uma sombra immensa... Adoraes a sombra...

— Talvez... Chama-se *dúvida*. Dae-me essa revelação... Preciso de acceital-a a esta hora em que não sei distinguir os homens das feras, o Céo do inferno, a Inquisição da Gardunha, a verdade da mentira, e até a gente culta dos barbaros e selvagens... Revelae-me, por exemplo, os mysterios da vida que me espera além da morte...

— A vida eterna! o grande paraiso, ou as profundezas do Averno, a luz que esplende, ou o fogo que abraza, a paz ou a guerra, o sorriso ou o pranto — tudo eterno!

— E que me destinaes?

— O que escolherdes — se quereis o Capitolio proclamae verdades unicas — Christo, Julio II e o Santo Officio! Ides á Rocha Tarpeia se vos obstinardes em libertar o espirito de todos os dogmas decretados nos santos concilios...

— Posso fazer de vós duas idéas bem differentes. Respondei-me com a probidade e lizura da vossa profissão: Crêdes no que dizeis?

— Creio.

— Podeis jural-o por Deus e pela Virgem?

— Juro.

— Não estaes ao serviço d'uma seita, não esgremis como um theologo, não trabalhaes n'uma industria, que explora a ignorancia e o medo?

— Pela minha alma!

— Pois então, meu frade, respeito-vos a intenção, admiro-vos, mais que a fé, a boa-fé, mas julgo-vos insufficiente para curar as chagas do meu espirito, para esclarecer os recantos do meu cerebro. Eu sou um ignorante, apenas, e vós... sois menos ainda...

— Falae...

— Um fanatico...

— Que Deus se compadeça da tua alma!

— Assim seja. Daes-me, comtudo, uma consolação...

— Pelo menos?

— Julgava que eram só victimas d'esta tyrannia de cruz alçada os que, como eu, pensavam livremente e tinham o corpo em algemas e nos carceres. Vejo agora que o fanatismo escravisa, fere, aleija, corcova, emmagrece, cega e mata com mais vigor e impiedade, que a crueldade dos reis, dos papas e dos frades!... Que esperaes de mim? Podeis sahir, senhor; já não sou judeu-velho, nem christão-novo... Sou um homem livre!

— E chamaes, louco, liberdade ao que soffreis?

— Chamo ao que uso... Estas muralhas, estes ferros, esta fraqueza, esta morte que me subjuga, que me esmaga, nem um momento só embaraça, afflige o meu pensamento, que, aqui, dentro d'esta miseravel caveira, palpa, sente, ama, explica, espera, vê céos e terra, homens e reptis, o mundo material e o mundo do espirito, Deus com uma forma original d'uma arte indefinivel, o amor com as doçuras do melhor nectar, a esperança e a resignação, e até abraça, nas suas linhas immensas, com um olhar maior que o do sol, a imagem assombrosa do Infinito! Quizeram render-me, e eu estou sôlto; quizeram esmagar-me, e eu retomo o meu vulto; quizeram cegar-me, e eu vejo as grandes amplidões; assustaram-me com a morte, e eu encaro-a sorrindo! Padre, Deus é isto que eu sinto em mim, que sorri de todas as religiões, que vale mais que todos os mundos, que sabe mais que todos os sabios, que brilha mais que todos os soes!... Deus é o pensamento livre de todos os animaes, de todos os continentes, de todos os mares, de todas as estrellas! Anda no espaço, respira no vento, chora no orvalho, esplende em toda a luz! Esta vida é um momento, que o relogio da Eternidade não marca no seu mostrador; este mundo é mais pequeno que esta jaula de feras, e a Verdade o grande horizonte para que a humanidade ha de caminhar sempre sem o avistar sequer! Grande é isto, e Jacob bateu com a mão descarnada, na fronte que gottejava, isto onde estão as grandes azas que eu hei de abrir no dia em que a Inquisição tiver julgado vencer mais um inimigo... Chamaes-me Jacob a mim, como daes outros nomes a outras victimas, porque julgaes que sou um homem! Enganaes-vos. — Não sou um homem — sou uma idéa. Um homem, morre como um cão ao canto do seu canil; uma idéa não. O meu cadaver não voltará, mas o que eu tenho aqui, sob estes cabellos, que branquearam na mocidade, voltará ámanhã, e d'aqui a um seculo, e d'aqui a muitos seculos, cada vez mais nova, mais vigorosa, e ha de vingar-me, sob as ruinas d'estes muros, dos reis, dos papas, dos frades, dos hypocritas como Deza, e dos fanaticos como vós. O vosso templo desabará com estrondo... O novo diluvio universal será feito com as lagrimas e com o sangue que agora fazeis derramar!...

E Jacob, agarrando-se á parede, foi erguendo-se até ficar de pé, trémulo, convulso; e o frade foi vergando o joelho, até cahir de rôjo.

— Meu Deus, disse o frade erguendo as mãos, perdoae-nos a ambos! Quem sabe se elle diz a verdade?!

E os dois homens ficaram mudos durante alguns momentos.

Afinal, o frade rompeu o silencio.

— Ou o teu espirito se apaga, ou se illumina... O que será esse fogo, que te aquece a palavra, Jacob? saudades da vida que vaes deixar, esperança na vida nova a que já aspiras?

— E' a desesperança de viver feliz entre os homens e o receio de que os deuses não sejam melhores que elles... Dizei-me, padre, que fiz eu para merecer a crueldade de que sou victima? Por acaso offendi a moral, as leis, a fé religiosa, a paz pública? A ninguem atropelei no meu caminho, não roubei nem maldisse, tenho respeitado a vida do meu semelhante — tenho defendido os fracos, soccorrido os miseraveis, sarado os doentes, amado os bons! Por que me perseguem e me matam? Se teem de morrer afflictos os que são como eu, quem deve então ficar para falar em nome da Egreja? Por que se armou contra mim esta sociedade estupida e assassina? Que mal lhe fiz? que mal lhe faço? que damnos poderei causar-lhe? Era judeu, e ella exigiu que me fizesse christão! Obedeci-lhe, e agora persegue-me pela apostasia! Para não a irritar não a contrariei; fiz o que ella mandou fazer, disse o que ella quiz que eu dissesse... Não contente com isso, exigiu-me que pensasse como ella!... Como pode isso ser? Como hei de evitar o trabalho do meu pensamento? Penso mal? Isso é commigo? Perco a minha alma? Isso é com ella... Que outras almas estou eu contaminando? Não perguntem, não responderei! Que me importam as escholas e as seitas? No meu coração só o amor se desenvolvia e brilhava, e, tanto me perseguiram, que n'elle crearam o odio mais entranhado. Isto não é um tribunal de justiça, mas uma eschola de maldade. Entrei aqui quasi christão, e saio quasi atheu! Sois um obreiro d'esta officina? E' pessima a vossa obra. E, comtudo, ha quem soffra mais que eu! O que tenho visto soffrer é obra de Satanaz! É verdade que tenho visto soffrer fanaticos d'outra fé; mas eu não enfermo d'esse mal — tenho sido transigente e tolerante. E, apesar de tudo — matam-me sem me condemnarem, ou melhor — condemnam-me sem me julgarem! Se sois juiz d'este tribunal, absolvei-me, se quizerdes, que eu só posso amaldiçoar-vos, morrendo.

— De nada vos arreceaes na hora extrema?

— De nada...

— Não temeis, sobre o castigo do Santo Officio, o castigo do Céo?

— Se o Céo se parece com a Inquisição, prescindo d'elle — se Deus é

inquisidor, desprezo-o, emquanto vivo, e não poderei fugir-lhe depois de morto.

— Que seria necessario fazer para que vos reconciliasseis com a Egreja e com o Céo?

— Deixarem-me em liberdade e em paz. Só assim se pode viver e morrer bem.

— E morrerieis christão?

— Talvez, se mandardes Christo a explicar-me a sua doutrina, tão differente da vossa.

— Dar-vos-hei o sangue d'elle – o sangue e a carne. Quereis sentar-vos á mesa eucharistica?

— Ao lado de Pedro? Não. Mal por mal, antes ao lado de Judas, que este teve o castigo da traição e aquelle o premio. De Judas veiu o martyrio de Jesus, que elle perdoou á minha raça; de Pedro veiu o esplendor do papado, que persegue descaroavelmente a minha pobre religião. Trazei-me Christo a confessar-me, e eu morrerei com elle, maldito de vós todos, porque elle é, como eu, um christão-novo, a quem a todos os momentos atraiçoaes.

— Julgaes que o filho de Deus não approva a obra do Santo Officio?

— Que até a maldiz, que até a expulsaria do templo, se as mãos que lhe pregaram na cruz, ainda pudessem brandir o látego...

— Jacob — eu não posso salvar-te a vida; é meu dever salvar do Inferno a tua alma peccadora.

— Não creio no Inferno; creio, porque o soffro, n'este martyrio de que morro.

— Julgaes, pois, que a alma immortal não distinguiria entre o Bem e o Mal?

— Moisés, que o Senhor inspirou, não acreditava na immortalidade da alma, nem teve revelação do Paraiso nem do Inferno. As suas promessas são todas relativas á vida temporal.

— Eu falo-vos de christãos, e não de judeus...

— Como julgaes, portanto, Santo Hilario, que disse nada ter sido creado que não fôsse corporal — nem no céo, nem na terra, nem os seres visiveis nem invisiveis, e que as almas, quer sejam as que habitam os corpos, quer as que vôam d'elles, são sempre substancias corporaes?

— Desgraçado seculo, que permitte taes debates!...

— Não é d'este seculo a variedade de opiniões. Consultae Ambrosio, que elle está de accôrdo com Hilario. Nem um nem outro são scismaticos allemães. Elles não conheceram Luthero, descançae... Ignoraes tudo — até que Jesus nunca abjurou a religião, que os christãos agora perseguem cruelmente...

— Christo tornou-se incompativel com tal raça e com tal fé ...

— Enganae-vos, frade romano. Fazei de Christo um christão-novo, se quereis levar a elle a violencia de que fui victima; mas não desmintaes os Apostolos...

— Que blasphemia!

— Blasphemia! Ouvi S. Paulo, nos *Actos dos Apostolos*. E' Jesus que fala:

«Eu não pequei nem contra a lei judaica, nem contra o templo.»

Sim, judeus sois vós todos, que, em verdade, os perseguis e queimaes, mas que todos os domingos vos reunis para cantar os psalmos, as prophecias e os canticos d'elles, mudando apenas em latim o velho hebreu! Não conheceis as controversias entre os Apostolos para decidirem acceitar ou não os ritos judaicos? Não tomaste nota do conflicto de Antiochia, entre Pedro, João e Paulo, sobre a conveniencia de comer algumas carnes de animaes condemnados pelos judeus? Eram ou não judeus esses christãos que a Inquisição diz servir?...

— Não foi passado um seculo que o Espirito Santo não tivesse inspirado a separação de christãos e judeus... Se vosso pae vos ensinou as controversias de Pedro e Paulo, ensinae-lhe vós esta licção da Historia.

— Leval-o-hia a um êrro grosseiro, se lhe não ensinasse tambem que, depois d'essa separação, entre os christãos se formaram muitas dezenas de seitas, divididas por essas opiniões dos Apostolos. Duraram pouco os Nazarenos, os Galileus, os Socinianos... mas, em breve, de anno para anno, de seculo para seculo, outras surgiram, pelo amor á tradição judaica...

— Não faleis n'essas seitas sob as abobadas d'esta casa... Cital-as é a mais tremenda heresia. Foi d'essas seitas, que o verdadeiro apostolado esmagou para sempre, aquella que até negava a divindade de Jesus, outra que até negou a morte de Christo! Esmaga-vos a triste recordação com a obra santa do concilio de Nicéa!...

— Que não respondeu aos argumentos de Paulo nem de Tertuliano, nem dos dezoito bispos, que tambem votaram contra a divindade de Jesus. O concilio de Nicéa! Por que não falaes nos de Rimini e de Seleucia? Seiscentos bispos, inspirados pelo Espirito Santo, negaram tambem a divindade de Jesus! Eram todos judeus?

— Cahiu esse êrro grave sob a condemnação do concilio de Constantinopola.

— De resoluções e de anathemas se compõe o trabalho da vossa egreja. Basta recordar a *unica natureza* de Christo, proclamada em Epheso, e,

logo dois annos depois, substituida pela *dupla natureza* no concilio de Chalcedonia!

— Foi tudo isso no seculo da dúvida... Todas as religiões, as que não são verdadeiras, tiveram tambem essa fertilidade de seitas. A vossa, por exemplo, deveis sabel-o, já que tanto sabeis do que não seguis e até injuriaes. Por que se dividiu a religião judaica em Phariseus, Judaistas, Recabitas, Herodianos e outros?

— Dizei mais alguns... Por exemplo — os discipulos de Jesus e os discipulos de Christo!... E ahi tendes a vossa religião de judeus-velhos e de christãos-novos. Que o diga S. Paulo circumcisando Timotheo, e que o diga S. Clemente, se os *gnosticos* amavam, ou não, o *agape* sensual entre homens e mulheres!

— Vejo que insistís na impenitencia, e que o meu zêlo e piedade se perdem de encontro á vossa obstinação. Acabemos com isto. Quereis honrar os archivos da Inquisição com uma apostasia, que avigore a fé dos que não discutem, mas crêem?

— Sois poder no Santo Officio para me dar a liberdade e a paz em que vos falei?

— Não sou; mas, além da absolvição da Egreja, poderei conceder-vos a felicidade de ver Sarah na hora do vosso maior desalento...

— Conheceis Sarah?

— Conheço, e sei que a amaes.

— Como poderá ella vir aqui? Por acaso a pobre creança já se achará á beira do abysmo em que cahi?...

— Descançae, Sarah virá brevemente...

Jacob ficou pensativo.

— A abjuração será o preço da felicidade de ver Sarah, quando ella chegar a Sevilha?

— Sim...

— Está combinado. Quando Sarah sahir do meu carcere. escreverei a minha abjuração, nos termos em que ella me fôr dictada.

— Quanto agradecerei a Deus, se lograr esta victoria! Contra vossa vontade enviarei ao Céo a vossa alma...

— Quando me fallecer o corpo n'este inferno!

E o frade, lançando a benção gravemente a Jacob, que vergou a cabeça, sahiu recuando um passo.

Jacob ficou com um sorriso nos labios.

Sarah já adejava perto.

Ia vêl-a, antes de morrer!

Ia viver aquelles ultimos momentos!...

E era n'estas controversias theologicas que se entretinha a sociedade do seculo xvi! Por toda a parte a lucta religiosa era intransigente e feroz!

E era o Estado o provocador de taes conflictos e pleitos!

Quando a civilisação estava alvorecendo em todo o mundo, quando os povos do occidente realisavam as suas descobertas n'outros continentes e n'outros mares, é que as classes dominantes cerravam e apertavam o horizonte do pensamento humano, impondo-lhe, dogmaticamente, resoluções de concilios e o predominio clerical!

A ninguem se permittia que pensasse, e até a quem occultava o seu pensamento, com traças e violencias, se procurava devassar-lh'o.

Havia, é certo, fanaticos entre os infieis, que reagiam contra os seus perseguidores. D'elles fala Herculano, quando narra a furia com que os judeus de Africa flagellavam os christãos-novos para alli emigrados da peninsula hispanica, a ponto de preferirem esses desgraçados voltar á terra, que os obrigava á apostasia, a ficar entre os seus exasperados correligionarios!

E' verdade que era a mourama indomita a que luctava com os soldados da Cruz em diversas partes do mundo, que, só a ferro e fogo, a nossa raça pudera conquistar a terra em que assentara as suas nacionalidades.

Ainda se ouvia no espaço o alarido das brigas sangrentas nos muros de Granada; mas a desforra, ou melhor, a vingança, por tal forma obrava contra os vencidos, que a civilisação parecia barbaria, e a religião catholica ferocidade selvagem!

Devia considerar-se feliz a grei que andava pelo sertão e pelos mares, desfraldando o estandarte das quinas, vendo a seus pés, humilhados e supplices, os antigos dominadores do occidente!

Chamava-se ao trabalho da civilisação a Africa, a America, o Oriente, e pelos mares interiores e exteriores, singravam mais receosas das ondas, que da pirataria inimiga, as caravelas de Portugal e de Castella.

Que obra tão colossal fizesse cada vez mais aguerrida a nossa gente, é de facil comprehensão; mas que, a par de tanta coragem e bravura, se usasse tanta cobardia — que a historia de povos tão gloriosos misturasse, com os melhores feitos d'armas, as villanias mais repellentes, é difficil de narrar e quasi impossivel de comprehender.

Vencer o gentio em terras conquistadas e revôltas, esmagar a barbaria refractaria ao trabalho e ao commercio, destruir muralhas e minaretes, para trazer á luz povos incultos e abrir mercados á actividade europêa, é façanha que illustra e ennobrece; mas esmagar o cerebro dos crentes

d'outros deuses, affligir e mortificar gente trazida e affeita ao convivio dos vencedores, com a traição, com a intolerancia, com a cobiça feita justiça, com a maldade feita religião, é vergonha que enche de lôdo e sangue a historia d'esse seculo.

Diz-se que a lei fatal da evolução precisa d'estas crises tremendas, como precisa a lavagem das mais bellas tapeçarias e estofos de banhos sujos de drogas de má côr e de máu cheiro. Pode ser!

Será assim o sangue derramado na superficie da terra, para que ella seja mais fecundada com os germens da riqueza e da paz ...

Não foi, decerto, d'esse o sangue que a Inquisição derramou, falsificando a civilisação, a religião e a moral! ...

Victimas que nem comprehendiam por que o eram, morriam sem se converterem ... A catechese feita com os instrumentos do supplicio só conseguia crear odios contra a Egreja, horror do Céo e de Deus... Em cada gemido havia uma apostrophe — as mãos que se juntavam para rezar, pareciam punhos cerrados voltados para os altares.

A' proporção que a violencia se accrescentava, os martyres desvairavam... Discutia-se com gente em delirio... e aos crentes que pensavam, armavam-se laços de argucia para lhes arrancar a heresia...

Prendia a Inquisição um transeunte, só porque alguem o accusava por mesquinha vingança, e logo, de carcere em carcere, de angustia em angustia, soffrendo martyrios e flagicios, ia, senão á morte natural por desgosto moral ou depressão physica, pelo menos ao garrote e á fogueira.

Assim foram sacrificados verdadeiros anonymos, gente sem opinião e sem crença, e cujo soffrimento apenas indicava o trabalho *colossal* do Santo Officio na salvação da fé catholica!

Não havia ainda em Hespanha litteratos, pensadores e philosophos capazes de fundar eschola e de provocar o scisma.

A Peninsula nada valia com relação á Allemanha, onde os pensadores criticavam a Religião e lhe propunham a reforma. Se os não havia, era indispensavel invental-os.

O que Voltaire disse mais tarde a respeito de Deus, dizia-o então a Inquisição a respeito dos protestantes e scismaticos.

O que o seculo XVI, ao terminar, accentuou contra divisões de escholas e de seitas, no seu principio, não podia ter cabimento.

Nada havia que perseguir se não crentes incultos, cegos religiosos, fieis de tradição, respeitadores dos paes, e da fé que elles professavam! Nada que indicasse uma nova philosophia reformadora, fundada em novo criterio, filho da analyse mais severa, aspirantes a concepções mais elevadas e mais justas!

No mundo, sem duvida, áquella hora, se manifestava uma revolta ingente contra o dogmatismo do passado. Em Portugal e em Hespanha nada d'isso havia.

Na Peninsula havia apenas marinheiros e soldados: os que andavam por terra e por mar, accrescentando glorias dos seus reis e territorios aos seus Estados. No mundo do pensamento nenhuma conquista se havia feito!

Nenhuma, absolutamente nenhuma. Se alguma houve não fala d'ella a Historia.

Lá fora, sim, lá fora é que a reforma trabalhava com fervor.

O dogma era posto em discussão!

Quem avaliar bem o que em nossos dias o nosso paiz assimila do que lá fora se estuda e se discute, poderá avaliar o que então succederia, sem faceis communicações, sem imprensa, com censura aspera, sem educação litteraria e scientifica, a não ser nas camadas mais altas e mais cultas.

Perseguir a reforma em Portugal ou em Hespanha, onde os analphabetos eram todos, onde não havia debate nem leitura, onde os espiritos cultos se entretinham em *motetes* e *autos,* que eram apenas uma esperança de critica velada e ainda cortezã, representava sómente uma tyrannia repugnante, uma cobardia vergonhosa.

Era assim que a Inquisição gastava toda a sua obra em converter mouros e judeus miseraveis, agarrados á sua fé como á propria pelle, que tinham o seu Deus identificado com a companheira e com os filhos.

Estupida, bestial, sem orientação scientifica, sem fé, sem lei, a Inquisição era gratuitamente malvada, brutalmente feroz, perseguindo gente que nem pensava n'ella, nem nos problemas que ella procurava resolver, composta de um misto de boa fé, de fanatismo e de desvergonha, interesseira e sordida, que a levavam apenas á selvajaria e á rapina.

Jacob não era um rebelde; era o que modernamente se poderia chamar um bohemio. Alegre, gastador, enthusiasta, homem do mundo e dos prazeres, intelligente e culto, deixaria o mundo em paz se elle o não incommodasse.

De energico temperamento, apaixonado e irritavel, assim como esbofeteava quem o olhasse de revés, protestava contra quem lhe impuzesse vontade e opinião.

Se o tivessem deixado em paz, elle tanto seria um bom christão-novo como um excellente judeu-velho...

Se elle não exercia a industria religiosa!...

O que elle queria era um bom cavallo e uma mulher bonita!

Era mais vivo que os outros judeus do seu tempo, mais vivo e menos

avaro. Era um judeu attenuado.. um espirito conciliador, capaz de sentar Jesus á mesa de Moisés...

Muitas vezes tinha elle pensado em fazer essa reconciliação.

Pois se elle amava tantos christãos! pois se tantos christãos o amavam a elle!

Por que o tinham então prendido e escravisado, arruinado a saude e roubado a vida?

Quando elle pensava apenas nos olhos d'uma mulher, que amara ao primeiro olhar, para que vinham provocal-o com graves questões philosophicas, que apprendera ao acaso, e com aquella superior qualidade assimiladora que distingue os homens de talento?

E quanta crueldade havia n'aquella pertinacia com que, ao vel-o enfraquecido, moribundo talvez, vinham revolver-lhe o espirito com doutrinas que lhe repugnavam!

A maior crueldade da Inquisição consistia principalmente em abusar do estado doentio das suas victimas, para lhes mortificar o espirito, ora com interrogatorios solennes, sujeitos a torturas, ora com meigas confissões confiadas a sacerdotes de boa-fé.

Fôra d'essas a ultima experiencia mortificadora que Jacob experimentara.

Tantas tinha elle soffrido já! Não das torturas, mas de outra qualidade — as da espionagem — as da suggestão, e as da ameaça!

A todas resistira.

Foi isso o que o perdeu.

Jacob estava condemnado.

Não mais sahiria da Inquisição.

Ainda que el-rei D. Manuel quizesse!

Mas D. Manuel não queria. Que se importava o rei de Portugal com a sorte do christão-novo?

Andava el-rei já pensando em ordenações contrárias á perseguição dos auctores da carnificina.

Queria el-rei que já não fôssem acceitas querelas contra essa gente, que lhe manchara o reinado e o paiz com scenas tão sanguinolentas!

Voltavam a S. Domingos os frades dominicanos, sendo demittidos os padres que administravam o mosteiro, e por todo o paiz se procedia a uma devassa sobre a invasão dos fugitivos de Castella, para se saber quantos tinham que aproveitar dos favores de 1503.

A reacção ia pois no seu caminho triumphante...

Era a rainha, era a sua côrte? Era tudo junto que influia n'esse resultado.

A rainha D. Maria fazia na sua capella promessa de crear a Inquisição em Portugal, se o seu parto mais proximo fôsse feliz.

Como podia, pois, el-rei de Portugal pensar na sorte d'um moço judeu christianisado, que se achava a bom recato na Inquisição de Sevilha?

Em cartas particulares andava já D. Manuel ensinando Miguel da Silva, nosso embaixador em Roma, a solicitar um breve que auctorisasse em Portugal o Santo Officio.

O beaterio recrudescera de esforços ...

Quem não andava na guerra, ou no mar, tinha de estar na egreja.

Jacob estava informado de tudo isso — sobre elle rolavam uma das duas grandes ondas, ou a do esquecimento, ou a da perseguição — o esquecimento de Portugal, a perseguição de Castella!

Elle bem sabia que só lhe restava morrer...

A sua grande, a sua ultima ambição consistia em ver Sarah antes de morrer ... A ella, sim, a ella abriria todo o seu coração, e d'ella absolvido, iria serenamente para o paiz dos sonhos eternos!

Mas não deixavam o desgraçado! Nunca o deixavam alguns momentos na sua dôr immensa!

Emquanto elle pensava nos seus amores, vinham constantemente lembrar-lhe os seus odios...

Entre a gente sceptica e cynica do grande tribunal havia gente ingenua e bondosa, embora obcecada pelo fanatismo religioso.

Foram esses mesmos imbecis que ficaram, durante seculos, a defender as tendencias ligeiras d'esses reverendos empreiteiros da Inquisição.

Jacob resignava-se a ouvir os frades, mansos de espirito, embora rudes na fé, mas revoltava-se contra os máus e imbecis, que manejavam um crucifixo como quem maneja um azorrague!

E elles vinham e iam, entravam e sahiam, como uma nuvem de moscardos volteia á roda de um cadaver!...

Quantas vezes Jacob, procurado por tão solicitos confessores, ouvia, ouvia, e ficava sempre mudo!

Ás vezes o seu espirito revoltava-se, e, porque não raro sabia mais que os seus perseguidores, respondia bruscamente com um punhado de verdades, apprendidas na licção do tempo e na deducção logica do que lhe ensinara seu pae.

Tudo que elle respondia, tudo que elle calava, era registado no livro negro do immenso libello que a Inquisição estava articulando contra elle.

Estava, sem dúvida nenhuma, condemnado á morte...

Uma vez recebeu a visita d'um condemnado, que esperava ancioso o dia do auto de fé, em que havia de terminar o seu cruel martyrio.

Era um velho judeu, casado, e pae de tres filhos.

Soffrera tudo, o miseravel, tudo, com tanta nobreza e brio que a todas as torturas resistira.

Era d'estes, — e quantos houve assim? — que n'uma palavra só, teimosa e immutavel, cifrava todas as respostas aos vis interrogatorios a que o sujeitavam.

— Que és?

— Judeu.

— Como nasceste?

— Judeu.

— Como queres morrer?

— Judeu.

— E o que serás durante a prova da agua?

— Judeu.

— E depois do fogo?

— Judeu.

— E depois do carcere, da fome, da sêde, do chumbo, do potro, da roda, do garrote?

— Judeu, sempre judeu!

Um dia disseram-lhe:

— Tens mulher e filhos... queres salval-os?

— Sim.

— Pois bem, abjura.

— Não.

E mostraram-lhe a mulher, e mostraram-lhe os filhos, amarrados, queimados, torturados...

— Vão morrer, lhe disseram... Que és tu?

E o miseravel limpou as lagrimas que lhe rolaram pelas faces, e respondeu, em voz baixa, trémula, estrangulada...

— Sou christão!...

— Emfim! gritaram os sicarios; vae, antes de morrer, ao carcere de Jacob, e converte-o...

E o judeu foi até lá, quasi de rastos, e, fechado com Jacob, perguntou-lhe:

— Que és?

E Jacob não respondeu...

— Desgraçado! lhe bradou o marrano, finge que te convertes ás minhas súpplicas... E' esse, não o preço da minha vida, mas o da vida da minha companheira e dos filhos, que adoro... Por Moisés, ou por Jesus, por teus paes, ou por tua amante, crê no que não crês, que te não sal-

vas, nem me salvas, mas salvas uma mulher fraca e tres creanças que vieram do seio d'ella e do meu amor! Ha muito tempo que resisto; como tu falei, como tu emmudeci, e, afinal, voltei a resistir e acabei por ceder... Valente rapaz, crê que te não salva a conversão fingida, como eu me não salvo; mas ganhamos a vida de gente mais fraca que nos. — Por quem és, Jacob, responde: Quem és tu?

Jacob levantou os olhos, inundou com o seu olhar triste a figura esqualida do judeu supplicante, e, serenamente, disse-lhe:

— Abre essa porta...

A porta abriu-se...

— Deixa entrar os frades e os esbirros...

Aconchegaram-se na arcaria, junto da porta, os frades e os esbirros...

— Meu infeliz companheiro, disse Jacob com voz forte, abraçando o pae afflicto, convenceu-me a tua palavra, transmittiste-me a tua fé, creio na tua nova religião. — Sou christão, catholico, apostolico e romano!...

E o judeu chorou pranto copioso, abraçando-se ao pescoço de Jacob...

No dia seguinte a mãe e os filhos eram recolhidos n'um carcere para julgamento opportuno, o pae subiu o cadafalso com o sorriso nos labios, e o escrivão do Santo Officio averbava Jacob no seu processo immenso com estas palavras: judeu refece, apóstata reincidente, ardiloso contumaz...

Tudo isto foi communicado a Jacob, que, depois da noticia, soltou um grito de horror, bateu com o craneo no lagedo e metteu os dentes com furia no pulso emmagrecido onde latejava fracamente, nas arterias azuladas, o sangue da sua raça...

A caridade da tyrannia acudiu-lhe e levou-o ensanguentado para um catre do sujo hospital da Inquisição, onde os doidos, aos montões, o acolheram com gritos ferozes e sinistros e gargalhadas tremendas e alvares.

Jacob não sentiu esse soccorro, nem estremeceu com esse acolhimento.

Parecia morto.

A queda, em que se ferira, e o abalo moral resultante de tão descarnoavel noticia roubaram-lhe os sentidos.

A gente que o conduzira atirou com elle.

O espectaculo era vulgar alli dentro; mas, apesar d'isso, os doidos vieram examinal-o, alegremente primeiro, e depois apenas com curiosidade.

Os mais ousados tocavam-no com os dedos, de longe e a medo, e logo o saudavam de novo, em gritos asperos...

Tinham-lhe sentido calor, e o calor era signal de vida.

A novidade consistia n'isso. A vida alli era tão rara!

E o judeu chorou pranto copioso abrançando-se ao pescoço de Jacob

XLVI

O hospital

Em tudo quanto ha escripto sobre a historia da Inquisição nem uma só palavra encontrámos que se refira aos manicomios do seculo XVI!

Na vida do Santo Officio fala-se de sobra de seus carceres e torturas, mas pouco, diremos melhor, absolutamente nada, de mil pormenores que incontestavelmente constituiam a sua vida mais intima.

E' assim que nenhum chronista nos dá noticia das suas enfermarias.

Seria a maior impiedade, e até inhabilidade, não manter no palacio da Fé essas caridosas instituições. Mandava a hypocrisia, quando não fôsse a caridade, que ao menos, dentro d'aquellas muralhas ennegrecidas, houvesse alguma coisa que parecesse destinada á salvação dos martyrisados e á cura dos doentes.

Não ha nada mais extranhavel que a insufficiencia dos documentos historicos! Se o melhor criterio, e a deducção mais logica, não vierem em soccorro da Historia, com as suas fontes não estancadas, não ha maneira de fazer uma idéa nitida dos costumes d'aquelle tempo.

A Inquisição foi feroz em todas as épochas, mas nunca deixou de ser habil na hypocrisia mais requintada.

Entre os captivos da Inquisição não havia sómente gente condemnada ao martyrio summario, final, que ia desde a primeira dôr até a morte; havia tambem o supplicio gradual, mortificador, em que o organismo ia soffrendo e reparando lesões.

Para essa reparação devia fatalmente existir um logar apropriado.

N'uma casa, onde havia physicos entre os frades, não podia deixar de haver o que modernamente se chama enfermaria, ou hospital.

O que era isso?

Uma casa, uma grande cella, uma arrecadação, um armazem, um dormitorio, mais ou menos abandonado, mas onde se deixava morrer os que a isso eram condemnados e se buscava salvar os que era indispensavel interrogar de novo.

Havia tambem os doentes que o terror subjugava aos primeiros dias, os que perdiam alentos depois de condemnados, e cuja vida era necessaria até o dia da celebração solenne do auto de fé!

Havia mulheres que desfalleciam antes dos primeiros interrogatorios, e as que estavam quasi a succumbir depois d'esses primeiros. Alli tinham transitorio acolhimento as mulheres gravidas, como taes denunciadas, depois da prisão, e em quem os terrores adeantavam o trabalho do parto, produzindo um assombroso numero de abortos! Era alli que corrigiam todas as tentativas infelizes de suicidios. As victimas dos rigores do carcere, quando da vida d'ellas dependia uma investigação interessante, tambem encontravam n'essa casa, ironicamente chamada de saude, algum conselho e remedio.

Sobre todos estes affirmavam-se os doidos furiosos e maniacos, n'uma promiscuidade ruidosa, victimas do isolamento a que tinham sido condemnados.

O systema penitenciario com todas as suas generosidades modernas, nos moldes das nações mais cultas, é destinado, não ao castigo, mas á regeneração dos criminosos, e ainda hoje offerece, aos criminalistas mais notaveis, uma estatistica medonha de loucos, que impressiona os legisladores e faz pensar na brutalidade do regimen.

Ainda não ha muito tempo nos dizia um juiz investigador da influencia do systema penitenciario entre nós, que não era possivel, sem que a loucura os atacasse, manter presos e isolados os condemnados da penitenciaria!

Descrevia-nos elle os gritos nocturnos, consequencias da allucinação do ouvido d'esses miseraveis, que viviam algum tempo sequestrados de todo o convivio.

Ha até, muito conhecido pelos mais notaveis alienistas, o delirio dos encarcerados, uma especial mania de perseguição, que raro deixa de se manifestar antes dos tres annos de penalidade.

A par da tuberculose, ou antes d'ella, a loucura acompanha de perto os penitenciarios, nunca por influencia do remorso, mas em virtude da mudez e dos terrores nocturnos que se apoderam d'essas imaginações doentias.

Tanta tem sido essa endemia de loucura, que se julgou indispensavel crear um annexo no hospicio dos doidos, especialmente destinado á cura dos temporariamente roubados aos rigores penitenciarios!

A tisica e a loucura são os dois maiores achaques que visitam esses miseraveis.

A tisica, por causa dos rebates sexuaes nas edades fortes, animados

pelas recordações dos prazeres já gosados; e a loucura, pelo esfôrço exaggerado da imaginação em horas d'ocio e de insomnia, e pelo ciume despertado ferozmente na ausencia de amores viuvos e em liberdade!

Depauperado por todos os recursos sensuaes, *contra-natura,* e irritado por todas as suspeitas de traição, o prêso isolado enfraquece e enlouquece!

O isolamento, ao contrário do que se esperava, não dá a regeneração, nem amedronta com o remorso; excita com a revolta, allucina com a suspeita, depaupera com o vicio, e enlouquece, afinal.

No estado de civilisação a que chegamos, o systema penitenciario está condemnado.

E' elle ainda um resto das instituições inquisitoriaes, que foram a maior vergonha dos seculos XVI e XVII.

Uma das manias dominantes entre os isolados é a da perseguição, e por consequencia, a do suicidio.

E tanto essa tendencia se accentúa e obedece ás causas que a determinam, que esses suicidios dão-se com um caracter especial, que influe não só no local e na hora, mas até no instrumento da execução.

Na Penitenciaria de Lisboa, por exemplo, os suicidios dão-se sempre por enforcamento.

Um dia extranhámos esta circumstancia, e disseram-nos que tanto se tratava d'uma manìa localisada, que até ao enforcamento recorriam os presos que tinham ao seu alcance outros instrumentos de morte.

No tempo em que a imprensa noticiava os suicidios da Penitenciaria, notava-se que os suicidas recorriam acintosamente ao baraço improvisado em roupas da cama...

Naturalmente se acreditava que a adopção d'este recurso importava a falta de outros.

Pura illusão!

Um preso, que passara ha pouco um dia inteiro limpando e concertando armas de fogo, e que até tivera de disparar um revólver que ainda se achava carregado, á noite perdera a vida pendurado n'um gancho da sua cella!...

Um preso, que era barbeiro, e que passava os dias experimentando o fio da navalha na unha do dedo pollegar, suicidou-se em tiras de lençol!

Não ha a menor dúvida em que o carcere e o isolamento determinam perturbações mentaes de caracter especial.

Se isto succede hoje nos carceres privados, quando, por entre os maiores rigores, rebentam justiças e carinhos, o que succederia nos carceres hediondos da Inquisição?!

O que seria, então, n'esses tempos de terrores diabolicos e de fortes

monomanias religiosas, em que o captivo via a todo momento o seu sordido covil illuminado pelas fogueiras!

Se apenas se tratava de extinguir um homem nos horrores do carcere, bastava detel-o por muito tempo n'esse martyrio, a sós com a sua consciencia e com os seus terrores.

Mas, a Inquisição não mortificava apenas por odio; a maior parte das vezes era por interesse em delações, que augmentassem o numero das victimas, ou lhe servissem a defesa dos seus arrojados planos.

Como se pode comprehender que no Santo Officio não houvesse uma estação onde, como hoje ainda succede, se cuidasse em repôr em situação normal esses cerebros perturbados pelo isolamento, pelos vicios secretos, pelo ciume e pelo ódio!

Entre as victimas, muitas havia que apenas soffriam de loucura transitoria, a doença da casa, que facilmente podia ser interrompida por um pouco de liberdade e de convivio; mas, quantos, aos primeiros assomos de terror, se revoltavam estonteadamente e ficavam para sempre dementados!

Abundavam entre elles os melancholicos, uma especie de doidos dos mais incuraveis, e os idiotas que riam alvarmente, como se a razão, em vez de os entristecer, estivesse escarnecendo-os!...

N'aquelle campo de batalha não podia deixar de haver, com mais ou menos sinceridade, uma enfermaria caridosa.

Era a este salão de funebre aspecto que chamaremos — hospital.

Não era exactamente o que hoje tem esse nome, mas uma especie de aljube em que se retemperava o organismo das victimas, como aquellas jaulas despejadas em que os luctadores dos antigos circos saravam as feridas mais sangrentas, para voltarem de novo ao combate com as feras.

Raros physicos e muitos frades e familiares, industriados na faina da sangria e dos parches, andavam por lá, embaraçando congestões e sarando empigens.

Tinha o aspecto de uma grande caserna a prisão dos doentes. Era muito vasta, mas com pouca luz, e essa mesma tão mal distribuida, que deixava, mesmo de dia, em trevas extensas e densas, alguns desvãos e recantos.

Apenas tres frestas redondas, gradeadas e poeirentas, muito altas em relação ao lagedo da velha masmorra, deixavam escapar a parcella minima da luz, que descia sobre as torres e chaminés dos pateos interiores da Inquisição.

Poucos os catres e de miseravel aspecto, muitas as enxergas junto das muralhas e ao fim do sombrio casarão, e, occupando de lado a lado a

muralha, o fundo d'esta scena miseravel: um estrado, uma tarimba coberta de palha, desempenhando, não se sabe bem, se estabulo para animaes de carga, se cama de doidos, que sobre ella, em todas as posições, dormiam ou se agitavam!

Abundavam nas paredes argolas, correntes e gargalheiras, e presos a algemas, quasi nús, ou vestidos de manchas de sangue os epilepticos mais incommodos; e os idiotas de castigo sobre os catres gemiam, os que gemiam, e os mansos, e os moribundos, os que, por engano tinham desfallecido mais cedo nas torturas, que só esse resultado tinham dado.

Eram n'esse dia pouco numerosos os hospedes da immunda pousada, d'esse patamar da grande escada dos martyrios onde descançavam os que já tinham subido um lanço de perseguições e de angustias, e que até se refaziam de coragem e de fôrças, para continuar trepando, o caminho da morte.

Alguns andavam nas coxias, soltos, com aspectos diversos: uns riam e cantavam, outros choravam lamurientos, ou gritavam como as feras, — uns passeavam abstractos, de braços cruzados, cabeça pendida, olhar vago — outros corriam ao acaso, fazendo esgares e torcendo o corpo — um encostava a face á parede, como se estivesse a escutar, e por vezes falava alto, como se respondesse a alguem que estivesse ouvindo, — andando em sentido opposto dois beatos de joelhos, rezavam a *Ladainha*...

Tambem, n'uma parte d'este inferno, marcada e defendida por correntes de ferro, prêsas a marcos de pedra da altura d'uma creança, havia quatro ou cinco mulheres...

Era a secção mais ruidosa e menos movimentada... Uma das loucas, cujo pescoço estava mettido n'uma colleira, como uma cadella á porta d'uma quinta, com o corpo quieto, entretinha-se a olhar as companheiras e a ladrar-lhe com a fôrça d'uma matilha! Cahia-lhe o cabello desgrenhado tapando-lhe as faces e até o seio, que lhe escorregava entre os braços, porque a miseravel, para melhor imitar o animal, passava os dias de joelhos e punha as mãos no chão ennegrecido!

Outra chorava, aos gritos, sem derramar uma lagrima, mas gritava para o ar, para que Deus a ouvisse, e fazia queixa dos frades e dos papas!

Uma mulher muito nova, sentada no chão, agitava um pesado escabello, como se estivesse a emballar um berço, e cantava mansamente uma canção triste, alguma coisa que fazia lembrar as *barcarolas* dos napolitanos ou as *berceuses* modernas dos *maestrinos* do Sena.

Uma rezava canto-chão, ou passava entre os dedos, n'um murmurio monotono, as contas d'um rosario.

Apenas uma tinha a cabeça apoiada nas mãos, e estava socegada e muda...

Os doentes, que não eram doidos, suspiravam, ou gemiam apenas.

Jacob nem isso.

Por entre toda a gente, com passo firme, ou sentados nos pontos mais illuminados, havia dois ou tres servicaes—guardas, algozes ou enfermeiros, que policiavam os doidos e mésinhavam os lucidos.

Não tinham bom aspecto, nem quando acudiam aos doloridos, nem quando reprimiam os revoltados.

Tinham o dever de applicar emplastos e unguentos, beberagens e ligaduras, mas a sua principal missão consistia em atemorisar os doidos. O emblema do poder que exerciam era o azorrague—uma tira de couro, comprida e estreita, prêsa a um cabo de ferro... Governava de ambos os lados este sceptro!...

A voz d'estes homens era tão potente que, por vezes, dominava a gritaria infernal d'aquelle mundo, onde não havia nem a luz do sol nem a do espirito! Era uma voz capaz de commandar uma legião de insoffridos, ou de domesticar uma jaula de feras.

Chicote á cinta, como se fôssem dignos de usar uma espada, braços nús, musculosos e cabelludos, hombros largos, abdomen amplo e bem cintado como um gibão d'alcaide, aquelles tres algozes tinham o dever de praticar o bem, e tão contrariados o cumpriam, que onde a sevicia podia desmanchar a cura, attenuavam em pragas a continencia das mãos e do látego.

Cada doente que alli entrava tinha um acolhimento bem ruidoso—o dos doidos—que exclamavam admirações, e o dos guardas, que praguejavam contra o trabalho que chegava. Para tão caridosos enfermeiros um morto, um desfallecido, ou um queixoso, era tudo o mesmo. Moviam um moribundo com menos cuidado que um cadaver!

Gente que vinha dos carceres, ou das torturas, já não era gente...

O menos que lhe chamavam era *cobarde*.

Moviam um doente aos empurrões, e, sempre que podiam, despertavam-no á bofetada!

Tocavam uma chaga, como quem bate n'uma nadega! Os gritos do paciente é que lhe indicavam a profundidade das feridas. Verificavam as fracturas, puxando os membros fracturados...

Tocavam-lhe a murro o corpo todo para contar as lesões do martyr... Para o despirem, revolviam-n'o com os mesmos cuidados com que desmanchariam um fardo! Por dentro examinavam-no dando-lhe de beber... se elle engolia mal, entornavam-lhe a infusa sobre a cabeça.

Não escutavam gemidos nem supplicas... Para que? Tambem os doidos gritavam sem razão... O physico só visitava os enfermos depois dos curativos feitos pelos enfermeiros.

E isso não era sempre! Jacob havia de ter essa distincção, porque o fardo viera com o recado — de que era necessario viver mais tempo.

Ás vezes estavam de bom humor, e a praga era substituida pelo motejo. N'esses momentos, aos doentes muito pallidos pintavam-lhes as faces com o sangue das mãos sujas na sondagem das feridas!

Não exaggeramos; n'uma pequena brochura, publicada em Hespanha no principio d'este seculo, sem nome do auctor, transcreve-se uma carta escripta por um prêso da Inquisição de Toledo.

Não se fala ahi em hospital, nem em cousa que o valha, mas refere-se como eram feitos os curativos... Diz o livro: «Os cavallos furados pelos touros, nas pracas hespanholas, se tal vissem, ao serem curados na arena, julgar-se-hiam mais felizes...»

Felizmente Jacob não sentia nenhuma d'essas crueldades com que o trataram os tres algozes!

Mal elle cahiu sobre o catre, disse um:

— Que o diabo leve este trambolho, que a taes horas nos mandam de presente!

— Para accordar este judeu nem golpes de cabo de chicote! disse outro.

— Deitar-lhe as mãos ao pescoço, era mais simples... Trastes n'este estado não se concertam... disse o ultimo.

— Francamente, dava menos trabalho fazer outro novo...

— Dava menos trabalho e ficava mais bem feito...

— Uma lesma, com este corpo todo, e que cança tão depressa n'estas dancas sevilhanas!

— Ora, o cobardão... Não quiz benzer-se e quebrou a cabeça... Agora nós que tenhamos o trabalho de lhe guardar o bestunto...

— O melhor é deixal-o...

— Isso não. Pode sahir-lhe pela brecha o que elle não quiz acceitar pela bôcca...

— Lá dentro, se não ha miolos, deve haver, pelo menos, muita heresia. Não vá o marrano para a tumba a envenenar a bicharia christã...

— Vamos vêr se isto vae com cheiros...

— Que remedio!

— Como elles hão de entrar é que não sei... O sangue é tanto encafuado nas ventas, que se não pode saber se foi para alli descendo a testa, ou se veiu lá por dentro.

— O melhor é começar pela tosquia... Melenas a estas horas é luxo de mais...

— São raros os que nos apparecem aqui n'este estado, a respeito de cabello e a respeito de sentidos. Lembras-te, Paco, de tanto cabello e tão pouca sensibilidade?

— Bem se vê que é extrangeiro, e que ainda gosa privilegios de judiaria de importação.

— Atira-m'o para cá, que é necessario despil-o... Quem sabe se haverá por aqui mais alguma coisa desmanchada.

E o guarda, que estava do lado esquerdo, fez rolar sobre o catre o corpo de Jacob, que o collega da direita amparou, sacudindo-o bruscamente.

— Venha a tesoura — a fenda da cabeça gottejou muito sangue; ponhamol-a a descoberto... Não haja fractura do rochedo... N'este caso o remedio já não pode ser nem para a alma nem para o corpo.

O terceiro dos assistentes approximou-se, e devidamente armado para a operação, n'um momento cortou as compridas madeixas do cabello de Jacob.

— Parece dos nossos merinos, pela lã que o cobre... Ninguem dirá que veiu de Portugal, onde os lanigeros parecem velhos calvos comparados com as rêzes dos nossos prados e serras.

— Deixa-lhe ficar um resto para amostra. Poderemos depois mandal-a a el-rei D. Manuel, que tanto cultiva a judiaria exotica nas margens do Tejo...

— Afinal, disse um d'elles, abrindo com os dedos os labios da ferida, o caroço estava inteiro... Tem cabeça de burro este maldito marrano! Rompeu-se apenas o fato da caveira!... O resto está completo... é sangue de couro, que tambem tem d'isso.

— E' verdade, disse o outro, examinando por sua vez, as cabeças dos judeus são como as nozes, que teem duas cascas, e teem a dura mais escondida que a outra.

— Provavelmente o fructo estava maduro, e por isso é que estalou a casca de fora...

— Se fôsse christão ficava com o fructo á vela...

— E provavelmente a esta hora já estava podre...

— Estes diabos teem cabeça de preto...

— Talvez fôsse melhor concertar o lagedo da prisão. Esse é que deve ter ficado amolgado. Se lá houver pôça de sangue é certa a minha prophecia.

— Traze agua, Tiago, disse o mais trabalhador e perito... Lavar é bom antes de conchegar os bordos d'esta bôcca de raia.

São raros os que nos apparecem aqui n'este estado

— Olha que arrefece e não liga... Não era melhor aproveitar a vida que ainda palpita n'esses beiços a que chamas labios, como se se tratasse d'uma mulher?...

— Traze, pois, agua quente; e, se não tens lume, sopra-a, que o halito d'um frade é como o vento do sul...

— Ahi vae agua quente, disse o que parecia um simples ajudante — a agua da Inquisição é sempre quente... Em parte nenhuma ha tanta fogueira como aqui...

Procedeu-se á lavagem, e em seguida a cabeça do ferido foi enleada em fortes tiras de linhagem crúa, aspera e grosseira.

— O peor é que elle não se mexe...

— Deita o ouvido sobre o coração...

— Eu sei cá onde está o coração dos judeus!

— Está atravessado no peito, mas palpita no mesmo logar... Escuta bem... Ouvel-o?

— Parece o gottejar d'um philtro, em que o Diabo filtra as lagrimas da christandade...

— Se ainda bate, é que está vivo...

— E o pulso?

— Vae-se-lhe pelo braço acima, como se quizesse ir alojar-se no hombro... Não seria máu aquecer-lhe os pés e as mãos...

— Vae um banho de aguardente?

— Mal empregada geropiga em trabalhos de limpeza; mas, emfim, vá lá...

E sahiu pela droga, com que voltou mettida em cantaro grosseiro...

— Ora aqui está o grande elixir!... Embebedemos este diabo pelas unhas dos pés e das mãos.

E os dois enfermeiros começaram a friccionar as extremidades do doente, com quanta fôrça tinham.

— Não carregues tanto, disse o chefe aos seus ajudantes. O couro d'um judeu reclama paciencia. Se isto se faz á bruta, lá se vae o espirito pelo ar, e não entra no miôlo da pelladura.

— Então, ó sabio, queres que aqueçamos o osso?

— Não, quero que a carne beba...

— Isso era bom que houvesse carne! Está a pelle sobre o osso, como se fôsse a camisa d'elle. Se atravessamos a pelle com esta agua do Diabo, o osso vae ficar aos tombos...

— Venha de lá uma gôtta para o peito... Tem o peito frio como a pedra d'um sepulcro... Entretanto cheguem-lhe ás ventas esses saes que cheiram mal. As perfumarias reservam-se para gente viva e delicada...

Jacob, que ainda não começava a reanimar-se, ia perdendo a apparencia de cadaver. Na côr o cadaver parecia querer resuscitar.

— Se ao menos o pagassem por bom!...

— Só em drogas consome elle valor mais alto que teria n'um mercado de escravos...

— Já suamos, e elle quasi que ainda não aqueceu!...

— Para que servirá isto? Sabes, Paco, a que se destina a nossa obra?...

— Caprichos do Santo Officio... Tanto trabalho para aquecer uma coisa que é para queimar...

— Como se elle gelado não aquecesse sobre a fogueira...

— Levava talvez mais tempo a arder...

— Olhem, olhem; começa a mexer um pé...

— O rapaz tem methodo: começa pelo fim. Por este caminhar, ámanhã, por estas horas, deve abrir os olhos...

— O peor é que temos mais que fazer. . Deixemol-o bem tapado, e esperemos que possa beber alguma coisa...

Deitaram sobre o corpo de Jacob pesadas mantas de lã...

— Que tal está agora o peito?

— O coração tem mais fôrça... Já não é philtro — é a bica de uma fonte... Já lhe passeia o sangue... O passear faz bem...

— Escapou de boa, disse outro.

— E' melhor dizer não escapou... A nossa obra é um castello armado no ar. Mais oito dias, e o Santo Officio sopra tudo, e a nossa obra desaba por inteiro.

— Paco, manda afastar essa mulher.

— Retira-te d'ahi, disse Paco, com voz grosseira, a uma das doidas, a que estava mais silenciosa e triste, e que se levantara para espreitar o doente.

O catre de Jacob ficava encostado á corrente de ferro que separava as mulheres dos homens.

A doida afastou-se sem protestar.

— Tu, Alonso, disse o chefe, vigia o doente, e não deixes que ninguem se approxime. Isolado tem estado, isolado deve continuar...

— Como disseste que elle se chamava? perguntou Alonso.

— Jacob. Se vier algum dos physicos, mostra-lh'o e cumpre as suas ordens.

Ouvindo o nome de Jacob, a louca parou no seu passeio, como se estivesse a recordar-se d'aquelle nome!

E dos tres homens, apenas Alonso ficou junto do doente, tomando-lhe

o pulso e espreitando-lhe a respiração, emquanto os seus companheiros se afastavam para fora da brutal enfermaria.

Mal se viu só, Alonso afastou-se tambem, lentamente, disfarçadamente, como quem ia passar uma revista aos doidos; mas, mal chegou á parte mais escura, desappareceu...

Pelo caminho fez estalar duas ou tres vezes o chicote, com o que estremeceram os doentes, que recuaram com máu olhar, mas submissos...

As trevas invadiram todo o recinto, e, apenas começava a illuminar o vasto salão, a lampada que balouçava ao centro e que tinha sido pouco antes accesa.

A escuridão acalmou um pouco os maniacos e idiotas; havia, comtudo, n'aquelle recinto um ruido sinistro de vozes desconcertadas, e entre ellas, a menos frequente, mas a mais sinistra — a da mulher que ladrava, com as mãos no chão e os cabellos cahidos!

Pé ante pé, a doida silenciosa, ao vêr-se sem vigia, dirigiu-se ao leito de Jacob, e, descobrindo-lhe o rosto, esteve por momentos a olhal-o.

Fusilava-lhe o olhar, e nos labios tinha um sorriso de caricia e de esperança.

Poz-lhe a mão sobre a testa, apertou-lhe o pescoço como para ver se lhe difficultava a respiração, e, depois, sempre com o olhar a scintillar nas trevas e o sorriso a bailar por baixo d'esse olhar, recuou, recuou até chegar á sua enxerga descosida ou rôta, através de cuja cobertura se via a palha suja e moida...

Metteu a pobre doida as mãos n'esse abysmo, que revolveu, e, tendo achado o que procurava — um pequeno frasco de crystal muito forte e muito facetado — voltou de novo, ora de rastos, ora de pé, até o leito de Jacob.

Mal chegou junto de Jacob, de novo lhe apalpou a testa, e, depois, com a mão a tremer, desrolhou o pequeno frasco e approximou-o da cara do doente.

Nas faces de Jacob notou-se uma leve contracção.

A operação renovou-se ainda, sem que Jacob abrisse os olhos... Mas não havia já a menor dúvida — a vida voltava-lhe com todas as manifestações de côr, calor e movimento.

A doida sentou-se no chão, junto da cabeceira de Jacob, e, a todos os momentos, espreitava o rosto do doente, onde mal chegavam os fracos raios da grande lampada de aros largos a debruarem os vidros sujos de pó e fumo...

N'aquella posição, a pobre mulher não podia ser vista nem pelos outros doentes, nem pelos esbirros que passeassem no corredor central.

Devia ter sido, se o não era ainda, uma formosa mulher, a improvisada enfermeira.

Ainda a tortura e a doença não tinham conseguido aleijar-lhe, ou diminuir-lhe, as formas esculpturaes...

Se não fôsse o brilho exaggerado do seu olhar, que parecia bruxulear com fortes clarões, dir-se-hia que não havia em todas as Hespanhas olhos mais bellos e mais expressivos. Passavam n'elles vertiginosamente o amor e o odio; ora attrahiam, ora afastavam quem os fitasse; ora fusilavam como a mão de Jupiter, ora sorriam como os labios de Juno.

Tinha o rosto pallido e emmagrecido, mas as linhas que o contornavam eram firmes e tão correctas, que as sombras das faces e o sulco redondo e rôxo das orbitas não conseguiam afeal-o.

Tinham-lhe poupado o cabello, que trazia disperso sobre os hombros nús... Pautavam-no alguns fios de prata de uma incontestavel precocidade...

Por unico vestuario tinha apenas uma tunica negra e grosseira, apertada com uma corda na cintura, formando-lhe o busto em tufos e prégas, e desenhando-lhe as ancas preciosas, que deviam ter sido mais opulentas, mas que conservavam todos os primores... A saia, chamemos-lhe assim, era farta e curta, e os pés, nús, escondiam-se a custo n'umas chinelas lentejouladas... Era n'esse atavio, tão vulgar então nos bazares mouriscos, que a formosa louca fazia consistir toda a sua vaidade feminina.

O collo, que se adivinhava no contôrno que se afastava do pescoço, não precisava da carne para avançar petulantemente... Os ossos do peito tinham a curva do collo do cysne que avança sobre a agua...

Se não fôsse o olhar, inquieto e faiscante, e o frequente movimento da cabeça para sacudir a sua juba de ébano e prata, ninguem diria que ella era uma doida...

Até ás vezes, quando parecia meditar, e dos olhos lhe rolavam duas lagrimas mudas e serenas, mostrava-se tão calma e olhava com tanta intelligencia!...

Junto de Jacob passou um d'esses momentos...

Andou-lhe a imaginação sabe Deus por que mundos! Talvez por esses mundos phantasticos que devassamos em sonhos e que nos dão a felicidade n'um momento de uma noite!

Sem dúvida o moço christão-novo era para ella uma esperança... Ouvira-lhe já o nome e conhecia-lhe o valimento... Vira-o n'um dos transes mais dolorosos da sua vida e adivinhara-lhe no olhar a compaixão... Elle talvez se salvasse, e, n'esse caso, poderia enviar-lhe noticias dos seus perdidos amores...

E esteve assim muito tempo, até que sentiu estremecer o catre de Jacob.

Ergueu-se, e fitou o doente com anciedade.

Jacob teve um movimento nas palpebras, e depois entreabriu-as.

A louca desviou-se para não ser vista; mas Jacob, mal desperto do seu longo deliquio, ficou tão surpreso ao vêr-se assim accommodado sob aquellas escuras arcarias, que ia decerto chamar alguem.

Não se enganara; mal o doente acostumou a vista áquelle recinto, que era para elle, comparado com o seu carcere angustioso, um mundo infinito, porque a memoria ainda lhe vacillava, ergueu um braço e ia para soltar um gemido ou um grito.

A louca pôz-lhe a mão sobre os labios...

Então Jacob fitou-a cheio de surpresa e espanto.

— Jacob, apressou-se ella a dizer, não me reconheceis?

— Não, disse o doente, fazendo um esfôrço.

— Olhae bem para mim. Accordae a vossa memoria...

— Não, repetiu Jacob, fechando os olhos.

— E agora? insistiu a louca, afastando da cara, com as mãos de cera, a juba que lhe envolvia a cabeça...

Jacob olhou outra vez, e como se de repente lhe tivesse resuscitado o seu passado de amarguras:

— Suzana? Sois a pobre Suzana?

— Sim, a viuva de Samuel!

— Como viveis ainda?

— E' Deus que o quer.

— Tendes soffrido muito, não é assim?

— Muito, mas vou começar a ser feliz.

— E esperas?

— Assim é necessario. Tenho duas grandes missões a cumprir: salvar minha filha e vingar Samuel.

— Mas estás captiva!. .

— Ainda. Estas portas porém hão de se abrir no dia em que eu offerecer os meus afagos ao mais poderoso dos meus juizes.

— E estás resolvida?

— Estou. Jurei-o, hei de cumpril-o. Vêde como sou formosa?! Em querendo, o rei, o papa, o inquisidor-geral, todos os esbirros e familiares me abrirão os braços e as portas! Que falta me faz o corpo, se até a alma já perdi! Não quiz atraiçoar o meu Deus, mas estou resolvida a atraiçoar o meu homem. Depois quando eu morrer, e só morrerei depois de me vingar, contarei tudo ao meu defuncto, e elle ha de approvar o que

fiz. Aqui dentro vou-me finando, envelhecendo de momento para momento, e levo á fogueira collo, cabeça, os meus olhos, a minha trança!... Isto tudo é d'elles... Não é verdade, senhor Jacob, que na outra vida não usamos este corpo? Para que? De que nos serviria isto para andarmos lá por cima, tão alto!? É muito pesado este fardo, não é assim? Eu só quero viver por causa da minha Eva. Para a salvar, vendo tudo. Não conheceis a minha Eva? Como ella é formosa! E' mais que eu, muito mais! Não é filha de Samuel, não é; mas elle amou-me tanto que até a amou tambem. Se não puder salval-a, mato-a... Assim posso morrer descançada. Sósinha, aos tombos por esse mundo, perseguida por estes bandidos, é que não quero deixal-a. Senhor Jacob, quereis ajudar-me? Quando sahirdes d'aqui levae-me comvosco. Serei vossa amante... Antes comvosco que com outros... Se me quizerdes, não tenhaes medo, que eu tenho licença de Samuel para me dar, ou alugar, ou vender... Deixar que tudo isto, que era d'elle, se estrague e apodreça para ahi ao canto d'um carcere cheio de bichos, ou seja atirado para cima da lenha a arder, deante da canalha, que applaude, isso não...

Jacob queria falar, mas Suzana não o deixava fazer a menor pergunta!

O doente, tão perturbado quanto enfraquecido, quasi não a ouvia...

Como estava aquella mulher a seu lado, áquella hora, n'aquelle logar?

O que se passara com elle e com ella, para que ambos — ella, que julgava morta, e elle, que estivera a morrer no seu cubiculo — se encontrassem assim?

— Eu conto depois tudo, senhor Jacob, conto tudo... Quando morreu o meu Samuel começaram a dizer que eu tinha endoidecido... Agora, que tenho muito juizo, é que me dão por doida! Ora olhae bem para mim, senhor Jacob, eu pareço-me com essa gente que para ahi está?...

— A que gente vos referis, Suzana?

— Aquellas endemoninhadas que alli estão, e que não podem ir ao auto de fé... Aquellas, sim, é que estão possessas... São todas mulheres ou filhas de judeus de Sevilha e mouros de Granada, mas, com medo da morte, negaram os seus deuses, e o Céo mandou-lhes aquelles castigos.

— Meu Deus, disse Jacob, estou então entre loucos?... Terei enlouquecido? Deixae-me, Suzana, que sinto vacillar-me a razão. O vosso olhar assusta-me... Então estes gritos que ouço, esta gente que além se revolve?... Valha-me Deus, valha-me Deus!

— Não tenha medo, senhor Jacob — os que fazem mal estão presos, os outros vivem alegres, ou indifferentes... Quem tem juizo aqui somos nos... Vós, porque ides procurar minha filha aos subterraneos da Gardunha, e haveis de leval-a depois a casar com o formoso rei Philippe, que

mandará deitar fogo a esta casa e empalar na praça da Giralda os assassinos do meu Samuel... E eu, porque hei de, talvez ámanhã, trazer-vos até aqui a vossa formosa amante... Tendes amante, não é verdade, senhor Jacob? Pois haveis de vêl a, mais formosa e mais triste que nunca, aqui, n'este logar em que estou agora...

— Calae-vos um pouco, Suzana — descançae... estaes a dizer coisas que me estonteiam. A'manhã conversaremos muito... Se é minha amiga, deixae-me pensar na minha e na sua desgraça...

— Se sou vossa amiga? Quem vos chamou á vida? Assim eu pudesse chamar o meu Samuel! E Suzana sentou-se outra vez, no chão, e ficou muda, a olhar muito fixamente e com duas lagrimas brilhantes e serenas a deslizarem pela face...

Ao fundo do salão ouviu-se o estalar de um chicote.

Era o Alonso, que accordara e vinha dar a volta para vigiar os seus doentes.

Abalou-se a prisão em alaridos, como se tivessem açulado uma matilha.

Jacob fechou os olhos e extendeu o corpo...

Suzana não se moveu no seu improvisado esconderijo.

O guarda fez a sua volta com a maxima indifferença, nem sequer olhando para os miseraveis que o chamavam. Fez excepção ao passar junto de Jacob; mas não se approximou...

Mesmo de longe reconheceu que elle mantinha a posição em que o deixara...

Para elle, aquillo era negocio arrumado... Tanto tempo sem sentidos já não merecia cuidados...

E assim se passou a noite longa, triste e infernal!

XLVII

A loucura

Jacob perguntara a si proprio se fôra victima de algum accesso de loucura. A memoria vacillava-lhe... Lembrava-se da confissão, como dos seus grandes pesadelos! Quem lhe asseverava que aquillo não fôra uma crise terrivel, a que elle mais temia — a que rouba a luz do entendimento... Devia ser isso, sem dúvida... Enlouquecera e cahira... o somno tão longo e o ferimento de que se queixava explicavam tudo...

E quem não havia de enlouquecer n'aquellas condições? Para admirar era a lucidez de espirito d'aquelles martyres! N'um constante supplicio, em logares infectos, torturados o corpo e o espirito, maltratados e injuriados pela maldade dos juizes e dos algozes, cheios de saudades da liberdade, do sol, da familia, sem um lampejo de esperança, esperando apenas a morte com todos os horrores da tortura, e com todo o escandalo da ignominia, quem não havia de endoidecer?...

— E' muito forte o cerebro, lá isso é! pensava elle, olhando, sem ver, as altas abobadas do lôbrego recinto. E' mais forte que o craneo, que o peito, que os braços... Tudo isto me cançou primeiro que elle; e comtudo elle é que mais tem luctado e soffrido! Fechamos os olhos, e elle vê; tapamos os ouvidos, e elle ouve!... Todo o nosso corpo fraqueja e adormece, e elle véla sempre em sonhos que aggravam a realidade e criam e multiplicam os monstros e os phantasmas! Quem sabe, se depois da morte, elle ainda trabalha, e pensa, e delibera? E comtudo o meu cerebro era robusto, muito robusto até! E' que a lucta foi... tem sido, principalmente contra elle... Começa a intolerancia por desmanchal-o. Tudo que o formou e fortificou, desde a infancia e a mocidade, crenças, fé, idéas, recordações, tudo esta gente feroz procura arrancar-nos cá de dentro, causando-nos uma dôr em cada tentativa, como se estivesse arrancando-nos o cabello a um e um, vagarosamente... Como não estamos doidos todos, quantos estamos aqui dentro, n'esta caverna, onde se cae por acaso, e de

que nunca mais se torna a sahir, senão com os membros quebrados e a razão apagada? Apagada, sem dúvida! Não pode deixar de ser loucura esta estupida resignação com que as victimas do Santo Officio aqui defendem a vida e ainda a amam e querem! Quem, lá fora, são de corpo e de espirito, poderá acreditar que um momento apenas a fôrça, a coragem, o orgulho deixem de se debater ferozmente contra os homens, que são peores que as feras!

Ninguem attribue senão á influencia de uma loucura, a que se chama resignação instinctiva, este repouso dos musculos, e dos nervos, e do sangue, n'esta atmosphera que revolta como um chicote e asphyxia como um baraço. Quem não pode morrer aqui tem obrigação de enlouquecer! Estes doidos são os que teem juizo. Ha vergonhas e crueldades que se não podem ver... Fechar os olhos não basta.. O pudor, a dignidade, o protesto do vencido, está em primeiro logar, em morrer, e, se não vence na busca da morte, em cegar a razão... Só cobardes e loucos podem estar como eu agora estou, pensando, ou, como esta pobre Suzana, a chorar... O que corresponde aos horrores d'esta casa não é a palavra e o pranto da humanidade... Livre de movimentos, eu devia andar de rastos, mettendo as unhas na carne, arremessar-me contra quem, temendo-me, procurasse esmagar-me; luctar, luctar sempre até... enlouquecer! Se não podemos matar o corpo, a grande conquista está em apagar o espirito... Os doidos são os que triumpham da Inquisição... Se esta quiz polluir-lhes a consceincia, a consciencia suicidou-se! E' bem feito! Oxalá que todas as victimas, ou morressem ás primeiras torturas, ou enlouquecessem antes das ultimas. Possessos ou endemoninhados, a ladrar, como aquella miseravel que estou ouvindo, é que todos deviamos estar. A isto não resistem os brutos... Estou doido? Devo estar... Nem era provavel que, o não estivesse... Pensar de modo differente é ter uma loucura de novo aspecto. Francamente, aquelles idiotas que para alli estão grunhindo, como porcos em chiqueiro, teem mais juizo que eu, quieto, mudo, resignado, a pensar no mundo, como se valesse a pena pensar n'elle... Aquillo são cadaveres que falam e mexem; estão escarnecendo a Inquisição, que os persegue; eu sou um homem ainda, vejo, penso, sinto... todos os golpes que ella vibra me alcançam e doem!... Morrer é a maior desforra que se pode tomar d'esta tyrannia... Depois d'isso, só a loucura. Meu Deus, disse Jacob cruzando os braços sobre o peito, de todo o coração vos peço que me façaes doido, como o mais doido d'esses infelizes, que já não discutem religiões, nem distinguem a fé, nem odeiam o Santo Officio, nem recordam amores!... Quando nos morre a esperança na vida, parece que a morte sorri cheia de esperanças! A materia aligeira-

se, volatilisa-se, espiritualisa-se talvez, e tudo isto que existe no mundo — terra, mar, sol, estrellas, formosura, virtudes, leis, moral, familia, corpo, saudades e sonhos — tudo isto, que vive dois dias, e que nós tanto defendemos hoje para perder ámanhã, tudo isto me parece já mesquinho e inutil. Se esta vida é portal da vida eterna, como dizem os christãos, então o nosso anceio deve ser transpol-o rapidamente... Se esta vida é unica, limitada pelo berço e pela sepultura, e apenas dura o sôpro que nos anima da infancia de hontem á velhice de ámanhã, sem deixar vestigios nem da materia, nem da essencia, não pode ser soffrida, que é bem melhor dormir sem sonhar, que viver accordado n'este inferno! Não tenho dúvida, estou doido... Por isso me trouxeram para aqui. Estou com a loucura mansa, mas já tive decerto uma crise como a d'estes meus infelizes companheiros...

E Jacob agarrava e apertava a cabeça com as mãos, como quem se esforça por diminuir as dôres, ou por segurar idéas.

— Sr. Jacob. disse-lhe Suzana erguendo um pouco o corpo, não podeis dormir?

— Não, Suzana... tenho febre... E vós, minha amiga, por que não dormis tambem?

— Porque tenho estado a conversar com Samuel...

— E que vos disse elle?

— Que Eva está salva e está feliz!

— Deus o queira, Suzana, Deus o queira.

— Então não sabieis?

— Eu?

— Sim, vós — Samuel disse-me agora mesmo que a salvação de Eva a vós se deve. Eu tinha esse presentimento, e por isso vos acudi...

— Que vos contou Samuel?

— Que antes de morrer vos dissera que Eva estava na ponte de Triana. Disse-vos isso?

— Sim, agora me lembro. Samuel disse-me algumas palavras parecidas com essas... Mas, como quereis que eu salve vossa filha, se eu tenho passado tanto martyrio!

— A ninguem revelaste as palavras de Samuel?

— Espera — revelei, sim... a um amigo, a um grande amigo, a um leal e dedicado rapaz... E' isso, é, escrevi essas palavras, e entreguei o manuscripto...

— Como se chama esse confidente?

— Para que quereis conhecel-o?

— Para o abençoar, senhor, se elle tiver salvo minha filha...

—Ha quanto tempo o não vejo! Se elle se esqueceu de mim, como quereis que ainda se lembre das palavras enigmaticas do pobre Samuel?

—Mas dizei-me o seu nome, que desejo recommendal-o ao Céo...

—Pois bem—esse rapaz chama-se Pepe...

—Pepe? repetiu Suzana. Só Pepe?

—Só.

—Ha tantos em Sevilha!...

—Rezae por elle, que Deus distingue-o entre todos os outros.

—Não me ha de esquecer; Pepe, Pepe, Pepe... E agora vou descançar.

—Adormeceis tão tarde!

— E' quando Samuel me deixa. Assim que a estrella d'alva começa a brilhar, elle vae-se embora e eu adormeço.

— E vêdes d'ahi a estrella d'alva?...

— Pois não! É alli que ella começa a luzir todas as madrugadas...

— Coitada! E' talvez a luz da galeria que brilha nos resquicios da porta...

— Qual! — E' a estrella... Vêde bem, senhor...

Jacob olhou.

— Não vejo nada!

E Suzana, segurando na cabeça de Jacob, inclinou-a na direcção do seu olhar.

— Não vêdes illuminar-se aquella porta com a luz da minha estrella?

— Effectivamente, disse Jacob, illuminam-se as frinchas e a rotula... Vae abrir-se...

Nos umbraes da porta appareceu um homem, escudeiro, guerreiro, ou pagem, de cabeça descoberta e corpo envôlto em manto negro e amplo...

Acompanhavam-n'o dois homens com brandões accesos.

Um d'elles gritou para que Alonso pudesse ouvil-o:

— Por ordem superior, encaminhem Pepe até junto de Jacob Adibe.

— Pepe! disseram Jacob e Suzana.

— O meu amigo! ajuntou o primeiro.

— A minha estrella! exclamou Suzana...

Fechou-se a porta nas costas de Pepe, que avançou atraz do esbirro.

Pélas altas frestas da prisão desciam já, reflectindo-se em ondas d'um branco azulado, as primeiras claridades do dia; ondas que punham na muralha escura e rugosa aquella luz em retalhos que desce pelas paredes interiores, fuliginosas, d'uma chaminé. Não se via o dia, mas um reflexo d'elle.

Pepe não desmanchou a posição do manto, traçado a tal altura que lhe occultava o rosto.

Jacob torcera o corpo no leito para acompanhar com o olhar os movimentos do recemchegado, e Suzana, de joelhos, buscando occultar-se, devorava a scena com o olhar, e retinha a respiração.

Pepe, depois de dar alguns passos, estacou, e, batendo com a mão esquerda, que tinha livre, no hombro de Alonso:

— Sois Alonso, não é verdade, meu caro collega?

— Para vos servir, senhor, que a recommendação que trazeis me faz vosso servo e não collega.

— Collega é que sois, meu velho. Eu tambem sirvo a casa, como bom crente e bom vassallo... Até vos dou santo e senha, para que façaes mais que responder me, confiar em mim.

E Pepe disse algumas palavras ao ouvido do esbirro, que desarmara a sua habitual e feroz catadura.

— Está certo, como as coisas certas, senhor Pepe...

— Mas não abuso da vossa amabilidade, meu caro Alonso... Os meus collegas são tambem meus socios. A espionagem do Santo Officio é rendosa, porém incerta; mas a obra da Gardunha é sempre lucrativa.

— Accumulaes, pois?...

— Como fazem os mais prestimosos familiares .. O dia de hontem, a avaliar pelas corridas do *borzeguim*, foi dos melhores. Prepara-se um auto de fé á altura d'esta Santa Inquisição. Sevilha mais uma vez supplantará Toledo... Aqui tendes uma amostra dos lucros de hontem...

E Pepe metteu na mão de Alonso algumas moedas, que este guardou rapidamente.

— Perdoae-me, senhor, se vos não trato por D. Pepe... Ouvi para ahi dizer que não ereis castelhano...

— Tratae-me como quizerdes, comtanto que me respondaes ao que vou perguntar-vos.

— Tudo que eu saiba, meu generoso collega.

— Está bem. Quando entrou Jacob para este carcere?

— Hontem, ao cahir da tarde.

— Vinha do tribunal?

— Não, senhor — veiu do segredo.

— Foi então lá que soffreu a tortura?

— Qual tortura?! Ninguem lhe tocou, pelo que ouvi dizer... Foi elle que quiz encerrar o processo, abrindo a cabeça!...

— Jacob quiz matar-se?

— E' o que parece; não por se ter ferido no craneo, que isso podia

ser de quéda involuntaria, e, como sabeis, até de fome se cae, quanto mais de estupor; mas porque tem os pulsos mordidos... e o pulso é manjar que os marranos só mastigam quando se resolvem a deixar de comer. Esta raça é tal que até se envenena com o proprio sangue!...

Pepe ficou mudo alguns momentos.

— Por que o trouxeram para aqui?

— Para lhe restituirmos a fala. Parece que ainda tem muito que dizer...

— Não ha, pois, no palacio camaras de misericordia?

— Ainda, sim, senhor; mas só para os ricos e para os recommendados das côrtes extrangeiras.

— Mas Jacob é portuguez...

— Isso agora é quasi o mesmo que ter nascido em Sevilha... Não tarda nada que haja filial do Santo Officio em terras portuguezas... Tambem só assim se poderá evitar a perda de tanta caça...

— Mas Jacob recuperou a fala?

— Isso sim! Ao principio julgámos que elle estava apenas ferido por fora, mas qual? tem lá por dentro cada brecha por onde pode passar bem o meu punho!... Como era valente e orgulhoso, estoirou, provavelmente, onde as grandes dôres fazem explosão...

— Encaminhae-me ao seu leito...

— Vinde commigo.

Pepe, tão entristecido e preoccupado ia com a desgraça de Jacob, que nem attentou nos miseraveis episodios que se lhe offereceram na passagem até o catre do seu amigo...

Uma vez apenas voltou a cabeça por ter ouvido o rastejar d'alguem na direcção do resguardo das mulheres.

Alonso fez estalar o chicote.

— O que é isto?

— Alguma d'estas damnadas que andava fora do redil. Provavelmente Suzana, que anda sempre a conversar com o marido e a procurar a filha! Este diabo ainda me compromette um dia. Não tenho outro remedio senão mettel-a na argola...

— Que Suzana é essa?

— A mulher mais bonita que dorme debaixo d'estes tectos! a viuva de Samuel.

— Que sorte espera essa desgraçada?

— Já está condemnada, e em breve relaxada ao poder real. Está aqui a vêr se toma juizo para não ir a rasgar a *carocha* até o cadafalso da Praça...

— Sêde brando para com ella, e eu saberei agradecer-vos, Alonso.

— Ah! ficae descançado, que eu tenho muito dó d'ella! Apesar de ser bom christão, chego a ter dó d'esses desgraçados marranos. Ás vezes até tenho tentações de os matar... Chegam a pedir-me de joelhos que lhes faça esse favor... Mas, não pode ser; a pena não é de morte qualquer — rapida, sem dôr, sem vergonha, sem preparativos, sem fogo lento! O Céo reclama um grande martyrio e um grande exemplo... Mas, emfim, senhor Pepe, fica esta sob a minha protecção.

— É este o corpo de Jacob? disse Pepe indicando o seu amigo.

— Dizeis bem — o corpo... Está ainda como o deixámos hontem. A alma já a esta hora deve andar por casa de Satanaz!...

Pepe desembaraçou-se da capa, debruçando-se sobre o corpo de Jacob para lhe escutar a respiração, na esperança de que elle ainda vivesse. Ao mesmo tempo pegou-lhe nas mãos, que deveriam estar geladas...

Enganava-se — as mãos tinham fogo, e os labios, quasi a tocarem o ouvido de Pepe, respiraram estas palavras muito fracamente:

— Pepe, meu bom Pepe, afasta esse homem...

Pepe endireitou-se, affectando indifferença.

— Homem de Deus, estaes completamente enganado... Aqui ainda ha vida. O calor volta, e a morte é gêlo... Ficarei junto do doente... Se houver alguma novidade, chamar-vos-hei... Ide, meu velho, ide; já que vos roubei o somno, quero restituir-vol-o!...

E Pepe sentou-se na enxerga de Jacob...

XLVIII

Cordova e Sevilha

A'quella mesma hora, ou poucos momentos antes, á porta do palacio, conversavam dois *guapos* da Gardunha, occultos no recanto mais sombrio. *Guapos* ou *Fuelles?* Em todo caso, gente d'aquella honesta gente, que já conhecemos, e que tanto zêlo desenvolvia pelos interesses da formidavel associação. Se espreitassemos, como qualquer *assoprador,* o que elles estavam dizendo, poderiamos ouvir este curto e rapido dialogo:

— Pareceu-te ser o mesmo?

— Se não é elle é o diabo por elle.

— Onde o descobriste?

— Ao principio da noite, na praça da Giralda.

— Só?

— Completamente só. Parou á porta d'um bazar, e, apesar de vir cuidadosamente embuçado, descobri-lhe bem a farta cabelleira de pastor napolitano – a mesma que vimos tão arrogantemente sacudir ao luar, na ponte de Triana.

— E nunca o perdeste de vista?

— Apenas quando elle se metteu n'um grupo de familiares, com o qual conversou animadamente. Quando todos dispersaram, desappareceu elle na esquina d'uma rua em companhia d'um rapazote aperaltado, que fazia lembrar os nossos *chivatos* mais garridos. O acaso fez que os encontrasse depois da meia noite, e não mais o larguei... Tive tentações de lhe lançar as garras, mas como o vi encaminhar-se para aqui, receei...

— Já estaria ha muitos dias em Sevilha?

— Deve ter chegado hontem de manhã...

— O principal é não lhe perder a pista. E' provavel que se não demore na cidade e volte depressa para o esconderijo onde encafuou a pequena Eva.

— Se não tiver tempo de prevenir a confraria, deverei partir com elle?

— Sem dúvida. Se o houvermos á mão, poderemos compromettel-o com o tribunal, e obrigal-o a pagar caro o trabalho e as despesas que nos tem custado. Tens a certeza de que está lá dentro?

— Toda.

— Bem, fica no teu posto.

— Não tencionaes fazer-me render? Se elle ficar por lá o dia todo, não poderei com tamanha sentinella.

— Mandarei alguem depois de nascer o sol, e, se entretanto passar algum dos nossos, combina com elle a divisão d'esse serviço...

— Olha, não vês alguem que se occulta n'aquelle portal?

— Distingo um vulto. A esta hora só um dos nossos se atreveria a espionar estes sitios...

— Queres que lhe faça signal?

— Faze-lhe o signal de *fuelle*.

O *guapo*, que interrogara, metteu dois dedos na bôcca, e produziu um som que imitava o piar d'uma ave nocturna.

Ninguem respondeu.

— Faze o outro...

O que fizera o primeiro signal, produziu, então apenas com o auxilio da garganta, o canto do gallo...

Não tiveram resposta.

— Diabo! será o sereno.

— Quatro horas e meia! ouvi-se ao longe. Cae nevoeiro! Apagou-se a lampada de Nossa Senhora. Reina silencio! Ave, Maria Purissima.

— Vês que é o sereno, e que esta voz vem do nosso lado!

— O sereno não se recolhia no portal, com a lanterna apagada!...

— Serenos vigiados, assim como vigiamos?

— O melhor é atravessar a rua, e acabar com estas dúvidas.

E os dois homens assim fizeram.

— Levas o *punzante*?

— E tu prepara o teu.

— Um *chirato*? Ainda não conheço bem o jôgo, e os estatutos.

— Os estatutos só prohibem que te sirvas d'elle sósinho. Agora estás commigo... Mando eu.

E chegaram ao portal onde apenas a sombra projectada pela lampada d'um nicho se agitava regularmente.

— Caramba! disse o *guapo*, ia jurar que estava aqui alguem...

— Foi illusão, decerto. Ora, repara, não parece mesmo que estão duas pessoas d'aquelle lado?

— E não são?

— Já se sabe que não. E' o mesmo. E' a sombra a tremer.

— Traria Pepe uma matilha ao seu serviço?

— Seria caso novo: a Inquisição em guerra com a Gardunha! Ellas que foram geradas no mesmo ventre!...

— Aquillo deve ser alguma diligencia do Santo Officio... Trabalho secreto, que devia ser feito de noite, e que abortou de surpresa... São com certeza esbirros e familiares á espera de novidade grossa...

— Isso porém não impede que cuidemos no que mais nos interessa. Precisamos de rehaver Eva... O mestre já tinha uma offerta generosa d'aquelle fidalgo portuguez, que é apreciador do genero, e rico a valer...

— O morgado de Travanca?

— Já se sabe. Voltou a Sevilha na peugada d'uma *serena* de outros moldes, e podiamos aproveitar a occasião de fazer um optimo negocio...

— Nada de esmorecer.

— Se a pequena está em terras de Hespanha não é facil que nos escape. Os *capatazes* das provincias já foram avisados... A filha de Suzana tem de cahir nas mãos d'alguem. É melhor que caia nas da Gardunha, que a Inquisição é uma desastrada... Ás vezes, na furia de fazer sangue, não faz o dinheiro, que é tão necessario... Somos mais práticos... servimos a fé e os prazeres...

— Não ouves ao longe um ruido muito prolongado?

— E' o de alguma liteira que vem com pressa...

— E que se approxima d'aqui.

— E' uma noite muito extraordinaria esta, em que as liteiras se permittem fazer barulho na cidade, antes de romper o dia, e está recolhido, como se não fôsse necessario, o *borzeguim* silencioso.

— Até me parece ouvir tropel de cavallos! Não ouves?

— São os da liteira...

— E' uma forte cavalgada, talvez tão luzente como a do rei, em dias grandes...

— O melhor é retirarmo-nos... Pois não vês que estão surdindo espiões de todas as esquinas? Isto é mais que as sombras dos lampeões...

— Tens razão, tens; ouço os passos de gente de guerra, como se estivessemos sendo invadidos!

— A liteira vem para cá?

— Nada... não vem para este lado, mas parou perto, na rua proxima...

— Alguma embaixada que vem ao arcebispo. Não é alli o palacio de sua eminencia?

— E'. Sabes o que te digo? E' que tantos flamengos depois da meia noite é signal de que vamos ser chamados para obra de alto cothurno...

E tinham razão o *guapo* e o *chivato*.

Antes de romper o dia, Sevilha despertou como se o poder se apparelhasse para resistir a uma revolução popular.

De todos os cantos da cidade sahiram vultos que espionavam, e o que durante a noite era apenas um jôgo de sombras, mal nasceu o sol, converteu-se em movimento constante de aguazis e gente armada.

Peões e cavalleiros de lanças bem corrigidas, formavam alas cerradas á porta e nas immediações da Inquisição.

Os dois bairros de Sevilha estavam fortemente policiados, e, nas extremidades da ponte, troços de gente de boa armadura interrompiam o transito da gente do povo. Nos arruamentos dos ciganos, os esbirros, de surpresa, começaram as visitas domiciliarias.

Para o lado da Gardunha ouvia-se o trotar de cavallos.

O povo, aos montões, percorria as ruas principaes, admirando aquelle inesperado movimento e procurando conhecer-lhe as causas.

Regaçando os habitos, os frades entravam e sahiam açodados do palacio da Inquisição... Nas egrejas os fieis conversavam, animadamente, perguntando, uns aos outros, pela causa de tão mysteriosa actividade.

O arcebispo de Sevilha tinha a porta bem guardada.

Toda a gente suspeita de pouco affeiçoada ao velho inquisidor-geral era prêsa em casa, ou na rua, e immediatamente conduzida para o carcere, á ordem da auctoridade militar. A ordem pública tinha sido confiada á fôrça armada. Isto representava uma anormalidade no governo da cidade. Se o poder clerical prescindia das suas prerogativas, era por não ter confiança na sua propria fôrça. Cada capitão das guardas valia agora por uma centena de esbirros e de frades. Os presos, formando grandes levas, entre escoltas cerradas, perguntavam aos soldados — o que tinham feito?

— Isto é prevenir respondiam os lanceiros.

Era certo haver medo de qualquer revolta. Mas Sevilha não tinha pensado em movimento d'esse genero... Andava, com certeza, irritada contra o regimen de terror que o velho theologo, que presidia aos destinos do Santo Officio, acabara de restaurar.

Reconduzido ao seu logar, logo depois da morte de Philippe, redobrara a sua tyrannia... Sevilha lamentava-se e soffria — mas resignava-se — Os frades da Inquisição, os bandidos da Gardunha e as tropas do regente esmagavam-n'a.

A reacção podia dizer-se triumphante.

Deza arcara com o bispo de Granada, Fernando de Talavera, e levara ao Santo Officio o sabio Antonio de Nobrija, que commettera o *grande delicto* de corrigir erros introduzidos no texto latino da *Vulgata!*

Deza não era medroso, e a prova era que, mal substituira o bispo de Catanea, chamara Lucero para a Inquisição de Cordova.

Com as cinzas de Philippe ainda quentes, á face do bispo e do cabido cordovezes, sem respeito pelas reclamações da nobreza, chamar de novo ao exercicio das suas funcções de inquisidor o maldito Tenebrero, significou um acto de audacia, que mal se compadecia com o medo que o arcebispo mostrava agora da pobre gente sevilhana.

A' porta do palacio de Deza conversava-se sobre o caso.

— Deve ser muito grave o que obrigou sua eminencia a defender-se por tal arte...

— E bem grave foi; chegaram noticias de Cordova. Anda Satanaz á sôlta em perseguição do primeiro inquisidor... estão presos o escrivão e o fiscal do Santo Officio.

— Presos? Por quem?

— Pelo povo, que soltou o grito de revolta e arrombou as prisões, enchendo de infieis toda a cidade! Os presos, em numero de milhares, augmentaram a fôrça dos seus salvadores, e pedem a cabeça dos principes da Egreja!

— Deza, visto isso, não poderá salvar-se. Estes factos agora, á chegada de Fernando V, que vem tomar conta da regencia, tem incontestavel gravidade.

— E como está o arcebispo?

— Aterrado, completamente aterrado! Sente que vae pagar a sua antiga audacia. A causa de Lucero é a causa de Deza... Perdido um, o outro tem razão de se julgar perdido.

— Mas Fernando V talvez favoreça a causa do arcebispo.

— Quem acredita n'isso?

— Fernando vem de novo, e, portanto, traz gente nova.

— Tambem inquisidor-mór?

— E' espreitar-lhe o manto da regencia... Occulta e aquece a raposa mais ladina e devorista que um rei catholico poderia descobrir em todas as Hespanhas ..

— O cardeal Cysneros?

— Tal qual.

— Então toda esta algazarra e movimento?

— E' para intimidar Sevilha. Logo que a cidade saiba o que fez, Cordova deve ser desarmada para não imitar a aventura. A villanagem está segura, e a judiaria, mourama e ciganada tremem de susto...

— Como Deza, pelo que dizem.

— Deza não treme por causa de Sevilha; treme por ter a consciencia da sua obra ..

— Tem sido trabalhosa!

— Muito trabalhosa... Basta dizer-se que tem feito queimar vivas duas mil quinhentas e noventa e duas pessoas!

— O maldito é dos que sabe assar carne humana!

— Tão trabalhosa que, além do que queimou, condemnou a prisão perpêtua, ou ás galés, roubando-lhes as fortunas, a bagatella de trinta duas mil novecentas e cincoenta e duas creaturas de Deus!...

— Tem razão para tremer... lá isso tem...

— E o que fará elle agora? Dará a sua escusa do logar nas mãos d'el-rei, ou chamará em seu soccorro a intervenção de Julio II?

— Provavelmente nem uma nem outra coisa. Tendo perdido em Cordova, ha de querer desforrar-se em Sevilha.

— E' capaz d'alguma traição...

— De quantas! Não podendo, por falta de tempo, realisar brevemente um auto de fé, ha de rematar o seu imperio de iniquidades, matando a occultas os presos do Santo Officio. Será esse o seu testamento de sangue.

— Coitados dos que estão lá dentro .. Aquillo agora é processo muito summario. Abaixo não se vae elle sem escorregar no sangue de mais uns centos de victimas...

E estas noticias, dadas por gente de auctoridade e bem informada, espalharam-se facilmente e eram mui reservadamente commentadas.

Noticias de revoltas alegram e entristecem, até aquelles que as preparam e as dirigem. Emquanto o tyranno está de pé, a desforra pode aggravar a tyrannia...

Deza ia talvez cahir, mas a quantos martyres se agarraria na hora extrema do seu poder para não rolar sósinho?

Deza estava perdido, dizia-o o povo, e quando o povo fala, por mais innocentemente que o faça, tem razões para isso, sabe bem o que diz...

Estava perdido porque Cordova levantava o grito de revolta e dava liberdade aos condemnados, e soprava com furia, não para as inflammar, mas para as extinguir, as fogueiras da Inquisição.

Deza estava perdido porque era o escudo de Lucero, e este, por tal forma se excedera, que esmagara, em tamanho, o vulto do brutal inquisidor...

Deza queria esmagar Sevilha antes que Sevilha se levantasse.

E tinha razão. Um audacioso teria n'um momento feito uma revolução. Aquelle povo sangrava dolorosamente. O inquisidor tinha levado ás fogueiras milhares de pessoas, e preparava-se para novas atrocidades.

Se não houvesse quem se revoltasse... Achar razão á tyrannia pare-

ce-se um pouco com o apêrto dado a uma parte dorida... Doe mais e parece que consola.

Sevilha mostrava-se tão catholica, tão beata, que bem se via que estava carregando na sua dôr!...

O povo andava na rua admirado de não ousar fazer o que os outros receavam!...

Um rastilho seria o bastante para uma explosão.

Toda a cidade tinha o coração cheio de lucto; pois, por isso mesmo, ella só se consolava em vêr a sua dôr bem espalhada. Consolava a viuva encontrar as viuvas aos bandos...

A parte de Sevilha que não morrera, estava moribunda. D'ahi a sua fraqueza...

Quando ella soube que Cordova, em vez de desfallecer, reagira, em vez de se consolar, se revoltara, em vez de se deixar morrer, matara, comprehendera que Cordova fazia justiça.

Mas comprehendeu muito tarde. Com a noticia da sedição cordovense chegou-lhe ás portas o poder guerreiro de Fernando e o poder iniquio do tribunal religioso. Quando Sevilha applicou o ouvido para escutar os clamores do povo de Cordova só ouviu o tunir das lanças sevilhanas!

Chegou á rua para luctar e encontrou os corceis dos mais aguerridos cavalleiros... Ainda mal começava a espreguiçar-se e já sentia nos braços os laços da repressão!

Deza aproveitava os ultimos momentos do seu imperio!

Tinha o inquisidor, na mão trémula de medo, o brandão inquisitorial, e tanto elle agitava n'essa tremura, que em vez de se apagar, mais se inflammava!

Sevilha era o contrário de Cordova.

Em Cordova o povo assaltava o diabolico tribunal, brandindo machados e chuços, lanças e arcabuzes; quebrava grades, rachava madeiras, demolia muralhas — com o facho da revolta incendiava edificios e altares! — A sua voz, aos gritos pelas ruas, pregoava vinganças... A turba andava em correrias desordenadas, perseguindo os seus velhos e odientos perseguidores.

Armado do seu odio, mais carniceiro que os seus punhaes, penetrava nos carceres e libertava os captivos, trazendo-os para a luz do sol, ao collo, aos hombros, de rastos, cantando ameaças e chorando de alegria... As mulheres andavam caridosas amparando os martyres libertados, e as portas mais modestas se abriam para dar asylo aos nús, aos feridos, aos desfallecidos!... Andavam as creanças no caminho das fontes, carregadas de cantaros, buscando agua para os sequiosos.

A Inquisição de Cordova apresentava um aspecto novo, maravilhoso, como se tivesse chegado o dia de justiça, e Deus presidisse, entre nuvens douradas pelo sol, a essa obra colossal de libertação e resgate!

Andavam na praça, num formigueiro endoidecido, milhares de homens, n'um vae-vem vertiginoso, escancaradas as grandes portas do negro palacio... Havia gente gritando sobre as muralhas, e até nas torres se viam luzir as lanças dos revoltados... Sahiam como loucos, cambaleando, os presos ainda válidos, e ao certificarem-se de que podiam sahir, entravam de novo para ajudar a grande obra salvadora...

D'aquelle immenso covil sahiam coisas e pessoas, doentes e mortos, aos montões, como se o inferno tivesse abertas as suas crateras e por ellas estivesse vomitando todas as victimas que empolgara durante seculos!

Parecia que passava sobre Cordova o manto real de Philippe I, vingando a sua morte decretada pelos esbirros da Inquisição, e que lhe andava a seguir-lhe o vôo o espirito desvairado, cheio de saudade e amor, da louca Joanna!

Cordova mal acreditava na propria energia... Os conjurados passavam, acotovellando-se, sem se reconhecerem... As auctoridades civis, militares e ecclesiasticas fugiam apavoradas. Os mais velhos e fanaticos christãos iam fugindo e gritando o que ouviam... Rasgavam os habitos, occultando-se nos portaes, os frades perseguidos... Morra Lucero! era o trovão que soava em todos os recantos!

Dentro da Inquisição, pelos negros corredores, andava a turba empunhando archotes, e crivando de golpes as portas das cellas... A villanagem trazia na fronte a auréola da justiça!... A escoria escutava nas muralhas o segredo de mil gemidos e, com o mesmo furor com que um mineiro pode n'estes tempos amiudar seus golpes para descobrir o filão dourado que se lhe annuncia, assim ella, rasgando a parede com os picões e com as unhas, buscava com exaspêro descobrir um miseravel que agonisava nos segredos... A cada brecha, aberta com esfôrço herculeo n'essas sepulturas de vivos, acorria a multidão desorientada, e logo o libertado era conduzido em triumpho como bandeira gloriosa!

As familias dos encarcerados andavam lá dentro atordoadas, afflictas, chamando em altas vozes, onde havia lagrimas que estalavam os paes, as mães, os irmãos: e, quando das entranhas malditas d'esse morro, que parecia amassado de ossos e sangue, lhe respondia uma voz amiga, paravam attonitos, de olhos escancarados, nos labios o sorriso de extasi, a escutar, de cabeça inclinada... E depois cahiam de joelhos, mãos postas, agradecendo a Deus... De repente erguiam-se, e corpos, e armas, braços, chuços, lanças, dentes e unhas se precipitavam contra a sombra de uma

porta, negra como a noite, resistente como um rochedo aos embates das ondas mais levantadas!...

E descia o povo aos subterraneos, e trepava aos terraços, e serpenteava pelas escadas de caracol, ingremes e escuras, chamando sempre, gritando por Allah, Moisés e Jesus!

Um trôço de gente, que para todos os pavimentos e esconderijos chegava a multidão, invadia o cartorio, e, ora lançava o fogo aos velhos e funebres pergaminhos, ora os atirava pelas janellas sobre a bôcca das cisternas, ou os fazia voar até a rua, arremessados pelos vãos das grades negras e firmes!

Pelas escadas desciam velhos, amparados nos hombros de moços robustos, creanças erguidas em braços athleticos, e, suspensas pelas espaduas e pelos pés, mulheres desfallecidas, com faces de marfim e olhos roxeados!...

Sobre as sanefas dos altares, de ricos damascos com bordaduras, sahiam para a rua, como em sumptuosos esquifes, cadaveres lá dentro encontrados, que tinham esquecido insepultos, ou que tinham resultado do motim salvador.

Suppondo que fôsse d'um parente estremecido, este ou aquella, que não encontrara vivo o que procurara, apparecia soluçando, aos beijos a uma caveira!

A alegria, o odio, a esperança e o desespêro tumultuavam fora e dentro da Inquisição...

A's ondas, as liteiras e os machos de carga transportavam gente para os pequenos acampamentos feitos nas praças e nas ruas!

O céo estava azul, o sol de ouro, e ao longe, pallido e aterrado, Lucero fugia, perdida a esperança em Deus e em Deza...

O que o povo fazia em Cordova fazia-o a Inquisição em Sevilha!...

Em Cordova o povo triumphava e a Inquisição era vencida; em Sevilha o contrário.

Alli abriam-se os carceres; aqui fechavam-se com mais cuidado. Alli, Lucero fugia aterrado; aqui Deza ficava ameaçador!

O povo sevilhano, á proporção que foi comprehendendo a causa d'aquella repressão, mais ia lamentando-se da sua cobardia... envergonhava-se da cidade revoltada.

Com a mesma rapidez com que se despejou a Inquisição d'uma, se encheu a da outra cidade!

Houve um momento em que alguns populares mais ousados se reuniram instinctivamente, na praça da Giralda, para conversar a respeito dos acontecimentos.

— Se nos entendessemos um momento, talvez que a obra de Cordova não ficasse perdida...

— Bastaria que a gente da Triana se resolvesse a cercar o palacio de Deza...

— Nada é impossivel n'este mundo; antes morrer d'uma lançada sobre as pedras das ruas, que de fome e de açoites na casa dos frades...

— Na Gardunha ha *punçantes* de sobra... Se fôssemos até lá, a esta hora em que ella está abandonada, teriamos um arsenal ás nossas ordens.

— E se mandassemos as mulheres?

A gente d'armas não arremetteria, e teriamos tempo de nos apparelharmos para o combate...

— Ha muitos infantes e cavalleiros preparados para a aggressão... Se fizessemos um movimento seriamos logo detidos e amarrados...

— O peor é que não lograriamos salvar os captivos... Cordova preparou-se em segredo... Venceu pela surpresa...

— Lá isso é verdade — quanto mais resistissemos cá fora, maior seria o numero das victimas lá dentro.

— O melhor é deixar passar a onda...

— E morrer afogado, não é assim? E' bem feito que paguemos com o calor da fogueira a frieza com que discreteamos.

— Queres então ser o primeiro? Está dicto. Solta o pregão e conta commigo.

— Só dois! Se fôssemos todos! Vá, rapazes, estão resolvidos? Judeus e christãos, vamo-nos aos inquisidores e aos gardunhos?

Entretanto, chegava á praça um trôço de lanceiros, e a multidão foi, pouco a pouco, dispersando, a resmungar.

Ouviu-se então um pregão, que annunciava — que todo aquelle, homem ou mulher, que não recolhesse immediatamente a sua casa, seria prêso e conduzido ao palacio da Fé, e condemnado sem processo regular.

Ainda o pregão não estava extincto, e já a praça e as ruas proximas não tinham um unico protestante!

Como se vê, Sevilha pagava resignada a façanha de Cordova

Recolhida a população, foram logo as justiças á caça dos mais descontentes, e, a um e um, no borzeguim silencioso, os foram conduzindo para o tribunal, como se não tivessem obedecido...

Os christãos faziam justiça de mouro.

Receberam ordem de recolher ao Santo Officio todos os familiares que dormiam na cidade e os que andavam em serviço pela provincia. Em virtude d'esta ordem, a toda a hora se via gente de regular aspecto andando apressada na direcção do palacio.

A Gardunha tambem tocara a reunir, e os gardunhos, como ainda faz a nossa policia secreta, provocavam conflictos e deixavam-se prender e conduzir na companhia dos esbirros e das victimas das suas provocações.

Pouco depois, de novo surgiam no logar do conflicto, onde facilmente começavam os mesmos designios e resultados.

Estava o serviço policial habilmente organisado. Sevilha era uma immensa rêde armada não só á boa fé, mas até á cholera de toda a gente perseguida e maltratada.

Deza, por medo ou prudencia, deixara o seu palacio de arcebispo para se recolher ao Santo Officio.

No salão especial destinado ás audiencias, o inquisidor, como um general em campanha, fazia-se rodear do seu estado-maior; d'alli expedia ordens e exigia conselhos.

A negra milicia discutia, animada, o movimento cordovez e as probabilidades da sua irradiação, e, *una voce*, approvava o que se tinha feito e insistia em manter a cidade sob o terror mais brutal.

Havia apenas um inconveniente, e esse era grande — a insufficiencia dos carceres. No palacio não cabia mais gente...

Nos vastos claustros havia já pequenos grupos de captivos acampados, em monte, guardados por gente de lanças e esbirros armados de açoites...

Até a egreja, desde o côro até o retabulo da entrada, mantinha o aspecto de um mercado de escravos...

Pelas escadas, sentados nos degráus, deixando apenas livre uma faixa central para o movimento dos frades e mais gente da casa, havia homens e mulheres, de joelhos á bôcca, ou de pernas cruzadas, como usam as caravanas arabes ao descançarem nos areaes, ou presidindo nos seus bazares.

Em compensação as ruas da cidade estavam desertas, fechadas todas as portas, descidos os toldos das adufas!... Nem as mulheres, nem as creanças se viam nas ruas do bairro cigano!...

Parecia que um tufão varrera todos os bairros...

Apenas nos pontos estrategicos acampavam, em pé de guerra, as guardas inquisitoriaes!

Deza, até mesmo entre a sua gente, se achava rodeado de muitas das mais reluzentes armaduras.

Todos os assistentes tinham o rosto descoberto, e, apesar d'isso, o arcebispo, receando alguma surpresa ou traição, examinava-os a um por um, attentamente.

Não ficando satisfeito com o exame, chamou para o seu lado o escrivão do tribunal.

— Conheces toda essa gente?

— Como conheço os meus dedos...

— E' gente antiga servidora. ou ha entre ella algum servo ou familiar. recentemente alistado?

— Tive cuidado na escolha. Vossa eminencia pode estar descançado...

— São todos do tempo de Fernando V?

— Todos.

— Mas, entre elles pode haver alguns que sejam partidarios do bispo de Catanea...

— Serviram o bispo de Catanea por dever do seu cargo, mas sempre saudosos do arcebispo de Sevilha... Podia nomeal-os todos e de todos contar provas de dedicação e zêlo á causa de Deza...

O inquisidor não respondeu.

— Em que pensaes?

— Em Pedro Arbués...

— Sempre esse terror injusto e imprudente. Deveis affectar confiança.

— Pois, sim... Em todo caso — manda desfilar esses homens pela frente da presidencia.

E, em seguida, muito em segredo:

— Que eu lhes veja bem as mãos, e tu os rostos...

O escrivão avançou, e, em voz alta:

— Oremos pelo nosso arcebispo, pelo nosso chefe espiritual e temporal, meus irmãos, e que cada um de nós jure, com os labios sobre o annel. que symbolisa a auctoridade de sua santidade. delegada por vontade de Deus, ser fiel á Inquisição e á Regencia.

Desfilaram primeiramente os frades, de mãos erguidas e postas em attitude de oração.

Deza extendeu a mão onde havia um annel de pedrarias, descançando-a sobre as hastes cruzadas de duas lanças... Assim cobriam os guardas, com os seus, o peito do inquisidor.

Cada frade, ao passar na frente de Deza, vergava o joelho e inclinava a cabeça até tocar com os labios a mão do arcebispo.

O escrivão, á chegada de cada um d'elles, dizia-lhe o nome, e juntava-lhe duas palavras de elogio.

Assim foi passando a fradesca comitiva, e, a todos que o cortejavam. Deza fitava com olhar de mando, como se o medo não estivesse a enfraquecer-lhe o espirito...

Já tinham passado muitos frades, que depois de cortejarem, olhavam sorrindo o inquisidor-mor.

O escrivão continuava:

— Thomaz de Cordova, amigo e discipulo de Lucero... Protestou contra as ordenações de Philippe I...

Deza agradeceu e saudou...

— Antonio Catalão, emigrado de Barcelona, castigado por suspeito, pelo bispo de Catanea...

E Deza duas vezes levou a mão aos labios do frade...

— Manuel d'Annunciação, recommendado de Ximenes e da fallecida rainha Izabel...

Deza cortejou com as palpebras, fechando os olhos momentaneamente...

— João de Sant'Iago, do serviço de Jorge Temudo, ex-escrivão da Inquisição de Toledo...

— Que Deus vos ajude... disse o arcebispo...

E assim iam passando, quando surgiu um frade que demais se vergou ao beijar o annel.

O escrivão ficou silencioso...

— Quem é este homem? perguntou Deza.

— Deixae ver o rosto, disse o escrivão, vergando-se para o examinar.

O frade, como se apanhasse alguma coisa, poz o joelho em terra, occultando-se na sombra do capuz.

— Por que não beijaes a mão de sua eminencia?

— Esperae, irmão; bem vedes que me cahiu o rosario...

E entretanto levantava as camandulas, que teniam.

— Não vos conheço! disse o escrivão assustado.

— Isso pouco importa, respondeu o frade, erguendo-se. Conhecer-me-heis.

E, rapidamente, emquanto os guardas lhe apontavam as lanças ao peito, sacudia o habito de sobre os hombros, e mostrava o gibão pobre d'um popular...

Deza levantou-se, e recuou, soltando um grito...

— Nada deveis recear. Sou vosso amigo e alliado, e pretendo mais que beijar-vos o annel, salvar-vos a vida.

— Prendei-o, disse o arcebispo, trémulo de colera.

Os guardas seguraram-lhe os braços, sem que elle offerecesse resistencia.

— Repito; nada deveis recear — sou dos vossos. — Precisava de vos falar, senhor arcebispo, e não podendo fazel-o, taes precauções tendes

tomado n'estes dias! resolvi disfarçar-me entre a gente da vossa confiança.

— Quem sois! Dizei depressa.

— Isso nada vale! A que venho — eis o que interessa. Venho a salvar-vos. Vêde bem — não tenho armas — estou prêso e bem seguro. Quereis ouvir-me?

— Falae, disse Deza, serenando um pouco...

— Sou um christão-novo, dos mais leaes e sinceros. Sirvo a egreja catholica e adoro a Inquisição. Nasci em Portugal, e vivo em todo o mundo ao serviço da santa causa.

— O teu nome? gritou-lhe o escrivão.

— Primeiramente as minhas intenções. Venho prevenir-vos de que ameaçam a vossa existencia, honrado inquisidor e talentoso theologo...

— Quem ousa tal?

— Gente ousada da côrte de D. Manuel, continuou elle, baixando a voz.

— Quem são os conspiradores?

— Homens que acabam de passar a fronteira; homens que se abrigam sob os tectos da Inquisição de Sevilha...

— Tentam contra a minha vida?

— Sim. Fomentaram a revolta de Cordova e buscam excitar Sevilha...

— Quem vem de Portugal com taes planos?

— Emissarios de Antonio Carneiro, amigos de Gil Vicente, vingadores de Jacob Adibe...

— Jacob Adibe! exclamou Deza. O moribundo?

— Talvez, mas em soccorro de quem vae chegar Pedro Soares, cavalleiro do valimento real...

— Inspira-me confiança, se não és um embusteiro.

— Trago-vos noticias de D. Antonio de Athaide e de Luiz da Silveira...

— Luiz da Silveira?! O que foi expulso da côrte?

— E que se vinga do rei, servindo a causa da rainha...

— Tens provas do que affirmas?

— Tenho provas de que devo merecer-vos confiança. Prendei-me, mas ouvi-me.

— Que interesse te move?

— O de vingar a egreja ultrajada.

— E's christão-velho?

— Não; sou christão-novo, ou melhor, o converso mais sincero de toda a Peninsula.

— E persegues os judeus?

— Odeio-os...

— Que serviços podes prestar?

— Quantos presto em Portugal...

— Mas, em Portugal não ha Inquisição...

— Ajudo os que trabalham para a crear.

— E's então um espião?

— Não me importam os nomes. Se esse é uma injúria, que seja elle o principio do meu martyrio...

— E's talvez um impostor, mas revelas audacia. Quem te paga?

— Quem sirvo. Pondo-me ao vosso serviço, todo o vosso ouro não compensará a minha dedicação.

— Foste obrigado a abjurar?

— Não; fil-o voluntariamente. Vim das Canarias ao meu paiz para receber o baptismo á porta da egreja de S. Domingos...

— Que tens feito de util á causa que adoptaste?

— Instigo os odios contra os infieis, convivo com os mouros e judeus, devasso-lhes os segredos, denuncio-os ao poder real, aos frades e á indignação pública!...

— E tudo fazeis?...

— Na sombra, sem perder a confiança d'essas raças malditas... sentando-me á mesa com os réprobos, dormindo nos seus leitos, sorrindo e chorando com elles, elogiando o que elles amam, aggredindo o que elles desadoram... orando nos seus altares, espreitando-lhes as consciencias...

— Sabes a que perigos te expões?

— Sei. E' por isso que preciso de ter quem me ajude e proteja. A fôrça e o direito estão do lado da fé... ao lado d'ella nada devo temer.

— Verificarei a verdade do que dizes. Urge aproveitar a tua denuncia. Onde está o braço que ha de ferir-me?

— Ainda não sei qual é; sei que n'este momento se pensa na escolha d'elle, que depressa se armará para o attentado.

— Como poderás defender-me, emquanto eu houver de te conservar prêso?

— Prêso... E' exactamente nos carceres do Santo Officio que eu devo estar alguns dias.

— Far-te-hei a vontade...

— Mais ainda; mandareis que eu seja recolhido, com privilegios disfarçados, no hospital do Palacio.

— E' só isso?

— Só. Perdão: mais vos peço: — quando tiverdes confiança em mim, tomar-me-heis ao vosso serviço...

— Promettido.

— Dize, afinal, o teu nome.

— Henrique Nunes.

O escrivão fez signal a alguns esbirros, que se approximaram.

— Levem este homem, e entreguem-no aos cuidados de mestre Alonso. Que o não deixe sahir, mas que o deixe communicar... Depois irão instrucções.

Os esbirros ligaram as mãos de Henrique Nunes e impelliram-no para a porta.

E a procissão continuou vagarosamente, passando em frente do arcebispo.

Na rua ouvia-se apenas o tropel de cavallos e o bater dos coutos das lanças sobre a calçada.

Pelos claustros e escadarias ouvia-se o estalar dos chicotes intimidando os captivos que murmuravam...

XLIX

O espião

Na Historia de Portugal, entre as muitas tristezas e vergonhas do seculo XVI, assignala-se a torpissima industria da espionagem. Estes artifices da traição desempenharam o papel mais antipathico e tambem mais violento d'essa época de intolerancia. Mais que os reis, que os inquisidores, que os algozes, que os carcereiros, elles foram odiados.

Os martyres esqueciam os juizes, perdoavam aos carrascos, tratavam com os carcereiros, submettiam-se aos esbirros... Esses eram peças automaticas da grande machina social, iniqua, sanguinaria e sacrilega; mas não passavam de coisas que se moviam muitas vezes por necessidade da propria defesa. A tarefa d'estes serviçaes da tyrannia estava determinada, regulamentada, fiscalisada até. Desempenharam-na com mais ou menos violencia, mas tinham de a levar a cabo.

Era gente que prendia, guardava, torturava, sob tutela, coacta... Se não praticassem o mal, soffreriam o mal... O grande apparelho da intolerancia, posto em movimento, movia todos esses algozes, como as rodas dentadas, as mais pequenas, são compellidas a moverem-se na caixa d'um relogio...

Toda essa gente era anonyma e salariada...

Esmagava-a o desprêzo público, mas o odio não a perseguia...

Não era assim o espião...

O espião era o mais baixo producto da tyrannia inquisitorial, era a grande mola d'essa machina satanica, era o germen de todo esse regimen de tortura!

O espião, que andava em liberdade, o que farejava a rua e a habitação, o que prestava maiores serviços e se pagava com vária moeda — o que trabalhava por inveja, odio, ciume — o que vingava aggravos, ou satisfazia ambições, era o maior bandido das sociedades catholicas!

Vibrião dos mais damninhos, contaminava o organismo social, volun-

tariamente, offerecendo-se, o mais grosseiro, por um prato de lentilhas, o mais perigoso, pelo prazer de fazer damno.

Os espiões voluntarios enxameavam em Portugal e na Hespanha, como em outros paizes onde a luz da fé vinha das labaredas do Santo Officio.

Pertenciam a todas as classes e afivelavam todas as máscaras!

Não havia nos mundos virgens feras mais vorazes, nem nos centros de civilisação intelligencias mais ardilosas.

Espionar, se para os miseraveis esbirros do Santo Tribunal era apenas uma industria, para esta matilha de perversos chegava a ser uma arte, e ás vezes até conquistava fóros de sciencia!

Falavam todas as linguas, tinham todos os aspectos, conheciam todos os sentimentos! Andavam de rôjo, como os reptis, e subiam no espaço, como as aves!

Nos habitos mais acintosos apuravam os sentidos com tal esmero, que ninguem via melhor que elles, ninguem ouvia melhor que elles! Nas trevas o tacto fazia maravilhas, distinguindo formas e côres... Na frincha d'uma porta cabia-lhes todo o olhar, e n'um murmurio quasi apagado ouviam uma confissão geral!

Na gente que dormia descobriam os sonhos, como se a respiração lh'os contasse... Surprehendiam as idéas de um cerebro no olhar mais abstracto... N'um gesto pequeno, espontaneo, registavam uma vontade! Hypnotisavam, sem saberem o que isso era, os innocentes e os culpados, e arrancavam-lhes, quebrantando-lhes o olhar, as mais perigosas indiscreções!

O espião é uma especie zoologica que viveu nos seculos do despotismo, e que a Historia tem de reconstruir, como a sciencia reconstruiu, com um osso apenas, uma especie antidiluviana!

Esse homem-bandido — essa fera intelligente — esse exemplar d'um monstro social, extincto, mas não esquecido, reconstitue-se nas investigações historicas e classifica-se *espião!*

Nas cavernas sombrias do seculo XVI. até onde a egreja de Roma, feita Diogenes, quiz projectar os raios da sua lanterna para descobrir um homem martyr e santo, descobre o criterio mais humano um frangalho d'esse exemplar repellente composto de apostasia, traição, fanatismo, hypocrisia, cobiça, odio e sordida ambição e avareza.

Ai! que nada ha mais repellente! Nada mais ascoroso, que esse tyranno risonho, esse veneno dôce, esse beijo denunciante, que se chama espião!

Elle andava a dizer phrases d'amor e a morder como uma vibora; a

lisonjear o que pretendia atraiçoar! Os seus abraços esmagavam, os seus conselhos eram injurias.

N'aquelles tempos, em que a vida intima era um sacrario, para n'elle penetrar era indispensavel andar de rastos, orando, e levantar-se tão crente, tão sincero como o sacerdote ante os altares...

O espião enamorava-se da donzella, promettia casamento, entrava no lar, ganhava a confiança da familia, e, depois de se ter aquecido no mesmo fogo, commungado da mesma eucharistia, animado os mesmos protestos; ia, a horas mortas, equivoco e massacrado, contar palestras e confidencias que provocara com a maior arte e o maximo engano!

Risonho, brando e complacente, o espião alojava-se ao lado dos christãos-novos, e tanto se chorava como tal, e tanto se associava protestante, que os de boa fé, depois de lhe abrirem a porta, lhe abriam o coração, e o abraçavam como a companheiro, a socio, a alliado!

E a mão que apertava fazia estalar as phalanges, e as lagrimas que corriam eram falsas como as do crocodilo, e as promessas de solidariedade eram um embuste!...

O espião era o sustentaculo do Santo Officio — o fornecedor de que este se alimentava, a fôrça que o mantinha!

Abancava o perfido entre os de boa fé e prégava contra a Egreja, e blasphemava contra o Céo, e dizia mal de Jesus, de Roma, do Tribunal, da intolerancia! E defendia a heresia e o scisma, e proclamava a reforma, e discutia dogmas!

Com phrases de condolencia, chorava as victimas, maldizia as fogueiras, apostrophava os frades!... E quanto mais o applaudiam, mais aquecia a palavra, mais falava de esperanças... E o judeu, e o mouro, e o christão-novo, ouvindo-o tão arrojado, tão franco, tão desprendido da liberdade e da vida, chamavam-n'o e adoravam-o até! Com elle se iam aos agapes mais intimos, e pela mão o levavam aos altares mais secretos, e com elle oravam as suas preces mais quentes do mosaismo e do islamismo!

Que terrivel bandido era esse animal do seculo xvi! Tinha toda a crueldade do peor homicida. Não matava de frente, a punhal, encarando a victima — premeditava o crime, abusava da confiança, tirava o caldo da mesma gamella, bebia o vinho pela mesma taça, mas, na gôtta que deixava ao seu conviva, punha o veneno da delação... E ficava, depois, em frente, socegado, a ver a sua victima a sorrir-lhe, a brindar-lhe, a protestar-lhe dedicação e affectos!...

O espião sorria, em beijos, confissões de heresia, e ia depois vomital-as, a occultas, no confessionario da Inquisição!

E, quando os esbirros, por elle attrahidos, chegavam de surpresa e interrogavam, e prendiam, era elle o primeiro a protestar, chorando, chorando, como se o coração se lhe despedaçasse ao presencear a violencia e a iniquidade!

Havia o espião galã, o Adonis garrido, peão ou cavalleiro, que espreitava pela adufa e se recostava na talha das capellas — o que invadia o lar fusilando olhares amorosos e que, emquanto enlevava a donzella nos sonhos do futuro mais risonho, lhe arrancava segredos da heresia paterna, para os levar, em seguida, ás devassas do tribunal...

Havia o espião vicioso e ardiloso, que arrastava suggestivo o chefe de familia á tavolagem mais viciosa, e alli se fazia crédor generoso, para saber o que ia na alma do infeliz que lh'a abria, quer ella lhe rebentasse aos empuxões do alcool, quer se lhe devassasse aos rebates de gratidão.

E andava o sordido beleguim, por mesquinho interesse, ou odio insoffrido, aos beijos e abraços á sua victima, fingindo que lhe dava azas para ella fugir ás perseguições, e afinal, a occultas, lhe cortava as guias para que só pudesse arrastar-se!...

E com falas mansas, e olhar cahido, adivinhando as creações de Shakespeare ou de Molière, tomando a astucia de Iago ou a uncção libidinosa de Tartufo, escorregava por entre as familias, a dizer e a escutar, principalmente a escutar, quanto a confiança e a estima podiam dizer aberta e francamente.

Repugnante, repugnantissima a personagem que se empenhava d'esta arte em tão sordida empresa!

Quanto não era menos antipathico o algoz!

Esse miseravel, ao menos, ganhava a vida, sendo um instrumento de tyrannia, a preço fixo.

Havia carrascos que tinham mulher e filhos... Tambem o soldado fusila o seu camarada... Esse não é um homem — é uma arma! A Inquisição era um cortiço á roda do qual enxameavam as abelhas da espionagem...

Eram os espiões mais que um bando, ou um exercito de inimigos — eram até uma atmosphera envenenada em que a virtude, a honra, a coragem e a lealdade se asphyxiavam, como se aquella estivesse impregnada de gazes venenosos!

O typo mais completo d'essa especie de espiões foi, sem dúvida, esse Henrique Nunes, que acabamos de encontrar, e que a Historia regista, com as côres mais sombrias!

Não é elle um producto da nossa imaginação; é um vulto que atravessou os reinados de D. Manuel e de D. João III, como um vampiro,

em noites de vendaval, baixa sobre um campo de batalha coberto de cadaveres.

Henrique Nunes, que tão pouca gente conhece, é um d'estes tyrannos, cuja vida encheria os actos d'uma grande tragedia humana!

A especie — espionagem — tem n'este homem o seu typico exemplar.

Herculano, referindo-se a esta sinistra creatura, escreveu:

«Andava n'aquella época na côrte, um christão-novo, natural de Borba, chamado Henrique Nunes, a quem el-rei deu, depois, o appellido de *Firme-Fé*. Este appellido significativo indicava um converso sincero, ao menos apparentemente, cuja exaltação, verdadeira ou fingida, pelas doutrinas que abraçara, o monarcha suppunha profunda.»

Isto se referia ao reinado de D. João III, mas o que elle podia ter feito no tempo de D. Manuel poderá deprehender-se d'estas palavras do illustrado historiador, que leu com attenção a *Chronica* de Acenheiro:

«Nunes tinha andado em Castella, onde talvez se convertera e onde fôra creado do célebre inquisidor Lucero.»

O seu caracter revela-se n'esta informação:

«O odio contra os seus antigos correligionarios, o qual transluz da correspondencia que tinha com D. João III, mostra-nos que as suas opiniões andavam, n'essa parte, aferidas pelas do amo a quem servira, e é altamente crivel que, em tudo que tocava á questão dos christãos-novos, fôssem as idéas do converso de Borba analogas ás de Lucero. Para podermos, pois, ajuizar do sentir intimo do servidor obscuro resta-nos um unico meio — é conhecer o patrono.»

Herculano explica melhor:

«Se é verdade, como diz um chronista contemporaneo, que el-rei mandara vir das Canarias aquelle individuo, quando tratava de estabelecer a Inquisição em Portugal, segue-se que Nunes, apesar da sua condição obscura, adquirira celebridade no serviço do inquisidor hespanhol, isto é, que pertencia a esse grupo dos agentes cujo procedimento odioso Ayora descrevia ao secretario Almazan. De outro modo como saberia D. João III que nas Canarias havia um desconhecido cujos serviços podiam ser uteis ao estabelecimento da Inquisição?»

E' extraordinario este *creado* do inquisidor Deza, que tão bem servia seu amo, que até lhe dava conselhos, como os deu mais tarde a D. João III.

Ora, veja-se bem o que o historiador conspicuo diz d'este creado tão conselheiro:

«Effectivamente, se dermos crédito ás cartas dirigidas por Firme Fé a D. João III, este, não só lhe pedira que expuzesse por escripto os seus alvitres para se combater o judaismo, mas tambem lhe ordenara que, as-

sociando-se com os outros christãos-novos, fôsse como irmão em crença, introduzir-se no seio das familias suspeitas e praticasse tudo quanto julgasse opportuno para conhecer o estado das opiniões religiosas dos seus antigos correligionarios.»

«Este mestér infame era o que *ainda* exercitava o antigo creado de Lucero quando escrevia a el-rei a sua ultima carta.»

Não deve haver, pois, a menor dúvida de que Nunes, já no tempo de D. Manuel e da regencia de Fernando V, exercia a sua miseravel profissão. O *creado* de Lucero não era mais que um espião muito atrevido ao serviço do inquisidor Deza e do partido portuguez, que tanto favorecia o estabelecimento da Inquisição em Portugal.

Azinheira conta que Nunes, depois de ter devassado o interior das familias hebréas, em Santarem, e Lisboa, acompanhou a côrte a Evora, ultimo theatro das suas campanhas.

Para se fazer uma idéa do caracter de Nunes, bastará dizer-se que este homem serviu o celebre *Tenebrero*, de quem Pedro Martyr dizia ao conde de Tendilla que aquelle criminoso não podia por si só, isto é, com a sua cabeça, expiar tantos crimes!

Ao secretario do Regente, Miguel d'Almazan, escrevia Ayora a proposito de Deza, o outro mentor e dono, de tão sordido expião: «Fiam-se do que toca a Inquisição, no arcebispo de Sevilha, em Lucero e em João de Lafuente, que deshonraram estas provincias e cujos agentes não respeitavam de ordinario, nem Deus nem a justiça, matando, roubando e violando donzellas e mulheres casadas com inaudito escandalo».

Este *creado* de Deza, que poucos annos depois se correspondia com D. João III, não passava de um rufião do peor caracter, e que andava, por exigencia dos seus vicios, a denunciar christãos-novos que se conservavam fieis á crença religiosa, tradicional nas familias de que provinham.

O solitario de Valle de Lobos, que nos archivos logrou ler tres das muitas cartas escriptas pelo miseravel alemtejano ao principe portuguez, dá-nos este interessante pormenor:

«Das tres cartas, ou memorias, que nos restaram do antigo creado de Lucero para el-rei, a primeira continha diversos alvitres para se combater as crenças mosaicas entre os hebreus portuguezes por modo mais ou menos indirecto; na segunda achava-se a lista dos individuos a quem Henrique Nunes soubera arrancar o segredo das suas crenças pelas illusões da amizade, e, com essa denuncia, a prova das accusações que fazia; na terceira o espia enumerava os indicios externos, pelos quaes se poderia conhecer o judaismo occulto dos pseudo-christãos. Não ha porém, entre outros indicios, um unico facto que, positiva e directamente, prove o

afêrro d'elles á religião judaica; tudo são indicações negativas, algumas altamente ridiculas, isto é, analogas ás que se tinham obtido em Lisboa por intervenção de Temudo.

«Era não usarem nem manilhas, pulseiras e outros adornos de prata ou de ouro, imagens de santos, cruzes, vieiras ou cordões de Sant'Iago; era não levarem livros de reza á egreja, nem usarem de rosarios; era faltarem frequentemente aos officios divinos; era não irem a procissões e romarias, nem mandarem dizer missas e trintarios; era não darem esmola quando se lhes pedia, por Deus ou por Santa Maria; era emfim, sepultarem os mortos separadamente, cada cadaver em sua sepultura, contra o costume geral de servir o mesmo jazigo para os parentes conjuntos por sangue ou por affinidade.»

N'esta parte da *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição*, o notavel escriptor extranha que o discipulo de Lucero, inspirado por intranhavel malevolencia contra os seus antigos correligionarios, espiando, com dissimulação infernal e incançavel actividade o proceder d'elles por diversas partes do reino, nada mais tivesse podido obter!

Não acompanhamos Herculano na sua crença de que os christãos-novos, que tinham sido compellidos a abjurar as suas crenças, as tivessem de facto abjurado.

É mais que certo que os mouros e judeus, como taes se conservassem depois do baptismo catholico. O contrário é que seria para extranhar.

É por isto que nos não parece que Henrique Nunes calumniasse sempre... Muitas vezes elle teria denunciado a verdade.

Mas, se taes denuncias foram symptoma e até prova de perversidade em qualquer christão puro, crente, verdadeiro, quanta infamia ellas revelavam do caracter do traidor, e do rei que lhe pagava?

E ainda o criterioso escriptor hesita em negar a sinceridade de Henrique Nunes, como se harmonisasse essa hesitação com estas palavras cheias de justificado desprêzo:

«O rancor que transuda por entre as fórmulas piedosas das suas cartas ao rei, deve fazer-nos hesitar ácêrca da sinceridade de Firme-Fé. Esse rancor era tão cego que attribuia á indole e ás tradições da raça a que elle proprio pertencia, todas as tendencias vis e perversas, recordando a D. João III os testemunhos da Biblia contra os judeus.»

Pois a bandido de tal jaez pode alguem attribuir a mais pequena parcella de sinceridade christã no seu furor selvagem contra os judeus, a gente da sua raça e da sua crença?

Para se poder avaliar bem quem foi este homem, que de homem só parecia ter o nome, e que constituiu uma das maiores vergonhas da Egreja

e do throno, na peninsula iberica, bastaria ler a passagem do inquerito feito depois da sua morte.

N'uma das suas cartas escreve o miseravel a el-rei:

«En la primera audiencia que me izo mercêd de me oyr me quexé deste mi hermano...»

Mas, ja que o illustrado historiador portuguez teve o trabalho de traduzir em moderno idioma essa infamia do hypocrita beato, aproveitemos o seu trabalho:

«Implacavel na perseguição, a elle confessava que um dos pseudo-christãos que denunciara a el-rei, logo que, chegando a Portugal, alcançara falar-lhe, fôra um irmão seu, que, mandado arrebatar de Portugal, por elle n'outro tempo, para o educar na verdadeira crença, logo que pudera fugir-lhe, voltara a Lisboa e ahi seguira a occultas a religião de Moisés».

Herculano, n'um excesso de generosidade para com essa vilissima gente que tão interesseiramente servia a intolerancia do throno e do altar, ainda admitte que fôsse o fanatismo levado a este gráu de hediondez que fizesse alliar a calumnia á denuncia.

E' em homenagem ao mestre que conservamos, no dizer e nas acções d'este brutal espião, uns laivos de obcecação na sua immensa maldade...

Fazemol-o com sacrificio e so attenuamos a nossa condescendencia perante a licção da Historia, com a allegação de que pouco distinguimos entre o fanatismo que faz taes proezas e a perversão moral de quem o soffre e ostenta.

Henrique Nunes era o instrumento mais sordido d'essa estupida tyrannia que queimou tantos corpos e perseguiu tantas consciencias... N'elle se encarnaram todos os vicios e miserias d'essa industria infernal, que andava a denunciar crenças como o faria Satanaz, se tal monstro existisse na terra, em lucta com os anjos do Céo! Era elle o modêlo d'esses secretos agentes do velho poder real e theocratico, que andavam a empurrar gente para a fogueira da Inquisição, com a mesma placidez e firmeza que nas lareiras a que se acolhiam, conchegavam as accendalhas para se aquecerem...

Ahi fica arrancado á galeria sinistra da nossa velha historia o retrato moral d'esse sabujo que nas azas da ambição e pelas sombras da hypocrisia, ora vestia a libré de lacaio ao serviço dos inquisidores, ora se carteava com os reis, aconselhando-os!

Pouco importa o seu retrato physico. Era novo, quando começou a aquecer-se ao calor da Inquisição; mas tinha já no rosto e no corpo o estigma do seu caracter violento.

Pequena a estatura, pequena a fronte, pequenissimos os olhos!... mãos

conchegadas no peito para mais amesquinhar o vulto, pernas vergadas, ora parecendo que ia ajoelhar, como um homem devoto, ora que ia dar um salto, como fera bravia.

Duas vozes — uma delgada, frouxa, servil, voz de súpplica e de piedade — outra forte, aspera, afogada em cólera e vibrando apostrophes. Lentos os movimentos e irrequieto o olhar! Cabeça entre os hombros e inclinada, parecendo não aturar a vista de gente, mas tendo centelhas nos olhos quando ninguem o fitava! Garras no logar das mãos, pés largos e compridos, como os dos palmipedes... Espirito vivo, palavra facil e arteira, riso mais escarninho que alegre, fato deselegante e pobre — peito recolhido, cinto abandonado, andando de lado como quem se escôa...

Era novo, estava ainda no principio da sua carreira, mas praticara já, e muito, em Toledo, em Cordova, em Lisboa... e fazia a sua apparição em Sevilha...

Conhecera a primeira mulher de D. Manuel, e até lhe falara na côrte de Fernando e de Izabel; já fôra recebido pela segunda, a quem levara noticias de Luiz da Silveira! Pagara-lhe bem a rainha Joanna os serviços que elle prestara aos seus ciumes, vigiando os passos do formoso Philippe: fôra a sombra de Lucero... faltava-lhe servir Deza.

Como se vê, andava de lado, mas sabia andar. Havia de ir longe e de subir alto.

Tinha as pernas aptas para os dois movimentos — saltar, ou cahir de joelhos — senhor ou lacaio.

Tal era o homem que, ao fim da tarde n'aquelle dia, em que Sevilha tinha sobre o peito o joelho da Inquisição, entrou, de mãos postas, no carcere sombrio, que estava cheio de feridos que gemiam e de loucos que gritavam.

* * *

Com a alegria com que um rato pode entrar n'um queijo, entrou Henrique Nunes n'essa mansão de desespêro.

A sua attitude era a d'um condemnado — cabeça pendida, olhos no chão...

Quando o largaram, e mestre Alonso, que segredara com os esbirros, lhe soltou os braços, deixou-os ficar cahidos e cruzados sobre o ventre, como se longo captiveiro os tivesse habituado áquella posição.

No carcere tinha entrado durante o dia gente capturada nas ruas, ou assaltada em suas casas.

De todos os lados lhe enviaram olhares de piedade.

Alonso, julgando que não comprehendera que tinha livres os movimentos, empurrou-o bruscamente.

— Estás livre, dentro da prisão; podes andar por onde quizeres. Até áquella porta estás em tua casa.

— Obrigado, disse elle, olhando em roda, assustado e trémulo.

Depois encaminhou-se, ao acaso, para o lado das mulheres, recuou apavorado, indo cahir sobre o catre de Jacob.

— Perdão, disse elle, deitando o rosto sobre os pés do doente; talvez vos maguasse! Perdoae-me, que tudo isto me estonteia... E' vergonha, bem sei, taes fraquezas n'um homem, mas tenho soffrido tanto, que tudo me inquieta e sobresalta...

— Pobre homem! respondeu Jacob, sentando-se a custo. Nada receeis. Os doidos não fazem mal... Se algum é perigoso, esse está prêso... Ficae ahi, se vos apraz... Bem vêdes que estou tranquillo...

— Pois, se permittis, aqui descançarei um pouco.

E o espião reclinou o corpo sobre a miseravel enxerga, quasi de bruços; com a cabeça ao alcance das mãos de Jacob, tapou o rosto com as proprias, que pareciam crispadas pelo terror.

Jacob contemplou-o compadecido.

Por que affligiam assim aquelle miseravel?

— D'onde vos trouxeram? Do segredo ou da sala das torturas?

— Da rua, senhor, da rua...

E, depois, com voz clara e palavra rapida e firme, sem mudar de posição e apenas voltando um pouco a cabeça, accrescentou:

— Senhor Jacob, preciso de falar-vos... E' preciso que ouçaes sem fazer o mais leve movimento. Tenho um segredo a revelar...

E, correndo a vista pela casa, verificou que ninguem olhava para elle.

— Senhor Jacob, continuou, trago noticias do vosso paiz...

— Conheceis-me, então?

— Perfeitamente. Sou dos vossos. Vim a Sevilha por conta dos vossos amigos.

— Amigos! Pois eu ainda tenho d'isso?

— Nada deveis occultar-me. Se Pepe guardou segredo, não posso eu guardal-o. Trabalha-se para a vossa libertação...

— A liberdade! suspirou Jacob.

— Sim, a liberdade. O momento é asado. A Hespanha vae levantar-se toda contra a Inquisição. Cordova foi na vanguarda...

— Cordova? Está tão longe!

— O écho do seu grito chegou já a Sevilha. Toledo agita-se, Malaga conspira.

— Não é por minha causa, decerto.

— E' evidente; mas as occasiões aproveitam-se... D. Manuel é fraco, e Manuel da Silva nada tem conseguido. O que as chancellarias não fazem pode fazel-o a rua...

— A rua! murmuraram n'um sorriso amargo os labios de Jacob.

— Sim, a rua. A Triana está preparada... Logo que chegue Pedro Soares.

— Sabeis da familia d'elle? Dizei-me o que é feito de Sarah.

— Sarah adoeceu sob o pêso do lucto.

— Quem lhe morreu?

— Sua irmã...

— Pobre Deborah! pensou Jacob sem se mover.

— Os physicos ordenaram-lhe que sahisse de Lisboa, e a pobre menina resolveu vir a Sevilha...

— Obrigado, senhor, obrigado, disse Jacob, batendo com a mão febril na do espião...

— Deza está perdido... Lucero fugiu para Burgos, os judeus vão tirar a sua desforra... Pepe não vos falou n'isto?

— Não; Pepe falou-me só no favor d'el-rei.

— Uma mentira! D. Manuel pode hesitar em seguir a politica de sua mulher, mas não tem fôrça para arcar com Fernando V.

— Então em quem devo confiar?

— Em Pedro Soares, Gil Vicente e, principalmente, no secretario Antonio Carneiro.

— O ministro pensa em mim?

— Decerto, se não por vós, pelo menos para contrariar a politica de Ximenes.

— Dizeis pois?...

— Que é indispensavel que escrevaes a Pepe duas palavras só — Cordova e Soares.

— Essas palavras significam?

— Que Pepe deverá entender-se com Pedro Soares sobre a revolta de Sevilha...

— E que ha feito?

— Tudo: a revolta no espirito da populaça.

— E armas?

— Já disse: está tudo feito. O regente deseja a ruina do inquisidor...

— E como sahir d'aqui?

— Não é n'isso que está a difficuldade. Entrar aqui é que poderia ser difficil.

— De que me serve saber isso, se eu nada posso ajudar?...

— Podeis ajudar-nos, e muito. Dae-me o vosso bilhete esta noite, e eu de madrugada estarei com Pedro Soares e Pepe. Isso nos basta.

— E Sarah?

— Essa só poderá ver-vos quando estiverdes em liberdade.

— Então, se tudo abortar?...

— Morrereis de saudade... salvo se quizerdes que vol-a traga...

— Quanto vos agradeceria!

— N'esse caso devereis escrever-lhe, dizendo que precisaes de vêl-a antes de morrer.

— E como?

— Trago commigo o necessario. Logo que me afaste de vós, escreverei os vossos recados, e com elles irei...

— Esperaes sahir d'aqui?...

— Espero. Passada esta noite, as prisões feitas hoje não serão mantidas...

— E se a revolta fôr suffocada?

— Conheço todo o edificio e sei quanto vale cada esbirro. Alonso dormirá emquanto eu, com a chave que elle guarda, sahirei comvosco d'aqui... Lá fora é tudo gente minha. Em poucas horas, o que não pudesse fazer-se na rua fazer-se-hia cá dentro....

— Mas, afinal, quem sois, senhor, que tanto vos interessaes pela minha sorte?

— Um homem que se vinga. Judeu, metteram-me á fôrça a cabeça na pia baptismal — livre, perseguiram-me sem treguas — filho amantissimo, vi morrer meu pae sobre o cadafalso! Conspirei contra o partido clerical portuguez e preparei o movimento de Cordova... Sou um general que nunca foi vencido... Não vos importe quem sou. De que serve tudo isso? Nada vos peço, como vedes. A vossa tarefa consiste em esperar — Aqui, tendes a morte que vos espera... Que engano poderia levar-vos a resultado mais sinistro? — Sois amigo de Pedro Soares, respeita-vos e estima-vos Pepe, que é do Santo Officio... Que faço eu? approximo-os; elles julgarão o meu plano. Quereis a mulher que amaes... Promptifico-me a trazer-vol-a... Eis tudo, nada mais simples!...

— Tendes razão. A dôr traz-me estas hesitações ao meu ánimo outr'ora tão resoluto...

— Quereis escrever?

— Quero.

— Podereis fazel-o, emquanto eu conversar com Alonso. Entretel-o-hei.

O espião ergueu-se com difficuldade apparente, e dirigiu-se ao carcereiro.

— Que instrucções recebestes, mestre Alonso?

— De vos deixar operar em liberdade.

— E, se eu quizer ir á presença de sua eminencia?

— Darei parte, e sereis conduzido, com as precauções regulares.

— Bem, avisae, então, que um negocio urgente me obriga a solicitar audiencia...

Alonso dirigiu-se ao postigo da porta, e falou com o guarda que guardava da parte de fora.

Ao principio da noite, Nunes, depois de ter recebido das mãos de Jacob os dois recados para Pepe e para Sarah, sahiu do carcere. entre os mesmos esbirros que o tinham trazido.

— Senhor, disse Nunes, mal se viu na presença do arcebispo, eis uma prova de que Pedro Soares, que machina contra vós, com a côrte de Portugal, está prestes a chegar...

Deza examinou o bilhete de Jacob.

— E' esta a lettra do portuguez? perguntou o inquisidor ao escrivão.

— E', respondeu aquelle sinistro funccionario.

— Não percamos tempo, disse Deza. Henrique Nunes que parta com a gente que julgar necessaria ao encontro dos meus inimigos. Que Pepe e Pedro Soares, desembaraçados da bandeira da sua nação, fiquem sob a vigilancia das minhas auctoridades, emquanto el-rei de Portugal não dér satisfação dos attentados e tramas dos seus subditos. E para que se acabe depressa com tal fermento de rebeldias e conspirações, que Jacob Adibe seja julgado com urgencia pelo Santo Officio, e relaxado ao poder secular da Hespanha. E' tempo de acabar com tantas contemplações para com uma côrte que nem serve a Egreja, nem mantém as relações de amizade com o Regente, que põe todo o seu empenho na perseguição dos infieis. E tu, Henrique Nunes, partirás, hoje, ao encontro dos traidores. Se puderem chegar vivos, melhor, se não, peor para elles...

— E se elles vierem, ou estiverem acompanhados? perguntou o espião.

— Que eu veja esses companheiros, para os ficar conhecendo, e que o tribunal julgue depois da sua culpabilidade, ou innocencia... Não ha tempo a perder; responde-me por elles a tua cabeça, miseravel.

— Que o Céo me guie, senhor, e serei digno da vossa estima.

E Henrique Nunes partiu ao encontro dos que elle sabia que deviam chegar pelo meio da noite, depois de ter escolhido vinte das melhores lanças que guardavam o palacio da Fé.

L

Esperanças

Sevilha esteve toda a noite em pé de guerra. As atalaias communicavam os seus gritos de alarme de momento a momento. Ninguem entrava sem que fôsse minuciosamente revistado, e, em seguida, acompanhado até a pousada escolhida.

Nos campos mais contiguos, andavam, como pyrilampos, luzes de tochas, em evoluções, imitando fogos fátuos sobre as sepulturas!

Por vezes passavam nos caminhos troços de gente bem armada, como se estivesse a cidade na vespera d'um assalto, ou em acção de uma sortida.

O luar, que passava sobre a ponte, para se banhar no rio, fazia scintillar lanças e béstas que passavam trémulas e acceleradas. Na Gardunha havia luzes nos balcões e por entre a rude vegetação das barbacãs.

Tremeluzia solitaria no firmamento a estrella d'alva, annunciando a manhã...

Pelos caminhos tortuosos, abertos nas courellas que enquadravam a cidade, apenas se avistava uma pequena caravana ladeada de archotes, que os seus conductores agitavam no ar, ou arrastavam pelo chão para lhes reanimar a chamma e desfazer a fumarada.

Quatro machos, adornados de coelheiras com chocalhos, suspendiam uma liteira, e caminhavam vagarosamente, enchendo os campos com o seu tilintar indiscreto. Ao lado do vehiculo, e, em corcel bem ajaezado, um cavalleiro de soberbo porte e gorro fidalgamente emplumado, commandava a escolta dos creados, e por vezes avançava a galope e voltava a passo, como se fôsse descobrindo caminho, ou a prevenir ciladas. Por vezes parava a comitiva, e as luzes se espalhavam, illuminando vallas, moutas e barrancos, como a procurar a causa d'algum ruido extranho, ou o vulto d'alguma sombra fugitiva... Na linha do horizonte, por traz d'um

alto morro occidental, a lua tinha-se occultado de todo, antes que a luz do dia começasse a extender-se sobre os trigaes da planicie.

— Olá, rapazes, disse o cavalleiro, ha alguma novidade?

— Não, senhor Pedro, disse um d'elles; pareceu-nos que andava caça grossa por estes silvados mais negros, mas foi engano... Talvez alguma lebre ladina, que nos tomou por caçadores...

— O dia não pode demorar-se... mais alguma canceira e chegaremos a Sevilha... O caminho está desembaraçado?

— Uma lástima! Parece que só dançando poderemos caminhar... As ultimas chuvas amolleceram tanto a terra, e deslocaram tantos pedregulhos, que os machos vão queixosos, e nós levamos os pés como os dos penitentes do Santo Officio!

— Se é necessario, caminharemos mais devagar. Creio que n'estes sitios não encontraremos facilmente pousada para gente...

— Nem para os brutos... A esta hora, e por aqui, não ha fogo em cabana, nem lampada em nicho sagrado. Até a lua já foi descançar da sua sentinella! E' mais fraca que nós, e a prova é que cançou primeiro...

— O arrieiro não é d'estes sitios?

— Sou, sim, meu senhor: a minha casa está a cinco horas de Sevilha, para o lado da fronteira.

— Que demora poderemos ter para chegar á cidade?

— Conforme... A cavallo, sem liteira, poderiamos estar lá em menos d'uma hora...

— E assim?

— Assim, a contar as pedras e as estrellas, nem d'aqui a tres...

— Mas, se quereis, sr. Pedro, aperta-se o passo...

— Isso não... A liteira salta como um barco em mar encapellado.

— Lá isso é verdade... E, demais, com a menina doente...

— Parece-me que o melhor seria esperar o dia, e seguir depois...

— Como fôr do vosso agrado... Faz-se para ahi uma fogueira, e esperamos...

— Pois sim...

E Pedro apeou-se, dirigindo-se immediatamente ao postigo da liteira.

— Sarah! disse elle erguendo a cortina, vamos acampar n'este ponto, para seguir viagem assim que amanheça... Em pouco tempo poderás descançar... Sentes-te melhor?

— Sim, meu amigo... O ar do campo dá-me vigor ao corpo e ao espirito. Perdôa, Pedro, a minha exigencia... Fiz mal em querer viajar de noite... Mas que queres, estou mal com o sol... Quando o vejo tão

dourado, tão alegre, tão quente, dando matiz aos campos e ás flôres, offendo-me... Por que não toma elle parte na minha dôr?

— Por que não pensas e não falas na tua saude, no teu futuro? E's uma creança!

— Serei, Pedro, serei; mas parece-me que Deborah, lá de cima me vê melhor aos raios da lua... O luar é triste como a saudade... O nosso lucto, Pedro, harmonisa-se melhor com a luz e as sombras da noite... Juro-te: tenho medo do sol, que elle é um ingrato... Lembras-te, como sorriu, mais louro e mais vivo que nunca, n'aquella manhã?... Quando elle entrou no teu quarto, por um resquicio da gelosia, foi logo bater em cheio, a bailar sacrilego, no rosto da pobre martyr...

— Quem sabe, minha querida Sarah, se é sempre assim que o Céo dá os seus pesames á partida dos anjos!...

— Talvez tenhas razão, mas não me convences. Se podes, leva-me por ahi fora antes que elle appareça... Em Sevilha eu farei constante a minha noite... Anoitecerá na minha alcôva, como anoiteceu na minha alma...

— E não irás ver Jacob? perguntou Pedro, a custo, balbuciando.

— Sim, irei... O carcere do Santo Officio deve ter negras e eternas as sombras da noite...

— E não tens medo d'este caminhar ás escuras? Já notaste que a lua nos deixou?

— Não vaes tu ahi a meu lado? Pedro, tu serás sempre a estrella que me guia e illumina o caminho da vida!...

— Quanto te agradeço essas palavras, minha irmã! Fala-me na tua voz o coração de Deborah... Quem sabe se o sol que beijou o rosto de tua irmã era o reflexo do teu olhar!... Dá-me a tua mão, Sarah, que eu quero beijar n'ella a minha saudade e o meu amor...

E, sobre a portinhola da liteira, pousou Sarah a mão pequena e branca, que, apesar da escuridão, se distinguia como se tivesse luz propria a illuminal-a.

— Sarah, disse Pedro beijando-lhe os dedos, se um dia amares deveras, voltarás a amar o sol! Por que não vem elle agora aquecer estes dedos gelados?

— Seria uma profanação, Pedro. A vida recolhe-se quando a morte adeja em roda de nós. Ainda bem que o coração mora no fundo do peito... ninguem o vê trabalhar com a ancia da vida, sobre a sepultura dos que nos deixaram... E' uma profanação esse trabalho? será: mas tem pudor... Pedro, façamos como o coração — occultemos este anceio de viver felizes, esta esperança nos sorrisos alegres.

— Que bello espirito o teu, minha boa Sarah!

— E' por isto que temo o sol. Teria vergonha de que o Céo me visse o olhar. ás vezes, quando avisto gente alegre, feliz, amante! O sol, meu Pedro, deves lembrar-te, tem leviandades terriveis. Se elle não tivesse aproveitado as pedrarias do sacrario de S. Domingos, para n'ellas se espelhar scintillante, multicôr, não teria meu pobre pae... Pedro, por quem és, fujamos antes d'elle chegar... Não venha elle renovar as nossas desgraças brilhando n'estas lagrimas, que eu, olhando-te, estou chorando...

Pedro afastou-se rapidamente, deixando cahir a cortina, e montou de novo o seu cavallo.

— Vamos, rapazes, para a frente... Tambem se vive sem sol. Vamos ver quem anda mais depressa, se elle, se nós... Ganha a aposta quem chegar primeiro.

— E se nós perdermos? disse a creadagem.

— Paguem ao sol honradamente... Ahi vae com que.

E atirou, para o chão mais illuminado pelos archotes, um punhado de moedas.

O chicote do arrieiro estalou, fazendo écho pela campina, os fachos revolveram-se no ar, largando uma chuva de faulhas, o cavallo de Pedro deu um galão impaciente, tomando a deanteira, e a liteira, aos solavancos, seguiu como um homem embriagado...

Assim iam bailando nos olhos de Sarah duas lagrimas mysteriosas!...

Pouco se adeantara a luminosa caravana, quando se ouviu, ao longe, o tropel d'um cavallo.

— Até que emfim se encontra alguem n'este deserto interminavel! disse Pedro.

— E quem quer que é vem com pressa; dir-se-hia que vem fugido á justiça do inquisidor... observou um dos da comitiva e que mais ia na vanguarda.

— Talvez seja melhor parar n'essa clareira... Ahi se bifurcam dois caminhos... Não va o bicho espantar-se com os nossos fogachos...

Ou tu não fôsses arrieiro, que não conheceria tão bem os segredos d'estes vallados...

— E será apenas um cavalleiro?

— Creio que sim, senhor Pedro... O que se ouve a mais, provavelmente, é o écho, que se forma do outro lado, na direcção das furnas...

— E virá de Sevilha?

— Com certeza. Não é egua de lavoura, nem macho de postilhão... Pelo galope se conhece.

— Temos então fidalgo de novella?

— Fidalgo ou cavalleiro de côrro provinciano .. Basta não trazer no

collar os sinos da cathedral... E, comtudo, apesar de estar macio o terreno, ouve-se tal ruido... O galope é a corrida que faz maior alarme... Parece que até o ar assobia no gibão do cavalleiro e nas ventas do animal! E, então, se ha espada a bater nos estribos, e esporas e borzeguins a sacudirem as franjas do xairel, ouve-se a musica a muitas leguas de distancia!... E se é gente de guerra? Isso então é um inferno! Só os fechos da armadura e os metaes do elmo fazem mais ruido que o martellar dos cravos no cepo do ferrador.

— Não ha dúvida, disse Pedro, parando o seu corcel, é um cavalleiro só, e parece diminuir o passo, quanto mais se approxima de nós...

— Descançae, senhor Pedro, que a traição não anda a galope, quando avista luzes em caminhos apagados. Aquelle andar quer dizer: — Ahi vae gente de paz.

E, dizendo isto, o arrieiro, encaminhou a liteira para a direita, e assim desembaraçou o terreno, que bem apertado era n'aquelle ponto.

Entretanto o cavalleiro que tão estrepitosamente se annunciava, estacava a pouca distancia, e, a passo, avançou para os servos de Pedro Soares.

— Salve-os Deus, boa gente! D'onde vindes?

— Cruzo, comvosco, se me daes licença, cavalleiro, a saudação e a pergunta. Deus vos salve! Para onde ides?

— Tendes razão, senhor. Peço-vos que esqueçaes a impertinencia. São eguaes os nossos direitos. Vejo que estou falando com quem sabe perguntar e responder a proposito. Dou-vos satisfação respondendo primeiro — venho de Sevilha.

— E nós vamos para lá...

— E vindes?...

— De terra portugueza... Basta-vos este dizer?...

— Não chega, mas já é alguma coisa... Sois avaro de palavras e manifestaes desconfiança. Não ha razão de parte a parte. Vós daes vista ao caminho, e eu dou-lhe voz. O ruido do meu galope corresponde bem á chamma dos vossos archotes.

— Afinal?...

— Queria pedir-vos um favor. Levaes n'essa liteira o mais nobre, leal e valente dos meus amigos? Guardaes, n'esta viagem, o gentil cavalleiro Pedro Soares, que deve chegar esta madrugada á terra d'onde venho?

— Pedro Soares não é homem que rejeite correrias no seu ginete, em terras de Hespanha... Mostrae-me o rosto e aclarae a voz, que, se, na verdade, sois amigo, facil vos será reconhecel-o. Rapazes, approximae as uzes...

— Salve-os Deus, boa gente, d'onde vindes?

O cavalleiro desconhecido e Pedro Soares descobriram o rosto, que occultavam nos seus mantos rodados.

— O sr. Pedro Soares!

— Pepe! meu bom amigo!

— Vindes só, senhor Pedro?

— Não: trago commigo minha irmã...

— Uma só, é verdade... Eu não quero blasphemar, mas ás vezes julgo que as injustiças da terra são reflexos das injustiças do Céo...

— Falemos dos vivos. — Recebeste o meu recado?

— Recebi, e em tão boa conta o tive que por elle vim ao vosso encontro... Trazeis recommendação especial?

— Trago. Antonio Carneiro fala de mim ao embaixador portuguez; Gil pede ao alcaide que me dê agasalho e protecção.

— Para Deza?

— Nada me deram e nada solicitei...

— Diabo! diabo! Era bom...

— Por acaso Deza é já o regente de Castella?

— Em Sevilha é mais que elle...

— Apresentar-me-hei...

— Não vos receberá... O inquisidor emparedou-se no Santo Officio, para não ouvir a trovoada que ruge dos lados de Cordova...

— Subiu a onda?

— Subiu, e arrastou Lucero.

— A indignação fez-se então justiça?...

— Fez-se n'aquelle tribunal...

— E em Sevilha?

— Em Sevilha a onda continua de sangue, ou de lama; não é um mar, é um charco...

— E Jacob?

— Pobre martyr! Melhor fôra que o tivessem queimado, mal o houveram ás mãos...

— O principal é que viva...

— A morrer lentamente? A vergonha, a saudade, a dôr do corpo e da alma... A febre já se fez fogueira, e queima-lhe o cerebro e o coração.

— Viste-o?

— Ainda hontem, e hoje d'elle tive novas e recados que me alvoroçaram as esperanças... Contae commigo, sr. Pedro... Sabeis que não sou medroso.

E depois, dando uma volta ao seu cavallo, collocou-se ao lado de Pedro, e disse-lhe em segredo:

— Com que elementos contaes na cidade?

— Elementos de que ordem, e para que?

— Para imitar Cordova e libertar Jacob...

— Quem os tivera, Pepe, quem os tivera! Não venho exigir, venho implorar.

— Só isso? Mas Jacob parece conhecer designios bem contrários! Pois não ha um plano entre Carneiro e Manuel da Silva para fazer triumphar a vontade de D. Manuel?

— D. Manuel continua com os olhos no oriente e no sul. Só vê a a India e a Africa. Na côrte tripudiam os dominicanos, e é para temer que se renove a influencia da sombra de Izabel na corôa da regencia. Julio afaga o rei de Portugal, e as embaixadas carregadas dos thesouros d'além mar levam a Roma penhores de amizade e de fé.

— Então Jacob está perdido! O que faz esse povo?

— Reza e treme...

— Pobre amigo! Trazeis-lhe a menina Sarah? Não podia monja mais formosa e mais casta, trazer-lhe, não a esperança, mas a resignação.

— Sarah vem, em missão piedosa, cumprir uma promessa feita á morta banhando com um sorriso o rosto d'um moribundo...

— E oxalá que chegue a tempo. Não calculaes, senhor, como o pobre moço se definha...

— Pepe, dizei-me com franqueza: julgaes Jacob apaixonado por Sarah?

— Apaixonado! Sim, aquillo é que é paixão! Eu já entendo d'isso, sr. Pedro. E qual é o infeliz que se não apaixona loucamente? Afinal, se é verdade que Deus é a suprema resignação para os desesperados, Deus não é senão o amor por uma mulher que existe, ou não existe, que nos ama, ou nos esquece, mas que vemos a toda a hora e a toda a hora acariciamos .. Jacob, posso jural-o, pensa, sonha e delira, tendo sempre a imagem de Sarah, á falta de estrellas do Céo e de flores dos jardins, que não pode ver, nas lagrimas que lhe humedecem os olhos. Creia, sr. Pedro, quando um homem de coragem, forte, orgulhoso, duro como um arnez e agudo como uma lança, sorri de ameaças, cospe nas injurias, desdenha sacrificios, resiste ás mordeduras dos cobardes, despreza a affronta d'um patibulo, proclama á intolerancia a sua fé, blasphema contra Deus, sempre frio, sereno, sêcco... quando um homem faz tudo isto, e, ao pensar n'uma mulher, chora... esse homem tem em cada lagrima um olhar da mulher amada.

— Pois Jacob, disse Pedro, afastando o cavallo de Pepe da liteira a que estava encostado, Jacob está deveras apaixonado por minha cunhada?

— Só vos digo isto, sr. Pedro; só vi chorar Jacob, quando lhe annunciei a visita da menina Sarah...

N'este momento entreabriu-se a cortina da liteira, e appareceu, ao clarão da fulva luz dos archotes, o rosto pallido de Sarah.

— Pepe, chamou ella com voz commovida, julgas que Jacob está perdido?

— Sim, menina Sarah. Ainda que o roubassemos ao carcere e lhe dessemos novo ar e nova luz, o infeliz não poderia salvar-se. Affirmam-no os physicos mais discretos.

— Bem. Pepe, parte adeante de nós, corre ao leito de Jacob e dize-lhe da minha parte o que nunca lhe disse — que o amo, e que irei escutar-lhe o seu ultimo suspiro.

— Sarah, disse Pedro afflicto, n'um movimento desordenado, pondo-lhe a mão nos labios, uma dama...

Sarah segurou nas suas a mão de Pedro.

— Socega, meu amigo, e deixa-me fazer de Deus. na generosa extrema unção d'esse martyr...

E, depois, pondo a mão no coração, e olhando a estrella da manhã, que ainda brilhava:

— Pela memoria da nossa Deborah, juro-te que minto...

— Vamos, Pepe, a caminho. Já que não podemos fazer uma revolução no coração de Sevilha, fal-a-hemos no coração do honrado christão-novo, gritou Pedro.

Quando Pepe ia metter esporas ao cavallo, do lado do arvoredo, que fechava a clareira, sahiram vinte lanças reluzentes, empunhadas por gente de bem cerradas armaduras.

— Em nome do Regente, estaes presos, senhores!

Houve um movimento de espanto na caravana. A surpresa, em taes circumstancias, faz de vinte duzentas lanças...

N'uma scenographia cheia de effeitos, as sombras do fundo davam, não uma guarda, mas um exercito.

Quando vinte lanças se movem no primeiro plano, é inevitavel que algumas centenas se prolongam pelos outros.

E as vinte estavam artisticamente ensaiadas—não appareceram unidas mas dispersas, intercallando-se entre a creadagem e rodeando a liteira.

Para cada viajante havia duas sentinellas, com armaduras brancas...

Não era uma surpresa para ataque ou lucta, era uma apresentação muito serena da fôrça, para a captura...

Aquellas lanças não se apresentavam para ferir, mas para prender.

Pareciam as pennas com que a lei fôra escripta... Eram de aço bran-

co. como as modernas, mas moviam-se tão serenamente como as das aves, a deslizarem sobre os pergaminhos...

Havia um chefe, sem dúvida o commandante da guarda, bem armado no corpo e no espirito, coisa rara nas guardas da Inquisição, mas vulgar nas fôrças do Regente.

Bem se via que não eram aguazis armados, mas guerreiros, recrutados entre gente fidalga, de educação.

— A que vindes, cavalleiros, disse Pedro Soares, desembainhando a espada.

— A defender-vos da justiça impetuosa...

— E onde está essa que nos ameaça?...

— Em Sevilha, onde ides entrar...

— Por que está ella prevenida contra nós?

— Pelo receio de uma sedição contra o poder do Santo Officio.

— Sois então esbirros do tribunal?...

— Aquietae-vos, senhor, não percaes na aggressão os privilegios que reservamos a vossa categoria...

— Por que nos defendeis, prendendo-nos?

— E' bem simples a razão — para que vos não matem.

— Tal affirmaes, sob a vossa honra...

— Experimentae, senhor...

— Mas ides deter-nos...

— Engano. Vamos acompanhar-vos.

— Até onde?

— Até as portas de Sevilha...

— E lá?...

— Lá vos entregaremos a quem represente a lei e vos defenda das paixões.

— Devo pois acreditar que Sevilha está em pé de guerra contra os extrangeiros...

— Ou melhor contra os infieis, que conspiram contra a auctoridade da Egreja e do seu representante Deza, o arcebispo...

— Sou portuguez, senhores, e trago salvo-conducto.

— Que vos garante a nossa cortezia...

— Cortezia de cortezãos...

— Como quizeres — cortezia de tal quilate, que nem as injurias vos levará em conta.

— Que isso nos valha, ao menos. Dizei então que devemos fazer...

— Responder lealmente.

— Assim farei, disse Pedro, embainhando a espada.

— Assim seja! Como vos chamaes?

— Pedro Soares.

— Está certo; Pedro Soares, das hostes de D. Manuel, commandante da futura expedição á Africa e á India, por nomeação d'el-rei?

— Sim.

O official da guarda ergueu a espada, e todas as lanças se abateram.

Pedro Soares cortejou.

— Trazeis gente armada?

— A que vedes. Nada de armas brancas — apenas inflammados archotes... Por isso mesmo armas de fogo, que apenas illuminam ..

— Quem se occulta n'essa liteira? Pergunta a lei, não eu...

— Uma dama...

— Fica sob a guarda das... guardas do Regente...

E, a um gesto do guerreiro, seis lanças se collocaram ás portinholas — tres de cada lado...

— E eu? Que dizeis de mim?

— Bem pouco. Entregae a vossa espada... As prevenções adoptadas contra qualquer tentativa de sedição nivelam o extrangeiro ao nacional em terras de Hespanha.

— E como se harmonisa a vossa fidalguia com tal pretensão?

— Por meio da alternativa que vos offereço. Ficareis com a vossa espada se a sellardes na bainha com a vossa palavra de honra.

— Juro, se nos levardes sem aggravo ás portas de Sevilha, e se fizerdes respeitar a dama que nos acompanha...

— Pela minha fé, disse o guerreiro, extendendo a lámina da sua espada para a portinhola da liteira...

— N'esse caso estou ás vossas ordens...

E a comitiva seguiu caminho, como até alli, apenas com a differença de que a luz dos fachos fazia luzir as lanças da guarda protectora...

Começava o dia a raiar, desapparecera a estrella d'alva, e dos valles, ao longe, subiam as sombras...

O verde começava a affirmar-se nos matagaes que se balouçavam — passava uma aragem fresca...

A' proporção que as nuvens de neblina se dissipavam, nos casaes afastados, subiam das chaminés nuvens de fumo, tão brancas e leves como ellas...

A pouca distancia, como habil marechal na retaguarda do seu exercito, caminhava, sobre um cavallo lazão, o espia Henrique Nunes.

Sarah, nas sombras da liteira, fazia graves prophecias e assustava-se,

mas, recordando o que já passara, enchia-se de coragem e resignação, e rezava.

Pedro Soares fiava-se no cavalheirismo dos seus captores...

Alaranjavam-se as nesgas do céo que se avistavam por entre as montanhas... Nos pomares das arrifanas as laranjas douravam-se, como se o sol já se reflectisse.

Nem uma palavra pelo caminho... Os creados apagaram os archotes, e Pedro cerrou os labios...

Já não caminhavam para a formosa capital da Andaluzia, mas para o Mysterio, a cidade dos sonhos nebulosos e tristes...

*

Já o sol ia alto, e um pouco quente, quando os viajantes chegaram ás portas de Sevilha.

Ao longe, nas aguas do porto, balouçavam-se alguns barcos, e outros entravam e sahiam com as velas enfunadas...

A briza era fresca... A liteira de Sarah, o cavallo de Pedro Soares e os peões, creados e lanceiros, que os acompanhavam, á entrada de Sevilha foram detidos por gente de guerra, bem vestida e bem armada.

— Alto! disse o commandante da fôrça.

E tudo parou!...

Então, um guerreiro, de luzentes borzeguins e prateados guantes, adeantou-se e perguntou:

— Trazeis, em vossa companhia, gente suspeita para a auctoridade do Regente e do arcebispo...

— Talvez, disse o commandante da escolta. Nada sei. O meu dever está cumprido. Sei apenas que acompanhei Pedro Soares e sua irmã, no dizer do moço cavalleiro, e que vos entrego á vossa guarda e segurança.

— Senhor, disse o guerreiro dirigindo-se a Pedro — por mais que o cumprimento de ordens recebidas me contrariem, tenho de convidar-vos a comparecer perante o inquisidor Deza, que se acha no tribunal do Santo Officio, a quem está confiada a ordem pública.

— Folgo com isso, disse Pedro Soares. Extrangeiro, o meu maior prazer será o de confiar a defesa de minha vida e mais direitos aos poderes que mais devem respeitar a alliança dos povos da Peninsula. Trago commigo uma senhora de familia, que confio ás guardas da Regencia, se não puder acompanhal-a a melhor pousada e recato...

— Sem dúvida, senhor — todos ireis á presença do arcebispo, embora

separados, para que não haja accôrdo nas respostas ao questionario a que ides ser sujeitos.

— Suspeitaes então de nós?

— De toda a gente...

— E' que ignoraes que trago recado do governo de D. Manuel, e que, em vez de ser recebido como suspeito, por dever das chancellarias, e gratidão para com o meu paiz, só me cumpre esperar acolhimento amigo e dedicado...

— Deza, que n'este momento substitue o governador e o alcaide, julgará as condições em que vindes...

— Estou ás vossas ordens, senhor... disse Pedro, pondo-se á disposição da guarda detentora.

E depois, dirigindo-se á liteira onde Sarah o esperava anciosamente:

— Minha querida irmã, vão separar-nos. Confia na lealdade e fidalguia dos cavalleiros andaluzes. Encontrar-nos-hemos no Santo Officio. Dirás a verdade inteira! Se estamos a bem com a nossa consciencia, nada devemos recear...

— Pedro, nada receias? Lembra-te de que a desgraça nos procura ha muito. O que nos estará preparado? Estamos habituados á desgraça, as peores desgraças — á morte e á deshonra! Que devemos esperar? Tudo, Pedro, tudo!... Não te illudas! Vamos na corrente dos maiores martyrios. A felicidade não se inventou para nós... Lembra-te de que, bem nova perdi meu pae, esmagado pela ferocidade dos intolerantes; depois, perdi, perdemos, nossa irmã, mais victima que meu pae, do cannibalismo religioso. Confia em mim, Pedro, saberei luctar e defender-me, e saberei mais — cahir vencida sem medo e sem vergonha. A dôr tem-me feito mulher, matrona talvez da velha Roma, feminina no amor e virago no odio e na resistencia. O que nos espera? O que devemos esperar?...

— Consola-me a tua resolução e a tua energia... Deixo-te, cheio de confiança, Sarah! Se pudermos viver, viveremos, mas se a vida tiver o preço da nossa honra, Sarah, saberemos morrer — eu e tu. Acredita Sarah, na hora da suprema dôr, se o teu espirito voar, vem ter commigo, ou melhor, com o meu, que nos havemos de encontrar n'essas regiões, que se não vêem, mas que se adivinham...

— Sim, Pedro, conta commigo. O lucto avermelha-me o sangue... A vida é uma chimera, que pouco vale e nada consola. A melhor vida é a que se passa em sonhos... Estou sonhando. Pedro, a minha alma doura-se, sobe, esvoaça, com raro brilho e rara nobreza... Quasi desejo o martyrio... Verás como a minha fronte apparecerá aureolada... Não te inquietes... Parte sem mim, e deixa-me commigo...

— Adeus, Sarah! Mais cedo ou mais tarde nos encontraremos, onde Deborah nos espera...

E Pedro afastou-se, dirigindo-se ao commandante da guarda:

— Á's vossas ordens, senhor...

— Está bem, está bem! A caminho para o palacio da Fé. Que a dona vá mais bem guardada, e que a vós, senhor, vos prenda á obediencia a palavra honrada com que guardastes a vossa espada e a tendes mantido submissa.

E a guarda e os presos entraram na cidade, com a marcha lenta da procissão de Santa Justa.

Pouco depois, a Inquisição abria as suas portas, e n'ellas desappareciam os captivos portuguezes...

LI

O conselheiro diabolico

Deza estava no cartorio, que era no primeiro pavimento do palacio, quando, ao amanhecer, se lhe apresentou Henrique Nunes.

—Vens livre? lhe perguntou o arcebispo.

—Como vêdes, eminencia, livre, como as andorinhas. Ganhei a minha liberdade, entregando em vossas mãos, como quem estava habilmente informado, os vossos inimigos...

—Foram, pois, agarrados?...

—Sem dúvida. Pedro Soares e a sua... amante, creio eu, estão entregues aos cuidados da vossa guarda.

—E aonde se demoram?

—Nos cuidados devidos a uma dona, e a um cavalleiro recommendado pelo secretario de Portugal...

—Sempre desconfiei d'esse Antonio Carneiro. Os seus emissarios não podem merecer-me confiança...

—E tendes razão, senhor, que não ha diplomata mais ladino para viver junto de D. Manuel, contra a vontade da rainha...

—E como se aventurou Pedro a tal façanha, na companhia de uma mulher?

—Só! Um homem! quem acredita tal? Pedro Soares conta com Pepe, do Santo Officio...

—Isso é mais grave.

—Eu o vi, o novo familiar, em amavel convivio com os viajantes, e adeante d'elles partir com recado secreto para Jacob...

—Mas que poderá fazer o desgraçado, para quem a estas horas já se estão accendendo as fogueiras da Inquisição?

—Jacob é o pretexto, a máscara d'estes amorosos conspiradores...

—Julgaes, então, que essa rapariga...

—E' o braço mais vigoroso dos rebeldes!... Sem dúvida nenhuma...

Eu bem a ouvi. Emquanto ella falava por uma das portinholas, escutava-a pela outra. Sarah é amante de Pedro e de Jacob...

— Se é amante de Jacob, certo é que judaíza... Não saberá de tal attentado o governo de D. Manuel? Mando que separem essa rapariga do seu companheiro e protector.

— E aonde quereis mandal-a?

— A' camara de misericordia, até que resolva definitivamente...

— Ainda bem que não ordenaes que a recolham em algum dos carceres...

— E por que?

— Porque é uma das bellas mulheres que tenho visto. Não imaginaes, senhor, a sua formosura e elegancia?!

— Imagino, imagino. Não pode ser superior ás nossas andaluzas...

— Talvez, talvez... E' môça cheia de encantos... Vi-a através da luz das estrellas, e isso me bastou para lhe admirar a linha fidalga e o rosto provocador...

— Pareces-me um espião apaixonado, Henrique Nunes! Cuidado com essas pieguices... Na Inquisição não ha mocidades excitaveis. Se queres servir-me, abstem-te...

— Digo isto para ser informador minucioso. Pretendo lembrar-vos que Sarah não é mulher para ser tratada sem amor.

— Vel-a-hei. O seu orgulho não será para temer... Mulher que se aventura na companhia d'um homem a empresas tão arriscadas é varonil de mais para que seja tratada como creança e virgem...

— Queria pedir-vos uma graça, senhor.

— Dizei...

— Se o maior perigo está n'essa mulher, deixae que a vigie e guarde.

— E se abusares...?

— Que me caiba a vossa condemnação...

— Depois de a receber e interrogar, resolverei... Imagina um momento que eu pretendo, eu proprio, guardal-a e defendel-a?...

— N'esse caso...

— Achaes-me velho de mais para tal missão? Illusões! meu caro, illusões! Ha só uma cousa que pode fazer esquecer a Fé — é o amor...

— Então, senhor?

— Responderei mais tarde. Sarah é formosa, nova e altiva — Tem mais direito ás caricias d'um arcebispo que ás tuas, vil espião...

— Insultaes-me, quando vos sirvo? E o que é peor, quando com ella vos queria servir.

— Prestar-te-hias a isso?

— Que dúvida?!

— N'esse caso me reconcilio comtigo. Encarrego-te de a trazeres á minha presença e de a dispores a me escutar e servir...

— Com que prazer, senhor, para tal concorrerei... A ella falarei de vossa influencia e virtudes...

— E até de minha auctoridade...

— Comprehendo. Dir-lhe-heis que, se quizerdes, Pedro ficará sôlto em poucas horas, e Jacob perdoado...

— Não o affirmes, mas suggere-lhe a esperança... As palavras não se inventaram para se dizerem inteiras — Se ella tem o espirito frio e agudo, comprehenderá facilmente que a um gesto meu os seus amores ficarão livres e perdoados.

— Contae commigo.

— Dizias-me, então, que ella é uma formosa rapariga?...

— Das mais formosas, senhor, já vol-o disse. Olhos de Sevilha e vulto de Portugal, graça de andaluza e candura lusitana... Amorosa e altiva, feminina e varonil, innocente e tentadora!... N'ella até as lagrimas lhe fazem mais brilhante o olhar, tanto como o sorriso lhe faz mais bellos os labios. Pés que até as chammas desejariam lamber... Collo que até se levanta no somno mais tranquillo! Das costas parece que lhe rebentam, na curva palpitante, as azas d'um anjo! Na cintura não ha nó que aperte... recurvam-se-lhe os quadris como na *gitana* mais graciosa...

— Basta, basta, disse o inquisidor, disfarçando a commoção. Mette-a na camara de misericordia. Irei vêl-a...

— Para salvação da Fé?

— Não; para arrefecer o sangue que aqueceste...

— Recebo as vossas ordens, senhor...

— Está bem. Traze-me Pedro... Para roubar uma ovelha é necessario afastar o pastor. Será assim o teu premio mais valioso.

— A belleza de Sarah corresponde á sua castidade.

— A respeito de belleza bem vamos.

— Já vol-o disse, e tenho vaidade em ser entendido... Quanto a castidade... será melhor não insistir na pergunta.

— Insisto, porque é da castidade de Sarah que depende o processo de conquista... Nem a todas as mulheres se fala da mesma forma... Que te parece?...

— Eu creio que sim; ainda que, como sabeis, donzellas que viajam de noite acompanhadas de viuvos inconsolaveis, vão talvez deixando pelos silvados pedaços do seu véo angelical...

— Isso não basta. A situação de Pedro é de chefe de familia ..

— O que não o impede de fazer a côrte a sua cunhada, misturando phrases de saudade com habilidosos galanteios... Conheço bem os segredos da familia Lopo... Nada digo contra a honra da pobre rapariga, mas a virtude na mulher deve andar vestida de virtude...

— Dizem-me, porém, que as apparencias se harmonisam com a fama...

— N'esse caso é então a fama que se não harmonisa... Sarah é rapariga de espirito, ladina, tem mesmo audacia e resolução superiores á sua edade... Além de que está um pouco endurecida na desgraça... A sua vinda a Sevilha é uma prova do que digo...

— Insistes em affirmar que a verdadeira causa da sua visita...

— E' a de ver Jacob e de conspirar com os amigos d'elle...

— Move-a o amor pelo judeu?

— Talvez sim, e talvez não. Deixa-se adorar por elle, e aproveita-lhe a influencia. O que deve principalmente animal-a a qualquer empresa arriscada é o odio contra os frades, por causa da morte do pae e da irmã. A belleza pode ser uma arma terrivel, e ella sabe que a possue...

— E muito nova ainda... As mulheres com taes designios teem a vida mais adeantada...

— Ou passam algum tempo na eschola do amor, sob a direcção de Philippa d'Eça...

— Tens razão, Nunes, tens razão. Não me lembrava já das informações da filha da abbadessa... Philippa contou-me diversas proezas d'essa creaturinha dissimulada e audaciosa...

— Com certeza que a abbadessa, ou a filha, vos devem ter contado, disse Henrique Nunes, baixando a voz, como se quizesse falar em segredo e pedir que o guardassem, que a noviça Sarah foi, ao que parece, pois não ouso jural-o, amante do morgado de Travanca...

— D'aquelle homem, que de novo se alliou a Philippa para esta se vingar d'el-rei? ...

— Esse mesmo. O escandalo foi estrondoso. Houve até aquella scena de ciumes que levou Jacob á cadeia...

— Sim, começo a lembrar-me de tudo isso...

— Que fraca memoria tendes, eminencia! E, comtudo, ha por ahi quem diga que fostes vós o auctor d'essa traça tão bem tecida...

— Eu? acudiu o arcebispo fingidamente surpreso. Que alguem se atreva a accusar-me...

— Perdão, senhor, perdão; se tal eu disse não foi por invenção, que é fraco o meu engenho, foi por lembrança, que é das melhores a minha memoria...

— A quem ouviste tal aleivosia?

— Ora a quem! Ao vosso melhor amigo, a Lucero, meu amo, que de Cordova sempre vos auxiliou no empenho de envolver a côrte de Portugal na perseguição dos infieis.

— Foste então seu confidente...

— Como espero ser vosso. Discreto e leal, um pouco intelligente para cumprir ordens e adivinhar intenções, poderei prestar-vos valiosos serviços...

— Assim me parece. Estás então na posse da meada, e conheces o alcance do exaggerado terror que manifesto? Já que Antonio Carneiro não destroe os inimigos da Inquisição, que tanto á vontade conspiram além da fronteira, é indispensavel que eu os apprehenda e corrija...

— Ameaçaes um conflicto entre as duas côrtes! Já conheceis, pois, o ánimo do Regente?

— Nem o Regente nem Ximenes, seu secretario, pensam em tal. O que preparo é um aggravo sério que os mova a reclamações mais energicas. Submettida Cordova, Sevilha será mais que nunca o esteio principal da fé catholica... Uma conspiração portugueza contra o Santo Officio, no coração da Andaluzia, com planos de morte para o chefe dos inquisidores — uma transformação de Deza em Pedro Arbués, é pretexto de sobra para Castella exigir a pacificação da Peninsula...

— Tem o Regente em sua filha um poderoso auxiliar. A gravidez da rainha, em periodo tão adeantado, dá-lhe auctoridade para reclamar d'el-rei transigencia com Fernando, e dedicação á Egreja.

— N'esse caso é indispensavel não demorar os processos...

— Vão já adeantados. Jacob será em breve julgado e condemnado...

— E os outros?

— Os outros, depois de produzirem as provas contra Jacob, terão a ignominia de uma excommunhão, e serão expulsos por sentença... Roma tomará conhecimento da causa, e, emquanto não cresce o principe D. João, D. Manuel augmentará de estatura...

— E se as provas não forem fornecidas?

— Inventam-se. E' a lei da guerra. Quando a justiça tem a consciencia d'um facto, não precisa de provas. Crimes de consciencia concebem-se e praticam-se, mas nem sempre deixam provas reaes.

— E Sarah?

— Sarah não será minha captiva, mas minha carcereira. A sua indomita petulancia dá-lhe direito a ser consolada da perda dos amantes.

— Posso affirmar-lhe que ha preço para o seu resgate?

— Sim! o mais bello sorriso dos que ella desprendeu em Lorvão, sob a tutela da formosa abbadessa...

— E se rejeitar o preço?

— Roubar-lh'o-hei. Diz-se até que os beijos roubados são os mais caros.

— Pois seja; lembrae-vos, porém, de que ás suas aventuras amorosas, mais que ás suas sentenças odientas, Lucero deveu o grito da revolta que o captivou em Burgos...

— Lucero foi um imbecil... Quando a mão lhe fraquejou, esqueceu-se de que tinha dois pés para esmagar os revoltados.

— Não esquecereis, decerto...

— Dizes bem, e até para teu governo poderás tomar nota: eu, perdidas as mãos e os pés, afiarei os dentes, que a edade já traz embotados...

— Oxalá que assim se affirme sempre a vossa energia. O povo já murmura com saudades d'um auto de fé... Ha quanto tempo que nem uma nuvem de fumo escurece o sol de Sevilha! Matar no carcere! sempre o supplicio na sombra, roubando ao populacho o sublime exemplo da fogueira! Ver queimar judeus é que educa o espirito dos christãos!

— Cedo te farei a vontade. O povo que espere, que eu não me esqueço dos meus deveres. Preciso de relaxar um punhado de judeus ricos de dinheiro, com que alliciam herejes ricos de intelligencia, e que prégam a reforma. Não será d'esta vez só a canalha da Triana que ha de crepitar na praça... Nos grandes homens é que assenta bem o sambenito!

— Dizeis bem, senhor, queimar gente sem nome já não impressiona — é o mesmo que queimar os tóros dos pinheiros e as accendalhas do matto. O novo auto de fé tem obrigação de ser mais que uma licção de fé — uma vingança da Egreja. — Exige-o a honra de Lucero e a vossa...

— Assim é, Henrique Nunes. Não és theologo, mas tens a fibra d'um apostolo.

— Meu senhor — um auto de fé, como os ultimos, são já recreio do povo, e não ameaça de justiça. As mulheres vestem galas e teem sorrisos, como nas feiras e procissões... O rapazio, sopra de longe, brincando, as fogueiras fumarentas! Os herejes, meu senhor, saem do Santo Officio em tal estado de fraqueza, tão magros, tão mortos, que nem chegam a affligir quem os vê. Quasi não fazem contracções ao serem lambidos pelas chammas! Depois, deixae-me dizer-vos isto, que o tenho observado com desgôsto: os renegados com orgulho, com vigor, de fronte levantada e olhar fusilante, desappareceram. A grande pena do fogo em vida já parece mais suave que a pena do garrote. Ver morrer um mouro, ou um judeu, já não excita, já não impressiona a multidão! São indispensaveis nomes que se

pregôem, corpos que se contraiam... O fogo lento inventou-se para o martyrio lento... A labareda de ruins madeiras queima tão secretamente como os estupidos *queimaderos*. O fumo que envolve os condemnados faz acreditar que a Inquisição se envergonha de sua justiça... Os defeitos accumulam-se; o povo, por exemplo, não deve ser detido a tamanha distancia... Quando não se vê o rosto do padecente, não se avalia quanto elle soffre! Autos de fé como se estão fazendo aqui, e em Malaga, parecem-se com os de Cordova, e foi, talvez, por isso, que alli a cidade perdeu o medo. As praças enchem-se principalmente de mulheres... é, pois, indispensavel queimar mulheres...

Deza ouviu attentamente o famigerado conselheiro...

—E's dos artifices mais experimentados, estou vendo. As tuas observações edificam-me. Parece-me que tens razão. O que é necessario deve ser completo... Devo pensar nas mulheres...

—Sim, deveis pensar n'isso, mas não em mulheres que se confundam com os homens; a prisão, a tortura, a regra, mata-lhes o sexo e dá-lhes o vulgar aspecto de mumias, sem formas, sem belleza, sem majestade. Queimar uma mulher bonita é o melhor excitante...

E Henrique Nunes, mettendo cada vez mais a cabeça entre os hombros, gesticulando vivamente com os dedos para acompanhar a phrase, movendo o olhar ferino nas orbitas acanhadas, foi dizendo, dizendo, como se estivesse antegosando o scenario que descrevia.

—Por exemplo, disse elle cada vez mais suggestivo, se essa formosa Sarah se mostrar rebelde á vossa côrte, se defender com orgulho thesouros que concede á raça dos marranos, se não abjurar dos amores sacrilegos com que tem judaizado, se fôr indispensavel corrigil-a, que esplendido encanto para um auto de fé que marcasse na historia de Sevilha lagrimas de compaixão, gritos de dôr, protestos de vingança d'essa immensa gentalha, que já não vibra de dôr nem de medo! Pense n'isto, meu senhor, pense n'isto...

—Trazes-me idéas novas, Henrique Nunes, sobre a influencia dos castigos. Vejo, de facto, que a cerimonia deve ser emocionante para que seja proficua. Conto com Jacob. A execução d'elle será uma prova de fôrça e de audacia. Ha quanto tempo espero ancioso o ensejo de queimar na praça pública um judeu refugiado em Portugal?! De que me serviria attrahil-o, se o não destruisse deante das multidões? Sevilha so acreditaria que eu houvera simulado uma captura, mas que, na verdade, recuara deante das solicitações, ou imposições, da côrte de D. Manuel. No dia em que o pregão falar do célebre Jacob Adibe, arrancado á tolerancia e protecção do secretario de Estado: no dia em que a fogueira crestar o sambenito de

Jacob, arderá, deante do povo sevilhano, o manto do pae do futuro rei D. João III...

— Tudo isso será muito, meu senhor; tudo isso terá alcance politico e religioso, mas não esqueçaes a mulher...

— A mulher? disse Deza, abstracto, como se estivesse pensando...

— Sim, a mulher... Suzana, por exemplo, que é das mais formosas, e cujo busto será, sobre o cadafalso, o assombro das multidões; e depois Sarah, nova, formosa, portugueza, christã judaizante, amorosa, aventureira... Uma biographia esplendida! A filha de Lopo, o homem que provocou a sedição de S. Domingos, a noviça de Lorvão, rival temivel de Philippa d'Eça, da já celebre abbadessa, que esgrime com D. Manuel e tem o Papa por padrinho. Sarah, sim, meu senhor, Sarah, a irmã da que foi a maior aventura dos dois frades, o Aragonez e o Moucho, a que passou uma noite com aquelle e foi causa directa da sua morte nas fogueiras de Evora! Sarah é uma grande figura e um grande nome! A ella andam ligados os nomes de Pedro Soares, o famigerado socio dos judeus de Villa Nova, e o de Jacob, o precursor dos successos reformistas da Allemanha. Sarah, nova, formosa, illustrada, arrogante, conduzida na funebre procissão, será o maior acontecimento da Inquisição n'estes ultimos dias.

— Sarah? continuou pensando Deza...

— Sim, Sarah. Mal podeis imaginar o que é sacrificar uma mulher nova e bonita... Os rapazes vêem n'ella um encanto, que os perturba e apaixona; as mulheres uma filha a que dariam os maiores affectos e carinhos!... Hão de correr lagrimas de compaixão e de amor, posso afiançar-vos...

— Mas Sarah poderá ser minha, disse Deza, sempre absorto.

— Mas será? E n'esse caso, se não puderdes satisfazer vossos desejos, podereis salvar os vossos créditos. Em que conta ficará a castidade d'um arcebispo, que no seu zêlo pela fé, e no seu amor pela justiça, nem deante do rosto bello d'uma rapariga, hesita em ser inflexivel, inexoravel?!

— E como se podera fazer tudo isso sem perigo d'uma séria complicação entre as duas corôas peninsulares?

— Deixae-vos de receios pueris, meu senhor. Em Portugal, D. Manuel, para não contrariar o partido clerical, finge preoccupar-se apenas com a administração das colonias, e em Castella o Regente abdica o seu poder nos inquisidores mais activos. Tendes o poder nas mãos, e deveis usal-o. Tendes um pretexto... deveis aproveital-o. Sarah está sob o tecto da Inquisição; isso basta para que não deixeis que ella se solte. Além de que Sarah, em Portugal, é uma recordação das mais tristes da carnificina de abril .. Fazel-a desapparecer é acalmar o odio contra os dominicanos.

que de novo se levantam no espirito do rei! Senhor, Sarah, com o seu fato de monja, ou com os habitos de condemnada, será sempre bella. Olhos tão formosos, illuminados pelo fogo, tornar-se-hão em duas estrellas. O fumo não os apagará, como se não apagam, em noites de neblina, os astros mais brilhantes... Quando ella sorrir crescerá enthusiasmada a onda popular, e, se ella chorar, abalar-se-ha em gritos a terra da praça pública! Queimada, viva ou morta, Sarah será, na opulencia do culto inquisitorial, o espectaculo mais impressionante... Ninguem rirá, posso jural-o, quando as ondas de lume lamberem as ondas do cabello da formosa rapariga... Pelo contrário, todos desviarão os olhos, dizendo n'um gemido:

«Deza é implacavel! O poderoso Deza!...»

— Meu rapaz, disse Deza, tens vistas de tanto alcance que vão além das minhas, confesso. O que me dizes é fructo de profunda observação e revela zêlo pelos negocios da Egreja. Hei de consultar-te a miude.

— E não vos falo apenas da qualidade — a quantidade tambem deverá preoccupar-vos. E' indispensavel um grande exemplo...

— Estão muito precavidos os governos e os judeus... Não vês todos os dias os templos christãos, que elles enchem abjurando de suas crenças? Não vês as procissões nocturnas formadas principalmente de christãos-novos...

E Henrique Nunes, com um riso escarninho, agitando o hombro, derreado, approximou-se do arcebispo e disse-lhe em antipathico falsete:

— Dizei-me que desejaes, que precisaes de uma forte procissão de condemnados e eu a esses mesmos hypocritas irei buscar judaizantes convictos. Tenho ás dezenas roes de mouros e judeus que occultam em suas casas altares de synagogas e feitiços do islamismo! Na minha propria familia tenho gente contumaz, que fala em Jesus na praça pública, e invoca Moisés no segredo da sua alcôva. Aquecendo-me com gente amiga ao fogo da lareira, tenho descoberto estados d'alma favoraveis ao mosaismo mais atrevido. Porque me julgam dos seus, e não são christãos-novos da minha fé, gente da minha velha raça e crença abjuradas, me abrem o coração, como me abrem a porta do seu lar. Uma palavra vossa, e eu dir-vos-hei os nomes d'elles e até contra elles saberei preparar as mais extraordinarias surpresas...

— Vossos amigos?

— Conhecidos, amigos e parentes. Ao vosso zêlo estou até inclinado a entregar um irmão que andou foragido, mas voltou a Portugal...

— Até entregarás teu proprio irmão?!

— Sem dúvida! Entregal-o-hei... Possa eu havel-o ás mãos, e esse grande serviço prestarei á Fé catholica.

—Entregarás teu irmão? repetiu Deza.

—Sim, entregarei. Que vale entregar um extranho? Isso não chega a ser sacrificio: rasteja apenas pelo dever. Eu quero sacrificar a Deus, como Abrahão. Não tenho um Isaac? Tenho, pelo menos...

—Abel, disse Deza... Era isto o que querias dizer, Caim?

—Caim não sou, que esse matou por inveja, e eu matarei por salvar a minha alma consagrada á defesa de Jesus Christo...

Deza examinou attentamente o olhar vivo do seu interlocutor.

—Se não és impostor, és dos mais prestimosos servidores da egreja... Estás disposto a entregares teu irmão ás penas do Santo Officio?

—Por Deus o juro! e vós recompensareis tão grande feito, que a maior tortura será a minha e não a d'elle... Preciso de lhe ferver o sangue peccaminoso, que é vergonha do meu, purificado pela mais sincera e pura conversão...

—N'esse caso deverás apresentar com urgencia o rol das tuas delações ao escrivão do tribunal. São muitas?

—Nem podeis imaginar quantos nomes registo na memoria! Tantos quantos representam judeus que commigo festejaram a Paschoa na sinagoga de *Cordova*, ou de *Villa Nova de Gibraltar*, ou nas mesquitas de Granada entoaram canticos malditos! Tantos, quantos me teem acolhido com sorrisos e abraços traiçoeiros, julgando-me adversario da Santa Inquisição! Tantos, quantos compõem familias inteiras, que me fazem seu companheiro, e que não avaliam, no meu olhar amoravel o odio que d'ellas me approxima e o castigo que lhes preparo!

—D'onde te veiu esse odio?

—De todos, e de ninguem! de tudo e de nada! Veiu a mim o odio contra os infieis, como dos infieis elle veiu contra Jesus Christo. Contaram-me a vida do Messias, e, apesar de estarem passados dezeseis seculos, ainda posso vingar o Martyr... A raça de Iscariotes, a que pertenço, obedece á terrivel sentença que a dispersou... O braço que a deve punir será entre ella que se ha de erguer. Judas não esperou a justiça do Ceo... Elle proprio se balouçou n'um ramo de figueira... A salvação dos judeus pode começar na abjuração, mas só termina na destruição do templo de Moisés... Deixei de ser judeu, perante o mundo christão e o da minha consciencia... Não me confundo com esses que renegaram a crença por cobardia e lhe prestam culto por traição... Todos os reis e todos os inquisidores do mundo catholico não conseguiriam prostrar-me na frente dos seus altares, se no meu coração não se tivesse apagado o fogo da fé em que nasci! Não me submetti, convenci-me.

—E á fé não terás alliado a inveja?

— Sim, é possivel, que um profundo sentimento de justiça me revolte contra os que são ricos, poderosos e amados... Os infieis medram na usura, ganham poder e distincções, e teem amores que pagam e aproveitam. Eu sou fraco, feio e pobre; e, apezar d'isso, sinto dentro de mim alguma coisa que vale mais que a minha origem e a minha condição... Lucero elogiava-me o tacto e o tino, e tinha-me na conta d'um dos seus melhores auxiliares... Se me derdes a mão, hei de caminhar com firmeza, e ir até onde teem ido outros menos ambiciosos e menos habeis... Dá-me rebates a mocidade, e não os escuto, voa-me o desejo ás maiores empresas, e a pobreza o alcança e derruba... Conheço já meio mundo, e estou disposto a percorrer a outra metade... Toda a terra que está sendo descoberta não basta para ampliar o horisonte da minha vista! Quem pode dar risos á mocidade, vôos á imaginação, premio ao trabalho, mundo ás aventuras?

— Esperas tudo isso de mim?

— De vós ou de outrem; mas emfim, da egreja! Só ella pode hoje distribuir riquezas e administrar justiça... Se ella quizer, serei rico de inexgottaveis thesouros; se ella quizer, serei amado e temido; se ella quizer, serei uma das mais fortes columnas da Inquisição! Armado com os privilegios que ella concede, disfarçado com a mascara da piedade, poderei minar a sociedade irritada e protestante, e assegurar conquistas sobre conquistas, aos que teem na mão os destinos de Castella e de Portugal!...

— Tens vista de alcance e proposito bem firme. Ficarás junto de mim... O teu conselho e a tua obra parecem-me meditados e seguros.

— Quando começo a occupar o meu logar?

— Já.

— Entregaes-me os captivos de hoje?

— Entrego.

— Deixareis sacrificar Jacob, que representa, no Santo Officio, um protesto atrevido da côrte de Portugal contra a influencia da princeza catholica?

— Disporás d'elle como te aprouver...

— E dinheiro?

— Terás o que pedirdes, aqui, e na Gardunha.

— Vereis que proveito vos dou, e como saberei restituir-vos a força e a auctoridade que vos roubou Philippe I.

— Se o regente nos ajudar...

— Os arcebispos nada devem pedir aos principes... A vossa restauração virá de Julio, e não de Fernando... A temeridade raras vezes produz desastres, e a cobardia sempre. Lucero, porque fugiu, foi preso; vós.

porque vos escondeis, sereis descoberto... Onde temos o inimigo? No alcazar? Pois ide ao alcazar, e denunciae alli uma conspiração contra o throno da regencia... Na rua? Pois sahi á rua, quanto antes, entre as vossas guardas, e affrontae a multidão, que é como os cães, que nos mordem se recuamos, que nos fogem se acommettemos... O que ouvis lá fora são latidos, não são dentadas...

— E ainda será tempo, Nunes?

— Ainda. Facil será que a canalha marrana comprehenda que, se vos abaixastes, foi para levantar a pedra que ides arremessar. Sahi á rua, mas com a pedra na mão... a matilha fugirá, ladrando.

— E essa pedra?...

— Será um auto de fé, summario, grandioso, sem intervenção da justiça do estado, sem negociações diplomaticas, em que figurem ricos mercadores, rabbinos e christãos novos, gente grada e a ralé dos *gitanos*, castelhanos e extrangeiros, homens e mulheres!

— E depois?

— Que receaes? Não será gloriosa essa aventura, que salva, n'um dia, o throno e o altar? O papa e o rei abençoar-vos-hão. Um golpe de mão, forte, seguro, encherá de espanto os reinos da peninsula, consolará a Italia, intimidará a Allemanha! Porque hesitaes?

— E se te enganares?

— Se me enganar, succederá o mesmo que vos espera não aproveitando a licção de Cordova. Em Burgos ha logar para Deza, como houve para Lucero. Perdereis o logar de inquisidor e o de arcebispo... Não póde convir-nos.

— Tudo, menos isso... Está resolvido... Vou dar uma volta pela praça de S. Francisco, irei rezar á cathedral, e verei Sevilha acobardada, subindo á agulha da Giralda! Estás satisfeito?

— Sim, meu senhor... Mandareis abrir o portal do palacio, enchel-o-heis de peões e cavalleiros, de lanças e armaduras, que brilhem ao sol, que está quente e dourado como o melhor das Hespanhas... Deixae cahir sobre as ruas da cidade uma chuva de esbirros, e mandae que vos aclamem na passagem todos os *gardunhos*... Não falhem os clarins n'estas avançadas, e rufem os tambores nas emboccaduras das ruas e das praças. E não esqueçaes de mostrar o rosto ao postigo da liteira, abençoando, ou excommungando, como vos aprouver, quantos vos enviarem olhares, que são promessas de odios e vinganças...

— Que tudo se faça, como dizes, diabolico conselheiro...

— Então, mãos á obra...

Poucos momentos depois o inquisidor sahia do palacio nas condições

planeadas, e o povo de Sevilha, em vez de parar, para ver a garrida comitiva, fugia aterrado, na frente d'ella, como se fôsse perseguido por uma alcatéa de lobos! Este terror, porém, lisonjeava mais o arcebispo que os gritos com que a bandidagem gardunha o ia acompanhando!

Aquelle—*fujam, fujam*—com que os judeus se escoavam ao sentirem o tropel de tantos cavallos e ao verem o brilho de tantas lanças, consolavam mais, muito mais, o odiado tutor, que o pregão da malta repetindo constantemente:

—Viva Deza! Viva Deza!

Entretanto, Henrique Nunes, que espreitava por uma ogiva do palacio, esfregava as mãos e piscava os olhinhos de furão, dizendo n'um sorriso:

—Mãos á obra; mãos á obra!...

LII

Sarah

Sarah, violentamente separada de Pedro, foi recolhida na camara de misericordia, na mesma onde Jacob passara os seus primeiros dias de captiveiro.

Os esbirros, que a conduziram, admiraram-lhe a firmeza do passo e a cabeça elegante e altiva.

Não deixou a filha de Lopo que os seus carcereiros lhe adivinhassem no rosto a dôr que intimamente a magoava.

Na fronte gentil da pobre orfã, não só não passava aquella nuvem de tristeza que se formara em tanta desventura, mas ainda, n'um supremo esfôrço de dissimulação, se abria um sorriso, que chegava a parecer alegria, á fôrça de brilho no olhar e de regaçar de labios!...

Mas que vendaval immenso soprava n'aquella alma exposta a tão amargas recordações e a tão funebres esperanças!

Por ella nada receava, que o menor mal que alli lhe poderia succeder seria a morte; não era porém d'aquella gente feliz que julga a morte o maior damno.

Ignorava ainda a pobre creaturinha que, na Inquisição, não se cuidava apenas em matar gente. Não seria o maldito tribunal tão repugnante perante a Historia se apenas fôsse assassino. Aquillo não era um campo de batalha, era uma lucta de cannibaes...

Quando a Inquisição chegava a matar era quando fazia a limpeza dos seus carceres. A fogueira era a cremação d'aquelles miseraveis despojos, que tinham morrido, anno a anno, dia a dia, momento a momento...

Quantas vidas perdidas antes da morte!

Sarah não tinha razões para recear martyrios. Por que havia de soffrel-os?

Se alguma accusação a espreitava á sua chegada a Sevilha, onde nunca fôra, só podia d'ella resultar ser devolvida ao seu paiz. Compre-

hendia-se que a recolhessem no Santo Officio, desde que o seu companheiro tinha sido detido para averiguações. Aquillo não era um carcere — era uma pousada.

Além d'isso, ella trazia recommendação para ver Jacob.

A verdade, porém, era que a sua vida, ainda em começo, parecia constituida d'uma série de surpresas tristes, das mais tristes, em que a morte desempenhava o seu lugubre papel.

Quanto vivera em poucos annos a pobre Sarah! Não era uma creança, mas uma mulher. No vigor do ánimo, na decisão do proposito, no orgulho que vem da consciencia, Sarah era mais que uma mulher — um homem.

Depois da morte de Deborah resolvera-se a viajar em Hespanha, como se resolvera a subir no espaço — ao acaso, á mercê das correntes atmosphericas, em qualquer direcção, esperando descer, em qualquer logar da terra, ou do mar, suavemente, ou aos baldões, viva ou morta.

Sarah ha muito que se julgava disposta a luctar com o meio social em que nascera, a protestar contra os crimes de que se sentia victima, a tomar até contas a Deus das injustiças que a fazia soffrer!

O amor de Deborah fôra por muito tempo o laço que a prendera... A sua emancipação resultara da morte de sua irmã.

Sentia-se livre. Sacudiu as azas trôpegas como uma ave fugida da gaiola. Formava o vôo pelo meio da fusilaria dos caçadores.

Aquella sociedade estava abaixo d'ella, muito abaixo... Preferia cahir ferida... Era tão livre de preconceitos religiosos, que se fizera mais religiosa que nenhuma outra mulher.

A liberdade de consciencia fizera-a religiosa...

Vira o mundo tão pequeno, tão fraco, tão cobarde, tão injusto, que acceitava convencida a existencia d'um mundo ignorado, onde a gente boa se encontraria para se amar de novo...

Seu pae, pobre homem, tão bom, tão carinhoso, tão leal, tão crente, ficara esmagado pela turba sanguinaria... Para onde fôra?

Para o nada? Impossivel!

E sua irmã — a meiga e casta Deborah, a filha amantissima, a amante dedicada, a mãe resignada, que fizera ella para merecer tanto penar? Por que a tinham roubado e polluido?

Por que a matara Deus, quando ella ia começar a ser feliz? Sem dúvida, porque Deus a quizera premiar, que Deus não podia ser cúmplice dos ferozes dominicanos... Para onde fôra, coberta de rosas?

Para o nada? Impossivel!

Um e outra deviam estar n'um reino de luz e de bondade, á espera

d'ella, que não fizera mal a ninguem, e que, pelo contrário, sempre pelos outros se sacrificara...

Sarah nem já se lembrava de que era nova e formosa... E, quando o fôsse, que importava isso? Pois, o feitio do rosto, as linhas do corpo, a côr, a forma, valiam alguma coisa, quando a alma não fôsse perfeita?... Não fazia da alma nenhuma idéa clara, precisa... Tinha a intuição de que era coisa de mais valia que o corpo... Christo vivera pouco mais de seis lustros, e vivia no mundo inteiro, dominando nos olhares, havia dezeseis seculos! Se não morresse agora, talvez pudesse ser feliz alguns annos — é como quem diz — um momento n'um dos grandes seculos da eternidade!...

Quando era creança, para atravessar ás escuras um dos corredores da sua pequena casa de Villa Nova, fechava os olhos... Assim ia fazer para atravessar o mundo e a vida, que se apresentavam tão cheios de negrumes! O que houvesse de succeder, succederia... Nem valia a pena contrariar o destino. Sem saber o nome d'esta philosophia, sentia-se fatalista...

Para que havia de tremer e chorar? Isso seria a gloria dos máus... Não se vingava, mas tambem não queria consolal-os...

Matar-se? Nem por sombras! A morte, que a espreitava, que se apoderasse d'ella... Fugir-lhe, para que? Na vida real, como nos sonhos, quando queremos gritar, emmudecemos; quando queremos fugir, quedamo-nos... O melhor era esperar o momento em que se desperta. Despertar, n'estes casos, é adormecer para sempre, é morrer... Morrer, já ella o adivinhara, era começar uma nova vida, na grande série de transformações... Apenas um desejo a prendia ao mundo — o unico que podia detel-a e leval-a a defender-se: o amor de Pedro!...

E quando este pensamento lhe atravessou o cerebro, córou, como se alguem lh'o tivesse dicto!...

Mas esse amor tão santo que, assim como ella, viva, não tivera ciumes de sua irmã, não poderia sua irmã, morta, ter ciumes d'ella?...

Pedro nunca saberia esta verdade, nunca... Um dia se encontrariam todos, e então tudo se explicaria.

Sentia até n'aquelle momento uma certa consolação em ver que o seu martyrio não cessara... Se Pedro morresse, então sim, então fecharia os olhos e nunca mais os abriria senão n'essa gloriosa mansão em que haviam de reencontrar-se. Pedro era o Espirito Santo d'aquella religiosa Trindade, que adorara em toda a sua vida!...

Pertencia ao noivo de sua irmã, não tinha n'isso a menor dúvida, e havia de defender o que era d'elle...

Era mulher, e estava só, entregue a gente sem coração, mas com sentidos...

Se lhe tocassem com um dedo?... Ella não era Deborah... Havia de vingar todas as Deborahs...

E ao pensar n'isto, o rosto se lhe afogueava, como se a febre lhe estivesse escaldando a fronte. A febre, ou o pudor?

E, sem que os esbirros comprehendessem o movimento, punha a mão no peito, para verificar se lá estava adormecida a lámina que guardara, á hora da partida, para defender o seu pudor e calmar a sua febre.

Jacob era um homem de bem, ia aureolado pelo martyrio, e que a amava sem dúvida. Tinha por irmão o seu amante, como por amante tinha seu irmão... Adibe era um homem que ella admirava, mas que não amava. E, comtudo, se elle vivesse, e a quizesse, entregar-se-lhe-hia... Não podendo ser de Pedro, pagaria com o seu sácrificio a leal dedicação d'esse mancebo, que a defendera e por ella se sacrificara.

Eram tão raras as acções generosas!

Viera até alli no intuito de suavisar a agonia do pobre martyr. Se pudesse, ao encontral-o morto, resuscital-o-hia; se o encontrasse ameaçado de vergonhas e martyrios, dar-lhe-hia a morte...

— Senhores, disse ella, sem voltar a cabeça para os esbirros que a acompanhavam: — é esta a camara de misericordia, que me reservam?

— E', disse um d'elles.

— E quem me acompanha n'este logar?

— Ninguem.

— Ninguem poderá visitar-me?

— Quem alcançar licença para isso de sua eminencia, ou do escrivão do tribunal.

— Sua eminencia está no palacio?

— Sua eminencia o arcebispo foi a passeio por Sevilha, e só voltará depois de ter orado na cathedral...

— E como poderei pedir-lhe?

— Em recado escripto que lançareis pelo postigo d'esta porta, ou de viva voz ao guarda que vos trouxer as refeições...

— Está bem. Devo considerar-me captiva?

— Nem pensar n'isso! O embaixador de Portugal virá por vós, logo que se verifique a identidade do sr. Pedro Soares e a innocencia dos seus intuitos.

— N'esse caso, elle virá breve.

— Não tanto quanto imaginaes. Será necessario antes d'isso que a ordem pública esteja assegurada em toda a Andaluzia.

— Reina então a guerra civil?

— Não, mas pode reinar d'um para outro momento. O estado de guerra é preventivo...

— Esta camara não é, pois, destinada aos accusados?

— Nem sempre, como agora; mas ordinariamente, sim.

— Ha muito que está desoccupada?

— Esteve aqui o judeu Moisés, da praça de S. Francisco, tratante de muito commercio, muito rico, muito generoso e muito judeu. Tinha padrinho na embaixada allemã...

— Que sorte lhe deram?

— Foi queimado. A esse valeu-lhe o dinheiro...

— E foi queimado?

— Sim, mas depois do garrote!... Se fôsse judeu hespanhol, e da Triana, havia de começar a perder a vida pela assadura dos pés.

— Que horror! disse Sarah.

— Depois, esteve frei Jeronymo, um fracalhão, que estava desacreditando o Santo Officio.

— Que fez elle?

— Esse não foi condemnado pelo que fez, mas pelo que deixou de fazer: sabia de heresias graves em casa d'uma familia sua conhecida, e não as denunciou...

— E bastou isso?

— Se bastou! Rodaram-no, muito bem rodado, e queimaram-no quando em vida... Foi uma obra de caridade... Elle tinha os braços e as pernas n'um feixe...

— Basta!...

— O ultimo foi o judeu Jacob Adibe, portuguez... homem muito perigoso pela sua doutrina e teimosia...

— E esse? que sorte teve?

— Para falar com franqueza, não sei. Parece-me ter ouvido dizer se matou, ou tentara matar-se...

— E por que não conseguiu elle o seu fim?

— E' muito difficil... Quando o carcere é muito pequeno, quasi que nem ha espaço para quebrar o craneo...

— Pobre moço! disse Sarah, com um suspiro. Nem ao menos lhe é permittido matar-se!

— Nem isso!? E' esse o principal direito que se lhe nega. Ah! minha querida senhora, disse o esbirro, se os accusados, e principalmente os condemnados, pudessem morrer quando quizessem, a Inquisição estava perdida...

— E' então muito horroroso viver aqui?

— Tanto que todos acham mil vezes melhor o morrer...

— E Jacob ainda vive?...

— Creio que sim. E viverá até o dia em que houver de subir á fogueira, por seu pé, ou arrastado.

— E se elle não quizer comer?

— Os physicos teem recursos para entreter a vida; mas, se esses recursos faltassem, ou se anticipava o auto de fé, ou se lhe permittia a liberdade...

— E ha quem dê esperança a um homem perdido?...

— E' dos regulamentos...

— Se um condemnado quizer morrer...

— Não morrerá... Quanto mais condemnado á morte, mais obrigado á vida!...

— Pois elles não teem um ferro, um laço, um veneno?!...

— Isso sim! Tudo é bem prevenido. Em ultimo recurso são amarrados á cama, de pés e mãos, para que não mordam a propria carne... Até a cabeça é amarrada a um poste... Os dentes são armas terriveis! A's vezes deixa-se-lhes liberdade de se matarem... E' quando podem ser absolvidos...

— Não ha exemplo de que alguns infelizes se furtem á execução?...

— Ha, mas raros. Por exemplo — dois encarcerados... Quantas vezes combinam o homicidio mútuo!... Ainda não ha muito tempo, dois judeus se morderam nos sangradouros, com tal fôrça que não foi possivel salval-os. Estavam n'um lago de sangue... E' por isso que hoje se prefere o isolamento. Mas esses eram a ralé... Quando se trata de gente de nome, a vigilancia é maior...

— Mas algum deve ter escapado a essa vigilancia...

— Assim acontece algumas vezes; mas, n'esse caso, vae o cadaver em pé, e o povo imagina que é um corpo vivo. São tantos os desmaios n'aquellas alturas!...

— Preciso de descançar, disse Sarah — se me deixasseis!...

— Quereis ficar só? Se vos apraz companhia para alguns cuidados, e podeis julgal-os, poderá vir serva que vos acompanhe.

— Alguem d'entre os captivos?

— Talvez. Está no hospital uma louca mansa, que poderia ser aproveitada... E' mulher de educação, formosa e humilde... Se a quereis?

— Mandae-m'a, pagar-lhe-hei. Tenho menos medo dos loucos que dos atilados...

— Ella virá... Voú fazer a requisição, que deverá ser attendida. Agora, principalmente... O hospital está tão cheio...

— Trazei-me a pobre mulher. Quem sabe se eu estarei mais louca que ella?! Como se chama?

— Suzana.

— E' judia?

— E' como se fôsse... judaizou...

— A que chamaes — judaizar?

— Amar um infiel?

— E ella amou?

— A ponto de enlouquecer!

— Como deve ser bom morrer, ou enlouquecer de amor! pensou a pobre Sarah.

— Quereis mais alguma coisa?

— Que me deixeis e me tragaes a Suzana. Só com uma grande dôr poderei consolar-me...

Os esbirros sahiram, e a porta fechou-se com estrondo.

Sarah deitou-se, atirou-se para cima do leito, que começou a agitar-se com a convulsão do chôro...

Estava só! Podia chorar á vontade!

Pobre Sarah! Quem não comprehende a dôr, o desalento d'aquella alma tão amoravel e tão triste! Triste! ella, que foi na sua meninice a alegria dos seus, cujo sorriso foi, na adolescencia, o unico laivo rosado no lucto da sua casa! Triste! ella que tinha artes de trazer á flôr dos labios, nos momentos dolorosos, o sôpro meigo, quente, alegre, que dissipava as nuvens que a desgraça encastellava na fronte dos seus amores!...

Quem se gabava de lhe ter surprehendido uma lagrima, quando essa lagrima pudesse mais entristecer os seus amigos contristados? A's vezes, a occultas, quando na açotéa das suas flôres olhava o céo e o futuro, o sol tinha de lhe enxugar uma gôtta de pranto: mas, se tinha de voltar-se, varria-se logo d'aquella fronte o ultimo vestigio de uma dôr...

De noite, nas sombras trémulas da sua alcôva, quantas vezes ella passou no rosto o seu lenço de rendas, para apagar vestigios da tristeza deante do olhar caricioso da Virgem fracamente illuminada?

Como ella pôde, por causa de sua irmã, engulir o pranto que a suffocava, quando ambas recordavam a grande tragedia que lhe déra a orfandade! E como ella ficara triste e sombria, mas com o rosto enxuto, a fitar o cadaver de Deborah! E como ella, quando ainda fluctuavam em sua casa as nuvens do incenso queimado no funeral, calmava a dôr de Pedro e de Joanna, balouçando nos braços a creança recemnascida!

Como ella se mostrava varonil quando via desalentos nas situações difficeis!

E agora, ao vêr se só, cançado o corpo e o espirito, cheia de saudades e de desespêros, deante de um mysterio, talvez em vesperas de perder o ultimo affecto, o que ainda a prendia á vida, como ella soluçava!?

Ninguem a via, pensava ella, e se alguem a visse, não sendo Pedro ou Joanna, que importava isso?

Nem aquelles soluços representavam fraqueza... não, eram producto dos seus nervos, e nada tinham com as ameaças que a acolhiam. Chorava, depois de ter ouvido a narração de tantas crueldades, como poderia arfar depois de subir uma ladeira...

E a prova era que emquanto soluçou, não recordou o seu passado, não lamentou o seu futuro...

Durante esses momentos dormitou-lhe o cerebro, como se tivesse tomado um narcotico... Aquelles soluços nem ao menos correspondiam á respiração offegante dos que sonham pesadelos!...

Por momentos Sarah esteve esquecida de quanto soffrera, e nada soffreu...

Quem a visse é que ficaria contristado!... E com razão... Tão nova, tão bonita, de linhas tão correctas e gentis, e tão só!...

A pouco e pouco, foram-se apagando os suspiros, descahindo o lenço que conchegara aos olhos, reclinando a cabeça, e a mão pousou inerte sobre a colgadura do leito...

Começava-lhe o sonho mais cruel que a realidade... Sarah, adormecendo, accordara o espirito, e passou a ver nitidamente todos os negrumes da sua vida.

Viu, então, uma grande verdade: que Deborah fôra mais feliz que ella! Muito mais feliz!

E a sonhar, Sarah sentia-se morrer; e sorria julgando que não sonhava...

A morte appareceu-lhe na figura graciosa d'um anjo todo vestido de rosa e ouro, exhalando perfumes deliciosos, e fitando-a com um feixe de sorrisos luzentes, como o brilho das estrellas!

Tinha o rosto tão sereno, a bôcca tão graciosa, a respiração tão doce! Dormia-lhe tão bem abandonado o pé pequenino, descoberto, e cujo peito, sob a meia finissima, parecia palpitar...

A luz da fresta alta e gradeada batia-lhe no rosto e recortava-lhe nas faces de marfim as olheiras roxeadas, tão escuras como se fôssem sombras das pestanas longas e revôltas...

Arfava-lhe o seio, tão desfallecidamente, como um barquinho de papel

no lago de um jardim, e o cabello afagava-lhe a testa, emmoldurando-a em curvas caprichosas com a artistica elegancia que prescinde da symetria.

Ouviu-se então gemer, com intermittencias, os gonzos da porta...

Sarah não se moveu.

A porta, deixando de gemer, abriu-se mui lentamente, parando por vezes, como se estivesse a impellil-a gente firme e cautelosa, que ficasse escutando o effeito do seu trabalho, e apenas pensasse em passar o corpo por ella, de lado, contrahido, como se fôsse preferivel vencer essa difficuldade a produzir qualquer ruido indiscreto...

Os gemidos da porta cessaram, e pôde-se ouvir nitida a respiração placida da pobre Sarah...

E o olhar perscrutador do espião brilhou nos umbraes da porta, que tão cautelosamente se abrira...

Henrique Nunes, o terrivel cumplice de Lucero e de Deza, apesar de poder entrar na camara, como se receasse o despertar de Sarah, quedou-se a miral-a com estupefacta avidez, passeando os olhos pequeninos, tão agitadamente sobre a captiva adormecida, como se hesitasse no que mais devia admirar n'essa figura, desde o peito do busto até o peito do pé.

Depois, deu um passo para a frente, e tornou a parar, fitando sempre o rosto de Sarah, receoso de que ella despertasse...

Assim, avançando nos bicos dos pés, e parando repetidas vezes, conseguiu chegar silenciosamente junto do leito da filha do Lopo, que, sonhando sempre com o seu anjo dourado, não adivinhava que tão perto d'ella estava tão repugnante creatura!

Henrique Nunes debruçou-se sobre o corpo adormecido, como que a aspiral-o, e com as mãos trémulas tocou, muito ao de leve, a mão de Sarah, com aquelle medo, ou respeito, com que uma pessoa supersticiosa poderia tocar a fronte d'um cadaver...

Depois d'este acto audacioso, Henrique recuou, como se o calor d'aquella mão lhe causasse maior impressão que o gêlo da morte!...

E ao contrário do que elle esperava, Sarah não despertou, nem estremeceu, até sorriu, como se tivesse experimentado o doce prazer d'uma caricia feita por mão amiga!

Sarah já não sonhava com a morte, ou, tendo sido enlevada por essa visão tentadora, encontrara, em mysticas regiões, o maior enlêvo da sua vida... Que loucura! Encontrando Pedro, morto como ella, tudo lhe confessara, tudo a sua paixão, o seu segredo, a sua esperança...

E elle, acariciando Sarah, como se ella fôsse uma creança, dizia-lhe em segredo, que a adivinhara ha muito, que lhe descobrira o segredo da sua alma, que muitas vezes a si proprio perguntara — como, amando

tanto a Deborah, era junto de Sarah que se sentia mais alegre e feliz? Por vezes, contava Pedro, se reprehendeu com violencia, por lhe parecer que o seu amor por Deborah ia, dia a dia, convertendo-se em compaixão... E, mais lhe dizia, apertando-a de encontro ao peito, quando Deborah estava a ensaiar o seu tristissimo vôo, que a unica mulher que lhe mitigava aquella saudade era Sarah, que conhecera ainda creança, mas que a desgraça fizera a mais formosa e graciosa mulher!

E Pedro, n'aquella indecisão de luz e de voz, que tanto distingue os sonhos da realidade — explicava, envergonhado da sua confissão, que nunca poderia ser feliz com Deborah, não por culpa d'ella, coitadinha! mas por causa d'aquella tremenda desgraça que collocou entre ambos a figura sinistra do Aragonez... Elle, continuava Pedro, não fôra tão generoso, como desejaria ser, porque perdoara a Deborah, como se ella não fôsse uma innocente, e que, quando, afinal, soube que Deborah ia ser mãe, perguntou a si proprio, se em qualquer mulher, que não fôsse a Virgem, a conceição não era contrária á innocencia e á castidade... Era justo, e impoz ao seu coração a piedade resignada, já que não podia manter n'elle o enthusiasmo do amor...

Foi então que começou não só a olhar, mas tambem a vêr, com cuidado e enlêvo, o vulto de Sarah, e a notar-lhe a immensa superioridade do seu corpo intacto e da sua alma alegre!... Nos braços de Sarah até o filho do frade lhe não despertava odio!

— Emquanto vivia, dizia Pedro ao ouvido da sua formosa companheira, sentia tudo isto, mas não o disse a ninguem!

Tinha medo de que Sarah o soubesse e lhe condemnasse a injustiça ou a impiedade com a pobrezinha...

Elle bem sabia que Deborah tinha apenas uma inferioridade, relativamente a sua irmã — era doente e infeliz — tão doente que se confundia com a morte — tão desgraçada que parecia uma sombra da desventura.

Mas, a verdade é que o amor se representa na figura d'uma creança travêssa e risonha, e não na da saudade, que chora, contemplando a terra da sepultura e o céo da vida eterna!

E Pedro, emquanto pensava isto, sorria meigo e beijava com ardor a mão de Sarah. Foi exactamente n'esse idyllico momento em que, em sonhos, Sarah sentia os labios de Pedro, que Henrique Nunes, subtilmente, beijava a mão dormente! O amor beijava Sarah, beijando-lhe ao mesmo tempo o espirito e o corpo.

Encontraram-se aquelles dois beijos tão coincidentemente!... o verdadeiro foi tão leve e tão caricioso, que a realidade não contrariou a phantasia, e até a completou!

Sarah, receosa de apagar essa illusão, não quiz abrir os olhos, e até procurou reatar o somno amigo. .

O espião ficou attonito ao vêr que Sarah despertara sem olhar para elle, e até deixando que um sorriso alegre lhe esvoaçasse nos labios.

— Que é isto? pensou elle, recuando cheio de surpresa. Eis uma conquista mysteriosa feita pelo ardor dos meus labios!

E, como se o sorriso de Sarah lhe tivesse dicto — amo-te! — de novo caminhou para o leito, segurando com enthusiasmo e fôrça as mãos da sua victima.

Sarah ergueu-se como se fôsse uma corsa surprehendida, e soltou um grito de dôr, egual ao de leôa ao sentir-se apunhalada...

— Quem é este homem? perguntou ella, como se tivesse alli alguem que lhe respondesse.

— Se eu vos não responder, ninguem vos responderá.

— Dizei então, e depressa: que qualidade de bandido sois, que até abusaes d'uma mulher adormecida?

— Tão bandido e tão cobarde como aquelles beatos, mais devotos e excitaveis, que até a occultas beijam reverentes as imagens dos altares!

Sarah mediu o espião com o olhar...

— A ninguem perguntei se estaveis adormecida e só... Parecestes-me a estatua d'uma santa, deitada em estofos de sacristia, para que se não lhe quebrasse algum boccado da mais delicada esculptura. Ia jurar, mal vos avistei, que ereis uma das imagens novas, que foram á benção de Roma, e que devem ser erguidas nas aras mais lavradas e polidas no dia do proximo auto de fé...

— Sois um doido, ou um impostor?

— Ambas as coisas — minha querida senhora — um doido que admira Deus nas suas mais formosas creaturas — um impostor que sabe passar por bandido e cobarde, quando beija. em extasi religioso, a mão d'uma mulher tão bella como a mãe de Deus...

— E tendes liberdade para andar assim devassando o asylo que o Santo Officio me offerece?

— Desde as agulhas da torre até o mais profundo subterraneo, nenhuma porta se fecha para mim. Sou a universal e eterna sentinella que vela pelos culpados e pelos innocentes!

— E abusaes d'esses direitos?

— De joelhos vos peço que não acrediteis em tal... Podia occultar-me no fôrro d'estas paredes, e ouvir-vos e vêr-vos, como se estivesse a vosso lado... Isso seria uma traição, e só para os traidores a emprego. Preferi entrar com vossa auctorisação, e assim entraria se me tivesseis ouvido. Es-

preitei, é verdade, disse Nunes, com modo humilde... E se estivesseis doente? e se estivesseis desfallecida? Que fortes commoções vos devem ter abalado!... Separada do vosso companheiro, isolada n'esta camara, recordando vossos males, e talvez receosa do vosso futuro, nada mais simples que tivesseis adormecido por abalo do espirito e não por canceira do corpo...

— É bom que saibaes, senhor, que não estou só... disse Sarah palpando no seio o cabo do seu pequenino punhal...

— Tendes uma arma comvosco para vossa defesa?... Fazeis bem; é de bom aviso em casa de tão perigosa população!... Eu, e sou eu, que por aqui vegeto, e só tenho os inimigos que a justiça esmaga com as suas negras sentenças, tambem me não fio demasiado nas palavras doces d'esta gente dissimulada. Ora vêde...

E Henrique Nunes, desabotoando lentamente o gibão, começou mostrando o seu arsenal.

— N'estas prevenções é que eu pareço, não bandido, mas cobarde. Estou sempre desconfiado de que não comprehendam as minhas intenções, e que pretendam castigar-m'as, como se ellas fôssem malignas.

Sarah não tirava os olhos do espião, principalmente das armas que elle ia mostrando, uma a uma e guardando-as depois.

— Vêde, senhora, esta pobre lâmina de Toledo, corrigida todos os mezes, pelo melhor alfageme de Sevilha. Um *punzante* que atravessa, com um fraquissimo impulso, a fronte d'um boi... E este *cuchillo,* puro cordovez, ensaiado nas feiras mais bulhentas e que até ás escuras amedronta com o estalido da mola... Corta um pergaminho a voar no espaço! e não tem inveja ao melhor alfange que degollou christãos no assalto de Granada...

— Não estaes falando a uma creança que vos tema, nem a um homem que vos ameace. O meu peito é nobre de mais para o vosso punhal...

— Pois não vos mostrarei mais armas de combate. Ha casos d'esses, ha, em que os punhaes fidalgos tanto medo teem dos seus companheiros villões que até se occultam no peito que os aquece...

— Insolente!

— Vem a proposito... Vêdes isto? Mette-se uma duzia d'estes apparelhos na manga de um gibão! Os beijos d'esta mordaça fazem emmudecer como um beijo de amor... E isto? que bello jôgo de anneis para mãos delicadas! Sabeis o que isto é? Tem nome do Céo e obras do inferno!... *anjinhos*, que captivam e martyrisam os dedos mais grosseiros dos marranos rebeldes e os mais finos e gentis das beldades esquivas... Mas, ha mais: aqui está um frasco, puro crystal de Veneza, e que

contém um filtro magico que mata e resuscita, que avigora e enfraquece, que cega os que vêem, e mostra aos cegos e dormentes maravilhas phantasticas!

— Acabemos com isto, disse Sarah. Não vos temo. Se é necessario morrer, morrerei. Preferia morrer de dôr... E' o mesmo, morrerei de nojo.

— Quem fala em coisas d'essas? O que vos repugna? O meu aspecto? Sou assim ao primeiro olhar, mas o trato attenua-me a voz, a figura e o gesto. Não posso comparar-me nem a Pedro Soares, nem a Jacob Adibe, mas nem sou nem menos poeta, nem menos amoravel do que elles. Tenho por fora as cinzas do vulcão que me crepita no peito... Mulher, que sois a mais bella que chora, ou que ri, n'esta casa de Deus, tendes na rebeldia o melhor encanto... Se fôsseis timida e queixosa, serieis vulgar, e então serieis apenas capaz de apaixonar um inquisidor... Um famulo, um valido, que tem conhecido monjas, princezas e servas — é mais exigente... Só me domina o orgulho, a altivez e até o desprêzo das patricias, que se julgam acima de mim como se fôssem uma estrella, e que eu posso fechar na mão como faço a um vagalume!

Sarah, encostada á parede, palpando o peito, nada respondia. Nem olhava o bandido!... Parecia meditar.

Ouvia-se apenas, com o fraco e monotono gemido d'esse vento, a respiração agitada dos dois.

Ia dar-se uma lucta, evidentemente, lucta desegual, e por isso mesmo terrivel.

Esta affirmação parece um paradoxo? Pois é uma verdade, que a melhor observação reconhece.

A lucta entre duas fôrças eguaes é uma explosão; detona e fulmina como um raio. Mal se vê quando começa, e termina logo que começa. Uma lucta egual parece-se com um choque... A consciencia na aggressão fere lume, que brilha e logo se apaga, como aquelle que rebenta sob as patas de um cavallo, roçando n'um galope nas pedras do caminho.

Não assim entre um forte e um fraco.

A fraqueza tem na coragem um escudo que parece chammejar.

A fraqueza que espera detém a fôrça que avança.

O espião esperava o pretexto para subjugar a sua victima; Sarah porém nem podia fugir, nem queria arremetter. Sem olhar para elle, estava vendo-o... Désse elle um passo, e entre os dedos de Sarah haveria um dedo d'aço, cuja unha talvez estivesse envenenada...

Depois, a fraqueza apresentava um aspecto tão sereno, tão resignado e tão defensivo, que a fôrça julgava estar deante de um mysterio, e um mysterio pode ser tudo — a derrota ou a victoria.

Além de que, Sarah não se importava de vencer; o que desejava era não ser vencida pelo bandido.

Henrique Nunes calculava não dar tempo á pobre menina para que ella o ferisse... Evidentemente, chegando-se, evitaria o golpe e desarmaria o braço.

Quem lhe garantia, porém, o exito d'esse movimento?

Para evitar que ella o ferisse, bastar-lhe-hia a fôrça e a destreza... mas se ella não pensasse em feril-o, mas em se ferir? Se ella lhe fugisse? Se o perigo estava não em que a arma sahisse do peito, mas em que penetrasse vibrada contra esse peito?

Elle queria vencer para possuir... A caça de melhor estimação não se mata a tiro, mas em traças e esparrelas. Um golpe no peito de Sarah podia soltar-lhe as azas dos hombros, e ella fugir voando...

Afinal elle estava mais fraco e indeciso!... Quando viu a pequena lámina, teve vontade de sorrir, mas começava a perceber que era n'ella que estava o perigo...

— Que poltrão! pensou elle, medindo o espaço que o separava da sua prisioneira.

— Vamos, disse Sarah. fitando o espião com um olhar que cuspia desprêzo e odio, avança e vence-me! Do ventre de minha mãe vieram duas Deborahs? Eu vingarei a morta e a viva. Torneia esse leito e vem dar-me o beijo da tua paixão... Traze nas mãos a mordaça e segura com os dentes as tuas armas de combate... Has de matar essa sêde com o meu sangue gelado e essa fome com as carnes do meu cadaver... Se és um abutre, vôa sobre a minha cabeça, se és um reptil arrasta-te, e vem morder-me os pés!

Esta apostrophe era a confirmação das suspeitas de Henrique Nunes.

Sarah resolvera o que para elle era mais perigoso — matar-se.

Era indispensavel mudar de tactica... E mudou.

— Quem, amando-vos, poderia maltratar-vos, senhora? De nós dois o forte sois vós. Não vos temo por mim, temo-vos pela vossa vida. Pois estae tranquilla, que apprendi em Cordova a ser gentil com as damas! Mal fez o Santo Officio em vos deixar assim armada contra a propria existencia. Não podem ir tão longe os deveres da hospedagem... Mas, emfim, desde que nada receeis de mim, nada attentarei contra vós, não é assim? Pois bem, vou dar-vos uma prova de que não sou o que julgaes. Quereis novas de Jacob?

— Quero que me deixeis em paz; se continuaes a provocar-me, quer com audacia, quer com hypocrisia — ou vos mato, ou... morrerei.

— De que servirá isso? De qualquer das formas nunca mais sahireis da Inquisição, e nem ao menos podereis tentar a liberdade de Pedro...

— Pedro não precisa do meu auxilio.

— Assim o julgaes e assim vos illudis. Pedro corre os perigos de Jacob... e só eu poderei salval-o.

— E' falso; Pedro não tem culpas por que responda, e tem direitos que o farão respeitar.

— Tudo assim seria, se Deza quizesse; mas não quer.

— Não quer? Cara lhe sahiria a aventura, que ainda vale mais junto do throno do Regente o enviado de el-rei D. Manuel que o inquisidor que anda a revoltar o povo de Castella.

— Bem dizia eu que era necessario que nos entendessemos. Ficae sabendo, senhora, que se tal me aprouver, Pedro sahirá do palacio da Fé, para a Plaza Mayor. Sabeis o que isto quer dizer?

— Sei; que ha bandidos que sabem tambem ser embusteiros. Que pretendeis dando-me taes novas? Sabeis que sou capaz de sacrificar a vida para salvar a honra; pois bem, essa honra tambem é de Pedro. Sacrificarei, sendo preciso, a vida de ambos... Por que esperaes?

— Espero salvar-vos, convencendo-vos de que não deveis trabalhar em casos tão apertados. A vossa situação não auctorisa tamanhos heroismos. A dedicação é objecto que pouco vale nos bazares de Sevilha... Para que perder a vida sem proveito, se podeis dar o amor com prazer? Deza, que odeia Pedro — (odeia-o e teme-o) — quer vingar-se d'elle. Vingar-se-ha. Deza, que vos ama, senhora (ama-vos e deseja vos), quer possuir-vos. Possuir-vos-ha. O odio e o amor de Deza estão na minha mão. Se eu quizer esmago-os — um e outro. Se confiardes em mim, livrar vos-hei do inquisidor, entregar-vos-hei a Pedro Soares. Pensae n'isto. Morrer é o menos. Todos os perseguidos preferem a morte ás torturas... Por isso os inquisidores, que odeiam e que amam, torturam, mas não matam. Ha aqui dentro mortes que teem o nome de vidas — são vidas infernaes — as chammas cá dentro são como as do inferno, não se parecem com as do *Quemadero*...

Sarah deixou cahir os braços e encostou a fronte á parede, como para refrescar, mas não deixou de olhar fixamente o bandido que a ameaçava.

— A honra, disse-me muitas vezes Lucero, que é um sabio, é uma palavra que só para os que não sabem falar significa virgindade nas mulheres e probidade nos homens. E' um valor que julgamos possuir, mas que os outros nos dão e tiram quando querem. Para ser honrado basta parecer ter aquellas virtudes. Não as ter nem sempre deshonra. Até ás vezes a honra reflecte-se mais em quem não é casto nem probo do que

em quem conhece taes prendas. Quem se mata por causa da honra, não se suicida, deixa-se assassinar... Que vos peço? um beijo? Daes d'isso em toda a gente. Beijaes até as flores que envenenam, beijaes as imagens dos santos, beija-vos os labios até a suja poeira dos caminhos!... Se adormeceis, os insectos, mais vis que os famulos e que os familiares, vos beijam a bôcca immovel e cerrada! Beijaes em sonhos quem vos apraz, e nada d isso consta! O amor é como a nudez, e a honra não passa d'um habito. A nudez ao sol é que nos prejudica. Uma intenção generosa, salvadora, uma dadiva que se desfaz e não deixa vestigios, não prejudica a honra, nem diminue nenhum thesouro.

A inquisição na tortura desfaz todo o pudor, devassa todos os segredos. Se a castidade é um bem material, não é defeso a justiça vêl-a e tocar-lhe. Os inquisidores são monges e physicos — podem polluir todos os corpos e todas as almas. Morrer para quê? Quero salvar-vos — e peço-vos bem pouco — beijae-me a occultas, formosa christã, que, se ha beijos que escravisam, os meus dar-vos-hão a liberdade.

Sarah, a pobre Sarah, que affectava vigor que não tinha, affligira-se demais ouvindo ameaças contra Pedro... Começára por se agarrar á parede, deixára depois de ouvir o bandido, e afinal cortára o discurso impudico do seu perseguidor, cahindo brusca e desamparadamente no chão.

— Morta! disse Henrique, aterrado, como se tivesse visto penetrar no seio da pobre Sarah a pequena lamina que ella tinha occulta.

Sarah cahira, ficando com um braço extendido e a cabeça apoiada n'elle. O rosto ficára-lhe voltado para o espião, que, depois de ter recuado um passo, de novo avançou para a contemplar...

Depois de alguns momentos de hesitação, com o impulso da curiosidade, contrariado pelo medo, que vem sempre d'uma consciencia perturbada, deu volta ao leito, e foi lentamente amparando-se, quasi sem respirar, com o olhar fixo...

Sarah estava da côr do velho marfim, aquelle tom amarello desmaiado, que lhe dava a apparencia d'uma figura de cera tombada carinhosamente...

Compunham-lhe as roupas o corpo extendido... Parecia adormecida! Parecia até conservar nos labios aquelle sorriso triste, seu leal companheiro depois da morte de sua irmã. O braço em que o corpo não pesava arqueava-se-lhe sobre o peito e os dedos hirtos apertavam o collo onde ella guardava a sua defeza.

A touca, ou capuz, que lhe conchegava o cabello desde a testa até a nuca, e da qual pendiam duas tranças negras e setinosas, não se deslocára, e até parecia ter-se-lhe affeiçoado melhor ao rosto n'uma leve incli-

nação sobre a orelha. A curva do seio, tão suave e tão distincta, como uma voluta delicada, para que a geometria linear não tem formula, e que lhe surgia disfarçadamente da garganta, se afastava a medo, e logo descia imperceptivelmente, formando o desvio inverso da cintura, era tão flexivel, que a luz da ogiva, aberta no muro da camara, osculando sobre ella, parecia animal-a e movel-a.

O manto preto, que se prendia nos hombros, abria-se-lhe sobre o chão, como se a arte, intencionalmente, tivesse preparado o fundo negro d'esse quadro, em que a pallidez da pobre creaturinha, que não carecia d'essa *ficelle* para melhor se destacar, realçava com raro encanto.

Henrique Nunes sentia a impressão do assombro!

Quantas mulheres formosas elle vira já? Tocára com mãos profanas as amantes e as victimas de Lucero!

Aos seus affagos brutaes relaxára o inquisidor de Cordova muitas captivas insubmissas! E que formosas eram as judias de Hespanha!

Mas todas essas bellezas eram carnaes, humanas, tentadoras... Sarah parecia uma imagem cahida d'um altar!

N'aquella esculptura havia todas as linhas de uma virgem sagrada... N'aquelle rosto, que estava immovel, havia todas as delicadezas de tons que denunciava um sonho cheio de canticos, de incenso e de luzes! Sobre as palpebras e sobre os labios da formosa Sarah pareciam esvoaçar nuvens côr de rosa, pedaços d'alma, defendida por Deus .. Era força de imaginação, sem dúvida, mas o certo é que elle ouviu um como bater de azas por cima d'aquelle corpo, como se um bando de seraphins transparentes adejassem por alli...

Emquanto ella o ameaçára parecera-lhe facil acommettel-a! Mas agora, que a tinha alli tão perto, tão quieta, tão dormente, tinha medo de lhe tocar...

Não era medo de que ella despertasse, não; era medo de que, ao profanar aquelle vulto, o chão se abrisse e o subvertesse, ou lhe desabasse sobre a cabeça aquella abobada pesada...

Calculava que ella devia estar gelada?... O corpo dos desfallecidos é sempre frio... O que elle temia era escaldar os dedos quando tocasse aquelle corpo...

Preparava-se para a lucta, porque contava com a resistencia, mas esquecera aquella hypothese, aquelle abandono, aquella paz, aquella mudez!

Entretanto, sem mesmo saber o que fazia, avançou mais... O sangue que lhe affluira ao coração, indómito e fervente, parecia ágora que lhe corria para os pés aquoso e frio...

E, comtudo, cada vez mais appetecia aquella mulher, tão energica quando o olhava, tão defendida com os olhos cerrados! Aquellas palpebras levemente roxeadas pareciam duas immensas armaduras que lhe cobriam o corpo todo...

Estaria morta? Era provavel.

Os dedos crispados sobre o coração carregavam ainda no punhal que a ferira... Não havia, porém, no busto delicado, uma unica gôtta de sangue...

Ha golpes assim...

N'um movimento instinctivo o espião vergou um joelho proximo de Sarah, e, inclinando-se sobre ella, segurou-lhe a mão suspeita.

A mão fria resistiu ao primeiro puxão, mas cedeu depois... Nas unhas vieram presos fios de estofo macio do corpete...

Nem arma, nem golpe! Sarah estava apenas desfallecida...

Então, Henrique Nunes pousou sobre o manto negro da sua victima, os dois joelhos escarnados, inclinou a cabeça sobre o peito, que não arfava, até applicar o ouvido...

O sangue lá dentro fazia vagarosamente a sua evolução... Parecia que toda a vida alli se refugiára...

Henrique, ao contacto d'aquelle corpo, onde a vida lhe segredava a denuncia do seu intuito, sentiu fugir-lhe o terror cobarde que o surprehendera, e lançou as mãos ao rosto de Sarah, emmoldurando aquellas faces de marfim nos seus dedos escuros e nodosos... O rosto de Sarah cedeu facilmente a esta brusca pressão, e perdeu o perfil em que descançava, para olhar de frente, mas atravez das palpebras roxeadas, para os olhos pequenos, congestionados e cubiçosos, do seu atrevido verdugo...

Durante alguns momentos a fera se quedou n'esta contemplação sensual, como se estivesse antegosando mais audacioso commettimento...

Emfim tinha-a segura! Se ella despertasse, os beijos que elle ia dar-lhe serviriam de mordaça... para os braços da infeliz, delicados e enfraquecidos, tinha elle os seus, informes, musculosos... Como poderia o peito da victima gemer ou revoltar-se, sob o peito arqueado e ferreo do seu algoz?

Deza encarregára-o de convencer Sarah de que havia de ser amante do inquisidor, mas Deza era velho, e Sarah merecia mais. E elle não queria amantes, queria caricias. Se ninguem lh'as dava, tinha fatalmente de as roubar... Que receber caricias em taes condições não era roubar, era achar... aquelles beijos que ia colher estavam para alli cahidos, perdidos, a mercê de quem passasse... Não roubava; aproveitava. O coração de Sarah tirara-lhe o aspecto de santa. Não tinha alli nem um cadaver,

nem uma estatua, mas uma mulher, que lhe fugia se o olhava, e que se lhe abandonava dormente.

Pelo rosto do scelerado subiam ás labaredas os appetites mais estonteados. Espreguiçava-se-lhe o corpo pelo chão de lagedo, emquanto no rosto da adormecida se accendia, muito lentamente, uma aurora de sangue.

Henrique segurou a cabeça de Sarah, e, ia beijal-a n'um movimento brusco, quando as palpebras da victima começaram a regaçar-se e, por baixo d'ellas, luziu um olhar vago e assustado.

O espião, movido pela surpreza, conchegou o corpo n'um movimento instinctivo e tentou erguer o busto.. Não o poude fazer...

Sobre o pescoço largo e curto, por traz, tomando-lhe tambem as espaduas, duas mãos o prendiam e apertavam.

—Raio do diabo! disse elle, sentindo-se forçado a collar o rosto ao chão, ou me largas, ou mato-te...

— Nem uma nem outra coisa. E, se tivesse nos pés sandalias de ferro, havia de te esmagar, como se fôsses uma vibora, deshonra dos christãos...

Sarah olhava a scena como se tivesse, n'um momento, comprehendido a situação.

— Quem quer que és, larga-me, se não queres gemer no garrote e na fogueira.

E o bandido torcia-se sob o peso do corpo que o subjugára.

— Espera a gente que chamei, e ella te acudirá. Não te quero a alma damnada, ainda que a lavasses no Gualdequivir, e Moysés, e Mafoma e Christo te perdoassem!

E o espião contorcia-se para se livrar do inimigo, que lhe fincava um joelho sobre as costas, conservando-lhe o corpo extendido e immovel...

— Larga-me, e eu não me vingarei...

— Julgas que estes dedos são meus? Enganas-te! São d'um cadaver com que durmo, e que m'os emprestou para fazer justiça. Não te mexas, senão vaes parar ao inferno mais cedo que o mais velho dos inquisidores de Hespanha...

— Larga-me, e dar-te-hei o que pedires...

— Peço-te que não offendas o Céo com a tua obra diabolica. Nada mais... Promettes?

— Prometto, mas deixa-me... e já, antes que chegue alguem.

Sarah recobrara algumas forças. Emquanto esta scena corria velozmente, conseguira erguer-se e sentar-se n'um velho movel que lhe ficára proximo.

— Nada receie, minha menina, que o tunante não me sáe das mãos. Pesa sobre elle a alma de Samuel, que me fortalece os pulsos...

Por traz, tomando-lhe tambem as espaduas duas mãos o prendiam e apertavam

N'um movimento de feroz energia o espião conseguio voltar-se... Só logrou vêr o seu adversario, porque o joelho que lhe carregava na espinha, passou rapidamente a pesar-lhe no peito...

— Uma mulher! disse Henrique Nunes, humilhado com a derrota... Quem és tu, miseravel?

— Queres cortejar-me, pelo que vejo. Pois bem, sou Suzana, a moura de Triana, a louca do Santo-Officio.. Não me conheces? Não te lembras de teres andado por minha casa comendo da escudella e bebendo do cantaro do meu amante? Não te lembras de ter orado na mesquita secreta do meu bairro, e devassado todos os segredos da minha lareira? Esta força, cobarde, não é minha, vem dos puxões do desespero...

— Suzana! dizia roucamente o miseravel, estás possessa do espirito do mal... E's ingrata e perfida. Vim aqui para salvar Samuel... Cheguei tarde .. Salvar-te-hei, se não fizeres alarme... Sarah dirá se lhe toquei... Repara: poderia matar-te, poderei fazel-o... Vamos a bem — deixa-me livre e não grites, aliás, n'uma volta subjugo-te e mato-te, cadella.

Suzana parecia uma leôa enfurecida! Nem ouvia as ameaças que lhe eram dirigidas...

Os olhos brilhavam em revérbéros extranhos e o corpo tremia-lhe n'uma convulsão de epileptica. Era gigante e esculptural a sua figura, mas o rosto perdera a correcção de linhas com que conquistára a fama da mais formosa cigana do bairro popular de Sevilha.

No cabello havia o desalinho que parecia reflexo d'uma razão perturbada.

Henrique Nunes poderia facilmente vencel-a, apezar da surpresa do ataque, da excitação do accesso febril... mas acobardára-se deante da louca, com a estupida superstição do seu tempo.

N'um momento pensou em desembaraçar-se d'ella e feril-a com mão segura... mas o espião só recorria a esses expedientes em casos extremos, e Suzana não tinha ferro, que o ameaçasse. Aquella ameaça denunciou uma resolução... Com um esforço poderia voltar-se, cingir Suzana pela cintura e submettel-a... Só lhe temia os dentes, brancos como o jaspe e que rangiam com ferocidade.

— Matas-me, villão? Pois vamos a isso, que será essa a tua primeira acção de caridade...

— És tu que queres, Suzana... Se o fizesse seria o meu primeiro acto de justiça...

E Henrique Nunes n'uma corcova feita sobre o lagedo, em que appoiava fortemente os cotovellos e os rins, sacudiu Suzana, que teve de largar-lhe os braços, e cahiu, soltando um rugido.

Aproveitou o famulo de Deza as vantagens d'esse momento, e tentou erguer-se, procurando arrancar do gibão o punhal que já mostrára a Sarah.

N'um salto de corça se pôz de pé a viuva de Samuel, e precipitou-se sobre o seu adversario.

Parecia que ia travar-se uma lucta sangrenta n'uma jaula de leões.

— Senhora, gritou Sarah, afflicta, por vossos filhos, se os tendes, perdoae-lhe...

Como por encanto, Suzana, ouvindo esta supplica, deteve-se abstracta e risonha, levantando os olhos como para ver alguma luz nova que tivesse penetrado alli, e, inclinando a cabeça, como a escutar a harmonia d'uma prece, que a deliciava, ficou immovel, de braços cahidos, sem defeza, n'um somno magico de saudade, que é a tristeza da esperança.

Esqueceu a desgraçada a lucta em que entrára com tanta bravura e galhardia, esqueceu as ameaças contra a sua vida, esqueceu até a mulher que defendera, o castigo que a esperava, os desejos de vingança, a explosão do odio que lhe transtornára o gesto e o rosto, e cahira em extasi, doce e calmo, a repetir mentalmente essa invocação á felicidade dos filhos!

O bandido, ao notar tão rapida e inesperada transformação, desnorteára os seus planos, e, foi-se erguendo e concertando, lentamente, sempre olhando Suzana, com uma d'estas impressões que enfraquecem ou desarmam — o medo ou o respeito.

Sarah, que, n'um grito quasi inconsciente, fizéra aquella supplica, ao ver tão extranho resultado, banhou n'um olhar de piedosa admiração a pobre louca, que n'um momento deixára de causar espanto e temor.

E no meio do mais profundo silencio, aquellas tres creaturas, que pouco antes se ameaçavam e pareciam prestes a destruirem-se, formavam, em attitudes e expressões diversas, um grupo de estatuas a representar qualquer episodio arrancado ás paginas da velha historia, ou á phantasia de qualquer genial escriptor.

Suzana, com os vestidos revôltos e rasgados, collo semi-nú, braços pendidos e mãos espalmadas, como as madonas moldadas em *biscuit*, cabello solto a deslisar pelos hombros e a extender-se no seio, como os de Magdalena enlaçada nos pés de Jesus, nos labios o sorriso de quem vê, e nos olhos a fixidez alegre de quem gosa, era a mais bella figura d'esse quadro, disposto pela sublime arte do acaso, n'aquelle recanto sombrio da Inquisição!

Na frente de Suzana, cozendo-se com a parede, amarrotado o gibão e o rosto feio e pallido, bôcca semi aberta para que o peito resfolgasse, os

olhos cheios d'aquella luz que faisca quando soprada pelo susto e pela duvida, alquebrado o busto, erguidas as mãos, como se fossem um escudo inventado pelo instincto, tinha um aspecto d'um velho phariseu assombrado pela apparição de uma imagem christã!

Sarah, dorida espectadora d'esta scena, sentada na aresta d'uma ucha negra, apoiando a mão esquerda para suster o corpo fatigado, quasi a escorregar para uma genuflexão, de que devia brotar uma supplica a Deus, que estava longe, ou áquellas creaturas prestes a enlaçarem-se, olhava, com um certo olhar, para os seus companheiros, em que alliava o odio que lhe inspirava o espião com a condolencia amorosa para com a pobre louca!

Entretanto, ao longe, no écho das escadas e galerias, havia ruido de passos e de hastes de lanças que serviam de bastões ferrados aos soldados da guarda inquisitorial.

— Suzana, disse Sarah, acordae d'esse sonho que tanto vos enleva...

— Pela felicidade de meus filhos! Sim, tenho uma filha, formosa como os anjos, e por ella, se a vingança pode salval-a — eu quero vingar-me — se o perdão — quero perdoar.

E de novo Suzana emmudeceu e ficou contemplativa e risonha.

Então Sarah fazendo um esforço, que denunciava a commoção que soffrera, levantou-se e foi, com extremos de caricia filial, abraçar Suzana, que a conchegou sobre o peito, emquanto duas lagrimas brilhantes e quentes lhe rolaram pelas faces.

Henrique Nunes aproveitou a situação e escoando-se subtilmente, conseguiu chegar á porta sem que as duas mulheres o notassem. Quando ia a transpôr os umbraes, deteve-se, occultando a surpresa, e saudando com humildade.

— Sua Eminencia, o cardeal Deza! Sê-de bem vindo, senhor, no momento em que melhor podereis verificar um caso grave de judaismo!

— Explica-te.

— Sarah, a christã portugueza; como vêdes, tem commercio de heresia com a renegada Suzana. Prendem-nas os laços da fé e talvez os de sangue...

E, depois, em segredo, puxando delicadamente o inquisidor para o interior da camara:

— Se quereis que Sarah seja vossa, entregae-a ao tribunal. A fé não admitte fronteiras. Taes connubios, á sombra do Santo Officio, são heresia tremenda que envergonha Castella e affronta a côrte de Roma.

Deza avançou.

— Ouvi, senhor, que o meu zelo pela egreja pode enganar-me os sentidos...

Suzana e Sarah continuavam abraçadas, e do formoso grupo que ellas formavam, junto do leito, e em face do grande crucifixo que ornava a parede, sahiam soluços.

E Suzana levantou a cabeça de Sarah, e beijava-a com ternura, dizendo a meia voz:

— Minha filha, oh minha Eva! Emfim volto a ver-te mais formosa e mais pura!...

— Ouviste, senhor?

— Ouvi, respondeu Deza.

E, depois, em voz e com modos de commando:

— Guardas e aguazis, separae estas mulheres.

A policia do tribunal penetrou na camara, e avançou para as duas mulheres, que se deixaram separar, sem a menor resistencia, e que ficaram a distancia, devidamente seguras e guardadas.

— Como veiu aqui esta mulher? Perguntou Deza, indicando Suzana.

— Eminencia, respondeu um dos aguazis, a louca tinha sido destinada para vigiar a camara de misericordia e acompanhar a nossa hospeda.

— Está bem; atem-lhe os braços e conduzam-na a logar bem seguro e em que ella não possa causar damno.

— E Sarah? perguntou, em segredo, Henrique Nunes, esfregando a cara pelo hombro do cardeal, como um rafeiro, cujo focinho chegasse áquella altura.

— Sarah fica; preciso de interrogal-a.

— Tomae cuidado, meu senhor. E' cheia de altivez e ousadia... Quereis que fique junto de vós?

— Não passas d'um poltrão, e julgas-me da tua laia? Assim como nunca se deve temer uma mulher, não se deve causar-lhe medo. Sarah é uma mulher de espirito... Havemos de nos comprehender... Lucero educou-te mal, meu sabujo... E' exotica em Cordova a flor da seducção... Retira-te.

— Para longe?

— Se o inferno está para esse lado — para ahi.

— Vá, continuou Deza, em voz mais alta, saiam todos.

Os guardas iam a sair escoltando as duas victimas.

— Levem apenas Suzana. Essa dama, e apontou para a noviça de Lorvão, fica... Cuidarei n'ella e serei arbitro da sua sorte.

A escolta saiu, com Henrique Nunes á frente.

Deza e Sarah ficaram sós e mudos, emquanto se ouviu na galeria e na escada as sapatas ferradas e os picos das lanças.

Sarah, ao achar-se livre, recuára serenamente até se encostar ao pequeno altar de pedra, embutido na parede.

Deza conservou-se de pé, em attitude pacifica, abrindo na bôcca desdentada um sorriso de protecção. Nos olhares de ambos nada havia de hostil ou sequer de reservado.

Sarah bem comprehendia a distancia que havia entre o inquisidor e o seu famulo. Quanto este tinha de grosseiro e aggressivo, quando desafivellava a mascara da hypocrisia sordida, tinha aquelle ar distincto e fidalgo na attitude e no habito.

Além de que, Henrique Nunes era um homem novo, de faces lisas e coradas pela saude, ou pelo vinho, mas emfim denunciando vicios e força, e Deza era um velho, magro, macilento, de aspecto fraco e doentio. A mão com que elle parecia indicar a Sarah que estivesse tranquilla era delgada, comprida, fidalga, parecendo, ao extender-se, só querer abençoar e não apprehender.

Deza tinha o olhar intelligente e calmo. No brilho que d'elle irradiava, advinhava-se uma intelligencia cultivada pelo estudo e pela educação.

Não trajava o inquisidor as vestes da sua elevada magistratura, e até no habito preto, que lhe envolvia todo o corpo, havia as roupas brancas que alliviavam este luto em todo o busto. Brancas como um arminho, lhe cahiam as mangas largas e compridas. Na cabeça nua coroada de cabellos como um circulo de neve em rosado granito, descançava um pequenissimo gorro de seda, que parecia escorregar pela nuca.

Havia n'elle alguma coisa. A majestade d'um pontifice!

Ninguem poderia adivinhar n'aquella figura transparente, delicada, quasi seraphica, um dos maiores assassinos da Hespanha, um dos heroes que mais ensanguentaram a Historia no seculo XVI!

Sarah, apesar de prevenida contra elle, escutava uma voz secreta, que lhe dizia não dever recear traição ou injuria...

Por isso ella abandonou o corpo, encostando a cintura na aresta d'aquelle altar, cruzando os pés distrahidamente e conchegando com as mãos, na altura do peito, as bandas do seu manto de fino estofo e côr da saudade.

Quando o corpo descança é signal certo de que o espirito confia...

Nem n'aquellas ultimas horas tinha havido momento mais asado para aquelle repouso.

Que poderia succeder mais?

Aturada porfia de seducção? Ardilosa catechese de fanatico theologo? Fatigante interrogatorio, com promessa de premio á delação, ou de castigo ao silencio discreto?

Para essas luctas sentia-se Sarah com força e resignação.

Sarah, portanto, baixou os olhos e esperou.

Já não se ouvia o menor ruido lá fóra.

Deza, sem se afastar do logar em que ficára, ergueu a mão na direcção da pobre menina, como a fazer-lhe signal de que podia confiar n'elle.

A manga branca, que descia d'essa mão emmagrecida, parecia uma bandeira de paz, como aquellas que no campo da batalha pedem treguas e armisticios.

Sarah respirou livremente.

Aquella respiração pareceu responder:

— Estou tranquilla; podeis falar.

— Senhora, começou o cardeal, quereis ouvir-me? Não vos enfadam, n'este momento, as minhas perguntas e os meus conselhos?

— Falae, senhor; cumpri, sem que vos preoccupe a minha fadiga, os deveres do vosso cargo.

— Não é d'esses que falo; sobram-me para elles tempo e ensejo... Quero dizer-vos que me interesso pela vossa sorte e que, para vos prover de confortos e esperanças, nem ao menos receio esquecer impertinencias do meu mister.

— Obrigada, senhor cardeal. Se a vossa confissão é d'um coração amoravel e justo, se o vosso conselho fôr tão sabio e a vossa dedicação tão generosa e leal, como me cumpre esperar d'um homem de bem e d'um chefe da egreja, ouvir-vos-hei com tanta attenção e respeito, como se meu pae me falasse da vida eterna. Podeis começar...

Deza mordeu levemente os labios n'um rapido e quasi invisivel signal de impaciencia. Não era aquella a resposta que desejava...

— Tendes razão: a administração da justiça e a defesa da religião, confiadas ao meu zêlo e severidade, impõe-me deveres crueis. A razão, por isso, me subordina o sentimento. Raras vezes me tenho sentido fraquejar. O fanatismo, a ignorancia, as malignas influencias dos espiritos e os aleijões espirituaes que derivam da educação, por vezes me teem inspirado dó, e sobre elle, afinal, triumpha o dever sagrado de cumprir a lei... Pesam sobre vós, senhora, accusações gravissimas...

— Sobre mim?!

Sim, sobre vós.

— Mas dizei. Como tenho peccado, se a consciencia m'o não diz?

— Ha casos d'esses... São dos taes que movem á piedade e que fazem ingrato e cruel o exercicio do meu poder.

— Sou christã, senhor. Sabe isso a egreja do meu paiz, que sempre reconheceu e premiou a minha piedade...

— Edifica-se uma alma durante uma vida inteira, e essa alma vacilla e desaba n'um momento de tentação, como desabam as seculares arcarias

d'um templo com um abalo terrestre, rapido como uma rajada de vendaval...

— Mas eu...

— Advinho o que ides dizer. Mas vós conservaes bem viva ainda a fé religiosa. Tendes as mesmas crenças com que saistes do berço e pensaes em descer com ellas á sepultura... Bem sei, bem sei. Tudo isso é fructo dos tempos de imprevidencia, em que os homens não ajudavam a Providencia... Não é vossa culpa, mas é culpa...

— Mas se é d'outrem, porque me castigam?

— Tambem os gafos estão innocentes do mal, e a turba foge d'elles e os apedreja. Uma crença só é pura quando duas grandes paixões a amparam.

— Oh! quantas me fortificam!

— Refiro-me ao amor e ao odio...

— Ao odio? Tambem é christã essa paixão?

— O odio é apenas uma palavra para determinar uma phase do amor. O odio não quer mal, nem faz o mal por querer fazel-o. O odio é uma arma que Deus pôz nas mãos das mães que defendem os filhos, nas mãos dos heroes que combatem pela patria, nas dos apostolos que defendem a fé!

— Meu Deus, disse Sarah! nunca pensei assim!

Deza approximou-se tranquillamente. Havia perfumes d'altar nas dobras dos seus habitos. Ao mover-se espalhava, como se fosse um thuribulo, o aroma sagrado da myrrha...

Sarah sentia approximar-se um dos mais temiveis inimigos, mas não sabia fugir-lhe...

Como era ameaçadora aquella placidez!

— Sim, falta-vos o odio, isto é, falta-vos a parte mais bella, mais generosa do amor. Amaes a vossa honra e a castidade, não é assim, Sarah? Pois bem, ninguem acreditará n'esse amor, se não vos sentirdes capaz de odiar o malfeitor que tente manchar-vos ou polluir-vos... Se eu, em vez de vos accuzar com a gravidade e isenção d'um juiz, abusasse da vossa fraqueza e isolamento... Porque sabeis, decerto, que estaes longe de todo o soccorro, exposta a todos os perigos...

— Senhor, é isso uma ameaça?

— Não, Sarah, não é, não me julgueis capaz de taes embustes e villanias... E' um exemplo. Imaginae isso. Se não votasseis odio profundo, implacavel, em que conta poderia eu ter o amor á vossa honra de mulher, á coragem e á lealdade dos homens?... Amor sem odio, Sarah; não é amar — é querer. Tal amor chama-se indifferença.

— Mas, se falassemos n'outro assumpto?

— Para que? Pretendo convencer-vos de que tendes culpas contra a egreja, e que tenho de proceder contra vós, em nome dos interesses que defendo... Quero mostrar-vos que poderei ser justo, perdoando-vos, e que deverei perseguir-vos apezar da vossa consciencia. Se amaes o nosso Deus, é indispensavel que odieis mouros e judeus! Comprehendeis-me bem?

— Preferiria não comprehender...

Deza fingiu não ter ouvido a resposta, e continuou:

—Se a religião romana tiver apenas quem a ame como vós, todos os inimigos d'ella a insultarão e a farão desapparecer da superficie da terra!

Só o odio prova que o amor póde chegar ao sacrificio. Ama-se uma idéa como se ama uma pessoa — crendo n'ella, e querendo-a... Nem outra idéa é melhor que aquella que amamos, nem outra pessoa cubiçamos mais. Quem tiver por melhor outra crença, que, se triumphar, esmagará a nossa, é nosso inimigo — merece o odio do nosso amor... Estaes comprehendendo, Sarah?

— Quereis, então, que odeie?

— Sim, é isso indispensavel para que a egreja vos julgue christã e catholica. E vós fazeis menos que não odiar — amaes os inimigos da nossa fé!...

— Que quereis dizer!

— Que amaes Jacob, a ponto de vos expordes aos perigos d'uma viagem a Sevilha, onde a liberdade dos herejes está sempre em perigo, por mais que se escondam nas dobras das suas bandeiras.

— Só por isso?

— Não, tambem porque vos compadeceis, até as lagrimas de protesto, contra a justiça que os feriu, dos réprobos que o tribunal reserva ao cadafalso e á fogueira.

— Vindes senhor, que tanto falaes em Deus e exhalaes tanto incenso, matar, com argucias e ameaças, a piedade, que é a flôr mais bella do jardim do nosso coração?... E ousaes falar-me em protecção, em conselhos, em conforto? Não percaes tempo em delongadas querelas e subtis armadilhas... Desejaria não ter de confundir-vos com gente de fraca responsabilidade e rude educação...

— Pois seja, vamos ao fim: sobram-me razões para vos affligir, e demorar e embaraçar a vossa entrega... Os alvarás de D. Manuel, em materia de Inquisição, são assignados com a mão fraca e com caracteres inintelligiveis. O clima da Hespanha apodrece os pergaminhos de Portugal. Quereis a vossa liberdade e a de Pedro?

A theoria do odio é sustentada em differentes processos do Santo Officio. A Inquisição tinha o odio como um dever dos fieis. Nos processos que ainda hoje existem na Torre do Tombo, em muitos se allude á falta de odio contra os herejes.

Era n'isso que se justificava a intolerancia.

O odio era considerado como vingança e defeza, mas era defendido sempre como uma consequencia do amor.

Havia até uma certa sinceridade n'esta doutrina; sinceridade lisonjeira não só para as velhas religiões, mas tambem para os principios de reforma que vinham descendo da Allemanha.

A nossa tolerancia moderna deriva em especial da indifferença religiosa; é fructo da liberdade de consciencia.

N'aquelle tempo havia religiões diversas, mas nenhuma era tolerante.

Cada uma se julgava a unica verdadeira! Só prégavam a tolerancia as religiões sem dominio temporal. A que alcançasse força dominaria tyrannicamente.

Até os scismaticos do norte vinham fervorosos e intransigentes!

Evidentemente, cada religião não podia desenvolver-se senão á custa das perdas das outras.

O fanatismo era n'esse tempo d'uma brutalidade selvagem. A crença tinha toda a força d'uma convicção. Hoje o caso é differente — quando se não sabe *duvida-se*.

Estamos no seculo do adverbio mais hesitante — talvez!

No seculo XVI tudo era dogmatico — tudo — a religião e a sciencia! Uma lenda era uma historia. Não se conhecia a palavra conjectura. O crê ou morre era resultado de haver certeza em tudo.

O maior absurdo se acceitava por bom e ficava como verdade. Depois passava-se a vida inteira a inventar sophismas com que se provasse que o absurdo era verdade.

O que n'essa dialectica tinha mais arte não era o mais habil, era o mais sabio!

A ideia da guerra andava associada a ideia religiosa. Coincidiam nos adversarios outra religião e outros interesses.

Os mouros, que tinham outro céu, disputavam as nossas terras. Confundiamos os reis com os deuses! Querendo conquistar o mundo novo encontravamol-o occupado por gente de outra côr e de outra religião.

Os deuses eram os generaes invisiveis dos exercitos inimigos.

Por isso não bastava ser christão; com muita fé, era tambem indispensavel ter muito odio aos que tinham dominado em Granada e aos que andavam errantes e perdidos pelo mundo.

Os inimigos dos christãos eram os que possuiam muitas terras, e os que tinham sido expulsos da terra que lhes fôra berço.

Era com estes fundamentos que a Inquisição justificava as extorsões e as denuncias. Era uma guerra religiosa, mas, por isso mesmo, era uma guerra terrivel.

Quem não fosse pelo catholicismo era contra elle.

Desde que se acceitava o principio de que os interesses materiaes se estreitavam com os outros, era indispensavel defender o pão e a fé!

Crer era alguma coisa, mas perseguir era tudo. Sarah amava Jacob, ou, pelo menos, compadecia-se da sorte d'elle. Ora, sendo um marran o mesmo que um leproso, tocar-lhe com piedade era merecer-lhe a sorte!

Deza comprehendeu a influencia das suas palavras no espanto de Sarah.

Aquillo afinal estava bem pensado.

Effectivamente, Jacob poderia ser christão como era Pedro. Felizmente, Pedro era catholico como ella. E resolveu-se a explicar;

— Não será, senhor, mais justo converter um judeu, que odial-o? Como poderia eu roubar ao erro uma alma de eleição, se, em vez de a guiar com amor, a abandonar com repugnancia?

— Pensaes então na conversão de Jacob?

— Sem dúvida. O amor tem feito muitos d'esses milagres!

— È tarde. O que não fez a agua do baptismo, não póde fazel-o o olhar d'uma mulher. E' tarde.

— Se ainda vive...

— Vive a morrer... O nome d'elle está já inscripto no rol dos condemnados ao primeiro auto de fé. Não penseis n'elle, senhora.

— Dizei-me, monsenhor, Jacob está perdido?

— Fatalmente perdido, porque a vida lhe foge na grande derrocada d'aquelle organismo que foi de ferro, e d'aquelle orgulho invencivel.

— Nada, então, o poderá salvar?

— Nada poderá salvar-lhe a vida material!

— E a outra?

— A alma? Essa talvez, se uma grande eloquencia o convencer de que, na hora extrema, deverá renegar todas as heresias de que fez alarde indecoroso perante os defensores da egreja catholica.

— Não existe essa eloquencia sob os tectos da Inquisição? Vós por exemplo, sr. cardeal, que tendes lavrado tantas sentenças de morte, que sois um dos melhores theologos do nosso tempo, nada tentastes e nada conseguistes?

— Jacob é mais que um judeu, é um atheu. Deu largas ao pensamento e á critica e até se permitiu a liberdade de discutir dogmas e de advogar reformadores... Tentar convertel-o, seria o mesmo que aggravar-lhe a culpa, provocando philosophias germanicas das mais ousadas e imperdoaveis ..

— Então, como poude elle pregoar seus erros e peccados?

— Por maleficò instincto se desboccou em protestos contra conselhos e repressões...

— E não discutistes com elle, senhor? Por interesse em o perder, ou pelo receio de serdes vencido?

— A verdade não se defende. A religião que prégo foi revelada pelo supremo espirito do bem. Discutil-a é duvidar da essencia divina que a revelou...

— N'esse caso, tem elle perdido o corpo e alma!...

— Distingo, senhora, distingo... O que muitas vezes a razão não vence, vencé o sentimento. A salvação da alma não se obtem apenas pelos processos directos... A conversão tambem pode ser remida...

— Receio comprehender-vos...

— Nada mais simples. A alma de Jacob salva-se pela conversão, ou pela submissão. Se elle se converte, o Céo lhe perdoará, sem que a egreja intervenha, se elle se submette a egreja intervirá a seu favor.

— N'esse caso, a submissão?...

— Consiste na apostasia, quer seja sincera, quer convencional. Vencido poderá salvar-se como se estivesse convencido. O que elle póde deixar de proveito na terra, póde bem compensar o prazer que elle dará ao Céo...

— E, se elle se submettesse, a Inquisição perdoar-lhe-hia?

— Não o livrava do fogo na *Plaza Maior,* mas arrancava-o, com preces fervorosas, ás fogueiras do inferno...

Sarah ficou pensativa e muda durante alguns momentos. Tão absorta estava que nem sentia o olhar quente que sobre ella fusilavam os olhos do inquisidor.

Sarah pensava na possibilidade da sua intervenção para salvar a alma de Jacob? Não; pensava em aproveitar o ensejo de se avistar com a pobre victima.

Deza, por tal fórma se entretivera com os negocios da fé, que já afastára todas as suspeitas do que pensava em negocios do amor...

Sarah julgou se com tempo para pensar.

A sorte de Pedro poderia ser a mesma de Jacob. O perigo estava em entrar alli...

A inquisição era como um abysmo... attrahia os que se debruçavam para a vêr... Jacob fôra arremessado, e Pedro debruçára-se...

Ella propria sentia já a vertigem da attracção...

Ganhar tempo era a grande tactica, e uma conferencia com Jacob poderia desviar tendencias de perseguições e até embaraçar as sentenças do tribunal.

Sarah tomou pois uma resolução: falar alto, serena e hypocritamente. A desgraça fizera-a prudente e arteira...

Dizia-lhe o seu orgulho e a sua lealdade que taes processos repugnavam, mas que não eram dispensaveis. Pelo contrario, a altivez e a intransigencia do seu caracter vendo-se ameaçados, embora com sacrificio, escondiam-se sob o aspecto e a linguagem mais enganadores.

Quem seria mais altivo, mais forte, mais ousado que o pobre moço judeu, que affrontára os homens e os perigos, como se a vida nada lhe valesse e na maior riqueza avaliasse a fidalguia do seu nome? E, comtudo, Jacob tivera de se submetter ao insulto, ao escarneo, ao martyrio, sem colera, sem força, quasi sem vida! E Jacob a tanto se resignára para expôr o menos possivel o orgulho da sua raça ás affrontas dos seus inimigos! Se elle tivesse reagido contra a lei (porque a lei era aquillo!) a lei, como um rufião bem acompanhado de feroz matilha, não lhe teria só martyrisado o corpo; ter-lhe-hia até cuspido nos brios, nas tradições, nos affectos e nas crenças. Assim enchera-se de sangue, mas não de lodo...

E Sarah estremeceu ao ter esse pensamento...

Como poderia Deza manchal-a, sem os flagicios do tribunal? Apertando-lhe o pescoço no garrote? Esbofeteando-a! Não. Beijando-a!!!

Que horror!

E Sarah, por um momento, sem que o seu interlocutor se distrahisse do extasi em que cahira, cobriu o rosto com as mãos! A sua honra entendera-se n'esse momento com os seus nervos... Parecia-lhe que o inquisidor caminhava para ella, como um reptil, cheio de tentaculos! Sentiu calafrios como se estivesse soffrendo um terrivel accesso febril!...

Deza mantinha um sorriso de enlevo que lhe punha azas nos labios...

Se Deza a estivesse ameaçando com um punhal, não o temeria tanto! O amor ou a cubiça de quem se odeia é a ameaça mais infame e repugnante que uma mulher pode soffrer! Até a mulher mais prostituida se irrita e se revolta contra a violencia d'esses appetites... Até as que se vendem ou se dão por habito se enojam com essa ameaça de roubo!

Sarah, que era virgem e casta, viu n'um relance os perigos que a ameaçavam... E lembrou-se de Deborah, da pobrezinha, que não pudera

defender-se, e que, não tendo podido matar-se ás proprias mãos, morrera afinal do beijo venenoso d'uma vibora!

Sarah tinha dois deveres a cumprir — vingar sua irmã e defender-se... Para isso era necessario ser cauta, e desarmar a ameaça com a esperança... Dar uma esperança a Deza, que a perseguia, era o mesmo que fazel-o parar... Eguaes artes praticavam no cerco os gladiadores nos combates com as feras. A capa, que José deixou nas mãos da mulher de Putiphar, não foi uma capa, foi um laço...

Luctar com o arcebispo de Sevilha era morrer polluida, o que era peor que morrer queimada — e morrer sem defender o seu pudor, nem vingar sua irmã, nem consolar Jacob, nem salvar Pedro!

Urgia entreter e contemporisar... Depois, quando ha fé, appella-se sempre para Deus. A pobre menina tinha a certeza de que Deus acode aos bons quando elles estão em perigo.

O que succede ás vezes é não chegar a tempo...

Ia já bem alta a espada de Abrahão quando um anjo a segurou no ar...

Para dar tempo a que a Providencia interviesse, todos os expedientes eram honestos. A sinceridade e a colera são concisas e resolutas, a hypocrisia e a paciencia prolixas e vagarosas.

No olhar de Deza havia uma velocidade que assustava... Fugindo-lhe é que ella o attrahia...

Foi por isso que Sarah parou, soltando um suspiro. Apoiou o busto no espaldar d'uma velha cadeira de lona e pregaria, e, depois d'um esforço, que os musculos da face atraiçoaram, pregou o olhar triste e humilde nas pupillas scintillantes do famigerado theologo.

— Dizeis, então, monsenhor, recomeçou Sarah, que Jacob só pode esperar a salvação da alma?

— Sim; recordo-me de que disse isso; mas, durante estes momentos em que tenho estado a contemplar-vos, Sarah, estive pensando que facil vos seria, graciosa creatura, obter dos homens e de Deus a dupla salvação d'esse desgraçado! Uma prece vossa enviada ao céu, com fundo amor de Deus alcançaria no Empirio a palma da gloria para o infiel contumaz. Se Deus seria tão fraco ante as vossas supplicas e o vosso amor, que vos direi da fraqueza dos homens a cujo tribunal presido omnipotente, se vós, n'um sorriso, mais d'affecto que de reconhecimento, pedisseis a salvação do corpo?

— Julgaes Deus mais compassivo que justo?

— Quando os anjos intercedem pelos réprobos — o perdão é justiça...

— Mas, que pode o céo ganhar com o seu perdão, se o hereje se mostrar impenitente?

— O accrescentamento da vossa fé dá fructos de piedade entre os homens que compensam a commutação das leis divinas.

— E ficaria, então, uma hereje entre as escolhidas do senhor?

— Ha no Céo transacções parecidas com as que os homens fazem na terra. A vossa intercessão a favor do dementado convertel-o-hia ou melhor purificar-lhe hia a alma no convivio angelical.

— E os homens seriam tambem d'essa generosidade?...

— Explicae-vos.

— Se vos pedisse, senhor, com toda a fé no vosso poder e justiça, que salvasseis a vida do brioso e leal christão novo, tambem as minhas graças conquistariam a vossa?

— Tendes em grande conta a vida d'esse homem?

— Porque me respondeis, interrogando-me?

— Porque do uso que se faz de uma vida, que se pretende salvar, é que póde estar dependente a salvação.

— Não alcanço... monsenhor!

— É bem simples: Quereis salvar a vida de um judeu teimoso e cego, d'um christão novo vencido, mas não convencido, ou d'um christão de consciencia rebelde aos dogmas da egreja, escravo do scisma que do norte vem a ameaçar o mundo?

— Queria que lhe perdoasseis, graças apenas as minhas preces e sacrificios, como dizeis ser regra, no tribunal divino.

— É preciso distinguir: salvar uma vida é manter um perigo. As almas em poder de Deus não alastram o erro; são escravas da verdade; e uma vida, que continúa na impenitencia é um veneno que enfraquece, um incendio que devora... Bem deveis saber que rezar por uma alma é resgatal-a do Purgatorio... Aos vivos é necessario converter.

— Convertel-o-hei! disse Sarah, com voz firme.

— Sereis capaz de o levar a renegar, mais que a lei de Moisés, todas as leis d'uma falsa philosophia com que elle tem offendido a egreja catholica?

— Juro-o.

— Sabereis arrastal-o a fazer confissão publica da sua apostasia, condemnando, com tanta energia que pareça fé, todos os ataques dirigidos á Santa Inquisição e aos seus servidores?

— Pela fé e pela honra; fé christã, honra de mulher.

— Contaes com as restricções mentaes?. .

— Conto com a minha influencia...

— Sobre a razão?

— Não. sobre o coração do condemnado.

— Confiaes demais na vossa eloquencia...

— Confio apenas na minha vontade...

— E como chamaes a esse talisman que é mais que esperança do vosso proposito, pois que chega a ser garantia do vosso juramento?

— Chama-se amor!

— Vosso?

— Não, d'elle...

— Então não o amaes?

— Como se ama os que nos defenderam.

— Que lhe deveis? A vida?

— Muito mais — a honra!

— Tendes então o coração livre?

— Livre como a consciencia.

— E como quereis pagar-lhe?

— Salvando-lhe a vida e a alma.

— E a que preço?

— Por qualquer! Até, accrescentou Sarah, com manifesto embaraço — pelo que elle salvou...

— A vossa honra...

— Não o digaes assim... é cruel... — essa moeda póde ter outro nome no mercado dos sacrificios...

— Amarieis quem salvasse o vosso salvador?

— Differença de palavra, sempre — disse Sarah intencionalmente.

— Pertencer-lhe-hieis?

— Sim!

Sarah, ao dar esta resposta, fuzilou sobre Deza um olhar investigador.

A fronte do arcebispo illuminou-se.

— O homem que salvasse Jacob, restituindo-o á liberdade, poderia pedir-vos o coração?

— Serei do salvador de Jacob, disse Sarah, baixando os olhos.

— Pois bem, disse o inquisidor com verdadeira fidalguia, mostrando que mais lhe agradava a conquista pelo reconhecimento que pela violencia, se quizerdes, inclui-me em o numero dos homens que vos estimam e respeitam, e dar-vos-hei a liberdade de Jacob... Como vêdes vae-me longe a edade d'aquella em que poderia offerecer-vos os enthusiasmos d'um moço cavalleiro. Não tenho mocidade e pesa sobre mim o regulamento da Egreja .. Comtudo, não me são indifferentes os vossos encantos e, para vos merecer, se me jurardes que não pertenceis a Jacob!... Jacob, mediante a publica apostasia, será restituido a Portugal, como se o Santo Officio ainda estivesse obrigado á promessa feita a D. Manuel.

Sarah conseguira desarmar o seu adversario! As suas palavras tinham occultado habilmente os seus designios. O arcebispo contava com a victoria, e, como homem finamente educado, preferia supplicar a exigir.

Ouvindo pois a proposta de Deza, Sarah teve um estremecimento de alegria.

— Senhor, como é que sendo vós tão nobre e generoso, ha tanta gente que vos teme?

— Não me temeis, Sarah?...

— Respeito-vos, mas confesso-vos que não me causaes medo. Sois tão nobre no aspecto quanto no proceder! Servis, é certo, a egreja com o cumprimento das suas leis inflexiveis, mas sois humano, como se o grande espirito da justiça se tivesse encarnado na suprema auctoridade ecclesiastica de Sevilha. Bemdito o momento em que me appareceste, senhor, que aterrada andava n'este recinto, á mercê de esbirros sem educação e sem alma. Leio no vosso olhar, e escuto nas vossas palavras, o ruido do grande vendaval que passa no vosso coração attribulado pelos impulsos do amor e de generosidade em lucta com os deveres do alto sacerdocio temporal e espiritual...

— Dizeis bem, Sarah, dizeis bem — a velhice e a magistratura deram-me o aspecto severo e historia de juiz inflexivel, mas eu sou um mystico apaixonado de todas as perfeições, e sinto na minha alma entristecida a dôr, que se não vem do remorso, vem do isolamento em que vivo e do terror que vou inspirando... Dizei-me, Sarah, pareço vos um homem de coração?

— Tanto! tanto, que em vez de vos fugir e temer, de vós me approximo, pedindo-vos conselho e protecção...

E, Sarah, affectando um impulso natural de sympathia, avançou um pouco para Deza, mas logo parou embaraçada... e triste.

A vaidade nos homens nunca lhes deixa prever nem a traça dos habeis nem a confiança dos simples. Tudo que os lisongeia parte da sua influencia. Aquelle impulso de Sarah era consequencia do imperio que sobre ella elle estava exercendo.

E nada mais natural!

Deza era um homem distincto no dizer, no vestir. Fitára-a impertinentemente, mas amoravelmente, e a sua conversação entretivera-se mais em propaganda de fé — que em ousadias do amor...

Para elle não havia a menor dúvida em que Sarah, um pouco por interesse, talvez, mas, com certeza, muito por sympathia, se approximava d'elle e se lhe entregava.

Assim era melhor! Pensara em possuil-a, em nome da sua auctorida-

de, e a sua conquista ia resultar do seu sorriso! Notava até a differença que havia entre elle e os outros — os outros que venciam ameaçando, e elle que ganhava attrahindo.

— Porque hesitaes, Sarah? Se não vos repugna o perfume do meu habito, perfume que vem dos altares, em que sacrifico com todos os esplendores do culto, vinde a mim, confiada e alegre.

— Senhor, continuou Sarah, se amar os que servem a Deus, é peccado contra o Céo, de joelhos vos peço que imploreis o perdão... Sêde meu pae ou meu irmão e eu vos pagarei em affecto o que me derdes por dever profissional.

Deza prendeu a mão de Sarah, que se lhe lançou de joelhos aos seus pés!

— Filha, disse meigamente o arcebispo — abre-me o teu coração. Confessa-me as tuas culpas, revela-me os teus receios, explica-me os teus propositos, narra-me os teus desejos...

Ardiam, no fogo mais intenso, as mãos de Deza.

E Sarah, como se estivesse junto do confessionario, vergou a cabeça, emquanto trémulo, com os olhos injectados de sangue, Deza, murmurando algumas palavras em latim, fez o signal de a abençoar.

Quando a penitente ia a levantar a cabeça, Deza, que lhe pousára as mãos, beijou-lhe o cabello.

Sarah estremeceu como se estivesse vendo o Aragonez na terrivel noite da arrifana, junto de sua irmã...

Houve alguns momentos de silencio, durante os quaes o confessor e a confessada pareciam rezar.

E, comtudo, pensavam, em coisas bem differentes d'aquelle sacramento!

Sarah fazia prophecias sobre o resultado da sua mentira, e Deza sobre o exito da sua conquista.

Por fim, o arcebispo começou o interrogatorio, inclinando-se um pouco sobre o busto da pobre noviça.

— Dizei-me, Sarah, a vossa intenção de salvar Jacob procede apenas do sentimento de gratidão que elle vos inspirou?

— Sim, apenas isso.

— Não ha então na vossa presença no palacio da Fé, e na vossa vinda a Sevilha, nenhuma missão especial determinada pelos conselheiros de D. Manuel e confiada a Pedro Soares?

— Nada sei a esse respeito. Pedro Soares veiu porque reclamei a sua companhia.

— Não tenteis illudir-me, Sarah, amaes Pedro e quereis enganar-me com o vosso sacrificio para obterdes a liberdade de ambos?

— Disse-vos toda a verdade. A ninguem amo; mas estou resolvida a comprar por todo o preço a liberdade d'esse homem, d'esse honrado homem, que, é a maior gloria da sua raça, se não a vergonha d'aquella a que pertenço. Confesso-vos os meus designios, para obter o que desejo e que durante tanto tempo planeei: se fosse preciso, far-vos-hia assassinar... Suppunha-vos um tyranno sem educação e sem escrupulos... Vendo-vos e ouvindo-vos, mudei de parecer. Não lucto contra vós; entrego-me. Se valho a liberdade de Jacob, dae-me essa liberdade, e podereis dispôr de mim. No vosso olhar leio o vosso pensamento. Julgastes-me amante do christão novo e calculastes que poderieis, ameaçando a minha honra, forçar o hereje á apostasia. Não foi isto? Pois bem, falha-vos a conjectura, mas não o resultado da empreza... Estou disposta a tudo... Aqui não ha lucta possivel. Onde Jacob cahiu esmagado, que poderia eu esperar? Em vez de ser vencida, rendo-me. Sou mulher e mulher fraca: não póde envergonhar-me a cobardia, demais a minha submissão é ainda orgulho. Medi o abysmo. Estou nas garras do Santo Officio... O maior perigo que me espera será a affronta d'um esbirro... prefiro submetter-me ao arcebispo de Sevilha. No meu plano ha raciocinio. E' evidente que não vos amo... Achaes pouco? Pois já é muito que vos não tenha nem odio nem repugnancia... Se me defenderdes d'essa horda que me ameaça, talvez que não só vos pague o favor, vos seja grata tambem... Tive uma irmã que foi violada por um frade nas matanças de Lisboa... Nem a castidade, nem Deus, a salvou! Para que soccorro hei de appellar? Quero viver. Como? Como for possivel. Vós, que sois uma eminencia ecclesiastica, que falaes em nome de Deus, que mataes em nome da Justiça, que fazeis e executaes ordenações como se fosseis um principe do reino; vós, que sois um principe da egreja, dizei-me que responsabilidades me cabem se me submetto e me entrego? Digo deante de vós o que faria deante d'um grande vendaval em que os elementos se conspirassem contra mim, e eu só do acaso houvesse de esperar auxilio... Ajoelhava e esperava, não é assim? Pois eis o que faço... Estou a vossos pés, fecho os olhos para não soffrer tanto .. e espero. Aqui me tendes, poderoso monsenhor! podeis dispôr da minha vida, da minha alma, da minha vontade, do meu corpo!...

— Confesso-vos, extraordinaria creatura, que me surprehende e perturba a vossa attitude e resolução. Sois, na verdade, a mais bella e a mais talentosa mulher que meus olhos teem admirado! Ha nas vossas palavras tanta audacia e tanto engenho, envoltos em tanta razão e tino, que se acaso fingis orgulho em confundir a minha experiencia, eu sinto vergonha de ter conspirado contra os vossos encantos. Levantae-vos, Sarah, disse Deza,

levantando-se solenne e amparando nos braços o corpo fatigado da pobre menina. Fitae-me sem temor e dizei-me. invocando o que tiverdes demais sagrado...

N'este momento Sarah teve um lampejo de remorso.

Enganara se talvez! Deza não pensava em offendel-a. e ia, decerto, provar-lh'o rejeitando-lhe o sacrificio.

Deza continuou:

— Dizei-me — que garantias me offereceis de que estaes disposta a pertencer-me?

A filha do velho Lopo sentiu-se empallidecer e teve de se encostar á parede, para não cahir ao desembaraçar-se dos braços do arcebispo.

— Sim. como me garantis que, dando a liberdade a Jacob, não sereis immediatamente reclamada por Pedro Soares, que invoca poderes e direitos do rei de Portugal? Sim, dizei-me, Sarah, que certeza posso ter da vossa sinceridade!

— Senhor, não vos resistirei. logo que tenhaes permittido que me aviste com Jacob, que este seja posto em liberdade, e que Pedro Soares possa juntar-se a elle e abrigal-o sob a mesma tutela d'el-rei, meu senhor.

— E vós?

— Eu ficarei em refens. captiva n'estes cárceres, á mercê da vossa vontade, para que me solteis quando vos approuver, ou me deis a sentença que, pela justiça da egreja...

— Aqui? Eis o que é difficil! Pedro reclamar-vos ha... Sarah, para que o nosso contracto seja firme, são indispensaveis duas condições...

— Sem as conhecer. já vos affirmo — que as acceito.

— Confiaes demasiado no meu espirito conciliador... Imaginae que de vós reclamo que fiqueis com toda a responsabilidade da vossa fuga á tutella de Pedro?

— Se Pedro sahir de Hespanha e Jacob do Palacio da Fé. todas as condições acceitarei.

— N'esse caso, sereis conduzida á cella de Jacob, e depois occultar-vos-hei no logar que eu escolher, declarando vos a Pedro, por missiva que expedirei, que voluntariamente vos occultaes.

— Tudo farei.

— Tereis coragem para tanto? Pensae bem. Pedro volverá a Portugal. Jacob, moribundo, estalará de dôr antes de chegar á fronteira, e vós...

E o arcebispo, ao chegar a este ponto, arrastou maliciosamente as palavras — e vós sereis minha...

— Acceito.

— Senhora minha, disse o arcebispo cerimoniosamente, ficareis n'este

logar, sob a minha protecção. Ninguem vos offenderá, e quem tal ousasse teria a pena mais cruel. Confiae em mim...

Sarah perscrutava, sempre que o podia fazer sem perigo de ser surprehendida, o gesto e a physionomia do inquisidor.

— Vou dar as minhas ordens...

E, mal o disse, fez soar um timbre sonoro, como o sino d'uma torre.

Appareceram tres esbirros, rigorosamente mascarados, e que se mantiveram firmes e mudos nos umbraes da porta da camara.

— Esta dona, disse Deza, indicando Sarah, como se fosse a monja de maiores virtudes dos mosteiros da Andaluzia, ou a princeza mais catholica do throno de Fernando V, ficará, n'este logar, inviolavel e sagrada. A mais rigorosa vigilancia a defenderá, em meu nome, de todas as auctoridades da Inquisição e do Santo Officio, dos nobres da côrte e dos embaixadores extrangeiros, da gente da egreja e da justiça — será tratada em harmonia com os privilegios que lhe concedo, e defendida de quaesquer ordens, que não venham timbradas com o meu annel e firmadas pela minha mão... Tendes ouvido?

Os esbirros abaixaram as cabeças revestidas de negros capuzes, o que significava affirmativa e respeito.

— Senhora, continuou o arcebispo, voltando-se para Sarah, sois digna de mim. A vossa submissão prova-me que valeis mais que todos os homens que escolhestes para vossa companhia e defeza.

E, com uma vénia, que tanto podia ser sincera como ironica, recuou até a porta, que se fechou sobre elle e os esbirros que o seguiram.

Sarah não ouviu as ultimas palavras, nem sequer notou aquella mesura: tinha posto os olhos no chão e pensava... Em que?

Na traição que ia seguir-se? Não.

Pensava em que Deus, que acode sempre aos infelizes, ainda não tinha chegado!

*

Deza, ao começar a descer a escadaria, depois de ter abandonado a camara de misericordia, dirigiu-se a um dos esbirros:

— Henrique Nunes, preciso de ti.

— Ordenae, senhor arcebispo.

— Procura o velho gardunho, e dize-lhe que tenho trabalho para dois *guapos* e dois *fuelles*...

— Serviço nocturno, d'agilidade ou de força?

— D'alta magia, simplesmente.

— Mette mulheres?

Appareceram tres esbirros rigorosamente mascarados...

— Sim, leves como uma penna e frageis como um vidro.

— Serviço de liteira com machos e postilhão?

— Póde servir o borzeguim...

— Para quando, monsenhor?...

— Que esteja tudo prompto para qualquer noite sem luar e a qualquer hora silenciosa. Avisarei.

— E é manobra para as bandas da Triana?

— E' d'aqui para a fonda da Gardunha.

— Preço da tabella!

— Dobro em attenção á limpeza e ao segredo...

— Contae commigo.

— Comnosco, acudiram os outros esbirros.

E o arcebispo, que chegara ao patamar da escada, voltou-se para um dos crucifixos da arcaria, e persignou-se...

As negras personagens que o seguiam imitaram sua eminencia, vergando levemente os joelhos.

LIII

Os fugitivos

Pepe não podia abandonar Sevilha emquanto alli estivessem os seus amigos dilectos.

Occultar Eva em qualquer parte de Hespanha era plano mais seguro que atravessar com ella a fronteira.

Além de que Pepe tinha necessidade de se manter entre os familiares da Inquisição, onde estava dia a dia conquistando notoria influencia. O seu arrojo, a sua força e as historias que circulavam na cidade, a respeito da agilidade da sua espada e da velocidade do seu cavallo, iam attrahindo-lhe as sympathias dos dominicanos perseguidores e dos infieis perseguidos.

O caso da ponte fizera ruido e o apparecimento do cadaver do gardunho déra origem ás lendas mais phantasticas, que encareciam o prestigio do valente rapaz. Até entre a gente da Gardunha o odio dos primeiros momentos se foi, em poucos dias, convertendo em admiração.

Os mais valentes extranhavam que houvesse tanta coragem e arte contra uma quadrilha que dominava pelo terror e que se escudava com a impunidade.

Se Pepe era para temer em taes emprezas e em condições para elle tão perigosas, qual seria o seú valor e influencia se estivesse filiado na seita?!

Havel-o ás mãos era o maior empenho dos bandidos que elle lograra e dos chefes que tinham exprobado áquelles a fraqueza ou a inepcia de que tinham dado provas em combate tão desegual.

Pensava-se, por isso, em o attrahir, não para desforço ou vingança, mas para o conquistar, corrompendo-o.

Um homem novo, destemido, habil no manejo das armas e de intelligencia viva, podia ser um excellente cabo de guerra para muitas das emprezas já planeadas.

Depois, Pepe tinha, sem duvida, alguma missão secreta junta do Santo Officio a que não era extranha a côrte de Portugal...

N'uma reunião da Gardunha o morgado de Travanca, poderoso agente da futura abbadessa de Lorvão, e que se correspondia com a côrte de Roma, fôra de parecer que o joven familiar da inquisição o era tambem d'el-rei D. Manuel...

Pepe ignorava tudo isto que se pensava a seu respeito, e apenas cuidava em salvar Eva dos seus perseguidores e evitar qualquer cilada que lhe preparassem.

O pastor cavalleiro bem sabia que, fugindo, ia marcando com as patas do seu cavallo o itinerario dos gardunhos.

Nada mais facil que descobrir-lhe o paradeiro. Ou não parar em terras de Hespanha, ou pedir n'ellas hospitalidade e segredo... Dois impossiveis n'aquelle tempo em que o dever mais humano abria logo o caminho do tribunal e das torturas.

Parar n'um casal, comer n'uma *fonda*, adormecer n'umas ruinas, era o mesmo que entregar-se...

N'esse caso Eva ficaria perdida!...

Ao atravessar os campos e as povoações fôra notado... Os fugitivos quanto mais depressa andam mais se mostram. Succede-lhes o mesmo que aos passaros, que de azas abertas se fazem maiores...

Em Hespanha, no seculo XVI, até os distrahidos e desalentados eram da espionagem.

E o maior espião é a propria consciencia dos delinquentes, ou perseguidos.

Pepe galopava a denunciar-se. Havia no seu busto, sempre tão firme e sereno nas corridas mais caprichosas, aquella mobilidade que dizia pensar elle tanto no caminho que ia seguindo, quanto no que ia deixando. Olhava de revez os viajantes que encontrava, e os viajantes paravam impressionados com esse olhar...

Ao contrario do que deviam esperar os aldeãos, sentados ás suas portas, era, exactamente, quando elle avançava para o centro das aldeias, que mais impetuosa fazia a sua carreira... Nem tempo tinha para cortejar a boa gente...

E o vento tambem parecia posto ao serviço da Gardunha! — Não vinha de lá, mas tentava impellil-o para o logar maldito onde ella se acoutava.

Se fosse apenas um cavalleiro? Mas não — que o corpo de Eva era conduzido, como se conduz uma creança — uma creança ou um cadaver!

Era vulgar em Hespanha ver sobre um só xairel um cavalleiro e a sua

companheira — Mas aquella posição não podia ser. Aquelle grupo nada tinha de innocente e de confiado —: ou vinha do crime ou ia para elle.

Pepe ia, na verdade, perturbado.

Se por um momento diminuia a andadura, para que as patas do cavallo não fossem a gritar pelo caminho, logo se arrependia d'essa paragem — porque, quando a calçada emmudecia, assobiavam com impeto as ventas trémulas e escancaradas do esfalfado animal...

Algumas vezes nos campos mais solitarios, nas curvas das veredas, nos desvios proximos das clareiras e dos riachos, apeava-se por um momento, conchegava o arção, acariciava o seu fogoso companheiro, emquanto Eva refrescava os labios debruçada na ribeira mais proxima.

— Estás muito fatigada, Eva?

— Qual! Se eu vou nas azas do teu peito!

— Não tens medo?

— Que idéa! Se vou fugindo dos perigos!

— Mas a noite approxima-se, e a escuridão...

— Não contas com as estrellas?

— Estão muito altas!

— As tuas, que as minhas vejo-as eu nos teus olhos.

— E sem comer, Eva, deves estar muito fraca.

— A fome tem sido tantas vezes a minha companheira!

— Já te lembraste de que podemos ser presos, quando nos julgarmos salvos?...

— Não faz mal: presa nos teus braços, quanto mais me prenderem, melhor...

— E se nos separarem?

— Viva, nenhum esbirro conseguirá essa empreza.

— Tonta! que só pensas na fôrça da nossa vontade e não contas com a vontade da fôrça alheia.

— Olha, disse Eva, indicando o collo e como que agarrando um talisman escondido – tenho aqui uma serpente, que, assustada, me ha de morder o coração.

— Deixemo-nos de tristezas.

— Queres afugental-as?

— Por tua causa, minha valente companheira.

— N'esse caso refresca-me a bôcca, para illudir a fome e a sêde.

— Corre bem perto de ti esse veio que desce da montanha...

— Não é isso que peço, disse Eva lançando os braços ao pescoço de Pepe — quero um beijo!...

De pé, com os braços enlaçados, encostando-se ao corpo do cavallo,

que voltou a cabeça para os ver, os dois fugitivos beijaram-se demoradamente!

A noite quasi surprehendeu o grupo amoroso como se tivesse vindo do fundo do ribeiro, e não descido da orla dos montes que fechavam o horisonte.

O pobre animal, talvez assustado com esse manto de trevas que ia difficultar o caminho, escarvou o chão, rinchando impaciente.

Pepe desprendeu-se, então, dos braços de Eva.

— Oh!... pobre amigo, que nos esquecemos de ti!

Trabalhaste mais que nós, e eu não te dei liberdade para gozares estas pastagens. Anda, meu velho, emquanto ha um resto de luz, que já não chega para a nossa viagem, aproveita-a para a tua ceia.

E Pepe passou a mão cariciosamente sobre a cabeça e o peito do seu resignado amigo.

E continuou:

— Vou despir-te, para mais á vontade poderes rehaver fôrças para a nossa marcha, que pode terminar aqui esta noite, ou ir por muito tempo por essa Hespanha fóra...

Eva sentara-se n'um pequeno talude na volta do caminho.

Pepe continuou a sua tarefa, falando sempre como se quizesse reparar a injustiça que fizera.

— Meu pobre Lucero, tens razão, eu sou um ingrato. Não te bastará para tua desgraça teres o nome d'um inquisidor, e ainda te deixei aqui suado, quente, exposto ao vento, com o estomago vazio... Eu e Eva somos uns ingratos.

— Estás arrependido de me teres beijado?

— Estou, e tanto que vou já pedir-te que me restituas os beijos que te dei...

— Está dito, deixa pastar o Lucero, emquanto fazemos a troca para nosso castigo.

— Ouviste, Lucero, tens cinco minutos de liberdade... Vá, anda, corre, salta, mas não nos percas de vista. Se formos apanhados não fujas ás responsabilidades, tens que te haver com monsenhor Deza e com o honrado sr. Pietro, illustre chefe dos bandidos mais célebres da Triana.

Lucero não se mexeu; apenas baixou um pouco a cabeça... e os musculos das mãos estremeceram.

— Bem, basta de generosidade e de cuidado. Não partimos emquanto não tiveres comido; e, emquanto a Eva, cá estou eu para a guardar...

Vamos, Lucero, faze-te homem. Sem comer não se póde trabalhar.

Que eu e Eva não comamos, não admira. Nós é que te carregamos no dorso, e tu é que soffres sem queixumes. Vá, vá...

Lucero apenas fez um movimento brusco com a cabeça.

No olhar do pobre animal havia sombras mais tristes que as da noite.

— Ah! estás com cerimonias, Lucero?... Não sabes que, se não tiveres forças, não podes levar-nos para longe d'aqui?

E Pepe fez estalar o chicote no ar...

Lucero dobrou as mãos como se uma grande dôr o fulminasse e cahiu sobre a terra, pesadamente, com as pernas extendidas, a cabeça na direcção do ultimo raio de luz alaranjado que ainda havia no Céo, os olhos abertos, a bôcca espumante...

Pepe e Eva correram para o desgraçado companheiro.

— Que desgraça, Pepe! — disse ella olhando o morto.

— Foste o melhor amigo, e foges-me quando tamanho perigo me ameaça!

— Que havemos de fazer agora, Pepe? Ficar aqui, sem luz, sem transporte?

— Ficaremos todos esperando a luz da manhã, e depois seguiremos os dois por esses caminhos... Lucero é um ingrato, mas eu perdôo-lhe. Velaremos o seu corpo, que depois de ter voado comnosco para nos salvar, aqui ficará exposto a denunciar-nos aos nossos inimigos. Que triste coincidencia! E elle que nos entrega; elle! que nos amava e morreu por querer salvar-nos!

Pepe lançou sobre Lucero o xairel que lhe tirára, como se quizesse amortalhal-o, e, pegando n'uma porção de cabello luzidio que do pescoço do animal cahia sobre a terra, cortou-a e guardou-a no seio, depois de dar a Eva metade d'esta extraordinaria reliquia.

— Eva, disse elle depois, vamos dormir junto d'elle, descançando as nossas cabeças n'este estofo que a morte nos deparou.

Pepe e Eva sentaram-se no chão, encostando os cotovellos e as cabeças sobre os ilhaes e o ventre do cavallo...

— Boa noite, Eva...

— Boa noite, Pepe.

E trocaram dois beijos, tristemente.

A noite apagou aquella camara ardente.

Mais tarde Eva, que não dormira, disse a Pepe:

— Dormiste, meu amigo?

— Não, de nós tres só tem dormido o que nos embala...

Já então vinha a romper o dia...

O dia chega sempre a galope, como se tivesse andado a passear, mais do que era razoavel, por afastadas regiões.

Quasi que se lhe sente o tropel, tanto é o alarido que a sua luz acorda na terra, nas arvores, nos riachos e no espaço!

Quando os fugitivos notaram que estava desmaiando o fundo recamado de estrellas que lhes servia de docel n'aquella alcova original e n'aquelle leito de morte, ergueram-se immediatamente.

E com razão, que as estrellas apagam-se n'um momento, como se o sol as soprasse quando as espreita e surprehende, ao subir no horisonte! A'quella hora magica da madrugada a transformação faz-se com uma celebridade que não é facil descrever.

Parece que as duas luzes se encontrariam, se uma não fugisse pelo céo dentro e a outra não se precipitasse pelas montanhas abaixo! Como ellas se temem! — a que ensombra e a que assombra!

Em poucos minutos as montanhas se tingiram de ouro vermelho e os vinhedos, os formosos vinhedos já então exhuberantes em toda a Andaluzia, verdejavam, espreguiçando-se... Os passaros desciam e subiam, aos bandos, e os rebanhos, da côr da terra, faziam acreditar que até esta se animava aos beijos do grande astro... Não tardaria que a gente do campo começasse a sua marcha para o trabalho.

Pepe e Eva reconheciam a necessidade de continuar o caminho ou de se occultarem em alguma pousada d'aquelles sitios.

A cavallo talvez que a marcha pudesse continuar sem o recurso d'uma refeição reparadora, mas a pé?...

Tinham já percorrido muitas leguas, mas não estavam tantas desviadas de Sevilha! O instincto de defesa, ou a ignorancia do caminho, tinha-os forçado a seguir atalhos, que deviam embaraçar a pista, mas que os impedira de avançarem o bastante.

Nem sequer estavam orientados... Continuavam ainda, como nos arrabaldes mui proximos da beata cidade, ensombrando aqui e alli as grandes planicies, as conicas oliveiras, de feitio tão caprichoso e original!

Mas agora, tinham chegado, por acaso, a um caminho, que era sem dúvida o que mais directamente ligava as principaes povoações e sitios

Se alguem os perseguisse deveria passar por alli, e, se a perseguição tivesse descançado durante a noite, como descançara a fuga, a luz do dia faria soar o signal da marcha para uma e para outra.

Pepe hesitava.

Era impossivel continuar sem interrogar alguem... Toda a demora

poderia augmentar o perigo... Quem lhe garantia que elle não estava ainda muito proximo do Guadalquivir?

Fugir para o norte podia não ser um erro, comtanto que fosse internar-se na Extremadura hespanhola... Mas ir na direcção de Cordova era mil vezes peor que voltar para a Gardunha.

Para o sul era talvez melhor solução... Mas como evitar uma approximação de Lucar ou de Cadiz?

— Que fazes, Pepe, perguntou Eva, afagando o seu salvador.

— Penso. Emquanto estamos parados é que o pensamento vôa mais á vontade.

— Desesperas?

— Não; espero, não sei bem o que, mas alguma cousa — uma idéa, por exemplo.

— O Céo ha de ouvir-nos...

— O peor é que precisamos de falar baixo... O Céo nem ao menos nos indica para que lado devemos dirigir os nossos passos!

— Talvez que eu saiba ler o que elle nos diz n'aquella estrella que ainda não se apagou.

— Guia-nos, então, minha querida Eva.

E Eva começou a fitar o céo azul e a passar depois a vista pelos olivaes e pelos vinhedos.

— Sahimos de Sevilha, subindo um pouco; mas, insensivelmente, tornámos para o occidente, e vamos seguindo a linha da tua terra, Pepe! Pensaste, talvez em alcançar o Tejo, mas tens de te contentar com o Guadiana... e talvez nem isso, que mais perto e mais facil será passar a fronteira, indo de Moguer a Huelva... Em todo o caso o coração diz-me que, se a Hespanha não nos captiva, Portugal nos ha de entregar...

— Só cuido em te occultar em qualquer nesga da terra, que eu, só por ti, fujo de Sevilha. Logo que estejas a salvo, voltarei para junto dos inimigos...

— Para os combater?

— Para salvar os que o não são...

— E deixas-me só?

— Não, ficam-te as minhas saudades.

— Pepe, disse Eva, com ar sentido, não te merecia essas palavras. Julgas então que te deixo? Julgas que, contando apenas com o teu braço, consentiria em desprender-me d'elle? Vivo por tua causa e só para ti — quero correr os teus perigos, soffrer as tuas tristezas, viver e morrer a teu lado! Tens actos generosos a praticar? gente fraca a defender? insultos a punir? Pois iremos ambos a essa empreza... Sou forte, agil, ousada.

Devia o coração á Gardunha que queria vendel-o .. Roubei-o á minha dona, e dei-t'o... E' teu, Pepe. Beija o ou fere-o. Tudo elle te agradecerá. Amas outra mulher? Precisas d'ella? Queres procural-a, salval-a, possuil-a? Não irás só: irei comtigo...

— Só a ti amo, descança, se não ha outro amor como este que te confesso n'este beijo, boa Eva!

E Pepe beijou-a nos labios, fitando-a muito, como se o beijo e o olhar fossem um juramento.

Eva ainda mais se animou.

— Repara no que vou dizer-te, Pepe, repara bem! Não me conheces, e eu não te conheço... Pois apezar d'isso, eu sou tua, e tu és meu!

Sou tua, porque te entreguei a minha alma e o meu pensamento. Sou tua, ainda que não me queiras! serei pelo menos a tua sombra. Tu serás meu, ainda que me desprezes, porque não terás alma para me afastares do teu lado, do teu caminho, dos teus perigos... Emquanto viveres, viverei no teu olhar, na tua respiração, sob os teus passos... O golpe que te ferir, atravessará o meu peito... Quando morreres ouvirás que me abrem a sepultura! Serei a estrella que te ha de guiar no campo, o fogo que te ha de aquecer na lareira, velarei o teu somno como se fosse a luz da tua lampada!...

— Eva, estas louca, que exaltação é essa?! Cuidemos nos perigos que te ameaçam... Eu sou um homem, e sei defender-me. Confia em mim, que hei de fazer-te feliz; mas pensa, principalmente em te livrares da sociedade maldita que te quer roubar, a ti, e a mim!

— Bem disse eu — não me conheces. Fugi comtigo porque julguei que fugiamos. Sem ti não fujo, nem me entrego — sigo-te. Nada te peço. Escraviso o meu coração e deixo livre o teu. Ama a quem te aprouver. E's novo, és valente — deves aspirar a uma mulher formosa, rica, que não seja rustica como eu, e que te ame.. um pouco menos. Sou uma mulher? Fui. Uma mulher é um fardo muito pesado na vida d'um cavalleiro. Serei o que tu quizeres... Não tens um cão que vele por ti? Pois serei o teu cão... Sinto-me com dentes e raiva para morder em quem ousar tocar-te... Ladrarei á lua quando ella te denunciar. . Perdeste o teu Lucero, por minha causa? pois bem, resuscita em mim o olhar meigo d'esse pobre animal, que nos trouxe pelo ar, e que nos serviu de leito ..

Pepe, por quem és, não me deixes! Se queres viver, deixa-me viver comtigo, se queres luctar, conta com as minhas garras, como contas com a tua espada: se queres morrer, deixa-me morrer a teu lado!

Eva! era só o que Pepe dizia, olhando-a no maior enlevo!

— Achas me selvagem, não é assim? E mal imaginas quanto ameigaste

o meu coração e os meus instinctos! Nem já sei qual é a minha raça, nem qual a minha fé! Tudo isto foi obra d'um beijo teu! Lembras-te? O primeiro teu, o primeiro de homem! Agora até agradeço á Gardunha ter-me guardado tanto, para que eu pudesse dar-te a pureza selvagem do meu pensamento e do meu corpo... Pepe, meu querido Pepe! deixa-me ser como o cão do pastor e o corcel do cavalleiro — quero ser tua para te agradecer, com um sorriso, quando tu me deixares, ou quando eu morrer...

— Está bem, Eva, está bem. Voltarás commigo para o campo da lucta contra os que martyrisam os fracos, os infelizes, os perseguidos! Ligarei a minha existencia á tua, respeitando, como se o altar os tivesse abençoado, os esponsaes que nos unia e em que tivemos as estrellas por testemunhas... Queres assim?

— Sim, quero!

— Juras?

— Pela vida de Suzana.

— E tu?

— Por ti!...

E os dois fugitivos, esquecidos do pobre Lucero, onde as moscas pousavam já, em volteios alegres, como se tivessem surprehendido a mesa abandonada d'um lauto festim, ficaram por momentos, com as mãos enlaçadas a entreolharem-se e a sorrirem... Nem, sequer, repararam no bando de homens, mulheres e creanças, de fatos variados e côres vivas, que acampava á sombra d'um grupo de oliveiras, extendendo-se sobre a terra, como um punhado de guerreiros victoriosos no fim d'uma batalha!

Tinha o aspecto mais extraordinario esse acampamento... A vivacidade das côres que revestiam esse grupo de fugitivos, ou nomadas, organisados em caravanas de miseraveis, não deixava que, ao primeiro relance, se advinhasse a procedencia de tanta gente, os andrajos que a revestia, e os estragos feitos n'aquellas physionomias trigueiras, pela fome e pelo cançaço!

Se a principio se denunciava um bando festivo de guerreiros na volta d'uma batalha, logo em seguida se julgava que estava alli a população batida pelos invasores d'alguma aldeia.

LIV

Os ciganos

Pepe e Eva olharam ao longe, e logo comprehenderam que tinham na sua frente, um bando de *gitanos*, a que em Portugal se chama *ciganos*, em França *bohemios*, em Italia *zingari*, em Inglaterra *gypsies*, na Arabia *aramis*, isto é, *ladrões*. Os hungaros chamam-lhe *pharaônepeck*, ou povo de Pharaó; os hollandezes *heidnen*, ou idolatras. *Gitano*, em Hespanha, significa malicioso. Tambem são conhecidos por *lingaros*, que é o nome que na India se dá ao ultimo dos párias... Os dinamarquezes e os suecos chamam-lhes *tartaros*.

A sua origem é na verdade indiana, o que nos revelam a lingua e a physionomia das tribus, que vivem no paiz dos *Mahrastas*.

A respeito d'essa raça, diz-se, que, quando Tamerlan andou a conquistar o Oriente, os habitantes da India se espalharam por diversos paizes, tendo abandonado as suas habitações.

Uns foram para os lados do Oriente e outros se demoraram pela Persia, e uma grande invasão foi povoar a Europa, no principio do seculo xv, acampando na Moldavia e na Valachia.

Pouco depois appareceram na Suissa, em 1422, e na Italia, e cinco annos mais tarde, na França, onde se apresentaram, dizendo-se naturaes do baixo Egypto!

No seculo xvi estava o seu desenvolvimento no coração da Europa e no seu apogeu...

Todos os historiadores fazem mil conjecturas sobre a sua origem, e raros descrevem, com precisão, os seus costumes. Teem usos e habitos especiaes, religiões e leis accommodadas ao meio em que vivem. Parecem d'uma raça proscripta, sem patria, errante, comó o *Judeu*, de Eugenio Sue tendo apenas o céo e a terra por fronteiras. Teem uma civilisação estacionaria.

Ainda ha pouco os que habitavam as costas do Malabar se entregavam

á pirataria. e outros, que acampavam nas planicies de Granada e nas montanhas que circumdam a Alhambra, procuravam palhetas de ouro nas margens do Guadalquivir e fabricavam cordas, e esteiras de junco.

Abundam por toda a parte na profissão de pellotiqueiros, dançarinos e tocadores de *bandoleros*.

São os principaes commerciantes nas feiras de gado, e distinguem-se n'ellas pela habilidade com que enganam os compradores mais prevenidos.

São sobrios, miseraveis e soffredores, dormindo á luz das estrellas, procurando o sol no inverno, e no verão as sombras das arvores, como se tivessem na natureza o agasalho correspondente ás suas necessidades.

Não se pode determinar bem a sua religião; mas sabe-se, por exemplo. que o dia de Natal é, como no mundo christão, o melhor e mais animado das suas festas religiosas.

Em 1841, Barrow descreveu, n'um livro feito com cuidado e observação, a vida e os costumes d'esta gente. Barrow, por tal forma se interessou por essa bohemia que andava a invadir o mundo, que até completou a traducção do Evangelho de S. Lucas, no proposito de a fazer mais religiosa e sociavel. Esse trabalho foi impresso em Madrid, em 1838, mas os seus resultados foram insignificantes.

Abundam os romancistas que procuraram explorar a originalidade d'esta gente, ora mostrando a astucia dos homens, ora as paixões das mulheres, cuja castidade todos affirmam.

Victor Hugo, na sua *Notre Dame de Paris*, architecta toda a acção do seu primeiro e já sensacional romance sobre a paixão nobre e casta d'uma *cigana, bohemia* ou *gitana,* que a imaginação do grande escriptor concebeu ao calor do seu genio phantasista.

A verdade é que a cigana é do cigano, e que o amor não logra facilmente derruir a fronteira que separa o mouro, o judeu e o christão, d'essa caravana bohemia das sociedades civilisadas onde predominam outras raças, outros costumes e outras religiões.

Os homens são modelos de esculptura arabe — elegantes como os egypcios, escuros como os tartaros e de olhar vivo e penetrante como os hespanhoes. Ha n'elles modos indolentes e linhas que denunciam fôrca e agilidade. As mulheres revelam uma mescla de judia, moura e christã — teem as linhas esculpturaes das samaritanas, os requebros da andaluza e a aspera vivacidade das creoulas da America. Nos seus cabellos negros, unctuosos e luzidios, tanto podem estar os fios de coraes, ou de perolas das princezas do Oriente, como as flores, brancas ou vermelhas, das cigarreiras sevilhanas.

Entre ellas dominavam mais as superstições que as crenças. E' assim

que um dos ramos mais notaveis e lucrativos da sua industria é a prophecia, isto é, a preadivinhação, fundada no estudo das cartas de jogar e nas linhas da palma da mão. A cigana é a companheira inseparavel da *buenadicha,* uma nigromancia que representa a satisfacção das suas tendencias maravilhosas ou da sua ambição atavica.

Castas são ellas, e a valer, que sabem defender-se melhor que as vestaes dos velhos templos romanos e que as monjas de todos os seculos de fanatismo!

Antes de haver libertarios e anarchistas, já ellas e elles o eram no seu viver isolado, na sua economia politica, no regimen da communidade sem leis escriptas, e na sua moral áparte, excentrica, que estabelecia em novas bases o direito de propriedade e o contrato do amor.

O cigano constitue um povo com uma ethnographia desconhecida ou formada por um misto de tradições de diversos povos e diversas raças.

O Estado nada tem conseguido d'elles: no proposito de os chamar á vida universal, teem-se perdido os melhores esforços! Que o digam as sociedades reformadoras da Inglaterra e a iniciativa caprichosa do imperador José II.

E, comtudo, esta sociedade inculta, que dorme sob as arvores, coberta pelas estrellas, ou se abriga nas concavidades das serras, desde o seculo xv se multiplica pelo mundo, e, por tal forma, que uma estatistica de ha cincoenta annos fixava em cinco milhões o numero dos ciganos espalhados pela Hespanha, Hungria, Africa, India; emfim por todas as partes do mundo.

D'onde veiu toda essa gente, que invadiu a Hespanha no principio do seculo xv? Da Tartaria e da Scythia? Talvez. Os bandos que invadiram a França n'aquella épocha levavam passaportes de Segismundo, da Hungria.

Então viriam da Hungria? Não seria mais natural que viessem da Persia, aquelles mesmos que tinham emigrado da Hungria? Havia gente de mais n'aquelle barbaro paiz e, periodicamente, se recorria a uma emigração forçada para conjurar a crise dos alimentos...

Não falta quem os filie nas tribus judaicas, captivas do rei da Assyria!

Existe até a lenda de que elles são os descendentes da raça maldita que no Egypto recusou pousada á Virgem, quando por lá andou peregrinando sobre o dorso resignado da sagrada mulinha!

Quem sabe? Talvez viessem os ciganos da Esclavonia, ou das terras do grão turco, ou da Bohemia, de que ainda conservam hoje em França o nome patronimico!

Em livros francezes pollulam as tradições mais romanticas e até mys-

ticas! Fundam-se ellas em o nome de *penitentes*, com que os ciganos se apresentaram n'aquelle paiz, dizendo-se fugidos do baixo Egypto e queixando-se dos sarracenos, que os castigavam por serem christãos. Contaram elles que tinham ido a Roma e que o Papa lhes impozera a penitencia de percorrerem o mundo, tendo apenas os campos por leito de descanço.

Seja como fôr, a verdade é que esta raça de vagabundos, de um typo especial, que forma uma sociedade no meio das sociedades civilisadas, se espalhou por toda a parte, e que, apesar de perseguida até o fim do seculo XVII, na França, na Inglaterra, na Italia, na Allemanha e na Hespanha, ainda hoje poderemos reconhecel-a, sempre vagabunda e bohemia, em todos esses paizes.

Se quizermos vel-os e reconhecel-os bastará que façamos uma pequena digressão pelas nossas villas do Alemtejo.

A lucta pela vida, a benefica influencia do tempo, fel-os operarios e artistas na Turquia e na Hungria, commerciantes opulentos na Moldavia, alquiladores na Gran-Bretanha. Na Hespanha, se muitos acampam pelos montes e planicies, muitos outros enchem bairros exquisitos em Sevilha, Cordova e Granada.

N'um trabalho que temos presente, e que é devido á penna d'um *touriste* que viajou, ha dez annos, na Andaluzia, encontrámos a indicação de que os ciganos — horda errante, que vive da fraude e da rapina, fora da sociedade civil, — teem em Granada o seu quartel general. Habitam em um bairro á parte, e não é esta das coisas menos curiosas da cidade.

Descreve este viajante portuguez esse bairro, que se acha adossado a uma montanha, que está minada de cavernas e buracos, onde os ciganos se escondem durante os ardores caniculares.

Essas hordas teem a organisação do seu estado social, e proclamam seus chefes os mais prestigiosos com os nomes de *reis*, *duques* e *vayvodes*.

Toda a velha e nova litteratura tem explorado o encanto e o interesse que desperta esta gente d'origem mysteriosa, porque, diz algures, um historiador elegante — quer no livro quer no theatro, estas personagens extraordinarias, que se apresentam á imaginação como um enxerto no genero humano, e cujo interesse se compõe, parte do nebuloso do seu viver e parte dos crimes que lhes assacam — de roubos de dinheiro, de gados e até de creanças!

Sob esta mesma influencia, experimentada pelos romancistas, dramaturgos e poetas contemporaneos, esteve tambem, nos tempos de D. Manuel, o trabalho litterario de Gil Vicente.

E' por isso que, n'um dos seus autos, apparece uma cigana fazendo, galantemente, vaticinios ás damas da garrida côrte do rei afortunado...

Olha, Pepe, olha os gitanos

Desde o seculo xv até o actual sempre o cigano conservou a mesma apparencia. Em todas as épochas e em todos os logares elles mantiveram sempre um habito que os distinguia da outra gente. Eram-lhes extranhos os gibões e os pellotes... Como as esphinges, teem conservado eternamente a physionomia dos arabes e a differença de modos e de habitos com que, mesmo ao longe, podem ser reconhecidos.

Para distinguir os mouros e os judeus foi necessario que as ordenações, publicadas em 1603, determinassem que aquelles trouxessem, no hombro direito, uma lua de panno vermelho, e estes um gorro amarello!...

Os ciganos nunca se confundiram...

Foi por isso que Pepe e Eva, mal avistaram a caravana que acabara de acampar á sombra das oliveiras, ficaram tranquillos, como se estivessem proximos dos seus amigos do bairro da Triana...

E tanto que Eva, que mais depressa os reconheceu, se soltou dos braços de Pepe, exclamando com a mais viva alegria:

— Olha, Pepe, olha os *gitanos,* a nossa gente! Estamos salvos!

— E' gente de Cordova que vae para Sevilha? — perguntou Pepe, olhando o campo, ao longe.

— Não, objectou Eva, pondo as mãos em tôldo sobre os olhos, para melhor os abrigar dos raios do sol, já vivo e quente — devem ser *gitanos,* da Triana, que vão fugindo ás perseguições dos ultimos dias. Apesar da distancia, reconheço alguns...

— Elles descançam, não é verdade, Eva?

— Obriga-os a fadiga, mas, se o perigo estivesse perto, eu, que bem os conheço, sei que mais longe iriam em busca de sombra...

— E se fôssem gardunhos disfarçados?

— Traria apenas homens a grande caravana...

— Effectivamente...

— Distingo mulheres e creanças... São familias inteiras batidas pela matilha...

— Repara, Eva, não avistas? Trazem tambem animaes de carga.

— Sim, e cada homem está acompanhado do taleigo do seu farnel.

— Quem sabe? Com tal equipamento, não parece que venham batidos pelo tropel dos esbirros...

— Algum voto cumprido com penosa romaria até a mesquita de Cordova. Deus o queira!

— Como poderemos sabel-o?

— Nada mais simples. Passando a ribeira, poderei fazer signal.

— Aqui a agua é muita, e vem da serra em cachoeira. Atreves-te a passar?

— Por que não? E' pequena a altura, e até se vêem as pedras, que denunciam o fundo proximo.

— Experimentemos.

E Pepe deitou a mão a um dos mais grossos juncos que rebentavam das margens.

— Vês, Eva? disse, mergulhando-o na agua. Dá-me pela cintura... E' um momento apenas.

— Dá-me a tua mão, Pepe. Se a corrente puder mais que nós, ficaremos os dois n'este lençol mais fresco que o linho...

— E's uma creança, e sou um homem. Para que me servem estas pernas de cavalleiro e estes braços de mestre d'armas? Uma mulher nova e bonita, como tu, não pesa sobre o peito do seu amante; é como o ar que respiramos — não o sentir é que nos mata. Abre as azas e vôa para cima d'este coração onde moras, e verás como até, ao ver-nos, as aguas se apartam para nos deixarem passar...

— E, como as creanças, abraço-me ao teu pescoço para não cahir...

— Faze mais — junta a tua bôcca á minha face, que assim ficas mais segura.

— Quem me déra que além houvesse mais ribeiras!...

— E todas atravessaria sem cançaço, levando-te nos braços. Trazendo-te no coração vim até aqui, e o coração não geme de fadiga; pelo contrário, até canta folgando como as aves que nos escutam!

E Pepe, sorrindo, abriu os braços.

— Um, dois, tres... Cá estou de azas abertas... Vá ..

E Eva deu um salto com toda a agilidade, agarrando-se ao pescoço de Pepe, que a suspendeu no collo deixando-lhe a saia mais regaçada...

— Estás bem assim?

— Peso-te muito, não é verdade?

— Se tens medo tapa os olhos com os anneis do teu cabello.

— E beijo os teus!

E Pepe ergueu o busto com arrogancia e respirou fortemente para provar que lhe sobravam fôrças para a empresa.

Eva pesava-lhe apenas no braço esquerdo.

— E's ainda mais leve que um passaro! Não pesas mais que uma penna!

— Queres que cante, pousada no teu rosto, á sombra dos teus olhos?

— Não; que andam caçadores pelos campos, e tenho medo de te perder!... Se até receio que o vento te leve.

— Então conchega-me mais, e assim me prendes e aqueces. Se a agua estará fria!? Por que me não seguras com o outro braço tambem?

— Se não é necessario! olha para elle... Se um te regaça a saia, o outro defende a minha espada da escuma que pode mareal-a ..

— Cuidado, não escorregues no lôdo e no musgo...

Pepe approximou-se do juncal, abriu caminho com a espada e parou, olhando o terreno. Depois fincou os calcanhares na rocha liza e humida, e deixou-se escorregar, erecto e firme, até entrar na ribeira, cuja agua lhe subiu até acima do joelho.

Eva conservou-se em silencio; apenas, n'esta rapida descida, aproveitou a leve impressão de surpresa, apertando mais o pescoço de Pepe.

— A agua não te chega, disse elle erguendo mais o seu gracioso fardo. Ora aqui tens um pobre charco com flores do Guadalquivir...

Eva pareceu comprehender, ou foi acaso? Certo é que a sua resposta veiu dos labios d'ella, mas apagou-se no rosto afogueado do rapazote!

Houve um momento em que Pepe sentiu fugir-lhe o terreno sob os pés, e teve de saltar para evitar qualquer incommoda depressão...

Vergou um pouco o joelho, mas logo se firmou de novo n'uma pedra que espreitava á flôr da agua.

Mais dois passos, a ribeira estava atravessada, e Pepe depunha na outra margem a sua formosa companheira.

— Gostaste do barco que te trouxe a porto seguro?

— Ai! Pepe, tanto! que n'elle iria até o mar, por mais afastado e desconhecido que fôsse!

— E se tivessemos naufragado?

— Iria viver comtigo... Não é no fundo do mar que vivem as perolas, muito juntas umas das outras?

— Antes quero que vivas á luz do sol. A' luz é que as perolas se azulam e prateiam.

— E os *gitanos?*

— Ah! é verdade; já d'elles me esquecia!...

— Se nos demoramos não os poderemos alcançar. Ora repara, não os vês já outra vez em movimento?

— Que pressa! E encaminham-se para aqui.

— E' provavel que venham buscar com que matem a sêde...

— E se veem por nos terem visto?

— Melhor ainda!

— Não o julgo assim! Seria bom reconhecel-os antes que elles se approximassem mais.

— Receias?...

— Tenho o dever de ser cauteloso. Se houver motivo para suspeitas galgaremos a ribeira. Do lado de lá a defesa. ou a fuga, será mais facil.

— Espera, que eu vou falar-lhes...

E Eva fazendo das mãos porta vóz, gritou demoradamente n'um dialecto que Pepe não comprehendeu.

— O' gente! ó companheiros! vindes de Cordova, Granada, Sevilha, Jaen, ou Huelva?

Um velho *gitano*, magro e alto, bamboleando o corpo e alargando compassadamente os braços para imitar Eva, avançou alguns passos á frente dos seus amigos, e gritou:

— De Sevilha, ao acaso, fugindo aos esbirros da Gardunha...

— Como nos, replicou Eva.

E depois de ter consultado Pepe, disse mais:

— Quem vive?

O *gitano* pareceu hesitar, e, depois de ter conferenciado com outros homens da caravana, levantou o braço direito, e a voz, enchendo com esta todo o espaço que separava os dois grupos:

— Vive a memoria de Samuel!

— Não ha dúvida, opinou a bohemia, puxando pelo braço do seu protector, é gente amiga — temos bons guias para o caminho, ladinos, valentes e resignados... E' gente para tudo... Conhece as planicies e as montanhas e, n'umas e n'outras, descobre esconderijos maravilhosos que nos hão de occultar rapidamente aos olhos dos inimigos.

— Tanta confiança, Eva?

— Toda a Triana me conhece, e é tão capaz de fugir commigo, como de morrer por mim...

— N'esse caso, unamo-nos... Faze-lhes signal para que nos esperem, ou para que venham até nós.

Não foi necessario este accôrdo. Os ciganos acceleraram o passo na direcção da ribeira, e, á proporção que se approximavam d'ella, principalmente as mulheres e as creanças, faziam grande alarido, mostrando reconhecer Eva, a quem vinham já saudando de longe.

Um momento mais e os dois amantes foram envolvidos por um bando de mulheres, que os abraçavam e beijavam carinhosamente. Em diversos dialectos das Hespanhas, mas onde sobresahia por vezes o catalão, as saudações compunham uma algazarra festiva, declamada por entre gargalhadas de creanças.

Não restava a menor dúvida: a gardunha rebelde estava entre amigos e dos melhores, isto é, entre os seus companheiros de infortunio.

Que extranho espectaculo offerecia essa turva mesclada de sexos e de edades, n'esse extremo da vasta planicie, ordinariamente deserta e ardente como os areaes africanos! As côres dos fatos saltavam sobre o amarello

pallido da terra e verde-escuro do mato dos vallados e dos ramos das oliveiras, com todo o capricho da imaginação d'um scenographo moderno! Com profundo conhecimento da arte não se movem e dispõem, actualmente, as massas de coros e comparsaria nas operas mais exigentes dos primeiros theatros lyricos!

As côres não teem categorias — pousam, as que poderiam ser as mais fidalgas, nos vestidos dos mais miseraveis.

Quando ellas se isolam, ou se emparceiram, succede, ás vezes, parecem inferiores, tristes, desengraçadas — mas quando todas se apertam e abraçam, volteando umas por entre as outras, em linhas desharmonicas, quasi a confundirem-se, que esplendido matiz! As côres da luz do sol, decompostas através das camadas aquosas da atmosphera, davam uma idéa proxima d'essa serpente multicor que se movia n'aquelle chão, como se tivesse no dorso e em cada onda dos seus passos, o vermelho, o verde, o amarello, o azul d'esses saiotes de variado estofo, e peitos femininos cruzados de modesto algodão, de lã branda e de seda ruidosa!

Alli até os farrapos tinham colorido! Havia rasgões nas saias pobresinhas, e pendiam custosos amuletos e fetiches de ouro e prata sobre camisas brancas indiscretas e sobre cordões e alamares que amparavam, com mais graça que os espartilhos do nosso seculo, as curvas graciosas d'esses peitos...

Nos pés que sombria nudez! e tambem que variedade de sandalias de peregrinos, de borzeguins cahidos da mais requintada opulencia, chinelas mouriscas, lantejouladas, em desenhos symbolicos — e sócos de penitente!

As mulheres de tez crestada, linhas firmes e correctas, olhar negro e vivo, tendo a brotar descuidadas, dos gorros, lenços e capuzes, as melenas pretas como ébano, e luzidias á fôrça de oleos inodoros e gordurentos, lembrando o ébano polido.

N'estes costumes tão diversos, onde se podia descobrir estofos e feitios de fidalgos, de pagens, de gente d'armas e de villões, não se sabia bem que mão de artista afeiçoara galas e miserias tão differentes áquelle estylo original, unico, inimitavel — do uniforme cigano!

Que vestiam esses homens e essas mulheres? O que toda a gente remediada e rica tinha despido! Pois tudo isso, ao cobrir o corpo d'aquella raça, se modifica, se ageita, se afeiçôa, como se a educação, o feitio, os costumes ciganos, a toda essa farraparia houvessem imposto novas linhas, novos adornos, e até nova applicação!

Os homens mais velhos envolviam-se em capas de mendigos ou de cavalleiros, e os mais novos alargavam gibões e cintavam os pelotes por

forma a deixarem ver o alçado petulante do busto, os requebros dengosos da cintura e a firmeza muscular de todo o corpo.

As creanças reflectiam todas as varreduras dos vestiarios de principes e miseraveis, apresentando-se ensaiadas, com abundancia no rodado, junto da fimbria, sem prejuizo dos quadris escorridos e descahidos até a região dos folhos.

Muitas porém, muitas, por signal as mais pequenas, teriam a nudez por habito, se lhes não cobrisse o ventre e as coxas um trangalho de camisa mal segura por uma passadeira a um dos hombros apenas.

Ligeiros, vivos, faladores, todos elles — com gesto largo e voz enfatuada e forte, a contrastar com a firmeza do rosto e o olhar doce e penetrante.

Dir-se-hia bem que aquella caravana era resultado d'um connubio que a sciencia e a historia não confirmam — entre a raça andaluza e a egypcia — entre o alcaçar e a fonda — entre o christão e o judeu!

Estabeleceu-se uma grande feira junto da ribeira caudalosa.

Como se tinham feito, ao longe, sob as oliveiras, fez-se alli, á sombra do juncal.

Emquanto as mulheres festejavam Eva, os homens saudando-a tambem, mas sem interromperem a faina do acampamento, iam dizendo:

— Que Deus te salve, Eva, já que tiveste um homem que te ajudasse.

— Adeus, pequena — diziam outros — trazes gula de confiança, ou arranjaste postilhão do acaso?

As mulheres, então, interrogavam como os homens, mas com mais insistencia que elles, que perguntavam para mostrar interesse, mas não esperavam resposta.

— Dize-me, pequena, perguntou uma cigana das mais ataviadas, foste tu que fugiste da Gardunha, ou a Gardunha que te despediu?

— Chegou o momento, Lola, de me livrar de crimes, a que sempre fui avessa...

— E de te entregares ao amor, que já não te mette medo...

— E' sorte, Lola, é sorte, e Deus me diz que acertei..

— Apresenta-m'o, Eva, quero conhecel-o, e até, pedir-lhe que seja dos nossos...

— E por que não? Se elle é meu, como não ha de ser da familia, que sempre me amou e defendeu?

— E quem te não amaria, Eva, disse uma rapariga das mais vivas e alegres — ovelha desgarrada nunca esqueceste o aprisco...

— E' que ella nunca se esqueceu de que era cigana como nós...

— Mas agora, parece que não escolheste entre os nossos homens...

— Dá-me um beijo, Euphemia, e acredita que o meu Pepe tem o coração do melhor bohemio e, em auctoridade e respeito, não fica abaixo do nosso *rei*.

E um bando de raparigas cercaram Eva, abraçando-a, e pedindo-lhe:

— Mostra-nos o teu Pepe, que havemos de baptisal-o pelo Natal, e casal-o comtigo na primeira oitava do mez que vem...

— Olá, companheiros, disse Eva, abrindo clareira no meio da turba. Homens, mulheres e creanças, vós todos que me conheceis e amaes, deixae-me apresentar-vos o meu primeiro, unico, e ultimo amante...

A faina interrompeu-se, e o bando fez circulo á roda de Eva, que, puxando por um braço o seu noivo, o acclamou com altaneira majestade:

— Apresento-vos o meu salvador, um rapaz, cuja espada vale mais que a armaria toda da Gardunha, e que arriscou a liberdade e a vida para salvar uma pobre rapariga, fraca, captiva e honesta. Eu disse honesta, deante de vós todos, para que me desmintaes, se julgardes que estou enganando um homem de bem.

— Sim, sim, respondeu a grande assembléa, Eva é digna do nosso respeito e da nossa estima.

O cigano mais velho adeantou-se e dirigiu-se a Pepe, extendendo-lhe a mão.

— Pelos privilegios e tradições da nossa raça, e em nome de nós todos, que honramos, por costume, o trabalho e a familia — pelo odio que temos aos nossos perseguidores e pela fé com que enlaçamos mouros, christãos e judeus, te agradecemos, meu rapaz, o que fizeste por esta rapariga, e te offerecemos, em paga, os nossos braços para a defesa e para o ataque. Tens n'estes despojos d'um grande povo um punhado de guerreiros tão resistentes para uma fuga armada por todo esse mundo, como para uma rebellião contra o imperio da Inquisição e o throno restaurado de Fernando V.

— Sou nomada e bohemio como vós todos, com patria incerta, consciencia livre e apenas com o coração prêso aos encantos de Eva, da vossa familia e da vossa seita, respondeu Pepe.

Pepe viu quási toda a caravana trepando a margem opposta e, silenciosamente, desapparecendo por entre os juncos...

N'este momento ouviu-se ao longe um assobio muito trinado, o que fez parar o chefe dos ciganos.

— Máu, máu! — disse elle — Temos visitas de cerimonia... E' necessario apressar a faina.

O signal repetiu-se mais prolongadamente.

— E vem a familia toda! Não ha outro remedio .. E' necessario prevenir os servos de que não estamos em casa. Anda, Pepe. vem commigo.

— Agora me lembro, meu velho. que deixei no caminho uma sentinella que não avisa, e que pode denunciar-nos...

— Como assim?

— E' o meu cavallo morto...

— Diabo, diabo!

— Deixa-me junto d'elle. Muito me fazes. salvando Eva.

— Espera, disse o velho, batendo na testa. O cavallo serve-me. Tu monta n'um d'aquelles que vão já partir. Para ti um dos vivos. para mim o morto...

— Não comprehendo!...

— Pois vaes comprehender. Não te disse que tinhamos armas — porque tinhamos ardis?

— Disseste.

— Pois bem, replicou Zampa, fazendo signal ás atalaias que estavam juntas do arvoredo. Monta o melhor d'esses animaes, e parte, e voa, e volta...

— E o morto?

— Vou deital-o na ribeira...

Pepe montou, mal lhe trouxerem uma das azêmolas.

— Obrigado, Zampa, véla por Eva e eu provarei que sou por ti.

Os apitos tornaram-se mais frequentes.

— Não ha dúvida. Sevilha não se esqueceu de nós. Os gardunhos, ou os esbirros, ou a gente d'armas ao serviço da Inquisição, veem seguindo-nos as pisadas... E deve ser grande a embaixada... Não tem mandado mais luzida até Roma. o meu rei, o sr. D. Manuel...

Pepe, entretanto, ia olhando as curvas da serra e os atalhos que affluiam á planicie.

— Temos tempo de sobra. Logo que partas, Pepe, não te arreceis da subida. Quando tiveres galgado aquella encosta, e indicou-a com o dedo, terás na tua frente um desfiladeiro, que só o teu garrano descerá com firmeza. Os meus bichos só conhecem difficuldades... Quem te seguir descerá sob as patas dos seus ginetes catholicos... Não te esqueças de que estamos governados por uma louca... Endoidece tambem... Quando te vires livre da escarpa encontrarás uma ribeira como esta... Estas serras não fazem senão cuspir para as searas e olivaes... Mette esporas, que esse bruto conhece Cordova como eu conheço os dedos das minhas mãos... Galga-a d'um salto. ou passa-a a váu. se não houver corrente. Olha que

os cavallos de Deza são brutos de juizo e não se mettem em aventuras... E que Deus vá em tua companhia.

— Obrigado, chefe, pelos teus conselhos; farei quanto disseste. Deixa-me porém confessar-te uma coisa... Preferia ser apanhado, a partir sem me despedir de Eva.

— Pois seja, disse o velho, placidamente, como se tivesse muito tempo para fugir ao perigo que o ameaçava.

E, gritando para a outra margem, foi mandando sem tomar fôlego, com a pausa que acompanhava o cumprimento das suas ordens.

— *Cordovez, Venusto, Perro, Serilhano,* e mais quatro — atirem para o charco, de maneira que fique entre as pedras da cascata, esse miseravel ginete, que não apprendeu a galopar sem comer...

— Poucos momentos depois ouviu-se cahir com grande ruido, e levantando a agua escumante a grande altura, o cadaver do pobre Lucero, que ficou com a cabeça a descoberto — a cabeça e as mãos.

— Está bem, está bem... Com a prôa de fora e os farrapos da vela, percebe-se bem, que foi aqui que naufragou o baixel... Está bem! Agora chamem Eva.

— Meu querido Zampa, isso não é necessario; aqui estou transformada e decidida!... Jurei que acompanharia Pepe... Quero ser companheira e não carga. Aprompta-me, Zampa, outro voador, que nos desfiladeiros e nos riachos não me deixe ficar atraz. Já não sou mulher — sou homem — Adão, se me derem licença...

— E não ficas peor, *gitana*... Com esse fato de *guapo*, vales mais que uma *serena*.

Por entre o juncal, que se abrira para lhe mostrar o vulto, apresentara se Eva, vestida com o fato do *muchacho* mais garrido d'aquella tribu.

A pequena estava deveras bonita! Agora é que se lhe distinguiam bem as linhas do vulto airoso! O luxo mais requintado d'um sevilhano atrevido a revestia, firmando-lhe a perna bem lançada e alcançando-lhe o corpo em linhas varonis e elegantes. A cabeça erguia-se-lhe a capricho, sobre as disfarçadas curvas do collo, com a garganta nua e o cabello curto e annelado, como o de Pepe. Um pellote de velludo lhe occultava a estreiteza da cintura: e o braço direito se apoiava com garbo n'um cajado nodoso e ferrado.

Estava deveras bonita a pequena! Havia audacia n'aquella attitude, audacia elegante, que só pode ostentar um principe entre ciganos, ou uma mulher vestida d'homem com os fatos do seculo XVI! Nunca brilharam tanto, e pareceram mais formosos, os seus grandes olhos negros e bem guarnecidos! A tez, levemente crestada, fazia-lhe realçar os dentes bran-

cos a mostrarem-se n'um sorriso entreaberto. Nos borzeguins grosseiros, e que destoavam do resto, havia uma só espora.

Era já o preceito de equitação de que nos falou, ha setenta annos, Fernandes y Gonzales, quando affirmava que o hespanhol, ou melhor, o *gitano,* entende que meio cavallo arriado faz andar a outra metade.

— Que é isso, Eva? disse Pepe.

— Que é isto? Nada mais simples! Prometti acompanhar-te em todos os perigos, não é verdade? Parto comtigo. Pepe, perdeste uma mulher, mas ganhaste um pagem... Irei a teu lado. Antes morrer assim que viver longe... Queres voar? Tambem eu. Os vestidos prendiam-me as azas. Estou mais leve... Era a tua amante; serei o teu amigo, ou o teu escudeiro. Tinhas dois amigos, não é verdade? Pois bem, fica o que morreu; o outro, que vive da tua vida, segue-te.

— Pois seja, disse Zampa — e monta, á tua escolha, um d'estes voadores, que seguirá Pepe, como se fôsse, pelo céo, n'uma sarça ardente! Salta, pequena, que já vejo empoeirada a margem da ribeira.

Eva apontou o cajado á agua, deu um pulo sobre a cabeça do Lucero, outro sobre um rochedo mais saliente, chapinou um pouco sobre o lôdo, e afinal saltou junto de Pepe, batendo os pés para os enxugar...

— Queres então acompanhar-me, Eva? perguntou Pepe sem tirar os olhos da nuvem do pó que se approximava.

— Sim, respondeu a gardunha, estribando-se alegremente no cavallo que Zampa segurava...

— Pois seja — Partamos... Quem sabe se as azas do Amor nos darão maior avanço?...

— Toma cuidado, Zampa, disse a pequena sopeando o cavallo que já arremettia, ao lado do seu companheiro — este fato é da vossa gente — se eu não voltar tomae em troca o que deixei á sombra do juncal...

E Pepe e Eva romperam n'um galope cego, serra acima, e, em poucos momentos, elles se desenhavam no horizonte a precipitarem-se no desfiladeiro da vertente opposta.

Se não voavam, pareciam tal fazer, que até, ao sumirem-se, dir-se-hia melhor que elles tinham ido pelo céo dentro, e não descido uma ingreme ladeira!

O vulto de Zampa precipitou-se na grande volta, e, quando reappareceu no outro lado, abriu violenta e rapidamente os juncos enleados e desappareceu n'uma garganta negra que a terra tinha aberto para o tragar!...

LV

A caçada

A cavalgada tinha chegado emfim.

— Alto! disse o capitão, voltando-se repentinamente e levantando a espada, aqui ha agua fresca e abundante...

Os cavalleiros estacaram...

— Agua fresca?! E talvez peixe... Foi para estas bandas que ouvimos signaes que se apprendem na Sierra Morena.

— Cuidado, disse o capitão, respondendo ao gardunho, que estava a seu lado. Em toda a parte ha uma ribeira que embaraça o caminho e é logar de grandes surpresas... Cuidado, pois.

— O melhor seria pesquisar estes sitios. Não ha que duvidar... Ha pouco passou gente por aqui. Ora veja, sr. Henrique Nunes...

— Cá estão bem assignaladas as patas d'um corcel... Ha por aqui muita terra revôlta... O animal fez mais que parar... Parece que tambem se chapou...

— Apeemo-nos e que alguns homens busquem na ribeira vestigios dos ardilosos fugitivos...

— Não acrediteis em tal, capitão; quando um rapaz e uma rapariga fogem, não empregam ardis... Vão pelo caminho mais curto, que é o mais direito... Além de que, é bem conhecido o cavallo de Pepe.

— Como quizerdes, senhor, faremos o que ordenardes. Eu commando a fôrça e vós planeaes as pesquisas. Emquanto não houver alguma cilada, podeis contar commigo.

— Tendes razão, capitão, eu irei examinar a margem, que para isso tenho razões de sobra. Como vêdes, d'este lado, não vejo signal de pégadas no pó que vae até a serra. Meu caro capitão, aqui houve novidade... Fazei que seis homens me acompanhem, que preciso de descer á ribeira por esta abertura do juncal.

O capitão mandou apear seis homens, que seguiram Henrique Nunes.

Mal este se embrenhou, exclamou, revelando surpresa...

— Bem dizia eu! Cá está a pelle da vibora...

E levantou do chão os vestidos de Eva.

— Tal qual! E' provavel que se tenha despido para entrar na agua... Se passou para o outro lado, já deve ir muito distante...

E, ainda o servo de Deza não tinha acabado de fazer estas reflexões, e já um dos seus companheiros lhe gritava, mais surprêso ainda:

— Ha um cavallo entre os rochedos, patrão!... Vinde ver. Houve desastre sério.

— Foi Deus que fez justiça antes de nós, opinou o famulo. Perderam-se onde esperavam salvar-se... A cachoeira é forte, e os escolhos só detiveram a alimaria.

E Henrique Nunes debruçava-se para ver melhor as curvas do riacho.

— Foram-se pela agua abaixo... Sem cavallo e sem fato é que elles não podiam seguir. Entretanto, todo o cuidado é pouco. Vamos, rapazes, cruzae de lanças todo esse matto, não esteja a caça escondida, e banhae as depois n'esses novellos de escuma, que os cadaveres dentro d'agua são mais rijos que o lôdo e que os limos.

E os homens cumpriram estas ordens com actividade e prudencia.

Alguns desceram a ribeira e atravessaram-na nos pontos mais estreitos, e, de um e do outro lado, se fizeram pesquisas, sem resultado.

Henrique não estava satisfeito — os vestidos de Eva e o cadaver do cavallo não eram uma explicação, mas um mysterio... Que devia elle fazer n'aquelle caso? Avançar?

Para que? Como se poderia suppor que os fugitivos se atrevessem a seguir a pé pelos caminhos... Que conveniencia teriam elles em se desfazer do seu melhor companheiro?

Para que se despiria a rapariga? Para apagar todos os vestigios e seguirem depois de casal em casal?... Mas tudo isso denunciava auxilio de extranhos! Talvez que tivesse passado por alli alguma caravana, e elles a tivessem acompanhado...

N'esse caso, se os encontrassem, a prisão não se poderia fazer sem lucta... Alli estavam poucas lanças, e os salteadores andaluzes, sem mesmo contar com os gitanos, não eram gente para combater em campo aberto...

Avançar era accordar as emboscadas... Tambem se podia ter dado um crime!...

Talvez que Pepe fôsse assaltado de noite, e, depois de matarem o cavallo, lhe roubassem a rapariga... Tudo podia ser. . Com a serra não é bom brincar. Alli, ou houve um desastre ou um combate... O rapaz era

valente e devia tambem ter feito estragos... E, comtudo, não havia uma gôtta de sangue!...

O espião perdia-se em conjecturas e sentia-se já muito ferido no seu orgulho de caçador...

Tinha recebido noticias durante a correria e até sabia a que horas, na vespera, os patifes tinham passado em algumas povoações.

Não podia ter sido senão o ataque, a morte, ou o roubo...

Os salteadores levaram comsigo os cadaveres. Era esse mesmo o costume n'essas aventuras dos bandidos serranos... Ficára-lhes o cavallo, que era muito pesado... O peor era que o cavallo ficara na posição que resulta d'um salto infeliz... Um cavallo morto não fica assim quando o arremessam... O animal batera com os peitos sobre o rochedo, e ainda tinha as mãos na posição em que voara... Provavelmente os fugitivos, sentindo a cavalgada do lado direito da ribeira, pensaram em atravessal-a. Era o melhor plano. Ou talvez, por causa do juncal, imaginassem que alli não havia aquelle fôsso e se precipitassem ás cegas... O caso era que tinham cahido os tres n'aquelle charco perigoso... A agua, correndo sempre, levou-os pela ribeira abaixo...

— Então, rapazes, ia perguntando o Nunes, nada?

— Nada, *meu senhor,* lhe respondeu o que estava mais proximo — nem corpo morto nem alma viva?

— Perdemos-lhes a pista. Algum de vós reconhece esse ginete?

— Vê-se que não é de alquilaria, apesar de nú.

— De nú?

— Bem se vê que não são, nem nunca foram arrieiros. Pois é pena, que ter cavalleiros que, não conhecem os seus melhores amigos, é o mesmo que ter ingratos ao serviço do estado. O habito não faz o monge. E' um cavallo de subido valor, dil-o aquella cabeça nobre e aquellas mãos, que, apesar de mortas, ainda parecem querer saltar da agua.

— E não achaes extranho que desarreassem o ginete os mortos que fugiram na corrente...

— Tens razão, meu rapaz, estes animaes que se despem são raros na Andaluzia...

— E ainda mais raros, quando despem fatos de mulher...

— Está complicado o negocio, está; e só vejo um recurso para que elle seja bem resolvido...

— Voltarmos para Sevilha?

— Qual! Esta ribeira maldita tem tratos e contratos com o diabo. Toca a reunir, que vou combinar com o capitão, que não teme o inferno, quando tem gente e armas ao seu serviço.

E Henrique Nunes veiu ao grosso da soldadesca a consultar o commando.

— Estou ás vossas ordens, respondeu o capitão, mal ouviu o plano do famigerado agente da Inquisição. E' possivel o que dizeis. Passaremos aqui o dia, que talvez á noite se veja mais e melhor.

— N'esse caso deveis emboscar a vossa gente pela margem da ribeira e pelo arvoredo da serra, d'onde ella se despenha...

— Quantos homens tendes?

— Quinze, mas chegam. Se o diabo trouxer a sua côrte, faremos uma retirada briosa, e iremos em busca de reforços.

— E se a cilada fôr de tal ordem que não haja tempo para uma fuga ordenada?

— Bater-nos-hemos...

— Seria conveniente que apenas espreitassemos... Tudo isto é mysterioso... Dois homens, ás vezes, representam duzentos...

— E tendes razões para suppôr tão grande resistencia?

— Tenho.

— Os *gitanos*?

— Exactamente — Bem sabeis que da Triana houve uma emigração forte ha duas noites. O bairro resentiu-se. As ultimas rusgas deram o terror que os afugentou... Quem nos diz que os *gitanos* de Sevilha não ensaiaram um movimento de concentração em Cordova?

— Assim será. O caminho seria por aqui, e, n'esse caso, seriam os *gitanos* de Triana que teriam encontrado, n'este ponto, Pepe e a sua amante...

— E não é outra coisa. A serra deve estar bem guarnecida. Quem sabe se a estas horas ha dezenas de olhos postos sobre a nossa gente?!

— Sorri-me esta aventura, disse o capitão: não desejava voltar a Sevilha sem levar algum resultado d'esta correria... Embora nos fugissem os rapazelhos, que ao menos lograssemos descobrir as furnas onde a *gitanada* se acoita com os bens da Inquisição.

— Se nos occultarmos com habilidade durante o dia, á noite soltarei alguns signaes, que talvez obtenham respostas...

— Entretanto, vou ordenar algumas correrias pela vizinhança.

— Dizei-me, capitão, acreditaes em subterraneos mysteriosos, como os das velhas lendas de nossos avós?

— Se acredito? Tenho d'isso a certeza. Quantas vezes, n'estas arriscadas empresas, julgo que as pedras dos caminhos podem ser os maiores e os mais perigosos inimigos com que eu tenha de luctar? Não é só o Santo Officio que tem cavernas espalhadas pelas Hespanhas... Vêdes

aquellas pedras brancas e polidas, que alli estão n'uma placidez que contrasta com as aguas impetuosas que as banham? Pois, eu, sempre que as vejo, me lembro, que ellas são porticos maravilhosos de esplendidas cavernas...

— N'esse caso receaes?...

— Nada receio. Pelo contrário, tenho a mais viva curiosidade de devassar esses segredos.

— Pois, hoje devemos ter ensejo para uma d'essas empresas...

— Em alguma parte deve estar escondido o ouro roubado ao santo tribunal... Como sabeis, os ultimos sequestros de bens feitos á judiaria e á mourama não teem dado lucros. A usura não tem accumulado nas uchas ferradas dos onzeneiros da Triana.

— Não ha, pois, que hesitar. Mandae alguns homens a descobrir horisonte no cume da serra, e acampae o resto pela forma mais discreta.

E assim se fez.

Alguns cavallos subiram fogosamente, e outros se resguardaram na ramaria mais cerrada.

— E nós? disse Henrique Nunes para o capitão.

— Nós vamos de passeio até a urzeira que reveste aquelle talude...

E, de braço dado, os dois homens foram arripiando caminho.

— Estamos sós, capitão, disse Henrique Nunes, interrompendo o silencio, que por alguns momentos nenhum d'elles parecia querer perturbar; estamos sós, e podemos conversar á vontade. Pareceis-me preoccupado.

— Eu? Estaes gracejando...

— Se a aventura se vos apresenta perigosa, poderemos reconsiderar...

— Parece-me que tendes medo! Bem se vê que não vestis o habito da guerra... A gente d'armas só tem medo da paz... As lanças e as armaduras dos castelhanos só se mostram pesadas quando não se movem...

— Sei qual é o vosso arrojo, e, se falo assim, é porque — não ser temerario — não é o mesmo que ser timido.

— Gente da minha raça, ficae sabendo, senhor familiar, quando não tem trabalho, procura trabalhos... Comprehendeis o que eu quero dizer? Que pertenço áquella gente que prefere procurar perigos a procurar homens!

— Ninguem vos contradiz, capitão. Sois homem de valor e tino, e tanto que o senhor arcebispo vos escolheu para esta empreza arriscada...

— Arriscada? Empregaes mal o termo... Isto não é uma empreza arriscada, isto é um passeio de sentinella...

— Sem resultado...

— Vel-o-hemos. Que grande victoria a de alcançar dois fugitivos, que vieram a beijar-se pelo caminho!...

— E que se fundiram ao calor d'esses beijos...

— Será assim, não o nego; mas que me deram uma excellente occasião de estudar uma terra onde ha o encanto das surprezas...

— Sois então do meu parecer — a caça está escondida...

— Com toda a certeza... E esta noite talvez possamos prestar um grande serviço a nosso senhor e amo.

— E se á noite apparecerem mais ciganos na serra que estrellas no céu?

— Isso fica por minha conta e da minha gente — a minha espada brilha mais que as estrellas, e vae mais longe que os punhaes.

— Tendes a imaginação muito viva, capitão, e insultaes os *punçantes*, como se não os conhecesseis!... Já vos disse que estamos sós. Podeis á vontade arrancar a mascara, que a vossa gente não vos espreita agora.

— Não vos entendo, acudiu perturbado o capitão.

— Tirar a mascara é uma maneira de dizer. E' como quem diz — desapertae a couraça, que monsenhor vos emprestou, e deixae-vos de alardes marciaes... Precisamos de conversar a serio e com franqueza.

— Temos injuria, sr. familiar?

— Seria injuria, se me tivesse sido impossivel, ou difficil, reconhecer, sob essa armadura de fidalgo e sob essa linguagem de valente, um dos maiores aventureiros da Gardunha.

— Peor é isso, senhor familiar, que vos suppunha menos sabedor dos segredos de sua eminencia. Reconheceis-me então?

— Como vol-o digo... Já vêdes que nos podemos entender...

O capitão pareceu meditar um momento, mas logo, sacudindo os hombros, respondeu alegremente:

— Pois sim, entendamo-nos...

— Conheceis o zelo da Inquisição em rehaver Eva para o serviço da Gardunha?...

— Dizei.

— E' que Eva é a gazua que se estava preparando para abrir os thesouros de muitas riquezas sonegadas... Aquillo não é uma *serena*, é uma pista... Ora, a pista é como a sombra d'uma pessoa — vae atraz de nós e depois passa-n'os ao lado, e afinal, extende-se-n'os na frente. Parecem diversas sombras e é sempre a mesma; pelo menos, vem sempre do mesmo vulto... Estaes vendo?

— Confusamente...

— Pois, eu me explico melhor... O nosso interesse não deve ser de correr atraz de Eva, mas de examinar a projecção da sua sombra. Ella chegou aqui, e as provas estão nos vestidos que abandonou e no cavallo que morreu. A sombra devia ter subido a serra ou descido a ribeira. Para lá não ha pista, para cá tambem não. E' como se a luz lhe batesse de cima — tem a sombra aos pés e confundiu-se com ella...

— Sumiu-se pelo chão! Assim o creio. Mas se temos caverna bem feita e disfarçada, não podemos abril-a por baixo de nós, que podemos fechal-a sobre nós... O mysterio nunca é gigante e nunca é pygmeu, quando o queremos de qualquer dos tamanhos.

— Ora, ahi está por que eu vos dizia que era melhor espreitar que ver. Para ver é necessario ser visto. O que está occulto? Nada, ou tudo. E á vista? Quinze gardunhos! se nada está, estamos bem — se está tudo, tudo está perdido. O nosso dever é estudar a cova, contar e reconhecer os espectros... Se forem menos que nós, trataremos da vida accommettendo-os, se forem mais que nós, bastar-nos-ha a espionagem.

— Que resta?

— Tratar com elles sem os espionar e sem os accommetter!...

— Uma traição!

— Que importa isso? Tambem um dia havemos de trabalhar por nossa conta... Onde ha formigueiro, ha celleiro...

— Opponho-me, disse com violencia Henrique Nunes. Hei de entregal-os á fogueira a um por um, entregando ao santo tribunal o que elles tiverem roubado á egreja; mas negociar com elles a impunidade — isso nunca!

— Falaremos mais tarde... Se houver conveniencia havemos de nos entender com elles... A questão é de preço...

— N'esse caso, em cumprimento do meu dever, entregar-vos-hia, a todos, á justiça de Deza.

— Que nos explora...

— E que vos defende do estado e da egreja — a vós que sois ladrões e assassinos.

— E o que é elle então que nos aproveita e absolve?

— Um justo, que...

— Calae-vos, senhor familiar, que tendes de me obedecer. Bem ou mal, eu sou o capitão da guarda.

Henrique Nunes ficou quieto e mudo, mas em attitude de quem escuta.

— Ora vamos, socegae que todos seremos rasoaveis. Se houver lucta nós vos defenderemos, apesar do preço que os gitanos offerecem pela

vossa cabeça; se houver ajuste dar-vos-hemos um bom quinhão. Estaes contente? Então que quereis? Gardunhos assim armados não devem só empregar o tempo á caça de gente amorosa. Nada dizeis? Em que estaes pensando?

— Em que estamos todos perdidos, respondeu Henrique Nunes, apontando a serra e a ribanceira. A turba rebentou do juncal, e a vossa gente a esta hora está esmagada... Anda, Gardunho, apaga as estrellas com o brilho da tua espada!

— Fujamos, fujamos, gritou o falso guerreiro.

Não tiveram tempo para escolher a direcção. Um bando de *gitanos* que lhes cortára a retirada, lhes gritou com furôr:

Sos les galafares te jallipen.

E logo traduziu, para que o gardunho e o famulo comprehendessem a praga:

Que los perros te coman.

A Inquisição e a Gardunha estavam alli vencidas pela matilha dos vagabundos.

Fujamos, fujamos, gritou o falso guerreiro

LVI

As cavernas

Chamemos-lhe assim — cavernas — que é um nome que melhor corresponde á habitação das féras. Não se lhe chamando assim, então *antro,* que tem propriedade egual e fala com precisão da eterna morada das duas especies sórdidas do mundo animal — os brutos ferozes e os vagabundos miseraveis.

Ao chegármos a estes subterraneos, onde a raiva e o odio eram filões em negras e infectas galerias, não é nosso proposito pedir á imaginação phantasista maravilhas lendarias, que sejam grosseira imitação dos horrores dantescos com que já foi escripto o averno.

A realidade, que temos de descrever, é vista á luz baça da historia imperfeita... As furnas, que minaram as serras temerosas de paizes impropriamente ditos civilisados, nada teem de commum com os palacios subterraneos, que encontramos nas lendas mais ousadas, que parecem sonhos de poetas ou delirios de dementados.

Falamos de cavernas authenticas cuja existencia póde ser verificada em nossos dias, em tantos vestigios e com tantas provas, como se verifica e prova a existencia das cidades velhas e perdidas, nas ruinas esfarpadas do Egypto, da Grecia e de Roma.

Não queremos justificar, com a natureza vulcanica das montanhas da Italia, as lendas mythologicas que nos falam do fogo e do fumo que sahiam da caverna de Caco, mas com o derruido amphitheatro romano, nos seus degráus interrompidos e nas suas columnas tombadas e partidas, mostrar que existiu o Colyseu, onde os gladiadores morriam saúdando Cesar!...

Desde a morada primitiva dos homens e dos brutos, confirmada pelos fosseis que mais enriquecem os estudos paleontologicos, passando pelos abysmos em que os carbonarios faziam germinar as sementes das velhas civilisações, e pelas catacumbas dos párias, marcados com a *chresta* da

escravidão, quando estava já moribundo o paganismo do occidente, a caverna tem sido o ninho de todos os crimes e de todas as virtudes sociaes!

Em toda a parte da terra onde as lagrimas dos opprimidos e o calor da ideia teem feito enraizar e florir o amor e a liberdade, a terra recebeu em seu seio, envolta em sombras e miseria, a gente d'uma raça proscripta ou d'um povo mortificado.

A velha imagem da oratoria, desacreditada pelo abuso dos declamadores, e que nos falava da arvore da liberdade regada com sangue dos martyres, ha de ter a sua historia verdadeira e a sua suggestiva philosophia, sempre que nos lembrarmos de que tem sido do seio uberrimo da terra que pisamos, que rebentou, como as ervas, as cearas, as flores e as florestas, ao influxo da civilisação, os progressos do trabalho, a moral mais justa, a sciencia mais util, a revolução mais reformadora!

No subsolo está mais que o grande arsenal da natureza, com a sua fecundidade indomavel trabalhada pelos elementos cyclopicos que a revolvem; estão tambem, misturadas com essas forças e esses mysterios, as forças da humanidade e o segredo dos seus infortunios.

Na vida de todas as nações a barbarie e a tyrannia, isto é, os altares da ignorancia e os thronos da força, começaram a oscillar e cahiram desconjunctados ou desfeitos, porque no subsolo, como se a razão e a justiça andassem n'elle em linguas de fogo e em caudaes refrigerantes, o cerebro humano dirigiu a oscillação, e o braço revoltado a executou!

As cavernas, as catacumbas, as sinistras e subterraneas galerias por onde, em ondas afflictas, entravam os escravos, os proscriptos, os perseguidos, os miseraveis, foram sempre, em todos os seculos, no alvorecer de todas as civilisações — officina, caserna, eschola, albergue e hospital — onde o direito, a justiça, a razão, a liberdade, a moral, a fé e o amor se geraram, crearam, adextraram e venceram!

A terra mãe, no seu utero collossal e vigoroso, que o infinito amor de Deus fecunda com os beijos ardentes dos seus soes e os germens maravilhosos do seu orvalho, não tem gerado apenas a rocha, o metal, a lava; mas tambem a idéa que rege a vida do homem — resistente como o granito, preciosa como o ouro e ardente como a cratera!

Cada episodio, cada cataclysmo, cada conquista, descriptos, quer nos episodios da tradição decorada, quer nos que estenographam os documentos dos archivos, as pedras dos monumentos e as inscripções das pedras, apparecem na historia universal como um producto dos obreiros, que nas sombras dos clubs subterraneos lograram reunir-se, pensar e resolver.

Parece que o instincto arrasta o homem, asphixiado na atmosphera

viciada do despotismo, a refugiar-se nas trevas para concertar a idéa do protesto e a obra da revolução!

Parece que os miseraveis, que perdem a esperança e desalentam o braço, ao cahirem, como se fossem o Anteo da fabula, é na terra — que tocaram, que encontram fé que os exalta, esperança que os fortalece, e caridade que os associa.

A ardente imaginação popular, os contos da lareira, a velha litteratura, que explorava o sobrenatural, o maravilhoso, o ultra-romantismo fundado em mania diabolica ou em feitos de thaumaturgo, sonhou sempre com as aventuras dos palacios encantados, construidos, illuminados e enriquecidos nas entranhas da terra.

Assim como as passadas gerações, que dominaram no occidente, creavam a visão, no seu anceio de descobrir o mundo e buscar riquezas, de grutas de pedrarias scintillantes nos muros da mysteriosa Ophir, assim as creanças, emquanto sorriem credulas, e os povos, que são as eternas creanças do mundo, teem acreditado na vida subterranea cheia de encantos e de maravilhas das *mil e uma noites,* ou dos contos de Perrault.

Não são d'essas as cavernas de que teem rebentado as grandes revoluções sociaes... Muito menos são d'essas as cavernas dos ciganos, que no seculo xv invadiram a Europa, e no seculo xvi a Europa perseguia ou explorava — perseguia em nome da religião, expulsando-os dos seus bairros miseraveis de Cordova, Granada e Sevilha — explorava em nome da Inquisição — recrutando, entre elles, os mais fracos e viciosos para a milicia da Gardunha.

Os ciganos não cavavam a terra para a semearem de novos ideaes, de novas crenças — ou para organisarem a resistencia ás perseguições que soffriam; os ciganos preferiam as sombras á luz, a grosseira architectura das tocas abertas nas serras á das cabanas mais primitivas sobre os campos da Andaluzia, porque temiam o roubo do que tinham ganho ou roubado, a morte e a violação das mulheres a cujo amor tinham direito privilegiado, em nome da sua religião e do seu ciume, e, emfim, porque, como as abelhas, não queriam que animaes d'outra raça e d'outros costumes, descobrissem os segredos do seu mel e o feitio das suas colmeias.

Os ciganos mettiam-se pela terra dentro, e n'ella tinham thalamo, berço e sepultura, não porque tal preferissem á luz do sol e á sombra das florestas — Escondiam-se no subsolo porque não tinham azas...

Tivessem-nas elles, e Deus sabe se, no seu anceio de isolamento e de mysterio, não prefiririam formar os seus ninhos, como as aguias nos rochedos mais altos, ou como as andorinhas nos beiraes das aldeias?!

Bafejados pela tolerancia, é certo que hoje lhes é facil preferir, como

succedeu aos antigos lenhadores e carbonarios, abandonar o mundo das raizes e respirar no seio das florestas.

Ah! mas n'aquelle tempo! Ah! mas n'aquelle tempo, e em terras de Hespanha, todo o cigano tinha, na propria sombra, a figura de um esbirro, e nas mãos, o cajado do proscripto...

Christão, mouro ou judeu, se não roubasse e matasse em proveito da industria dos papas ou dos reis, bastava-lhe o mysterio da sua existencia, a maldição da sua origem e os exorcismos e magias da sua industria para que, á frieza que os acolhia quando chegavam ao povoado, se seguisse o calor das fogueiras que illuminavam os autos de fé.

Muitas vezes, milhares de vezes, crepitou a lenha do Santo Officio para cremar corpos de infieis; mas o que abunda nos archivos, e que até em maior quantidade pode ser visto em a nossa *Torre do Tombo*, são as sentenças pronunciadas contra o exercicio de feitiçarias!

A Inquisição deu sempre á *Buena dicha* fóros d'uma religião protestante, tão perigosa como os scismas allemães!

Os ciganos escondiam-se, por natural instincto de insociabilidade com as outras raças, e até por sordidez e cobardia.

Como tinham leis proprias e não queriam reconhecer as alheias, apartavam-se do mundo e preferiam viver como os vermes e como as féras!

O azorrague da egreja aggravou-lhes essa tendencia...

A' proporção que iam sendo perseguidos foram pedindo á terra que os occultasse. Começaram por occultar o pão, e acabaram por occultar a cabeça...

As serras de Hespanha converteram-se durante um seculo, n'um crivo de minas, em cujas galerias soavam cumulativamente ruidos de beijos e pragas de maldição.

Evidentemente esta proscripção inutilisa os homens para o trabalho e educa-lhes o espirito para a rapina...

Assim, no subsolo da Andaluzia, havia uma sociedade inimiga, e, como era relativamente pequena e fraca, adoptára a guerra de emboscada, ou melhor, as sortidas nocturnas.

Os saques feitos por vezes aos fructos dos campos e aos recoveiros da estrada, em vez de lhes denunciarem os esconderijos, se houvesse n'aquelle tempo policia fora dos grandes centros, creavam á roda d'elles uma zona isoladora com o terror dos que prezavam a sua fortuna e dos que temiam os duendes e os espectros.

Assim, um pedaço de rocha e uma moita de giestas bastavam para apagar os vestigios d'essas cavernas que se abriam, no valle, á flôr dos

caminhos, e tinham uma sahida correspondente por entre as escarpas da montanha.

Como succede a muitas especies damninhas de escala zoologica, o cigano, só perseguido pelos homens ou pela fome, accommettia os viandantes, ou fazia correrias pelos casaes.

E, quando o fazia, se acaso lhe tremia o braço nos peores lances da aventura, não se lhe agitava a consciencia...

Se não os deixavam trabalhar, como não queriam ser roubados? Se os enxotavam como faziam aos cães, como não queriam que elles mordessem?

E elles viviam alli, nas trevas, amontoados, com frio e fome, se durante muito tempo não podiam agenciar a vida, as mulheres e os filhos! A moral christã prohibia o roubo, mas antes d'isso mandava dar de comer aos famintos e matar a sêde aos sequiosos! Era assim que, emquanto os reinos da Hespanha, como os da Italia, só cuidavam em centralisar todos os poderes e todas as forças nos sceptros dos principes e nas tiaras dos pontifices, no seu planalto e nas cordilheiras que o sustinham, exercitos de vagabundos e quadrilhas de salteadores levantavam um novo feudalismo de que as populações desarmadas eram tributarias e servidoras!

Era fatal essa consequencia.

Esses abysmos pareciam sombras d'esses outros covis que as ambições, o fanatismo e a maldade tinham erguido nas grandes cidades, á luz do sol e da civilisação!

Os reis catholicos tinham expulsado os mouros de Granada, e perseguiam-n'os em todas as provincias do reino — e os mouros, aterrados, lançaram-se ao mar, prendendo olhares de saudade aos Pyreneos e ás outras serras gigantescas que deixavam atraz...

Os ciganos não tinham sólo na Alhambra nem crença em Mahomet — isto é — não tinham nem patria, nem poder, nem religião!... Como não podiam viver aspirando o ar livre, e exercitar livremente a consciencia, enterraram-se vivos...

Entremos n'esse cemiterio...

* * *

Vamos, que para nós não pode haver segredos. Isso é bom para a gente da Gardunha que muito espionava os bairros de Sevilha, mas pouco conhecia das obras mysteriosas feitas pelos bohemios que andavam, aos

bandos, pelo mundo, arribando ora aqui, ora alli, mas sempre continuando e interrompendo as escavações destinadas ao abrigo da sua raça!

Com o mais religioso segredo guardavam entre si a carta topographica do paiz invadido, e, de paes para filhos, iam legando segredos, planos, com tal precisão e nitidez que nunca, durante os seculos XV e XVI, um so dia deixara o braço d'um cigano de adiantar esse trabalho de mineiro por entre a rocha e a argilla.

A's vezes a planta do projecto d'aquelle albergue, por circumstancias que mudavam as condições do terreno, relativamente á cultura proxima dos valles ou ás correrias de gente armada pelas serras, soffria alterações profundas.

N'esse caso aproveitavam quanto haviam feito d'elles, ou os seus maiores, e a galeria subterranea mudava de direcção e ia abrir-se em ponto mais solitario e mais discreto.

Quantos animaes de inferior especie adoptam tactica egual?!

Como não havia o homem de conceber egual plano e revelar egual tenacidade!!

De verão, de inverno, em todas as estações, estes maravilhosos engenheiros trabalhavam com os mais grosseiros instrumentos na cidade subterranea que havia de abrigal-os dos vendavaes, que pareciam vir do céo, e dos outros que vinham dos homens, que lhes fugiam ou os lapidavam...

Quando mais não podia ser, ao menos uma pá de terra arrancada por uma creança, ou uma lásca de granito quebrada por braço adulto e musculoso!

E quando o vento, aos repellões, os sacudia das planicies, ou a intolerancia social os batia, como se elles fôssem uma alcatéa de lobos, quantos cahiam no escuro bairro em construcção, e a elle se recolhiam a um e um, de noite, silenciosamente...

Em muitos pontos até a natureza parecia auxilial-os no seu empenho, abrindo furnas, tão profundas e tão seguras, que mesmo pareciam estar convidando essas tribus cosmopolitas a refugiarem-se n'ellas...

E quem sabe se ainda, no seculo que descrevemos, desde que em nome de Deus se levantavam templos de ferocidade contra os homens, a terra, abrindo assim o seu seio, nas suas intimas revoluções, não quereria offerecer refugio e perdão aos foragidos das perseguições religiosas...

Não foi, decerto, só para os lobos e vampiros, que as montanhas da terra se moveram por vezes para deixarem depois, em caprichosa architectura, por entre barrancos e desfiladeiros, abysmos e armadilhas, palacios sob rochedos, de entrada angustiosa ou de largo portico e prolongado docel!

Era tão selvagem a vida e a moral dos homens, que lhe invocavam o nome, que bem podia ser que a Providencia, ao lembrar-se das féras, não esquecesse o homem, a melhor obra da Creação e a maior vergonha dos animaes!...

Mas não insistamos...

Conheçamos *de risu* esses refugios que tornaram notaveis as serras de Hespanha e que serviram de vasto e mechanico theatro de surprezas aos salteadores de todos os tempos e aos guerrilheiros de todos os partidos.

Emquanto a agua se despenha, aproveitemos-lhe o ruido para afastar os juncos e as giestas. Não vamos sós á empreza, ou sobracemos uma alavanca, que é necessario afastar o pequeno rochedo, que a cascata ainda salpica e que em parte mantem os limos viscosos e gottejantes.

Que o esforço não deve ser muito grande... A remoção faz-se mais á fôrça de geito que á fôrça... de fôrça...

É que o rochedo tem na base inferior a forma arredondada... Não havendo arestas e, assentando essa pedra magica nos bordos da abertura circular da caverna, dois esforços coincidentes na parte superior, irregular, mas aguda, dão o movimento de inclinação que nos ha de abrir o caminho.

Os limos ajudam a empreza, porque lubrificam a articulação, como se n'ella houvesse um gonzo da melhor justeza e mobilidade.

Afastado o rochedo e voltando as costas para as sombras que trepam pela escada subterranea, nada mais facil do que puxar sobre nós aquella porta natural, que de novo ficará tão junta da rocha da cascata, que até parecerá ser d'ella uma excrescencia.

Entretanto, a moita de giestas, livre do nosso vulto, que a abria, fechar se-ha tambem...

Voltemo-nos e desçamos...

Açouta-nos o rosto uma lufada quente e um cheiro que nos recorda o que sentimos quando nos approximamos d'uma jaula de féras nos jardins zoologicos.

E o ruido? Quem nos ensina a explicar, no diapasão da nossa penna, esse ruido que nos chega aos ouvidos e que vem, como a voz das ondas, batendo alterosas nos rochedos d'uma costa?

Nem parece apenas o ruido do mar e dos cachopos... mas o ruido d'um naufragio, porque, ás vozes do vento e ao choque da espuma, se junta alguma coisa que nos lembra a voz humana...

Parece, em verdade, que lá em baixo, ou na nossa frente, ha um naufragio que produz a orchestra infernal das chicotadas do vento, da revolta da agua e das pragas de gente que nada afflicta, amaldiçoando os elementos e pedindo soccorro ao ignoto!

Desçamos mais...

Como levamos comnosco, em guiza de companheiro e guia, um cajado nodoso, d'esses que nos firmam o passo nas ladeiras escorregadias, iremos com elle tacteando o espaço e contando os degráus que ainda descem.

Avistaremos, então, ao longe, atravessando os estalactites d'uma abobada em arcarias, uma fita de luz, que vem de cima, como o raio d'uma estrella e que vae cahir n'um circulo de fogo sobre o chão negro e humido...

E' uma luz que mais nos céga, que nos illumina! Ao avistal-a sentimos maior a escuridão...

Dir-se-hia que o sol, espojado sobre a montanha, espreitava com um raio do seu olhar, pela fenda mais estreita, os segredos d'aquella mansão!

Dir-se-hia que a Inquisição, sabendo que alli moravam as suas victimas, não podendo havel-as vivas e intactas, buscava atravessal-as com uma espada candente!... Mas essa espada mantinha uma linha tão recta e tão firme, como se tivesse pregado ao chão da caverna o peito d'um cigano.

E, para que a illusão fosse a mais perfeita, avançando ainda, veremos deitado de costas, com o peito illuminado pela ponta d'essa espada, o vulto d'um *gitano*...

Não o conhecemos, mas isso pouco importa.

Se elle é a primeira sentinella que guarda os maiores mysterios d'esse mundo sombrio, é melhor que o interroguemos...

Mas, não é necessario, que elle sentiu-nos os passos, e tanto bastou para que erguesse o busto e aperrasse o trabuco, que lhe dormia ao lado.

O pequeno disco do sol, ao vel-o de pé, fixou-se-lhe no rosto, tão vivo e penetrante que parecia com o reflexo illuminar os nossos vultos.

— Passae, disse o cigano com arrogancia...

— Como assim? Conheceis-n'os?

— Se não fosseis conhecido não terieis descido o primeiro degrau.

— Ninguem nos viu!...

— Dizei antes — ninguem vistes. Desde a abertura da caverna até aqui estão postados os nossos camaradas. Cada uma d'estas sombras tem dois olhos... Este sol não é para nós vermos, é para que vejaes que estaes sendo vistos...

— E se quizermos retroceder?

— Isso é mais serio... O direito de entrar quando se quer e o de sahir, nas mesmas condições, só o reconhecemos a esta luz. Ou sahireis quando sahirmos, ou tereis que fugir, ao sol posto, em companhia d'estes

raios que aqui brilham. Alli tendes a porta — e apontou a pequena fresta aberta na abobada da gruta...

— E se avançarmos?...

— Avançareis, promettendo que sereis discretos. O segredo da nossa vida não vae além da nossa raça! Somos uma sociedade á parte. Por todo o mundo se fala de nós, mas ninguem conhece os mysterios da nossa intimidade. Como não temos patria ninguem estuda os nossos costumes... Entrem, vejam, oiçam e calem. Ha aqui dentro muita verdade e muita mentira, muito amor e muito odio, muita ordem e muita revolta... a mais extrema miseria e os mais opulentos thesouros, a abnegação mais santa e a avareza mais sordida!

O nosso segredo consiste em enlaçar tudo isto fraternalmente... E' um laço de sangue... Perdoamo-n'os uns aos outros, e vingamo-n'os com o crime, em nome da justiça... Se Deus está lá em cima, onde uma multidão maior, mais unida e mais forte que a nossa, persegue, rouba, assassina, não deveis extranhar que nos dirija e governe, no seio da terra, o diabolico poder de Satanaz. E, comtudo, atravessando este paiz de miseraveis, cheio de trevas que envolvem o corpo e o espirito, encontrareis livres o braço, o coração e a cabeça... Lá em cima, onde ha céu azul, anda a gente coberta de lucto — aqui ha sorrisos d'amor e d'alegria! Quando sahimos d'aqui levamos os dentes a ranger, como os dos lobos quando descem ao povoado. Se entramos, trazemos um sorriso a esvoaçar-n'os sobre os dentes! Podeis avançar sem medo, que não encontrareis no vosso caminho nem frades, nem esbirros... E' possivel que vos roubem, é possivel... Miserias, quaesquer migalhas, que ámanhã podereis rehaver com o trabalho, e que vos livrarão de desgostos como as mésinhas que pagaes ao physico e ao herbolario!... Somos uma tribu de bandidos, porque cobramos o imposto á moda de Cesar e de Fernando V, mas não tributamos senão a riqueza — esses montões d'ouro que desnivelam a superficie do mundo social. O vosso melhor capital será respeitado — isto é — a consciencia não será violentada. Nada nos incommoda o que trazeis no coração... Lá em cima roubam-vos o coração e o bolso. Se trazeis dinheiro tereis de o deixar, mas se trazeis fome podereis comer. Somos afinal de contas uns bandalhos... Os da Inquisição são mais — foram promovidos a bandidos!

Se não vos envergonha a nossa categoria, vêde, ouvi e calae...

— N'esse caso ficaremos!

LVII

O Pandemonio

Que Milton, o grande cego vidente do seculo XVII, o inspirado auctor do *Paraizo Perdido*, nos perdôe o uso que fazemos da palavra que elle creou para significar o palacio de Satanaz.

Não pode a nossa penna escrever outro mais proprio para indicar, como se tivessemos de profundar os tempos primitivos e os tempos biblicos, ou os aspectos da vida phantastica, que demora para além dos limites da vida da natureza, das sombras do cháos, dos esplendores da Divindade, emfim d'essas regiões confusas, indefiniveis, imaginarias, que só podem ser vistas pelos poetas, pelos crentes, ou pelos allucinados, aquelle mundo subterraneo a que se acolhiam cheias de lucto e sangue, de odio e medo, todas essas caravanas de proscriptos, fugidas ao incendio da intolerancia da Egreja.

Pandemonio — demonio e tudo — é mais que uma palavra fundida ao calor da renascença litteraria que deu as mais bellas epopêas que se chamavam — *Jerusalem, Lusiadas* e *Paraizo* — é uma synthese admiravel de quanto de violento, de miseravel, de irregular, apaixonado e revoltado, pode conceber um cerebro humano, ao perder a felicidade promettida por uma religião de paz, por uma moral de generosidade, por uma philosophia racional, isto é, por leis de justiça e de amor!

Sim, o abrigo dos ciganos, em cujos habitos e costumes se refugiavam christãos novos, mouros e judeus — era um verdadeiro *pandemonio* — o grande e occulto abysmo em que se sobrepunham e misturavam as lagrimas e o sangue das victimas, as cinzas dos grandes incendios, as pragas dos terriveis desesperos, as migalhas salvas das espoliações e os idolos despedaçados sobre as ruinas dos altares.

Terrivel amálgama de raças, de sexos, de religiões, de idiomas, de edades e de sombras!

Que espirito, que força poderia reger os destinos d'este mundo, a que

voltavam os que tinham sido expulsos do Paraiso da civilisação, pelo látego da intolerancia? Pelo espirito de Satanaz, pela fôrça do odio e da vingança... Por Satanaz e por tudo que andava revolto e perdido no mundo cosmico e no mundo espiritual!

Despojos de grandes luctas, esperanças que esvoaçam como aves feridas por mão certeira, foragidos de todos os cantos do mundo catholico, consciencias marcadas com o estygma da Inquisição, escravos que arrastavam pedaços d'algemas, heresias brilhantes e quentes como as chammas d'um sol, e blasphemias crueis e torpes a germinarem em cerebros doentes — congregae tudo isto e tereis o concilio dos desesperados, que merece o nome de *pandemonio*.

*

Ora vejamos:

Ao fim da longa galeria da entrada, vinham encontrar-se braços mais estreitos, de remate mysterioso, porque ora pareciam pequenas aberturas logo fechadas á distancia vulgar d'uma cella, ora principio d'um longo caminho de sombras em busca d'algum raio de luz que descesse da montanha!

Algumas d'essas aberturas, na verdade, mostravam, muito ao longe, uma claridade tão fraca, como se viesse coada pela bôcca d'um tunel que fosse serpenteando e subindo...

Dir-se-ia que a galeria do centro era a espinha d'um grande vertebrado, em decúbito dorsal, e cujas costellas arqueadas trepassem regularmente para se juntarem no sterno formado, talvez, por algum rochedo a descoberto n'uma das ondulações da montanha.

Era noite? era dia? Insignificante pormenor! Onde a luz do céu tão raramente penetrava, havia, a toda a hora, presos ás muralhas ou fumegando em lampeões cravados na terra, archotes bem untados de óleos e resinas — e aqui e alli, como se o fôgo rebentasse da terra, pequenas depressões no chão de rocha e argila, onde eram queimados, por chamma azulada, pedaços de tojo, lenha miuda e plantas seccas em banho de liquidos inflammaveis.

Nas galerias inferiores e apagadas havia um formidavel bric-a-brac formado por objectos de diversa grandeza e feitio, entre os quaes se destacavam fardos feitos com pelles de animaes, uchas grosseiras de madeira branca, e surrões de especiarias... Abundavam alli tambem montões de roupas brancas e de côr, n'uma desordem que não permitte que se distingua o saiote esfarrapado, das bôas télas e brocados com scintillações de prata e ouro.

N'um d'esses exquisitos armazens teem morada exclusiva armas, tão antigas e vulgares, como as lanças dos soldados, e tão novas e tão raras como as alabardas que eram destinadas ás guardas reaes. Abundavam entre ellas, em armaria mais cuidadas, facas e punhaes de diversos tamanhos e feitios — umas occultas em bainhas singelas ou ataviadas, e outras nuas, brilhando penduradas na parede escura, ou confundindo com ella a ferrugem que as morde!

Nas linhas d'este estojo, que parecia feito para um grande esqueleto, não esquecera o logar para a immensa caveira!

Um salão circular, com uma alta abobada central, tosca, informe, a descahir em linhas tortuosas até o chão eriçado de pontas de rochedo, abria-se, ao fim da escura galeria, e tinha accesso por duas arcadas feitas pelos cristaes resultantes das aguas da montanha.

A forma oval d'esses porticos fazia lembrar a abertura d'uma garganta humana, e até o pingente natural, que os dividia ao centro, imitava a uvula que se avista n'uma bôcca escancarada...

No jogo de sombras e de reflexos, que passavam nos massiços e rendilhados d'essa exquisita architectura, creava se a terrivel e magica illusão de que um grande monstro de ferocidade diabolica, alli se collocara, de fauces abertas, para tragar quem se lhe approximasse...

Devia ser d'aquelle feitio a entrada do Averno concebida na imaginação phantasiosa d'um poeta como o Dante, ou como o Milton. O lapis dos melhores artistas, que teem illustrado a *Divina Comedia* ou o *Paraizo Perdido,* deveria aproveitar aquelle aspecto original e terrivel das scenas mais sobrenaturaes e maravilhosas!

E, comtudo, havia alli muito de real e de humano!

Mettei debaixo da terra a *Côrte dos Milagres*, o grande acampamento de vagabundos de Paris, e que Victor Hugo aproveitou na sua *Notre Dame* .. e tereis uma idéa muito acanhada do aspecto miseravel, misto de riso e pranto, de odio e de amor, de orações piedosas e de pragas contra o céu, que nos offerece esse abysmo coalhado de gente, aos montões — como se os despojos humanos, n'um campo de batalha, se animassem de repente e começassem em choros e gargalhadas, a revolverem se .. Cabeças, troncos e pernas, n'uma promiscuidade de hecatombe, e por cima d'ella, tantas eram as creanças que chilreavam sobre as mães adormecidas, as nuvens de seraphins que enchem os quadros de Raphael!

Homens estirados na terra humida, ou sobre pelles dos melhores carneiros, ou sobre farrapos de mantas e xaireis, de costas, de bruços e de lado, fazendo travesseiros dos chapéos, sobre os quaes apertavam as mãos para melhor conchegar a nuca, ou as faces!...

Mulheres, reclinadas de lado, nos cotovellos, apoiavam a cabeça nos pequenos saquiteis da sua bagagem e defendiam o collo, bem cintado, das agruras do solo. Desenhava-se, em posição tão descuidada e elegante, a linha accidentada do vulto, e descia da montanha dos hombros ao valle profundo da cintura, para logo subir de novo pela ondulação das nucas até a fimbria do saiote, d'onde sahiam os pés, nus, ou vestidos de modestas sandalias, ou de arrebicados borzeguins...

A cordilheira formada pelos corpos d'estas mulheres eram outros tantos apoios ás cabeças dos filhos adolescentes.

Sob a curva dos seios aninhavam-se os mais pequenos, e os outros, os mais crescidos, ligavam a fronte aos joelhos e ás nadegas de suas mães, e n'ellas pesavam sem lhes embaraçar a respiração.

Pareciam estes grupos aquelles que as athletas de circo compõem com elegancia e arte, de pé, aguentando as ramificações d'uma familia inteira sobre as sédes musculosas dos seus corpos!

Lançae por terra esses prodigios de força e arte dos acrobatas *rois du tapis*, e tereis a imagem d'esses altos relevos que enchem e enfeitam o chão da grande caverna...

Matae esses quadros vivos, e tereis bem viva e bem nitida a imagem d'esses grupos...

Nem todos, porém, estão prostrados. . Ha grupos de mulheres sentadas, cruzando as pernas, em respeito á velha tradição arabe, ainda hoje tão affirmada na peninsula iberica.

Acampam aqui, em circulo, as raparigas que dizem segredos... A confidencia é a grande fumarada dos incendios do amor... Acolá, de pé, com as mãos nos cozes e nos cintos, falando com vivacidade e gesto ruidoso, batendo com eloquencia nos hombros uns dos outros, para serem mais suggestivos, se reunem os rapazes que annunciam emprezas e recordam conquistas.

Vê-se, pela mimica com que se exprimem, ora pondo a mão no peito, ora recuando e avançando, ora simulando esgrima de quem esfaqueia ou apunhala, que falam dos seus amores e ciumes, e, quem sabe? se de suas criminosas ambições?

Os velhos tambem teem o seu cenaculo, em recanto mais sombrio, e, se muito falam, teem reserva no tom e no gesto... Em compensação divaga-lhes impertinente o olhar pelos diversos episodios da sua gente...

A um cigano, de barbas brancas, patriarchaes, fazem cerco, chilreando, um bando de pequenotes, semi-nús, que lhe montam os joelhos e os hombros, e que elle finge repellir, praguejando, por entre sorrisos, no seu dialecto genuinamente *gitano:*

— *Camble Ostebé te mereles de bocata* — que era o mesmo que dizer: — *Permitta Deus que morras de fome.*

E, para mais rapidamente se desmentir, acompanhava a praga com uma distribuição de pedacitos de pão negro e duro .. E os pequenos, muito alegres, apanhavam a esmola nas boquitas abertas, e rilhando, como uns perros, repetiam:

— *Camble Ostebè!*

As pobres mães por alli estavam, acocoradas, com os filhos á roda, escondendo lhes as cabecitas nos folhos das saias, como se fossem gallinhas, com a febre do chôco, a eriçar as pennas e a tufar as azas, para abrigar as suas formosas ninhadas...

E, apesar d'isso, os gritos e os choros das creanças eram tantos que mal se podiam ouvir os soluços dos que alli lamentavam a perda de suas casas e a morte de seus parentes!

Abundavam tambem as scenas de jogo e bebedice.

Um trôço de mocetões passava, de mão em mão, uma infusa de vinho, e cada um, em cada libação, fazia um brinde, depois de ter dado um estalo com a lingua, em signal de approvação.

Todos os brindes começavam por estas palavras:

— *Mouronés minrios.* — (Meus amigos).

E durante muito tempo, até quando já estavam com os olhos meio fechados e as faces muito incendiadas — se ouvia n'aquelle canto esta formula delicada de alimentar um vicio: — *Grimo-brindo,* que nem todos os da tribu sabiam traduzir.

A uma mesa tosca, collocada mais proxima de um dos archotes da parede, alguns ciganos jogavam, batendo com os dedos e praguejando a cada lance perdido... A garantir a lealdade dos parceiros cada um dos jogadores tinha sobre a mesa, e aberta, reflectindo o clarão do muro, a melhor navalha do seu arsenal...

Não faltavam tambem os quadros de amor nas sombras mais densas ..

Uma rapariga, com os olhos mais seductores, deixava-se seduzir pelas palavras e sorrisos de um rapazote, que acreditava em feitiços, e depois de ter falado muito tempo, e muito animadamente, ambos emmudeciam, e, no meio d'aquelle ruido infernal, que lhes era indifferente, ficavam a olhar-se, de mãos enlaçadas, com mais recato e innocencia que se estivessem n'um salão do alcazar.

Se havia muita gente deitada, havia tambem muita de pé... Aquillo era um bairro com a sua praça pública, cheia de movimento e de episodios... e tanto que não eram raras as brigas a braço desarmado, ou a ferro nú, logo findas e punidas com a intervenção da communidade. Era

n'esse centro que os mestres ensinavam aos novatos o jogo das armas, e as licções eram dadas com tanto interesse, que, as facas de alguns discipulos mais esperançosos ficavam sujas de sangue antes de findar o exercicio.

N'esta immensa caserna havia bem estabelecida a divisão do trabalho. Os vagabundos tinham organisado o estado.

No meio d'aquella desordem havia um regimen, um poder, uma força!

Bastava notar os rigores da vigilancia externa e interna. Rendiam-se regularmente os vigias, e cuidava-se, sem lapsos, nos serviços que eram necessarios áquella colonia subterranea.

Alguem se encarregava de renovar os archotes; junto das fogueiras havia, de dia e de noite, vestaes de novo genero, talvez menos castas, mas não menos solicitas.

Um conselho de sub-chefes, presidido por Zampa, a quem davam o alto titulo de rei, cuidava nos negocios mais graves d'esta sociedade excepcional.

Funccionava este synhédrio n'um desvão mais occulto da galeria das armas!

Como se vê, a Hespanha da Inquisição era duplamente sinistra. No rosto das suas cidades e no coração das suas serras mais selvagens, havia duas sociedades organisadas para se destruirem mutuamente.

Os miseraveis, que não queriam as suas cinzas voando, sopradas pela intolerancia da egreja, occultavam-se no inferno mais profundo! Alli, captivos, é que se julgavam em liberdade!

D'esse trabalho de iniquidade é que se firmou o imperio da *Serra Morena,* que, ainda n'este seculo, resistia, com as suas hordas de salteadores, ao ferreo poder de Fernando VII.

Foi assim que, nos primeiros lustros do seculo XIX, o governo de Hespanha, para livrar as suas melhores cidades andaluzas das vandalicas correrias dirigidas pelos mais déstros cabecilhas da serra, farto de sacrificar destacamentos de *migueletes,* que se perdiam em combates e não conheciam os antros em que os perseguidos se acoitavam, resolveu reconhecer como belligerantes essas guerrilhas, a ponto de pactuar a paz mediante amnistias e recompensas!

Fernandez y Gonzalez refere, sem commentarios, a entrada triumphal na cidade de Cordova d'um celebre salteador, cuja cabeça, fôra, por vezes, posta a premio, e sómente alcançada, mediante o seu indulto e o da sua gente, e ainda a sua nomeação para o commando d'uma nova guarda intitulada *Esquadrão franco de protecção e segurança publica da Andaluzia!*

Eram mais fracos, tres seculos antes, os miseraveis ciganos, fugidos de Sevilha, mas tambem não eram tão habeis e valentes os *migueletes* da Inquisição...

* * *

O que temos descripto era o que se via... Que de mysterios dentro d'aquelle mysterio!

Em cada sombra quantas sombras?! Em cada lagrima quantas dores?! Em cada praga quantos desesperos?!...

O coração do homem é como um d'estes subterraneos: se a desgraça o persegue e elle quer luctar e reagir...

Aquella montanha, prenhe de taes fetos, parecia-se com todos aquelles homens cheios de odios e de desesperos.

Que de esconderijos existem em a nossa alma?!

Ora, esse odio faz planos de vingança, e esses planos eram dirigidos e executados por aquelles que tinham mais edade, mais auctoridade e prestigio.

Os outros, o resto, que era a maior parte, julgava se alistado para uma obra de defesa e de desforço... A disciplina mandava confiar e esperar... Entretanto ia amando os seus e odiando os seus perseguidores ..

O odio é uma braza, e a vingança uma chamma...

Os chefes contavam com aquelle fogo latente no coração da tribu..

Quando fosse necessaria a chamma, bastava soprar!

Zampa tinha todas as qualidades d'um mestre e d'um chefe... Por isso lhe chamavam *rei*.

E era-o de facto!

Era nos olhos que lhe brilhavam os diamantes da corôa!... O seu sceptro tinha as formas mais variadas... Não era um symbolo – era uma arma...

Umas vezes tinha a apparencia d'um cajado, outras a d'uma faca e, muitas outras, os seus vassallos o viram luzir na forma d'um punhal agudo, penetrante?...

Fôra elle que dirigira, durante muitos annos, aquella caverna, e, por isso lhe conhecia todos os segredos; fôra elle que offerecera asylo aos perseguidos da Triana e com elles distribuira riquezas da sua ucharia...

Tinha-os na mão, e, como não os apertava, dirigia-os.

Nada ha que mais auctorise o poder que ter a força e a generosidade ao mesmo tempo em exercicio.

Zampa era um homem alto, secco, espadaúdo, de braço rijo e animo audacioso.

Tinha na sua gente a influencia que tem um pae sobre os filhos.

Defendia-os de todos os perigos e castigava-lhes todas as revoltas.

Quando elle mandava todos lhe obedeciam. Bem se via que não era um egual, mas um superior, não tanto por ser superior aos seus subditos, mas porque não temia os superiores que o ameaçavam.

Dera provas d'isso muitas vezes... Em coragem e manhas não se deixara vencer...

Parecia invulneravel! Era um Achilles sem calcanhar!

Quando se batia, expondo-se mais que todos, ficava illeso.. Era o acaso? sem duvida; mas o acaso feliz é que em todos os tempos tem feito os grandes capitães.

Applicava uma justiça de ferro e entremeava-a com as transigencias mais equitativas.

Valente como muitos dos seus, mas mais prudente que nenhum d'elles.

Era temido sem ser temerario.

Ha creanças que não temem a trovoada, quando estão no collo das mães, e mães que nem temem os raios nos braços do marido... A força superior inspira esta confiança.

Entre essa turba nem toda a gente era amoravel e respeitosa, mas era toda submissa.

Zampa era o escudo magico d'esse exercito que trazia o peito nú! A Inquisição pesara-lhe a cabeça com punhados de ouro, e elle nem sequer temia as traições da cubiça!

Se alguma vez descobria a traição não dizia, como Jesus, phrases reprehensivas aos seus discipulos; logo os isolava e punia. Era no proprio braço que improvisava a figueira de Judas...

Por isso elle tinha auctoridade e prestigio.

O que seria de toda essa gente se elle a abandonasse!

Quando Zampa, depois do conselho, entrou no grande salão, até as uzes e as fogueiras se animaram!

O *rei* dominava alli incondicionalmente—A *Côrte dos Milagres* subterranea moveu se toda n'uma attitude respeitosa.

Homens, mulheres e creanças se ergueram e se dispozeram em alas, para que o chefe a todos visse e a todos falasse.

Aquella turba disputava um sorriso do seu principe, como um homem galanteador pode disputar o sorriso d'uma mulher formosa!

O nome do cigano foi repetido por muitas vozes, e até os pequenotes

com movimentos de acclamação, saudavam, á frente das mães, o recem-chegado.

Quanta democracia se affirma n'estes applausos das multidões!

Aquelle alvoroço significava a mais espontanea eleição!

Zampa era o cajado d'estes cegos... Foi, talvez para esta desordem e por esta cegueira, que as rãs da fabula pediram um rei!

O chefe vinha acompanhado de quatro ciganos, encanecidos como velhos e bamboleantes como rapazes.

Adeantou-se com passo vagaroso, olhar baixo, mãos na cintura, punhal nú e quasi abandonado, á esquerda, entalado no cinto de couro.

— Rapazes, disse elle, passeando a vista pela turba, se a vida dos bohemios fosse isto não seria má de todo. Acabámos de dar uma licção aos esbirros da Gardunha, isto é, a guarda de honra do Santo Officio, e houvemos ás mãos o espião de Lucero e de Deza. Estão alli feridos dois ou tres dos nossos companheiros... Salvámos Eva e conquistámos Pepe... Não foi mau o dia, vamos lá com Deus. Lá fóra ha frio, e aqui, bem aconchegados, mal sentimos a humidade da terra. Puzemos os inimigos em debandada, e ficámos tranquillos... Os maridos podem beijar as mulheres, e os filhos podem chupar as mães. O celleiro está fornecido, e os cantaros podem matar a sêde, até fazer sêde!... Bem se póde dizer que vencemos... Por isso aquelles jogam praguejando, estes bebem e cantam, os namorados sorriem e as creanças até acham encantos n'este mundo sem luz e sem conforto!... Estaes bem, não é assim?

Ouviu-se correr um murmurio, que parecia um assentimento.

— Está bem! Está bem! — continuou elle passeando deante da sua gente, como um general que estivesse passando revista ás suas tropas... Esta noite está livre de perigos e poderemos dormir sobre os louros da victoria. Temos mais lanças na armaria e um prisioneiro em refens. Quem pretender livral-o ha de resgatal-o a ouro, que poderemos gosar em Sevilha ou em Cordova, ou a sangue, que poderemos lavar nas aguas da ribeira... O dormir é o menos; o diabo é o despertar... Reparem bem no que lhes digo... para não morrermos mettemo-nos na sepultura. Começámos pelo fim!... Isto quer dizer que não temos medo da morte. Falo aos homens, que as mulheres podem ficar resando... Se quizerem, chamem a isto um abrigo, mas o mais prudente é chamarem-lhe um carneiro... Estamos tão defendidos... que não poderemos sahir, se nos defendermos todos. Os gardunhos que batemos voltarão ámanhã para nos combater. Ficarão lá fóra — elles á espera de que sáiamos e nós, cá dentro, á espera que elles entrem... O mais natural é que fiquemos esperando todos. Elles teem uma grande galeria que liga todos os reinos da Hes-

— O chefe vinha acompanhado de quatro ciganos

panha, nós os esconderijos e as sahidas que nos dão o dominio da serra. . Como vêdes, estou dando e tirando esperanças... Preciso de que todos queiram viver, e, ao mesmo tempo, que ninguem tenha medo da morte. Posso contar com todos?

— Sim, sim, ouviu-se na fileira, repetidamente.

— Ora ainda bem que a nossa raça não esmoreceu. Saibam, rapazes, que não sahimos de Sevilha para fugir — sahimos para entrar. Se tivessemos sahido todos, fugiriamos para sempre...

— E' preciso lembrar que parte da nossa gente ficou em poder dos esbirros. Essa parte foi agarrada por estar dispersa... A desunião nem a fuga proteje... Até para os actos de fraqueza é preciso ter a força que vem do accordo. Um homem é um escravo — uma turba é senhora. Depois da união o que augmenta a força é a reflexão. Fugimos para ter tempo de pensar... Isto de força é como uma faca que pode estar embotada... Pensar na guerra vale tanto quanto afiar uma arma .. Até agora fugimos; agora é indispensavel que pensemos... Já notaram que estamos mutilados? Deixámos atraz de nós centenas de creaturas que é indispensavel defender... A gente não tem só os membros do corpo, tem tambem os membros da familia... Um homem não está completo quando não tem a seu lado a mulher e os filhos... Ora aqui ha mulheres e creanças de menos. Ainda ha pouco eu dizia a Charolé, depois de ouvir os lamentos de Jardany e de Gerinel, que teem a familia na Inquisição: somos uma tribu, uma familia mutilada — não devemos continuar a ser aleijões... Entrámos na terra, não como os cadaveres, mas como a semente... Temos de fructificar lá em cima.. Somos proscriptos de todo o mundo, e, apesar d'isso, não somos uma raça inferior, nem odiamos as outras raças. Somos como o azeite misturado com a agua. Não a estragamos, exactamente porque não nos confundimos com ella... Quando as cidades nos repellem, emigramos para os campos... Não podendo viver ao abrigo das leis, passamos a viver á sombra das arvores... Estou falando-vos como um rei, porque vos falo como um pae. Temos direito á vida egual ao dos outros seres... E além d'isso, somos christãos... O sol aquece-nos, e vem de Deus; a Inquisição queima-nos, e vem do catholicismo... E' que nada ha de commum entre o catholicismo e o ceu. Estão comprehendendo o que eu digo, rapazes? Parece-me que falo claro. Lá na Triana os judeus amavam-nos e os mouros conviviam comnosco. A intolerancia da egreja de Hespanha é tal, e tal o catholicismo, que nós não nos fizemos mouros ou judeus — e estes fizeram-se ciganos — ser cigano parece que é não ser gente, e afinal, os ciganos são a gente mais sociavel... O amor entre nós é a base da vida, da familia e da tribu. Di-

zem-nos que roubamos... Teem razão, ainda que no estado de guerra não ha roubo, ha conquista... E' o direito natural o que nós invocamos — é a lei de Deus que nos manda defender a existencia... De quem é a terra cultivada lá em cima? Não é nossa. Os senhores d'ella nos enxotam como se fossemos uma praga de gafanhotos... Como são nossas estas camadas que habitamos, e que ninguem reclama? Porque não ha searas por aqui? Nem searas nem ouro — se houvesse ouro elles andariam por estes abysmos... Como vedes, somos todos ciganos — não creamos — roubamos uns aos outros.

Zampa tinha o habito de fazer proclamações aos seus companheiros, mas d'esta vez notava-se n'elle uma extraordinaria vivacidade.

Depois de alguns momentos de silencio, continuou n'aquella declamação tão vulgar na gente hespanhola, em que a palavra sae ás golfadas e n'uma melopéa caracteristica:

— Por Deus! ou por Satanaz! é necessario sahir d'esta situação miseravel de bandidos do mundo e excommungados da Egreja. Ficar n'isto é perder força todos os dias — é perder numero — é perder a vida! Se nos havemos de afundar, por termos naufragado, o melhor é nadar, emquanto houver braços e folego... Estou velho, mas ainda não invalido... O que me falta no pulso ainda abunda no craneo. Vocês, rapazes, teem ainda o sangue quente e o ánimo robusto. A mocidade é a saude do corpo e do espirito. A coragem é peito bem arqueado que guarda e defende a vontade. Querer é poder. Morrer cobardemente é soffrer duas mortes... E' mais: é soffrer duas vergonhas. Nenhum animal se deixa morrer sem estrebuchar, e nós estamos á espera da morte, para adormecer deitando-nos, como quem espera o dia para se erguer! O melhor é irmos ao encontro do sol... Não digo isto ao acaso, digo com um fim, e esse é evidente: é urgente irmos até o fim... Estou farto de contar com vocês na fuga, na rapina e na partilha. Preciso de saber se posso contar tambem na avançada, no combate, na partilha do lucto e do sangue. — Então que dizem!?

Respondeu-lhe o silencio!...

— Tenho então a desventura de commandar um exercito de poltrões? Tendes todos o caracter como os relaxados teem o corpo? Vae-se-nos o vigor d'uma raça ao clarão e ao fumo das fogueiras? Já esquecestes os amigos que perdemos, já não choraes os filhos que vos roubaram? Ah! perros sem coração, ou melhor, vergonha de perros, porque não sois meigos nem gratos!

A turba fez um movimento de impaciencia...

— Fala tu, Charolé — disse uma voz n'um grupo, que mais vivamente

commentava em voz baixa as palavras do chefe — fala tu por nós, tu, que bem sabes não haver medo...

— Pois seja, disse Charolé, avançando alguns passos para o centro da sombria assembléa — falarei por todos, porque conheço bem o que todos pensam e querem.

E, depois de ter fitado o grupo, como se precisasse de se inspirar n'elle, levantou a cabeça, esfregou com a mão esquerda a barba negra e hirsuta, e começou gesticulando abundantemente com o braço direito:

— È necessario que saibas, Zampa, que todos nós te respeitamos e amamos... E vocês, rapazes, quando eu disser alguma coisa que não seja verdadeira, reclamem logo...

Sim, sim, disseram todos — homens e mulheres — E' o que dizes.

— Bem: todos te queremos e todos te obedecemos. E's o nosso chefe. O teu conselho é dos melhores... Graças a ti conservamos ainda um saldo de vida e de esperanças. Agradecemos-te o teu engenho e a tua tactica. Ninguem como tu poderia, como tens feito, com tão pequeno sacrificio de bens e de vidas, defender a nossa caravana. Para em tudo seres superior a nós todos, até foste o primeiro a comprehender que era chegado o momento de tomar a offensiva... A's mil maravilhas!... Um bando de ciganos não é formado só de mulheres e creanças... E' uma vergonha! Adormecidos por aqui, só á espera de sermos aggredidos! Estão as armas ociosas deante da insolencia dos esbirros e dos frades! Homens fortes, endurecidos pela desgraça, com a rijeza selvagem que adquirimos pelos valles e pelas serras, temos soffrido todos os assaltos traiçoeiros da velha rapoza do Santo Officio! Queremos luctar, queremos; quer salvemos a vida, quer a percamos.

— Muito bem, Charolé, disse um da turba.

— Queremos morrer, matando, que é n'isso que está o prazer da vingança! disse uma voz isolada.

— Dizes tambem, Charolé, que depois de queimados, na Plaza Mayor, os nossos algozes, hão de resuscitar os nossos mortos, gritou outro; batendo uma palmada no hombro d'um visinho.

— Sim, Charolé, o nosso dever é imitar e vingar Cordova... accrescentou um terceiro.

— Basta, basta, disse o orador, agitando a mão, para indicar que era necessaria a ordem. Ora, pois, fica sabendo, Zampa, que não sômos cobardes... e que os ciganos de Sevilha não se envergonham dos de Jaen, Toledo, Cordova e Granada.

— N'esse caso, acudiu Zampa, preciso de indicar o meu plano... Tenho planeado um habil ardil...

Um novo murmurio percorreu a multidão, e não tinha o caracter de applauso...

— Querem impôr-me condições?

— Ninguem pensa em tal! queremos, apenas, lembrar uma circumstancia — a lucta em que desejamos entrar já não pode ser feita com armadilhas. E' indispensavel um acto arrojado, temerario, iniciado por nós, mas sustentado por todos os perseguidos. Não se trata d'uma cilada, mas d'uma sedição — E' necessario começar pelo ultimo gardunho e acabar no primeiro arcebispo...

— Bravo, Charolé, bravo!

— E' tambem esta a tua opinião Lillac? perguntou Zampa já um pouco desconcertado.

— Não consultes o meu odio que elle te responderá, que o meu parecer vae até despedaçar a corôa de Fernando V!

— Pois seja — joguemos a cabeça, e, como sabeis, eu sou a vossa...

Zampa, ao dizer isto, encrespou o sobr'olho e procurou com o olhar prescrutar o pensamento de Charolé e de Lillac.

— Chegámos ao ponto. E's a nossa cabeça... Por Deus que tal serás emquanto viverdes; mas, para uma lucta tão bravia e arriscada — a cabeça é o que se arrisca e o braço é que nos defende.

— O meu braço ainda vale por todos os vossos... o braço d'um chefe, d'um rei nunca enfraquece... Qual de vós se atreve a disputar-me o primeiro logar? E's tu, Charolé? Ou tu, Gerinel? Vamos; se vos passou essa idéa maldita pelas cabeças embrutecidas, arranquem as facas, como eu faço, e venham ambos, se são capazes de tal, picar este braço que vos tem defendido e castigado!

— Vá, gritou Zampa, brandindo a sua lâmina de Toledo, um, ou dois, ou todos contra um!

Não houve um movimento só na provocada assembléa, nem de mêdo nem de ameaça!

— Ah, cobardes! cobardes, continuou Zampa, sem desarmar a sua attitude, mais hostil que defensiva, insultam-me a velhice, e ficam-se quêdos, como se a respeitassem! Tenho-lhes servido sempre para os manter, aconselhar e defender... Reuno-os, dirijo-os, sustento os e, porque não os fiz ricos, independentes e respeitados, e apenas lhes matei a fome e os salvei do Santo Officio, acham fraco o meu braço e de mais prudente a minha licção! Charolé sonhou com o meu logar, convencendo esta gente de que me faltam coragem e fôrça para obra arriscada e perigosa! Não é assim? Charolé está novo... Quantos? Quarenta annos? Se chegou a essa edade a mim o deve, que das emprezas a que se tem aventurado o

salvou quasi sempre a minha faca, que ha sessenta annos me acompanha... Gerinel é novo de mais.. As suas proezas guerreiras nunca passaram das campanhas do amor... Lillac é matreiro, mas egoista... Gosta da posição da vanguarda quando nos sumimos nas entranhas da terra, mas, á sahida, prefere fechar a caverna como se o perigo viesse das profundezas do inferno! Inosca é um bravo; bate-se como um leão, mas expõe-se demais... E' muito mais temerario que timido, e anda nas façanhas com um fardo que lhe pesa algumas duzias de mortes, das que roubam a vida e o bornal das victimas! Quidico não é da nossa raça — roubámol-o, quando se chamava Casimiro, ao alcazar de um grã-senhor. Esse procura a familia, e ainda espera commandar os alabardeiros de Carlos V... Resta Jinoquio entre os pretendentes? Esse sim — tem cabeça alta e hombros de boi de carga; mas tem habitos da Gardunha, que abandonou pelo ouro que lhe démos, e, assim como se vendeu sem regatear, levar-nos-hia ao mercado, como se fossemos merinos da melhor lã... Mas emfim, venham todos, que para defender da traição, da fome, das torturas, da morte infernal, estas mulheres e estas creanças, ainda aqui tenho quadris que me amparem o braço enfraquecido.

— Deixa-te d'isso, Zampa, conseguiu dizer Charolé; repito - que ninguem te quer mal, nem te ambiciona o poder... Sabemos quem és e o que vales... Ainda mais — e o que te devemos. Não tens necessidade de lançar em rôsto de quem te acclama o que tens feito a nosso favor... Cumpriste o teu dever, e não estamos arrependidos da escolha que fizemos... Es o nosso chefe... Continúa sendo, e acaba com essas bravatas... Tens sempre ouvido o nosso conselho, não é assim? Pois ouve-o mais uma vez...

— Tenho o direito de o pedir!

E Zampa, dizendo isto, foi desarmando a catadura e o gesto ameaçadores.

— Sem duvida.

— E quem tem o direito de m'o impôr?

— Um conselho dá-se por lealdade. Precisas de que te aconselhem a que o peças. Zampa, os teus amigos concordam comtigo na aventura que planeias. Os ciganos de Cordova ja nos deram licção que nos envergonha. Queres ouvir-nos?

— Pois seja, disse o chefe, recolhendo a faca e cruzando os braços, como quem se resigna.

— Eu nada direi — apresentaste a conta das minhas dividas, e não quero que voltes a chamar-me ingrato. Inosca que fale.

— Eu tambem não, que não sei aconselhar ingratos. Matei gente com

que enriqueci o povo e o rei, e agora salpicam-me com o sangue dos extrangeiros. Cobrei o imposto sem deixar queixumes!

— Mas, emfim, já que não me responderam com as armas, responderam-me com a lingua. — Dize tu, Lillac...

— Chamaste-me cobarde, e na verdade o sou... Faço de conta que sáio a combate, e fico bem na rectaguarda.. Cedo a palavra a Quidico e a Jinoquio — um nobre que foi roubado e um villão que se vendeu.

— Pois, á falta d'homens, serei eu quem fale, acudiu Gerinel. Ver-se-ha que não sirvo apenas para falar ás mulheres. E até, que mais temo o olhar amoravel d'uma cigana, que o sobr'olho irado d'um velho orgulhoso...

— Cuidado com a lingua, meu pequenote — que se não a dobrares no teu discurso, por ser grande de mais, ou te obrigo a mordel-a, ou lhe corto um pedaço.

— Farás o que quizeres, Zampa, que o meu plano já não me atraiçoa. Conheço-te, sei que és valente e que adoras os que o são — Amando tua filha, não te mereço conceito; esgrimindo comtigo, dar-m'a-has em casamento.

— E como tencionas pedil-a? Como um cigano, ou como um salteador?

— Isso depende de ti...

— Pede-m'a, então, como um bandido...

— Vá feito, meu sogro... Pelos olhos negros de Maria, se me queres hespanhol, ou de Timeata, se mais te agrada o *gitano,* eu falar-te-hei com as mãos nuas, que não quero sangue nas bodas — e tu arma-te como te aprouver, com as unhas que não aparas, ou com a faca com que ameaçaste...

— Gerinel! — rugiu Zampa, fechando o punho...

— Estou prevenido, respondeu serenamente Gerinel, ou Miguel, que tanto vale. Vou dar-te o conselho e pedir-te noiva...

— Gerinel! repetiu o chefe, recuando um passo, como para preparar um salto — repara bem no que dizes — se me insultas, mato-te.

— Já sei... E se não o soubesse não mostraria o valor que me estás recommendando...

Entre as mulheres rompeu forte alarido e quasi todas, n'um movimento de terror, se precipitaram para o ponto onde ia travar-se a lucta singular entre o velho de cabeça branca e o moço cigano de cabello mais negro que as maiores sombras d'aquelle antro.

Os homens fecharam o circulo que as mulheres alarmadas não conseguiram desmanchar.

Entre as ciganas que mais porfiavam debatendo-se destacava-se uma

rapariga formosa como a mais formosa creoula americana, cujo rosto estivesse illuminado por dois olhos andaluzes.

— Gerinel, pelo nosso amor! Por Deus! Pela Virgem Maria... E' meu pae!

Ouvindo esta voz, o velho cigano de novo se armou com a sua enorme sevilhana, que, ao abrir-se, produziu um estalido sêcco, que parecia um grito de morte.

— E' demais! disse elle espumando, nem direito tens a que te acceite combate leal; vou matar-te como se fôsses um perro immundo.

Fez-se o silencio por momentos. Seria o silencio d'um tumulo se se não ouvisse o arfar de muitos peitos.

Zampa, com os dedos crispados, segurava o cabo luzente da sua lámina, mais luzente ainda.

Dobrara o tronco, deixando-o descahir para o lado do braço que armara... o outro braço, arqueado no espaço, fechava-se com a mão contrahida em forma de garra... A perna esquerda avançara tanto quanto a direita recuara, vergada sob o pêso dos quadris derreados.

A cabeça sumira-se-lhe um pouco entre os hombros, e o olhar, firme e penetrante, arremessado sobre o olhar de Gerinel, faiscava por entre as palpebras quasi cerradas. Com movimentos affirmativos de cabeça, o velho provocava, dizendo palavras que morriam entre os dentes, a rangerem... Mal se distinguiam estas palavras.

— Ah, perro, que te mato...

Já ninguem ousava dizer uma palavra, ou levantar um clamor. A attitude dos dois luctadores era de tal ordem, que a ciganada tinha medo de distrahir o olhar de qualquer d'elles...

De repente, Zampa, como se fôsse a preparar definitivamente o salto, recuou dois passos, e, levantando a faca, apontou-a de longe, como se fôsse arremessar uma setta sobre o peito de Gerinel.

E arremessou-se, vibrando o ferro...

Ouviram-se gritos rapidos, desencontrados, como estalidos de cabeças de phosphoros quando as pisamos...

As mulheres fecharam os olhos para não verem.

Gerinel, n'esse perigoso momento, cruzou os braços, e, desviando o corpo, deixou que o golpe ferisse o espaço...

Esta surpresa desequilibrou Zampa, que ajoelhou ao lado de Gerinel, cravando a faca no chão, para de novo se erguer sobre ella.

Ao levantar-se, sentiu-se agarrado pelos braços musculosos de Charolé e de Inosca.

Zampa estava desarmado.

Gerinel levantou a arma e, entregando a ao seu adversario, perguntou-lhe, com modo grave e fidalgo:

— Queres que te defenda?

Houve um momento de admiração silenciosa em toda a caverna.

Ninguem falou, e todos exclamavam!

Em silencio? Sim, em silencio.

As verdadeiras exclamações não são as convencionaes que figuram nos diccionarios de uma lingua—são as que despertam a physionomia e fazem vibrar um corpo!

Exclamam os olhos, a bôcca, a cabeça que se agita, as mãos que se erguem!... São exclamações aquellas revoltas de musculos e de nervos que nos agitam o corpo, soprando por dentro, como se agita a superficie d'um lago, quando o vento a sopra por cima.

Ouviu-se n'aquelle recinto sombrio o ruido d'essa revolta... Era a admiração, o pasmo, que brotaram coincidentemente em todos aquelles miseraveis.

Abriram-se as bôccas, pasmaram as palpebras, inclinaram-se os bustos: houve uma ondulação n'aquelle mar de cabeças; não ficaram quietos tantos pés sobre a terra negra!

Tudo isto, sem voz, fez um côro da musica e da lettra universal, que se traduziu n'um hymno de victoria e em estrophes de louvor!

Era uma exclamação? Era mais; era uma acclamação!

Aquelle frémito, misturado com aquelle extasi, significava:

—Bravo! Esplendido! Que coragem! Que agilidade! Que bravura! Que placidez! Que lealdade!

Aquellas palavras:— *Queres que te defenda* — eram tudo quanto havia de mais generoso, ou de mais insolente! Era aquella uma phrase que levantava um homem e esmagava outro!

Não se defender, já parecia desprèzo; mas defender-se sem luctar, era mais—era uma affronta...

Como deveria então julgar-se aquelle offerecimento, que estava acima de perdão, porque tinha a ousadia do premio?

Inutilisada a colera de Zampa, perdido o golpe tão calculadamente preparado, dado o espectaculo d'uma queda ridicula, soffrida a intervenção de extranhos, suspeitos de adversarios, talvez dispostos á vingança! e, n'este momento—crivado de derrota, de vergonha e de ameaças, ouvir promessa de auxilio de quem elle não temera, e o vencera, contra aquelles, que eram os mais fortes e os mais temidos!

E tudo isto fizera Gerinel, o amante de Maria, o galanteador da caverna, virgem em correrias e assaltos!

Gerinel, o imberbe, o gentil, o rapaz, o que passava a vida a vibrar olhares ternos e a cantar pelas abobadas naturaes d'aquellas galerias, com a mesma fôrça e a mesma frescura com que cantava á sombra dos olmeiros!

E isto deante de toda aquella gente, que lhe devia, a elle Zampa, respeito e obediencia! e que elle sempre dominara e dirigira com a voz e com o olhar!

O velho rei dos ciganos parecia enlouquecer!

Contrahia e dilatava os musculos em contorsões de serpente, e, comquanto abalasse os braços que o prendiam, não conseguia libertar-se de tão violentas cadeias! Como lhe faltassem os braços, ensarilhava as pernas delgadas e compridas, ora nas de Charolé, ora nas de Inosca; mas as d'estes, firmes como grossas columnas de marmore ou de ferro, nem se deslocavam nem se abatiam!

N'um momento de maior cançaço, os dois ciganos, mettendo-lhe os pés ás curvas dos joelhos, prostraram o seu chefe, em posição que seria de súpplica, se no olhar de Zampa não houvesse scintillações de ameaça e de odio.

A turba continuava attonita e firme, contemplando esta lucta singular.

As mulheres cresciam nos bicos dos pés e espreitavam por cima dos hombros que lhes faziam barreira... N'um e outro lado do circulo, por entre os paes e as mães, as creanças mettiam as cabecitas desgrenhadas e revelavam curiosidade, espanto ou terror!

Zampa ora fechava os olhos de vergonha, ora com elles fusilava Gerinel.

De momento a momento tinha accessos de epilepsia e buscava morder as mãos que o seguravam...

A respiração do velho parecia o resfolegar de um leão!

Gerinel, com a faca na mão, approximou-se do velho.

— Dize, Zampa, queres que te defenda?

— Não.

— Não pedi que te segurassem... Bem te provei que não temia a tua fôrça e a tua colera.

— Cobardes! Tres, e á traição.

— Mentes, Zampa. Eu só te provoquei, eu só affrontei a tua arremettida. Se me não tivesse desviado, ter-me-hias asassinado. Poderia matar-te, e não o fiz. Não o farei, ainda que de novo o tentes ..

— Insulta-me á vontade... estou prêso...

— Mordes com os dentes e com a lingua, mas eu perdôo-te sempre. Se queres luctar com todos nós, poderei soltar-te.

— E depois?

— Estarei a teu lado!

— E vingar-me-hei?

— Sim, mas ambos morreremos ..

— Que importa isso?

— Importa muito. Lembra-te de tua filha.

— Minha filha? perguntou Zampa, em voz baixa, como se a elle coubesse a resposta.

E ficou com o olhar no chão, a pensar.

— Sim, tua filha! Timeata não terá quem a defenda. Que tu vivas, ou que eu viva... Fique um, pelo menos. Para nós basta que seja um, mas para ella...

— Para ella? Que queres dizer?

— Quero dizer que Timeata precisa de ser tua filha e minha mulher...

— Dar-t'a-hei, com uma condição.

— Dize.

— Manterei o meu poder emquanto o desejar. Respondes-me por Charolé e pelos outros ambiciosos?

— Respondo. Elles, que te estão ouvindo, dirão quanto lhes doe a injustiça que lhes fazes.

— Descança, Zampa, descança; ninguem te cobiça o mando. Continúa no teu logar e ampara-te no braço de Gerinel e no conselho de nós todos.

— Charolé tem razão, ajuntou Inosca — diz que te deixes de ameaças e que governarás sem nos desprezares, e o teu poder será mantido e respeitado.

— Vamos, Zampa, insistiu Gerinel, queres a paz?

— Seja; por minha filha...

— E juras por Jesus Christo?

— Sim — por *Cresorne!*

— Está bem! Charolé e Inosca, larguem meu pae e meu rei. E tu, Timeata, vem collocar-te em frente do meu peito.

A cigana, a quem os companheiros abriram facil passagem, veiu, a correr, collocar-se ao lado do seu noivo.

Charolé e Inosca levantaram Zampa, e, depois de o ampararem de pé, n'um momento, afastaram-se alguns passos.

O velho Zampa cambaleou um pouco ..

— Ahi tens a tua faca, symbolo do teu poder, disse Gerinel, entregando-lhe a sevilhana com a majestade com que um general vencido pode entregar a espada.

E continuou:

— Se queres perdoar, perdôa. Se queres castigar, castiga. A sentença agora é contra tua filha. Veste-a como te aprouver — de noiva, ou de viuva!...

Zampa ficou quieto e pensativo, mas pouco se demorou n'essa attitude. Erguendo o braço, perguntou com voz vibrante, como se voltasse á provocação anterior.

— Ciganos da minha tribu, homens, mulheres e creanças, quem é o vosso chefe?

— Zampa! Zampa! foi o grito que se ouvia de todos os lados.

— Reconheceis-me os direitos de rei das caravanas que habitam os reinos das Hespanhas, na parte da Andaluzia que comprehende Cordova e Sevilha?

— Sim! Sim!

— Pois então, eu Zampa, que em mais de quarenta annos vos tenho governado e amado, com prestigio, fôrça, audacia e justiça, sempre, entre vós, sendo o mais forte, o mais habil, o mais sabedor e o mais audaz, reconheço que a velhice, que me quebranta, e os perigos, que se aggravam, me condemnam a submissão. A arma de um rei, quer seja uma espada, ou um punhal, não deve cahir-lhe jamais da mão que governa. Assim, que o meu exemplo seja seguido por quantos chefes dirigirem a nossa tribu. Um rei subjugado, não é rei, é vassallo. Dizei, pois, commigo, em obediencia á ultima ordem que vos dou: — Viva Gerinel, rei dos ciganos de Cordova e Sevilha!

Não se enganara Zampa: a turba já estava adorando o sol que nascia!

A acclamação de Gerinel foi ruidosa, alegre, demorada.

Se foi o cumprimento de uma ordem, mais parecia uma manifestação espontanea, um grito de revolta — um *emfim!* consolador, como a realisação de uma grande esperança!

— Viva Gerinel! gritaram os homens, as mulheres e as creanças.

E Gerinel e Temeata, erguidos em centenas de braços, foram passando em triumpho por entre as fogueiras ateadas ao sôpro d'aquella alegria e d'aquelle enthusiasmo.

Zampa foi sentar-se pensativo na ponta d'um rochedo, que sahia do muro. Depois de vêr abatido o seu orgulho de homem e de chefe, só lhe restava largar o mundo e resignar-se. A sua tristeza era uma prova de que lhe não chegara ainda a resignação. Alli predominava principalmente a fôrça. Entre aquella gente, para ser chefe, não bastava ter fôrças ao seu dispôr, das que derivam da auctoridade propria e do concurso de muitos;

era indispensavel ser pessoalmente superior. As autocracias dos ciganos não se confundem com as das nações mais politicamente atrazadas. Alli não havia a fôrça que se desenvolve na machina chamada — Estado —, era a propria fôrça que lhe mantinha a magistratura. Desde que Zampa vergara o joelho deante dos seus subditos, já não podia pesar-lhes nos hombros.

Evidentemente, se elle quizesse continuaria sendo chefe, mas por favor. O que elle fôra impondo-se, só agora poderia ser agradecendo. Não lhe servia essa disfarçada forma democratica... Podia continuar governando, mas transigindo; pelo menos tinha que ouvir conselhos. Este regimen representativo obrigava-o a estar d'accôrdo com o parecer dos principaes da tribu... Triste coisa! Até alli, com a faca, ou com um chicote, mostrava que era chefe, e agora, coitado! o sceptro que lhe tinham offerecido era a canna dos insolentes phariseus!

Se insistisse, resistiam-lhe, e, n'essa lucta, acabara-se de vêr que Gerinel lhe era superior! o melhor era entregar a Gerinel o que em breve este teria exigido... A conspiração existia ha muito... A tribu não o insultara, mas não o defendera. Até o applaudira!... N'aquelles applausos é que estava a reprovação!

E em que occasião ia o seu rival começar o seu governo! Quando chegava talvez a hora da grande revolta contra a Inquisição!

E os ciganos nem já se lembravam das aventuras do dia, nem dos perigos que os ameaçavam nos dias seguintes. Em bailados, descantes e libações, festejavam a gloria de Gerinel, e nem uma só vez repetiam o nome de Zampa.

Charolé fazia discursos declamadores pintando os combates mais lucrativos em glorias e proventos; explorava o odio de raça e o desejo de vingança, e apresentava Gerinel como um Messias ajudado no seu resplendor pelo olhar de Timeata!

As raparigas e as velhas circumdavam o moço-rei e liam-lhe na palma da mão as mais arrojadas empresas, a começar na conquista de muitos thesouros e a acabar na salvação dos captivos e na resurreição dos mortos.

A parte principal do programma de Gerinel era a volta a Sevilha. Na vespera do proximo auto de fé a revolução rebentaria impetuosa e indomavel! A miseria de Sevilha erguer-se-hia como uma nuvem de poeira, que havia de asphyxiar todos os esbirros e todos os arcebispos! No espirito de Gerinel esboçava-se a tarefa revolucionaria, que um seculo mais tarde inscrevia em lettras de sangue o nome de Masanielllo na historia de Napoles.

A essa tentativa não faltavam *lazaroni*...

Os ciganos da Triana, andaluzes de todo o reino, os orfãos da Inquisição, os famintos, os desesperados, poderiam ferver em cachão as aguas

do Guadalquivir. Armas havia de sobra, á venda, em Toledo, e occultas nas sombras das cavernas, em todas as cordilheiras, desde a serra Morena até a serra Nevada. Os verdugos do Santo Officio, se o rio de Sevilha não chegasse para os afogar, iriam, batidos pela insurreição do odio, a lançarem-se no Atlantico ou no Mediterraneo.

Gerinel imaginava-se já sobre o rochedo de Gibraltar n'este trabalho de justiça!

Dinheiro havia para as primeiras tentativas. A herança de Samuel estava sob a guarda de Zampa.

Que melhor uso se poderia fazer dos bens de Suzana? Vingar-lhe o marido e salval-a, talvez?!...

Zampa ouviu todo este alarido e todos estes planos, e continuava sentado, com a cabeça entre as mãos, cotovellos sobre os joelhos, a um canto da galeria, pensando talvez se lhe assistia o dever de animar os temerarios, ou de os advertir e contrariar.

Uma sombra, com vulto humano, bateu-lhe no hombro.

— Que me queres? perguntou Zampa, sem olhar para o importuno.

- O que tu queres tambem.

Zampa ergueu a cabeça.

— Ah! és tu, Henrique Nunes... Já me tinha esquecido de ti! Como te atreveste a sahir do teu cubiculo?

— Descança, que nada vejo. Precisei de falar-te, e os teus guardas trouxeram-me. Tenho os olhos vendados, mas diviso mais que tu.

— Estás em meu poder, e hei de vingar-me em ti dos revezes d'esta manhã.

— Deixa-te d'isso. Nem já tens poder. Se não viesse até aqui, nem de mim te lembravas. Queres vingar-te de mim porque tentei surprehender-te no covil? Pateta! Não te basta o meu captiveiro? Guarda esse desejo de vingança para quem melhor a mereça. Afinal, estamos ambos perdidos.

— E julgas que sou capaz de te perdoar? Enganas-te. Vou já entregar-te a furia d'esta gente, antes que ella se lembre de que és seu prisioneiro.

— Imbecil! Que utilidade te viria d'essa façanha? Foste tu que me prendeste. Julgas que essa raça de gente te agradece o feito? Pelo contrário, talvez rejeitem a prêsa...

— Matar-te-hão...

— Bem se vê que estás velho e tonto... Matar-me-hão! Convenho que o fizessem se me temessem, mas eu não posso fazer-lhes mal; pelo contrário...

— Pelo contrário?...

— Sim, pelo contrário. Manda afastar estes dois homens, que me seguem e vigiam, e ouve o que vou dizer-te...

— Conservarás a venda nos olhos?

— Não necessito vêr — Com os olhos vendados vejo mais que tu, já disse.

E Zampa fez signal aos dois ciganos, que guardavam o espião, para que se afastassem.

— Senta-te aqui, e fala. Ninguem nos ouve. A minha sombra aggrava a tua—n'esse desvão confundes-te com o muro... Dize depressa.

— Devagar poderemos entender-nos melhor... Meu caro Zampa—nós somos dois homens perdidos. Tu e eu perdemos hoje toda a nossa influencia, ganha á custa de muito trabalho e intelligencia. Tu aqui eras rei. E agora o que és? Um cigano como outro qualquer. Eu era um homem de notavel influencia entre a gente que governa, que manda, que pode... Livre voltarei a ser o que era, e ainda mais! Até este desastre de que me fizeste victima me accrescentará riqueza e fôrça.

— A que queres chegar...

— A pouco e pouco irás comprehendendo. Temos de nos entender, Zampa; o nosso interesse commum precisa d'uma alliança.

Zampa, ou já ia comprehendendo, ou começava a sentir necessidade de applicar o ouvido. O caso é que o velho, sem olhar para o espião, estava escutando-o...

O Nunes continuou:

— Para mim a liberdade é a vida, é a fôrça, é o poder; para ti é o contrário... Lá fora tens a cabeça a premio...

— Assim é.

— Pois bem, se te libertares commigo, respondo pela tua vida, que é como que assegurar-te o perdão... Estás comprehendendo?

— Estou. Continua...

— Ora, eu não sou teu amigo, nem teu inimigo. Teu socio, defendo com os teus os meus interesses. Se ficas com esta gente, perdidas a fôrça, o prestigio, a honra... Não podendo conseguir que ella te obedeça, nada mais simples que uma traição... Deza paga bem, e Gerinel não te vê com bons olhos....

— Não ha tal. Gerinel podia ter-me assassinado, e não o fez. Se tomou o meu logar fui eu que lh'o offereci.

— E' bem certo! a velhice é uma nova infancia. Nunca te suppuz tão ingenuo, meu velho tigre embriagado. Gerinel fez mais que matar-te, insultou-te, humilhando-te. Não quiz provar que era homem para se medir comtigo, mas que nem descia a medir-se... Pois isto não é claro?

— Por esse lado...

— Por este lado, e por todos... A conspiração era antiga; tu estavas condemnado... Se não fôsses pae de Maria serias esfaqueado. Ficaste porque és a casca do ovo com que Gerinel quer fazer as suas gemmadas amorosas...

— Sim, sim; talvez tenhas razão...

— Eu tenho os olhos tapados... Se eu visse essas caras todas, eu te explicaria o que ellas occultam contra ti... Mas vamos ao caso... Se houvesse lucta e fôsses vencido, acabou-se — era um desastre que não te envergonhava... mas assim, até as mulheres, que te julgavam um leão, te viram transformado n'um perro... Gerinel roubou te, de braços cruzados, e com sobranceria, a filha. o logar e a dignidade... Agora até ás creanças mereces dó...

— Mas, alguem me tem insultado?...

— Pois se nem em ti falam! Não ouves? Estão todos acclamando Gerinel — a sua fôrça, a sua coragem, o seu sangue-frio. O que quer isto dizer? Que tu não tinhas, ou já não tens nada d'isso... Agora não falam mais claro, porque sabem que os escutas; mas depois, nas tuas costas, vão apontar-te a dedo, com sorrisos de desdem...

— Se tal succedesse?!...

— O que farias então? Já seria tarde! O prestigio dos homens é como a honra das mulheres... A tua fôrça continha antigamente os mais fortes e só o respeito que d'isso resultava, aguentava os cobardes. Agora os cobardes teem os mais fortes por cima de ti. Perdido o mêdo, desde que se reunam, vencem-te, apupam-te escarnecem-te...

— Não soffrerei este inferno. Deixo-os, e elles serão victimas da sua revolta e da sua ingratidão.

— Pateta! Para onde irias? Chamar-te-hiam cobarde, e haviam de accusar-te de traição. Se lhes fugires perseguir-te-hão, porque levas comtigo o segredo d'elles todos... Entretanto, a tua cabeça continuará em praça á espera de que alguem a queira comprar!...

— Mas, se eu me resigno?...

— Bem se vê!... Estás pensativo e triste, talvez, como nunca es veste nos dias das grandes empresas! E' que nada ha que dôa tanto como a ingratidão...

— E é verdade — a ingratidão é o golpe que tanto fere!

— Isso com certeza. — Ser ingrato, é tirar a vingança do bem... Isso constitue a maior das injustiças. Ha animaes ferozes, mas são raros os ingratos. Ferir com a injustiça é metter um punhal no corpo. — Com a ingratidão o ferimento é feito com um tridente. Feriram-te, Zampa, com

o immenso garfo da ingratidão! Metteram-te um dente no ventre, outro no coração, e com o ultimo atravessaram-te o cerebro! Feriram-te no teu nteresse, no teu amor e na tua justiça!

— Como tudo isso é verdade, Henrique! Era melhor que te calasses...

— E feriram-te com as tuas proprias armas, para mais te ferirem... O braço de Gerinel armou-se com a tua faca e com tua filha... Percebes bem o aleive? Brandiram deante de ti a arma que trazias á cinta, e roubaram-te a filha que guardavas no coração... Roubaram-te por fora e por dentro! E com taes artes, que te amordaçaram a bôcca e te prenderam os braços...

— Ferve-me o sangue ao calor das tuas palavras... Por quem és, cala-te...

Effectivamente o olhar de Zampa começava a faiscar: — das pupillas sahiam-lhe raios aos montões, como sáem as faúlhas batidas pelo vento d'uma alta chaminé.

— Ora ahi está o que eu digo!... Emquanto te não entregam ás fogueiras da Inquisição, estão a queimar-te por dentro!... Bem vejo no teu olhar que o peito te está a arder... Sabes quem lhe ateou a chamma?... Foi Gerinel...

— Gerinel?

— Sim, Gerinel que lá dentro penetrou para te roubar a imagem da filha... Não podendo arrancar-te o coração, roubou-te o que n'elle guardavas com mais desvelo.

Nos olhos de Zampa scintillou uma lagrima.

— E foi tua filha que te abriu o peito para elle entrar, com pés de ladrão...

— Mas elle deixou, aqui, o odio!... disse Zampa, apertando com ambas as mãos o proprio seio, do lado esquerdo...

— Qual odio, nem meio odio! O que elle ahi deixou foi a morte... Pois não percebes que, ferindo-te n'esse logar, elle destruiu ao mesmo tempo o chefe e o pae?

— Isso veremos...

— Estás velho, e a vida dos velhos é só amparada pelo amor dos filhos... A velhice faz maior o logar onde o sangue se distribue, e o sangue dos velhos occupa menos espaço e circula mais devagar... E' necessario encher o peito com um grande amor, para que o sangue se espreguice melhor! Se te despejaram o seio, as ondas vermelhas sobem com mais difficuldade... Ora escuta agora o coração... Quasi o não sentes, não é assim? E' que o rio estava alto quando a amizade e as esperanças o assoriavam — e agora já não é rio — é arroio!...

— Falas pela bôcca de Satanaz... Se eu soubesse que entregando-te minha alma...

— Te salvavas? Talvez... Odeias-me, não é assim? Pois então experimenta... Se te querem matar os que dizem amar-te, por que não poderei eu restituir-te o poder, a esperança e a riqueza?

— E, se eu esperasse?!

— Cada momento que passa aggrava a tua derrota... Já entregaste o mando, e agora vão roubar-te com a filha a herança do mouro Samuel...

— Essa pertence a Eva...

— Isso sim! Essa servirá para accrescentar a gloria de Gerinel. Em poucos dias, o novo chefe entrará em Sevilha á frente da sua tribu... Juntar-se-lhe-hão os fugitivos de Cordova que se aninharam na Serra. O momento é propicio, porque o regente governa em nome de Joanna, que está doida, mas quer governar; Deza é odiado, e é cobarde, e Roma quer aproveitar o ensejo para reformar o Santo Officio... A empresa de Gerinel não lembrou hoje, vem de plano preparado na sombra, e que te não foi notificado... Agora afastaram-te com dó, mas em breve rir-se-hão de ti, que só fizeste victimas, aconselhando a fuga, em vez da resistencia!... Vê como a turba se diverte e como o teu genro beija tua filha e é abraçado pela tua gente!... Que fizeste, Zampa, d'aquelle orgulho?...

— E como poderei vingar-me, se é verdadeira a desgraça em que me vês?

— Só, nada poderás fazer, mas se quizeres entender-te commigo...

E Henrique Nunes puxou Zampa por um braço, para melhor lhe falar ao ouvido.

— Se quizeres entender-te commigo... afianço-te que Gerinel não tera a gloria a que aspira, que a sentença que te ameaça será revogada, e que os ciganos da Triana conservarão seus bens e suas vidas...

— E podes tanto?

— Posso mais ainda... Se quizeres, Charolé, Inosca, Lillac e os outros que te insultaram e perderam, poderão salvar-se, se vierem de joelhos reconhecer o teu poderio e influencia... Achas pouco?...

— Escuta, disse Zampa, prestando attenção aos clamores crescentes da grande assembléa; que dizem elles?

— Pouca coisa, Zampa. Dizem — viva Gerinel e abaixo a Inquisição..

— Ouço tambem o meu nome...

— E' natural! Falam em ti e em mim... Que, se te oppuzeres, ficarás prêso n'esta caverna ao lado do espião de Deza... Está bem — teremos a mesma sorte.

— Ah! bandidos! exclamou Zampa, erguendo-se impetuosamente — Veremos quem vence!

— O que é isso, homem! E' preciso que te resignes.

— Henrique Nunes, voltou de novo o preamar ao meu velho coração...

— Voltou o amor, ou nasceu o odio?

— Juntei-os, e tenho a vingança — Tu és o odio, Henrique Nunes, eu sou o amor... Juntemo-nos!

E Zampa, lançando a mão á venda do espião, exclamou:

— Dá-me os teus olhos, enviado de Satanaz.

— E tu dá-me o teu braço, enviado do Céo!

E os dois homens, como se se tivessem precipitado n'um abysmo, atiraram-se sobre uma sombra que parecia sentada no chão e encostada ao muro — e desappareceram!

Entretanto a turba alvoroçada, tendo corrido a armar-se em todos os desvãos da caverna, voltava a reunir-se em volta d'uma fogueira fumarenta, e, extendendo sobre as chammas os punhaes, facas e lanças, como se quizesse temperar n'ella esses ferros de combate, gritava com vigoroso enthusiasmo.

— Viva Gerinel! Abaixo a Inquisição! Morra Deza!

LVIII

Sonho e realidade

Pobre Sarah! Que de saudades terão affligido a pobre creaturinha, desde que o arcebispo a deixou entregue aos mais tristes pensamentos? Saudades de tanta gente, saudades de tantas cousas!

De Pedro, cuja sorte ignorava, que podia estar ameaçado de grandes perigos, graças á situação violenta do povo de Sevilha e da côrte de Castella; da velha Joanna, cujos olhos se deviam ter desfeito em lagrimas, por já não verem o filho, que ella adorava e que poderia ter a sorte de Jacob! Saudades da sua casinha de Villa Nova, das suas flôres, da sua roca e das suas estrigas! Saudades do sol dourado e quente e do céo azul, manchado de pequenas nuvens, brancas e leves como flocos d'arminho! Saudades! finalmente, de sua irmã, que voara do mundo, com os labios cheios de sorrisos tristes, como os dos anjos que velam pelos moribundos!

E, principalmente, aquella immensa saudade, que dóe e affligе como se fôsse o desespêro, porque nos fala da perdida liberdade dos nossos passos, dos nossos sonhos, dos nossos queixumes!

Quanto tinha ella já soffrido, e quantos soffrimentos a esperavam! E tudo que se annunciava era peor que tudo que já acontecera! O passado tem, como todos os mortos, uma auréola de perdão que offusca todas as más estrellas que nos guiaram. O tempo parece-se muito com a gente que morre...

O presente tem vicios e defeitos que provocam protestos e queixumes; o passado faz esquecer todos os damnos e todas as dôres! Magoas, que o tempo levou, são como os aggravos que recordamos aos mortos... recordamol-os para os esquecer e perdoar! Um inimigo prostrado merece compaixão, e não odio... Quem ha de ferir traiçoeiramente um adversario que dorme? Quem ha de esbofetear um morto? Um passado triste é sempre melhor que um presente cheio de saudades e de receios!

Sarah era tão infeliz, n'aquella soledade do corpo e da alma, que chegava a ter saudades d'aquelles tempos malditos em que perdera a mãe, o pae, a irmã; d'aquelles tempos do ciume, que é a punhalada do amor, e do lucto, que é a sombra da morte.

E tinha-as, porque, n'aquelles tempos, as grandes catastrophes chegaram de surpresa... Não lhe tinham dado o martyrio do presentimento, mas passado, como um raio que a tivesse assombrado, sem lhe mostrar a ameaça do primeiro relampago! Em plena juventude o lucto é preto, mas de seda — leve, fresca, e tão lustrosa e branda, que até a luz, ao bater-lhe, parece dar-lhe outros tons... O olhar de Pedro banhava-a — como um raio de sol, quando ella, vestida de negro, atravessava o cemiterio da sua vida...

Mas esse olhar agora parecia ter-se apagado... e ella estava n'um grande abysmo de sombras. A's escuras, os diamantes mais lapidados parecem feios e negros, como se ainda fôssem carvões acabados de sahir das entranhas da terra! Estava tão triste, a pobre Sarah!

Por vezes se julgava perdida, irremediavelmente perdida, e então punha as mãos como se quizesse rezar mas a mente adormecia-lhe, e em extasi se ficava, como se estivesse contemplando uma phantastica apparição! Que estaria ella vendo n'esses momentos de abstracção? O seu proprio vulto subindo, subindo em busca de regiões encantadas. . Era o enlêvo dos desesperados — a unica compensação reservada aos que só pensam no Céo, quando reconhecem que já não podem viver na terra.

Este mysticismo é uma das manifestações pathologicas dos que estão morrendo, ou desesperando.

A fé, que irrompe n'estes doentes, ou n'estes infelizes, é como as chammas d'um grande incendio — que sobem em rabanadas de linguas crepitantes, pelo espaço, como se quizessem atravessar as nuvens! Quem vê esse fogo tão impetuoso a desfazer-se em frangalhos na sua ascenção, julgará que elle é attrahido e absorvido pelo céo, que cobre a nossa cabeça... e engana-se. As chammas d'um incendio sobem impellidas pela materia que arde! E' assim o extasi do olhar d'um crente — fogo d'um cerebro incendiado e que sobe crepitando uma prece!...

Sarah ia entrando n'aquelle periodo agudo em que a mystica doença lhe dava a illusão de que Deus a estava espreitando e ouvindo e de que se estava a desprender, para subir com o seu olhar quente e humido, como, se, sob divino influxo, se lhe estivessem formando azas de pennas brancas nas suas espaduas de anjo, ou de martyr. Este requinte de fé, esta allucinação de todos os sentidos, esta attitude beatifica, estes sonhos de gente desperta, esta febre que incendeia — a que os beatos chamam mi-

lagre, e os theologos revelações de Deus — não é mais que a embriaguez da dôr, que faz cambalear a razão e muitas vezes cahir na loucura...

Sarah estava tão doente, tão fraca, tão febril, que, depois de ter pensado muito no passado com saudades, no presente com dôr e no futuro com mêdo, ao ver que lhe fugiam todas as esperanças, e que, com ellas iam perder-se as suas illusões e os seus amôres, olhava fixamente a imagem do Christo, tão chagado o corpo, tão resignado o rosto, tão aureolada de graça a fronte que abatera, que sentia, comprehendia, que era na morte que estava a grande vida de sorrisos, de flôres e de affectos!... E orava de mãos postas, absorta, esquecida, transfigurada...—O martyrio ia transformando a energica filha do Lopo...

Não se lhe quebrantara o ánimo, não; era ainda a mulher prevenida e corajosa, que affrontava a desgraça com aquella coragem, que se confunde com a resignação... Mas já não luctava com a desgraça para a vencer, se não para a experimentar, desdenhando-a... O mundo ia, momento a momento, parecendo-lhe tão pequeno! Que terra esta! Que vida esta! Que valia, afinal, a Humanidade?

Sarah era religiosa...

Quem o não era n'aquelle tempo? Tão religiosa, que nem a Egreja, com todos os seus crimes, lhe tinha quebrantado a fé! Mas era d'uma religião superior, que não vinha de philosophias, nem ia para o fanatismo... Tinha a intuição de que uma grande série de gerações, que ella, pelo menos, avaliava pelos dezeseis seculos da éra christã, já decorridos, não tinham sido bastantes para a descoberta da verdade a respeito de Deus.

Deus devia ser um poder que ficava além dos moldes em que o fundiam os frades de S. Domingos, e os inquisidores de Sevilha... Elle, com certeza, reprovava tudo aquillo, que, em seu nome, se estava fazendo... Se não tinha acudido a tanto infortunio era porque o seu olhar andava prêso ás maravilhas dos mundos maiores que enriqueciam o universo! Ou talvez, quem poderia contestal-o? porque creara a humanidade, dera-lhe leis e preceitos, e deixara-a fatalmente submettida ás suas determinações. Sarah balouçava-se entre duas supposições, que lhe pareciam razoaveis... Depois de acceitar uma e outra, nitidamente illuminadas pelos clarões do cerebro — é que percebeu que duas convicções que se combatem, em vez de lhe avivarem a fé, iam abysmando-a na dúvida.

Tendo de appellar para a intervenção d'um poder superior, mysterioso, indomavel, buscou fazer uma conciliação entre o christianismo e o fatalismo!

No cerebro doentio d'aquella pobre mulher, por uma coincidencia, que

um dia hão de explicar o progresso e a evolução do espirito humano, estava-se operando a obra colossal da Reforma, que começou no despotismo da Egreja e veiu até á liberdade de consciencia.

Não foram os sabios, não, que desvendaram novos horizontes ao pensamento humano, discutindo os dogmas consagrados em seculos de ignorancia e devoção; a grande revolução veiu do pensar afflictivo de tantos miseraveis, que, a fôrça de perseguições e tormentos, tiveram de interrogar, dias e noites, nos carceres da Inquisição, esse Deus tão invocado e exaltado pelos homens, que, invocando o Céo, transformavam o mundo n'um inferno insupportavel!

Na felicidade, livre, em paz, com a luz da graça a brilhar nos altares, a gente bôa acreditava em todos os dogmas, e pensava de preferencia nos interesses e nos trabalhos da vida...

Se a intolerancia religiosa não houvesse invadido o mundo, não teriam os povos procurado razões para acceitarem as tradições religiosas.

A Inquisição foi o barbaro instrumento d'uma obra civilisadora. As fogueiras que queimavam os corpos, antes do crime tão brutal, illuminavam os espiritos...

Prender pés e mãos, apertar a garganta, amordaçar a bòcca, vendar os olhos — segredando ás victimas surpresas — que Deus assim o quer, que a Egreja assim o cumpre, obriga os espiritos mais obscuros a voltarem-se para Deus e para a Egreja, para lhes perguntar: Que Deus sois vós em que temos acreditado? Que Egreja é esta que temos servido?

Nas trevas e no silencio dos carceres inquisitoriaes, ocioso o corpo, ameaçada a vida, subjugada a vontade, os cerebros explodiam pensamentos luminosos, que revelavam verdades novas, ou destruiam crenças e preconceitos.

A razão humana e um explosivo, como muitos que a chimica moderna inventou — expande-se e detona, se a aquecem, ou se a comprimem... a Inquisição provocava a razão dos ignorantes e dos sabios, dos distrahidos e dos pensadores, dos crentes e dos scepticos, com o calor das fogueiras e a pressão da tyrannia...

O cerebro de Sarah, apenas afeiçoado á comprehensão da sua vida dos seus amôres e da sua religião, ao ser excitado pela ferocidade do poder inquisitorial, transformou-se, accendeu-se, fusilou idéas, principios, fins, razões e perguntas, que julgava não guardar até então na sua cabeça gentil, coberta com as formosas tranças dos seus cabellos!

Foi então que ella viu pequeno o mundo, pequenos e ruins os homens, perfida e profanada a Egreja, curta a vida, fugaz o amor, fraco o poder, estupida a ordem social monturo as riquezas da terra! E acima

de tudo isto o que quer que fôsse, mais luminoso que o sol, mais forte que a fôrça, maior que o infinito, mais justo que a justiça, mais solenne que o templo, maior que o universo, a cujo seio haviam de ir abrigar-se, transformados em estrellas, em aromas, em lufadas de vento, em cataratas de orvalho ou em nuvens douradas — os deuses mais perfeitos, os sacerdotes mais divinos, os reis mais humanos e os amôres mais castos!

Era a concepção mais grandiosa da vida, senão a eterna, da mais duradoura, da mais feliz, immaterial, cheia de harmonias, sem lendas e sem leis, sem frades e sem Santo Officio, sem miserias e sem lucto! Uma vida de beijos sem appetites e de pudor sem habitos! uma vida tão serena como a morte, mas uma morte tão alegre como a vida, em que o prazer de fazer o bem consolasse tanto os espiritos como uma aragem fresca pode melhorar uma atmosphera calida! Vida de cousas ideaes, como os sonhos e as utopias, sem velhos que annunciam o fim, e sem creanças que affirmam um principio!... Com esponsaes de sorrisos e conceições purissimas!

Pobre Sarah! que grande delirio lhe perturbava a mente, emquanto de joelhos, com as mãos postas, punha os olhos, rôxos de chorarem, no rosto pallido do Nazareno!

Era aquillo um extasis de excitada devoção, ou o bruxolear sinistro do seu perturbado entendimento?

Se fôsse a loucura? Talvez não; apenas um delirio transitorio, provocado pela amargura dos ultimos dias, pelas insomnias soffridas na propria defesa...

Felizmente foram-lhe descendo as palpebras sobre o olhar triste e fixo, pousaram docemente as mãos enlaçadas sobre a aresta do pequeno altar, e, sobre as mãos já descançadas, veiu encostar-se a testa ardente, emquanto o cabello sôlto lhe emmoldurava as faces...

Estava completo o quadro do Calvario...

Completo não — correcto e modificado... fazia de Magdalena, a peccadora, Sarah, a virgem martyr!...

* * *

Estas crises não eram felizmente muito demoradas, mas, apesar d'isso, deixavam signaes evidentes da sua passagem. O espirito de Sarah tornava-se cada vez mais resignado ao soffrimento e á lucta. Talvez mais á lucta que á resignação. O que ás vezes embaraça a rebeldia dos espiritos é, não só o medo do insuccesso, mas ainda os perigos que o acompanham.

N'esse ponto Sarah previa o peor, como lhe chamava antigamente — ou o que era fatal — que não valia a pena nem discutir, nem recear: a morte! Nenhuma solução mais commoda e menos duradoura! Até alli, até áquellas mysticas preoccupações, Sarah era corajosa, decidida, porque a animava o desejo de viver — mas agora era porque já não temia a sepultura!...

Sem saber por que, nem já lhe chamava morte, mas transformação — já não a tinha por um fim, mas por um principio novo... Morrer seria recomeçar...

Só uma pessoa lhe fazia hesitar por vezes n'esse desprendimento do mundo: era Pedro. Mas, depois de meditar um pouco, acabava por contar tambem com a morte d'elle, e chegava a sonhar, com uma longa viagem pela tal longa vida, ouvindo-lhe o ruido dos beijos e sentindo-lhe o calor dos braços!

Em todo caso, quando despertava, acolhia com um sorriso a idéa de que, se elle vivesse, e o mundo se fizesse melhor, valia bem viver, sem passar pelas angustias que mataram sua irmã e sem sentir o calor das fogueiras que ameaçavam Jacob.

Isto, afinal, significava que o seio de Deus, a que ella pretendia acolher-se, representava mais um refugio, que lhe apparecia na desesperança, que um amôr novo, mais puro que o de Pedro.

E' que a fé religiosa, por mais que o martyrio a depure, é tanto mais forte, quanto maior é a pena de perder os bens mundanos.

E, assim, Sarah ia misturando, ora sonhando com Deus, ora pensando em Pedro, a sua esperança com o seu desespêro, os anceios da sua alma com as reclamações dos seus nervos.

Como se vê, Sarah pertencia áquella especie de mulheres, que não declamam nos perigos, nem choram com as dôres, como as creanças... O seu trabalho consistia em pensar, e pensar para conhecer a sua situação e determinar os seus actos.

Ao vêl-a, na sua pungente soledade, triste, mas serena, não seria facil descobrir o trabalho immenso de investigação em que andava aquella graciosa cabeça de madona.

Bolia-lhe em grandes vôos o pensamento, apesar de não poder alongar a vista para álém dos muros do seu carcere, e quasi até se esquecera dos perigos que a ameaçavam. N'um momento lembrou-se das ameaças, ou dos galanteios de Deza, e a sua beatifica attitude transformou-se n'um movimento de energia e resolução.

Se fôsse necessario, para salvar Pedro, sacrificar, não o seu amôr, mas o seu pudôr, Sarah a tanto estava resolvida. Via nitidamente a pequenez do

mundo e das suas convenções. Resistir era perder-se, e perder o que mais amava. Tambem Deborah devia ter resistido, e, apesar d'isso, foi roubada... Ficou-lhe intacto e virgem o coração... E tanto que Pedro não desdenhou acceital-o em troca do seu . e do seu nome, o que era mais.

Jacob era um homem, um verdadeiro homem, orgulhoso, forte e destemido... E Jacob soffrera, afinal, todas as amarguras, todas as vergonhas, e estava condemnado ao maior dos sacrificios á morte — com sambenito na praça pública, com o estigma da infamia, sobre uma fogueira, amarrado a um poste, deante da multidão ignara, imbecil e cruel!

Que poderia ella fazer em sua propria defesa, em defesa do seu corpo, que os homens podiam talvez achar bello, mas que ella julgava miseravel? e tanto, que a sua grande alma estava n'elle encarcerada—n'elle, tão fraco, tão cobarde, que nem podia defender, contra o mais torpe esbirro da Inquisição, o thesouro que guardava!... E, depois, o que era o corpo? um pedaço egual a milhões de pedaços que na terra existiam para envelhecerem com o tempo, ou apodrecerem com molestias...

Estava só no mundo, e Deus bem a via assim. Sua irmã não fôra menos virtuosa que ella, e Deus deixara-a entregue ao seu destino .. Ou Deus exigia aquelle sacrificio, ou a vida da humanidade não tinha importancia na vida do universo... Ia no caminho da morte, e podia chegar lá, matando-se por egoismo, ou polluindo-se por dedicação... Precisava de remir a vida de Pedro —e Pedro era para ella a humanidade inteira... E Sarah procurava assim tranquillisar-se, ao recordar as ameaças do arcebispo...

N'outros momentos, quando victima dos seus perseguidores, alvoroçava-se-lhe o seio em forte aspiração, que lhe denunciava ainda vida, fôrça, juventude, o seu orgulho de mulher honesta dava lhe rebates de indignação, e optava pela morte, entre a morte e a vergonha. O pudor esmagava-lhe a fé religiosa e a resignação cobarde. E depois, cançada de pensar, chorava, cançada de chorar rezava, á espera que lhe apparecesse —ou Pedro, que viesse salval-a, ou Deza, que viesse perdel-a...

Em quem Sarah menos pensava era em Jacob! E por elle viera a Sevilha, e por elle arrastara Pedro! e por elle perdera-se e perdera o viuvo de Deborah, sem poder salvar o brioso judeu, que a ella sacrificara a liberdade, e a vida!

E' tão caprichoso o coração das mulheres!

Bem sabemos que ella nunca amara Jacob, mas tambem que, vencida pela fidalga dedicação do christão-novo, se mostrava disposta a deixar-se amar...

E' certo, e bem certo, mas isso tudo foi no tempo de Deborah, quando

Pedro não era livre, quando ella tinha necessidade de occultar o sacrificio da sua alma, por forma que nem Pedro nem sua irmã tivessem d'isso pena ou ciume. Agora as condições da vida de Sarah eram bem differentes... Pedro, até com a saudade do anjo que perdera, poderia amal-a e desposal-a. Talvez que elle lhe tivesse mais amizade que amor... talvez!... E, depois, talvez não... Quem poderia affirmar que Pedro não houvesse trocado para com as duas irmãs os seus diversos affectos?

E certo é que Pedro junto de Sarah era sempre mais alegre, mais communicativo, mais enthusiasta! ..

Quando elle estava junto de Deborah parecia que lhe pesava no coração a sombra d'um dever!

Sarah pensava muito n'estes pormenores, quando não estava chorando, ou rezando. Eram esses os melhores momentos da sua soledade!

Alegrava-se-lhe então o rosto, como se passasse deante d'elle uma nuvem côr de rosa! Não olhava o Christo, nem baixava o olhar... Pregava os olhos na luz que vinha da gelosia do seu carcere, e, ficava-se, de labios entreabertos, juntas e cahidas as mãos sobre o regaço, parecendo contemplar alguem que lhe falava em cousas muito formosas e alegres...

Chegava até a parecer que cantava! Quando o coração está em festa, o cerebro canta doces melodias, que só nós escutamos! E os olhos, que brilham, e os labios, que sorriem, mostram se na attitude de escutar essa musica, tão mysteriosa e intima.

E assim se passaram alguns dias, sem que voltasse áquella solidão nem uma nova alegre ou triste, uma noticia dos seus, ou uma ameaça dos contrários.

Sarah sonhava muito sem dormir e nunca dormia sem sonhar. D'isso lhe resultava uma grave canceira de espirito, que a assustava.

Chegou a ter medo de que aquella solidão e aquelle esquecimento, a que a tinham votado, fôssem consequencia d'um habil plano de ataque em que ella houvesse de succumbir sem resistencia e até sem consciencia. —

Serviam-na com respeito os esbirros e os servos, e Suzana ás vezes lhe apparecia.

Só essa pobre mulher, de perturbada razão, mas com frequentes periodos de lucidez, vinha, algumas vezes, quebrar a monotonia d'aquella solidão. E talvez, graças á louca viuva de Samuel, se mantinha equilibrada a razão de Sarah.

A vida da pobre martyr, e seus episodios, cheios de lagrimas e sangue, attenuavam a magoa da reclusa.

Nada ha para minorar uma dôr como prender a attenção ás dôres alheias... Suzana entretinha-se a contar os seus males, e, contando-os,

ora a proposito da morte do mouro, ora da fuga da cigana, de Eva, que era filha do seu homem, e que ella acolhera como se fôra sua, ou melhor, de ambos, tão depressa falava de vingança, como logo se desfazia em pranto, acreditando que era castigada por Deus, que lhe conhecia os peccados da sua mocidade aventureira.

N'essas entrevistas as duas desgraçadas misturavam os seus queixumes, trocavam confidencias e alentavam-se, mutuamente, inventando esperanças n'uma vida de paz e de amôr.

Assim as duas enfermas iam gastando o tempo a pensar em liberdade e aventuras.

O peor era quando Suzana, depois de recordações pungentes, ou se entregava á sua mudez contemplativa, ou começava desatinando em palavras e movimentos.

N'essas horas, Sarah não tinha só compaixão da sua companheira, tinha tambem mêdo, muito mêdo, e fugia aterrada para um canto da camara sombria, sem despregar o olhar magoado dos olhos coriscantes da pobre louca.

E Sarah, de longe, procurava acalmal-a dizendo-lhe palavras dôces, promettendo salval-a, jurando-lhe que Samuel a esperava no Céo, e que Eva havia de vir lançar-se-lhe nos braços e banhar a cabeça n'aquella caudal lacrimosa .. Mas a louca parecia não a ouvir, nem sequer escutar...

O pensamento de Suzana voava d'aquelle logar, quem sabe para que regiões mysteriosas e infinitas?! Respondia a outras vozes, affrontava outras imagens, e, durante essa tremenda crise, bracejava no espaço como se estivesse luctando com um bando de espectros.

A pobre menina, não confiando em soccorro humano, ou temendo-o pela doente, que em taes accessos era sempre castigada com o chicote dos esbirros, chamava por Deus, em voz baixa, e ajoelhava na frente da desvairada creatura...

Um dia, em que o accesso fôra mais violento e demorado, Sarah, transida de mêdo, affectando coragem e decisão, dirigiu-se ao altar e arrancou de sobre elle a imagem de Christo. Depois, trémula e pallida, encaminhou-se para Suzana e approximou-lhe dos labios os pés chagados do grande martyr.

Applacaram-se de subito as ondas revôltas do seio da condemnada, cerrou-se-lhe docemente a bocca que se estava contorcendo á mercê de mil esgares diabolicos — o olhar tornou-se mais humido e intelligente, e como absorta, ou fascinada, a formosa captiva abraçou-se ao pescoço de Sarah e aos pés da cruz negra, onde se destacava o marfim amarello da esculptura, e rompeu em chôro copioso, mas sereno.

Então Sarah afagou-lhe a cabeça, como faria a uma creança, que tivesse pedido perdão de suas faltas, e levou-a suavemente para junto do leito...

Suzana, depois, sempre que esta scena se repetia, retirava-se cabisbaixa, com passo lento, sem dizer uma palavra, mas lançando um olhar de beijos, que tambem ha d'estes, á sua meiga enfermeira.

Quando voltava, no dia seguinte, todo o seu esfôrço era para não recordar os assumptos que na vespera a tinham perdido. Procurava, então, imaginar aventuras que traziam a ambas a felicidade mais risonha.

Quando, um dia, Sarah estava pensando amargamente na sua desgraça, e no espirito lhe esvoaçavam as mais terriveis previsões, na sua attitude mesta, mas resignada, falando intimamente com Deus e com Pedro, com a morte e com o amor, appareceu-lhe Suzana, que na vespera começara por descrever os supplicios que soffrera, e acabara por beijar o ébano do sagrado madeiro...

— Estou perdoada, menina Sarah? Sou tão má! Afflijo-vos tanto, senhora minha!...

— Valha-te Deus, Suzana, de que tenho eu que te perdoar? Por seres infeliz e doente? Se Deus te tranquillisa e acolhe, se te não queimam os labios as plantas do Nazareno, é que nem o Céo tem direito a queixar-se... Quanto mais eu, minha querida Suzana, que sou peccadora, e mais feliz que tu?...

— E falaes em Céo, como se não fôsseis d'elle! Que idéa poderia haver, na terra, d'essa mansão tão santa, se não andassem por cá anjos tão bellos e bondosos, como vós?...

— Não só te perdôo, mas até te agradeço a carinhosa companhia. Ah! Suzana — a solidão é um abysmo infernal — põe labaredas na cabeça, e gela o coração! E eu soffro mais que a solidão, soffro a soledade...

— E' mais ainda?

— Deve ser — a soledade é a solidão dos tristes — é um misto de saudade e de isolamento...

— Tendes razão, menina, é mil vezes peor... Mas eu, juro-vos, meu anjo, que tenho tanto medo do mundo, dos homens, de toda a gente!... assusto-me tanto quando alguem se approxima de mim... Pudera não!.. Se toda a gente me tem feito mal!...

— Mas de mim não foges!

— Ah! não, que vós tambem sois desgraçada, e sois tão boa, tão boa, que nem pareceis d'este mundo em que ha frades e fogueiras!...

Bem: falemos n'outra coisa... Já sabes que te faz muito mal contar historias tristes...

— Hoje não tenho mêdo... Estou melhor — muito melhor! E a cura é a vós que a devo. O vosso carinho refrescou a minha testa, que estava sempre a arder... Ora vêde, apalpae... Não é verdade que tenho a cabeça fresca como o marmore dos altares e o marfim dos santos?

— E' verdade, Suzana, disse Sarah, pondo a mão sobre a testa da sua companheira, parece ate que trazes sobre ella o orvalho da manhã... Olha bem para mim, Suzana.

A doente conchegou o busto ao collo de Sarah, e fitou com olhar meigo os olhos da sua amiga.

— Não abras tanto as palpebras. Naturalmente... Assim... ah! que serenidade e que limpidez! Dormiste esta noite?

— Sim, dormi; de mãos postas adormeci e de mãos postas accordei!

— E' Deus que te acode, dando luz nova ao teu espirito... Dá-me um sorriso, como se estivesses a olhar para a tua Eva... anda... tens os dentes tão bellos, que é pena que os não mostres...

A viuva de Samuel, ainda Sarah não findara o galanteio, e já, distendendo os labios, produzia um sorriso, tão espontaneo e amoravel, que Sarah se apressou a cobril-o com um beijo.

E as duas pobres mulheres abraçaram-se, tão convulsamente, que não era facil adivinhar se estavam rindo, se chorando.

— Julgaes-me melhor, não é assim? Devo só a vós esta transformação — a luz da minha esperança veiu do vosso olhar! Agora já não penso tanto em vingança, e renasce em mim o amor á vida. Sabeis quem operou este milagre? Fostes vós, menina Sarah...

— Eu! Mas que te disse eu? E' certo que te tenho amado, que tenho chorado comtigo, mas como poderia dar-te conselhos, eu, que tanto preciso d'elles? Infelizmente quando te dizia palavras de consolação e de esperança, nada ouvias; a tua razão annuviava-se...

— Se vos não escutava então, tudo me repetias depois, á noite, em sonhos! Ainda hontem conversastes tanto tempo commigo! Ouvi tudo, comprehendi tudo! O vosso coração está cheio de esperanças, e o meu tambem.

— Suzana, olha para a realidade...

— Não vos assusteis. Estou dizendo o que sinto, e já não estou louca. Conheço o vosso plano, e acho que é excellente! Ides ter a liberdade, que bem a mereceis... E levaes-me comvosco!... Como sois bôa! Tudo me contastes em sonhos, e eu tudo acreditei...

— Pois sim, pois sim, mas falemos primeiro dos dias que poderemos passar juntas, n'esta casa... interrompeu Sarah, baixando os olhos tristemente.

— Sim, n'esta casa, apenas alguns dias, e depois fora d'aqui, á luz do sol, longe da Hespanha, no vosso formoso paiz... Tendes quem vos defenda, bem sei... e eu tambem tenho... Os meus podem menos, mas são muitos. Os vossos são poucos, mas são homens de influencia no arcebispo e no regente... Tudo me contastes! Gostei tanto! Nem os vossos amores me esqueceram! Com que enthusiasmo me falastes do vosso noivo!...

— Estás gracejando, Suzana? Pois acreditas em sonhos?

— Se acredito! Eu nunca sonhei estas cousas... Por que as sonho agora?... Olhe, menina Sarah, o meu Samuel não queria acreditar no que nos aconteceu, e eu sonhei todas essas desgraças! Quando elle morreu, pouco antes d'esse supplicio atroz, no meio do meu delirio, eu vi-o morrer exactamente como elle morreu! E, ao despertar, agarrava a minha pobre cabeça em chammas, e dizia, como n'um sonho—estou louca! estou louca! Já vêdes que acredito em sonhos... Não ha dúvida! Tendes um homem que amaes e que ha de vir libertar-vos, e fugir comvosco... E cumprireis a vossa promessa, não é verdade? Levar-me-heis na vossa companhia, para a vossa aldeia nas terras da nossa infanta?...

— Continua, Suzana, continua. Começa a interessar-me o teu sonho... Então eu disse-te tudo isso?

— Juro-o por aquella imagem, que eu tenho beijado nas horas do meu cruel desespêro, déstes-me todas estas esperanças! Se até me falaste, com grande enthusiasmo, do vosso gentil cavalleiro — um moço, que vae á casa do rei e que conhece com primor o jôgo das armas.

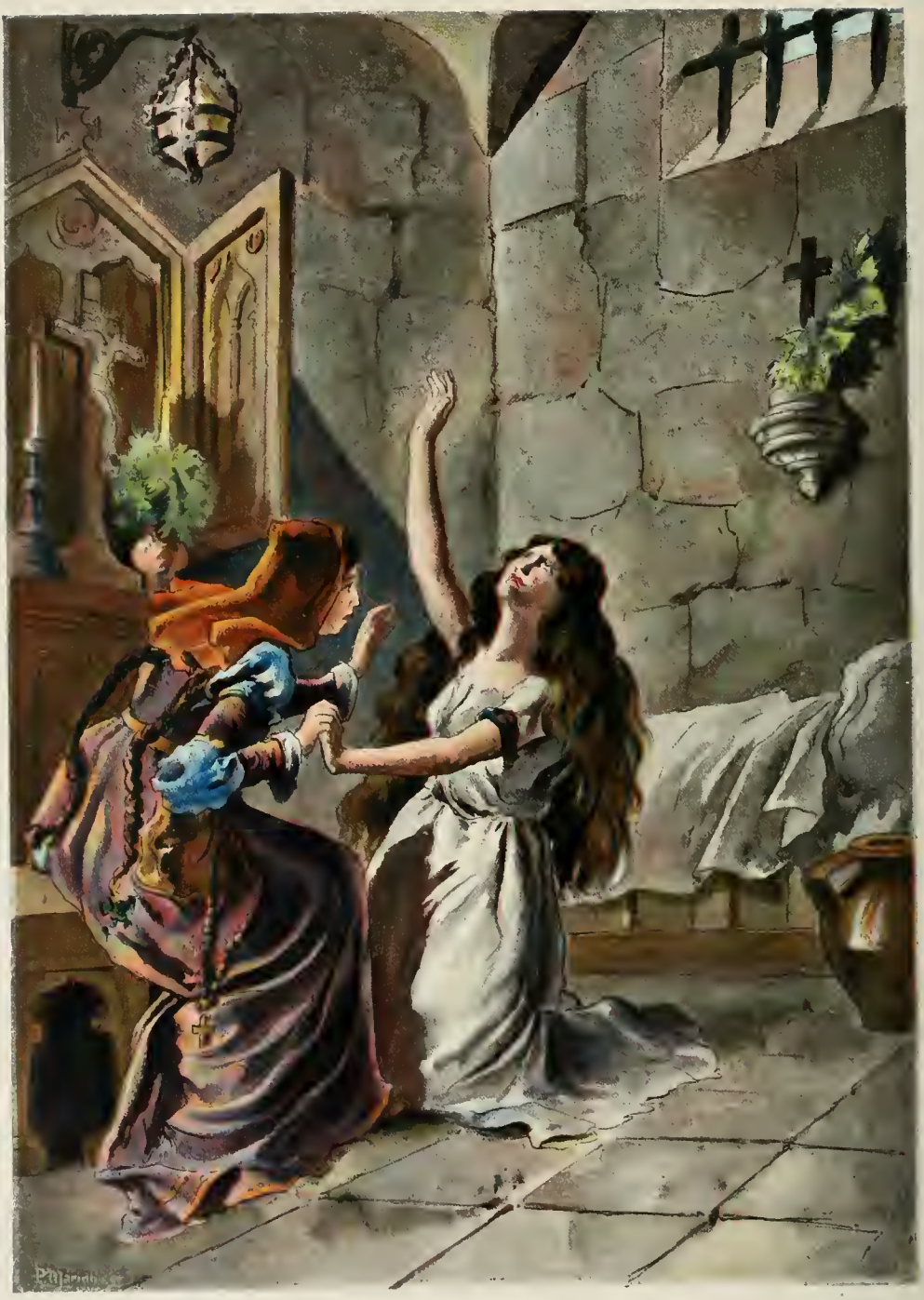
Estou a vel-o com o seu gorro de plumas, ou o seu elmo de prata! Que deliciosa existencia!... A vossa gelosia ornada de flôres, e ao longe um rio, tão grande, ou maior que o Guadalquivir! Não vos lembraes de tudo isto? pois lembro-me eu!...

— Quanto tens sonhado, Suzana, tem sido verdade?

— Oh! sempre, sempre...

— Segue, anda, segue... Conta o resto. Disse-te como haviamos de sahir d'aqui?

— Dissestes, sim. A Triana revoltada assaltaria o Palacio da Fé. Os perseguidos de Cordova e os ciganos de Sevilha, viriam alliar-se aos inimigos de Deza, aproveitando a indecisão de Fernando... O assalto da rua combinado como o dos prêsos politicos que enchem a Inquisição, dará um movimento de surpresa, que os agentes de Roma animarão com dinheiro. — Não sei bem se tudo isto é possivel, mas parece-me que é explicavel — a Andaluzia irrita-se contra a Inquisição, mas soffre-a, porque odeia os mouros, que ainda lembram o senhorio de Granada, e os judeus



E Sarah apertava convulsamente as mãos de Suzana

que são os onzenarios das Hespanhas. Vós é que sabeis como isto se diz. Eu só decorei...

— Oxalá que esteja certo!... E de Jacob? Que te disse, em sonhos, a tua opulenta phantasia, minha querida Suzana?

— De Jacob? murmurou hesitante a amante do mouro, como se lhe falhasse a memoria, tão fiel até então.

— Sim; bem sabes que só por elle viemos a Sevilha, eu e Pedro, e que, se muito nos interessa saber como poderemos salvar-nos do laço que nos armaram, não menos nos preoccupa a sorte do christão-novo, tão innocente como nós e martyr por minha causa. Elle tambem poderá libertar-se?

— Deixáe vêr se me recordo... Sim, tenho uma idéa... Tambem se falou n'elle... mas não o vi mais tarde nos meus dias de felicidade, a vosso lado... Parece-me até que cheguei a vêl-o de sambenito, preparado para o sacrificio... Sim, foi isso... E elle pedia-vos que o salvasseis d'aquella dôr e d'aquella vergonha!... Agora me recordo... Afflicta, accordei, quebrando o fio d'esse sonho cheio de lagrimas e de sorrisos... E' verdade que o reatei depois... mas então ia eu já a fugir atraz de vós, amparada pelos braços da minha Eva... E não vi mais o pobre moço... não vi, é certo... não vi!

— Aviva a tua memoria, Suzana, e faze um esfôrço, minha amiga. Foi elle ao patibulo? Viste-o amarrado ao poste? Ouviste-lhe os gemidos?

E Sarah apertava convulsivamente as mãos de Suzana, e, afagando-lhe o rosto, e fitando-a muito, como se quizesse suggestional-a, fazia-lhe estas perguntas apressadamente, com receio de que fugisse o lampejo que brilhava nos olhos da vidente.

— Sim, continuava Suzana, com o olhar muito firme na abobada da camara, sim... chegaram os esbirros quando elle vos pedia a salvação — e elle cahiu... E' isto, é... foi então que despertei muito afflicta... Ah! menina Sarah, que de nada mais me lembro!...

E, mostrando grande desânimo e cançaço physico, poz as mãos nos olhos, e reclinou a cabeça no hombro da sua amiga.

— Bem, acabou-se... De que serve entregarmo-nos a este fatigante devaneio? Não pensemos mais n'isso. Pensar na felicidade, ainda mais nos entristece... Deus é arbitro dos nossos destinos. De tudo isto com que entretiveste a minha pobre imaginação, fica apenas esta tristissima realidade: Pedro não vem, e o arcebispo não deixa de me perseguir...

— Não digaes isso, senhora, não digaes tal... O meu sonho é uma revelação do Céo! Creio n'elle, como creio em Deus!

— E foi essa esperança que te fez resignada e te acalmou o espirito, e te concertou o entendimento?

— Que melhor prova da intervenção divina? Deus attentou na minha desgraça e compadeceu-se de mim!

— Receio que esse favor do Céo, ou do acaso, em vez de te salvar, aggrave os teus males e approxime os maiores perigos... Esta gente, Suzana, por te julgar louca, de ti se desinteressa... Abandona-te o tribunal, e deixa-te o palacio por homenagem, porque te vê tão desvairada. No dia em que saiba que tens a cabeça livre, prender-te-ha os braços... Se descobrem que tens luz no cerebro, roubam-te á luz do dia... Toma cuidado, Suzana — Deus dementa os que pretende condemnar, mas a Egreja perde os que revelam juizo.

— Já pensei n'isso, senhora minha, disse Suzana erguendo a cabeça com vivacidade. Serei avisada só na vossa presença. Para toda esta gente continuarei com os meus males. Dir-me-heis o que eu fazia e dizia nas minhas horas afflictivas, e reproduzirei por vezes, na frente dos esbirros e familiares, todas as minhas loucuras... Nada recieis... Não acreditaes em que o Senhor se compadeça dos bons e dos infelizes?

— Compadece-se sempre, mas nem sempre lhes acode...

— Aquelles que o não invocam...

— Quem pode dizer, Suzana, se a melhor maneira de crer n'elle e adoral-o, será soffrer com resignação? Não soffreu tambem o Filho de Deus? E o Padre Eterno não acreditaria na fé e na innocencia do Filho? Quem sabe se a oração, que não importa sacrificio, é recebida como pedido de egoistas, ou queixume de cobardes? Soffrer, sim, soffrer é que deve ser orar com fé viva e crença ardente!...

— Mas eu tenho soffrido tanto! tanto! senhora!...

— E eu? Sim, tendes razão; quem tem passado os nossos tormentos, já conquistou direito a horas de felicidade. Tenhamos, pois, esperança, a que trouxeste ao meu ermo, e pensemos nos que estão mais afflictos que nós...

— O desgraçado Jacob?

— Sim, esse. Não te falei d'elle em sonhos: não quero esquecel-o accordada... Como é que, Suzana, havemos de salval-o de tanta desgraça?

— Impossivel! Jacob está indicado para o proximo auto de fé! O tribunal já o condemnou... Espera-o a Plaza Mayor, com o garrote e a fogueira, ou o *quemadero*.

— Jesus! disse Sarah, cobrindo o rosto com as mãos.

— Senhora, na proxima semana, é o que por ahi se diz, logo que Sevilha esteja tranquilla, realisar-se-ha um tremendo auto, que ha de ficar assignalado, pela sua grandeza e crueldade, na historia da Andaluzia!...

— Que horror! Suzana, que horror! E tudo isso se fará em nome de Deus e da Egreja?!

— Sim, menina, sim... Nem vós imaginaes o que isso é!... Esfria-se-nos a carne, ouriçam-se-nos os cabellos quando assistimos ao mais pequeno episodio d'essa monstruosa tragedia!

— E vivem todos os condemnados?

— E' provavel que o misero Jacob, que está tão doente, tão doente! não viva já n'esse dia maldito. Sorri-me essa esperança... Mas não faltará no tablado o seu pobre cadaver!—A pé, ou de rastos, leval-o-hão, ridiculamente vestido, a passear por deante da multidão, e a envolver-se em nuvens de fumo! Se até faz pena queimar os cadaveres, o que será, menina Sarah, ouvir os gritos dos vivos!...

Sarah estava pallida, e o seio arfava-lhe, como se estivesse assistindo á festa dos cannibaes, que diziam servir a religião.

— Já viste algum d'esses autos?

— O ultimo foi ha dois annos, em plena primavera, quando havia tantas flôres nos balcões, e as raparigas da Triana cantavam, tão amorosas e alegres, como os passaros aos bandos, ao nascer do sol!...

— Morreu muita gente?

— Mais de cem pessoas, presentes e ausentes, isto é, em corpo, ou em estatua!

— E vê-se tal monstruosidade, Suzana? Ha olhos que supportam taes visões?

— Se ha?! O povo até folga e ri! Ha por alli tantas lagrimas e tantas zombarias!

— E Jacob ha de atravessar essa multidão estupida, ouvir-lhe os chascos, e morrer deante d'ella?

— E' destino .. não se pode fugir... A Inquisição é como a roda d'uma azenha... se nos apanha por uma prega do saiote, prende-nos, arrasta-nos, levanta-nos, precipita-nos, esmaga-nos, e dilacera-nos... A Inquisição tem mãos e dentes—mãos como garras de leão, dentes como punhaes de bandidos! Jacob foi agarrado por um dos tufos do seu pellote; ha de ir, excommungado, apupado, morto, ou vivo, a passear na Plaza, para divertir a canalha, e a fazer-se em cinzas para vingança dos catholicos... Mas, agora reparo, minha querida menina, perdeis a côr e os sentidos... Nada mais direi... Que estupida que eu sou! Perdoaes-me, não é assim?

— Isto nada é... E' cançaço.

E, depois, Sarah, aspirando fortemente, emquanto com um lenço de rendas enxugava o suor da fronte, convidou Suzana a assentar-se n'um pequeno tamborete que estava a seus pés.

— Contaste-me, Suzana, o teu sonho... E' um sonho, mas pode tambem ser uma esperança. Pois, já que foste testemunha d'esse martyrio infernal, que se chama *um auto de fé*—e que parece *um auto de heresia*—inventado pelos espiritos mais infernaes, fala-me d'elle... Conta-me, Suzana, conta-me o que viste, para que eu possa imaginar a grandeza dos perigos que nos ameaçam...

— Pois quereis que vos entristeça ainda mais...?

— Imagina que me contas um outro sonho... com a differença de que um falava da vida, e veiu da tua phantasia, e esse falará da morte, e virá da tua memoria...

— E poderei eu contar taes horrores? Se começo, logo choro e soluço...

— Assim é necessario; soluça e chora essa historia triste, que o dia vae fugir, e prefiro á solidão e ao silencio, que me gelam, essas historias de fogo... Imaginarei que estou ouvindo contos de bruxas ao serão da minha casa... Sentes frio, Suzana? Chega-te a mim; aqui tens a lareira do meu peito.

Suzana apoiou os cotovellos sobre os joelhos de Sarah, e, beijando-lhe as mãos ternamente:

— Começo?

— Começa — mas em voz baixa, que Deus está alli, e pode ouvir...

E a narradora começou...

LIX

Um auto de fé

Suzana dispoz o corpo, o gesto e o olhar, na intenção de supprir, com tudo isso, o que lhe faltasse na expressão.

Antes de começar, esteve alguns momentos, com um dedo nos labios, talvez a pensar por onde entraria na descripção de tão sombrio espectaculo...

— Vamos lá, disse, afinal, resolvendo-se .. Ha cousas que não sei explicar, de que não sei os nomes, de que nem até conheço as causas e o alcance... Mas isso que importa, não é verdade? O que quereis, provavelmente, é que vos dê a impressão d'essas scenas, em que a gente mais rica, mais sabida e mais nobre, por exemplo, o Regente, os bispos e arcebispos, os embaixadores, os capitães, as mulheres mais bellas, os juizes mais graves — tudo que veste os melhores estofos e adorna collos e cinturas — figura solenne e alegre, misturando a vozearia dos seus commentarios com os gemidos das victimas e o crepitar das fogueiras!... Que esplendido bazar de brocados e alfaias, pelos balcões da grande praça! Em pregas abundantes se debruçam, sobre as columnatas e arcarias, os tecidos mais delicados das terras de Marrocos e da encantada Alhambra! Ao sol, em tablados bem guarnecidos, d'onde pendem tapetes asiaticos, tecidos e coloridos com os melhores cuidados da industria arabe e persa, gente d'armas, e fidalgos do alcacer, tilintando as suas laminas de Toledo, tão bellas e tão finas como os melhores alfagemes de Damasco, lavrados e cinzelados como se fôssem obra dos preciosos abridores de Bagdad! Que de riquezas alli se apresentam, n'esse dia de luto e de lagrimas! Todos os fidalgos ostentam os seus brazões sobre diversissimas côres, em que scintillam o ouro e a prata! Na deanteira das guardas, tão numerosas como se fôssem uma hoste, luzem peitos com taxas de alto preço, couras de anta, couraças cobertas de velludo, gibanetes e saias de malha, e floreiam em correrias, na comitiva real, e guarnecendo o tablado

da justiça secular, adagas, terçados, leques, lanças e alabardas! Aos cantos do docel que abriga o throno, ha grimpas multicôres e flamulas de custosa seda. E' um dia de grande festa e folgança para a gente fidalga e devota!

— E o povo, tambem o julga assim?

— O povo? Tambem, sim, menina... Se é aquelle o unico dia em que elle gosa alguma liberdade! Esbirros e alcaiotes, frades e gardunhos, deixam Sevilha á vontade! Ha tanto que vêr em Sevilha, ha tanto que roubar na multidão, são tão bellas as damas, que n'esses dias regaçam mantéos e baiucas, para lançarem, nos cabellos e nos hombros, as rendas mais transparentes!... No dia em que o garrote afaga tantos innocentes, abrem o peito ás brizas do rio os miseraveis que tremem de medo e suspiram baixinho nos outros dias... Não quer isto dizer que na turba não haja quem chore, a occultas, que chorar o castigo dos marranos é heresia que accende as pyras do proximo auto de fé... As lagrimas dos compadecidos são resinas que alimentam as chammas! Cada suspiro doloroso sopra linguas de fogo e nuvens de fumo!

— Parece-me ouvir descrever um circo de féras...

— Féras? antes fôsse isso! Mas, não é tal. Os martyres parecem cordeiros immolados nos altares das synagogas! Poucos são os que resistem... D'aqui sáem os condemnados já garrotados pela doença dos supplicios, com a alma queimada pelo fogo do desespêro! Nem elles olham para nós, nem nós poderiamos reconhecel-os; parecem um rebanho de merinos, vindos de campos sem pastagens! Serve-lhes de lã a estupida couraça, orna-lhes a cabeça a carocha maldita! Quem poderia conhecel-os? Teem todos as mesmas caras e parecem irmãos da Morte! Alguns, raros, levam restos de luz nas orbitas da caveira! Quem nunca viu taes scenas não pode imaginal-as... No vosso paiz não ha Inquisição?

— Não, Suzana, não ha, para gloria do senhor rei D. Manuel...

— Como assim? Pois não governa tambem a vossa terra a infanta D. Maria, a piedosa filha do Regente?

— Apesar d'isso, para maior gloria do principe portuguez, por emquanto, não temos Inquisição... Mas não tardará, descança, que já temos inquisidores... Continúa, Suzana, anda... Quero fazer idéa do que espera o meu Jacob e de que está livre o teu Samuel.

— A grande festa do Santo Officio é um auto de fé! Os grandes autos, aquelles em que são queimadas muitas creaturas e muitas estatuas de mortos e ausentes, chamam-se *geraes*. Foi um d'esses que eu vi! Que terrivel impressão me causou tanta crueldade! Os *particulares*, os frequentes, e cujas victimas são em pequeno numero, dão festas apenas

para a cidade... são menos ruidosos, mas não menos tristes! Causa menos pena ver um campo de batalha cheio de cadaveres, que o cadaver d'um miseravel precipitado da Giralda!... Depois, n'um auto muito solenne, ha muito por onde espraiar a vista... Só as opulencias da côrte e o brilho dos cavalleiros!? Que gentis mulheres cheias de sorrisos se debruçam das adufas, e olham os guapos sevilhanos, com o peito branco como o reflexo da lua! E as creanças? Que chilreada que ellas fazem trepadas nas escadarias das egrejas, ou levantadas nos braços das mães para verem os marranos pallidos, cadavericos, a contorcerem-se no cepo do garrote, ou de pé, amarrados ao mastro d'aquelles barcos de fogo, a estremecerem, como as chammas, e com ellas a crepitarem gemidos que parecem uivos de perros em noites de feiticeiras!

—E ninguem avança, e nenhum homem, de braço forte e coração apaixonado, rompe essa multidão, e castiga esses algozes, e apaga esse fogo, se não por caridade para com as victimas, ao menos em honra e gloria da sua dama?

—O amor distrae os olhares, quando a justiça é cruel em demasia!... E, demais, tudo isto é feito em nome da Egreja, e com a auctoridade do rei! Alli até o inquisidor-geral tem logar n'um amphitheatro mais alto que o throno de Castella!... A praça está cheia de cavalleiros bem armados... Os fidalgos de melhor sangue veem com os seus corceis de batalha ajudar as hostes mercenárias! Os gritos das victimas são logo abafados com mordaça; quem as lamentar em voz alta, sentirá no peito os bicos de cem lanças!...

—A matança de Lisboa, a sangue frio! Que duplo horror. E, nunca viste, Suzana, no meio d'essa gente, algum parente dos condemnados?...

—O pae, a mãe, os irmãos, não é assim? Vulgarmente, esses infelizes, ou foram já executados, ou esperam a sua vez entre estas muralhas, onde não chegam os gritos dos miseraveis que morrem... apenas ouvem o repicar alegre dos sinos, que annunciam á cidade catholica que, nos altares christãos, se está sacrificando a um Deus de piedade e de justiça...

—Pode-se então saber, aqui, onde estamos, quando passa essa hora maldita?

—Sim, ouve-se bem... Tenho-a ouvido tantas vezes!... E' como, á hora da *Alleluia,* em que rejubilam todos os campanarios sevilhanos... E' assim que, pelo Natal, quando a noite vae alta, os canticos do Presepe échôam no bronze da cathedral!

—Tambem nós havemos de ouvir esse dobre de gargalhadas?... Aqui dentro, quando estamos entre uma esperança que nos foge, e uma reali-

dade que nos ameaça! E queres tu, Suzana, que eu acredite nos teus sonhos?!

—Como teria eu coragem para estas recordações, se não estivesse escutando uma voz intima que me fala de perdão e de liberdade?

—E como se ouvem esses avisos, e como se faz essa funebre jornada até o solio real, e até o altar de Deus, sem amaldiçoar os reis, sem negar o poder celeste?

—Como? Perguntae á vossa consciencia se o influxo d'estas paredes não aquece o sangue, não exalta a mente, não perturba o pensamento, a ponto de ser a morte o melhor premio que Deus nos envia nos sorrisos da sua piedade.. Ha gente que não desfallece, e até se avigora, com os empuxões da desgraça... Quantas arvores expostas aos maiores vendavaes, dobram-se, gemem e esfolham-se, para de novo se erguerem, tão direitas, tão crescidas, como se quizessem chegar ao céo, para perguntar a Deus: fôste tu que disseste ao vento que me açoutasse? Os condemnados do Santo Officio anceiam pela morte, porque teem pressa de saber se esta crueldade e se esta justiça são christãs...

—E os que nos ficam na terra, Suzana?

—Esses é que nos apparecem em sonhos e nos animam o coração que estava a desfallecer...

—Mas, agora, não devemos receiar esses échos sinistros...

—Quem o sabe? Os autos geraes são aproveitados para commemorar as grandes festas da Hespanha. Uma victoria na guerra, um parto no alcacer, o casamento d'um principe, a sagração d'um templo, a proclamação d'um papa, são sempre aproveitados para estas sagradas carnificinas!... Quantos filhos de Fernando e de Izabel tiveram na pia baptismal, ou nas bodas mais brilhantes, o sangue dos marranos misturado na agua benta, e o fogo do *quemadero* aquecendo os beijos dos esponsaes...

—Sabes, Suzana, vae o dia a desapparecer, e as sombras affligem-me... Apressemo-nos... Dizias, então, que os sinos se alegram e dão a boa nova?...

—E não só os sinos! Muitos dias antes, forma-se uma vistosa cavalgada, a cuja frente se mostram os inquisidores, vestidos como nas grandes solennidades e seguidos de lanceiros, que desfraldam bandeiras... Trombetas e charamelas, e outros instrumentos, tão ruidosos como os da guerra, despertam a cidade, e lhe dizem que a morte vae ter mais um festim!... Ouça-me, menina Sarah, se sahir d'aqui, não parta para longe, sem assistir a tudo isto... que enche de lucto tres raças bemditas, que trabalham em Hespanha por entre gritos de odio e de vingança...

Um auto de fé — O prestito dos condemnados

— Livre-me Deus d'este abysmo, e logo voarei ao meu paiz, já tão ameaçado, mas ainda livre d'esta peste de intolerancia e de barbaria...

— Seria o melhor consôlo na minha desgraça, senhora: vêr-vos no meu caminho, antes do sacrificio final, para vos enviar uma lagrima de saudade, em troca d'um sorriso de perdão e de dó.

— Vês?... nem já acreditas no que me annuncias!... Descança. Para que voltes aos braços da tua Eva, se não fugirmos a tempo, hão de reconciliar-te em troca do perdão da Egreja...

Suzana baixou a cabeça, e não respondeu. Evidentemente, com a razão voltara-lhe o instincto natural que a prendia á vida.

Não respondeu por vergonha... de Sarah, que estava alli, e de Samuel, que estava muito longe...

— Sabes? disse Sarah cortando a difficuldade, admiro a frescura da tua memoria!... Estás boa, completamente boa!... Aposto que te lembras ainda do ponto em que ficámos...

— Ah, sim. Falava do bando luzente: os inquisidores, a cavalgada, os lanceiros e as buzinas... Mais triste que esse bando, são os grupos de carvoeiros, que, já nas vesperas do auto, andam pela ponte e bairro da Triana, com os seus fatos exquisitos, mostrando-se ao povo de Sevilha...

— Os carvoeiros?

— Sim, os carvoeiros... são muitos homens, que teem a seu cargo erguer as pyras, transportar os tóros e maravalhas, inflammar as fogueiras, e depois, com pás e vergalhos, voltar os corpos sobre os brazeiros... Cem d'estes homens, armados de mosquetes, apparecem no dia do sacrificio á frente do cortejo — são os carrascos do fogo... Gela-nos a vista d'estes homens!... Apparecem ainda primeiro que os frades dominicanos, que erguem uma cruz, grande como a do Calvario, branca como a innocencia de Christo... Logo em seguida, vem o duque, que tinha herdado esse privilegio da familia, com o estandarte da Inquisição! Que bella e rica bandeira!... Sobre o melhor damasco, bordadas, d'um lado, as armas da Hespanha, e do outro, uma espada núa, no meio d'uma corôa de louros... Atraz d'esta bandeira veem os fidalgos mais illustres e os familiares do Santo Officio... E, depois... depois, as victimas, por ordem de penas a que foram condemnadas, indo na frente as que soffrem simples penitencias... Distingue-as o sambenito com duas cruzes de Santo André, uma no peito e outra nas costas. Que extraordinaria impressão causam estes desgraçados, com os pés nús, cabeça descoberta, e nas mãos tochas accesas, fumarentas, de cera muito amarella?! Cobrelhes o rosto um véo de vergonha! Para estes a pena é simplesmente de

infamia!... Esta guarda avançada e a mais feliz, ou a menos triste. A compaixão vae subindo! E' que chegam os condemnados a açoutes, a chicote, a galés, ou a prisão! Opprimem-nos o peito! Coitados! Quem sabe o que é soffrer o azorrague, quem sabe o que é o trabalho nos pontões! quem sabe o que é estar prêso nas masmorras mais escuras, e frias, e humidas! E ficariamos a chorar estes desgraçados, se não vissemos logo o grupo que vae esperando o garrote! E o garrote é um premio. Premio por terem renegado a sua religião... Esses, só viam as chammas depois de mortos! Que generosidade da Egreja constituida em tribunal? Sobre a dalmatica estão os diabos e as chammas invertidos... Como são eloquentes aquellas pinturas grosseiras, para que as creanças olham, a rir, a rir!... Estes chegam a parecer felizes, se os compararmos com aquelles que lhes vão na gaça. — Pela coroça de pergaminho barato sobem-lhe as chammas, e os diabretes, de chavelhos e cauda, vôam pelas vestes e pela mitra feia e immensa! Esses são os obstinados, os relapsos, os que hão de naufragar no mar de fogo, gritando por soccorro, mas debalde, que o fumo os occulta, e os clarins os emmudecem! Que longa fileira de victimas, que vão regando a terra com as lagrimas que brilham ao sol, ou á luz das velas piedosas! Parece não ter fim o funebre cortejo!... Quando a vista se cança, e o coração quer estalar, vemos a turba de outras, condemnadas a penas leves, carregadas de pesadas estatuas das que fugiram, e de ossadas das que morreram! E tudo isto fecha com uma ruidosa e vistosa cavalgada em que se pavoneiam os conselheiros do Supremo, os inquisidores e os frades, que rodeiam o inquisidor-geral, vestido de rôxo! Parece tudo isto uma procissão em que o Céo e o Inferno se encontrassem, e em vez de se combaterem, se agrupassem e fôssem, por cima de sepulturas, a embriagarem-se com sangue, a banharem-se em lagrimas, e a enxugarem-se com o fogo!....

— E a multidão, Suzana? O que faz, o que diz ella?

— Não é o aspecto da multidão que nos surprehende e perturba; não é. Que admira que ella tudo isto veja com simples curiosidade?... Aqui um protesto, alli uma lagrima, mais longe uma zombaria, uma praga, ou um insulto; acolá apenas o pasmo bestial dos que buscam sensações e affrontam aquelles vivos que vão morrer, com o recolhimento hypocrita com que vergam o joelho na passagem da Virgem e do Senhor, nos seus andores floridos e dourados, nos dias da Paixão! Afinal, tudo aquillo são esculpturas... Quem chora ao vêr os rubis que pendem das chagas do Crucificado, ou os topasios que escorregam pelas faces de Maria? Tudo aquillo é tão pouco humano, que chega a parecer artificial!...

Sarah tinha o lenço nos olhos, Suzana lampejos no olhar!

— E logo os tristes se encaminham ao patibulo, e morrem?... Não é assim? Tudo isso passa como uma nuvem?

— A maior tyrannia está no longo e moroso cerimonial que precede o sacrificio! Quantas horas os desgraçados estão alli, n'aquella opulenta manifestação d'um mundo, á espera que se lhes abra a sepultura?... Já vos disse que um auto é a festa mais esplendida da egreja catholica! Que admira que o povo ignorante, sem educação moral, affeito a tantas durezas e selvajarias, queira tudo isto ver e com tudo isto gosar? Se olhardes para o céo, para esta abobada de saphira, vel o heis, mais bello que nunca, todo illuminado pelo sol andaluz, sem uma nuvem a manchar-lhe a pureza, parecendo que, até no espaço immenso, ha quem entôe hymnos de gloria ao poder de Roma e de Castella! E as aguas do Guadalquivir espelham essa abobada, tão tranquillamente, como se a formosa cidade, que ellas banham, estivesse festejando Santa Justa e Santa Rufina, as suas milagrosas padroeiras!

— Que tempo esperam, pois?

— O que fôr preciso... Que isso depende do numero de condemnados e da eloquencia do prégador... O prestito, ao dar a volta na praça, provocava um ruidoso movimento nos balcões, nos amphytheatros e nas alas populares. Até os cavallos escarvavam a terra, como se quizessem observar melhor a triste scena! Ouvem-se trombetas de todos os recantos, e os psalmos dos religiosos, que acompanham os martyres, abafam gemidos que estes soltam, e que só elles escutam. N'um altar improvisado, como aquelles que a gente d'armas costuma erguer para as missas campaes, um padre acolytado ergue, sem que as mãos lhe tremam, a sagrada hostia! e, desde o rei no seu throno até o villão mais occulto, todos vergam o joelho reverentes, batendo no peito!... Até os algozes! até os inquisidores! até os carvoeiros da faina, até as victimas descalças e carregadas de figuras diabolicas, inclinam a cabeça!... Abatem-se ante as sagradas particulas, çorôas, mitras, elmos, gorros, e até o emblema infamante dos judeus, dos mouros e dos herejes! Acabado o sacrificio do filho de Deus, tudo se apparelha para o sacrificio dos homens! E o altar não desaba! e a terra não se abre! e o fogo do Céo não estala e cae, para fulminar tantos bandidos, que roubam a fé e a vida...

— Suzana, não blasphemes... Tambem os phariseus o maltrataram, e Elle disse, olhando o céo formoso e calmo: — Faça-se a tua vontade!... Vamos, Suzana, narra e não commentes... Quem sabe quanto hão de soffrer as almas de tão ruins christãos?...

— Pois seja... Finda a missa, o inquisidor-geral, vestido de pluvial e mitra, approxima-se do rei, que, de pé e com a cabeça descoberta, jura,

com voz grave, defender a fé catholica, combater a heresia e dar todo o apoio da sua auctoridade ás sentenças do Santo Officio. A este juramento responde um côro immenso de frades e seculares, que, extendendo a mão direita para o lado do throno, dizem — juramos. Este juramento, que podia ser apenas uma promessa feita a Deus, é tambem, e principalmente, uma ameaça feita aos condemnados. Assim o explica, n'uma arenga cheia de odio, o frade, que, n'uma tribuna do tablado, faz o elogio da Inquisição na frente das creaturas que ella vae destruir!

— Accendem, então, as fogueiras?

— Ainda não. Ao sermão do dominicano segue-se a absolvição dos reconciliados, isto é, a paga das mentiras com que os mais fracos das raças perseguidas fingem converter-se á nova fé. Os condemnados á morte são entregues á justiça secular, e esta logo os faz montar em azemolas de máu aspecto, para que sejam conduzidos ás fogueiras... O fogo devora, em primeiro logar, as estatuas e as ossadas... Começa a grande lucta — as feras arrastam as victimas; as que resistem provocam o chicote, que estala no ar, como se o manejasse a mão d'um arrieiro! as que gritam, são logo amordaçadas, depois de arremessadas ao chão!... O fogo já está ateado, que muitas dezenas de braços, com archotes e tições, vergados sobre o estrado das pyras, revolvem os toros e os incendeiam!... Ha já no espaço muitas columnas de fumo, negro como os crepes das viuvas e pardas como os habitos dos frades... Os clarins trinam signaes de manobras, a que não corresponde nenhum movimento nos cavallos e nos cavalleiros... A multidão grita, ri, e cospe insultos sobre os condemnados que desfallecem, e applaude com ironia, estimulando brios, que aggravam a repressão, algum relapso desvairado, que esbofeteia o algoz, ou ainda uiva como um lobo, tendo já a cabeça no garrote... As mulheres apontam com o dedo, lá de cima das suas *rentanas* os episodios mais animados!... E, no meio de tudo isto, ha tanta mulher que chora, tanto possesso que estrebucha, tanto punhal que se revolta no cinto dos vingadores! .. Tudo aquillo parece, pela faina e pelo ruido, ou o naufragio da maior caravela que fôsse á descoberta dos mares, ou o incendio d'uma grande cidade de que fala a Biblia e que foi para castigo das gentes!

— Oh! basta, Suzana, basta!...

— Ah, senhora minha, é necessario ter visto tudo isto, e ter soffrido, como eu, as torturas egualmente ferozes, os autos de fé secretos da Inquisição, para que se avalie, como se morre de dôr, ou como se enlouquece de espanto!

Suzana tinha razão! Tudo quanto ella dizia era profundamente verdadeiro, e espantosamente acreditavel!

O auto de fé — Queima dos corpos, purificação das almas!

Tambem nós a acreditamos, que, a desmentil-a, teriamos de desmentir um punhado de historiadores de todos os tempos! O que se conta das monstruosidades, em materia de crueldade, não tem inveja dos feitos do Santo Officio... Olha-se com indifferença para o supplicio do tempo de Carlos VI, esquecemo-nos do castigo infligido ao eunucho Mithridate, a morte de Lysimaco, a dos escravos de Roma, e tudo quanto a tyrannia tem inventado nos velhos e novos continentes, entre os povos barbaros e cultos, não excedeu a ferocidade inquisitorial!

Além do que temos citado, e que tudo isto comprova, se ainda tivessemos a menor dúvida, todas cessariam, não só com os documentos da época, que são de difficil consulta, mas com a simples leitura do prodigioso trabalho de Saint-Edime, de Fantin, Saint-Foix, e outros. Montesquieu, no seu *Esprit des lois*, e Llorente, e Fleur, nas suas *Historia da Inquisição* e *Historia Ecclesiastica*, taes cousas affirmam, que comprehendemos que Suzana tinha razão...

Sarah estava vivamente impressionada com a narração de Suzana...

E, comtudo, Sarah presenciara a carnificina de Lisboa! O auto de fé era peor! Era a barbaridade organisada: era o assassinio premeditado!...

Tem attenuantes o crime da populaça enfurecida. As paixões e a ignorancia produzem excessos que envergonham, mas cuja responsabilidade é principalmente d'elles, isto é, da grande embriaguez popular... Aquillo era muito peor. Aquillo, a que se associavam principes do Estado e da Egreja, juizes illustrados, todas as classes preponderantes n'uma sociedade com pretensões a culta e christã — aquillo era mais grave e repugnante! Não era feito pela turba estonteada; resultava da fôrça que dirige e das leis friamente redigidas. Era feita aquella hecatombe serenamente, inflexivelmente, sem justiça, sem equidade, sem compaixão! Era a obra menos humana da humanidade!

Além de feroz, tudo aquillo era injusto. Era a guerra feita por cannibaes em tempo de paz e no coração das raças mais adeantadas. Afinal, o que chegava á Europa, a respeito dos gentios da Africa e da Asia, não trazia exemplos de maior atrazo! Nem havia auctoridade para declamar contra as vergonhas dos velhos imperios, nem contra os sacrificios dos tempos do paganismo! Se aquillo era horrivel, visto assim de relance, por entre fumo e vozearia, o que seria apreciado nos seus grandes episodios! O que se passaria na alma das pobres victimas? Quantas dôres no corpo! Quantas sombras no espirito! Que de amores esmagados! Que de saudades queimariam, mais que o fogo das pyras, os corações dos crentes e dos amorosos! Soffrer assim, e julgar-se innocente! Que ferrete de

sangue no Céo e na terra! Que se poderia esperar d'uma geração educada n'aquelle inferno?

A Inquisição era a vergonha de todos os tempos...

Ainda que o mundo christão viesse a aperfeiçoar-se, já não poderia lavar tamanhas nodoas! nodoas tão negras! Aquelle incendio lavrava por toda a terra... Já andavam nuvens d'aquelle fumo no céo de Portugal!... Que horrivel futuro esperavam os pequenos e os fracos! Via-se toda a terra em chammas, e Deus lá em cima, illuminado pelo grande clarão!

Sarah pensava tudo isto emquanto ouvia Suzana.

— Vamos, minha amiga, dize-me, se, entre todos esses infelizes, havia gente nova, cujo coração pudesse abrigar sentimentos de piedade, esperança de venturas, generosidade e amor?...

— Oh! quantas creaturas novas, na florescencia da vida! Quantas formosas raparigas, com o olhar ainda illuminado pelo sol da primavera! Formosas judias, que oravam na synagoga, pedindo a salvação de seus paes! Mouras, com olhos de fogo, saudosas da Alhambra, fieis ao seu Deus, que não suppunham destruido como os muros de Granada! Christãos, cujo crime fôra apenas ouvir palavras d'amor ao infiel que a seguia, tendo sahido reverente da sua occulta mesquita! Christãos e christãs novos, entregues ao amanho das suas casas e terras, e, por isso, menos assiduos ao culto da fé catholica! Victimas de todas as edades, arrastadas pelos cabellos, ao patibulo ou á vergonha, pela mão traiçoeira d'um espião salariado, ou por um inimigo, cheio de odio e de vingança! Até creanças, que ainda não comprehendiam que era crime viver! E velhos! até velhos! alquebrados, com a fronte já inclinada para a terra!... A Inquisição é como a peste, que assola a rua, o lar, os ricos, os pobres, os novos, os decrepitos, os criminosos e os innocentes! Ah! o que eu vi, senhora minha, o que eu vi!!! Em duas fogueiras proximas vi dois amantes, duas creanças! amarrados aos postes, beijando-se com o olhar, cheio de amor e de lagrimas, quando já, além do fogo da paixão, o outro irrompia, em linguas de vibora, a queimar-lhes o peito! Olhando a turba, entre a qual descobrira um moço cordovez, o filho da sua alma! uma misera hereje, despedia com os labios crestados pela febre, um adeus e uma benção! Filhos reconciliados, envôltos no sambenito, eram obrigados pelos algozes a vêr como lhes morriam os paes, nas voltas compassadas do garrote! Um velho physico, que pensava e escrevia, á hora suprema, vendo sua mulher reconciliada, morria cuspindo-lhe saliva e maldição! Atirados brutalmente sobre o tablado, dois filhos d'um rico judeu, resistiam á mordaça gritando por Moysés! Um padre, um santo padre! que não denunciara um hereje, por ter sustentado que o perdão era licção de Jesus, de-

Cahiu inanimado a golpes de lança e estalos de azorrague

bateu-se longo tempo, agarrando-se com os dentes aos degráus das escadarias, aos piques dos guardas, ás barbas dos algozes, e, antes de subir o cadafalso, cahia inanimado a golpes de lança e a estalos de azorrague! Dos carceres da Inquisição, depois de horriveis torturas, cadavericas, mutiladas, algumas já moribundas, outras minadas pelas doenças mais graves, gafas e tontas, sahiam muitas victimas, no caminho da morte, ou a vergar o joelho com fraqueza, ou aos saltos na vibração da loucura! E, depois, quando todas as vidas dos condemnados se extinguiam, ficava no espaço o cheiro nauseante da carne queimada, e no chão montes de carvões e de cinzas, por onde rolavam braços, pernas, troncos ennegrecidos e mirrados! Ah! minha boa senhora, um auto de fé é isto!... é isto o que me espera, se a minha esperança falhar; é isto o que se está preparando para Jacob Adibe!...

Suzana não contou tudo, mas contou o bastante para que Sarah ficasse com uma impressão muito viva do brutal espectaculo. Que episodios foram esses que ella descreveu, não o sabemos, e d'elles pouco fala a Historia, onde não encontramos vestigios das principaes tragedias da Inquisição de Sevilha no segundo lustro do seculo XVI; mas deviam ser assim, que muito eguaes foram sempre as crueldades de Deza durante os oito annos da sua preponderancia nos negocios do Santo Officio.

Por que não deviam então corresponder os crimes da Inquisição, de Sevilha, aos que, mais tarde, ella praticou, e aos que já então eram praticados em Cordova, Malaga e Granada?

E' bom lembrar que Deza teve tempo para queimar 2592 pessoas, além de 896 estatuas!

Quantas tragedias a nossa phantasia possa crear terão similes rigorosos em factos authenticados. Que o diga a vida do bacharel Antonio Herresuelo, um sábio jurisconsulto, accusado de protestantismo, e martyrisado no carcere por não querer denunciar os seus correligionarios... Foi elle que, ao subir ao cadafalso, viu sua formosa mulher, D. Leonor de Cysneros, com o habito de reconciliada!... Ao passar junto d'ella deu-lhe com o pé, o indignado marido! Era essa a maior tortura que infligiram ao desgraçado!... A pobre D. Leonor, passado pouco tempo, apesar da reconciliação, que a expoz a tamanha affronta, foi tambem victima da fogueira! Os progressos do protestantismo affirmaram-se, apesar d'isso. O baraço e o fogo destruiram a flôr da nobreza e do talento!

Foi em 1539, e reinava em Hespanha Philippe II, quando foi condemnada á infamia, perda de bens, e sambenito, em auto de fé, gente grada! Cite-se o primeiro marquez de Poza, D. Mencia de Figueiroa, filha do marquez de Alcañices, dama de pouco mais de 20 annos, de grande

talento e erudição, douta, diz Garrido, na lingua latina e nas obras de Calvino; D. Francisca Zuniga, filha de Alonso Baeza, contador do rei! Com a dalmatica infamante passeou então deante de duzentas mil pessoas, D. João de Ullôa, commendador da ordem de S. João de Jerusalem, condemnado benevolamente a carcere perpétuo! N'esse auto foram apenas queimadas 14 pessoas! E quasi todas damas da primeira sociedade de Valladolid!...

Toda a côrte assistiu a esse funebre espectaculo. Suzana não esquecera a presença do rei... Philippe II dera mais brilho ainda, trinta annos mais tarde! A seu lado viu sentados, seu filho Carlos, seu sobrinho, o principe de Parma, tres embaixadores de França, o arcebispo de Sevilha, os bispos de Palencia e Samora, os duques de Nagera e dos Arcos, o condestavel de Castella, o conde de Ureña, mais tarde duque de Ossuna, o conde-duque de Benavente, o ultimo grão-mestre da ordem militar de Monteza, a condessa de Ribadavia, D. Diogo de Simancas, secretario do Santo Officio, e tudo quanto havia de mais rico e nobre!

E foi, no meio de tanto brilho e fidalguia, que subiu ao patibulo o descendente d'uma das mais illustres familias da Italia, que servira no exercito ás ordens de Carlos V e fôra corregedor politico na cidade de Toro!... Accusado de hereje, foi sacrificado, apesar da sua erudição e de ser casado com D. Izabel de Castella, descendente d'el-rei D. Pedro I.

Não se reconciliou perante o rei, e até lhe extranhou o procedimento! Foi amordaçado. Quando o fogo o acommettia, tentou e conseguiu amaldiçoar o Santo Officio! Melhor sorte teve o dominicano Frei Domingos de Roja. Morreu antes do fogo, porque declarou que tinha fé na Egreja Romana! Não faltaram, n'esse festim de cinzas, as quatro freiras D. Euphrosina Rios, da ordem de Santa Clara: D. Marinha de Guevara, D. Catharina Reynoso, e D. Maria de Santisteban, D. Maria de Miranda, todas da ordem de Cistér. A Egreja deu n'esse dia o melhor contingente. O fogo devorou tambem o parocho de villa Pedrera e um presbytero de Lagroño! E ainda mais seis freiras foram condemnadas a carcere perpétuo! E o Papa elogiou muito o rei catholico, quando viu a relação d'este auto!

Tinha avançado o tempo, mas os costumes continuavam egualmente barbaros.

Não havia a menor dúvida—Suzana descrevia a verdade.

Que mais contaria ella, se a memoria a ajudasse e houvesse para isso vagar e licença?

Ainda assim ia continuar, quando Sarah se ergueu repentinamente...

Os sinos do palacio, e ao longe outros das egrejas de Sevilha, repicavam fortemente...

— Ouvis, Suzana? Estes sinos não falam do teu sonho e annunciam o teu auto! Escuta...

As duas mulheres, de pé, abraçadas, parecendo recear a propria respiração, ficaram escutando...

— Este repique festivo é o dobre que ameaça de morte...

— A quem, senhora?

— Talvez a nós ambas...

— Jesus! Não nos assustemos senhora, que pode a cidade estar em festa, e os campanarios á mercê do povo... Se fôsse tudo isto a alegria da vingança!?... Tambem sonhei com este aviso dos campanarios sagrados, ás victimas encarceradas... E' o povo que ri no bronze da cathedral...

N'um momento parou a voz dos sinos, e as captivas ouviram, muito ao longe, o som das buzinas e charamelas...

— Ahi tens, Suzana, o bando da morte! E' a cavalgada dos algozes, que annuncia o incendio da Piaza Mayor! Ainda duvidas, Suzana!

— Ainda, ainda... Sim, tudo isto fala de morte; mas de quem? de Deus, ou de Satanaz?

Calaram-se as buzinas repentinamente, e subiu no espaço, do lado da gelosia, por onde a luz ja entrava luctando com as sombras da noite — a voz cava d'alguns frades, que cantavam, repetindo:

Domine ista jube nos!

Não havia a menor dúvida aquelles repiques, aquelle bando, aquella prece só falavam de morte.

— Então, Suzana, quem morre?

— Deus! senhora...

E as duas mulheres ajoelharam rezando, muito abraçadas e muito pallidas.

E os frades foram-se afastando — cantando sempre:

Domine ista jube nos...
Domine ista jube nos
Amen Jesus.

LIX

A crise do Inquisidor

Precisamos de descançar um pouco, a meio da nossa narrativa, para observar o momento historico que vamos atravessando. E' indispensavel que assignalemos, sobre os documentos que os archivos forneceram aos escriptores da historia episodica da Inquisição, todas as circumstancias que determinaram a decadencia do arcebispo de Sevilha, isto é, a attenuação transitoria dos horrores praticados nos principios do seculo XVI.

Deza, o successor e imitador de Torquemada, e que, se a este egualou em ferocidade, mais activo soube mostrar-se no exercicio da tyrannia, chegára á melindrosa situação de ser odiado em todos os reinos da Hespanha.

A agitação popular manifestada com impetos, só domados com rigores que desacreditaram o Santo Officio no principio da sua instituição, e que, durante muitos annos, não lográra reanimar-se, de novo se manifestou depois da morte de Isabel. O advento de Philippe I, acalmando momentaneamente esse sopro revolucionario, que já encrespava as ondas populares pelo Aragão, que armava o braço da nobreza de Toledo e irritava os miseraveis de Sevilha, de Valladolid e de Granada, trouxe uma esperança de justiça e de tolerancia, que bem depressa se apagou...

A morte do estonteado, mas generoso principe, inutilisou, em poucos mezes, o plano de benefica reacção provocada pelos conselhos do bispo de Cordova e confiada ao bispo de Catania, D. Diogo Ramires de Gusman, em quem Deza teve de delegar os seus poderes.

O arcebispo de Sevilha, affastado, a um aceno do filho de Maximiliano, da sua feroz magistratura, esperou attento, no seu arcebispado, que a morte enlutasse o coração da louca Joanna, e que Fernando V assumisse a regencia... E não esperou muito! O mysterio que acompanhou a morte repentina do intransigente inimigo do Santo Officio, em breve se desvendou com o zelo com que foi restaurado o velho regimen... Deza affastou bruscamente Gusman do logar em que este planeava golpes certeiros

contra o despotismo do Santo Officio, e retomou, com mão firme e mais firme proposito de desforra, o logar que perdera, ou de que tinha sido despojado.

Os antigos servidores do tribunal da egreja foram reconduzidos! Até Lucero, que já levantára contra o seu poder a camara municipal, o bispo, o cabido e a nobreza de Cordova, que sentira apontada ao peito a espada do conde de Cabra, parente do grã-capitão Gonçalo de Cordova, de grande valimento então, por ter vencido os francezes em Napoles — até Lucero foi violentamente reposto no seu logar de *tenebrero!*

Esta brusca restauração, feita sobre as cinzas ainda quentes de Philippe, atteiou, de novo, o fogo do descontentamento que minava a alma afflicta do povo hespanhol.

Ouvia-se, por toda a parte, onde chispavam as labaredas do Santo Officio, um rumor subterraneo, como se estivesse a revolver-se, para irromper por multiplas cratéras, a lava d'um grande vulcão.

Deza aproveitava o ensejo para dominar melhor, usando de maior energia. Tanto amordaçava as suas victimas, que não acreditava que ellas pudessem entender-se! E ellas combinavam-se em toda a parte! Os grandes primeiro, e os pequenos depois!

O marquez de Priego sahiu á rua em Cordova, e os ciganos esconderam-se em Sevilha. A reação, que se manifestara no estabelecimento da Inquisição, resurgia impetuosa! Falava-se em voz baixa, mas essa voz fazia um murmurio que se ouvia em toda a parte! A esperança, que se perdera com a morte de Philippe, não esmorecia de todo com a restauração de Fernando. Como se perdera a revolução de cima, começava a nascer a revolução de baixo... A Inquisição já estava tão cheia, que parecia querer trasbordar... Pensava-se na probabilidade d'uma crise; se falhasse a invasão, dar-se-hia o derrame!... Jé pareciam fracas as portas do Palacio da Fé! Ou rebentavam para despejar os captivos, ou para dar entrada aos libertadores!

A crise aggravava-se, e Deza sentia mover-se o terreno debaixo dos pés... Fernando V já não era o mesmo homem do tempo de Isabel.. O rei catholico era menos fiel que os reis catholicos! As cartas latinas de Pedro Martojo de Anglerio e a do cavalleiro condovez Gonçalo de Ayora, ao primeiro secretario do rei, Miguel Perez de Almazan, eram francamente contrarias aos abusos da Inquisição.

Este trecho o prova exuberantemente:

«Pelo que respeita á Inquisição, o erro foi confiar tanto no senhor arcebispo de Sevilha, em Lucero e em Juan de La Puente, que infamaram todos estes reinos, as mais das vezes sem Deus e sem justiça, matando,

roubando e forçando donzellas e casadas com grande vituperio e escarneo da religião christã... Os damnos e aggravos, que os maus ministros da Inquisição causaram na minha patria, são taes e tantos, que não ha ninguem que, conhecendo-os, se não lamente.»

Affirma-se que esta carta está inedita na bibliotheca nacional de Madrid.

Este symptoma era eloquente. O grande edificio da tyrannia começava a oscillar... Deza bem o comprehendia. A revolução de Cordova fôra mais que um symptoma; fôra uma prova. Lucero era o braço direito de Deza, e Lucero acabava de ser vencido! Deza sentia-se muito velho e muito só... Se Fernando não se lhe mostrava affeiçoado, d'onde poderia elle esperar auxilio? De Roma? Deza não se illudia: Julio II estava gravemente preoccupado com outras e mais graves questões, e não podia cuidar demasiado, na Egreja, nem sequer embaraçar-se com os negocios de Castella...

Julio II não estava tranquillo, apezar de ter vencido os seus mais terriveis inimigos — Cesar Borgia fazia-lhe frente com todo o denodo, e os Orsini não esqueciam o empenho com que lhe tinham contrariado a eleição.

No povo, e entre os fieis, havia profundas saudades de Pio III! Juliano de la Rovere, sob a mascara de Julio II, comprara todos os votos do conclave e fizera a sua propria proclamação! Depois de proclamado recebera embaixadores de toda a Europa! Com a bulla de 1503 captara as sympathias do principe de Galles e de Catharina, do Aragão. Nada d'isto destruia as resistencias... As suas ambições não o deixavam tranquillo... Cubiçou Bolonha, e declarou guerra tremenda á familia dos Bentivogli — Aventurou-se com os senhores de Pesaro e de Piombino, e outros, exigindo-lhes as cidades e as fortalezas, que estavam na dependencia d'elles... A tentativa não era facil... Veneza, principalmente, resistia... Julio excommungou os venezianos — Ao doge de Veneza, Loredan, prohibiu a agua e o fogo, e a todos os insubmissos encheu de maldições, e auctorisou todos os fieis a sequestrar-lhes os bens, por terra e mar, e a vender-lhes as mulheres e as filhas!

O senado provocou a guerra, e Julio, a quem Guilherme Budé chamou chefe sanguinario de gladiadores, vestiu-se de guerreiro, avançou, e de espada na mão, esquecido dos seus habitos sagrados, atirou-se a Perusa e conseguiu entrar em Bolonha.

A victoria envaideceu-o... Um chronista de Luiz XII, conta, a proposito de la Rovere:

«Depois d'estas faceis conquistas, o Santo Padre, julgava-se tão te-

mido como Tamerlan, e quiz guerrear contra todas as potencias; e esse mata—mouros de setenta annos, ao qual os trabalhos da guerra convinham tanto como a dança a um frade, declarou-se contra os francezes, que eram ainda inimigos terriveis, apezar dos revezes que tinham soffrido na Italia.»

Julio era ingrato para com Luiz XII, a ponto de esquecer os favores recebidos e só pensar em o derrubar do throno, que abençoára como Papa e lisonjeára como homem.

O Papa aproveitou a revolta de Genova para intrigar Luiz XII com o imperador Maximiliano, que acreditou que o rei da França pretendia cingir a corôa de imperador e pagal-a com a elevação do Cardeal d'Amboise á cadeira de S. Pedro...

Como se vê, Julio estava preoccupado de mais, para que pudesse pensar em Deza... Pensava na reconquista, de Veneza, entregue então á defesa energica dos republicanos, que resistiam, primeiro a Maximiliano e depois a toda a liga de Cambray—isto é—a Maximiliano, a Luiz XII, aos reis do Aragão e da Hungria, ao duque de Ferrára, ao marquez de Mantua e á republica de Florença!

Pobre Veneza! que bella defesa offereceste a essas hostes dirigidas pelo Santo Padre! E, para a todos venceres, tiveste de comprar o Papa, dando-lhe as cidades que elle exigira antes da traição feita aos seus alliados! De nada valeu que os francezes invadissem a Lombardia, os allemães e os hespanhoes o valle de Trento, e que as tropas de Julio, seguindo as costas do Adriatico, assaltassem a cidadella de Ravena e mutilassem a heroica guarnição!

Cinco cidades dadas a Roma desmancharam a confederação, salvaram Veneza, e deram em consequencia ser fulminado com anathema o celebre duque de Ferrara! O papa Julio, andava sempre na guerra, de espada desembainhada e de peito reluzente, ao sol das victorias! Pouco curava dos negocios espirituaes, que mais lhe appeteciam as conquistas de riquezas em terras e commandos.

Envolvido nas intrigas mais arteiras, ora explorava a vaidade de Fernando V, promettendo-lhe a corôa de Napoles, ora a inepcia de Luiz XII, que sonhava com a conquista da Italia, ora o sonho de Maximiliano, da Allemanha, que, com duzentos a trezentos mil cruzados, esperava comprar a mitra de S. Pedro!

Julio II nem tinha tempo para admirar o trabalho de Miguel Angelo na construcção e decoração da grande basilica, quanto mais para prover de remedio ao enfraquecimento do Santo Officio em Hespanha! O seu prazer era substituir a tiara do Pontifice pelo elmo do cavalleiro, e avançar

sobre os exercitos inimigos, segurando com mão forte a cruz da sua espada, em vez de orar, aos pés da cruz, nos dourados altares do Vaticano.

Chamasse Deza por Sua Santidade, para que accudisse ao Santo Officio, que fraquejava, ante o publico descontentamento dos vassallos de Fernando V, e teria perdido o seu tempo! Julio II não estava na egreja batendo no peito; andava na liça procurando, com a ponta da sua lamina, o peito dos seus contrarios!

Era por isso que o murmurio de Cordova, que parecia extincto, começava a echoar em Sevilha! Fernando, queria ter a corôa de Napoles e Julio o poder do mundo!

Deza estava em perigo...

Fernando V andava pela Italia, e já tinha annunciado a sua partida de Napoles. Falava-se já na nomeação do cardeal arcebispo de Toledo para inquisidor-mór de Castella, e do bispo de Vich, frei João Enguero, para a inquisição do Aragão.

Os maiores inimigos de Deza indigitavam Cisneiros para pôr côbro ás revoltas contra o Santo Officio, e attribuiam-se a este propositos de reforma e de tolerancia. O conselho de Castella discutia constantemente os negocios do reino. Alguns bispos começavam a manifestar-se ruidosamente contra a Inquisição, e entre elles distinguiam-se o de Osma, D. Affonso Henriques, filho bastardo d'um notavel almirante, o de Palencia, D. João Rodriguez da Fonseca e D. João Manuel, embaixador na côrte allemã. A estes bispos se associavam alguns nobres de maior prestigio.

O momento era critico, e Deza não se julgava em segurança.

Muitos esbirros andavam na investigação do que se dizia nos bairros populosos e nos centros das conversações de maior auctoridade. Deza poderia lançar mão de expedientes de terror, mas não poderia suffocar todos os protestos, que estavam sendo lavrados na consciencia pública O perigo era imminente! Um acto de fôrça poderia salvar o inquisidor, mas tambem poderia precipitar-lhe a queda. A ausencia do Regente, as distracções de Julio II e as aggressões feitas imprudentemente a diversas classes e a gente de notavel influencia, tornavam a situação cada vez mais perigosa.

Deza pensou n'um auto de fé, para inspirar terror e provar aos seus inimigos que saberia manter-se contra a corrente da opinião publica.

As invejas dos bispos mais ambiciosos complicavam a situação do inquisidor. O que se dizia, em voz baixa, era enviado, em communicações secretas, ao Papa e aos principes que dominavam na Europa. A Inquisição estava tão cheia de herejes que nem já os processos corriam regularmente. Aquillo já não era uma prisão, mas uma grande galé, onde,

aos montes, havia condemnados pelos porões e beliches A ordem mantinha-se á custa de grilhetas! Aos pares, e até a tres, quatro, e mais, os presos se moviam acorrentados.

Pelas immensas e escuras galerias do Palacio, aconchegados de encontro aos muros sombrios e humidos, havia grupos de homens que se empurravam mutuamente para terem cama mais fôfa que o lagedo ennegrecido e frio. Sevilha parecia morta, mas era assim mais terrivel! Deza escutava a todo o momento esse silencio ameaçador... Havia gritos n'aquella mudez!

-- Que é isto?! dizia elle, vendo desertas as ruas em que passava, e que ia espreitando pela adufa da liteira. Ninguem ás rotulas dos portaes, ninguem ás esquinas das *calles!* Nem um mulo de carga, nem uma liteira de luxo! Onde se esconderam as creanças, que andavam aos bandos pelos centros das praças e pelos portaes das egrejas? Nem mendigos! Por onde andarão á gandaia esses miseraveis esfarrapados?

Se, ao passar pelos melhores centros, alguem o cortejava, logo reconhecia algum esbirro de atalaia, ou familiar, ao seu serviço, em sinistra diligencia!

Deza tinha mais mêdo d'aquella paz, que d'uma revolta que o ameaçasse... Havia em Sevilha o que quer que fôsse parecido com o mutismo d'um cemiterio.. O que se estaria passando nas fechadas sepulturas?

O medo levava-o a pôr a mão, que prende, ou o pé, que esmaga, sobre a cabeça da grande cidade... Queria-a submissa apenas, e ella apparecia-lhe morta!... Os mortos são mais temiveis!... Se avistava um homem do povo, este logo lhe fugia!... Aquellas fugas pareciam-lhe arremettidas!

Queixara-se ao Regente, e este respondia-lhe que se entendesse com Roma! Se escrevia para Roma, ninguem lhe respondia, ou então lhe aconselhavam a que esperasse novas de Bolonha.

O povo conspirava, mas os cardeaes não faziam cousa differente... Parecia até que estes esperavam o momento das reprezalias populares para se desembaraçarem do inquisidor, que pretendia sobrepôr-se ao rei e á curia!

As noticias que chegavam de diversos pontos não eram animadoras — falavam de tramas e revoltas.

Até dentro da Inquisição havia já quem falasse na vinda de Cisneros, como d'um acontecimento necessario e fatal!

O exemplo de Cordova parecia edificar em diversos pontos de Castella.

De noite, na Triana, tinham apparecido dois aguazis feridos no peito

com *punçantes* da Gardunha! Da ponte tinha sido arremessada ao rio uma sentinella... Quem fôra? Sevilha inteira! No porto, durante a noite entravam barcos suspeitos, que já lá não estavam ao romper da aurora...

Decididamente um auto de fé, n'estas condições, seria um acto de coragem, ou de loucura — ou intimidava os descontentes, ou precipitava a revolução! Se o silencio conspirava, era indispensavel acabar com elle. O raciocinio era bem feito. Se nada havia, nada se poderia fazer, desde que o golpe fôsse vibrado de surpresa!... Se alguma cousa havia já, era necessario que fizesse explosão antes de tempo. Os explosivos teem essa virtude — quando se inflammam antes de preparados para a morte, matam apenas quem os prepara...

Quem sabia explicar se o governo de Portugal não estaria conspirando tambem?... Logo que o portuguez Jacob subisse ao cadafalso, se poderia calcular os intuitos de D. Manuel...

Pedro Soares lograra ser reclamado pelo embaixador de Portugal e sahira da Inquisição com o melhor salvo-conducto... Era de esperar que Sarah fôsse tambem reclamada. Tudo isto era indicio de que, na alcáçova de Lisboa, a rainha ainda não dominava em absoluto no espirito do rei... Antonio Carneiro ainda era adivinhado nas missivas do soberano!

Deza sentia-se mal, muito mal — mal de espirito e fraco de corpo — estava velho e amedrontado. — Esse mêdo tinha todos os symptomas dos remorsos. — Que o remorso participa muito mais do mêdo, que do arrependimento... O inquisidor matara tanta gente que era certo ter muitos inimigos na terra — que eram os vivos de lucto — e talvez no Céo e no Inferno, que eram as victimas da sua crueldade! Quando a memoria dos crimes começa o trabalho da punição, é muito mais facil procurar a salvação em novos crimes, que em manifestações de piedade. A piedade é uma debilidade, nos que abusaram da fôrça.

Deza, pois, decidiu-se a um golpe de mão; reuniu o conselho do Tribunal, e fez processo e julgamento summarios.

A quantos presos notaveis estavam sendo torturados nos carceres fez pregoar sentenças de morte. N'um dia chegou a essa resolução. Antes que Sevilha imitasse Cordova, resolveu mostrar-se mais forte que Lucero.

Com algumas palavras rapidas e frias deu a voz de commando.

Uma manhã, antes de nascer o sol, começou a faina na Plaza Mayor. Já não servia o *quemadero* e era indispensavel construir os cadafalsos e preparar as fornalhas... Todo o dia se ouviu o martellar sinistro! Pouco antes das Trindades appareceu nas ruas o bando da morte. A grande cavalgada percorreu Sevilha, a galope, fazendo soar as terriveis buzinas. — As torres, ao darem as tres badaladas do estylo, e ás quaes a

gente que andava nas ruas, e que recolhia do trabalho, correspondeu vergando o joelho e fazendo o signal da cruz, emquanto o sol ao longe se afogava nas aguas do rio, soltaram em seguida o seu badalar sinistro...

O povo, que tal ouviu, interrompeu a oração que tinha nos labios, e fugiu para casa, soltando pragas. *Domine ista jube nos,* que os frades entoavam, eram as palavras que o inquisidor-geral tinha de dizer ao Regente no dia do sacrificio.

Deza ordenara aquelle alarme, para ameaçar de morte os que tão mudos andavam conspirando!

Estava longe Fernando V, em Napoles, a sonhar com o Aragão; longe estava Julio II, batalhando contra Veneza!

Deza era senhor da Hespanha!... Podia ser tyranno á sua vontade! Ia vingar Arbués e vingar Lucero! Ia vencer Cisneros e affrontar Portugal!

Assim arremessava elle, na sua vaidade senil, o maior dos reptos ao povo, aos principes e a Deus!...

E foi á noite vêr o trabalho da morte, feito á luz dos archotes!...

LX

Suprema angustia

Tambem o desventurado Jacob ouviu, no silencio e nas sombras do seu carcere, o aviso funebre dos campanarios de Sevilha!

E, se não conhecia como dobre sinistro aquelle repicar alegre, que simulava falar de bôdas e baptismos, não deixou, por isso, de entristecer com elle, profunda e amargamente, se ainda maiores tristezas eram possiveis n'aquelle coração lacerado pelas decepções e pelo desespêro!

Talvez que um pregão mais harmonico com a passagem da morte por cima de tantas cabeças encanecidas, á custa de martyrios e de saudades, lhe servisse de consôlo! Assim como a Egreja, em vez de chorar, exulta com a morte das creanças, porque as julga innocentes e destinadas aos prazeres celestes—assim os desgraçados, que a esperança abandonou, mais se alegram com os gritos da morte, que nos sorrisos da vida.

- Que é isto? exclamou Jacob, ouvindo aquelle vivaz badalar por cima da sua cabeça desvairada. Pois ainda ha quem ame, n'este mundo em que o odio só domina e triumpha? Pois ha ainda gente que venha á luz do dia, sem que a caridade das mães a cegue, para que não veja as chammas do inferno, ou o que é o mesmo, o fogo do Santo Officio? Pois ha ainda paes que levem os filhos á pia baptismal, acreditando que a fé n'uma religião lhes dê a vigilancia tutelar d'um Deus? Que festa anima esta cidade maldita, que até os livres, os felizes, soltam gargalhadas no espaço, onde não podem subir as pragas e os gemidos dos condemnados? São canticos de alegria, ou risos de escarneo, tudo isso que está échoando nas torres das egrejas? E' a egreja catholica que festeja a sua obra de sangue e de fogo, para abafar os psalmos das sinagogas e mesquitas, açoutadas e cuspidas? Quem sabe? talvez que Moisés e Mahomet se submettessem ao poder de Roma, e Sevilha esteja festejando, em bacchanal de carne humana, as nupcias dos deuses reconciliados! E' possivel que até o paganismo tenha vindo ao opiparo festim, e que o be-

zerro de ouro, a esta hora, de novo esteja sobre os altares, assistindo ao sacrificio dos herejes, como outr'ora assistiu á immolação dos brutos e dos escravos!

E Jacob, blasphemando, com os olhos na abobada escura do carcere, ficou-se a escutar aquelle gargalhar das Trindades, ora fusilando olhares de colera, ora pendendo a cabeça n'um desalento mortal!

Nada mais triste para quem morre que ouvir os murmurios da vida!

Se elle não pensava já nem em liberdade nem em prazeres! O seu desejo, a sua aspiração, consistia em ouvir—ou o annuncio da sua morte proxima, muito proxima! ou a derrocada tremenda, devida a um grande cataclismo, que a tudo e a todos arrasasse – o mundo e os homens—os algozes e as victimas!... Agora nem já a liberdade lhe podia aproveitar! De que lhe serviria ella, se, restituido á sociedade, elle ia sem saude, sem mocidade, sem fôrça, sem alegria, sem amores, sem esperanças!

Se lhe abrissem a porta do carcere, só arrastando-se poderia transporlhe os umbraes... se o erguessem, cahiria fatalmente, quando o soltassem... se lhe mostrassem a luz viva do sol, cegaria com o assombro!

De que lhe serviria agora a liberdade? A vida é o trabalho e o prazer —e elle já não tinha braços para a lida, nem coração para o gôso! Como havia de habituar de novo os labios pallidos e contrahidos aos sorrisos da convivencia? Como havia de montar de novo o corcel das suas aventuras, e manejar a espada dos seus desaggravos? Se o livrassem da morte, que lhe ameaçava a garganta, não poderiam livral-o da outra, que já lhe minava o coração! Tivera uma vida inteira n'aquelle pouco tempo de martyrio!...

Podia voltar a ser livre, mas já não voltava a ser novo... Aleijara-se-lhe o corpo, e envelhecera-lhe o espirito! O ar livre não lhe tingiria de negro os cabellos que tinham branqueado no torpe captiveiro! Nem a razão já se mantinha equilibrada e lucida!... As sombras do carcere tinham-lhe posto sombras no cerebro...

Ser livre agora era adiar a morte, por pouco tempo... era talvez transformar um assassinio n'um suicidio! Do que fôra e do que tivera, o que lhe restava ainda? Uma paixão, a unica da sua vida — o amor que dedicava a Sarah! Isso já não era um amor, era um sonho. Sarah não poderia amar um cadaver erguido da sepultura.

Poderia ella dar-lhe a sua compaixão, não os carinhos do seu peito... Nem queria tornar a vêl-a, para não soffrer mais, e para não inspirar horror...

Como poderia ella amal-o, se já não podia reconhecel-o? O amôr re-

sulta de duas impressões — a do corpo e a do espirito — a amizade é que se filia apenas nas prendas moraes d'uma creatura...

Sua mãe, se a tivesse, amal'o-hia ainda, novo ou velho, forte ou fraco, morto ou vivo! No amor dos amantes o coração mais perfeito ha de palpitar dentro do peito mais robusto e gentil.

Jacob sentia-se morto para o amor, e, quando se morre assim, para aquillo com que ainda se sonha, o melhor bem é morrer para tudo!...

Estava velho, ou melhor, envelhecido... Parece a mesma cousa, e não é! O velho soffre da edade, o envelhecido soffre de desastres. Quando se é velho ha um geral exggottamento de fôrças e de appetites, de esperanças e de ambições... ha cans por dentro e por fora, rugas nas faces e no coração!... fraqueza physica e fraqueza moral!...

Quando se está envelhecido, nunca é por egual... ficam no corpo e no espirito fibras de mocidade, saudades que são desejos!

O corpo e o espirito são dois companheiros... Nem sempre envelhecem ao mesmo tempo, mas a velhice d'um faz a tristeza do outro. Se fôsse possivel separal-os?...

Uma creança vae, ás vezes, em companhia d'um velho — e a creança não entristece, não chora; pelo contrário salta, ri, brinca, como se fôssem seu guia e seu estimulo a mocidade e a infancia... Se ha vencidos n'esse contacto, n'essa convivencia, é só a velhice! Que o digam os avós... Como elles rejuvenescem e gosam, calvos, sem dentes, rugosos, alegres, ao influxo dos que começam a vida, elles que estão a despedir-se d'ella!

E' que esses são velhos a valer, fructos sazonados na arvore da humanidade, e teem, na maturação, toda a doçura e todo o colorido!

Os envelhecidos são fructos verdes apertados pelos dedos da desgraça — teem, a um lado manchas negras, que denunciam podridão, e a outro polpa rija e acida...

Jacob julgava-se um velho — fructo amadurecido na arvore da existencia, e enganava-se —: era apenas fructo verde, arrancado pela ventania d'uma noite e apodrecido no chão humido da enxovia!...

Se o partissem haviam de vêl-o por dentro com muita fibra sã e muita côr alegre...

Mas, como o corpo e o espirito teem de morrer no mesmo dia, e no mesmo momento, quando um está moribundo o outro julga-se doente e condemnado... O espirito de Jacob era como as castas viuvas orientaes, que, por serem viuvas, se deixavam morrer e consumir nas fogueiras sagradas das suas tribus entre encantos e incensos!

Falava em Sarah, não já como se falasse n'uma mulher, mas como se orasse a uma madona santificada!

E, comtudo, elle ainda amava! Oh! se amava! que n'estas illusões do amor, chegava a acreditar que o espirito tinha algum corpo immortal escondido n'este, que se quebranta e morre, e que dentro dos moços envelhecidos, sente, sorri, canta, combate e vence!

Havia, sem dúvida, dois *eus* dentro d'aquella maltratada envergadura do coração de Jacob!... Quem poderia explicar-lhe que aquelle peito, que emmagrecera e recurvara, não era mais que uma estragada cota de malha, que até alli aparara todos os golpes do seu inimigo? Porque se amolga a couraça d'um guerreiro, não ha certeza de que elle tenha sido ferido de morte!... Por que não poderia a sua alma, como ave encarcerada, soltar-se um dia e ir, pelo espaço, em busca do seu ninho e dos seus amores?

Se a morte viesse depressa!? Se elle pudesse livrar-se do corpo, d'aquelle fardo pesado, dorido, mal geitoso, que lhe ardia em febre a toda a hora, e que havia de afinal mirrar-se e dissolver-se! Era esse corpo tangivel e apprehensivel... as azas visiveis do seu espirito!... Se elle não existisse não poderiam os outros homens prendel-o e mortifical-o... Que terrivel companheiro! Que cobarde, e que miseravel companheiro da sua alma, era esse pedaço de materia, feio, fraco, cobarde, sempre queixoso, sempre egoista, a gemer, a gritar, que nem sabia destruir-se nem vingar-se!

Andava-lhe o pensamento aos vôos, fora do carcere, a ver o céo, o sol, aspirando as flores, a sorrir e a cantar — e o corpo, n'uma convulsão de dôr, de frio, de calafrio, a gemer e a chorar, teimando em mostrar-lhe apenas aquelles dois palmos de carcere, aquellas sombras, aquella humidade, aquella miseria suja e bestial! Quando o espirito lhe sonhava o importuno martyr, que o continha, sentia fome, e affligia-se com o frio! Que lhe importava, á sua alma, que viajava por todos os mundos, a grilheta e as algemas, se esse miseravel corpo não procurasse revolver-se nos anneis de ferro, ferindo os artelhos e os pulsos?!

Tocava-se Jacob, a miude, com as mãos crispadas, para verificar que esse corpo ainda vivia, e apesar de comprehender que elle, o miseravel, se ia mirrando, pouco a pouco, parecia-lhe que, se rapidamente se convertera d'um corpo de homem, em mumia de animal feroz, mumificado ficaria por muito tempo, sem que a morte viesse aquietal-o e emmudecel-o!

Havia muita vida n'esse corpo, muita! Todos os dias passava as mãos pela fronte e pelas faces, e notava que o cabello lhe crescia como prova de que dentro da caveira ainda havia calor e seiva para aquellas estrigas de linho lhe cobrirem as covas do rosto e as protuberancias do craneo!

Havia ainda muita vida n'aquelle máu companheiro, que o não deixava sonhar nem dormir, e que tinha em toda a parte um nervo, e um musculo queixoso, uma ferida, uma chaga, um aleijão!!

Se elle, esse corpo incómmodo e inutil, morresse antes que os olhos da alma de Jacob pudessem avistar Sarah!

Mas não; ainda ninguem pensava em vir acabar com aquelle importuno! Ainda a Egreja lá fora estava em festa!... Um dobre de finados, um annuncio de morte, era o que elle queria! a sentença bem pregoada, a fogueira bem accesa, e depois a liberdade, a luz e o amôr!

Com a cabeça-pendida, era isto o que Jacob estava pensando, emquanto nas ruas de Sevilha passava a cavalgada que annunciava a morte dos infieis e a ultima façanha do sanguinario arcebispo!

* * *

Calaram-se os sinos e as buzinas, e Jacob, depois de ter pensado tanto, ia adormecer fatigado e febril, quando proximo da porta do carcere, rebentou um pregão, que publicava as ultimas sentenças e as proximas execuções.

Falavá-se, grave e monotonamente, em relapsos e contumazes, e as vozes pregoeiras, depois d'alguns pormenores rezados pouco intelligivelmente, gritavam os nomes dos condemnados.

Jacob arrastou-se quanto pôde para junto da porta...

O infeliz concentrou no ouvido todos os sentidos, e esperou, n'uma anciedade, mais alegre, que triste, o final d'essa lista immensa, onde abundavam nomes de padres, fidalgos, damas de extensos appellidos, ciganos da mais infima classe, homens e mulheres designados como as mais notaveis personagens biblicas... Citavam-se os delictos, desde os de menores penas, até os mais graves... As vozes elevavam-se para proclamar os réos e para lhes averbar o sacrificio... Jacob continuou arrastando-se, como se quizesse levar comsigo a muralha a que estava préso...

Como não pudesse alcançar a porta ferrada por cujos esquicios brilhava já a luz das lanternas, ou tochas, que andavam na galeria, collou o rosto ás lageas do chão, como fazem os selvagens, por entre matos e florestas, para escutarem a vizinhança de passos... A lista era grande, e já duas vezes fôra pronunciado o nome de Jacob, mas não era o d'elle...

Parara-lhe o coração, e a respiração, cançada e contrafeita, assobia-

va-lhe com fôrça, dilatando-lhe as narinas e varrendo o pó da larga e polida soleira...

Que iria elle ouvir, santo Deus? Seria o final do seu martyrio que vinham annunciar-lhe os seus descaroaveis inimigos? Era, emfim, chegado o termo das suas dôres? Iria em breve libertar-se a sua alma, e libertar-se d'aquelle duplo encerro — o corpo e a masmorra? Ah! que se aquella luz fôsse já o reflexo da fogueira, como elle se precipitaria n'ella, arrastando-se como um reptil, e morderia com os dentes que lhe rangiam, os tições inflammados!

E olhava a corrente que lhe prendia um pé, e a argola immovel mettida na cantaria do muro, e com um esfôrço que o magoava, procurava quebrar o ferro, deslocar a pedra, ou deixar, á ferocidade d'aquelles anneis, o pé macerado e sangrento.

E, por vezes, não ouvia os nomes do pregão, e apenas distinguia a ameaça do garrote e das chammas! Aquella procissão, aquelle bando, levava comsigo a morte — a morte que lhe passava alli tão perto, quasi ao alcance da mão, que chamava por elle e que ainda talvez lhe não deixasse a esperança de que ia findar o seu terrivel desespêro!

A luz continuava brilhando, mas os homens tinham emmudecido...

Jacob aquietou-se por um momento e, com ambas as mãos, apertou o peito que parecia estalar-lhe...

Ah! que, se elle pudesse, como faria parar esse coração afflicto, que lá dentro, ora amortecia, como se tivesse morrido, ora galopava, como se quizesse fugir da morte! Tinham-lhe cortado as unhas, para que não pudesse rasgar as carnes, e eram curtos de mais os cabellos da barba para lhe servirem de baraço!

— A morte, a morte! gritava elle, com a voz estrangulada pela colera, ou pelo pranto.

E, como pode uma féra soprar ameaças por entre as grades da sua jaula, aos curiosos que passam, Jacob, collando a bôcca ao raio de luz, que parecia estar de fora a espicaçal-o — gemeu n'um tom, que tanto podia ser uma praga, como uma prece:

— Perros de má raça, por Deus, ou por Satanaz, quando assassinaes Jacob Adibe?

E ficou expectante e attento...

O seu gemido já não pudera ser ouvido .. Com elle rebentara o pregão em voz cheia, em côro de duas ou tres vozes, que enchiam bem a vasta galeria e a alta abobada do claustro:

«Manda o Santo Officio, por sentença da Inquisição de Sevilha, firmada por sua Eminencia o inquisidor de Castella e pronunciada pelos

santos padres d'este tribunal, que o judeu Jacob Adibe, infiel, apóstata, hereje, relapso e contumaz, por ter offendido a Lei de Deus, a religião romana, a Santa Inquisição e o poder de sua Majestade Catholica o regente Fernando V, conspirando dentro e fora do reino, seja queimado em vida, em auto de fé solenne e público, entregando-se á justiça e braço secular...»

E o bando foi afastando-se, ouvindo-se ainda ao longe:

Jacob Adibe, paz á tua alma! Benedictum nomen Dei.

— Emfim!... exclamou Jacob, erguendo as mãos.

E foi lançar-se na sua enxerga, tão socegado e talvez tão alegre, como se tivesse sonhado com a liberdade, ou cahido nos braços da sua amante!...

* * *

E Jacob, que havia tantas noites não dormia, que, se ia adormecer, logo despertava sob o pêso dos mais terriveis pezadelos, que, durante a maxima escuridão do seu carcere, ia contando as horas que échoavam sinistramente por cima e dentro d'aquelle palacio maldito; Jacob, reclinando a cabeça sobre os braços, que lhe serviam de travesseiro, dormiu tranquillamente! Nem teve frio, nem o suor lhe inundou a fronte nos quotidianos accessos febris, que o iam matando, nem a tosse lhe desmanchava as cavidades thoraxicas, e lhe punha dôres, só comparaveis a punhaladas, insistentes entre as espaduas...

Dormiu de bruços, e dormiu de costas, com a respiração curta, serena, com a bôcca quasi cerrada... Voltou-se, algumas vezes para o lado do coração, e para o contrário, sem que sentisse a garganta sêcca, a respiração offegante, os rins impertinentes! Quando se voltava, e o pé de escravo se revolvia na argola da grilheta, não accordava ainda, como se as chagas tambem tivessem adormecido... Era tal o trabalho de phantasiosa concepção n'aquelle cerebro afanoso e não fatigado, que parecia que até o resto do corpo se entretinha e distrahia assistindo áquelle immenso labutar festivo no craneo do condemnado!

Jacob dormiu, sonhando todos os sonhos da sua mocidade galante e aventureira... Sentia-se arrojado d'ánimo e agil de corpo como outr'ora, e voava pelos campos de Coimbra até Lorvão, governando, sem espora, e só com os seus joelhos de ferro, o fogoso animal que, até mesmo a galope, ia relinchando, coberto de escuma branca!...

Com a mão livre da redea bem segura, mão fidalga, onde as joias mais

custosas brilhavam ao reflexo da lua, que enchia ceos e terra, Jacob penteava os seus cabellos negros que affirmavam o vigor da sua edade e os primores estheticos da sua raça!

A briza da noite, a aragem temperada, que elle ia cortando no seu galope embriagante, parecia uma chuva de beijos que uma nuvem de mulheres lhe iam arremessando, cantando alegres cantigas aldeãs e córos sagrados dos conventos! Ora gritava a um bando de raparigas andaluzas, ou ciganas, para que o deixassem passar, ora a uma procissão de noviças de rostos alvos, enquadrados em vestes conventuaes, com frisos de linho muito alvo e gommado! Depois appareciam-lhe, de emboscada, bandoleiros, que o desafiavam de trabuco aperrado, e elle, mettendo as suas esporas de ouro nos ilhaes do seu ginete, brandia a espada, ou o chicote, e saltava sobre elles, por entre uma nuvem de fumo, que lhe ficava atraz, a envolver os ramos sombrios das oliveiras! Mais adeante, n'uma clareira, onde frades e esbirros de má catadura entoavam latim e formavam piras com grossos tóros de madeira, elle via miseraveis de samarra parda e desenhos diabolicos, e logo sobre tudo se precipitava, soprando as chammas e varrendo os homens... E continuava sempre, sacudindo os cabellos negros, e offerecendo á lua os brilhantes dos seus anneis!...

E ainda vinha longe a madrugada d'essa noite febril, que elle estava gosando sobre as palhas do Santo Officio, e ainda cavalgava voando, em busca d'uma mulher formosa como os anjos, cujo rosto se lhe gravara na memoria, fazendo-lhe esquecer a crença na sua religião, a saudade de seu pae, o odio da sua raça, como se Jesus lh'a tivesse enviado para o converter, pelo amor, a uma nova fé e a uma nova vida!

Foi n'esta altura que elle se apeou á porta d'um mosteiro, e ao sentir-se enleado nos braços d'uma formosa mulher, que ao beijal-o o mordia, e tanto, que mesmo a dormir, elle sentia dôres que o affligiam e obrigavam a revolver-se na sua cama miseravel... Eram as chagas do condemnado que accordavam, quando elle sonhava ainda com os alegres episodios da sua vida passada!

E era mais; era uma notavel coincidencia que fazia corresponder aquella dôr aos beijos de Philippa d'Eça, que lhe abrira, effectivamente, com beijos aquellas chagas do captiveiro...

Então, Jacob ia despertar, quando as dôres de novo adormeceram, e a figura tentadora de Philippa se transformou n'uma figura angelical, que o olhou tão cariciosa e ternamente, que o seu olhar, cahindo sobre a mordedura de taes beijos, parecia gôttas de balsamo que a curou no tempo em que pode deslizar um sorriso em labios pequeninos!...

Esta apparição converteu em realidade todo o sonho de Jacob...

Ainda com as palpebras cerradas, mas com o cerebro já desperto, voltou a consciencia do seu infortunio.

Já rompera o dia, a luz descia frouxamente sobre a fronte do christão-novo... Estava horrivelmente pallido! A parte do rosto, e que a barba não cobria, tinha o tom cadaverico, a que tambem corresponde a côr da cera das velas e do marfim das imagens...

No olhar é que elle tinha lampejos mais brilhantes como se, lá dentro, no craneo se tivesse accendido um cirio de esperança — isto é a esperança na paz do tumulo, tendo á hora extrema Sarah a rezar por elle.

E olhou fixamente a luz do dia que se espalhava na prisão ..

— Se ella viesse até aqui n'um raio d'esta luz bemdita!?

De repente, a porta gemeu nos ferrolhos, e o guarda sinistro, mais sinistro que nunca, appareceu no limiar.

— Que me queres? perguntou o prêso bruscamente.

— Já ouviste ler a tua sentença?

— Já.

— Queres supplicar a piedade do Santo Officio?

— Não.

— Então, amanhã, quando o sol estiver no zenith, por ser a penultima sexta feira de quaresma, serás executado ..

— Ainda amanhã?!

— Tens mais de vinte e quatro horas para preparativos. Já escolheste padrinho?

— Não tenho.

— Tudo está prevenido. Como és portuguez, o tribunal escolheu um teu compatriota. Queres?

— Quem é elle? Pedro Soares?

— Não; é um rico fidalgo, que te conhece e quer prestar este serviço de misericordia ao teu corpo e á tua alma...

— Vamos, o nome?

— O nome não me occorre... é, porém, bem conhecido em toda a peninsula iberica, pelo *morgado de Tranca*...

Jacob, ouvindo este nome, ergueu-se rapidamente, como se muitos braços o tivessem ajudado, e soltou um grito, como se lhe tivessem cravado um punhal n'uma espadua... um grito inarticulado, que parecia querer dizer — infame — mas que não foi mais que um som, abafado pela cólera nos labios trémulos e descórados.

— Está bom, está bom... disse o esbirro, receando uma crise, que anticipasse a execução da sentença: se quizeres outro...

Jacob pareceu serenar repentinamente, e logo acudiu:

— Teve razão o tribunal. Acceito esse padrinho... Estou ás tuas ordens. . E' Deus que assim o quer!

Então o guarda, voltando-se para a porta, chamou dois familiares, que logo acorreram.

— Vamos, rapazes, preparem o condemnado para a festa de amanhã. Dêem-lhe o almôço, e em seguida cortem a barba, o cabello, as unhas... Que estes judeus fidalgos não envergonhem o asseio d'esta pousada... samarra bem talhada, que se confunda com um escapulario, e onde os diabretes e os fachos subam para o céo e não se precipitem no inferno! Não apertem de mais as presilhas dos artelhos, que estão feridos; nos pulsos podem conchegar, á vontade, as mangas do *gibão*. E' pardo e de peor estofo, mas tambem ha fidalgos no alcaçar, que usam velludos de côr grisalha... Vamos, Jacob, aperalta-te com cuidado, que vão mulheres na procissão e ha princezas e monjas no tablado real!

Jacob, olhando vagamente, como se ainda estivesse sonhando, deixou-se arrastar pelos braços dos dois homens, que iam trabalhar n'uma estatua...

LXI

Magia religiosa

A faina demorou-se muito tempo e foi deveras fatigante! E não ficou concluida... No dia seguinte, de manhã, se trataria d'isso... Como de costume, só depois das 10 horas sahiriam os condemnados da Inquisição para se dirigirem a Plaza Maior.

O aspecto de Jacob tinha melhorado consideravelmente... Até os cadaveres melhoram com a ultima *toilette*, quanto mais os moribundos! e um condemnado á morte não é outra coisa... A Inquisição era muito cuidadosa em ataviar as suas victimas... Sempre que tinha de expol-as, as aceiava com todos os requintes d'uma transformação que quasi as egualava e confundia.

Desguarnecidas, cara e cabeça, do cabello, que mais imprimia aspecto doentio e selvagem, uniformisado o corpo com fato de estofo barato, mas de boa apparencia, os condemnados pareciam mais que irmãos, eguaes. Até as estaturas se approximavam. O martyrio tinha essa fôrça niveladora — parecia accrescentar, com a magreza, os pigmeus, e reduzir os gigantes!

E' talvez por isso que todos os esquifes e todas as sepulturas teem um só tamanho para adultos... Mas, não era só do corpo que a Inquisição curava zelosamente nas vesperas dos seus autos de fé: tambem a alma se lavava em banhos de lithurgia catholica, e fortalecia em catecheses da melhor orthodoxia romana.

Depois da obra grosseira dos servos mais modestos, não faltava a limpeza espiritual o esforço do mais dialectico missionario. E vinha sempre este operario tonsurado munido de diversos instrumentos do seu officio — a esponja do esquecimento e do perdão para os apostatas e reconciliados — a brussa aspera do argumento para os teimosos e refractarios, e o sujo lambaz da ameaça para os contumazes e impenitentes.

Jacob, que descançára um pouco nas ultimas horas da tarde, foi des-

pertado ao principio da noite, com a visita d'um d'esses obreiros da ultima hora, uma especie seraphica de mensageiros da morte.

Ia começar o trabalho fatigante no lavadouro das consciencias!

Era um velho theologo, calvo e esqualido, olhar penetrante e nariz adunco, alguma coisa de vampiro transformado em padre, com voz afinada por diversos diapazões, para poder convencer e perdoar, como um discipulo de Jesus, e ameaçar com maldições e fogueiras, como um sicario de Roma. Era uma d'estas creaturas que nos compendios da hypocrisia, aprendera a cerrar as palpebras docemente para não ser atraiçoado pelo olhar de colera e de ameaça... Gente com impetos educados, que, ao sentir recurvarem-se-lhe os dedos em fórma de garra, logo os extendia, sobre a cabeça do condemnado, em attitude generosa de quem abençôa... Frade de vasta erudição em sagradas theologias, em direito canonico, em historia mundana e em mil expedientes necessarios á defesa de interesses inconfessaveis.

Jacob conhecia de sobra estes santos varões, tão capazes de lhe queimar o espirito no fogo do seu fanatismo, como os outros algozes de lhe carbonizar o corpo sobre os lenhos inflammados.

O martyr estava resignado a morrer.

No dia seguinte elle provaria á turba ignara, que não pertencia á raça de cobardes que voltam a cara á morte, ou a vendem por uma vergonha; mas aquillo é que já não poderia soffrer mais!

Tinha soffrido muito para que pudesse entregar-se a exercicios espirituaes e a estereis palestras com gente obsecada, ou perfida.

Por isso, mal vio a tragica figura á luz dos brandões de esbirros e familiares, Jacob, erguendo-se a custo, se antecipou ao nocturno visitante.

— Sois o algôz, senhor?

— Não; venho em nome do Salvador.

— Trazeis-me então a absolvição do tribunal e a condemnação dos meus juizes?

— Não erra a Egreja em suas sentenças, mas Deus tem o direito de perdoar...

— De Deus me julgo perdoado, que m'o disse ha muito a consciencia. Se me trazeis só essa nova, guardae-a, que chega tarde e não vol-a agradeço...

— Meu irmão...

— Não profaneis esse nome, como tendes profanado tantos outros. Resigno-me a ter-vos por meu similhante, já que vós e os vossos lograram, valendo menos que as féras, roubar á minha especie o feitio, a voz e a intelligencia.

— Lembrae-vos de que estaes na hora extrema...

— Não o esqueço: e é por isso que desejo aproveital-a. Previno-vos de que estaes perdendo o vosso tempo... Não vos ouço, nem vos responderei! Agora sou eu o intolerante! Não podereis fazer-me soffrer mais! O meu corpo está insensivel e o meu espirito insulta-vos, se tanto fôr necessario, para que o deixeis em paz.

— E, se eu insistir?...

— Padre...

— Sim, se eu insistir...

— Desacatar-vos-hei...

— Represento Deus!

— Mentis...

— Ainda vos perdôo a injuria...

— Repito-vos, prohibo que me interrogueis... não quero o vosso perdão, não creio nas vossas palavras, regeito a vossa fé.

— Christão novo!...

— Já não sou. Sou judeu como meu pae, tal qual toda a minha familia e toda a minha raça. Vou morrer como nasci...

— Insensato!...

— Bandido!

— Quereis esperar na tortura que o sol illumine o vosso patibulo?

— Mais uma vez: sou judeu e não quero tratos com gente da vossa fé, ou melhor da vossa laia.

— Enlouquecestes... Cheguei talvez tarde! Reparae Jacob, que estaes preso.

— Tenho a consciencia livre. Não chegam até ella estes ferros da piedade catholica...

— A consciencia não se prende, mas emmudece-se ..

— Atirae-me a mordaça e cuspir-vos-hei n'essas faces de velho frade castelhano... Vingar-me-hei assim da minha crença, da minha honra, da minha patria, e dos meus amores! Vamos, acabemos com isto...

O frade, para occultar a colera, fechou os olhos, e, n'um esforço que pareceu cançal-o, pois a respiração lhe sahia oppressa e offegante, estendeu as mãos, como um bom pastor d'almas, para Jacob, que o devorava com o olhar, cerrando os punhos.

— Que Deus, Nosso Senhor, se compadeça da vossa alma!...

Jacob bateu o pé com arrebatamento ferino, e, com as mãos rasgou a roupa do peito, que ficou descoberto.

— Vamos, aqui me tendes, frades e sicarios, afiae os vossos punhaes nos ossos descarnados d'este peito...

-- E o muro negro se abriu, mostrando a formosa imagem

Os esbirros fizeram um movimento para Jacob.

— Para traz, disse o frade, serenamente, que ninguem lhe toque... Este homem pertence-vos ámanhã: hoje é meu, é só meu.

E, depois, dirigindo-se ao preso, mas conservando-se a distancia prudente:

— Quereis que te fira no peito?

— Sim, sim...

— Sobre o coração?

— Onde possaes apunhalar-me a vida...

— Nada quereis salvar do que guardaes lá dentro?

— Explicae-vos...

— Receio apagar, cedo de mais, que ainda agora começa a vossa ultima noute, a imagem que ahi guardaes...

Jacob conchegou a roupa n'um movimento nervozo, como se o frade lhe tivesse advinhado ou visto, sobre o peito, a imagem de Sarah...

— Quem ousa?...

— Eu! Não quereis ouvir meus conselhos, e insultaes a minha obra de piedade christã? Pois bem. Pedi ao Deus auxilio, e elle deu-m'o...

— E Deus mandou auxilio?...

— Mandou. Ides ajoelhar contricto e submisso, pedindo perdão das vossas heresias e profanações... Essa imagem que tendes no coração foi gravada pelo Mestre, pelo Martyr, que os judeus da vossa raça, insultaram e crucificaram!...

E o frade foi falando e recuando; e, quando já estava fóra do carcere, fechou-se a porta com estrondo.

Jacob ia responder ás ultimas palavras que de fóra lhe diziam:

— Ajoelha, hereje, e pede perdão das tuas heresias: mas cahio desanimado sobre o miseravel escabello a que estavam presas as cadeias de ferro.

De repente, o muro negro se abrio, mostrando a formosa imagem de Sarah, fortemente illuminada...

Jacob, n'um impeto de alegria louca, ou da mais piedosa adoração, prostrando-se de joelhos, e, pondo as mãos, como se estivesse adorando a Virgem, exclamou com voz carinhosa e commovida:

— Senhora! Creio no vosso Deus, porque creio em vós. Perdoae-me, oh Christo, as loucuras do meu desespero, as duvidas do meu espirito!

Sarah trazia sobre os hombros um largo manto de côr celestial. A luz que vinha de fóra batia-lhe de perfil e dava-lhe, n'aquelle nimbo, que realçava no fundo do quadro negro da miseravel prisão, o aspecto d'uma apparição milagrosa, mystica, com uma opulencia de scenario, propria do sonho d'um crente.

No rosto de Sarah esvoaçava, triste e docemente, um sorriso, que bem definia o estado da sua alma.

Quanto a fazia soffrer aquelle infortunio! Que jubilo lhe inundava o peito, ao provocar aquella adoração!

Ella propria sentia, com vaidade, que só tendo Deus do seu lado, a inspiral-a e a fortifical-a, poderia sentir prazer, serenidade e fé, no desespero d'aquella existencia.

E, sem arte, sem calculo, até surprehendida com aquelle transporte tão religioso, tão casto, em que havia hosannas e gemidos, deixou-se ficar por momentos, muda, compadecida, na graciosa e grave attitude d'uma madona erguida n'um altar, emquanto duas lagrimas piedosas lhe desciam, lentamente, pelas faces pallidas, onde as chammas das tochas punham tons de vida e de compaixão!

Jacob, ora extendia as mãos supplicantes, ora com ellas apertava a cabeça, como se tivesse medo de despertar.

— Senhora, senhora, se durmo não me acordeis; se enlouqueci não me restituaes a razão! Sois vós, Sarah, o anjo que desceu a este abysmo para encher de luz a sepultura que me espera? Oh, falae, falae, que eu quero morrer emballado por essa voz!...

— Sim, Jacob, sou eu, a infeliz Sarah, que vos deve a honra, que vale mais que a vida, e que vem pagar-vos dedicação e lealdade, salvando-vos...

— Oh, não me faleis na vida, que me vae perdida a esperança...

— Resta-vos ainda a esperança na salvação da alma. Quereis escutar-me?

— Faz-me vosso escravo o meu grande amor!

— Ha-de inspirar-me o conselho o meu grande dever!

Depois, voltando-se para os esbirros que a acompanhavam:

— Podeis deixar-me — basta-me a companhia de Suzana e a de dois brandões bem atiçados... E vós, Henrique Nunes, disse ella, dirigindo-se a um dos familiares, que trazia a mascara de verdugo, podeis dizer a Sua Eminencia, que começo usando a liberdade que recebi, a reclamação de Pedro Soares, prestando um alto serviço á Inquisição de Castella!

* * *

Emquanto se internava no carcere de Jacob, acompanhada de Suzana, que discretamente guardava a porta quasi cerrada, sigamos Henrique Nunes, que foi em busca do arcebispo.

Deza esperava o seu dedicado servidor n'uma pequena sala junto do cartorio, no primeiro pavimento do palacio.

— Já de volta? Cumpriste as minhas ordens?

— Parte; está, porém, tudo disposto para que fiqueis satisfeito, monsenhor...

— Participaste a Sarah que estava livre?

— Sem dúvida; foi essa a primeira noticia que lhe dei...

— Mas explicaste?...

— Inventei a explicação que mais devia contental-a, mas que não acceitou por boa.

— Que fui eu?...

— Sim, que fostes vós que havieis ordenado a sua libertação, para lhe serdes agradavel, evitando assim que a sorte d'ella estivesse dependente da de Pedro Soares...

— E não acreditou?

— Qual! Affirmou-me até que sabia estar Pedro Soares em liberdade, a reclamação de Miguel da Silva, embaixador portuguez em Roma.

— Se não lh'o disseram, ella o adivinhou. Foi assim de facto. Tive de ceder, mas sob condições. Obriguei-me a respeitar Pedro e sua cunhada, bem protegidos pela côrte de Lisboa, mas exigi que abandonassem Jacob á justiça do Santo Officio...

— E D. Manoel consentio?

— Nem sim, nem não... O velho processo da gente luzitana... A tal respeito nada sabe, nada vê, nada permitte e nada reclama... Havia apenas a temer a intervenção de Antonio Carneiro...

— E esse?...

— A braços com mil intrigas, pondo mais empenho em defender Pedro, christão, que Jacob, judeu, fingio tambem nada saber do aventureiro de Lorvão... Além de que, Philippa receiava muito o regresso do seu antigo amante... Achou melhor que elle ficasse por cá... Jacob era agora seu inimigo, e poderia, voltando á côrte, transtornar os planos da formosa abbadessa...

— N'esse caso, Pedro deve vir por Sarah antes do auto de fé...

— Sem dúvida: e é por isso que tenho pressa... É indispensavel que esta noute Sarah sáia d'aqui, julgando-se em liberdade...

— Comprehendido...

— Haveis de a fazer conduzir, por dois esbirros dos mais fidalgos, logo que ella termine essa conferencia de que resultará uma explicação para a violação do tratado internacional.

— E, se elle se reconciliar?

— Provará assim que quanto disse e escreveu devia ter irritado o Santo Officio. Roma achar-me-ha razão...

— E se persistir?

— Peor para elle... N'esse caso, não terei apenas Roma do meu lado — o regente exigirá de seus filhos a maxima submissão aos interesses da Egreja. Mas, vamos ao principal: está tudo preparado?

— Tudo. Regeitei o borzeguim para a conducção de Sarah...

— Fizeste bem. Uma liteira tão garrida, como se o embaixador levasse a tanto a sua gentileza, é muito melhor.

— E essa liteira está confiada a gardunhos de bom aspecto... Desviei da tarefa a gente do palacio... Assim, o rapto parecerá extranho ás manobras de monsenhor...

— Approvo a tua previdencia. E a *cobertera?*

— É das mais finas no trato e na traça. Tem aposentos de princeza á custa do morgado. Ides, monsenhor, ser o homem mais feliz de Sevilha!

— Será essa a unica consolação que me compense dos sobresaltos em que vivo...

— Nada tendes que receiar, monsenhor. Sevilha está submettida e o golpe de ámanhã ha de desenganal-a para sempre.

— E Cisneros?

— Emquanto o regente andar pela Italia, nada deveis receiar: o partido da rainha enfraqueceu, com a loucura da pobre Joanna.

— Mas, Cordova! Cordova?

— Quereis comparar-vos com Lucero? Afinal o *Tenebrero* não passa d'um imbecil... Não quiz seguir os meus conselhos, e o seu orgulho o perdeu... Preferiu fugir a defender-se... Atraz d'um homem que foge, todos os fracos se fazem valentes... Batei-lhe o pé, monsenhor, á cafila de herejes que murmuram, e Julio e Fernando vos darão alentos e honrarias.

— Queres saber, Henrique, acho Sevilha tranquilla de mais...

— E porque esqueceis a caçada d'estes ultimos dias... Deveis lembrar-vos de que estão entre os muros da Inquisição todos os cabecilhas, mais fortes e instigadores. Sem cabeças o povo não pensa...

— E a Gardunha?

— É odiada pela Triana. Ainda que ella quizesse não teria companheiros.

— Mas o cardeal Ximenes tem dinheiro, e a Gardunha só n'isso pensa. Andará elle conspirando?

— Não penseis em Cisneros; mais devia inquietar-vos D. Diogo de Gusman, bispo de Catania, que esse não pode ver com bons olhos a res-

— Já pensastes em fugir, monsenhor ?

tauração do vosso poder... Mas, tudo isso são perigos que veem longe... Convem não perder tempo. A opinião do conselho de Castella nem sempre ha de vencer... A Inquisição tem perdido terreno; lá isso tem, e a prova é a prégação secreta que contra ella já ousam fazer os bispos de Osma e de Palencia... Estão com os embaixadores na côrte de Roma, da Allemanha e outros... E a culpa é dos inquisidores; permitti que vos diga isto... Matastes gente de mais e mal escolhida... Estaes livre dos que menos damno poderiam fazer-vos... Bem sei que vae já em mais de trinta e oito mil o numero das vossas victimas!... Mas isso significa que matastes e prendestes com os olhos vendados... Quasi tudo villões, judeus verdadeiros, ciganos esfaimados e mulheres tontas! Poucos padres, poucas monjas, e, a respeito de nobres, uma miseria!... Aos bispos, aos cardeaes e aos cavalleiros de sangue limpo é que devieis ter ferido e inutilisado...

— Talvez tenhas razão, talvez... Tanto trabalho, para, afinal, ter de fugir como Lucero, ou de me recolher estupidamente no meu arcebispado!

— Já pensastes em fugir, monsenhor?

— Já, sim. Quantas vezes! Os acontecimentos de Cordova foram um aviso. Julguei vencer depois d'elles, mas parece-me que ouço de novo ruidos sob os pés... A terra da Hespanha ameaça de se abrir!... Quem sabe se os mortos, apesar de queimados, estão a revolver as cinzas com a força dos cyclopes? Até dos miseraveis ciganos me arreceio, até d'esses, d'essa horda de bandidos, que se occultam como as toupeiras ..

— Sois injusto para commigo, monsenhor... A minha dedicação nada esquece. Deveis sabel-o. Tenho na mão o velho Zampa e conheço os planos de Gerinel. Para os vencer, se ousassem levantar-se, bastaria a Gardunha... Não valia a pena, sequer, manchar com o sangue d'elles as armaduras das vossas guardas... Deixae isso por minha conta... Quem, como eu, arriscou a vida para descer ao covil d'essas feras, não merece que seus amos lhe amesquinhem a obra.

— Tens confiança em Zampa?

— Toda. Um bandido que jura vingar-se, vinga-se sempre... Quando Gerinel avançar sobre Sevilha, Zampa terá a seu lado a populaça da Triana. A lucta será entre elles... Mas, isso tudo está longe, e o caminho bem vigiado... Deus conserve o regente em terras napolitanas, forte o vosso pulso e esclarecido o entendimento, que vos tem guiado na lucta contra os inimigos da Fé e da vossa sagrada pessoa!...

— Recompensar-te-hei, Henrique. Dou-te o meu valimento, porque reconheço o teu valor.

— Não me move a ambição, monsenhor...

— Terás a alma tão pura n'estes tempos de cobiça e de heresia?

— Se penso nas riquezas é só para usar d'ellas, ao serviço d'uma causa que me apaixona... Quero viver unicamente para purificar a Egreja, esmagando todas as heresias e todos os herejes...

— E servir-me-has sempre, com egual dedicação?

— Sim, emquanto vos mantiverdes com os favores do Santo Officio. Se a sorte vos fôr adversa, partirei para Portugal, para servir a princeza D. Maria, e esperar o advento de seu filho, o principe D. João!

— Está tudo bem vigiado? Os suspeitos guardados por gente de armas? Os condemnados prevenidos e aceiados? Eis o principal. De ti fica o exito da minha aventura e a guarda da minha pessoa.

— Onde me quereis, de preferencia?

— Na rua. De longe vigiarás o rapto de Sarah.

— Nada mais quereis, monsenhor?

— Nada mais... Espera... fico esta noute no palacio, e tenciono sahir antes de romper o dia, pela escadaria secreta. Não te esqueça desembaraçal-a... Que a guardem lá em baixo esbirros de confiança. Não tenho medo; tenho presentimentos... Vae-te. Logo que Sarah esteja em meu poder, prevenir-me-has. Quero ámanhã, depois de fazer justiça em nome de Deus, premiar-me nos braços d'essa mulher que me fez homem, quando toda a gente me converteu em féra.

E o torpe escudeiro cumprimentou reverentemente o arcebispo, e sahiu, cortejando até estar fóra da porta.

Ao descer á galeria que communicava com a prisão de Jacob, disse a um dos esbirros que a vigiavam a distancia:

— As mulheres ainda lá estão?

— Ainda.

— Soltaram o preso?

— Como nos ordenastes.

— Está bem. Logo que ellas saiam não esqueçam a minha principal recommendação; acompanhem Sarah até o recebimento do palacio, e ahi a entregarão aos homens da liteira, com o santo — *da parte de Deza*... E nada mais! Nem sequer tomarão cuidado na direcção que ella seguir!...

— E' só d'uma que se trata, não é verdade?

— Sem duvida. — Trata-se da que veste manto azul, e faz lembrar a Madre Purissima...

LXII

A Extrema Uncção

Quando Sarah entrou, descendo os dois pequenos degraus, levantou-se Jacob, que foi encostar-se ao muro da prisão, junto ao marco de pedra a que estivera preso.

Um esbirro veio desprendel-o, deixando cahir com estrondo, sobre o lagedo, as pesadas correntes. O captivo nem deu por tal... Tinha os olhos pregados no rosto de Sarah, mais bella que nunca, e já com uma belleza senhoril, triste, compassiva!

A filha de Lopo, foi, mal habituada áquelle logar e áquella luz fraca e dubia, sentar-se n'um escabello que lhe apresentaram — um tóro grosseiro, revestido ainda de escura camada de cortiça... Entretanto, em duas argolas embutidas na parede, foram mettidas duas tochas, de chamma fumarenta e trémula, que fazia mover sombras em todo o recinto...

Suzana, envolta em amplo manto negro, guardava a porta, que os esbirros transpuzeram logo que acabaram a disposição da scena. Sarah estava profundamente commovida... Jacob conservou-se, por momentos, n'um extasi contemplativo... Não estava, mas parecia estar sonhando!...

A filha de Lopo foi costumando a vista aquella luz de camara mortuaria, sem affrontar o olhar do condemnado... Movia os olhos sobre o chão e o tecto negros, sobre as tochas, sobre as correntes abandonadas, sobre a enxerga e a infusa do miseravel captivo... Batia-lhe o coração com tanta força e tão irregularmente!...

Depois, quando já fixára o olhar nos pés núa de Jacob, aconchegados nos artelhos pelo fato maldito, porque ouvia a respiração arquejante do christão-novo, foi erguendo os olhos até affrontar aquelle peito, outr'ora tão bem lançado como a couraça natural de Hercules, e agora, vergado e encolhido, como o busto d'um velho faminto e mendicante!

A pobre menina estremeceu de sùrpreza e de compaixão... Parecia-

lhe que estava na presença d'um cadaver, que a vida da sepultura tivesse mumificado!

E ella que queria fitar serenamente o olhar de Jacob, mal lhe viu o vulto, assim, alquebrado e esqueletico, levou as mãos aos olhos... Para enxugar as lagrimas, ou para não vêr aquella desgraça? Talvez para ambas as coisas...

Jacob comprehendeu aquelle movimento...

— Senhora, disse elle, não olheis para mim! A minha voz lembra melhor o que fui, e recorda-vos, sem duvida, o vosso dedicado amigo e defensor...

— Jacob, disse então, Sarah, banhando o rosto pallido ao seu interlocutor, com o seu olhar meigo e humido, deveis ter soffrido muito!

— Avaliae-o, senhora, por estes farrapos de corpo, que a tortura me deixou... Vou morrer, senhora, e ainda bem que vou morrer!

— Jacob, não tendes esperança em Deus?

— Esperança e fé, apesar de não lhe ter merecido durante tanto tempo a sua caridade infinita! Sim, Deus, ainda que tarde, compadeceu-se de mim! Por este momento de felicidade, este em que posso ver-vos e ouvir-vos, offereço resignado os meus dias de torturas physicas e as minhas noites de angustias moraes... Sim, adorada Sarah, o influxo da vossa presença, a bondade do vosso olhar, o balsamo das vossas lagrimas, não reparam os estragos do corpo que as chammas vão consumir, mas fazem resurgir a minha alma! Ha sorrisos festivos no meu coração dilacerado como ha repiques de bodas no bronze das velhas torres d'uma egreja em ruinas!

— Quizera salvar-vos, Jacob, em troca da minha propria existencia... Que ao menos vos console, na hora derradeira, dando-vos alento e crenças... Ainda amaes a vida, que vos foi tão alegre e tão feliz?

— Não, Sarah, já não a amo, nem a quero... Essa morreu... Não volta a mocidade que perdi. Já não sou um homem, mas um cadaver... A Deus agradeço, profundamente reconhecido, a graça de vos avistar n'esta hora que ia ser maldita!...

— Trouxe-vos, então, algum consolo?

— Só Deus o sabe! Tudo esqueço, tudo perdôo! Até a morte se transforma a meus olhos! Já não a temo. Vejo-a, meiga e cariciosa como era minha mãe, quando me emballava nos braços para eu adormecer, olhando-a, a sorrir... Oh! como deve ser bello adormecer, vendo-vos e ouvindo-vos!... Parecer-me-ha o patibulo berço de frouxel, e os beijos de fogo, caricias frescas, como gôttas d'orvalho que cahissem nas minhas faces maceradas! Será isto o delirio que precede a hora final?... Se é, eu quero

delirar, que tanto favor do Céo me faz acreditar na vida eterna!... Sarah, creio agora que até as minhas cinzas, quando o vento as soprar e varrer, ámanhã, á hora das Trindades, irão pelo espaço, cantando o vosso nome!...

— Que vos fiz eu, senhor, para tanto vos merecer?

— Que me fizestes? Bem pouco, e tudo! Apparecestes-me! Foi o bastante. Eu era um louco, um aventureiro, um frivolo, perdido n'um mar de vicios, sem moral, sem tino, sem ideal! Esbanjando a saude e a riqueza, amando a mentira, mentindo ao amor! violento, apaixonado, vaidoso, sem familia — um doido — extranho ás grandes paixões e ás grandes luctas, esquecendo-me dos tristes e dos miseraveis! Paladino, que expunha o peito a brigões sem dignidade, por mulheres sem pudor! O meu braço era um ariete que se levantava a miude, para castigar insolencias que eu proprio provocava, ou para escalar muros de conventos desacreditados... Andava ao acaso, á mercê de mil desregramentos, sem norte, sem rumo, sem intuitos fidalgos, sem amores castos! O que eu era, Sarah! O que eu era! Filho d'uma raça perseguida, nem d'ella me lembrava!... Apenas castigava os que m'a recordavam, como se d'isso houvesse vergonha!... Em camaradagem com os rufiões, que desciam da fidalguia, e os frades que envergonhavam os templos, nem sequer escutava os gemidos dos meus confrades expulsos das synagogas, e queimados nas praças publicas! Emquanto em Lisboa o odio explodia sobre a cabeça dos marranos, eu, marrano tambem, a pedido das dissolutas renegava os meus altares! Os prazeres da mocidade affastavam-me dos livros que tinham sido os meus leaes companheiros... Com o dinheiro que meu pae adquirira, estragava a sciencia que me déra o estudo... Jacob Adibe, o pae, honrava a sua velhice em Azamor, como leal portuguez; Jacob Adibe, o filho, malbaratava a mocidade no prostibulo de Lorvão! Aonde iria eu por aquelle caminho? Como poderia salvar o nome, o caracter, a intelligencia, andando assim com as mulheres, com o jogo, com o vinho, ora em aventuras, em ginetes de corso, ora em tavolagens com os villões de má nota? Eu era bom, lá isso era; generoso d'animo, de rectas intenções, leal nas promessas e nas luctas!

Mas tudo isso ia a perder-se no peor dos abysmos — n'aquelle em que nos lança a miseria da bolsa, a saciedade dos appetites, os achaques dos vicios e a corrupção da descrença e da irreflexão... Foi então que me apparecestes, senhora... Fostes o meu anjo da guarda. Nada me dissestes, mas salvastes-me! Que transformação, meu Deus! Que transformação! Como, então, vi bem os meus habitos, o meu meio, o meu presente e o meu futuro! Como percebi que era ainda tempo de salvar o saldo, que ainda tinha, da minha educação e das minhas tradicções! Senti-me,

n'um momento, de fronte mais levantada, de peito mais nobre, de razão mais esclarecida.

Tive vergonha da minha vida, e jurei tudo resgatar n'um futuro de trabalho e de dedicação!...

Notei que não tinha amigos, que me eram falsos os amores, que me andavam o cerebro e o coração a contaminarem-se de males que aleijam e envergonham! E tudo isto vós fizestes, só porque me apparecestes!...

— Senhor... interrompeu Sarah, confusa e perturbada.

— Descançae, Sarah, que não vos offendo... Tenho vivido adorando-vos; hei-de adorar-vos e respeitar-vos até... ámanhã. Já não sou um homem que lisonjeia — sou apenas uma sombra que vos entristece. Ia morrer impenitente, sem confessor, que repelli, bruscamente; ia adormecer, praguejando contra o mundo, contra o Céo, contra os homens e contra Deus, até! Dentro d'esta ossada queima-me, ha muito, o fogo do desespero, o odio d'um perseguido, a vergonha d'um condemnado... Agora tudo mudou... Não vos offendaes, que estaes deante do esquife, que ainda guarda uma alma purificada por um martyrio cruel e por um amor sagrado! Deixaes-me, senhora, que por entre esta tosse que me extenua o corpo, eu dê liberdade a esta magua, a esta saudade, a este encanto, a esta recordação, que me animam o espirito e o enriquecem e nobilitam?

— Falae, Jacob, escutar-vos-hei, em nome de Deus!

— Sim, a vós quero confessar-me — abrir-vos o meu peito, revelar-vos os meus sentimentos... Em breve, meus olhos se apagarão, emmudecerão os labios que vos falam, desapparecerá desfeito em cinzas este vulto, que vos entristece... Se terei tempo para tanto vos dizer?! Mysterios de muitos mezes, semanas, dias passados a sós com a minha consciencia, sem um amigo, sem um companheiro, sem uma esperança! No meio d'estes horrores, envolto em tantas trevas, maltratado, insultado, flagellado no corpo, com os instrumentos de tortura, no espirito com vexames e humilhações, com saudades d'alguem, com ingratidões de todos! Chamando em meu soccorro os homens e os deuses, sem que uns e outros quizessem soccorrer me! Insomnias, fome, sêde, agonias, accessos febris, frio, muito frio, os membros presos e chagados, a posição contrafeita, e sempre, sempre, com esta maldita companhia — as cadeias de ferro nos pés, nos braços e na cintura!

E, soffrendo tanto, vêde, senhora, quanto podeis, que só, porque vos vejo, tudo esqueço, tudo perdôo, e até pergunto ao Céo, ao qual já accusei de iniquo, barbaro e cruel, porque me premeia assim? Que fiz eu para tanto merecer? E' a minha morte o preço de tamanha dita? Oh! trinta vidas que eu tivesse, todas daria por este momento abençoado!... Oh!

Sarah, perdoae-me, por quem sois! não quero offender-vos, não; quero adorar-vos.

E Jacob, fitando o rosto de Sarah, para ella extendia as mãos postas, como se estivesse orando, aos pés d'algum altar, invocando uma apparição celestial...

— Quanto bemdigo, sr. Jacob, a hora em que me resolvi a vir a Sevilha!... Disseram-me que soffrieis muito, e quiz fazer esta piedosa romaria para vos dar alento e esperança. Era dever meu, porque muito vos devo, senhor, ou trazer-vos a liberdade á vida, ou para a morte a resignação...

— Que o Céo vos pague a caridosa esmola! O vosso olhar, que não pode illuminar-me o caminho da liberdade, allumiar-me-ha o tumulo... Deixae-me beijar-vos a mão, senhora, que os pés vos beijaria, se o vosso vulto se erguesse, esculpido em marmore, ou em marfim, n'uma capella christã...

— Precisaes de serenar, Jacob, que é delicada a vossa saude, e de mais vos fatiga tanta exaltação... Só ámanhã, quando o sol fôr a meio caminho, ou talvez a declinar, é que Deus vos espera... Entretanto, que a esperança vos não abandone... Quem sabe o que poderá trazer-nos a luz da aurora?!

— Traz-me o sambenito irrisorio e o supplicio infamante... Não ouvis, senhora, o sinistro badalar d'esta cidade maldita? Trouxe-me o pôr do sol a luz dos vossos olhos! Que mais quero eu? Que mais posso esperar?

— Já vos disse que Pedro está em Sevilha, nas bôas graças do Cardeal Ximenes, e defendido pelo favor de Miguel da Silva? Hoje virá resgatar-me, e ámanhã lançar-me-hei a seus pés... Se quizesseis, Jacob, confessar vossos erros de doutrina, para desarmar a cólera do Santo Officio?!...

— Mas, quem vos disse que desejo a vida? Pela salvação da minha alma vos juro, que em tal não penso. Morto me sinto já, e tanto, que é só o meu espirito, que vos está falando. Viver para que? Viver para quem? Se, á custa d'uma apostasia, lograsse a liberdade, a morte me viria em breve, lenta e implacavelmente! Meu corpo é uma velha fortaleza, que ja não pode acceitar as batalhas da vida, e em cujas ruinas se abrigam e defendem apenas esses vampiros que se chamam descrença, odio e desespero! Salvae-vos, senhora; fugi para bem longe d'este abysmo e d'este inferno, e não penseis mais em quem vos ama á hora da morte, como não é facil amar nos prazeres da vida...

— Falae-me só de vós, Jacob. Porque não vos submetteis? Contentae os homens, que isso talvez vos salve o corpo... Para que salveis a alma não reclama Deus a apostasia...

— E sois vós que me daes esse conselho? Vós! a mulher que melhor poderá comprehender a intransigencia do meu pensar e dos meus actos? Com uma vergonha nunca se resgata uma vida! O que seria o mundo, se o mêdo da morte justificasse todas as cobardias dos apostolos? Que quereis? Que abrace a vossa religião? E o que fiz eu já? Querem que, para não morrer um dia mais cedo, passe a vida a fazer apostasias? Tambem vós, Sarah, acceitastes o encargo, não de me reconciliar com uma religião, mas de me conformar com as heresias dos hypocritas? Para que me consoleis na hora solemne em que estamos, é necessario que nada haja de commum entre vós e a seita maldita, que impõe a crença a ferro e a fogo!... Não, piedosa senhora, fazei que eu ame a morte, já que ella me espera impaciente...

— Abri-me o vosso peito, Jacob: e dizei-me: se a fortuna tão vária vos sorrisse ámanhã, livrando-vos da pena injusta e cruel, amarieis a vida?

— Não, não, mil vezes não! Olhae para mim, senhora; não vêdes que vou morrer, quer me matem por sentença dos homens, quer por exgôttamento lento da vida passada n'este tormento insoffrivel? Olhae bem para mim... O que estou fazendo, aqui, falando, pensando, de pé, é um milagroso artificio, que vem da vida emprestada que me trouxestes! Tenho o peito curvo e enfraquecido, presas as articulações, onde se aninham dôres que gemem, sem que a minha bôcca lhes repita os echos! Bate-me o coração irregularmente, como se o sangue me corresse e parasse, ora apertado em canaes estreitos, ora em vasos distendidos, que elle galgasse a custo! Que haverá de irregular e de embaraçoso n'esta circulação, que, ora me doe, ora me asphyxia? Não vêdes, senhora, que não respiro, ou com tal esforço o faço, que pareço ter já no pescoço a pressão do garrote, mantida e accrescentada pela mão do algoz? Que destroços cá dentro! que preguiça na vida que se defende! que pressa na morte que avança! O que eu sinto na cabeça, santo Deus, é medonho!... Sinto o coração no pescoço, nas fontes, em toda a parte, e, ás vezes não o sinto, nem ao menos no pulso, que me bate a galope, e que me pára de repente, para de novo galopar, como se ouvisse gritar por soccorro, n'outra região d'este cadaver animado! Não vêdes a minha côr?... Não posso vêr-me, mas sei que estou pallido... As côres... até os cegos as adivinham... Quando passo as mãos pelas faces, parece-me adivinhar a côr pallida, terrosa, nas covas que as accidentam... Irrompe-me o esqueleto pela pelle, como se esta fôsse apenas a camisa de linho, que a reveste!... Treme me na bôcca, a lingua, como se a soprasse o tufão de febre que me sóbe do peito, ou do estomago, e me assobia nos dentes, despidos de gingivas, expostos pelos labios que se regaçam! Tenho quasi o rictus chronico da

caveira... Olhae bem para mim, senhora... Nem me vêdes os olhos, que se esconderam, acobardados, no fundo das grandes orbitas, como se a morte estivesse de fóra a empurral-os, ou de dentro a puxar por elles .. Já reparastes n'estas mãos, que teem a forma de garras e em cujos dedos roxeiam as unhas, como se a podridão do tumulo as estivesse colorindo? A vida? Quem pode já offerecer-me a vida? Agora a suprema caridade é o estrado, o poste, a fogueira, a chamma, a cinza, o esquecimento! Viver? Tenho a edade dos novos e o desespero dos velhos! Eu queria viver se me restituissem a vida, tal qual a tinha ha tão pouco tempo—vida de saude, de fôrça, de alegria, de esperança e de amôr; mas os estragos de que soffro já não podem ser reparados... O tempo não recúa e as ruinas não se reedificam .. E, se um milagre me désse novas fôrças e destruisse graves lezões, restituindo me a mocidade a todos os orgãos, frescura e viço a todas as faculdades, me cobrisse o craneo, me ennegrecesse o cabello, me restituisse brilho ao olhar e vigor aos musculos, como poderia eu reconstruir os meus ideaes, esquecer estas perseguições, quietar o meu espirito, colorir de novo os meus sonhos? A vida apresenta-me hoje um aspecto bem differente! Ha pouco julgava o mundo um paraiso, os homens uns santos, as mulheres uns anjos... E agora? Agora sinto dentro d'alma revoltas contra todas as iniquidades... O odio vive dentro do meu peito, ao lado dos meus affectos: os homens parecem-me feras, e, nos seus covis, os anjos de outr'ora teem chammas nos olhos e veneno nas linguas, como as viboras que se arrastam. Só vós, senhora, se o corpo me resuscitasse, poderieis fazer-me amar a vida... O céo, a terra, o mar, a luz, o sorriso, o amôr, a saude, a riqueza até, tudo eu poderia resumir n'um olhar vosso! Mas, a desgraça adeantou-se tanto, sinto por tal forma, no corpo e na alma, o estygma da Inquisição, que, preso ou livre, se me amasseis por generosidade, nem vos acreditaria a confissão, nem vos acceitaria o martyrio. O Santo Officio é como a gafeira, que envilece primeiro, e mata depois! Isto é uma despedida de tudo quanto amo! Sois a imagem da minha vida! Digo-vos adeus, como se no vosso olhar estivesse o mundo que habitei... Vejo n'elle graphicamente todas as linhas da minha vida accidentada, desde o meu nascimento em Coimbra, a minha infancia em Granada, a minha adolescencia em terras d'Africa, a minha viagem através de todo o mundo, com meu pae atraz de mim a ganhar dinheiro, e eu na frente d'elle a gastal-o; e, por toda a parte, com um zumbido impertinente das raças christãs, dizendo-me epigrammas, que me doiam, como chicotadas, e apostrophes que me deixaram o coração dorido — marrano! marrano! marrano! E eu, tentando as azas, a procurar toda a luz da civilisação, sem fanatismos re-

ligiosos, a transigir com tudo, a apagar o passado, distrahido, quasi infantilmente, a pedir que me deixassem! De toda essa vida me despeço, senhora, premiado com esse olhar de piedade que lançaes sobre o meu tumulo! Um dia, quando me senti rico e forte, tão rico que tinha christãos respeitosos ao meu serviço, tão forte que assustava os christãos ricos e insolentes! eu proprio me desarmei dos odios da minha raça e da minha fé, e verguei a cabeça na pia baptismal! Julguei, então, que tudo estava satisfeito, que podia ser feliz e respeitado! Enganei-me. O velho murmurio zumbidor continuou perseguindo-me. Christão novo era o mesmo que judeu, judeu o mesmo que marrano!! E a turba continuou, não já affrontando-me, mas cuspindo-me os passos, que eu ia cavando por entre ella, com o velho estygma — judeu! marrano! renegado! E eu não discutia os deuses, e eu não usava a usura, e eu espalhava ouro com a prodigalidade christã, e eu amava o mundo, como se elle fôsse de todos nós, e até o rosto affeiçoava ao typo das raças novas, e orava em todos os templos catholicos! Mas, de noite e de dia, em casa e na rua, quanto mais transigia, e gastava, e amava, descuidado das luctas brutaes, entre fanaticos, mais ouvia atraz de mim, a turba que me segredava: — marrano, marrano! O villão e o fidalgo vingavam-se de mim com taes injurias! E não pensava em vingança, e até a mim proprio lançava as culpas do meu destino, e, onde me sentia perseguido, como o biblico judeu, expulso de toda a terra, empunhava o cajado da mais santa resignação, e caminhava, caminhava sempre!... E dava esmolas, que tilintavam atraz dos meus passos, e continuava sorrindo pela superficie da terra, á busca d'uma patria, d'uma familia, d'uns amôres! Assim andei em todo o oriente onde o sol me queimava, chamando-me judeu; assim atravessei a Europa, desde os paizes do gelo até o meio-dia da França — e, por toda a parte a terrivel maldição a perseguir-me pelos caminhos, quando andava, e pelos sonhos, quando dormia: judeu, judeu, sempre judeu! Invadindo a peninsula açoutou-me a Inquisição, não pelo que eu era, mas pelo que eram os meus maiores... Entrei em Portugal, já então disposto a gastar a vida, a mocidade, nos faceis prazeres, que nos deliciam, como o melhor maná, e que nos embriagam como os vinhos mais capitosos! E os prazeres e a embriaguez creavam espectros na minha exaltada imaginação, e o ouvido, nas suas allucinações constantes, repetia-me implacavelmente: — judeu, judeu! Foi então que vos encontrei e vi, Sarah, e notei, com alvoroço que não sei explicar, que o vosso olhar meigo, piedoso, intelligente e penetrante, se fitava no meu, christãmente, judaicamente, divinamente, reconhecendo na minha uma alma fortificada em todas as religiões do amôr... E dos vossos labios, Sarah, quer se descerrassem n'um sorriso, quer

n'uma palavra, nada via e ouvia que me recordasse o velho estygma, a terrivel apostrophe — judeu! judeu! judeu!

— Jacob, disse-lhe Sarah, extendendo-lhe as mãos, sois, na verdade, uma grande alma, e comprehendo a vossa enorme dôr! Meu querido irmão, acreditae que vos estremeço como ao melhor dos amigos, e que, pela vossa salvação, daria mais que a minha vida...

Jacob cobriu de beijos essas mãos que se lhe extendiam.

— Obrigado, Sarah; por Deus que nos escuta, eu tomo n'estes beijos, que conteem o murmurio de toda a minha alma, a extrema-uncção da minha fé no amor e na justiça!

E Jacob, vergando o joelho, conservou por alguns momentos os labios collados a essas minusculas esculpturas de dedos de marfim e unhas de coral!

Ao erguer-se, como se tivesse sido abalado por uma vertigem, cambaleou afflicto, passou as mãos no rosto, que momentaneamente se lhe affogueára, e cahiu sobre o marco de pedra d'onde pendiam as correntes do seu captiveiro...

Sarah, então, approximou-se d'elle, e ungiu-lhe o cabello com duas lagrimas, que se lhe desprenderam...

— Meu Deus! disse ella, erguendo o olhar; dae-lhe a vida e a liberdade, se é essa a vossa vontade, ou, tomae conta da sua alma gentil, fidalga, e amoravel, se a quereis guardar e defender da injustiça do mundo!

Jacob não tinha desfallecido; pelo contrario, soluçava, tanto e tão amarguradamente, que consolava ouvil-o!

Quando um morto, ou um desesperado, chora, prova-se que se deu uma resurreição, e que rebrilhou uma esperança.

N'este momento Suzana entreabriu a porta.

— Chamastes-me, senhora?

— Não, bôa Suzana, não; tenho ainda muito que dizer e que ouvir. Conta a essa santa gente que espero ganhar para Deus a alma de Jacob Adibe.

— Jacob expira?

— Não, renasce!...

*
* *

E, Sarah, como se affagasse uma creança, poz as mãos sobre a cabeça de Jacob, annediando-lhe o cabello.

Jacob soluçava!

Tal excesso de sensibilidade era já um symptoma grave do estado doen-

tio d'aquelle organismo. Aquelle homem forte estava vencido, bem vencido!... As lagrimas, quando rebentam dos olhos d'estes athletas, denunciam que a dôr fundiu o caracter, o orgulho, toda a fôrça moral d'um heroe ...

Assim como se desfazem, a um raio de sol, montanhas de gêlo, que aguentavam o pé do viandante, e que depois se escôam placidas, transparentes, liquidas, sustendo apenas folhas seccas pelas ribeiras dos caminhos, assim o animo, a coragem, o caracter, a alma, todas essas montanhas resistentes, que formavam aquelle orgulho de luctador, ao calor das mãos de Sarah, aos raios quentes d'esse olhar piedoso, estremeceram, se fundiram, se desfizeram n'um arroio muito tenue, limpido e fugaz! Desmanchava-se em pranto a alma de Jacob!

Era assim que o pobre doente, cujo coração se desfazia á custa de torturas, mostrava que, juntamente com a materia do seu corpo, se transformavam todas as fôrças da sua vontade e do seu sentimento. Era a grande hemorrhagia moral, que lhe estava desfallecendo toda a resistencia e toda a esperança!

Aquelle pranto, que lhe corria sem dôr, sem consciencia, sem pejo d'elle proprio que o via correr, e não o occultava; aquellas lagrimas em chuva, jorrando-lhe dos olhos, quentes, limpidas, eram o grande degêlo moral d'aquella fôrça sustentada pelas forças animicas, e a que hoje se chama simplesmente caracter!

A tortura, que tornava pathologica toda a sua anatomia, e que alterára todos os phenomenos psychicos da sua individualidade, como se receiasse um desequilibrio na sua obra, deixando um grande espirito dentro d'aquelle corpo, que ia mirrando-se, foi-se ao cerebro do pobre martyr a bolir-lhe e a desmanchar-lhe aquellas fôrças, que elle adquirira nos revezes e nas luctas da vida.

As lagrimas d'um homem forte, moralmente forte, resignado, independente, superior, de rija mentalidade e percepção fria e facil, são como a gemma e a clara d'um ovo, esvaindo-se, pela sucção, por um orificio quasi imperceptivel! Aquillo era mais que uma hemorrhagia, que no sangue, que se esvae, se perde a vida d'um corpo, a sua grande vida physiologica... O pranto é a perda, o exgottamento d'um espirito, d'um caracter, d'um *eu* creado e educado na historia de muitos annos...

As mãos de Sarah, pousando na cabeça de Jacob, cobriam apenas a casca d'um ôvo, marcado com o nome de Jacob Adibe!

Sarah comprehendeu o perigo d'esse demorado exgottamento.

Começou por julgar que, assim, iria revigorando aquelle caracter, e acabou por comprehender que, assim, se despejava aquella casca!

Affastou-se, então, e gritou com cariciosa energia:

— Jacob! Então? Sêde homem para acceitar a vida, ou a morte! Estou aqui, a vosso lado; sou mulher e soffro comvosco! Quereis que vos salve? Que sacrificio é necessario? Tudo farei, que tudo mereceis! Se viverdes, far-vos-hei feliz: se não puder salvar-vos, dar-vos-hei coragem no momento final!

Jacob ergueu o rosto onde as lagrimas tinham crystallisado, e, segurando as mãos de Sarah, ao mesmo tempo que sacudia os cabellos que o suor frio humedecera, exclamou com tristeza:

— Sarah, ia morrer, e não temia a morte... Junto de vós custa-me tanto esta hora de despedida! Sarah; eu quero viver, porque vos amo...

A pobre menina baixou os olhos...

— Bem sei que estou perdido, e não chóro porque perco a vida, mas porque vou perder-vos ..

— Meu irmão...

— Comprehendo-vos, Sarah: sou apenas vosso irmão!

— Mas dou-vos a minha vida, se com ella podeis salvar a vossa...

— E o vosso coração?

— Falemos só de vós...

— Vou morrer, Sarah, é fatal. Sinto já o meu espirito a ensaiar o vôo... E' solenne este momento, muito solenne! A um moribundo diz-se apenas a verdade. Abro o coração que vae adormecer! Amo-vos, oh! minha adorada irmã, desde que vos vi... Deus sabe se isto é verdade, e da mentira ámanhã me pediria contas, se eu mentisse... Esta confissão não deve fazer-vos corar .. Uma alma, que se despede, não macula o pudôr d'uma virgem... Se tem sido este o sonho das minhas noutes, o cuidado dos meus dias, o unico esteio da minha esperança! Que o digam os campos de Coimbra, quantos gemidos por lá soltei, pensando na formosa noviça de Lorvão! Que de saudades confessei ás aguas do Mondego! quantos beijos arremessei á luz que batia na vossa janella, em noutes de luar! Quantas vezes a minha espada nua tremeu no seu telim de ouro, com anceios de se cruzar, pela sua dama, com quantos cavalleiros fidalgos e apaixonados menestreis me falavam do brilho dos vossos olhos e da elegancia do vosso vulto! Para vos vêr e vos guardar nenhum perigo media ou evitava! Que me varassem o peito por vossa causa, e eu desfalleceria sorrindo, alegre e orgulhoso! Que soubesseis que eu morrera, por vossa graça e honra, e a morte me seria mais grata que a vida!... Oh, perdoae-me, Sarah, perdoae-me, que eu estou dizendo palavras ousadas, sem rodeios... E' que tenho medo de que me faltem o tempo e as fôrças... Que quereis? Eu não tenho culpa! Porque, além de

serdes tão bella, sois tão bondosa? Cheguei a formar o futuro mais ideal! Era então, forte, novo e rico! Se tivesseis o coração livre, se viesseis a amar-me, erguer-vos-hia um altar no templo do meu peito, e passaria a minha vida de joelhos, a adorar-vos!... Não me lembrava da minha raça, da perseguição que me ameaçava, das traições que me moviam! Que me importava tudo isso? Ereis a minha religião, a minha Deusa, a minha santa, a minha rainha!

Sarah, com o olhar no chão, ouvia, sem interromper Jacob com uma palavra, ou com um gesto.

— Perdoaes, minha bôa irmã, tudo isto que ouso dizer hoje, e que ámanhã já não poderei repetir?...

— Se perdôo?

— Sim, se perdoaes, tereis de fazer uma confissão leal, franca, sagrada!...

— Dizei, Jacob.

— Juraes, minha irmã, que respeitareis os direitos d'este miseravel á vossa compaixão e á vossa sinceridade?

— Juro.

— Pela memoria de vossa irmã, pela vida de... Pedro Soares?

E Jacob, pronunciando este nome, fez um esforço, como se fosse um nome quasi esquecido.

— Pois bem, Sarah! se eu voltasse á liberdade e á vida, querieis ser minha mulher?

Sarah hesitou alguns momentos; depois, levantando os olhos para Jacob, que com o olhar continuava interrogando-a:

— Queria ser vossa irmã, Jacob...

— Amaes, então, outro homem?

— Não sei .. Julgo, na verdade, que só vós me amaes.

— Mas amaes, em segredo, quem não vos comprehende nem adivinha?...

— Talvez...

— E esse homem é?

— Quereis que uma mulher diga o nome d'um homem que ella ama, com amor que nunca confessou?

— Dae-me essa prova de amizade, Sarah; esse homem é...

— Já o sabeis, sem duvida...

— Pedro Soares?

— Sim.

— Está bem, obrigado, — disse Jacob erguendo-se vivamente, pondo as mãos na cabeça, e apertando-a, como se a sentisse estalar — está bem! Morro melhor assim!... Minha irmã, ides ser feliz, porque eu sei que Pedro vos adora. Agora posso morrer tranquillo... Não vos amo me-

nos por isso, não... A morte não me fórça a matar este sagrado impulso do meu coração... Juro-vos, Sarah, que, quando o fogo me devorar este corpo enfraquecido, estarei pensando em vós, minha irmã... E depois de morto, se dentro, ou além da sepultura, ha uma nova vida em que lembram as alegrias e as tristezas d'este mundo, a minha alma velará por vós na luz das estrellas que hão de illuminar-vos o caminho... Agora, mais que nunca, é indispensavel morrer! Vivendo, amar-vos-hia até a loucura, e, vós, que tendes sido o unico prazer da minha desgraça, serieis o flagello mais cruel da minha feliz existencia! Agora, sim, agora é que a morte me sorri, e parece acariciar-me!

— Socegae, Jacob, socegae...

— Não me vêdes bem tranquillo? Move-me apenas a impaciencia pelo sol que me ha de crestar até me reduzir a cinzas... Ah! como será bom adormecer serenamente, á hora em que se desfaz o sonho principal da minha noute! Eu tinha-o presentido! Sarah seria minha mulher, se Deborah vivesse, não era assim? Pois bem, Deus fez bem em matar Deborah, e faz melhor matando-me a mim! Assim como vós fostes a luz dos meus olhos, eu seria a nuvem dos vossos! E aqui está como o iniquo trabalho da Inquisição representa um acto de justiça Divina! — Dois lutos podem bem transformar-se n'uma grinalda de noiva! E' preciso que eu morra depressa, muito depressa! Ha vidas que perturbam as vidas! Se eu vivesse ámanhã, Sarah, que tem o mais bello coração de anjo, compadecer-se-hia de mim, e o seu futuro seria para ella uma serie de irresoluções. E' necessario decidil a! Que grande egoismo o meu! De que me servia o amor d'algumas horas? Oh! meu Deus, como te agradeço! — Se ella, coitadinha, me amasse, como eu a amo, que desgraça, ámanhã, que desgraça! Assim é que deve ser. Um condemnado não deixa crepes... Até as cinzas, que ficam, dizem que é elle proprio que se veste de dó! Pedro ha de fazel-a feliz, muito feliz! Pedro, afinal, parece-se com Jacob... no tempo em que este tinha peito para amar... Pedro substitue-me, é justo... O que é necessario é tirar-me da frente de ambos... que o meu espectro projecta uma grande sombra!

E Jacob, afflicto, aos tombos, amparando-se ás paredes, rodeava a prisão, n'um monologo cheio de exclamações — abrindo e cerrando os olhos, comprimindo a testa com os dedos escarnados... A tosse cortava-lhe, a miude, o seu exclamar lamentoso... Deus começava a compadecer-se d'aquelle martyrio!

Havia em Jacob uma excitação tão alarmante, que Sarah começou a receiar uma crise muito grave

O condemnado soffria muito, muito!

Os movimentos eram desordenados, e as palavras entrecortadas pareciam banhadas de lagrimas e denunciavam um accesso forte de dyspnêa mortificadora. Por causa d'ella estendia o pescoço, e sacudia a cabeça, como se procurasse, no espaço acanhado da prisão, ar que lhe enchesse o peito, de que sahiam silvos roucos e abafados. Lia-se-lhe nos olhos a angustia d'aquelles momentos, tanto os abria no esforço instinctivo de receber tambem por elles a aspiração que lhe faltava! Brotava-lhe o suor em bagas pela testa, que os sobr'olhos levantados enrugavam fortemente!... Com as mãos rasgava a roupa sobre o seio, e esfregava, ou comprimia, as costellas esburgadas na altura do coração... Ora se movia desamparado, ora se apoiava na parede, encostando-lhe a cabeça, como se já não pudesse com ella, ou quizesse refrescal-a... E, como visse, ou adivinhasse, a anciedade de Sarah, que tão depressa se approximava d'elle, para lhe acudir, como se affastava para o não affrontar, por vezes lhe enviava um olhar supplice e lhe fazia gestos de quem pedia perdão e promettia reviver.

Evidentemente, o desgraçado temia um alarme que viesse interromper aquella entrevista, que, apezar da amargura que lhe causara, importava para elle o melhor instante d'aquelle longo e isolado captiveiro!

Sarah conservava a respiração suspensa, e vigiava attentamente, n'aquella agitação dos que, por sympathia, adoecem, e soffrem, e se affligem, como os doentes que estão velando. Tambem ella sentia no seu intimo aquelle vendaval que abalava o misero Jacob!... Com as mãos extendidas para elle, approximando as e retrahindo-as, com o busto inclinado para a frente, os labios entreabertos, o olhar fixo, d'uma fixidez de estrellas que scintillam, gemia-lhe a respiração como a dos dormentes, que soffrem um máo sonho, e o seio ondeava-lhe com frequencia, por entre as bandas largas e abertas do seu manto de seda...

Que terrivel situação aquella! que ameaças d'uma tragedia inevitavel surgiam, em cada palavra, e em cada movimento! A dôr tambem cança de atormentar as suas victimas, e, por signal, a dôr de Jacob tambem, por fim, o deixou respirar mais livremente! Foi quando elle, a pouco e pouco, foi abrandando aquella terrivel suffocação, e chegou até a cerrar os labios e a contentar-se com as narinas dilatadas... Fechou os olhos, deixando vêr penduradas nas pestanas, que se enlaçaram conciliadoras, gôttas de pranto, que pareciam brilhar como um sorriso!

Procurou, então, Jacob o seu escabello, o seu triste e mudo companheiro, e n'elle ficou de fronte pendida, os braços conchegados sobre o peito... Sarah nada lhe dizia e, comtudo, dizia palavras sôltas, ao acaso — exclamações, estimulos, idéas cariciosas, reprehensões, qùe eram elo-

gios. discursos feitos de olhares e gestos... Pousava-lhe as mãos sobre os cabellos, limpava-lhe o suor com o seu lenço de rendas, envolvia-o, sem querer, no seu manto perfumado!

Um homem doente, deixa de ser homem; todos os achaques trazem uma menoridade, uma infancia até!

Sarah parecia acariciar uma creança... Nem se defendia d'aquella intimidade... Um doente não tem sexo... Um homem que soffre, a ponto de parecer que morre, vale tanto como uma creança!... Por isso Sarah, envolvendo-o, tinha aquella liberdade que, junto d'um homem, poderia parecer impudor.

Quando se soffre, a sinceridade é a luz que principalmente nos illumina o rosto... Jacob brilhava com essa luz! Sem vaidade, Sarah estava superior áquelle homem, que sempre lhe parecera um gigante! Um momento de afflicção destroe um seculo de frieza e de reservas!... Quando uma mulher se converte em enfermeira, a sua missão torna-se divina! O amôr, que é mundano, afasta-se para longe ..

Jacob reclinára a cabeça no collo de Sarah... A dôr e a piedade são duas fôrças que se attrahem como o iman e o aço... Quando Sarah aqueceu com os braços a cabeça de Jacob, aquelle martyr sorriu áquella irmã de caridade, como os innocentes sorriem ao collo uberrimo das mães... E' que a caridade tem seio como as mulheres... A dôr sagra todos os martyres... E' isso o que explica a castidade de Magdalena junto do tumulo de Jesus, morto e nú!

Aquelle homem já não era um homem — era um santo — porque todos os martyres teem essa canonisação... Diminuira-lhe o corpo, o grande espirito que se evolava! Por traz d'elle, sobre elle, havia o que quer que fôsse que lembrava uma auréola!

O espirito religioso de Sarah dizia-lhe, a ella, que se elle ia morrer com certeza que Deus andava por alli muito perto... Escutando bem, se não conseguia vêr Deus, pelo menos parecia-lhe ouvir um ruido de azas muito leves, que andavam a refrescar, como um leque de pennas, o rosto do padecente!

A testa de Jacob estava fria — parecia a testa d'uma estatua — mais — a testa d'um cadaver...

Sarah alegrava-se com a idéa de que aquelle martyrio ia findar em breve...

Jacob estava já tão quieto, tão sereno, tão resignado, que bem parecia estar no derradeiro momento... Julgava a pobre menina que Deus era como a Inquisição, que só perdoava quando os martyres se submettiam...

E Sarah talvez tivesse razão: morre-se com mais resignação do que

se nasce... Entra-se na vida, aos gritos, como se o mundo fôsse a morte; morre-se serenamente, como se a morte fôsse a vida!...

A respiração quasi não se ouvia... Amainára-lhe o temporal no peito, ou já lhe naufragára o coração?

Sarah poz uma das mãos no peito de Jacob, e, sob os dedos tremulos, sentiu-lhe o sangue na sua faina, quasi regular... O pulso batia-lhe... no pulso... Ia talvez adormecer! Quem sabe se a Providencia nos adormece primeiro quando nos quer acordar depois na Eternidade?

As tochas continuavam ardendo junto das paredes, com os seus morrões fumarentos, e a luz, que d'ellas vinha, punha no rosto do condemnado uma dança de sombras, que ora lhe abria os olhos, ora lhe distendia os labios. Que terrivel illusão! Quiz verificar, e passou os dedos brancos, suavemente, pelo rosto de Jacob... Nos olhos humedeceu-os com as lagrimas que ainda lá estavam, quentes como beijos, e nos labios encontrou um beijo triste como as lagrimas.

Não se revoltou contra taes surprezas a castidade de Sarah; pelo contrario, depois de ter olhado em roda, como para vêr se a luz e as sombras a espreitavam, baixou, lenta e docemente, a cabeça sobre a testa fria de Jacob, e n'ella collocou os labios quentes e tremulos.

— Pobre martyr, disse ella mentalmente, que Deus roube a tua alma a maiores angustias e o teu corpo ás torturas da tua egreja!

O artista que quizesse reproduzir este quadro, para o confundir com a imagem da Virgem da Soledade, só tinha que cravar sete espadas de aço reluzente no peito da pobre Sarah!

Ella não era uma amante, que lembrasse Hero nos braços de Leandro; não: era a Mater Dolorosa com o Filho desfallecido nos braços piedosos!

Aquelle beijo fez estremecer o corpo de Jacob e animou-o tão milagrosamente, como o verbo de Jesus o cadaver de Lazaro...

Jacob descerrou as palpebras e enviou a Sarah um olhar tão limpido e carinhoso, tão triste e tão innocente, que ella o sustentou e soffreu, como se affronta um olhar da lua, que nem nos queima nem nos assombra!

— Creio, oh sim! creio apaixonadamente no Deus que tem anjos taes ao serviço da sua bondade... Sarah! quereis saber qual é, n'este momento, a minha maior, a unica ambição que me avassalla?

— Dizei, Jacob...

— Morrer aqui, nos vossos braços, minha irmã, a todos perdoando, tudo esquecendo, superior aos homens e ao mundo, ouvindo o encanto d'essa voz que tem harmonias celestiaes, ao calor d'esses labios que são balsamo para tantas dôres!... Morrer assim é adormecer embalado, como se a mão de minha mãe me agitasse o berço... E' aquecer, depois

de ter gelado no abandono, tão docemente como se estivessem cobrindo-me, as duas formosas azas d'um cherubim! Sarah, eu estou sonhando, e sinto que me desprendo da vida terrena, ou que vou já, por entre nuvens, em busca da paz celestial... Levo o vosso perdão, e lego o que me arrancaes para a maldade do mundo, para o odio dos meus inimigos. O que vejo? O que sinto?

— E' Deus que vos illumina, Jacob, para vos consolar de tantas amarguras! Pois não crêdes, meu bom irmão, que acima de todas estas miserias creadas em nome da terra e do céo, ha, não sei onde, mas decerto, em logar mais puro que este onde nascemos e morremos, uma vida de amôr e de justiça, um jardim onde nem as rosas teem espinhos, nem as violetas a côr modesta e triste? Não sentis já, como se o vosso corpo voasse nas regiões mysticas da phantasia, perfumadas essencias, menos estonteadoras que as do incenso dos templos, tão modestas como o cheiro do trevo misturado com as exhalações dos laranjaes? Será a morte, que se approxima? será. Mas quando se morre, tendo a Fé a illuminar-nos o caminho, que nos importa que o corpo desça para a escuridão do tumulo? Meu gentil cavalleiro, vós que fostes sempre brilhante paladino em defeza dos bons e dos fracos, quantas vezes expuzestes a vida em proezas de fidalgo e de christão? Defendeu-vos então a mão de Deus! Nem lembra agradecer, quando se é novo e vigoroso, estes escudos da vida... Pois bem, Deus agora reclama-vos... Ide, Jacob, ide, com o sorriso nos labios, e não o façaes esperar...

— Não sei se creio em quanto ouço, mas é certo que, se ainda não avisto esse immenso mundo de que me falaes, já o meu olhar não attenta na pequenez d'este em que tenho soffrido! Sarah, no logar onde a minha consciencia livre tinha creado o scepticismo que vem da reflexão e do estudo, se ainda não tenho a crença religiosa e mystica, que tanto brilho imprime na vossa alma, está já formando-se a sombra densa da dúvida. Que me importam já as querellas entre as egrejas, as conjecturas dos philosophos sobre as verdades, se tudo está dependente da obra d'um, ou de muitos sicarios, d'um esbirro, ou d'um tribunal... De que vale o pensar e o sentir, se tudo se perde e acaba ao estalar um vaso de sangue dos muitos que nos enchem o peito e o craneo? Sim, minha querida Sarah, começo a duvidar... Haverá dentro de nós algum ser invisivel, que viva além da sepultura, emanação que suba no espaço, vinda do nosso ser, como sóbe ainda uma nuvem de fumo, vinda d'uma pyra já apagada?

— Duvidar é crer, meu bom Jacob.

— Tendes razão — é mais que ter uma fe — é acreditar em tudo! Que me importa a definição do indefinivel? Que de coisas razoaveis e que de

coisas absurdas cabem dentro d'um mysterio! Acreditar nos anjos é o mesmo que acreditar em Deus — creio em vós, minha bôa irmã!

E, de novo, a cabeça de Jacob pendeu, enfraquecida, no regaço de Sarah.

— Meu irmão, disse ella, descançae, emquanto rezo por vós...

E Sarah pôz as mãos, e ficou, por momentos, com o olhar vago e os labios a moverem-se...

Na torre do palacio soaram adeantadas horas da noute. Findára aquelle dia, e o sino annunciava lugubremente que chegára a madrugada d'um outro, que havia de se cobrir de sangue e luto.

O grupo doloroso estremeceu...

— Meia noute! pensou Jacob, e eu sem morrer!

— Ainda haveis de vêr a luz da aurora...

— Para cegar depois! Ah! Sarah, quanto vos agradeço a vossa piedosa dedicação! E' preciso que partaes. Não podereis assistir aos mais dolorosos preparativos... E eu quero morrer sabendo que estaes longe d'este sepulchro...

— Pedro só virá buscar-me ao romper do dia. Suzana adormeceu no degrau da porta. Ninguem virá sem que a desperte... é uma sentinella que dorme, sonhando comnosco... Se estes momentos teem de ser os ultimos da vossa vida, se Deus preferir levar-vos para o reino da paz, em vez de soprar a guerra n'este em que tanto soffreis, quero encher-vos de resignação, evitando que venham affligir-vos, com as derradeiras cathecheses, os frades do Santo Officio.

— Resignação? Mais que resignação, a morte me dá prazer, mas a morte aqui, a vosso lado, escutando essa deliciosa prece que affirma a vossa fé e germina em mim egual devoção e consôlo. Mas a noute avança e o espirito não se me desprende d'este corpo miseravel! E logo, com a maior das mortalhas, n'um prestito infernal, que é a vergonha do nosso seculo e da nossa gente, irei ao patibulo... depois á fogueira! E, eu hei de soffrer tudo isso, tendo apenas o recurso de cuspir nas faces dos meus algozes, se elles se esquecerem de amordaçar esta bôcca com que estou beijando as vossas mãos, ó minha adorada padroeira!

— Sim, o auto de fé!.. Tinha-me esquecido... E' horrivel...

— Já conheceis esse festim de cannibaes?

— Já. Descreveu-m'o Suzana com todos os seus horrores!...

E Jacob, depois d'uma curta hesitação, apertando muito as mãos da sua companheira:

— Se eu morresse antes?!

— Deus que vos responda...

— E porque não será d'elle esta inspiração que tive? Minha querida Sarah, sois uma mulher excepcional, o vosso espirito é culto e bom, e conhece que o bem se exerce por formas tão diversas!... Sarah, minha querida Sarah, dissestes-me, ha pouco, que, ao chegardes á liberdade, pensarieis em me libertar tambem... Libertar de quê? Da morte? Impossivel! Eu tenho duas mortes que me ameaçam — uma que me espera lá fóra, que ha de queimar-me a pelle — a outra que se metteu aqui dentro, que me está devorando o coração. Qual d'ellas concluirá a sua obra primeiro? Eu temo só a lá de fóra... Se inventassemos uma terceira?... Por piedade, Sarah, por piedade, não me deixeis soffrer tanta vergonha, tantos ultrajes, tantas dôres! Lembrae-vos de que o fogo é o martyrio dos martyrios e o sambenito a mais desprezivel das condemnações...

— Jacob, Jacob, calae-vos que me estaes perturbando...

— Pelo amor de Deus. Sarah, pela alma de vossa irmã, pelo amôr que me inspirastes, pelo amor que offerecestes a Pedro, ajudae-me a morrer, mas ajudae-me devéras — reconciliae-me com Deus, mas livrae-me dos homens. Sarae-me a alma, mas adormecei-me o corpo! Attenuae, minha irmã, a pena que me esmaga... que não seja vosso irmão devorado pelas chammas, mas o cadaver d'elle... A carne morta não dóe... Oh! dóe muito, Sarah, aquecer e ferver. na fornalha da Inquisição, o sangue que se move vivo cá dentro!... Sabeis o que é um auto de fé, vós o dissestes; pois bem. recordae esse espectaculo... Tenho de atravessar as ruas e as praças, descalço, indignamente vestido, por entre os apupos da plebe e as rezas dos frades! Tenho que affrontar o olhar dos juizes, e que me deixar arrastar pelas mãos dos algozes... E hei de vêr os tições inflammados, depois de amarrado a um poste, deante da côrte, do povo, dos meus amigos invejosos, dos meus inimigos traiçoeiros...

— Por Deus, Jacob, por Deus, tende piedade de mim, que eu tambem a mereço...

— Vós sois amada, livre, nova, formosa! O céo do vosso futuro está azul como o da melhor primavera em Hespanha! Se agora vêdes nuvens negras que se encastellam, não vos assusteis — que o sôpro da ventura vae dispersal-as... Eu não — eu sou um verdadeiro condemnado, perdido, moribundo!

E Deus, que não me salva, dá-me o direito de escolher a morte... Quero todas, menos a do patibulo!... Sarah, notae bem; quando a dôr me obrigar a contorcer os musculos, a gritar afflicto, talvez a chorar — ou mais ainda, que a loucura não escrupulisa em baixezas, a pedir perdão e soccorro, é possivel que veja deante de mim, entre a turba, rico, são, arrogante, escarnecedor — aquelle bandido que pretendeu raptar-vos e que

me entregou e perdeu... Oh! Sarah, Sarah! livrae me d'este flagello... Sêde meu anjo tutellar!...

— O morgado está em Sevilha?

— Está, e ao serviço da Inquisição...

— E soffrerieis muito se o visseis, não é assim? Quem vos conheceu tão bravo e leal, nobremente orgulhoso, pode avaliar essa dôr...

E Sarah, muito inquieta, começou a divagar o olhar, como se buscasse uma idéa.

— Querieis então que eu vos ajudasse a bem morrer, salvando-vos a alma do desespero e o sangue do cadafalso ardente? E' isto?

— E', sim, é!...

— E para isso era necessario que, entre a morte que já sentis e a outra que vos espera, viesse o suicidio, que o céo condemna, mas que tantas vezes torna inevitavel... E' isto, pois não é?

— E', sim, é... Pelo velho e honrado Lopo! Pela Virgem da vossa devoção, é preciso que eu morra antes que o sol nasça...

— Então o veneno mysterioso de Suzana, que vos alentou... então o punhal meu companheiro, que me defendeu do arcebispo?!...

— Sim, isso, Sarah, exclamava Jacob n'um tom de supplica infantil.

— Pois bem, disse Sarah, ajoelhando, que o céo me perdôe...

E, depois, tirando do seio a lamina de cabo dourado:

— Jacob, ouvi os segredos da vossa alma, como se fôsse vosso confessor, rezei com fé, na vossa agonia; resta-vos a extrema-unção. . Aqui a tendes, disse ella, com movimento febril, entregando o punhal ao condemnado, é a morte, que vem de Deus assim como a vida. Recebei n'este punhal o corpo do Senhor — *Corpus domini Jesu Christi*...

Jacob arrebatou a arma das mãos de Sarah e beijou com fervor o cabo em cruz, que scintillava de ouro e madre perola...

LXIII

O Sambenito

Que de sinceridade revelada n'aquelle beijo! Que de esperanças n'aquelle desespero! Aquella arma não era uma ameaça — era a salvação! Aquella lamina era uma gazúa com que Jacob poderia abrir as portas d'aquelle encerro, para fugir d'elle, e abrir as d'uma vida nova, que se chama morte!

Aquelle pequeno punhal era uma ponte sobre um abysmo que, d'um para outro momento, elle poderia lançar, para fugir aos seus perseguidodores...

Que excellente calmante para a longa insomnia soffrida até ali, e de que poderia alcançar um somno tranquillo, sem sonhos, como o d'uma creança innocente e confiada! E Jacob olhava, enlevado, a pequena arma, com tanto amor! tanto! que, beijando-a, traduzia todo o encanto que ella lhe cauzára! E não era uma arma qualquer — viéra de mão amiga, de Sarah, dos seus amores, a mulher que lhe enchera a phantasia dos ultimos tempos da sua mocidade!

Depois de a beijar, Jacob passava-lhe a mão no cabo e na lamina... Não estava fria como as armas dos sicarios, não; havia n'ella o calor tepido do seio d'uma mulher formosa! Parecia uma pequena creatura acalentada ao peito da sua amante! Por entre a madreperola havia encrustações de precioso metal, e na folha espelhenta nem uma pequenina mancha de ferrugem, nem uma dedada humida, que a embaciasse!

Não era uma arma assassina, não — era um *bijou*, um fetiche, um amoleto, guardado sobre aquelle coração... Como ella poderia dizer como palpitára aquelle peito de mulher!

Quando elle a cravasse no seio, como havia de ser meigo e gostoso aquelle golpe profundo!... Até o peito d'elle havia de exultar com aquella visita... Seria a melhor communicação entre os corações de ambos!...

Com aquelle punhal elle travaria o garrote, apagaria a fogueira, arrefeceria o sangue, que a vergonha lhe aquecesse no rosto!

Suicidar-se assim era o mesmo que morrer entre os dedos delicados de Sarah, sentindo entrar-lhe na carne as unhas rosadas da sua salvadora!

Se assim fossem tão bellos e tão brilhantes os cravos de Jesus, o sangue, que jorrasse dos pés divinos, seriam rubis, com desusadas scintillações...

E era tão leve! tão leve! Dois dedos apenas o moviam! E era tão agudo! tão fino! tão cortante! que não tinha inveja das arestas vivas dos diamantes que rasgam o cristal!

Logo que chegasse o momento da despedida, depois de lhe terem assentado nos hombros o sambenito infamante, quando se tivesse apagado no seu espirito o derradeiro raio de esperança, como se accudisse a uma dôr intensa, por baixo da tela grosseira em que serpenteam figuras diabolicas, com aquelle estylete fidalgo, que viera do collo de Sarah, Jacob beijaria o proprio peito, occultando-o lá dentro! Seria isso a morte? Talvez...

Talvez fôsse apenas um encantamento, como o d'aquelles principes, que, nos contos de fadas, adormecem por lhe terem cravado um alfinete de ouro, na cabeça, entre as madeixas louras e compridas...

Assim, adormeceria aos pés dos seus algozes, á espera de que um anjo, que poderia ser, por exemplo, um filho de Sarah e de Pedro, lhe viesse, por acaso, quebrar o encanto!

E Jacob, com as duas mãos, envolvia e apertava a pequena joia, não sabemos se com medo de que lh'a roubassem, se para conservar aquelle calor tão humano e tão carinhoso!

Como uma gazella, que nos fita, quando a affagamos, Sarah olhava Jacob com os seus grandes olhos negros, humidos e brilhantes!

Quanto era desgraçado aquelle homem, e como a morte lhe sorria!?

Desde a sua apparição, de subito, no portal illuminado, até aquelle momento, em que, por entre lagrimas mal contidas, armara o braço do infeliz, Sarah conservára sempre a olympica magestade e o dulcissimo carinho, que põe nos labios e no olhar dos anjos — aquella generosidade, aquelle consôlo, aquelle amparo, cheio de esperança e de coragem, que tanto conrespondem á seraphica missão dos anjos que trazem grandes azas brancas, sobre o dorso, e grandes estrellas de sóes na fronte e na tunica.

Que mystica adoração a do judeu convertido! Que celeste influxo consolador o da filha de Lopo!

Sarah tinha as mãos postas como se estivesse orando, emquanto Jacob, com o punhal collado aos labios, a fitava com reconhecimento e amor...

Nenhum christão dos mais fieis olharia tão devotamente a mãe de Christo, como este judeu olhava aquella admiravel creatura!

O que o odio da Igreja não conseguira — conseguira-o o amor!

N'aquellas duas figuras, em lugar tão sombrio, pareciam scintillar auroras deslumbrantes! O olhar de Jacob vinha-lhe á flor das orbitas e irradiava com extranho fulgor — o de Sarah descia sobre a cabeça do martyr como um raio de lua, sereno e prateado...

Quando, separando as mãos, que unira para rezar, Sarah as estendia, recurvadas, sobre a cabeça de Jacob, havia, por acaso, a reproducção do baptismo primitivo! As palavras d'ella, aconselhando — fé, resignação e esperança, cahiam tão brandas, tão insistentes e tão limpidas — que o mesmo era que escutar a agua sagrada do Jordão, descendo, murmurante, na concha de João Baptista sobre a fronte do rei dos judeus!

Passados alguns momentos Sarah interrompeu este silencio.

— Crêdes no céo, Jacob?

— Creio n'elle, porque vós existis, senhora.

— E em Deus?

— Se creio no Céo!?

— E na minha religião?

— Na vossa, principalmente; juro o — porque é a religião do amor, escrava e victima, como nós, da mesma tyrannia.

— Pois, em nome do vosso amor, invocae Jesus na hora extrema, e morrei tranquillo, meu bom irmão!...

— Partis?

— E' tempo. Escondei essa arma, e não useis d'ella antes que o sol bata no campanario do Palacio, e o sino annuncie os officios de defuntos. Prometteis?

— Prometto...

— Direi que consegui aperfeiçoar a vossa fé...

— E forticar-me a razão...

— Isso direi. Agora, Jacob, enchamo-nos, os dous, da melhor coragem — eu para a vida, e vós para a morte!

— Morrerei tranquillo, invocando o vosso nome...

— Viverei luctando, rezando por vós.

E Sarah estendeu-lhe a mão, que elle beijou, dobrando o joelho.

— Beijae-me aqui tambem, disse a noviça, offerecendo-lhe a testa.

Jacob, n'um impeto de reconhecimento e alegria, segurou com as

mãos a cabeça de Sarah, e depoz n'ella um beijo longo, silencioso, commovido...

— Adeus! exclamaram ambos, sacudindo as mãos que um ao outro apertavam com energia.

— Ao nascer do sol, juro-vos Sarah, adormecerei para sempre!...

— Pois bem, Jacob, sonhae eternamente commigo!...

E Sarah, recuou até a porta, que abriu, despedindo-se com duas lagrimas, que lhe bailavam nas palpebras, do pobre condemnado.

E a compadecida creatura, para não prolongar mais o lance angustiado, impellio a porta, que se fechou com estrondo...

Jacob, mal se viu só, lançou-se sobre a velha enxerga, cheia de rasgões... a soluçar, muito agitado, como se quizesse enxugar o pranto na palha esmagada, que elle estava revolvendo.

Quem sabe se com o pranto que vinha das lutas da vida, elle queria tambem occultar aquella dadiva com que Sarah lhe offerecera a paz da morte?!

* * *

Mal a noviça de Lorvão transpoz a porta do carcere, ao contrario do que esperava, não viu a galeria illuminada.

Entre o claustro e a cella de Jacob havia um desvão, um braço curto de corredor, sem luz de tocha, ou de lampada.

Sarah teve mêdo, aquelle mêdo que nasce, mais dos presentimentos, que dos factos. Não avançou...

De repente, sentiu-se agarrada por alguem, que lhe puxava o manto.

Quiz gritar por Suzana, mas a voz perdeu-se-lhe nos labios...

— Silencio, senhora minha,' lhe disse alguem, ao ouvido... Se gritaes, estamos perdidas.

— O que ha, Suzana? Quem me ameaça ainda?

— Toda a gente. — O dia vem longe, e o sr. Pedro Soares só virá por vós ao romper do dia... Não temos tempo a perder... Preparam uma cilada, e eu conheço-a... Deza quer raptar-vos, e os sicarios estão apparelhados para a empreza...

— Meu Deus! meu Deus! quem poderá salvar-me?

— Eu, menina Sarah. Não ha tempo para explicações... Depois fallaremos.

— Então?...

— Dae-me o vosso manto, que é azul, e tomae o meu... que é negro.

Queria occultar a dadiva com que Sarah lhe offerecera a paz da morte

E, emquanto dizia isto, Suzana fazia rapidamente a troca, e conchegava o mais possivel o rosto de Sarah no seu habito sombrio.

— E vós, Suzana, assim vos sacrificaes por mim?!

— Nada tendes que agradecer... Para mim este sacrificio é a liberdade, para vós será a vergonha... Alem de que, Deza não me ama, e não se resignará á troca de amante, como nós nos resignámos á troca de vestidos...

— Ordena, Suzana...

— Segui-me, senhora... na frente é o logar das fidalgas. Por um momento não valeis mais que a viuva de Samuel, que nasceu para serva... E as duas mulheres transpozeram o pequeno corredor, entrando na galeria do claustro, desconfiadas de tanta escuridão e silencio.

Ali havia gente, a distancias diversas... Apenas um grupo de trez esbirros se collocára no cimo das escadarias...

Mal Suzana se aproximou do grupo, um dos homens, de rosto coberto, se dirigiu d'ella.

— Senhora, estou encarregado pelo sr. Pedro Soares, de vos conduzir, antes que nasça o sol, ao palacio da embaixada... Lá fóra vos espera a liteira, com os escudeiros bastantes para vos conduzirem...

— Não seria melhor esperar a manhã?

— Não, senhora minha; tenho recommendação especial para vos affastar d'esta casa, antes que comecem os preparativos para o auto de fé... Molestar-vos-hia a scena triste da disposição do cortejo...

— Tendes razão. Irei comvosco... E' por aqui?

— Sem duvida. Sua Eminencia, o arcebipo, para vos furtar a vistas curiosas e ao encontro com as guardas de reforço que em breve devem chegar a Sevilha, poz á vossa disposição a escada privada que lhe dá habitual serventia. Em dous passos estareis na rua, e livre, emfim, d'esta casa tão impropria de vossas virtudes e gentilezas.

— Vamos, disse seccamente Suzana. Peço apenas licença para me despedir de Suzana, que não tem, como eu, a liberdade que me concedem.

— Ah! sim; disse o esbirro, sem olhar para Sarah, que, a poucos passos esperava o desenlace d'este mysterioso episodio — fallaes da pobre louca. Podeis fazel-o. Sua Eminencia recommendou muito que não vos contrariassemos.

— Adeus, Suzana, disse a viuva de Samuel, abraçando Sarah. Lembrar-me-hei de ti...

E, depois, rapidamente, em segredo, crusando com o seu, dentro do seu capuz, o rosto de Sarah:

— Se fordes descoberta, defendei-vos até que nasça o dia... Antes das

seis e meia, Sevilha assaltará a Inquisição... Pedro virá só, e só por vossa causa; mas os meus virão por mim e por vós.

— Estou prompta, ajuntou Suzana, voltando-se para o esbirro. Entrego-me nas vossas mãos.

Antes de descer, o traiçoeiro agente communicou com um dos seus camaradas.

— Lembras-te bem do que disse Henrique Nunes?

— Como me lembro do que comi hoje!...

— Bem, n'esse caso, o nosso dever é metter o manto azul na liteira do morgado?

— Tal qual... Henrique espera-vos lá em baixo...

— E depois?...

— Nada mais. Entrega-lhe o fardo, e elle lhe dará destino...

— E a outra?

— Emquanto não ha ordens em contrario, manda-a lá para cima... E' conveniente affastal-a d'este pavimento.

— A sentença não se cumpre d'esta vez?

— Conforme. Monsenhor procederá, conhecendo a attitude da *gitanada*. Se a Triana se mexer, acaba-se-lhe com a raça.

— Bem, toma conta de Sarah, que a outra fica a meu cuidado.

— Illustre dama, reverenciou o primeiro esbirro, podeis seguir-me. Ides matar saudades do sol andaluz, que passa os dias a beijar a *Giralda*...

E Suzana foi descendo atraz do seu guia sinistro, que, com a tocha, que levava na mão, ia illuminando os degráos da extensa escadaria, em caracol...

Sarah compoz, o melhor que poude, o manto negro de Suzana...

— Anda lá para cima, mulher... Vae descançar por hoje, que é muito possivel que ámanhã, á ultima hora, o teu nome appareça no rol, se algum cobarde se deixar morrer antes que o Regente jure o sacrificio...

Sarah estremeceu, e soltou apenas um gemido.

— Segue-me, marrana, que é já muito tarde, e ha muito que fazer.

Sarah lançou ainda um olhar na direcção da cella de Jacob, e subiu com passo firme, á frente do seu guia, negro como a noute, e que lhe ia illuminando os passos, com uma lampada de cera derretida...

— Vá depressa, vá, dizia grosseiramente o esbirro, que já se ouvem os serenos, lá fóra, annunciando os primeiros alvôres...

E tudo ficou silencioso n'aquella casa maldita! Tudo? Não. O ruido dos ferros, e os gritos dos allucinados, imitavam uma grande trovoada, ao longe, que vinha esmorecer nos echos das arcarias!... Nas galerias mais altas do Palacio, batiam clarões de archotes!... Era a faina da *Plaza*

— Suzanna foi descendo, atraz o seu guia mysterioso...

Mayor. Sevilha trabalhava activamente nos patibulos e nas fogueiras!... Nas galerias giravam as rondas, com os capuzes negros, descahidos... E de quarto em quarto hora, ouvia-se lugubremente: *Ave Maria Purissima!*...

* * *

Já rompia a aurora d'aquelle dia destinado á grande tragedia sevilhana, quando os esbirros entraram no carcere de Jacob... Encontraram, os terriveis servidores da Inquisição, o infeliz cristão novo, dormindo tranquillamente!

Esvoçava-lhe nos labios um sorriso, como se estivesse sonhando as melhores venturas!

E, comtudo, áquella hora já a morte o esperava com anciedade, e ia ter um remate violento e doloroso aquella existencia, que fora tão alegre e aventureira!

Aquella quietação á hora extrema fazia lembrar o apparente renascimento d'um enfermo momentos antes de entrar na agonia... Tambem as grandes enfermidades moraes teem a sua visita de saude!...

— Olá! gritou um dos esbirros, despertando-o, são horas. Está o gallo farto de cantar, e é preciso que te vistas para a grande jornada...

Jacob abriu os olhos, sobresaltado, e, sem se mexer, espalhou a vista pelos recantos da miseravel alcova, como se ainda continuasse o sonho e tivesse ali o vulto, ou a imagem, de Sarah.

— Ouviste, Jacob? Acabou-se a noute da vida e vae começar o dia da morte. Ha muito que fazer... Não has de ir assim, desalinhado e dormente, fazer alarde, sobre o patibulo, das tuas heresias... Vimos vestir-te. Trazemos-te fato novo, e de côres vivas... Leva acima, Jacob, que vamos livrar-te de muitas dôres e saudades...

Jacob não respondeu, e com demorados movimentos, como se a morte estivesse vencendo-o, para o poupar ao grande sacrificio, levantou-se cambaleante.

— Que horas são? perguntou o condemnado.

— Cinco e meia — foram as ultimas que o sereno pregoou.

— Já nasceu o sol?

— Esse é mandrião como tu. Dorme ainda, ou apenas se espreguiça — Só lá para as seis e meia virá despertar os sinos, e depois beber no Gualdequivir.

— Falta ainda uma hora! pensou Jacob.

— E hoje é possivel que appareça mais tarde. O ceo está cheio de

nuvens... Oxalá não tenhamos chuva nas fogueiras... O que vale é que as resinas não se apagam com borrifos...

— Tambem o céo tem vontade de chorar!

— O céo, n'estes dias, não tem esse costume. E' talvez por isso que o Santo Officio escolhe a Quaresma para as festas. Sabes que estamos na Primavera?

— Na Primavera? Já as arvores teem rebentos, e os campos verdejam, matizados de flôres! Ainda ha estrellas lá em cima?...

— Algumas, por entre as nuvens...

— A que horas partimos?

— Logo que chegue a gente d'armas para a guarnição da praça e os moços cavalleiros, que veem, por vontade e fé, lustrar seus brazões em parada vistosa.

— Bem; que quereis de mim, então?

— Vestir-te o sambenito, antes que passes á sala dos condemnados, para a disposição do cortejo, escolha de padrinhos e confissão geral...

— Deixae me o habito, e vinde depois.

— Isso sim! E' do nosso dever envergar-te o pellote, que é de estofo de bom preço e tem estampa de phantasia...

— Como quizerdes... Disponde de mim.

— Verás como ficas bonito. E' até mal empregado tecido tão fino, desenho de tanto gosto, para servir de pasto ás chammas, que teem só linguas para devorar, e não teem olhos para vêr...

— Antes as chammas me devorem, que esta alcatéa que me persegue... Venha isso.

Um dos esbirros, que se conservava a distancia, tirou então, de baixo do habito, o Sambenito, de fórma dalmatica, d'um amarello alaranjado e, onde, coloridas de vermelho sangrento e de roxo esverdeado, como os cadaveres em decomposição, se viam estampadas figuras diabolicas, em attitudes grotescas. Fachos de fórma conica, afunilados, com chammas da côr do enxofre, soltos, ou aos pares, ornavam a cruz de Santo André.

Jacob deixou-se amparar por dois esbirros, e, emquanto elles o vestiam, para não attentar na ignobil ceremonia, ergueu a cabeça, e com os olhos na aboboda, prestou o ouvido a todos os ruidos que acordavam os echos dentro e fóra do palacio.

— Está que nem um guante do melhor fidalgo...

— A magreza não lhe aleijou as linhas do tronco!...

— E' das melhores figuras que hoje expõem o seu garbo...

— Faz até pena que o poste seja mais alto e mais tosco... E' estatua

Os esbirros no carcere, vestindo o sambenito, a Jacob

para descahir o *elmo* sobre a nuca, com a arrogancia d'um principe de sangue azul!

— Tens razão. Mette nojo vêr as cegonhas de bico cahido, com a *coroça* deitada para a frente... Isto sim!

— Carne é que elle já não tem... Olha para estes hombros... Largos, mas seccos como os braços d'uma cruz!

— Se não o queimassem ainda algum physico estudioso daria por elle dois centos de marevedis.

— Conchega-lhe d'ahi as mangas d'este gibão original, de maneira que não se vejam as chagas dos pulsos...

— Assim está bem. Tem mãos de mulher...

— E' que já perdeu os callos feitos com a cruz da espada e com as redeas do ginete...

— Agora as *pantalonas* bem repuxadas até o calcanhar.

— Ha de custar-lhe andar assim, com os pés nús, pelas ruas de Sevilha; mas amanhã o Diabo, ao recebel-o, pode dar-lhe um banho de agua e sal.

— Isso é cousa que não ha no Inferno. A agua ali ferve tanto, que se perde no ar, e a respeito de sal, pelos modos, já ouvi dizer, que o Lethes é d'agua doce.

— Elle é valente como um judeu contumaz. Está callado, como se gostasse de ser ataviado por estas duas aias, mais geitosas que as do Alcazar, no tempo da rainha Izabel.

— Pois olha, se está calado só tem o silencio na boca. Dilata as narinas e sopra por ellas, como um touro depois de enfeitado...

— E o coração tambem pragueja. Ora, escuta, aqui, da esquerda... Ih! o que lá vae por dentro. Parece que até os folles estão rôtos...

— Ou o coração mudou de logar e, em vez de bater como os nossos, parece que anda aos pulos... Até o peito lhe salta... Respira como uma mulher.

— E' que o Sambenito está tão justo que nem um collete de amazona?

— Bem, está prompto.

— Que pena não haver aqui um espelho...

E Jacob nada ouvira d'aquella tôrpe conversação!

Os bandidos fallavam para matar o tempo, sem, ao menos, calcularem que, assim, podiam estar apunhalando a pobre victima.

Se não fizeram tanto damno, foi porque os sentidos de Jacob, tinham adormecido, ou voado.

A um empuxão dos esbirros é que a consciencia lhe voltou.

— Olá, homem, estás com todas as especiarias para o assado...

— Que mais querem de mim?

— Que esperes a nossa volta, porque vamos aperaltar os teus companheiros.

— Pois sim; espero-os. Que horas são?

— Que pressa com que estás!... Dir-se-hia que esperas que o sol venha salvar-te o corpo e a alma.

— E' que, ha tanto tempo já que o não vejo! Dissestes-me que ás seis e meia?

— Sim, mais minuto, menos minuto. A essa hora viremos por ti... Serás avisado. Lá em cima o bronze annunciará preces generosas pelos que vão morrer sem rezar...

E sahiram, os esbirros, cantarolando coisas patrioticas que fallavam do condado de Borgonha e de Carlos, o Temerario.

*
* *

E, vestido ridiculamente com o Sambenito, Jacob ficou sentado no marco de pedra do seu carcere! E olhou-se, olhou-se, com visivel repugnancia, não só porque tinha o peior dos aspectos, mas porque n'aquelle vestido estava toda a ignominia, não dos criminosos, mas da justiça d'aquelles tempos brutaes.

No remate, ou melhor na fimbria d'esse escapulario irrisorio, havia uma cara, um retrato, que tanto seria o d'elle, como o de qualquer outro miseravel. Era o d'elle, porque por baixo d'esse grosseiro desenho lia-se — Jacob Adibe! Havia tambem apontamentos biographicos, com a citação dos grandes crimes de heresia.

O *Sambenito* de Jacob fallava em crimes contra a fé, contumacia, rebeldia, conspiração e alistamento!

Jacob olhou para tudo isto, e para a cruz de Santo André, amarella, como uma gemma de ovo, com pouca indignação, mas com visivel nojo e até repugnancia!

O peior do *Sambenito*, não era o estar ali, assente sobre o peito de Jacob, e imposto pelas mãos grosseiras de dous esbirros sem educação... O peior era que Jacob teria de atravessar Sevilha, desde o Palacio da Inquisição até a praça do suplicio!

Faria esse passeio, com adorno tão ridiculo e infamante, por entre alas de povo, que o apontaria a dedo, metendo a cara para ver o ignominioso letreiro! Que o asssassinassem... Embora! mas que não estivessem escarnecendo o na sua immensa desgraça!

A tyrannia tem direito a martyrisar, mas não a escarnecer, e o *Sambenito* era a formula do escarneo adoptada pela igreja inquisitorial sobre as consciencias de outra fé.

O *Sambenito* era um reflexo bem triste d'aquelles tempos em que todos os criminosos soffriam o stygma ordenado pelas leis mais barbaras. O stygma era a marca do escravo e do forçado... Era o grande reclamo da penalidade legal! Era a pena com o duplo caracter de vingança e de enxovalho!

O *Sambenito,* o mesmo é que *S Bento... Saint Edme* chama-lhe *San Benito,* que não é, se não uma referencia ao nome hespanhol! O mesmo auctor tambem lhe chama *Saco Benedito.* Nada a este respeito puderam descobrir as nossas investigações. O que se sabe, e isso nos basta, é que o *Sambenito* era um terrivel e escandaloso pregão da desgraça de muitas cretauras, que a Inquisição esmagava com torturas physicas e moraes.

E a ignominiosa invenção veio até os nossos melhores dias, apezar de todas as reformas dos codigos... Os costumes resistiram ás leis, e a estupidez ficou mesmo depois de abrandadas as leis. E' isso o que explica que ainda nos nossos tempos as penalidades nas escolas á, proporção que as sevicias corporaes iam sendo banidas, se desenvolviam os espectaculos vergonhosos da exautoração das creanças! A costumeira, de que ainda fomos testemunhas, de expor os estudantes culpados, ás janellas dos collegios, com reles emblemas na cabeça, ou letreiros penaes sobre o peito, só desappareceu aos rebates da moderna pedagogia, orientada na educação amoravel e suggestiva.

O *Sambenito* era ainda, no primeiro quarto d'este seculo, o que fazia de *Jean Valjean,* o eterno reprobo e o eterno repellido. O Sambenito era a mão que ia, em publico, pelo caminho do patibulo, a esbofetear os condemnados!

Foi, por isso, que Jacob, mal se vio só, no seu carcere, longe dos esbirros, sentio que lhe manchava o peito e o caracter essa mortalha de vergonha, e teve tentações de, com as mãos e com os dentes, rasgal'a com violencia, e arremessal'a, depois, em farrapos, para um canto da suja enxovia...

Infelizmente nada d'aquillo elle poderia fazer em desaggravo da sua honra e do seu orgulho...

Que o forçassem, se podiam, a engulir aquella affronta e a exhibir-se, vermelho de pudor, deante da populaça, que o esperava para o apupar...

— Quanto vos devo Sarah! Quanto?

E, dizendo isto, apontava, sorrindo, com ar triumphante, para a sua enxerga esfarrapada...

E' que dormia, ali, no seu leito, a morte, que elle poderia provocar quando quizesse.

E, assim, ficou esperando que o sol nascesse, e que o sino na torre alta, annunciasse o officio de defuntos...

XLIV

O padrinho

Saint Edme conta, no seu interessante diccionario de penalidades, que os condemnados pela Inquisição, — logo que estavam ataviados, eram conduzidos para uma grande galeria, onde, durante muito tempo, guardavam o mais profundo silencio.

Este escriptor, que parece ter conhecimento especial da Inquisição moderna, affirma que, só depois de terem os condemnados vestidos os habitos e distinctivos que denunciavam os crimes que lhes eram attribuidos e as penas que tinham de soffrer, eram entregues a seus patronos e confessores.

O padrinho, já no seculo XVI representava um papel muito cubiçado entre a burguezia rica e a fidalguia beata.

Para muita gente consistia essa caridosa missão n'um sacrificio justificado pela necessidade do cumprimento d'uma promessa feita aos santos, d'um voto a que se obrigavam n'um momento de afflicção. Assim como ainda hoje ha gente abastada, que paga favores do céo, considerando sacrificio um acto de caridade, assim, n'aquelle tempo, tutellar um condemnado e acompanhal-o ao patibulo, se para muitas pessoas era uma simples ostentação de piedade religiosa, para outras representava uma obrigação contrahida, no perigo d'uma doença grave, ou á hora d'um vendaval, e satisfeita com visivel repugnancia. Havia entre essa gente alguns devotos tão desejosos d'essa tarefa, e tão insistentes no desempenho d'ella, que chegavam a parecer profissionaes...

Era raro o auto de fé em que esses não appareciam, ricamente vestidos e de bolsa tão generosa, que até, por alma dos seus pupillos iam, pelo caminho, lançando moedas de prata aos mendigos que mais os saudavam.

Chegaram, até, os melhores amadores d'este funebre *sport* da fé catholica, a formar uma pequena congregação nas principaes cidades de

Hespanha em que eram premiados os padrinhos que mais e melhor logravam converter, pelo caminho e durante aquella hora de martyrio final, as victimas suas companheiras.

Havia em Sevilha, em meados do seculo XVII, um venerando fidalgo que se ufanava, e por isso fôra muitas vezes louvado pelo Santo Officio, de ter roubado ao lutheranismo muita apostasia a favor da egreja orthodoxa.

Tambem a flôr da mocidade hespanhola tinha por grande gentileza, para com as damas da sua eleição, não figurar de cavalleira n'essas procissões tão catholicas como selvagens, preferindo riscar a terra com as suas esporas de ouro, ao lado dos condemnados, amparando-os nos seus braços e movendo-os á conciliação.

Havia até uma especie de duello entre estes padrinhos do estado civil e os confessores, de longas barbas brancas e habitos talares!...

A instituição d'aquelles caridosos companheiros, poderia servir de pretexto a que parentes e amigos das victimas pudessem, ao menos, mitigar-lhes a amargura, fazendo-se verdadeiros cyrineos n'aquella via sacra. Mas não: a Inquisição não levava tão longe o seu dó para com os miseraveis a quem affligia: os parentes e os amigos eram excluidos d'esses votos piedosos.

Succedia, ás vezes, quando eram muitos os condemnados, não chegarem os padrinhos voluntarios para as necessidades do cortejo...

N'esse caso a Inquisição nomeava, para as faltas, os seus familiares, e, esses, destinados aos herejes mais contumazes, recebiam instrucções para nem um só momento deixarem de affligir os desgraçados com as suas prégações, e até com as suas injurias.

Calcule-se, pois, a amargura d'essa gente infeliz, no caminho da fogueira, sempre ladeada por um frade que, a cada passo, lhe approximava um crucifixo dos labios febris, e por um fanatico, ás vezes theologo, e sempre dialectico, a encher-lhe os ouvidos com ameaças do inferno e perdões do céo!

Não havia, pois, melhor titulo para um hypocrita se recommendar ao favor da Inquisição, que o de a auxiliar, n'esta tortura moral, infligida, com a mascara da compaixão aos herejes e marranos.

Era tão honrosa e tão lisonjeiramente proclamado este serviço prestado á egreja, que, se da turba vinham chascos e injurias para as victimas, que se arrastavam, não faltavam, da rua e das janellas, saudações e galanteios para os padrinhos que aos miseraveis iam amparando o corpo e esmagando a alma!

Assentára-se até que um fidalgo quasi se beatificava, e que um villão

se armava cavalleiro, e chegava a parecer da melhor linhagem, se entre os afilhados, offerecidos na sala grande da Inquisição, um ou outro escolhesse exactamente aquelle de quem houvera maiores aggravos! Pretendia-se fazer passar por perdão magnanimo, o que era aleive dos mais cobardes: jungir, á hora extrema, um odio prêso e esmagado, a outro livre, forte, triumphante! Comprehende-se, pois, a que interesses e a que sentimentos obedecera o Morgado de Travanca, pedindo o logar de patrono do condemnado Jacob Adibe.

A egreja lhe agradeceria a ultima tentativa junto do orgulhoso christão novo, para que elle supplicasse a sua conciliação com o Santo Officio. Sevilha, onde elle começára já, graças aos seus meios crescentes e á sua riqueza problematica, a fazer ruido nos dois mundos — o da honra, que ia abrir-lhe as portas, e o das honras, que já lh'as abrira e o recebera — Sevilha saudal-o-hia, quando elle passasse sob os balcões mais vistosos e alegres, ao lado do seu maior inimigo, mas, que, emfim, era seu compatriota!... Passaria deante da côrte, e o regente attentaria n'elle, que não era facto vulgar que um portuguez de D. Manuel, por tal forma, tão audazmente, se identificasse com a politica religiosa de Fernando V! Jacob Adibe era o condemnado mais celebre d'aquelle auto... Todas as attenções recahiriam n'elle... E, se o prêso, que lhe confiavam, era o que mais interessava á justiça da Inquisição, quem, ao vêl-o confiado á tutella do morgado, não julgaria o seu padrinho uma das mais bellas columnas do edificio?...

Mas, principalmente, que prazer lhe estava reservado!! O de vingar, com toda a energia do seu odio implacavel, aquella affronta que soffrera em Lorvão, em presença das mulheres que requestava e dos homens a quem se considerava superior!

— Aqui, dizia o morgado, pondo o dedo sobre o gilvaz, que Jacob lhe fizera na face, aqui está o signal da infamia de que fui victima, da vergonha que me obrigou a emigrar do meu paiz!...

A mão do judeu rasgara-lhe o rosto, a elle fidalgo, rico, ambicioso de honras e glorias, e que tinha todo o grande poder que resultava das relações secretas com o inquisidor de Sevilha e com o rei de Roma!

Era verdade, tivera já o prazer, indescriptivel prazer! de arrastar ao carcere o seu atrevido adversario... Não podendo esmagal-o sob o pé e a espora, perdera-o com a traição mais commoda!... Vira-o voar a Hespanha, nas azas do amôr, e alli ser apanhado na mais engenhosa esparrella! Vira-o rico, feliz, arrogante, vencedor, braço a braço, com os homens, vencedor, coração a coração, com as mulheres, e conseguira, manobrando sempre com o talisman da sua traça e do seu odio, roubar-lhe as mulhe-

res, sequestrar-lhe a riqueza, infamar-lhe o nome, algemar-lhe os pulsos, affrontar-lhe a consciencia, e pôr-lhe em ruinas o corpo, esse esbelto edificio, onde moravam, no melhor convivio, um sentimento apaixonado, um talento dos mais brilhantes e um caracter dos mais independentes! Isso era verdade.

Mas não bastava, que talvez Jacob não o julgasse, a elle, o vencido de Lorvão, capaz de tamanha conquista, de tão grandiosa desforra.

Jacob esmagára-o pondo-lhe sobre o peito o seu cothurno afidalgado, marcára-o, com as arestas das pedrarias dos seus anneis, escarnecera-o com os seus epigrammas causticos e desafiára-o a uma guerra sem treguas com o impeto das suas apostrophes... Pois bem, ia emfim proceder-se á liquidação!... Era necessario que Jacob soubesse, antes de morrer, a quem devia a vida de tormento e a morte de ignominia!

Era tambem necessario lembrar-lhe que Sarah ficava, e elle, Jacob, ia partir — Haveria o cuidado de explicar ao moribundo que quem o vencera pela traição, a elle, que era um forte, um bravo — muito melhor poderia vencer a noviça petulante, que ficava sob a tutella de Deza... Sim, precisava o bandido de explicar bem, a Jacob, que morrer queimado nada valia comparado com a dôr de morrer sabendo que Sarah fôra raptada pelo velho arcebispo, que lhe accendera a fogeira!... Aquillo é que era uma desfórra!... Jurára que havia de vingar-se, mas a sua esperança fôra excedida!... Havia de ir atormental-o no carcere, recordar-lhe todas as venturas perdidas, repetir-lhe todos os insultos que d'elle recebera, esbofetea-lo no mesmo sitio onde fôra apontado e ferido, insultar-lhe o pae, a fé, a amante, chamar-lhe judeu, na forma mais villã e chocarreira, cuspi-lo a valer, com saliva, de longe, para maior desprezo. Havendo tempo fulminal-o-hia, sobre as injurias com calumnias... Dir-lhe-hia que se apoderára de Sarah e a polluira... Que ella chorára, chorára muito, chamando por Jacob, por Pedro, por todos os seus amantes, mas que elle lhe enxugára as lagrimas e lhe abafára os gemidos com beijos, tantos e tão sensuaes como os que Jacob déra em Filippa d'Eça!...

E, quanto mais Jacob se revolvesse no carcere, prêso ao poste de marmore, mais elle lhe havia de apertar as algemas, a grilheta! Collossal, estupenda vingança ia saborear o Morgado de Travanca!

Emfim! era a sua exclamação predilecta; e depois, continuava:

— Tudo isto farei, a sós com elle, provocando-o, açulando-o, como se elle fôsse uma fera captiva! Em portuguez e em castelhano lhe chamarei o que mais possa ultrajal-o, desde *perro*, até *cobarde!* E, depois, deante de gente, afivellando bem, muito bem, a mascara da mentira, quando o entregarem á minha tutella, dir-lhe-hei palavras suaves, consoladoras,

christãs!... Dir-lhe-hei que ficarei resando a encommendar-lhe a alma, e, adoçando o gesto e a expressão, mantendo a mais sangrenta ironia, offerecer-me-hei, em voz alta, para conservar, sob a minha guarda, todos os seus amôres enlutados! Perdoar-lhe-hei os peccados contra a minha generosidade cavalheiresca, e offerecer-lhe-hei a minha lealdade para sanctuario das suas ultimas vontades — Prometterei solemnemente, pondo a mão no coração e os olhos no céo, adquirir com os meus bens os que lhe foram sequestrados, para que não vão parar á fortuna de gente irreligiosa e descaroavel. Encherei o peito das alegrias mais estonteantes, emquanto fingir apiedar-me d'aquelle bandido!

Pelo caminho dir-lhe-hei, em segredo, nos intervallos das minhas saudações ás mulheres garridas, a quem mostrarei meus vestidos scintillantes e o meu gorro emplumado — a differença que nos separa, e como a villanagem lhe está apupando o Sambenito e a *coroça*. Depois d'um gesto brando e consolador, que a turba applaudirá, dir-lhe-hei que hei de ter a gloria suprema de lhe soprar lentamente a pyra para vêr uma lingua de fogo a morder-lhe na face, com a furia com que elle me mordeu!...

Emfim! repetia o fidalgo familiar do Santo Officio, para lhe roubar até a gloria que elle se reserva, da sua tenacidade heretica contra Deus e contra os seus servidores, depois de o vêr amordaçado, com o tronco amarrado ao poste infamissimo, pregoarei triumphante, á côrte, juizes, grandes de Hespanha, empunhando a bandeira branca dos dominicanos, ou o estandarte adamascado da Inquisição, que arrancarei das mãos tremulas do duque de Medina Celi, senhor de tão grande privilegio, ou, se mais não puder — erguendo bem a cruz de Santo André, proclamarei a grande victoria da Fé, por mim obtida, sobre o hereje contumaz, declarando — com voz bem forte, e tom bem quente — que Jacob Adibe, se penitenceia de todos os seus crimes, se confessa digno da pena que soffre, renega todas as suas doutrinas, amaldiçôa todos os reformadores e schismaticos, e acclama, perante Deus e perante os homens, a infallibilidade do Santo Officio! E o miseravel ficará assim devorado, por dentro com o fogo da colera e da vergonha, emquanto por fóra o outro fogo o envolverá!...

E o Morgado, alegre, satisfeito, radiante com o programma da sua obra de vingança, mal o dia começou atravessando as arcarias do claustro, *cruzou* os grupos de penitentes que já acampavam fóra dos cubiculos, e dirigiu-se com passo arrogante e firme, para o carcere de Jacob.

— Olá, ó guarda — é aqui que está Jacob Adibe?

— Sim, meu senhor, respondeu um esbirro, que se approximou, telintando um pesado mólho de chaves.

— Abre; e dize-lhe que vae visital-o, como lhe cumpre...

— O sr. Morgado?

— Não; o seu padrinho.

— Prompto, disse o guarda, sumindo-se no desvão escuro.

— Espera, acudiu o morgado, como está elle?

— De saude? o peior possivel.

— Não me importa isso. Digo: está prêso, bem prêso?

— Admiravelmente! Tem apenas um raio da sua estatura á roda da enxerga... Mas, se quereis que vos acompanhe?...

— Não.

A porta abriu-se e o Morgado desappareceu...

* * *

Animava-se, successivamente, a faina, cá fóra, nos grandes corredores... Ouvia-se bater com estrondo as portas ferreas dos carceres, e os captivos, arrastando pesadas cadeias, vinham collocar-se em fileira, junto dos muros.

Na sala das recepções o inquisidor-geral presidia á grande solemnidade! Nas bancadas negras e vermelhas, damas e cavalleiros das classes mais gradas de Sevilha esperavam a distribuição dos captivos. Os frades saccudiam as suas vestes garridas e procuravam nos in-folios as orações proprias do acto. Andavam serviçaes transferindo tochas, ás braçadas, das grandes uchas que enchiam a arrecadação, para os tocheiros volantes e outros, munidos de lampadas, iam accendendo-as á proporção que ellas eram collocadas pela galeria, que assim ia aclarando, deixando vêr, aos bandos, os penitentes pallidos e lacrimosos. Havia preces nos recantos e capellos, e verdugos, já encapuçados, soltavam vozes de commando activando a canceira.

Pela escadaria principal subiam familiares do Palacio, e, de espaço a espaço, collocavam-se sentinellas, de capacetes prateados e lanças ponteagudas.

Pela escadaria, que trepava, para os aposentos de Deza, estavam postados alabardeiros de forte estatura e mais forte apparencia.

D'um alto casarão, velado com grandes reposteiros, que corriam em argolas de ferro por grosso varão suspenso no capitel das columnatas, ao começar a curva da abobada, sahiam, puxadas a braços, sobre estrados que deslisavam em toros redondos, estatuas de má esculptura, que representavam, sem reproduzir, herejes ausentes, que assim ficariam sabendo

que seus bens lhes tinham sido confiscados. Ao longe começavam a mover-se pendões com veronicas feitas a pincel de scenographo, com inscripções latinas, que pregoavam a infamia dos principaes reformadores da Egreja, já excommungados por sentenças de Roma!

No vasto salão do refeitorio, em baixellas prateadas e em cristaes de Veneza, os frades dispunham viandas frias e vinhos espumosos.

Era alli que os executores da justiça catholica haviam de conquistar alentos para a grande bacchanal religiosa d'aquelle dia... Pagens, vestidos de velludo e seda, traziam mensagens da côrte, e andavam açodados e curiosos, conduzindo almofadas para suas donas, em genuflexão, no cruzeiro da Egreja, esperando o officio de defuntos.

Os penitentes trajavam o Sambenito, conservando cahidas, aos pés, as ridiculas coberturas de cartão, em forma de mitra.

O sol erguia-se lentamente mostrando o rosto avermelhado, e colorindo já os topes dos mastros que se balouçavam no porto...

Soltaram, então, os sinos do palacio o dobre pesado e lento, cujos sons subiam ás nuvens de neblina, que ainda envolviam o céo de Sevilha, e desciam, cavos e prolongados, aos mais profundos subterraneos d'aquella funebre morada!...

Aquelles echos tinham descido tambem ao coração de Jacob, e, ao ouvil-os, fugira-lhe de lá a ultima esperança!...

— Deus deixou a tyrannia em liberdade, pensou o captivo!

Sarah dissera-lhe — esperae o dobre da manhã, que é possivel que Deus, estando a illuminar o céo de Hespanha, veja o crime preparado na *Plaza Mayor*, e mande um raio da sua justiça na luz do sol dourado!

Brilhára o sol, soára a torre! e Sarah não voltára! e Deus não lhe acudira!

Estava tudo acabado, tudo!

Então, Jacob ergueu-se do seu miseravel escabello, e olhando em volta, como se quizesse vêr bem, pela ultima vez, aquelle unico pedaço de mundo que lhe restava, repetiu ainda, mentalmente, as ultimas consolações, que lhe tinham vindo dos labios de Sarah:

— Sonharás commigo eternamente!

— E' isto, é, continuou elle com olhar muito firme e muito nublado; é preciso adormecer...

E ajoelhou sobre a enxerga desmanchada... de mãos postas...

«Senhor! perdoae-lhes, que elles não sabem o que fazem! Que a minha alma liberta, graças ao anjo que me enviastes, se acolha no vosso regaço, que ella precisa de denunciar-vos a obra da vossa Egreja...

E, depois de alguns momentos, em que o martyr parecia estar con-

tando as badaladas do tremendo campanario, inclinou a cabeça, dizendo muito baixinho—*Finis laus Deo!*

E, ficou, rezando, talvez...

*

* *

Mal o esbirro abriu os ferrolhos do carcere de Jacob, o Morgado, antes de entrar, espreitou...

A luz que illuminára a prisão, durante a noite, apagára-se já, mas o morrão fumegava ainda...

Jacob estava deitado de bruços sobre a palha, mas com as pernas encolhidas, como se tivesse adormecido quando estava de joelhos.

Não se lhe via o rosto, nem as mãos, como se os tivesse escondido debaixo do peito... A face posterior do sambenito cobria-lhe todo o vulto como uma téla mortuaria sobre um pequeno esquife.

Parecia que mão piedosa o fôra cobrir com a grande e amarellada cruz de Santo André!

O Morgado sentiu uma forte impressão de mêdo, e, talvez, até de terror!

Esperava encontrar o prêso acordado, olhando-o de frente, ameaçando-o, embora .. mas, não assim... Teria de o despertar... E aquillo tambem podia ser um deliquio! N'esse caso perderia o seu tempo chamando-o... Seria necessario, não chamar pela sua victima, para a insultar, mas chamar alguem para lhe acudir...

Não obstante fechou a porta, e avançou alguns passos, mas para o lado mais afastado do penitente...

—Se aquella attitude é uma traição?! Jacob sabia que eu havia de vir... Os ferros, que o prendem, haviam de me defender... Para me haver ás mãos era indispensavel attrahir-me... Armas não tem elle, mas tem mãos e dentes, e estes marranos, como não podem queimar os christãos, contentam-se em mordel-os...

Todo o cuidado é pouco, continuou o Morgado, cada vez mais surprehendido com a immobilidade de Jacob, aquella posição é um artificio, é um laço... Não se adormece, nem se morre assim... Que dormir assim, com a bôcca tão amordaçada, é prodigio em corpo tão avariado... Felizmente os pés estão descobertos e os ferros envolvem-lhe os artelhos... Como estarão os pulsos? Se elle désse um salto? Ora, adeus! ficar-me-hia com a cabeça no chão a grande distancia dos meus pés... O peior é não haver luz que chegue... Talvez lhe advinhasse a respiração nos movimentos do seu pellote garrido...

Parecia que a mão piedosa o fôra cubrir com a grande cruz de Santo André

E o Morgado, n'um movimento de defêsa, recuou de novo, até bater com as costas nos ferrolhos da porta, que cahiram dando com estrondo na pregaria de ferro...

Suspendeu-se-lhe a respiração, e affirmou o olhar sobre a enxerga...

O mesmo silencio! A mesma quietação!

— E' celebre! Sinto o sangue a gelar-se-me nas veias!... Esperava-o, sem mêdo, no auge da sua colera, e, porque o encontro adormecido, até receio que elle desperte!...

Que grande cobardia!

Ainda que elle estivesse sôlto, toda a vantagem estava do meu lado!

E o Morgado esticou os braços, para verificar que os tinha aptos para a lucta, e até os recurvou, para vêr e palpar os musculos que se ennovelavam...

— E, de mais, estou armado... ao primeiro assalto feria-o no peito... E' a sorte das feras que não querem domesticar-se!...

E adeantou-se de novo, procurando avistar-lhe o rosto...

— Nada! empalhou-o de maneira, que não ha enxergal-o! — E, se elle estivesse morto? Rebentam estes diabos, ás vezes, quando menos se espera!... Mas, que coincidencia!... Elle, que tem resistido tanto, havia de morrer, exactamente á hora do supplicio? Qual?! Não passa d'um impostor... Julga que addiará a execução fingindo-se moribundo...

E' que não conhece os costumes da casa. — Se tem de expirar hoje o ultimo alento, será o primeiro a subir a fogueira.

E, depois, resoluto, e falando com altaneria brutal:

— Olá! Jacob. São horas... Logo dormirás com mais descanço...

Jacob não se moveu, sequer...

— Vamos, perro d'uma figa, sou teu padrinho, mas não tenho tempo para perder. Leva acima, embusteiro... Faze de conta que te espera a abbadessa de Lorvão...

Duas grandes moscas verdes e zumbidoras, que levantaram o vôo da cruz de Santo André, deram a illusão d'um movimento...

— Ora, até que emfim que te resolves! Vá, vá, que podes morrer suffocado, assim, n'essa posição — Se tens vontade d'isso, logo te faremos a vontade — anda d'ahi commigo, que Sarah quer vêr-te passar, do balcão do paço do arcebispo!...

Fôra engano, de certo; Jacob não se movêra... e a injurias d'aquella ordem Jacob, só estando morto, deixaria de responder.

— Se nem assim a alma lhe acorda, vejamos se podemos acordar-lhe o corpo.

E, agitando um chicote, que trazia debaixo da capa, zurziu com elle

os pés do condemnado, mesmo no sitio onde as chagas gottejavam sob os ferros da grilheta!

— Não ha que vêr — o villão antecipou-se — e rouba-me os maiores prazeres da minha justissima vingança!

Posso avançar, que a morte não me apavora...

E, com passo lento e hesitante, approximou-se da enxerga... De repente estacou; lembrára-se d'uma precaução...

Arremessou para longe o chicote, e arrancou do cinto o seu punhal de Toledo.

A luz entrava com mais fôrça, e o quadro, por isso, apresentava-se mais nitido e impressionante...

O Morgado conseguira emfim chegar proximo de Jacob, e, com um movimento brusco, que denunciava commoção de respeito ou de mêdo, poz o pé sobre a cruz amarella, na intenção de sacudir aquelle corpo inanimado... O cadaver (era, na verdade um cadaver, que se apoiava nos joelhos, ao ser abalado revirou-se, ficando de costas...

O Morgado soltou um grito abafado e cavo, e, com os dedos crispados no cabo da sua lamina, deu um pulo, como se o tivessem ferido, e ficou em attitude de féra que teme um assalto, ou que se dispõe a arremetter!...

A surpreza fôra cruel!

Jacob voltára o peito e o rosto para o seu encarniçado inimigo... tinha os olhos abertos, muito abertos, parecendo olhal-o e vêl-o, ameaçal o até! As sombras, que desciam nas orbitas profundas, davam movimento ao olhar d'aquelle morto. — Nas faces havia um riso, o ultimo, cavado com os sulcos negros feitos pelas garras da morte... A bôcca, porque o queixo não descahira, por ter ficado comprimido na quéda sobre a enxerga, conservava-se cerrada, mas, como os labios tinham acudido á agonia das faces e do rosto, riam-lhe sinistramente os dentes mal articulados, como se quizessem saltar d'esse abysmo de gritos e gemidos... Estava horrivel!... E não tinha aquella posição extendida, desarmada, de todos os mortos, não tinha!... Esfriára-lhe a cabeça, muito inclinada para o peito, como se estivesse a levantal-a, movida de curiosidade... As pernas, conservando a posição devota, punham os joelhos levantados na linha do ventre, e os pés tambem erguidos, repuxavam as cadeias que os prendiam!

Não é facil imaginar um morto mais ameaçador!... Tinha a posição de quem cahira vencido n'uma lucta desegual, ou de quem formava um salto para se tornar vencedor... Os braços, apertados de encontro ao peito, estavam banhados em sangue coagulado, e, por entre os dedos da mão direita, que parecia ainda suster o coração, scintillavam, na cruz d'uma

arma, pedras finas, engastadas, que pareciam scentelhas de luz que vinha lá de dentro...

O Morgado tremia como varas verdes açoutadas por um grande vendaval!

Quanto mais olhava o morto, mais elle lhe parecia vivo! Chegou até a ser victima da grande illusão!

Recuou até a parede, em posição athletica, e chegou a gritar provocadoramente:

— Anda, scelerado, arremette, que hei de mergulhar-te em sangue, para apagar de vez esse olhar diabolico!... O céo, ou o inferno, me armou este laço, mas, emquanto a vida me ferver no peito, hei de pagar bem caros os peccados da minha vida! Não creio que tenhas sido o escolhido da Providencia para punição dos meus erros... Se és enviado do Averno, para tormento da minha alma e castigo da minha audacia, juro-te, juro-te, que não serei empolgado, emquanto não desmanchar essa phantastica e espectral figura!

Tudo isto dizia o Morgado, trémulo e afflicto, emquanto o cadaver de Jacob persistia, diabolicamente, armando o salto, a rir e a chorar, com o aspecto da mais lugubre ameaça, chegando a parecer que ia erguer-se, voando, mas continuando sempre, como uma estatua primorosa de verdade, deitado de costas, frio, hirto, com os olhos abertos, os dentes á véla, o sorriso de ameaça e ironia, a cabeça a erguer-se, as pernas a elevarem-se, e o peito coberto de sangue, empastado, quasi negro, formando o fundo onde tinha reverberos estonteantes o punhal de Sarah!...

Muitas vezes o Morgado avançava, bem prevenido, contra aquelle espectro, que o enchia de horror, e outras, recuava apavorado! Por fim lembrou-se de chamar alguem... Desistiu, depois...

O melhor seria abrir a porta serenamente, chamar um esbirro, mostrar-lhe Jacob...

Sem tirar os olhos do morto, e sem olhar para a sahida, o Morgado procurou os ferrolhos, e imprimiu-lhes um movimento brusco, com que esperava fazel-os correr... Elles correram, e o miseravel imaginou-se salvo...

Depois, sempre o olhar prêso no mesmo ponto, sempre com o punhal apparelhado, sem abandonar a attitude defensiva, bateu com o corpo na porta desferrolhada, para que ella se abrisse...

A porta não se moveu! Parecia ter morrido como Jacob, e como elle persistir immovel e ameaçadora...

Esta resistencia augmentou-lhe o terror supersticioso, que d'elle se apoderára.

A luz ia descendo a prumo sobre o cadaver, e parecia, por isso, animal-o mais...

Aquella situação afflictiva era insustentavel...

De novo carregou sobre a porta resistente... e de novo a porta resistiu...

Era de mais! Que queria dizer aquillo tudo? Na sua frente um morto, que o acommettia, atraz d'elle uma porta que o detinha! Teve mêdo, o mesmo que já tinha, mas agora tão accrescentado, que o reconhecia como tal!... Mêdo tamanho já, que o supplantára, que lhe esmagára a vaidade, que lhe afugentára o orgulho!... Se fôsse homem capaz de chorar, choraria, que para tudo viera prevenido, até para um assassinio... mas para luctar com um morto, mas para destruir aquelle muro que o prendia... para isso não... Aquillo não era obra dos homens... Andavam alli fôrças sobrenaturaes... E elle nunca pensára em tal!...

Por que morrera aquelle homem assim, n'aquella posição, horrendo, ameaçador? O que sentiria elle? Seria o mêdo só? Seria o remorso? Com quem havia de se medir? Com o cadaver de Jacob? Com a maldição do inferno? Com o castigo do céo? A verdade era que estava vivo, e se arreceiava d'um morto; a verdade era que estava armado, e não tinha a quem ferir! A verdade era que desejava avançar e desarmar aquelle cadaver, e temia-o; que queria fugir, e não tinha sahida!... Para tapar os olhos do morto tinha que assegurar a retirada; para a sahida tinha de voltar as costas ao morto!

E de novo, cahiu com o corpo todo sobre a porta resistente... O obstaculo gemeu, e logo se aquietou como se fôsse uma muralha...

Encheu-se, então, de coragem, e, collando a bôcca aos resquicios dos batentes gritou com fôrça!

— Venha gente! Quem abre esta porta? O' lá, guarda! Quero sahir! Depressa, depressa, acudam...

E mal disse tudo isto, á pressa, afflictivamente, se voltou para Jacob, que continuava, fitando-o...

De novo foi applicar o ouvido, e ouviu um forte alarido que passava pelo claustro, como o sopro d'um vendaval.

— Que será isto? Que alvoroço invadiu o palacio, que abafa a minha voz supplicante?...

E, de repente, ficou mais parado e attento...

Os sinos rebatiam apressadamente, como se um grande alarme atravessasse a cidade... Muito longe ouviam-se buzinas de caça, ou trombetas de guerra, e, como, se o mar tivesse galgado a *Triana* e alcançado a agulha da *Giralda,* ouvia-se um ondear cheio de gritos, que só poderia attribuir-se a um povo, ou a um mar, que se revolta!

— Ninguem me escuta! Maldição! Acudam! Acudam!

E, dando com as mãos fortes palmadas na porta de ferro, o Morgado debatia-se desesperadamente, como se quizesse sumir-se pelo chão, voar ás galerias gradeadas, ou esconder-se na muralha, negra, fria, indifferente...

E os sinos, em todas as egrejas da cidade, tocavam a rebate, annunciando uma grande catastrophe, e na rua ouviam-se gritos de sedição, que pareciam um anathema contra Deza, e contra o Santo Officio... Nos echos das galerias espalhavam-se os choques das lanças, e os tiros dos mosquetes destacavam-se na praça...

Não havia dúvida! Sevilha revoltára-se!... Aquelle martellar que abalava todo o palacio, era, sem duvida, o assalto da populaça ás portas e muralhas da Inquisição .. Por vezes distinguia-se bem o desabar de madeiras e o arrastar de ferros!

Ao longe soavam canções alegres, como hymnos de triumpho!...

— Estou perdido... Perdido eu, quando a fortuna e a gloria me sorriam! Jacob, bem vês, não posso fugir-te! Aquieta-te, miseravel cadaver, que tenho de ficar aqui, até que morra de fome, de sêde, e de horror, ou até que a turba vencedora me descubra e me castigue, como se tivesse eu sido o assassino.

E, como lá fóra a grita augmentasse, já invadindo as escadas do Palacio, e o cadaver de Jacob continuasse a rir diabolicamente e a formar o salto da aggressão, o Morgado, largando o punhal, atirou sobre a enxerga a sua capa, ampla e negra... A capa, arremessada ao acaso, mas com o fim de cegar aquelle olhar e parar aquelle riso, cahiu sobre o corpo de Jacob, deixando-lhe a descoberto, e mais sinistramente ainda, os olhos, que ameaçavam, e os dentes, que escarneciam!...

O cobarde, então, muito cosido com a porta, pallido e trémulo, emquanto o rebate dos sinos abalava a cidade, ajoelhou, e disse aos olhos mortos de Jacob:

— Perdôem-me, desgraçados, que eu sou um miseravel!

LXV

A Revolta

O que o Morgado escutou e ouviu através da porta do carcere, ou melhor, da sepultura do seu vencido adversario, era de facto uma revolta.

De quem? Do povo de Sevilha? Rigorosamente não... O povo não soube cumprir o seu dever n'este desgraçado periodo historico em que a Hespanha envergonhou a Europa com a tyrannia dos seus principes e a cobardia dos seus populares.

Triste apontamento é este que nos acode aos bicos da penna, ao passarmos sob os olhos a historia ignominiosa d'esses tempos de fanatismo e de selvageria! Em Hespanha nunca se deu, por tal motivo, um movimento, que merecesse o nome de sedição... Revoltas, sim, houve-as, esmagadas constantemente, por terem surgido do movimento espontaneo d'uma classe, d'um punhado de victimas, d'uma conspiração planeada, a frio, entre gente, que ao julgar-se perdida, jogava, n'uma aventura temeraria, a fortuna e a vida! Mas, toda essa gente rebelde que, ao cabo de grandes angustias, concertava um acto de rebeldia, não encontrava, a seu lado, essa immensa massa anonyma, que se chama povo, e que, n'um momento, converte uma revolta n'uma revolução.

As revoluções tomam o nome na grandeza e no exito do movimento... A Hespanha teve sempre revoltas contra o Santo Officio...

Herculano fala-nos das scenas tragicas, derivadas das rebeldias de Teruel, de Valencia, de Lérida, de Barcelona, e de outras cidades, entre as quaes não devia Sevilha ficar esquecida, contra a auctoridade e a tyrannia da Inquisição... Outros historiadores affirmam que essas revoltas, isoladas e abortadas, serviram, é certo, para mais ensanguentar a historia hespanhola, mas, ao menos, lustraram um pouco a honra d'essa raça tão cavalheirosa e indomavel.

Se alguma das muitas revoltas, fraca e inhabilmente planeadas, se al-

guma d'essas repetidas conspirações, que muitas vezes abriram as portas da Inquisição, e até n'outras derramaram o sangue dos maiores responsaveis, tivesse sido energicamente apoiada pela turba, o velho e sanguinario tribunal teria desabado sobre o sangue das suas victimas... Mas, não: os gritos, sôltos em todos os recantos do reino unido, eram rapidamente abafados, como se o fanatismo religioso tivesse fabricado para as populações queixosas a mais violenta mordaça.

De cada tentativa contra ella, a Inquisição sahia mais forte e mais cruel! A indifferença, ou o protesto até dos populares beatificados, ou bestificados, valiam mais, na obra da repressão, que a fôrça armada posta pelos principes ao serviço da egreja.

Quando o castelhano se embravecia, acalmava-se o aragonez. As vezes, succedia o contrario... D'esta falta de coincidencia nos movimentos de revolta resultava sempre o insuccesso, e as represalias vinham depois tremendas, implacaveis, a inutilisar todas as conspirações, que germinavam em diversos pontos da Hespanha.

Quando os aragonezes, esmagados pela crueldade de Juglar, de Torquemada, de Martin de Larraga e de Pedro Frances, em conciliabulos secretos, votaram a morte d'esses tyrannos, viram uma a uma falhar as suas tentativas, e a que vingou contra Pedro Arbués levou, com Vidal de Uranso, ao cadafalso e á fogueira, as mais ricas e mais nobres familias do Aragão e da Navarra!

O povo, esse desgraçado cego, ignorante, impotente, fanatisado, cuspiu nas cinzas d'essa gente, que offerecera seu proprio sangue para lavar a nodoa mais vergonhosa da sua terra!

O odio de raça e de religião identificava os povos de todos os estados de Fernando e Isabel, com os seus maiores algozes... Porque a Inquisição matava os judeus, deixavam-se matar e espoliar, apesar de christãos!

D'essa funda divisão entre raças, crenças, e interesses, resultava o enfraquecimento e a perda de todas as resistencias.

Cordova acabava de fazer a sua revolta, e Cordova ficára esmagada...

Mostrava-se ingrato para o Santo Officio o sólo da França — Napoles batia o pé contra a intolerancia religiosa, com tal energia, que triumphava dos seus dominadores, e os Paizes Baixos, por tal forma resistiam á invasão inquisitorial, que até se desprendiam para sempre d'essa nacionalidade, que chegou, sob o sceptro de Carlos V, a constituir o maior imperio do mundo no seculo XVI!

Não: desgraçadamente para ella, a Hespanha nunca fez uma revolução — contentou-se sempre com as revoltas, em que sacrificou a flôr da mocidade e as energias dos seus mais encanecidos cidadãos.

Seria este enervamento nacional consequencia d'essa immensa enxertia do povo hebreu, e dos mouros de Granada?

De certo que não, e a prova é que a Inglaterra, apesar das pressões estrondosas exercidas pelos Papas sobre ella, não só não deu guarida á Inquisição da peninsula, mas, em homenagem á mais franca e leal tolerancia religiosa, abriu todos os seus portos aos foragidos da Hespanha e da Italia!

Se a Inquisição se moderou, depois dos excessos mais condemnaveis, foi porque a grande revolução dos espiritos, animada e feita pela Reforma, que vinha descendo do norte, para vingar os mouros e os judeus victimas da orthodoxia catholica, lapidou a egreja do meio dia e do occidente com os scismas mais arrojados.

Luthero aggravou o mal, mas foi elle quem exgotou e enfraqueceu a fôrça e o poder do Santo Officio...

O braço popular levantou-se, verdade seja, no seculo XIX para esmagar o seu inimigo secular, mas a sua tarefa esteve quasi reduzida á remoção das sujas ruinas d'esses antros de intolerancia.

Revoltas, sim, revoltas fizeram muitas a nobreza, o judeu, o mouro, os pensadores, os *gitanos*, a gente rica, e os miseraveis advénos que acampavam, famintos, pelos campos e pelos caminhos, e que se viam forçados a conspirar á fôrça de chicote com que o santo tribunal os açoutava.

Revoltas d'algumas horas, de vida ephemera, e de desastrosas consequencias, porque provocavam repressões, e nem o applauso ganhavam nas multidões inconscientes e acobardadas...

Revoltas, que eram uma explosão occasional da irritação de tantas victimas, nos momentos em que o lugubre poder se apresentava mais enfraquecido...

Os conflictos com a côrte de Roma, os diversos incidentes da politica internacional, a mudança de tendencias do throno, devidas á morte d'um principe e ao advento de outros, animavam, ás vezes, essas tentativas de defêsa e de justiça.

Então, por exemplo, as classes mais sacrificadas tinham a animal-as os acontecimentos de Cordova, a fuga de Lucero, a passagem de Felippe I, os excessos de Deza e as distracções guerreiras de Julio II!

Os homens ricos de Sevilha, os commerciantes de pequena categoria, muito ciosos de suas mercadorias e bazares, animavam com a sua bolsa todos os planos de insurreição... Fernando V, dizia-se tambem, apprendera em Napoles a comprehender como é facil tornar perigosa a irritação popular, e não duvidava em preferir, ao conselho de Deza, o do cardeal Cisneiros... Pensava já talvez em nomear, para inquisidor de

Castella, o arcebispo de Toledo, e, para o Aragão, o bispo de Zich... Deza acabava de praticar as maiores violencias!... Não havia na cidade uma familia que não tivesse algum dos seus membros nos carceres da Inquisição .. A fome era grande, a peste assolava os bairros pobres, a Tina tinha sido victima d'uma verdadeira caçada e o roubo e o assassinio eram praticados, a toda a hora, e ficavam impunes...

Não se devia hesitar: conspirava-se em Sevilha.

O mêdo dos tyrannos foi sempre o principal symptoma d'estas tendencias populares, e Deza, como era voz geral, já andava, vestido como Pedro Arbués, com forte cota de malha sob os habitos sacerdotaes...

Era de facto uma revolta sevilhana que explodira á hora em que o sol envolvia os patibulos armados na praça publica!

* * *

O acto audacioso do terrivel inquisidor, annunciando o grande auto de fé, concertou muitas vontades.

Os ciganos tinham recebido dinheiro, e com elle conseguiram alliciar alguma gente da Gardunha, esperançada no saque, mais lucrativo, que as emprezas do Santo Officio.

Zampa, protegido pelo espião Henrique Nunes, voltára affoutamente ao seu bairro, e com os ciganos, que não tinham fugido, combinára um assalto ao palacio da Fé.

Esperava o orgulhoso chefe dar o golpe de mão antes da chegada de Gerinel, e, assim, ficar com as glorias da sedição triumphante. Annunciando ao famulo de Deza proposito bem contrario, fez recolher no palacio muita gente da sua confiança.

Nunes assegurou ao arcebispo que esses presos fingidos serviriam para oppôr a mais proficua resistencia á gente de Gerinel.

Ao nascer do sol a *Plaza* estava cheia de curiosos... Quantos alli tinham passado a noite, não só para vêr os funebres preparativos, mas ainda para guardar os melhores logares para a hora das execuções!? A gente armada não abundava no local mais estrategico; fôra distribuida pelos portaes das casas onde moravam as principaes auctoridades, e, em grande quantidade, fôra esperar, fóra da cidade, os delegados dos governos provinciaes, a Côrte e os juizes do Supremo.

Gerinel, que entrára de madrugada em Sevilha, emquanto a gente do seu commando, em pequenos grupos, o imitára durante toda a noite, ao romper do dia achava-se emboscado nas immediações do Palacio. Cem

cordovezes e outros tantos sevilhanos, ciganos dos mais atrevidos, tinham-se aquartellado, com armas de guerra e instrumentos de trabalho, em bem occultos paradeiros. Movendo-se, com disfarces bem cuidados, por entre o povo, andavam outros recrutando amigos velhos e velhos camaradas para a arriscada e até perigosa empresa. As mulheres davam tambem o seu importante contingente no trabalho de alliciamento, que ellas faziam com diversos recursos de seducção.

Dos arrabaldes viera tanta gente, tanta! que os esbirros não sabiam como seguil-a e vigial-a...

Depois, apesar de se tratar d'uma tragedia das mais tremendas que se tem representado na historia d'um povo, a gente de Sevilha estava alegre, e falava com aquella vivacidade caracteristica da raça andaluza. Os forasteiros, para entreter o tempo, acampavam nos adros das egrejas, e as camponezas saudavam o sol que vinha aquecel-as, dançando á moda das suas aldeias. Pelas vendas andavam os homens fazendo libações frequentes, brindando em alta voz, ás prosperidades do Santo Officio! Os bazares abriram as portas mais cedo que o costume, e enchiam-se de gente ávida de comprar rosarios, bentinhos e reliquias de Jerusalem.

Andavam já os servos de casas ricas extendendo colgaduras sobre os balcões, nas ruas do transito da triste procissão, e, pelas esquinas mais frequentadas, installavam-se vendilhões de frituras e avellãs.

Junto da *Giralda* parecia ter-se estabelecido uma grande feira. Era o acampamento do gado, que trouxera, sobre xaireis vistosos, os lavradores do termo, que tinham feito a viagem á luz do luar.

Nas *posadas* fazia-se commercio valioso em peixes e salsichões, e as moças de costumes mais livres, em troca d'uma flôr, que logo punham na cabeça, regaçavam bruscamente o saiote... Por toda a parte se ouvia a excepcional algazarra d'uma multidão que se diverte...

Sevilha estava em festa! Como se se tratasse d'uma grande solemnidade nacional, uns aos outros disputavam o direito de voltear nos cadafalsos, e as mães explicavam aos *muchachos* que qualidade de espectaculo se havia de gosar n'aquelle dia...

Já se andava a custo por aquelles sitios, e os operarios da morte gritavam á turba que os deixassem passar, porque iam carregados de pedaços de madeira para as pyras incompletas! Em melopeia de pregão alguns cegos começavam a cantar versos allusivos aos condemnados, e rapazes, de pés descalços, com grandes paineis, em forma de Sambenito, mostravam retratos de judeus, parecidos com os cobradores das rendas publicas.

Os familiares do Santo Officio e alguns frades benedictinos, esfre-

gando as mãos, contavam aos grupos, que os rodeavam, a historia dos penitentes, affirmando que todos tinham tratos com Satanaz, e que incorreria nas penas do Inferno o christão que d'elles se apiedasse...

Ao acabar a narração, os ouvintes afastavam-se fazendo o signal da cruz!... Não faltavam liteiras acceleradas, com as cortinas corridas, de gente que ia para o Palacio, com permissão especial para assistir lá dentro ao desfilar do cortejo! Guapos cavalleiros vinham entrando na cidade com os seus corseis ricamente ajaezados, com reluzentes armaduras, e montantes de luxo.

Ouviram-se, então, soar, ao mesmo tempo, os sinos da cathedral e da Inquisição, chamando o povo ao officio de defuntos.

Ouvindo este appello, o movimento da populaça foi principalmente para o lado do Palacio...

Distinguiram-se na arremettida os rapazes de Sevilha, ou melhor, o rapazio, imitando, com a voz, o dobre impertinente, e os camponezes, chamando cada um as pessoas de sua companhia...

Quando a vanguarda d'uma multidão se precipita, a multidão é arrastada... A sympathia é o mais forte elemento de tracção... arrasta a vontade e o corpo dos mais indifferentes, isto é, dos mais refractarios á curiosidade.

Depois, os que hesitam são impellidos, e os que param derrubados...

Aquelle dobre teve um magico effeito de sucção... Toda a gente que andava dispersa pelas differentes *calles* affluiu á arteria principal da cidade. Havia quem se desviasse para deixar passar a onda, mas a onda passava-lhe por traz e lançava-o na corrente... Os que se encostavam á parede sentiam-se esmagar, e preferiam, por isso, lançar-se nas aguas vivas... Perguntava-se, gritando, o que havia de novo, porque corria tanta gente e corria tanto? Ninguem explicava, mas tambem ninguem se detinha...

Entre os arrastados havia já afflictos: as creanças e as mulheres foram os primeiros... Um sevilhano quiz oppôr-se, e foi logo maltratado...

Outro, para defender a companheira, que gritava chorosa, puxou por uma *cuchilla* e logo dez braços o ergueram e arremessaram pelo ar para cima da turba... Despejou-se tambem a praça dos sacrificios... A gente armada accorreu, para vêr o que era e manter a ordem, e aggravar o damno... A multidão, sentindo os cavalleiros que a atropellavam, fugiu com mais denodo... *guapos* e *fuelles*, que mais corriam, iam dando punhaladas ao acaso, com os seus *peuçantes* escondidos... As portarias das casas não serviam, ou porque as fechavam, ou porque as enchiam... E a onda augmentava de volume e de velocidade!... Ouviu-se um tiro de

mosquete e a grande massa quiz recuar de subito... A grita foi horrivel!

Dois guardas conseguiram passar da gaça d'este exercito para o centro d'elle, mas os cavallos cahiram e os cavalleiros desappareceram... De qualquer parte, ou de toda a parte, no curso d'aquelle rio humano, foram lançados homens armados que não se afundaram... Por cima d'aquelle mar de cabeças iam mastros de lanças... Depois appareceram alabardas, depois chuços... Ao dobrar uma esquina esta *avalanche* de gente, eriçada de tantas armas mortiferas, foi cortada bruscamente por um affluente de forquilhas... Um aragonez desatou o lenço colorido que levava na cabeça, e agitou-o no ar...

Tudo isto fôra obra do acaso? Podia ser, mas não foi... A turba foi arrastada por um pretexto bem calculado e com um artificio bem medido nos primeiros momentos. Mas a turba não foi só attrahida; foi tambem impellida. A fraqueza reforçára se com a astucia! A tactica deu duas grandes vantagens — poz em campo, envolvidas para não se verem, e envolventes para avançar, fôrças, que, apresentando-se armadas, nem poderiam reunir-se, nem fazerem-se apoiar — e isolou, sem lhe dar tempo, para a defêsa nem para o ataque, a fôrça publica postada em logares oppostos.

O rapazio e os camponezes, que eram apenas um bando, tinham-se convertido n'uma legião! Parecia que um grande cyclone varria o povo de Sevilha para cima do iniquo tribunal!

O sino do Palacio deixou de dobrar, e, de repente, como se mão mysteriosa o movesse de novo, rompeu, ora nos repiques mais alegres, ora n'um rebate mais alarmante. As guardas do Regente e as de Deza, ouvindo aquelle tropel e aquelle alarido, conchegaram-se.

O instincto só commandára esta manobra. O resto era o mais difficil! O que vinha alli? A populaça? Como vinha então na frente de gente armada? Se aquella gente fugia assim acossada, como pensava ella em acommetter aquelle logar que estava guardado? Os gritos que se ouviam pediam soccorro; não eram ameaças...

Os capitães interrogaram-se com o olhar. Avançariam para deter aquella hoste de excepcional e exquisito aspecto, ou deviam esperar que ella chegasse, como fazem os caçadores na frente da caça batida por matilha de cem podengos?

Emquanto os capitães pensavam, a turba, como um raio, invadiu o largo... Era uma enchente, que parecia converter-se n'um diluvio... O que se passou então não se descreve... adivinha-se. Calcula-se que foi horrivel, mas ninguem o viu. Em taes catastrophes não basta sobreviver a ellas, para saber o que ellas foram...

Quem passasse, n'um vôo muito alto, sobre a agitada cidade, é que poderia explicar, como se déra aquelle movimento, tão rapido, tão brusco e que não parecia ter sido premeditado.

E, de facto, todas, ou quasi todas as fôrças d'essa corrente, que voavam gritando, ferindo, e fugindo, estavam innocentes de tão grande perturbação!

O povo movera-se com tanta irresponsabilidade, n'aquella fuga, que tinha o caracter de arremetida, quanta pode ter o lixo d'uma rua, levantado por um pé de vento que o volteia no ar e o arremessa ás faces do transeunte!

O que até alli tinha attenuado os effeitos d'aquella vertigem era a circumstancia de estar desembaraçado o caminho, e não haver hesitações na direcção da turba. Sem accôrdo, todos, que se atropellavam, tinham a maior conformidade de destino, senão de intenções. Assim como um grito: *o que será?* pode ser uma voz de commando, o que diz — *Por aqui, por aqui...* muda a direcção das fôrças desencadeadas, com a mesma pressa e facilidade com que uma bôa mão de redea muda, n'um momento, a direcção do mais fogoso corcel.

Evidentemente, á testa d'esta turba, que rugia de mêdo e voava impellida, havia gente que, fingindo aconselhar a salvação — ia gritando — *por aqui! por aqui!!* E esta voz repetia-se, por milhares de bôccas, através da multidão, e, quando mal acabára de soar, em voz baixa, no grupo de populares que, na avançada, já brandiam armas reluzentes, repetia-se ainda, em voz alta e forte, entre as guardas perseguidoras...

A multidão iria precipitar-se no largo, sendo apertada entre o palacio e a fôrça que o segurava, ou deslisaria por outra rua, que tambem dava ingresso á pequena rotunda da Inquisição? Isso dependia da fôrça armada que guardava o palacio... Se esta tomasse essa emboccadura, por onde poderia recuar, no caso de não suster o pêso da aggressão, o povo achar-se-hia envolvido, apertado, prêso, esmagado... talvez? Seria esse o erro maior! Se as guardas se postassem de lanças apparelhadas para receber o choque d'esses milhares de peitos, já defendidos tambem por mil fórmas premeditadas e de improviso, era inevitavel o esmagamento da gente d'armas, e o palacio ficaria apenas defendido pelos caçadores da turba, que só alli poderia chegar, depois de coalhado de gente irritada o campo restricto d'aquella acção.

Fôrças novas e frescas poderiam chegar depois... mas ainda não tinham chegado, e as poucas que restavam tinham, prudentemente, corrido a defender diversos pontos da cidade, na previsão de maiores acontecimentos.

As guardas da Inquisição comprometteram gravemente as hostes do Regente... Quizeram armar um laço aos fugitivos, e, para isso, abandonaram as fachadas do Palacio para taparem as sahidas da parada!

O êrro teve as suas naturaes consequencias: os fugitivos, depois de entalados, converteram-se em revoltosos. Os que fogem, quando param, resistem. O instincto de conservação modifica, n'um momento, a tactica da defêsa... O queixume converte-se em ameaça... Já não se ouviam supplicas, mas pragas... Apertados os corpos em ambito acanhado, sáe logo o vomito das imprecações!...

Não podendo mover-se os pés, que até alli pareciam ter azas, ergueram-se e moveram-se os braços... Cada mão erguida tinha uma unha de aço... O sol já reflectia em muitos punhaes... Os innocentes tinham sido mudados em criminosos...

O plano de Gerinel, como se vê, alcançava exito... O intelligente e bravo cigano conseguira recrutar para a sua causa toda a escoria de Sevilha, todos os forasteiros mais indifferentes, e até a malta de cobardes, que tremiam da Inquisição, como da cólera do céo. Alli os tinha encurralados e perdidos, mettidos entre a necessidade de morrer, e a de matar...

Entre as victimas exasperadas estavam agentes frios e atilados... Esses conseguiram voltar — parte da multidão para os cavalleiros que vinham de longe sobre ella, e parte para as guardas que interceptavam sahida... Ambas as fôrças reaccionarias fizeram frente a esta acção inesperada, e ambas tiveram de recuar desordenadamente! Foi então que, por traz d'ellas, n'um e n'outro ponto, um troço de ciganos cordovezes e outro sevilhano, accommetteram cavallos e cavalleiros e romperam a linha d'aquelle cerco, com grandes clamores, que animaram os populares. A surpreza baralhou os guardas, que se acharam, por sua vez, envolvidos, a ponto de já cuidarem apenas em defender se. Muitos foram derrubados deixando os corpos sob os pés, e as lanças nas mãos dos adversarios. Os mais dextros, ou felizes, com os ginetes ensanguentados, elmos perdidos, quebrados a lança e o montante, lograram fugir, em busca de soccorros, ou arrependidos do sacrificio. Os mais teimosos batiam-se com encarniçamento, aggravando a furia popular — A cada golpe que vibravam, se derrubavam um villão, logo viam erguida contra elles uma floresta de cajados e chuços, que nenhum braço podia affastar, nem receber a couraça mais resistente!

Em poucos momentos, o povo se achou senhor do campo, invertendo-se os papeis dos combatentes; e já a fuga de tantos, d'um e outro lado, desopprimira a praça, que a cada ondulação, com fluxo e refluxo, em

choques de armas e em luctas braço a braço, se abriam clareiras á roda dos feridos e dos mortos...

Aquelle instante de victoria tinha de ser aproveitado, não só porque os reforços não poderiam demorar-se, mas ainda porque aquella lucta não fôra apenas a vingança contra um atropello, mas o resultado d'um plano de assalto contra o poder de Deza.

Ouviu-se então, por ser opportuno, um grito, que encheu o espaço, e que teve echo prolongado e estridente nos mais enfurecidos luctadores:

—Abaixo a Inquisição! Morra o arcebispo! Viva o Regente!

E esses gritos repetidos, a principio com a regularidade d'uma proclamação feita por chefes acclamados, á hora da lucta e da victoria, foram depois sôltos ao acaso, em todos os tons, nitidos como um canto de guerra, esfusiantes como o estalar de mil pragas, estridulos como a gritaria de selvagens nos seus assaltos e emboscadas!

—Abaixo a Inquisição! Morra Deza!

E, como succede á meza dos grandes festins, em que, depois dos brindes principaes, a imaginação estonteada dos bebedores, já em liberdade, improvisa novos brindes a novos ideaes, assim a populaça, excitada pelo successo alcançado, e pelos clamores que lhe traduziam os appettites, inventava novas acclamações:

Viva Cordova! viva Sevilha! abaixo Lucero 2.º! Viva a Triana!

E, porque por alli andava, n'um vae-vem constante, gente que ia buscar gente, e outra que acarretava armas e ferramentas, se formou com rapidez um forte corpo de assaltantes...

De machados em punho, ferros ponteagudos, martellos de ferreiro, alviões partidos, ramos d'arvores, e tudo mais, que podia constituir um velho arsenal popular, um troço de homens, possantes como Hercules, se arremessou de encontro ás muralhas e portas do *Palacio*... E tal foi a arremettida, tal o impeto que a acompanhou, que as portas se moveram, como se fossem abrir-se, e as muralhas illudiram os assaltantes, que julgaram vêl-as abaladas, a sacudirem as torres e barbacãs.

Os mais leves e ageis resolveram-se a trepar pelas columnatas do portico, lançando arpéos ás cantarias, que rebentavam do muro. Outros, rodeando o edificio, tinham descoberto gelosias gradeadas, que facultavam accesso ao rebordo eriçado do muro da cêrca...

Pendurado no calabre immenso que ia, encostado á laçaria musgosa do cunhal, até a pequena torre da egreja, elevava-se, com os pés enlaçados, á fôrça de pulso, um moço cigano, de faca nos dentes, na previsão de maus encontros...

Debaixo havia quem animasse o assalto, indicando pontos de apoio,

para os que trepavam, e fisgas mais abertas no madeiramento, aos machados que cahiam, crebos e certeiros, na porta principal...

Do porto tinham chegado maritimos bem armados com apparelhos das naus e com remos dos bateis... Improvisavam escadas, com barrotes muito grossos e degraus muito separados, seguros com laçadas de cairo... Os que nada podiam fazer de mais util, apparelhavam os outros, e arremessavam pedras ás cabeças inimigas, que de cima vinham espreitar a importancia da refrega...

Por turnos, dirigidos pelos ciganos da Triana, todo o palacio era, ao mesmo tempo, acommettido, obrigando assim todas as atalayas a internarem-se...

Lá dentro organisava-se a defeza, parecendo que a grita da guarnição d'aquella praça ameaçada era o echo da vozearia feita pela horda enfurecida que trabalhava cá fóra!

A cavalleira da primeira ordem de muralhas viam-se já muitos brigões preparando-se para descer aos fossos... e, lá muito em cima, sobre a ponte, que ia do terraço da egreja para o da Inquisição, alguns populares saudavam a multidão, e apontavam-lhe os pontos occultos pela muralha onde se acoutava a gente d'armas, que não ousava sahir á rua.

Era então para esses lados que corriam os menos prestantes, e que enviavam, por cima dos muros, persistente chuva de calhaus...

Alguns guardas mais teimosos já nos pateos e cêrca do palacio tinham pago com a vida a sua teimosia. Os feridos, prostrados na rua, tinham sido levados em braços e recolhidos n'uma casa de venda... Um enxame de rapazes arrastava os cavallos mortos para a emboccadura das ruas...

Ninguem estava alli occioso! Até as ciganas, de cabellos cahidos e fato rasgado, rondavam as esquinas, espreitando a vinda de guerreiros... Sempre que ouviam tropel de cavallos soltavam gritos, tão fortes e tão extranhamente emittidos, que bem se adivinhava que eram signaes convencionados... Por vezes chegavam emissarios que traziam noticias do aspecto da cidade, e entre a gente que continuava affluindo, se alguem tinha o aspecto suspeito de familiar, ou espião, logo era apontado e corrido, se não maltratado, ou prêso entre a gente desarmada.

O grande portal continuava resistindo, mas, pela metade, já estalava, abalando-se...

Por traz d'elle havia muita gente alvoroçada, que se preparava para a sortida... Ouvia-se o bater impaciente das lanças apontadas e firmadas nos logares dos ferrolhos torcidos, ou arrancados...

Houve um momento em que não se comprehendeu bem se os estilhaços da madeira, atacada tão fortemente por maços de bigorna e machados

de abordagem, cahiriam para dentro do recebimento, ou saltariam sobre os assaltantes...

O que iria succeder?

Quantos homens e quantas lanças iriam irromper da bôcca d'aquelle antro?

O que sahiria d'alli? A victoria, ou a derrota? Se Deza, prevenido, teria enchido a Inquisição de fôrça bastante para a sua defeza?

Gerinel mandou suspender a faina por um momento, e afastou a sua gente.

— Parar agora, Gerinel, disse um cordovez, quando a brecha está quasi feita?

— Assim é preciso. D'ora avante, rapazes, os assaltos hão de ser mais regrados e prudentes. A um signal, avançaremos todos, com todo o pêso dos corpos e das armas, mas logo, após o choque, deveremos recuar... E' indispensavel vêr primeiro o que sáe, para resolver como havemos de resistir... Este espaço pode ser um abysmo para os audaciosos que nos acommetterem... Cada um de nós tem duas mãos, e ambas teem de ser aproveitadas... Tu, Jinoquio, e tu, Charolé, no assalto moveis o machado com os dois braços? .. E' assim mais forte o golpe... Está bem. Mas, uma porta não se parece com uma alluvião de homens... Lá dentro ha um grande incendio de cóleras... Quando o ar entrar alli virão as labaredas crestar-nos os peitos .. Essas chammas teem linguas de lança ..

— Tens razão, Gerinel, concordou Lillac, que até alli se tinha portado com tal ardor, que o peito lhe arfava ruidosamente.

— Mal podes falar, Lillac; é bom que descances... Mas, ia eu dizendo: quando houver a derrocada pode um braço só segurar o machado. Comprehenderam? O outro que segure a faca... Ha-as de sobra entre a nossa gente... Ora bem, Lillac, vae com os sevilhanos assaltar as trazeiras do Palacio.

— E' d'aquelle lado que está Zampa...

— Por isso mesmo, Pepe move-o a nosso favor... aperta-os, com grande alvoroço, para que estes, quer pretendam fugir, quer atacar, aqui fiquem rechassados...

— E ficas aqui com gente bastante?

— Bastante, e de confiança...

— Vinde commigo, gritou Lillac, dirigindo-se ao troço do seu commando.

E o bando, a correr, seguiu Lillac, que tornejou o solar de Deza.

Gerinel, que dispuzera a sua gente, e até a augmentára na fila da vanguarda, encostou o ouvido ao batente desconjuntado.

Ouvia-se distinctamente a respiração dos lanceiros e alabardeiros esperando o novo assalto.

— Lillac deve ter invadido a cêrca — e esta posição é muito exposta ás hostes do regente, que não podem demorar-se... pensou o chefe.

Depois, afastando-se para o lado dos seus companheiros, gritou em *gitano,* para assim avivar melhor o odio de raça d'aquelles contra a gente da Inquisição:

Iéqué, dui, trin!

E a grande mole humana, n'um arranco brusco, cahiu sobre a porta que tinha na sua frente, com toda a pujança d'um ariete sobre as muralhas das mais valentes fortalezas.

Não foi um assalto de homens — foi um raio do céo! Ouviu-se estalar todo aquelle valente postigo do inferno da Hespanha, como se o chão tivesse aberto e desequilibrado a tosca architectura d'aquella horrenda fachada!

Meia porta feita em estilhas desabou sobre as lanças dos guardas que, de dentro, mal puderam sustel-a.

As grandes brechas eriçaram-se de pontas d'aço e ferro sustentadas por braços de guerreiros... O grande madeiro nem logo foi ao chão, que a amparal-o estavam muitos elmos polidos, por onde resvalou, até bater no lagedo, com estrondo enorme, levantando nuvens de pó, que a todos envolveram e cobriram.

As lanças, que primeiro irromperam da escura garganta, logo atravessaram os peitos dos que, na furia do ataque, esqueceram a voz de retirada. Inosca, de machado erguido, vingou os companheiros, derrubando, d'um só golpe, as cabeças d'alguns contrarios.

Gerinel, sempre arrojado e sereno, commandou a investida; levantando, n'uma das mãos, uma alabarda partida, e, na outra, a sua grande faca de combate.

— Abaixo a Inquisição! gritou, com voz possante.

— A mim, companheiros! gritou ainda, e deu um salto para a frente, seguido dos seus homens, que, baixando a cabeça uns, quasi de rastos outros, avançaram, prolongando as armas contra o peito dos soldados de Deza!

E o novo rei dos ciganos a todos animava, com gesto largo e voz em grita:

— Vivam os nossos mortos!

Terrivel encontro, em que o aço se tocou e as hastes se partiram, umas contra as outras, e, d'um e d'outro lado, embebidas nos peitos dos luctadores.

— E o novo rei dos ciganos a todos animava

Alguns corpos embaraçavam o accesso, mas a cegueira não dava tempo para distinguir entre mortos e feridos, e, assim, os bandos guerreiros e populares saltavam sobre elles, surdos aos gemidos dos que esmagavam e ao sangue em que banhavam os pés!

A onda arruaceira crescia com a resistencia, e de longe vinha ennovelando-se e rugindo, até se despedaçar de encontro áquelle rochedo fluctuante, porque, ora desapparecia nas sombras da abertura, ora se apresentava á luz do sol fazendo brilhar armas e armaduras ..

Occultos na meia porta ainda cerrada, ou do outro lado, abrigados com o muro da arcaria, alguns ciganos, armados de ferros, que se elevavam contundentes e se baixavam cortantes, inutilisavam a sahida dos que n'esta se empenhavam com tanta furia e denodo!

Mas, se o povo avançava sem temor, e se havia por fórma que nem um guerreiro só lográra, com vida, pisar o terreno da revolta, tambem a defêsa do Palacio se mantinha até não deixar que um pé inimigo transpuzesse o limiar da fortaleza! Parecia que a Inquisição estava gerando, em seu seio myriades de capacetes, que vinham succedendo-se á luz do sol, que esplendia com todo o brilho e com todo o ardor!

O ferino combate continuava quasi em silencio — voavam os golpes e as pragas em segredo, e, se não fôsse o choque das armas nas vestiduras metallicas, e a respiração offegante dos que já luctavam braço a braço, nos recantos da Praça, onde o povo comprimido exclamava — *abaixo a Inquisição! Morra Deza!* ninguem avaliaria a grandeza do conflicto e o numero de vidas que se estavam perdendo!

Gerinel, e os principaes, tinham já abatido muitas cabeças, ameaçadoras e terriveis d'essa hydra de ferro que se espreguiçava no portal, quando, de repente, como se tivessem sido impellidos de dentro por fôrças superiores e traiçoeiras, uns vinte homens, que melhor sustentavam a defêsa, se arremessaram, desprevenidos, de lanças em riste, mas mal cobertos, e em tropel, ao centro dos assaltantes.

A surprêsa a uns e outros desmoralisou, e, assim como os primeiros tinham sido cuspidos com brutal movimento, que podia vir do exaspero que anima a grandes temeridades, os de fóra recuaram apavorados...

Quebrára-se um dos anneis da grande serpente, que se debatia raivosa...

Passado o primeiro momento, desfeito o panico resultante da investida uns e outros se envolveram, e a gente d'armas, tendo sido fortemente apertada, rendeu-se á multidão, que a desarmou.

Inosca, que se mantivera no seu posto estrategico, espreitou o recebimento abandonado ..

A guarda de Deza, sentindo no interior do Palacio os effeitos da invasão de Lillac, movera-se, tão rapida e confusamente, que repellira os camaradas que, mais attenta e encarniçadamente, se defendiam dos rebeldes... Apparelhou-se, por isso, para se internar, offerecendo batalha aos que já andavam, talvez, a libertar os captivos e a sacrificar os religiosos e os familiares...

Os assaltantes tinham o caminho aberto!...

Então, Gerinel mandou que os mortos fôssem arredados, para que a entrada ficasse desembaraçada, e, tendo sido obedecido, subiu os pequenos degraus, e com a faca bem erguida, tintos de sangue a lamina e o cabo, falou á turba com a suggestiva eloquencia dos grandes cabecilhas.

— Povo de Sevilha, habitantes da Triana... christãos, judeus, mouros, christãos-novos, parias de todo o mundo... miseraveis de todas as classes, escravos de todos os poderosos! Chegou a nossa hora! Em nome dos nossos Deuses, pela liberdade da nossa fé, arrisquemos a vida para salvar a d'estes martyres que nos esperam, e nos hão de abençoar. Que nunca mais tenhamos vergonha de Teruel, Saragoça, Jaen e Cordova... No inferno a alma de Torquemada e de Pedro Arbués reclamam a do arcebispo de Sevilha. Gitanos da Hespanha, vinguemos a morte de Samuel! Mouros de Granada, vinguemos os filhos d'essa raça submissa e convertida! Vinguemos, judeus pobres e ricos, o roubo das vossas vidas e riquezas! Christãos novos, vinguemos a burla do nosso baptismo, que nos humedeceu a cabeça, e não chegou para apagar o fogo do supplicio! Christãos velhos, crentes, puros! vinguemos, em fim, Jesus Christo, que é atraiçoado por esta tribu de Judas, que o infama e calumnía! Vamos rapazes:

«Abaixo a Inquisição. Abaixo o Inquisidor!»

E Gerinel, puxando Inosca por um braço, invadiu aquelle inferno religioso, onde se ouviam pelos seus longos corredores, pateos e claustros, desde as torres mais altas até os subterraneos mais profundos, os gritos de dôr e de enthusiasmo, que affirmam a convulsão de paixões e de fôrças.

E a gente da rua, soltando acclamações e apostrophes, seguiu em tumulto o ousado caudilho, que era apenas um vagabundo e um salteador!

Os ultimos eram os primeiros a salvar a honra do mundo christão em nome da justiça e da liberdade!

* * *

A desordem não esteve limitada ao assalto da Inquisição! Mal a fôrça publica convergiu para os pontos da cidade em que mais havia que guardar e defender, se o povo seguiu o curso natural de uma revolta, o popu-

lacho, que é uma camada que nunca se allia ao povo senão para o deshonrar, aventurou-se a diversas empresas, contando com a impunidade.

Foi assim que alguns *garduinhos*, dos que estavam no segredo da conspiração e tinham resolvido pescar com a rede do seu engenho os despojos que sobrenadassem n'aquelle mar de gente á hora do naufragio, ainda o povo não se tinha precipitado para os lados do Palacio, andavam rondando nas immediações d'este, espionando a gente do alcaide, ou talvez preparando cilada aos devotos, que entravam e sahiam da Inquisição.

Alguns dos espiões eram nossos conhecidos, emeritos rufiões que um dia encontrámos, em aventuras sangrentas, sobre a ponte de Triana, mal avindos com a espada buliçosa de Pepe...

O dia esforçava-se por illuminar o horisonte, mas ainda conservava em trevas a formosa cidade andaluza. Mal se distinguiam, na grande sombra projectada pelo sinistro edificio, os vultos de homens que tinham a grande arte de se escoarem, negros e rapidos como reptis.

Foi então que á porta acanhada, quasi sumida no muro da grande cêrca, parou uma liteira fidalga, de caixa alta e guarnições de talha, conduzida por escudeiros de pomposas librés.

A luz trémula d'um lampeão, mais destinado ao culto de um nicho sagrado, que a illuminar a calçada, denunciava tanto apparato e luxo a quem passasse a pouca distancia!...

Os dois escudeiros sentaram-se no poial.

Esta liteira tão rica, batida por aquella luz tão pobre, congregou, na esquina proxima, as sombras de dois homens, com certeza dois ladrões.

Diziam elles:

—Repara bem, Paco... Deve ser aquella a liteira... Não lhe vejo os brazões, mas reconheço a talha do alçado...

—A quem tu o dizes?! Se eu não a conhecesse, quem havia de conhecel-a? Quantas vezes tem aquella gaiola conduzido ciganas e fidalgas a casa da Mercedes!... Se o dia se adeantasse um pouco mais, verias na portinhola as armas de Travanca...

—Conheces o negocio d'esta noite?

—Talvez. Ouvi falar n'uma fidalguinha portugueza, protegida da embaixada...

—E' talvez aquella *maja* a quem Deza appeteceu, mas que afinal terá de confiar a outrem, por ser extrangeira...

—Será rica?

—Deve ser... Se o Morgado a protege...

—Mas aquella porta é a dos aposentos do arcebispo. Talvez que ella saia em companhia do Inquisidor!

— Pateta! Deza não sáe hoje do palacio. Tem muito que fazer, e elle, em dias de auto de fé, não se fia de toda a gente...

— N'esse caso valia a pena tentar...

— Isso conforme. A liteira agora nada vale, e a joia que n'ella entrar talvez tenha escolta, que nos afugente.

— Parece-me negocio de segredo, e os segredos não admittem nem peões nem cavalleiros, que façam alarme...

— Espera... Não ouves? Os escudeiros ergueram-se... A porta abriu-se... Vae sahir alguem.

— E não ha dúvida que é uma mulher... Deve ser a fidalga da outra Extremadura...

— Tem figura de rainha! Se tirasse os braços debaixo do manto poderiamos avaliar a côr dos atavios...

— E se nós vissemos tudo isso?

— E' cedo ainda... Se a dança já tivesse começado, não haveria medo nem dos serenos, nem dos esbirros, nem do alcaide...

— E vão só os dois escudeiros! Sabes o que é melhor?

— Dize. Farei o que indicares.

— Vale mais um segredo que uma bolsa. Isto pode ser negocio que dê... Tu, Paco, vaes na piugada, e de tudo tomarás nota. Eu fico por aqui... Quem sabe o que esta porta particular poderá conceder-nos... Deza está lá em cima, e, se os ciganos vierem, espreitarei os acontecimentos.

— Vaes por elles?

— Isso conforme... Se vencerem, podem contar commigo... Mas se as hostes do Regente os puzerem em debandada, talvez me convenha mais salvar o arcebispo... Faremos hoje de boas pessoas...

— Está dito. Isto é jogo mais limpo e menos perigoso. Seremos todos humanidade. Eu, se fôr preciso, salvarei uma mulher, e tu um homem...

— E que homem! E que mulher!

— Ora, pesa-os a ouro e verás quanto nos fica...

— Bem; a liteira parte e a princeza não reclama...

— Toma tento, Paco: é necessario saber, ao certo, para que gaiola vae aquelle passaro. Cada uma das nossas palavras, ou cada momento de silencio será bem pago...

— Por quem? Pelo Morgado?...

— Ou pelo Arcebispo, que o Diabo tambem ás vezes se mette a frade.

— E se eu não puder seguil-os?

— Isso não se pergunta. Um *gardunho* tem sempre um meio de sahir das difficuldades...

— Atiro-me sósinho?

— Estupido! Quem fala em te atirares? Se houver tentativa de vôo, approximas-te da liteira, como se fôsses da parte de Deza...

— E que hei de dizer?

— Não digas nada; vê. Depois de se vêr é que se fala, e nós ainda não sabemos se é bom vêr para falar, ou para estar calado... Comprehendes?

— Comprehendo. O indispensavel é reconhecer a dama...

— Isso, e mais o paradeiro... Vae, que a caça anda depressa e pode perder-se pelo matto...

E Paco, mettendo o corpo nas sombras dos muros, desappareceu atraz da liteira.

LXVI

A Repressão

Eram diversos os episodios que, quasi á mesma hora, estavam sendo representados dentro e fóra do edificio da Inquisição.

Uns procediam dos agentes da revolta, outros dos que planeavam a defêsa. Na verdade, porém, o ataque tinha mais zelo ao seu serviço, que a resistencia.

Deza entendera-se com Henrique Nunes, e recommendára-lhe que não fizesse alarde de precauções. Além de acreditar pouco na ousadia dos ciganos e dos judeus, o arcebispo, se tinha necessidade de livrar-se de perigos sérios, não desejava menos provar que de nada se arreceiava. E tudo isto muito por orgulho, mas muito mais por habilidade... Tivesse elle só a ameaçal-o a canalha de Sevilha, que a licção, que elle houvesse de dar, seria esmagadora! Mas, não; Deza tinha o presentimento de que havia no alto funccionalismo inquisitorial quem se achava disposto a animar descontentamentos e rebeldias contra a sua auctoridade.

Conseguira restaurar o seu poder, mas não pudera livrar-se dos seus inimigos. Eram fortes de mais os que lhe queriam mal!... Cisneiros libellava contra elle, nas mais altas regiões. O Regente ardia em desejos de se desembaraçar de alguns inquisidores, que melhor se entendiam com o Papa que com o throno de Castella.

Não preparara a côrte o motim cordovez, mas, nem por isso, deixára de folgar com elle... Pelo menos, Lucero tivera necessidade de abandonar as suas funcções...

Fernando V comprehendera que Filippe I conseguira, em poucos mezes de reinado, uma forte corrente de sympathias. E porque? Porque os abusos dos inquisidores tinham irritado o povo, sem augmentarem o prestigio da corôa. O conselho do cardeal Ximenes não visava, apenas, a abater a cerviz dos fidalgos... A Egreja ia affirmando de mais o seu feudalismo dentro do estado... Procurar unir as diversas provincias da Hes-

panha e deixar dividir e enfraquecer o poder real, sobre a consciencia dos seus subditos, era uma incoherencia, pelo menos.

Deza descobrira, nas suas relações com o throno, que alguma coisa se machinava contra elle.

Se reclamasse grandes soccorros, se manifestasse grandes receios, era possivel que o Regente lhe aconselhasse a solução mais prudente — demittir-se. Ficava-lhe o arcebispado, que já não era mau.

Ora, o ser apenas arçebispo faz grande differença de ser, cumulativamente, arcebispo e inquisidor! O poder espiritual não bastava, para servir cabalmente a Egreja, e o poder temporal estava mais na Inquisição que no Alcazar. .

E pensava bem o arcebispo...

O seu plano consistia, pois, em haver ás mãos, muito disfarçadamente, os inimigos; vencel-os, prescindindo dos soccorros do Regente.

Por tudo isto a defeza tinha sido organisada muito discretamente. Da gente do tribunal, apenas o famulo Henrique Nunes sabia do que se esperava e preparava. Todo o outro pessoal, desde os esbirros mais réles até os juizes do mais elevado conselho, ignoravam a aventura.

No que Deza pensou, com maior cuidado e escrupulo, foi na salvação da sua pessoa. O espectro de Pedro Arbués perturbava-lhe o somno, e, como não dormia, planeava os ardis, que haviam de assegurar-lhe a fuga, no momento mais perigoso.

Não teve, portanto, dentro do palacio mais gente armada que a do costume, em dias de supplicios. Sevilha que se defendesse, que, para isso lá estava o alcaide e o governador militar. Para defender a Inquisição aproveitou-se do trabalho do seu espião dilecto... Zampa, despeitado com os seus, passaria a noite no vasto quintalão do Palacio, com gente armada regularmente e com sciencia muito particular da tactica dos ciganos... A revolta muda poderia chegar a ter o caracter de sedição, porque o povo, passado o primeiro momento, cahiria na sua habitual e piedosa indifferença!... Depois, contados os assaltantes, a repressão tornava-se facil. Por fim, quando as classes dominantes na cidade comprehendessem que as suas vidas e fortunas podiam ficar á mercê da bandidagem revoltada, seriam pelo inquisidor, contra o governo da regencia.

Nada d'isto, porém, era isento de temores. Tivesse elle a velha auctoridade, e não receiasse provocar uma crise, que o despojasse do saldo de poder que ainda lhe confiavam, e Sevilha encher-se-hia de sangue ao nascer, e de cinzas, ao pôr do sol!

Logo que o tumulto se manifestou nas praças e ruas, o arcebispo chamou a si o seu famulo.

— Realisou-se a tua prophecia, Henrique. Que dizem os teus agentes?

— Os primeiros que chegaram diziam que apenas se tratava d'uma pequena desordem, tendo-se accrescentado o alvoroço com o terror dos forasteiros, que andavam visitando a cidade. E, depois. o conflicto tornou-se mais grave. Appareceram, a pouco e pouco, os ciganos armados...

— Quantos serão?

— Os que se batem lá em baixo com os homens do Regente não chegam a um cento, mas estão auxiliados ..

— Por quem vaes?

— Se não chegarem reforços, vou pelos bandidos...

— Por que espera, então, o alcaide?

— E' provavel que pela vossa exoneração...

— Que Deus me livre de tamanha cobardia!

— Se me permittis um conselho?...

— Fala.

— Por que não fugis?

— Fugir? Agora? Em qualquer das ruas de Sevilha seria prêso e apunhalado...

— Então quereis que vos apunhalem aqui? Lembrae-vos de Arbués e de Lucero. Vive este, porque se defendeu.

— Nem vou ao encontro d'elles, nem os espero... escondo-me. Estas paredes estão cheias de segredos, que eu só conheço...

— E, se o povo lançar fogo ao Palacio?!...

Deza estremeceu, e ficou um momento pensativo.

— N'esse caso. resolveu-se a dizer o arcebispo, trémulo e pallido, irei por uma das galerias subterraneas ao deposito da *Gardunha*. São dez minutos de caminho...

— Tendes ainda confiança n'essa gente?

— Porque não? Tambem a traição a envenenou?...

— Quem sabe! E' bom que saibaes, monsenhor, que veiu dinheiro do marquez do Priego, e que o chefe tem recebido emissarios do cardeal arcebispo de Toledo e de João Enguero...

O Inquisidor ficou ainda mais perplexo.

— És então de parecer que estou perdido? Vamos. imbecil, só agora descobriste tantos perigos?

— E' que a rua, senhor. tem tambem segredos. que só ella conhece.

— A rua? E o alcazar por que não!

— Talvez tenhaes razão. Já vêdes, pois, que tambem a tenho.

— Resta-me o recurso maldito de subir á torre e precipitar-me d'ella sobre essa horda de selvagens? E' isso só que me aconselhas? Manda-me então, o Morgado que é homem de mais audacia e perspicacia...

— Esse desappareceu! Pelos modos, em vez de esperar Jacob para o conduzir ao patibulo, foi em busca de Sarah, que lhe confiastes...

Deza bateu com o pé no chão.

— E' de mais! Todos me atraiçoam, e tu bem pareces estar entre os traidores... Toma cuidado commigo, miseravel, que se a fortuna me sorrir, n'esta hora mais proxima, serás o primeiro que esta tarde gemerá sobre as fogueiras...

— A dôr perturba-vos o entendimento, monsenhor... Bem sabeis que sou vosso leal servidor. Sois injusto para commigo... Se vos mostro, fielmente, a situação, é porque não quero enganar-vos... Estou pensando...

— Não ha tempo para pensar... Não ouves já que, á algazarra da população, se junta o martellar dos assaltantes?

— E' n'estes momentos que os homens precisam de maior serenidade e reflexão. Bem sabeis que sou ambicioso, e só penso em merecer-vos maiores honras e proventos. Pois, não é verdade que poderei contar com a vossa generosidade e o vosso poder?

— Pede o que quizeres...

— Está bem, está bem... Vou dizer-vos o que me occorre.

— Depressa! Depressa...

— E' possivel que o assalto seja coroado de bom exito, e Gerinel consiga invadir o palacio... Cá dentro a lucta é mais difficil, e temos ainda cincoenta homens folgados e obedientes — Entre estes e a gente de Zampa, os salteadores poderão ficar esmagados...

— Sim, continúa...

— Este retiro não é de facil accesso, e a sorte das armas poderá resolver-se antes que vos defronteis com os herejes triumphantes ..

— Dizes bem; mas depois? Não ouves as acclamações na rua? Quem sabe se os nossos já estarão vendidos...

— Tendes em vosso poder a viuva de Samuel... Mandei que a detivessem nos aposentos de Sarah... Se a collocardes, sob o vosso braço, tereis n'ella o preço da salvação...

— Lembras bem; acceito... Que a cigana venha para junto de mim!... Ordena que m'a tragam immediatamente... Salva-me, Henrique, e farte-hei rico e poderoso!

Henrique Nunes não agradeceu; abriu a porta e disse a um dos esbirros, que a guardavam:

— Traze immediatamente a mulher, que está na camara de misericordia, á presença de Sua Eminencia.

O esbirro partiu ligeiro.

— Agora, Monsenhor, sabeis o que vos cumpre fazer?

— Sim, acudiu o arcebispo, deixando que um sorriso contrafeito lhe acalmasse, apparentemente, o rosto transtornado.

E, depois, tirando um estylete assassino debaixo das vestes sagradas:

— Se as lanças dos herejes ameaçarem o meu peito, Suzanna voará ao encontro de Samuel! O Inferno é immenso — cabem n'elle todos os marranos e as suas barregans...

— Monsenhor, disse friamente, o espião. O dito, dito. Se vos salvar, serei poderoso como um principe christão, e rico como um judeu onzeneiro.

E sahiu.

Deza passeiou agitadamente, parando algumas vezes, para ouvir melhor o alarido, que a multidão fazia para animar a gente da Triana a invadir aquelle asylo de torturas e de morte.

— Se ainda terei tempo? pensava elle. Se me faltam refens n'esta lucta de barbaros, estou perdido! Ah! mas se triumpho, a Hespanha ficará sabendo quanto vale a vingança do grande Inquisidor! Até Deus ordenar que suspenda a minha cólera hei de expurgar a egreja e a religião de todas as heresias, a ferro e fogo! O judeu Moysés separou as aguas do mar vermelho para fugir aos seus inimigos, e eu, christão catholico, apostolico, irei em ondas de sangue, a esmagar os meus! E o futuro me erguerá o vulto nos templos mais luzidos, e toda a christandade ajoelhará aos pés do meu altar! Fernando V! Julio II! vós que me abandonaes, valereis menos que eu, aos olhos de Deus e da Historia!

* * *

Eram seis horas e meia da manhã, quando, sobre o muro da cêrca, nas costas do Palacio, junto de uma pequena azinhaga, por onde ninguem se atrevia a passar á hora do sol, quanto mais antes d'elle apparecer, caiu, com ligeiro ruido, o gancho de uma escada.

Logo, da parte de dentro, a sentinella fez o devido alarme:

— Cuidado, companheiro: se queres entrar sem bater á porta, mostra o rosto, que talvez te deixemos vir pelo caminho mais curto...

— E' gente de paz. Quasi cigano da Triana e muito habituado á mu-

sica dos pastores da serra... Se dás licença, trépo e converso, mesmo de cima do muro, em negocios de Estado...

— Dize primeiro a que vens. Se és contra a Egreja, contra o Santo-Officio e, especialmente, contra monsenhor, o inquisidor-geral, não ouses pôr a cabeça onde puzeste as mãos ladinas d'essa escada de namorado... Por Mafoma, por Moysés, e até por Jesus, te juro que te espéto os olhos com a ponta da minha lança...

— Gosto de ti, rapaz. Bem se vê que tens bom mestre. E' assim que Zampa educa os seus camaradas...

— Dá-me o santo...

— Isso era bom! Se tivesse essa coisa, não estava d'este lado á espera de ser recebido...

— Ao menos a senha...

— Esses esposos nunca se separam. Tambem não conheço essa senhora...

— N'esse caso afasta-te, se não queres ter desgôsto serio...

— Era o que faltava! Venho de longe, chego aqui quasi só, quando podia chegar mais tarde em tão boa companhia! e hei de ir-me embora, sem pôr a minha espada ao lado das vossas alabardas, gentis escudeiros! Isso nunca!

— D'onde vens?

— D'onde venho? Venho de toda a parte... Por exemplo, venho da serra, e passei pela cabana de Gerinel, no tempo em que Zampa era dono d'ella.

— Queres que chame Zampa para te reconhecer!

— Ora ahi está o que já devias ter comprehendido! Que o chefe me escute, que na minha voz elle descobrirá todas as *senhas* de entrada e todos os *santos* da côrte do céu...

— Falas o *gitano?*

— Arranho o castelhano, e respondo por mimica ao catalão, mas isso não faz mal, porque Zampa fala hespanhol como o Regente, e, para o *gitano,* trago commigo quem o bebeu com o leite...

— Espera um pouco, disse a sentinella.

Houve alguns momentos de silencio.

Zampa, que estava deitado debaixo de um telheiro, levantou-se, mal o chamaram, e veiu collocar-se proximo do muro.

— Dize, a quem procuras?

— Salve-te Deus, velho Zampa! Tens aqui, em carne e osso, dois amigos velhos, por signal inseparaveis — Pepe, que foi empregado da casa e precisa de receber os ordenados, e Eva, que mudaria os olhos em estrellas, se pudesse vêr a infeliz Suzana.

— Sê bemvindo, Pepe, se és dos nossos e se não és recoveiro de fardos muito pesados...

— Leve o corpo e mais leve o alforge! exclamou alegremente Pepe, mostrando o busto sobre o muro, que rapidamente cavalgou.

— Está bem, rapaz, está bem! Muda a escada para este lado, e vem conversar, que podes ser util...

— Assim o espero. Nem cá viria se não pudesse servir-te. Mas isto não vae a matar... Não entro sem te apresentar a minha senhora...

E, estendendo as mãos para o lado opposto, apresentou Eva, que, n'um salto, ficou de pé sobre o muro, apoiando-se nos hombros do pastor de Lorvão.

— Aqui te apresento a *señorita* Eva Gonçalves y Gonzalez, meia hespanhola, meia cigana e já meia portugueza! Se tens ahi uma lança, ou uma espada, podes confiar-lh'a, porque vale mais que os escudeiros da côrte, que os guardas do Santo Officio, que os *guapos* da *Gardunha* e até que os salteadores da Serra Morena. Esta mulher é um homem ás direitas; só para mim é que é mulher. E isso basta...

— Pepe tem razão, ajuntou Eva com o melhor dos seus sorrisos. Sou o que qualquer outra mulher seria ao lado d'elle... Andamos a amar pelos campos, como os passaros mais ladinos, e como as nossas vidas completam uma só, imagino que Pepe tem braços para duas lanças e coração para duas obras bôas.

— Vindes então com dois fins? perguntou Zampa.

— Tal qual, meu velho amigo. Vimos restituir-te a filha e procurar a nossa mãe.

— Oxalá o consigas, Pepe. Emquanto a Suzana poderás ter esperanças, mas a respeito de Timeata, só terá o meu perdão á hora da minha morte.

— Pois sim, essa hora talvez não esteja longe... Quem sabe se hoje todos nós chegaremos a essa hora!... Vamos conversar, Zampa, que os nossos conselhos são leaes. Olha bem para nós... Qual se parece com o perfido espião de Deza? Eva foi, e é ainda a primeira mulher, e eu, mesmo expulso do Paraiso, emquanto Eva estiver a meu lado, estarei de bem com Deus. Queres ouvir-me, desço; se não queres, desço para o outro lado, mas subo mais tarde, senão melhor, mais numerosamente seguido...

— Desce, se queres... Preciso de noticias.

— Toma cuidado, Zampa, que eu não estou disposto a cair em armadilhas... Quero ser leal comtigo... Se queres parlamentar, entendamo-nos, a distancia.

— Fala então...

— Gerinel vae invadir o Palacio pela frente; outros o invadirão pelas torres e pelos terraços... E' possivel que alguns surjam dos subterraneos... A cêrca não pode ficar isenta... Que tencionas fazer?

— Servir o Arcebispo, que, afinal, não é mais ingrato que os filhos e os companheiros...

— E' que não sabes que a causa de Deza está perdida, não tanto pelas ameaças da rua... De cima lhe chovem as excommunhões... Ainda que fique vencedor, Deza deixará hoje de ser Inquisidor... Com que contas então? Perder a vida em defeza dos inimigos dos teus? Bonito papel, não ha dúvida!

— Assim o quiz a sorte! Por aqui ninguem entrará, emquanto não forem quebradas as lanças do meu commando...

— E, se apparecerem por ahi tantos quantos os vossos... serás contra os da tua raça e da tua fé?

— Resolverei depois, em frente d'elles...

— Pois bem, vou dar-te noticias. Por este lado avançará Lillac, e Maria acompanhal-o-ha para vir em soccorro do seu homem. Vamos, *gitano* d'uma figa, que poderás resolver entre Timeata e o arcebispo?

— A minha morte!

— Isso não é de gitano, nem de mouro, nem de judeu, nem de christão!... A vida não se vende barata... Não te lembras de que estão erguidos os cadafalsos para mais d'um cento de victimas! Porque não te associas a nós para as salvar?

— Fiz um juramento!

— Todas essas coisas se fazem e se desmancham, quando é necessario fazer bem. Nem sequer calculas que poderás ficar só! O que fará a tua gente quando se defrontarem com irmãos e amigos? Deixar-te-hão, chamando-te traidor e renegado...

— Ou eu, ou Gerinel! se elle alcança a invasão, arrancar-lhe-hei das mãos a victoria, que devia ser minha.

— Ouve, meu amigo, interveiu Eva, é necessario vingar a memoria de Samuel. Preciso de ir rezar sobre a sua sepultura... Zampa, o desgraçado enviou a sua alma a fortalecer o braço do teu rival, que, afinal é tambem teu filho. Tu és christão, e, pela Virgem, te peço, que não deixes morrer os nossos irmãos nas sombras d'esse abysmo!...

— Eva tem razão. Porque só obedeces á tua vaidade e ao teu orgulho?

— Talvez seja assim, meus filhos, mas a verdade é que vendi a alma ao espião...

— Tu és bom, Zampa, e não has de querer a morte de tua filha e a desgraça de nós todos, continuou Eva.

— Mas, para que me estão affligindo, se a Triana não se revolta!

— Escuta. Não ouves a vozearia que lá vae! Ahi tens a Triana... Vae correr o sangue da tua raça!... Não ouves já o ruido do assalto? Rei dos ciganos, retoma o teu poder!

Zampa sentiu-se profundamente abalado.

— Olá, rapazes, pegae nas armas, que temos um dever a cumprir, gritou elle.

A ciganada, que se estendia sobre a relva, ergueu-se rapidamente, e affluiu, em chusma, armada com as melhores armas da panoplia da Inquisição.

Pepe aproveitou o momento:

— Ciganos de Sevilha! os nossos irmãos batem-se encarniçadamente com as hostes do Regente e as guardas de Deza... Que quereis ser? Esbirros do tribunal, ou vingadores d'uma raça perseguida?

— Que respondes, Zampa? perguntou um lanceiro mais audaz. Disseste-nos que estavamos aqui para defender os nossos... Enganaste-nos?

— Enganei... Trouxe-vos para evitar uma loucura. Gerinel é um louco, que vae sacrificar-nos, arrastando-nos a uma lucta desegual, fatalmente desastrosa!...

Pela curva da azinhaga rebentou o tropel de Lillac.

Eva, de pé, sobre a muralha, agitou o lenço vermelho, que traçava sobre o peito.

— Eil-os que chegam!...

— São os nossos? perguntou o lanceiro, com o olhar chammejante.

— Ouve a resposta, gritou Eva.

E fóra irromperam os gritos:

— *Abaixo a Inquisição. Morra Deza! Viva a Triana!*

Estes gritos, como se tivessem sido repetidos, echoaram dentro da cêrca, com a mesma energia.

Zampa estava vencido pela segunda vez!

Ao ver-se exautorado, puxou da faca que trazia no cinto.

— Por aqui, por aqui... indicou Pepe aos revoltosos que chegavam.

E logo, em toda a extensão do muro, surgiram cabeças, e depois, corpos que se deixavam escorregar sobre a terra revolta.

Pepe e Eva dirigiram o assalto, e, afinal tambem desceram pela escada de que já se tinham servido.

— Quem és tu, meu bravo, que assim nos livraste d'uma refrega sangrenta e ingloria? perguntou o pastor, dirigindo-se ao rebelde, que interpellára Zampa.

— Quem sou? Um irmão do mouro Samuel! A Inquisição poz-me a cabeça a premio... Está bem, vamos todos levar-lh'a!...

— Todos não, que está aqui um cobarde que não partilha no premio.

Lillac descobrira Zampa estirado no chão.

Pepe foi levantal-o, mas logo o deixou cahir desamparado...

O velho tinha a faca cravada no peito!

— Imbecil! murmurou o mouro. Este miseravel quiz provar que, até entre os *gitanos,* os reis são sempre assim...

E, depois, erguendo, bem alta, a sua lança:

— Por Mahomet! gritarei Viva o Santo Officio! Viva o arcebispo! A traição dobra-nos o numero...

E a chusma invadiu as arcadas claustraes que communicavam com o interior do Palacio.

Eva e Pepe ficaram atraz, e pararam occultos no pilar d'um dos arcos, apertando as mãos.

— Eva!

— Pepe!

— Troquemos dois beijos...

— Que talvez sejam os ultimos...

— Juras, Pepe?...

— Juro, seja o que fôr!

— Se eu morrer, morrerás tambem?

— Sim; e mais ainda, que te conheço: se eu morrer tu morrerás a meu lado.

— Mas, antes, empenharemos as nossas vidas na salvação...

— De Jacob, disse Eva:

— De Suzana, concluiu Pepe.

E, de mãos dadas, como se fôssem correndo alegres, por um jardim, desappareceram nas sombras d'aquelle abysmo!

*
* *

A lucta tomou um novo aspecto... o mais terrivel! A batalha já não se dava em campo aberto, mas nos meandros d'um labyrintho... Ha quem alcance a distincção? N'esse caso deverá imaginar a differença...

Uma lucta nos caminhos emmaranhados, que só Dédalo poderia ter construido, é uma lucta monstruosa! E' assim que as almas devem luctar no Inferno!

O Palacio da Inquisição não era producto da imaginação de qualquer

architecto do seculo xv; foi obra de Athenas, dirigida pelo chefe da raça dos dédalidos, que na Grecia floresceram no estudo da grande arte... Aquillo era obra coeva de Minos e Theseu!

Dédalo, que deu olhar e gesto ás estatuas, cegou os homens no labyrintho de Creta!

Foi elle, sem duvida, que construiu aquella casa maldita, por tal forma, que quem n'ella entrasse não saberia como sahir...

Só um deus pagão, que foi capaz de construir uma fortaleza inexpugnavel para guardar os thesouros d'um rei, poderia ter construido aquella escura Babylonia!...

Se não foi elle, foi decerto o seu filho, com eguaes prendas... Mas, se acaso em tal pensou, decerto ao cahir, por ter perdido as azas de pennas, pegadas com cera, não logrou acertar com os segredos da sua obra!...

Complicada planta a d'esse edificio! Que de caminhos! que de segredos! que de surprezas n'aquellas linhas, n'aquelle chão, n'aquellas paredes!

Como era possivel ali affrontar um adversario? Palacio maldito, cheio de portas falsas e de alçapões por onde tudo desapparecia, e apparecia, n'um momento! Palacio magico, ou infernal, se quizerem, com vozes que provocam, e echos que se affastam, com vultos e sombras, com muros e espaços, paredes que se levantam. portas que se improvisam, luzes que se apagam, escadas que se invertem!

Lançae ahi um punhado de homens, e mandae que elles avancem... Cegarão os que vêem, emmudecerão os que proclamam, cahirão os mais firmes, levantar-se-hão os derrubados!

Os inimigos arremessarão os golpes, e ficarão firmes e invulmeraveis, como espectros!

Quem conhecia o Palacio na sua estructura traiçoeira? Em que degrau se poria o pé, na certeza de que aquelle não desapparecesse? Em que lagea não havia uma força occulta, que não abrisse uma sepultura? Um grito tinha mil repercussões, ou morria abafado, como se tivesse rebentado n'uma tumba! Subia-se uma escada, e no patamar havia... uma escada que descia! Um quadro sombrio era uma porta, que dava para a luz... Depois de se andar muito chegava-se ao ponto da partida! Julgava-se ter subido aos terraços, e encontravam-se os grandes subterraneos!

Não havia duvida! Dédalo puzera a mão n'aquella planta do mais satanico architecto!

Como se conjugavam alli as muralhas? Como se poderia alcançar uma janella? Porque fugiam umas e outras? Porque tantas luzes surgiam de tantas sombras?! e porque tantas luzes se afundavam em negrumes!

Entrar no Palacio! Nada mais simples!... Bastava forçar uma porta... Forçando duas, havia duas entradas; Mas, para entrar para onde? Para a entrada!...

Por onde caminhar n'aquelle labyrintho de Sevilha, sem inveja do que deu nome e gloria ao symbolo dos artistas gregos? Aquellas muralhas e abobadas tinham todas as traições do moderno rochedo de Gibraltar!

Que de golpes podiam surgir de cada pedra! quantos olhos podiam espreitar por cada junta, ou em cada mancha!

Luctar na rua, no campo, á luz do sol, deante dos adversarios, aguentando as arremettidas, contando as lanças e os mosquetes, vendo os feridos e os mortos — era luctar... Mas alli! O que estava por traz d'aquellas columnas? quem esperava n'um recanto da galeria?

Andavam no ar mais ciladas que lanças! Os inimigos dissolviam-se... os feridos ficavam de pé, os derrubados erguiam-se de novo; fugindo, avançavam!

Nada peior que vibrar um golpe contra um corpo, e ferir apenas o espaço! Ver scintillar dois olhos, e defrontar-se com dois cirios! Caminhar atraz d'uma voz, e achar apenas um echo! Guiar-se por uma claridade, que não era mais que um reflexo!

A chusma que invadia o Palacio, achou-se, de repente, invadida... Com a vista acostumada ao sol na praça, avançou por entre nuvens densas como a cegueira...

Lá dentro fizera-se noite, sem luar e sem estrellas!

Cortinas de estofo escuro e espesso velavam todas as aberturas por onde o dia costumava entrar...

Os revoltados, que tinham avançado n'um salto, tiveram de parar n'um recúo... As trevas vinham lá de dentro, ás lufadas, e batiam-lhes nos rostos com tal furia que pareciam esbofeteal-os! Mal distinguiam, os assaltantes, nas pontas das hastes, as pontas das lanças, que levavam estendidas e aperreadas.

Em qualquer direcção que arremessavam as armas, não encontravam resistencia, mas ouviam o bater do aço... Eram alabardas que se chocavam, ou esporas que se arrastavam no lagedo? Para cada lado onde ouviam murmurios, se voltavam os vencedores, por se julgarem perdidos! Na volta, com as armas, assustados, tocavam os seus...

O chefe commandava sem decisão — parecia apenas prevenir e aconselhar...

É que na sombra não é só a luz que está vencida — tambem a voz, tambem o movimento... Ninguem clama no seio das trevas; fala em segredo; ninguem desembaraça o gesto — tacteia apenas... A escuridão

não nos cega só, tambem nos immobilisa... As sombras são uma venda, e são mais — tambem umas algemas, que nos prendem o pulso!

Luctar, sem luz, não é possivel, quando se não está eriçado de espinhos. É terrivel! Quando se combate visa-se um ponto, e o olhar é o grande regente do braço armado... Luctar sem olhos é offerecer o peito, e não defendel-o...

É n'esses momentos que se comprehende bem que o coração está na encruzilhada de diversos caminhos... Pela frente, por traz, pelos lados, todos os golpes vão parar a essa bifurcação de tão variadas arterias...

Que fórma ha de ter um escudo em tal refrega? A que nos envolva todo o corpo e nos prenda todos os movimentos?... Não é assim que um guerreiro poderá aggredir, ou defender-se!

A arte da guerra, alli, abdicára impotente e cheia de vergonha! Onde estava o commando? onde os camaradas? quantos os inimigos? de que lado seriam acommettidos?

Os passos echoavam em logares bem oppostos...

A turba fechára a porta com os corpos, isto é, apagára o unico raio de luz que poderia ir, como um archote, atraz dos aventureiros...

Em tal campo de batalha as hostes mais contrarias teem um unico uniforme, e o ferro, sem o olhar que o guie, não conhece os camaradas...

Nas relações com o mundo externo a intelligencia dos cegos tambem se apaga com os olhos... Apenas o instincto se illumina e manda, e o instincto é egoista...

O instincto é um cobarde; reage contra a intelligencia, contra as paixões, contra os vicios, mas, quando se encontra só, treme como um poltrão... Em cada um d'aquelles valentes. o instincto poz uma mordaça e prendeu os movimentos! Aquella grande fôrça converteu-se, n'um momento, n'uma grande fraqueza!

A chusma dos ciganos, obedecendo á cohesão do medo. parou petrificada! O grande exercito de sombras, que lhe fez frente, fechou-lhe o caminho e paralysou-lhe as armas.

Gerinel, que era o mais calmo, manteve o seu posto de honra á frente dos companheiros!

Com os olhos muito abertos, esforçava-se por atravessar com o olhar aquelle véo negro e susurrante, e, com a arma que empunhava. revolvia o espaço, prevenindo-se das traições. Nas suas costas, em montão, os seus homens, que, em segredo. perguntavam por elle, aconchegavam-se tanto, como se disputassem entre si o logar mais defendido... O instincto de defeza havia de ter aconselhado os que estavam na orla do grupo tão sombrio a imitar o exemplo do seu chefe...

— Rapazes! cheguem-se a mim, e voltem-se para lados diversos, como se estivessemos n'um circulo de esbirros. Em nossa frente abre-se a escadaria principal... avançaremos com cautella... Apalpem os degráus com os pés, e, com os ferros, as aves nocturnas, que esvoaçarem deante das nossas cabeças...

E Gerinel dizia isto em voz baixa, para não augmentar os echos que andavam pelas galerias.

E depois continuou:

— Jinoquio e Inosca, venham para meu lado!...

— Aqui estamos, disseram elles, batendo nos hombros do valente rapaz.

— Não ouves, Gerinel? Rodeia-nos gente armada, e vamos ser colhidos de surpreza!...

— É destino... Cumpra-se. Recuar é impossivel. A escuridão não é só para nós... Onde não vimos não podem elles ver... Lá em cima deve haver claridade. Se eu cahir, Jinoquio, toma o meu logar, e faze-me as exequias, enchendo-me a tumba com as cabeças d'estes vampiros.

Inosca murmurou tambem.

— Ha cirios lá em cima!

Effectivamente, n'aquelle céo de noite invernosa, brilhavam algumas estrellas.

— Que me importam os cirios d'este funeral, se a morte é aqui que esvoaça? Não lhe ouves o bater das azas?

Na rua uma grande cavalgada estacava á porta do Palacio, com tropel estrondoso e altas vozes de commando!

A multidão, ao ver que lhe cortavam a retirada, avançou, afflicta e clamorosa, para o interior. empurrando violentamente o troço dos ciganos indicisos...

— Para a frente! gritou o chefe, que um raio do céu ha de guiar-nos os passos. illuminando-nos o caminho!

E os ciganos avançaram... O que se passou depois, nem pelo alarido se poderia avaliar!

Foi uma lucta de titans sob aquelle morro de cantaria!

Os invasores avançaram cegamente, como se levassem os olhos vendados. vibrando golpes ao acaso, em todas as direcções, mas principalmente por cima da cabeça do chefe. Nada os deteve até chegarem ao primeiro degráu...

Alli havia uma columna de guerreiros... Os machados e as lanças dos ciganos encontraram esse obstaculo!... Quizeram, os que avançaram, recuar, mas não puderam. que a gente da rua, receiosa das hostes chegadas, fez mais que detel-as, empurrou-as...

Que de segredos aquellas sombras guardaram, então! Quantos homens, d'um e outro lado, sentiram os ferros a atravessar os corpos!...

Os que cahiram separaram os combatentes! Os corpos feridos, simulavam novos degráus d'essa negra escadaria.

Entretanto, de todos os flancos, a arremettida tomára o caracter feroz. Alli é que o instincto fazia prodigios!

O chefe não podia mandar! Um grito que soltasse serviria apenas para chamar sobre elle as armas, que o buscavam.

Preferiu saltar como se fôsse uma fera, abaixando a cabeça e golpeando, por baixo, os que, decerto lhe procuravam a cabeça!... Jinoquio portou-se como um leão; apenas com uma differença: mordia e devorava sem rugir! Inosca tornára-se epileptico — feria, fazendo um circulo com o machado de abordagem, pouco se importando de saber se dizimava os seus, se os contrarios! Ouviam-se gritos de quem matava e de quem morria! A cilada fôra armada com pericia... As guardas da Inquisição tinham livre a retirada; por isso feriam, avançando, e recuando, defendendo-se. Os golpes sobre os elmos indicavam, no ruido, que eram golpes perdidos.

A fôrça, que estava na rua, esperava apenas; quantos vinham até ella, armados, desarmados, feridos, ou apenas estropiados, se entregavam sem resistencia!... A multidão, que fôra aggressora, passára a espectadora! Ella propria ajudava já o desarmamento e a captura dos que se rendiam!

Deante do *Palacio* estava, pois, uma muralha, que apenas se abria para engulir os fugitivos. Por traz d'ella os camaradas de pouco antes se tinham convertido em esbirros.

Até aquelles que diligenciavam escapar-se, serpenteando, eram perseguidos e agarrados!

Os aventureiros tinham cahido no laço, e os proprios aventureiros o apertavam! Cada qual procurava explicar a sua presença alli.

No fundo todos estavam d'accôrdo — salvar a ordem e a santa religião! Queixavam-se d'um logro, já amaldiçoavam os ciganos! Estes é que já podiam pensar: lá dentro batiam-se com encarniçamento...

Morriam alli todos...

Tinham comprehendido a situação... Ainda que derrotassem aquelles, tinham de se haver com outros tantos...

Houve um movimento em que o medo pareceu generalisar-se... Nem uns nem outros sabiam quantos estavam de pé...

Foram os ciganos que arremetteram de novo...

E' que tinham ouvido enorme alarido no cimo das escadarias... Devia ser o esperado soccorro... E não se enganaram...

Fortes clarões illuminaram o patamar superior. Aos clarões succederam-se as chammas vivas d'alguns archotes!

Lillac foi o primeiro a apparecer... logo após a gente que lhe fôra confiada. Traziam tudo que faltava — a luz!

Os que chegaram acima olharam e viram... O quadro era horrivel!

Muitos cadaveres enchiam os primeiros degráus, e, n'um grupo central, muito unido, apenas meia duzia de gitanos se batiam, braço a braço, com gente viva sobre corpos inanimados... Gerinel estava ferido, mas ainda de pé...

Esta surpreza foi causa de novo armisticio... A luz immobilisou o quadro! Cada um se manteve na posição que alcançára na sombra! O que tinha o pé do adversario sobre o peito, deixou de se contorcer, e, o que estava por cima, ficou sobre o peito derrubado... Em cada rosto havia manchas de sangue, e estavam vermelhas todas as mãos como se estivessem pintadas de tal côr! Havia homens de joelhos, com as lanças erguidas a defenderem-lhes a cabeça, e braços no ar, com punhaes, que tremiam!...

A luz desceu a escadaria á frente de Lillac...

Um archote era a guarda avançada d'aquelle exercito de vagabundos.

Parecia que cada raio d'um foco cahira sobre os luctadores, prendendo-lhes os movimentos... Uma luz não desmancha só as trevas, mas tambem quanto n'ellas se pratica... Tambem, á noite, dos ramos dos arvoredos, os pardaes, surprehendidos por uma luz forte, estrebucham e cahem... Uma luz é um grito de álerta, quando apparece sem crepusculos e sem auroras! N'esse caso nem se lhe deve chamar luz, mas assombro...

A multidão chegou ao cimo da escada, soltou, mais uma vez, o seu pregão traiçoeiro a favor de Deza e da Inquisição.

Por isso, o assombro passou depressa, julgando-se os dois partidos com a ajuda de tamanho reforço!

— Emfim! exclamaram uns e outros, e o capitão das guardas e o rei dos ciganos, pensaram velozmente — estamos salvos!

— A mim, Zampa gritou aquelle; guerra de morte aos herejes e aos assassinos.

— A mim, Lillac, salvemos os brios da nossa raça!...

E, como podem correr com fragor as aguas d'uma cascata, augmentando, de pedra em pedra, a velocidade e o ruido, assim, o bando, que surgira, correu, com estrepito e valentia, pelos degráus gastos e polidos...

Ao chegar abaixo, para em tudo se manter o parallello, aquelle jorro humano, ao cahir sobre os grupos assombrados, os revolveu e misturou, com tal impeto, que os mortos e os vivos se envolveram em ondas, cobertos com espuma de sangue!

Foi tal o embate d'estas fôrças, tanto se confundiram e encarniçadamente pleitearam, á lança e a punhal, mordendo-se até com os dentes, que rangiam, que tão difficil era distinguir braços e golpes, á luz dos archotes, que affluiam de todos os recantos, como se a hecatombe se désse no seio das trevas que fugiam.

Os echos d'esta refrega chegaram longe, e, na rua houve um movimento de invasão...

Não chegou o tempo para reflectir e resolver... As guardas do Palacio tinham sido batidas, e, se alguns defensores se interessavam por lhes parecer mais segura a fuga pela cêrca, outros abriram caminho pelo corredor da entrada, e vieram alistar-se ás forças reaes.

Os ciganos triumphavam dentro do Palacio... Mas tinham perdido tanta gente! Dos que iam dispostos para a lucta e eram já exercitados n'ella, muitos poucos restavam!

Os sub-chefes estavam prostrados, por cima de muitos elmos, verdade seja, mas, emfim, prostrados... Apenas Gerinel, gravemente ferido, espumava de colera, ao ver os fructos da traição. Mal se sustinha de pé, ou antes, era sustido pelos braços d'um companheiro, de rosto delicado e de lenço catalão, não amarrado na cabeça, mas nas fortes melenas que se espalhavam sobre os hombros...

Os guerreiros, que lograram libertar-se, desappareceram, como por encanto, em todas as direcções...

Lilac ordenou á gente valida que retrocedesse, por ser por demais perigosa aquella situação.

— Percorram o Palacio e farejem o covil do Inquisidor! arrombem os carceres, libertem os captivos... Apunhalem os esbirros, e, quando se virem perdidos, com os cirios do auto, larguem fogo, que não pode haver inferno sem chammas!

— E o nosso chefe? perguntou o cigano que amparava Gerinel quasi desfallecido.

— Cuida n'elle, Timeata, que te pertence de direito... Occulta-o nas sombras d'esses recantos, e aperta-lhe as feridas com as tuas madeixas negras.

— Mas elle morre! Lilac! e aqui terá de render-se ás armas do Regente...

— Se não poderes salval-o, resta-te um dever a cumprir — mata-o...

— Mas, ajudem-me, por Deus, disse a pobre rapariga, sentindo o corpo do seu noivo a resvalar-lhe dos braços...

— Faze-te homem, já que lhe vestiste os habitos. Estamos perdidos; a canalha abandonou a empreza, e os esbirros do Regente e do Santo

Faze-te homem, já que vestiste os habitos

O ferido ergueu a fronte onde a morte apagára já todas as energias

Officio taparam-n'os as sahidas... A voz, que me resta, diz só — salve-se quem puder!

— Não te obedeço, Lillac. O meu homem ainda vive; farei o que elle ordenar.

E Timeata, vergando-se sobre Gerinel, que já dobrára os joelhos, e pendera a cabeça sobre o peito, gritou-lhe com a voz cortada de soluços:

— Rei dos ciganos, senhor meu, que devo fazer?

O ferido ergueu a fronte, onde a morte apagára já todas as energias, e murmurou:

— Mata-me, Maria...

Os ciganos, ou fugindo, ou seguindo as ordens de Lillac, treparam de novo a escadaria, e foram em busca d'um refugio...

Dois d'elles cravaram repetidas vezes os machados cheios de sangue nas taboas que cobriam uma alta gelosia gradeada, e a luz entrou a jorros em faxas de sol.

Ficaram só os mortos e os feridos, e, ao pé d'um d'elles, a filha de Zampa, com o olhar desvairado:

— Queres que te mate, Miguel, dizia ella em perfeito castelhano, para assim corresponder ao nome de Maria, que o seu homem lhe déra.

— Mata-me, e vinga-me.

Timeata olhou em redor e viu apenas gente cahida e morta. Ao longe ouviu o tropel dos seus que fugiam, e bem perto as passadas da soldadesca que manobrava á porta do Palacio, preparando a arremetida final... Na rua, o povo acclamava Fernando V! A invasão ia ser esmagadora! Todo o edificio estava cercado de força armada... Soavam ao longe as buzinas e as trombetas! Era a Ordem que se pavoneava triumphante! O castigo cantava estridulamente n'essas turbas pregoeiras! Com certeza, o Regente chegára de Napoles e déra entrada em Sevilha! Ninguem acclamava Deza! Se algum inquisidor passeava entre a multidão, que o saudava, não era o arcebispo. Os gritos do povo falavam do cardeal de Toledo!

Fernando V cumprira a sua palavra. — Tranquillisára, com um só golpe de mão, Cordova e Sevilha!

Lucero arrastára Deza!...

Timeata ouviu tudo isso e pensou, pondo a mão sobre o peito de Gerinel:

— Poupo-te o sacrificio do teu orgulho...

E, erguendo-se, levantou uma lança partida, que volteiou no ar e que ia descarregar sobre o peito do moribundo...

Antes, porém, de descer a lança, apezar da violencia com que ia apontal-a, sentiu o braço preso...

— Espera, desgraçado; Gerinel pedia-te que o matasses. porque não tinha esperanças de se salvar.

Timeata voltou-se e viu o famulo de Deza, que lhe arrancava a arma da mão.

— E que esperança vês tu?...

— Uma grande esperança, e uma grande vingança!

— Contra quem?

— Contra a Inquisição e contra o Inquisidor...

— Que é necessario fazer?

— Bem pouco — Salval-o em primeiro logar...

— Se a vida lhe foge!...

— A vida foge-lhe no sangue. Prendamol-o... fechando as feridas.

— Mas como?...

— Ajudando-me a pôl-o em logar seguro... Bem vês que não recebeu golpes de gravidade... Ajuda-me a conduzil-o...

— Para onde?

— Vaes ver; mas primeiramente, pega-lhe nos pés, que d'esse lado é mais leve, emquanto eu o levanto pelas espaduas.

Timeata obedeceu, e Henrique Nunes, fazendo o que promettera, levantou o cigano.

— Não temos tempo... Não ouves já o vozear das escoltas?

— A viagem não é longa. — falta só atravessar uma parede. Aqui, disse elle, batendo com o pé no muro a que se encostára.

A parede abriu-se para os deixar passar, e logo se fechou de novo.

— Deza já está demittido, tinha pensado Henrique Nunes. Tiremos-lhe a gloria de se desfazer d'este casal de bandidos... Será este o meu primeiro serviço ao cardeal de Toledo!

LXVII

O castigo

Quando o bando, que invadiu o Palacio, pelo lado da cêrca, se lançou n'aquelle mar de sombras, Pepe, que se distanciára, não seguiu o caminho dos companheiros; segurando Eva por um braço, foi-a arrastando por uma longa arcada, que mais parecia descer para os subterraneos, que trepar aos pavimentos, onde havia mais vozes e agitação.

Pepe conhecia bem o terreno, que Lillac ia explorando. E, por conhecel-o não seguia o que ia fatalmente dar ao logar da lucta.

O valente pastor de Lorvão bem sabia que aquella aventura não podia ter bom resultado para aquelles, que, n'um rasgo de audaciosa iniciativa, sonhavam com uma revolução que derrubasse o terrivel tribunal e intimidasse o throno das Hespanhas. A sua obra era mais modesta — salvar o seu bom amigo, o seu protector, aquelle excellente rapaz, que o fizera homem, a quem tudo devia, a felicidade dos seus, e aquelle brio, aquella arrogancia varonil, que o arremessára para o mundo n'uma tarefa de generosidade e de dedicação.

Jacob fôra, sem que ao menos o presentisse, o seu melhor mestre!... O pastor, com as suas vistas limitadas aos horisontes de Lorvão, apenas conhecia a vida das suas ovelhas e a moral do convento! Alvorecera-lhe a adolescencia com todas as preoccupações devotas do seu tempo e do seu meio... Jacob alargára-lhe o mundo, as esperanças, os affectos e as ambições!... Graças a Jacob comprehendera rapidamente quanto o seu braço robusto poderia ser melhor aproveitado, que em suspender-lhe o corpo nos ramos das arvores e no muro da cêrca!... Pepe, vendo Jacob, apprendera a ser homem bem differente dos outros... Além dos pastores da serra e dos villões, que andavam no cultivo das leiras, apenas conhecia, n'uma classe superior, os frades licenciosos que cultivavam os vicios, e os fidalgos, que fugiam da côrte e que pavoneavam titulos e sedas nas cellas das noviças! Uma voz secreta lhe dizia que não era com

tal gente que Portugal andava a descobrir novos mares e novos continentes! Habituára-se a pensar no que então era a preoccupação de toda a gente, e, quando via algum dos seus companheiros, mais adeantados em edade, ser arrastado, ou fugir, para o serviço das armas em terra ou no mar, parecia-lhe ouvir a voz da consciencia a segredar-lhe que os homens válidos, sãos, não podiam ficar na placida e facil missão de apascentar rebanhos, doceis ao cajado e á voz d'uma creança, e ao canto dolente de qualquer serrana.

Os homens que conhecera, antes de conhecer Jacob, nem lhe pareciam homens, nem o faziam homem...

Quando o viu, então sim! então é que comprehendeu para que serviam o braço e o animo— como era facil praticar o bem e corrigir os máus, defender os fracos e servir a virtude! Emquanto não conhecera Jacob, não comprehendera a religião, e, quantas vezes, perguntára á sua consciencia, ao submergir-se, sósinho, no abysmo das suas dúvidas, se a vida de Jesus, com os seus exemplos, milagres e revelações, não teria sido uma coisa esteril, se d'ella apenas tivesse resultado um convento cheio de mulheres ociosas, e de homens, moralmente castrados e physicamente sensuaes!

Como poderia elle comprehender aquella lucta d'um deus contra tantos homens ignorantes e brutaes, a favor d'um imperio de trabalho e de amor, se os que diziam amal-o e seguil-o, se ficavam ociosos, rodeados de intrigas e prazeres, quando tudo, á roda d'elles, luctava e amava!

Pepe soffreu, durante muito tempo, aquella dúvida, que vinha do confronto entre o convento, que era uma instituição artificial da vida e da religião, e aquellas fôrças da natureza, que faziam rebentar os fructos da terra, noivar as aves nos arvoredos, e mover os rebanhos nas pastagens!...

Quantas vezes elle comprehendeu que o sol, aquecendo a terra, a fazia estremecer, pondo em actividade todas as suas fôrças creadoras?!

Ainda vinha longe a manhã e já as ovelhas ballavam impacientes, saltavam de seus ninhos os passaros chilreantes, e o homem levantava a enchada sobre a courella!

E toda esta actividade, que elle admirava no espaço, na terra e no céo, havia de resultar da mesma religião que agrupava, encerrados no claustro, mulheres novas e sadias, e homens gordos e rosados!

Não parava a luz no firmamento, não dormia a seiva no grande seio —e haviam de resar, apenas, os labios creados para cantar aos bois, junto da rabiça do arado?! e os braços fortes haviam de ficar erguidos aos pés do altar, quando era urgente rasgar com elles o seio da terra de que brotava a herva para o gado e o pão para os homens?

Elle nem sequer suspeitava dos pleitos que então se travavam entre as seitas religiosas e os interesses das sociedades!... Sabia, comtudo, que andavam exercitos na terra a crear nacionalidades e armadas no mar a fazer descobrimentos e conquistas...

Com que homens se fazia isso tudo? Com que mulheres se enchia o mundo? Com que guerreiros se levantavam imperios? Com que mareantes se devassava o infinito?

Com aquelles homens vestidos de burel e estamênha, carregados de camandulas e de gorduras? Com aquellas mulheres beatas e devassas, ociosas e viciosas, sem familia, sem pudor, com os joelhos callosos por andarem de rastos, e as mãos brancas e macias, fugidas á agulha e á teia, erguidas sempre para os altares?!

Pepe só conheceu a missão da vida, a verdade da moral, a moral da religião, a fôrça do homem, a grandeza do amor, quando conheceu Jacob!

Nos impulsos e nas palavras d'aquelle homem, nas suas meiguices e arrebatamentos, nas suas idéas e nas suas empresas, é que o pastor comprehendeu, ou adivinhou que, se viver não era cantar ao sol atraz das suas ovelhas, muito menos o era permanecer na sombra do claustro, entre canticos e incensos.

Depois de vêr Jacob, ficou sabendo de que feitio eram os marinheiros do Gama e os cabos de guerra de Affonso de Albuquerque!

Nunca comprehendera os amores sacrilegos d'uma mulher fugida do mundo com aquelles imbecis, quasi vestidos como as mulheres, e beatos como ellas!

Os amores de Jacob, esses sim, esses comprehendera o pastor! Eram amores entre dois sexos, em que a candura se alliava com a experiencia, a delicadeza com a fôrça, a humildade com a audacia!

Jacob ensinára-o a abrir os olhos e a vêr — e, elle apprendera a vêr coisas para que até alli apenas olhára! Com tal mestre profundára mysterios, recordára o passado, prescrutára o futuro! Fôra elle quem lhe pintára o mundo nas suas grandes linhas, o trabalho com as suas immensas riquezas, o amor com as suas delicias, a fôrça com as suas conquistas...

Antes de Jacob elle não comprehendera por que motivo a alegria era signal de saude no corpo e no espirito, e porque era só o bem que lhe vinha de não fazer mal...

Parecera-lhe até, que, apezar de judeu, Jacob entrára na maior intimidade com o céo, e que, se não tratava Deus por Jesus, era por conhecer todos os nomes que a Deus se podem dar!...

Nada tinha a religião de funebre, nem de triste, quando o christão-novo a explicava. . Do que lhe dissera, ficára-lhe nitida a impressão de que

se podia rezar mentalmente amando a vida, o sol, praticando o bem, e acreditando com fé em todos os milagres, que fortificam a fé e que fazem alegre o pobre, resignado o infeliz e bem paga a abnegação!

Pepe, guiado pelo braço de Jacob, derrubára o claustro pesado e escuro, e apagára os cirios fumarentos, deixando os altares á luz do sol e das estrellas, entre o ruido immenso da humanidade entregue ao trabalho da paz e da guerra. Jacob fôra para Pepe o seu melhor amigo, o seu guia mais leal! A sua voz cheia de conselho, o seu olhar cheio de carinho, o seu amor cheio de sorrisos, a sua alegria quente de enthusiasmo, tinham avassallado o moço pastor...

Jacob fizera d'elle um homem!

Por tudo isto, Pepe pouco se importava com a sorte dos ciganos... Todo o seu anceio era pela salvação do pobre martyr...

Se houvesse de perder a vida seria por tel a sacrificado em proveito do seu amigo.

Internando-se no labyrintho do Palacio, avançando, quasi só, para um perigo quasi certo, nem se lembrava de que poderia ser sacrificado na sua arrojada aventura...

Parecia voar entre dois amores — os que lhe enchiam toda a sua exuberante mocidade — o de Eva, que o acompanhava, e o de Jacob, que devia esperal-o.

— Ah! Eva! dizia-lhe elle, apertando-lhe a mão, emquanto caminhava, não tenhas ciumes do meu bemfeitor, que eu não saberia amar-te, se elle não m'o tivesse ensinado.

— Que Deus o avivente e eu o amarei tambem. Para isso bastará lembrar-me de quanto elle te fez bom, corajoso e dedicado!

E Pepe, sempre puxando pela sua companheira:

— Toma cuidado com esses degraus... Se tu o tivesses conhecido como eu!... Que mocetão! Aquillo é que era um homem!... Agarra-te a mim para não escorregares... Grande por fôra, e grande por dentro! Os mais valentes o temiam, que onde elle punha as mãos, era seu... Vi-o derrubar muitos maltezes, só porque tinham tratado mal uma azemola!...

— Não temes alguma cilada, Pepe?

— Espero-a, mas não a temo. As ciladas são como a morte. Se a todo o momento pensassemos n'ella, não viviamos, apezar d'ella não vir...

— Mas, o assalto deve ter dispersadot odas estas aves agourentas, que não piam, e, comtudo, mordem...

— Agarra-te a mim, e se avistares perigo sério, beija-me, que é bom aproveitar o tempo quando ameaça de nos faltar...

— Não ouves o ruido, ao longe?

— Se ouço! E' isso exactamente que me dá confiança... Emquanto por lá se batem, não se lembram de nós... Para entrar precisava eu de muitos, mas para salvar o meu honrado amo, e a bondosa Suzana — a tua e a minha alegria! quanto mais só, melhor.

— E sabes do caminho?

— O bastante para não me perder...

— Então, agora, disse Eva, parando n'uma encruzilhada, para onde voltamos? D'aquelle lado é que veem os gritos e o som dos golpes...

— Pois, não seguiremos por nenhum d'estes que vês — Ha aqui uma porta tão hypocrita como o arcebispo!... Em eu lhe dizendo que a conheço, logo deixa de ser dissimulada...

— Mas, Pepe...

— Cala-te, tonta. Lá na Triana eras tu que me guiavas, aqui sou eu quem te guia... Já te disse que não preciso senão do calor da tua mão...

— Mas, eu começo a arrefecer...

— Sahiste medrosa, á ultima hora?

— Por mim nada temo, mas por ti, de tudo me acobardo... Se eu te amo tanto, Pepe! Se eu te perdesse, bem sei que morreria; mas o morrer, se me defende das saudades que hão de vir, não me cura das que já tenho de te perder...

— Comprehendo bem a tua idéa, Eva. Parece fraca, e não é; tambem penso como tu, e por isso hei de defender-me...

— Vives só para mim?

— Tambem para ti...

— E para muita gente mais?

— Queres que te fale com franqueza? Pois, então, lá vae... Sim, para muita gente eu vivo, ou melhor para toda a gente! Não quero viver por minha causa, mas por todos aquelles a quem posso amar e defender... O grande amor, é amor para todos. Que amaste, tu, Eva, em mim? O meu amor a tudo e a todos, não é verdade? Quem não ama alguem, não inspira amor... Comprehendes isto, minha pequena?

— Se te comprehendo?! E' por te comprehender que te adoro!

— Tens razão! Ha tanta gente que precisa do teu braço! A tua vida deve ir além da minha...

— Não, lá isso não... o promettido, promettido... Porque eu, se tu me faltasses, adoecia, esquecia o meu dever, quebrantava o meu braço, e morria tambem... O amor, quando atacado d'uma grande saudade, é como um coração apunhalado... Corre-lhe todo o sangue para a lamina que o atravessou.

— Tens reparado, Pepe? Parece-me que ninguem se ama, como nós... Quando falo comtigo, e falo de nós ambos, não julgo que sou uma infeliz bohemia, egual ás da minha raça e da minha educação; parece-me que sou uma pequena fidalga, muito catita e desejosa, que apprendeu coisas nos livros!... Dize-me, Pepe, na côrte os cavalleiros e as donas dizem o que nós dizemos?...

— Dizem o que nós dizemos, e até melhores palavras e mais bellas idéas, mas não o dizem como nós, ou melhor, como tu... É que elles dizem o que lhes ensinaram, e tu dizes o que adivinhas e o que sentes.

— E é assim, meu fidalgo: eu sinto quanto digo, e sinto-o tanto que, até para o dizer, tenho tremuras na garganta, como se aqui andassem as lagrimas em ondas a afogarem-me as confissões!... Elles não sentem isto, pois não é verdade?

— E's um anjo, minha bella rapariga! O amor dos tafúes é todo fingido e cheio de arrebiques... O teu é são e sincero como a tua alma... Jacob é que foi sempre uma excepção! Amava e odiava como um verdadeiro principe, quero dizer, como tu, ou como eu!

— Então, Pepe, abres a porta, ou não abres?

— E' para já... A culpa da demora foi tua... O teu amor anima-me em todas as empresas, e os teus beijos demoram a execução d'ellas. Vamos, começam os maiores perigos... é possivel que alguem tente deter-nos os passos...

A porta, que se abriu, franqueava uma alta escada de caracol, sem luz e com pronunciado cheiro a bafio.

— Benze-te, Pepe. Não subamos sem nos benzermos.

— Pois, seja; Padre, Filho e Espirito Santo!

E beijou a sua amante quatro vezes — na testa, na bôcca e nos olhos!

E subiram...

Chegaram acima sem que ouvissem o menor ruido de passos, e sem que vissem a sombra mais fugitiva.

Era, decerto, aquella a serventia mais secreta que communicava o primeiro pavimento com o segundo, ou melhor, o segundo com o primeiro subterraneo.

— Vês estas paredes, Eva?

— Vejo, apesar de serem negras...

— Estão cheias de carceres negros como ellas...

— E este chão, onde echoam os passos?...

— Está crivado de sepulturas!

— Meu Deus! disse a *gitana*, tapando os olhos com as mãos. Não te

nho medo dos vivos, mas dos mortos!... Fujamos d'aqui, Pepe, fujamos... Parece que de todos os cantos surgem espectros...

— Como te enganas — tudo isto são sepulturas, mas não só de mortos... Ha muitos vivos aqui sepultados...

— E ninguem os vigia para os soccorrer?

— Isso sim! Acode a tortura aos que descançam, e dão-lhes alimento por causa da tortura...

— Mas agora nem isso!

— Os poltrões fugiram... Os esbirros não se batem com gente armada — batem nos captivos e nos moribundos!...

— E tudo isto por causa da egreja!

— E' esse o nome que por aqui se dá ao inferno...

— E se fugissemos d'aqui?

— Teriamos perdido o nosso tempo. Estamos á porta do carcere de Jacob... e é urgente roubal-o ao seu martyrio... Olha, aqui está uma porta aberta...

— Que nos importa essa?... Os captivos são como os mariscos de concha — concha aberta é concha despejada, ou marisco morto...

— E, se espreitassemos?...

— Ficarias sabendo, o que não parece acreditavel — que se vive ahi dentro!

Eva foi, pé ante pé, metter a cabeça nos umbraes do antro.

— Ninguem! disse ella em segredo... Apenas um Christo e uma enxerga...

— Se procurasses bem, havias de encontrar muitas nodoas de sangue e lagrimas, no chão, e muitos echos de gemidos, no espaço... Se essas paredes tivessem voz, cada palavra que ellas soltassem nos encheria de horror e de compaixão!...

— E o desgraçado já está livre? Aquella porta aberta quer dizer perdão e liberdade?

E Eva perguntou isto, agarrando se muito trémula ao braço do pastor.

— Não, minha querida, não, aquillo quer dizer — vergonha e morte —. O que alli desfez a alma, em desesperanças e em saudades, terá o corpo lá fóra desfeito em cinzas!

— Que horror! E Deus sabe de tudo isto?

— Sabes o que Jesus respondeu, um dia, a um phariseu, de Jerusalem?

— Que os homens eram mais poderosos que elle?

— Pouco mais ou menos: que a Cesar o que era de Cesar!

— Cesar?

— Sim, n'este caso Cesar chama-se Fernando V...

— Mas o Regente é que governa os frades?

— Tens rasão; Cesar tem mais nomes — Tambem lhe chamam Julio II. Mas tu não comprehendes estas coisas...

— Sim, não comprehendo; mas sinto-as... Se ha quem pratique contra a doutrina do Senhor, é esse então o nosso Deus; e não é bom, porque faz tanto mal...

— O que deve alegrar-nos é vêr fechada a concha de Jacob...

— E como abril-a?...

— De fóra a tarefa é facil. A chave nem sempre é empregada, porque os ferrolhos são pesados e bastam...

— E como prevenil-o?

— Eis o mais difficil. Não é facil chamal-o, que isso seria o mesmo que attrahir contra nós gente arredia, ou escondida... Tens o teu punhal?

— Sae-me da palma da mão, como se fosse um dêdo...

— O meu pobre amigo morre aqui n'este recanto, o mais sombrio...

— Espera, Pepe, não ouves?

— O bulicio ao longe? E' isso o que convem. Batem-se, como era de esperar, mas a lucta ha de ser demorada e sagrenta. Entretanto, teriamos tempo de ir em busca de Suzana...

— Escuta; não é d'esse ruido que falo. Não distingues, d'este lado, uma voz que geme, ou chama?...

— Tens razão — uma voz afflicta pede soccorro...

E Eva e Pepe applicavam o ouvido na direcção d'essa voz.

— Parece mesmo que vem do carcere de Jacob...

— Depressa, Eva, segue-me, e vem, como eu, apunhalando as sombras...

E os dois precepitaram-se no recanto, parando junto da porta de Jacob.

— Não ha a menor dúvida; os lamentos partem d'aqui... Eva, espreita por essa fisga...

— Nada vejo... parece que alguem tapa com o corpo a claridade que devia guiar-nos...

Pepe, espalmando as mãos, percorreu com ella o logar da chave e das tranquetas.

— Se não chegámos a tempo, ó minha Eva, se não chegámos a tempo! O desgraçado morre, sem que possamos acudir-lhe...

— Porque não chamas? Um raio de esperança pode afugentar a morte... Não ouves passos?

— É mais um corpo que se arrasta...

— E se houver um crime?

— N'esse caso esperaremos o criminoso e vingaremos a victima...

— Não seria melhor o alarme?

— Espera, a chave está na fechadura. Entrou alguem, com certeza... Devia esperal-o...

— Em que pensas, Pepe?

— Que os esbirros, feitos algozes, por ordem de Deza, vendo perdido o seu auto de fé, resolveram assassinar os condemnados, antes que a revolta triumphe...

— Será elle o primeiro? Será elle o ultimo? Como se explica todo este silencio em toda esta ala do edificio?

— É n'isso que estou pensando... Quantos serão os sicarios?

— É extraordinario! segredou a *gitana*, os ferros estão corridos...

— Logo, Jacob está sósinho!...

Pepe, n'um movimento muito rapido, procurou abrir a porta, mas antes de o conseguir, recuou de surprêsa, desviando para traz de si o corpo da sua companheira.

O ruido da sua tentativa fôra ouvido lá dentro, e, mal elle soou, um corpo vivo, pesado, se atirou sobre a porta, abalando-a.

Esse corpo gritou, com voz cava:

— Soccorro! Soccorro! Quem está ahi?

— Sou eu, senhor Jacob, sou eu! respondeu Pepe, depois de ter serenado. Sou eu, Pepe, o pastor, que vem para salvar-vos...

Não teve resposta. Apenas um gemido atravessou aquella muralha de madeira e ferro.

— Tendes a porta fechada por dentro; abri-a... O povo invadiu o Palacio e prepara-se para vingar os nossos amigos...

O mesmo silencio!

— Senhor Jacob, não estou só... poderemos levar-vos de rastos, ou ao collo, por caminho que está livre... Ides voltar á liberdade... A menina Sarah já sahiu, entregue aos melhores cuidados! Vamos, sr. Adibe, que não ha tempo a perder... Pedistes soccorro e não quereis o que vos offereço?

Pepe collou bem o ouvido. Lá dentro havia uma respiração offegante...

— Ah! é verdade — o postigo — disse o pastor em voz baixa... O postigo abre por fóra... por elle poderemos vêr.

E, muito subtilmente, Pepe descobriu o pequeno buraco aberto na porta, ainda assim interceptado por uma cruz de forte chapa ferrea.

N'aquelle fundo negro surgiu então um pedaço de luz...

Pepe trepou á soleira e olhou o carcere.

Aos braços da sua amante, que estavam amparando-o, deveu elle não ter cahido assombrado!

O que elle viu foi uma horrorosa surprêsa!

Nem poude comprehender immediatamente a significação d'aquella scena... Parecia-lhe que espreitava um covil onde duas féras houvessem travado uma lucta sangrenta! Se n'uma cella d'um manicomio dois doidos se tivessem dilacerado, teriam, depois de ambos vencidos, apresentado aquelle aspecto!

Pareciam dois homens, dois luctadores, que, depois de se terem aggredido raivosamente, tivessem cahido feridos, esfalfados, moribundos até, sobre a arena ensanguentada!

Jacob tinha o aspecto d'um gladiador. que ainda ameaçava; o Morgado o de outro que se defendera com denodo, mas já se acobardára.

O morto parecia estar mais vivo que o vivo!... O vencido ameaçava mais que o vencedor!... Havia mais expressão de movimento no cadaver, que no homem! No olhar é que se imitavam — ambos tinham os olhos muito abertos e n'elles as scintillações do terror...

O que estava de pé parecia cahir e desfallecer; o que cahira prostrado parecia querer erguer-se agilmente!

Tudo indicava que iam agarrar-se de novo... Entre aquelles olhares esfusiavam scentelhas de mêdo e de odio!

Entre elles havia um lago de sangue...

Quem poderia explicar aquelle quadro, aquella terrivel situação dos dois ferozes adversarios?

Havia alli um morto, que resuscitava, e um vivo, que morria...

Aquillo lembrava uma scena de cannibaes dentro d'uma sepultura!... E, afinal, ambos estavam immoveis n'um espasmo de estatuas a que um grande artista houvesse dado o magico influxo do seu genio!...

Lacoonte, luctando com as serpentes, não mostra mais energia na sua attitude, nem os reptis, que o envolvem, mais vigor e elasticidade nos seus anneis!... Um d'elles era a estatua do mêdo, outro a estatua do odio!...

Quem poderá imaginar, que descrever é impossivel, o que passaria, n'esses momentos de captiveiro, o cobarde e supersticioso fidalgo, alli, deante da sua victima, que se fizera algoz?

O Morgado não tinha nenhuma das condições necessarias para a lucta; nem para a dos homens, quanto mais para a dos espectros!

Era um ambicioso ridiculo, um invejoso odiento, um bandido sem vigor e sem caracter... Nem sequer tinha o orgulho que fortalece a maldade, e aquella resistencia que dá a resignação no infortunio... Era um cynico estragado pela fraqueza — mas pela fraqueza vergonhosa, que tanto podia fazer d'elle um bandido, como um bandalho... Tinha exaggerado amor á vida e essa paixão era tanto mais violenta quanto menos respeitava a vida alheia.

Ou por educação, ou por imbecilidade, justificava todos os seus ardis e crimes com o desejo de servir a Egreja. Assim acreditava que o Céo era seu cumplice nas mais perfidas aventuras! Fazia o mal por conta da religião! Com dinheiro esperava comprar sempre a impunidade entre os homens, e, com a Inquisição, defender-se do julgamento do purgatorio. Quantas vezes elle pensára na prestação de contas além do tumulo, a que se referia o seu catholicismo, e, com as mesmas artes com que poderia defender-se n'um tribunal humano, relacionava o rei, o papa, os frades, os inquisidores, e até o successo dos seus maleficios, para allegar que sempre se conduzira de bôa vontade em beneficio de Deus e da Fé! Mas, na sua ignorancia e no seu fanatismo, não deixava de acreditar que, assim como os povos se revoltavam contra os poderes que elle defendia, tambem no mundo, que elle considerava sobrenatural, havia essas tremendas revoltas .. Talvez que o Céo tivesse recebido muitas queixas contra elle, e tivesse resolvido castigal-o!... E esse castigo, que lhe vinha d'um poder occulto, coincidia, n'aquelle momento da sua vida, com a reacção triumphante contra a Egreja e os seus servidores...

Era, pois, muito possivel que os vivos e os mortos se tivessem combinado, por imposição d'algum poder maligno, indefinivel, infernal, para lhe affligirem a vida e a morte...

Se não fôsse o temor da morte nunca os máus sentiriam aquelle mêdo, que não significa arrependimento, porque não vae além do remorso.

O remorso é a tortura inventada pelas religiões contra a consciencia dos máus.

O Morgado estava sob o influxo d'essa Inquisição moral... Assustava-o esse poder da justiça mysteriosa, que lhe armava ciladas, o prendia, o martyrisava, dando-lhe tanto tempo para soffrer temores; e, afinal havia de executal-o no mais terrivel dos patibulos!

Não estava arrependido de ter praticado o mal; estava com mêdo de ser punido.

E de que fórma?!

Perseguido e esmagado por todas as fraquezas — os mortos, que o ameaçavam — e os revoltados que viriam assassinal-o! Uma hora antes era elle o triumphador, e agora era o vencido! Procurára um captivo, e achára-o livre... Aquelle martyr libertára-se... Voára-lhe a alma, a despeito dos grilhões que lhe prendiam o corpo... E elle ficára! Se não lhe acudissem, a elle que fôra algoz e se convertera em victima, alli morreria de fome e de terror! Se o descobrissem, seria sacrificado aos odios da populaça!

Como poderia perdoar-lhe o morto, que elle viera insultar? Como po-

deriam perdoar-lhe os discolos revoltados contra aquelles que elle servira? Alli tinha que esperar o castigo, dos mortos e dos vivos!

Deus, o Diabo, ou o Acaso tinham conspirado contra elle... Aquelle cadaver, olhando-o assim, estava-lhe dizendo as ameaças da outra vida, e a turba, que andava ensanguentando o Palacio, havia de roubar-lhe a vida d'este mundo.

N'aquelles momentos afflictivos elle já fizera quanto possivel para salvar o corpo e a alma — praguejára contra os homens, resára a Deus, invocára o inferno, pedira soccorro e perdão, promettera arrependimento, e jurára vingança... e chorára até! Mas, tudo fôra baldado, tudo!

Nem um echo n'aquelles muros, nem a menor revelação n'aquelle cerebro!

Tudo estava morto á roda e dentro d'elle... Até a esperança lhe morrera!

O tempo ia passando, e o mesmo cadaver a fital-o! a mesma luz a enchel-o de sombras! o mesmo terror a agitar-lhe o coração!

Dspois de ter pisado o cadaver do christão novo, pedira-lhe compaixão, rogando-lhe de joelhos... Depois, para não o vêr, tapára os olhos com as mãos tremulas, e os olhos de Jacob espreitavam-lhe por entre os dedos!

Invocára de mãos postas, a Divina Providencia, affrontando a cruz, pregada na parede... e sempre o mesmo olhar do martyr! a mesma luz do céu!

Por vezes se voltou para a porta, procurando movel-a com o seu braço e a sua dôr. — E a porta ficava rija, firme, como até alli! Então gritava, gritava muito, collando a bôcca nas frinchas mais rasteiras, ou na altura do postigo cerrado... E a propria voz o assustava, e o echo, que a repetia, parecia estar satanicamente a escarnecel-o! Se algum ruido vinha echoar, como se o vento lhe trouxesse uma praga, ou um gemido, até a respiração detinha, com mêdo de que o adivinhassem!

Começavam os sentidos a enganal-o, senão a tortural-o...

Se uma nuvem passageira empanava o brilho da luz do dia, elle via já que a noite lhe entrava pelas frestas em ondas muito negras... Ouvia palavras que ninguem dizia, e até no zumbir dos insectos, ou no voltear d'elles, tocando-lhe o rosto, escutava ameaças e aggressões de fôrças invisiveis... O ruido dos seus passos, o roçagar dos vestidos, o faziam estremecer! A razão vacillava-lhe, e o coração andava-lhe desordenadamente...

Tinha febre e batia-lhe o queixo com frio... Principalmente a vista desvairava-se-lhe quando attentava com fixidez no corpo de Jacob... Via-lhe movimento nas palpebras, e, sob a capa negra com que o cobrira, os

membros do morto, movendo-se tambem, faziam ondas, ora brandas e regulares, ora agitadas e bruscas!

Falava alto, com mêdo de tanto silencio, e logo emmudecia mais receioso ainda das proprias palavras!...

N'um momento, quando as lagrimas já lhe alagavam os olhos, lembrou-se de que talvez estivesse sonhando... e apertou a cabeça nas mãos, e deu alguns passos agitadamente ..

A realidade mantinha-se terrivel... Até mais se aggravava, quanto mais elle pensava sonhar!

De repente, teve uma idéa... Uma idéa? Não; um impulso... Lembrou-se de acommetter Jacob e de o forçar a mudar de posição, a desarmar aquella brutal ameaça!

— Porque, na verdade, nada mais estupido que ter mêdo d'um morto!... Se tudo aquillo quizesse dizer castigo dos meus erros, embora o corpo se mantivesse assim, o espirito havia de falar-me ao ouvido, ou á consciencia...

Tocal-o era reconhecer-lhe a immobilidade!

— Custa, mas é um momento! Pois isso não é melhor que estar aqui tanto tempo já, e sabe Deus quanto mais! n'esta incerteza e n'esta afflicção!

E o Morgado, ao fazer estes raciocinios, passou os dedos sobre os olhos, esfregando-os, ou para lhes enxugar o pranto, ou para afugentar d'elles as visões phantasticas, que o tinham torturado.

E avançou...

Caminhava de bôcca escancarada, olhos fixos, narinas dilatadas, braços abertos e levantados!

E tremia, como se estivesse sendo victima d'um forte accesso febril. A pallidez fazia d'elle um espectro!...

Ao approximar-se da enxerga, como levasse toda a attenção prêsa aos olhos do cadaver, julgando se ainda longe, tropeçou, e cahiu ..

Então, o desgraçado, soltando, n'uma afflicção diabolica, os gritos que Pepe ouviu, quando se approximou do cadaver, atirou-se ao corpo do condemnado com a furia d'um louco.

A bôcca cheia de gritos, os olhos cheios de espanto, trémulas as mãos, que ora tocavam a carne morta e fria, ou fugiam contrahidas em forma de garra, o Morgado parecia luctar com uma sombra... Queria prender-lhe os braços, queria pesar-lhe no peito, tentava apertar-lhe o pescoço, mas apenas tacteava ao de leve, com grande vivacidade e repugnancia, o corpo enregelado!

O cadaver conservava-se firme e hirto; mas sobre elle saltava, com

uma elasticidade maravilhosa de musculos e de nervos, o corpo do Morgado!

Que passividade tão aggressiva era a do morto! Que actividade tão improductiva a do vivo!

O morto, que não se mexia, puxava, aos repellões e afastava com violencia, o corpo do vivo, e o vivo bolia-se inquieto, sem que o tocasse o corpo do que morrrêra!

Era uma lucta que seria grotesca, se não tivesse toda a apparencia de tragica! Era assim que o mêdo devia luctar com os espectros! O corpo mais rijo era que parecia intangivel, immaterial, phantastico!

O vivo não estava menos pallido que o cadaver; nem menos pallido, nem menos frio! Aquillo movia-se, sim; mas n'elle o movimento não era calor — batia-lhe o coração como bate a machina d'um relogio!

Diz-se que a vista do sangue exalta e endoidece um assassino; alli era o gêlo da morte de Jacob que fazia agitar o coração do fidalgo!

Havia nas contorsões aggressivas do Morgado a dolorosa allucinação dos alcoolicos... Quem sonhar com um assalto de reptis, que trepam e saltam, e arranham, sobem, descem, mordem e chiam, dando mordeduras fundas e fazendo cocegas, muito ao de leve, sobre a epiderme, ao arrepio, deve sentir o que aquelle cobarde estava sentindo, de bruços, sobre o cadaver recurvado!

Elle punha-lhe as mãos nos olhos, e, mal os tocava, logo as recolhia crispadas, em forma de garra, agitadas como palpos de aranha!

Elle lançava-se sobre os joelhos erguidos, e logo o peito lhe saltava como péla das mais elasticas arremessada sobre a superficie liza d'uma pedra!

Deitava-lhe as mãos ás mãos, e logo as largava e lhes fugia, como se tivesse mêdo de que as suas ficassem prêsas nos dedos mortos, recurvados, como argolas quasi fechadas!

Aquellas paipebras regaçadas pareciam de marmore onde penetrára, para lhes profundar as prégas, o buril do estatuario! E até os olhos, dentro d'essa moldura, parecian de cristal morto a reflectir uma consciencia bem viva, que se tivesse recolhido na abobada d'aquelle craneo, pesado como um almofariz de herbolario!

Parecia que o corpo de Jacob petrificára, para se tornar o tumulo d'aquella alma que espreitava lá de dentro, esfusiando raios de ameaça!

O morgado teve tentações de cravar o punhal n'aquellas orbitas cheias de sombras e de luz, como se quizesse matar, na toca maldita, o olhar sinistro de alguma ave agourenta!

O cobarde teria coragem para acompanhar o seu rival ao patibulo, para

o vêr morrer; mas contava com o fogo... O fogo havia de reduzir a cinzas todas aquellas materias vitreas, que o estavam olhando... Aquelle corpo desconjuntado, dividido, reduzido a carvão, constituiria um montão de cinzas, que elle poderia revolver com a ponta do pé!

O que elle não esperava era aquillo, aquelle horror! A morte com a mascara da vida! A caveira com uma luz dentro, como os espectros das danças macabras! Aquillo nem era a morte, nem era a vida; era a vida dos mortos!

D'onde vinha aquella luz?

Do Inferno! Só do Inferno é que ella poderia brotar! Para a apagar teve tentações de lhe cuspir... Mas nem isso, que a saliva se lhe seccára... A febre crestára-lhe os labios e na bôcca não tinha glandulas que segregassem!...

Quiz virar o cadaver, e não teve fôrças para tanto! Jacob já não era um homem morto, mas uma estatua derrubada!

Foi n'este momento que elle ouviu que alguem mexia na porta...

Era um soccorro! E essa idéa animou-o a gritar por soccorro...

Conseguiu até erguer-se, e foi cahir, cambaleante, como um ebrio, sobre essa parede que ia abrir-se! Estava salvo!

De repente lembrou-se de novo perigo... Os sediciosos não eram menos perigosos... A turba vinha embriagada com a lucta, e, se chegava até alli, era porque triumphára... Quando a justiça, para vencer tem que luctar, as suas primeiras sentenças não são de justiça, são de vingança.

Se o descobrissem estava perdido! Os revoltados traziam-lhe a mesma liberdade, que Jacob alcançára — a da morte!

E elle não estava arrependido, estava vencido! Deixaria de vêr os olhos de Jacob, mas veria as lanças dos ciganos!

O cadaver affligia-lhe a alma, mas os assaltantes atravessar-lhe-hiam o peito! Salvava-se d'aquelle lago de sangue, em que banhára os pés, mas ia lançar-se n'um mar, em que morreria afogado!

A companhia da morte era uma sentença, mas a invasão dos inimigos seria uma execução... Por isso, depois de gritar, emmudeceu, e, em vez de pedir que lhe abrissem de fóra o caminho da salvação, fechou por dentro o caminho aos que vinham sacrifical-o.

O miseravel estava collocado entre duas ameaças... A qual devia preferir?

E ficou, parado e mudo, entre ambas...

O alarido, que escutava e que mal distinguia, era uma prova de que a rua se convertera n'um mar de paixões e de odios e que a maré já chegava até alli...

Foi então que Pepe abriu o postigo, que rangeu soltando o gemido d'uma velha lamina de ferro, carcomida pela ferrugem... O Morgado olhou aterrado e viu brilhar dois olhos por entre os braços da cruz! Estava cercado de olhares infernaes!

Os mortos e os assassinos olhavam-n'o com odio egual... Não poude mais... Cahiu sobre a enxerga, desvairado, fitando os olhos de Pepe, com a mesma expressão e fixidez cadaverica com que ficára Jacob, quando morreu.

Foi ao descobrir aquelles dois mortos, que pareciam vivos, ou aquelles dois vivos mais funebres que mortos, que Pepe, attonito de surprêsa e de dôr, deslisou do postigo, a que subira, sobre o collo d'Eva, que o amparava.

*

* *

— Que viste, Pepe, que tal assombro te causou?

— Uma coisa horrivel, minha Eva; nem mesmo sei contal-a!

— Um mysterio?

— Não, uma grande desgraça! Se não estou sonhando, dentro d'esse carcere travou-se uma lucta terrivel...

— Deixas-me vêr?

— Sim, vê tu. Negam-se me os olhos a vêr, e a acreditar... Meu pobre amigo!...

— Assassinaram Jacob?

— Vê; se tens o animo que me faltou.

— Ajuda-me, sim?

E Pepe, levantando nos braços a sua formosa companheira, poz-lhe a cabeça á altura do postigo.

A rapariga, mal olhou o interior da cella, soltou um grito de surprêsa.

— Que horror! Pepe! disse ella, affirmando-se mais, depois de ter vencido a commoção. O teu Jacob foi victima d'um crime, mas teve tempo de se vingar...

— Quem é o bandido?

— Quem havia de ser? o Morgado!... Commetteu-se aqui um grande crime!... Que horrivel quadro!... Deixa-me descer Pepe, deixa-me, que me falta a coragem!...

— Desce então; é urgente intervir. O bandido veiu só e, se está prostrado, é que, apesar de moribundo, Jacob soube valentemente defender-se. Como se elle fôsse uma vibora, esmagal-o-hei com pé... Fechou a

porta por dentro... Julga que assim poderá livrar-se da furia popular! Vae vêr...

E Pepe voltou para o postigo, afim de apreciar a extranha situação d'aquelles homens.

Poude então comprehender que estava alli um corpo morto e talvez um espirito apagado... A expressão do Morgado era a do terror, que mais se avisinha da loucura... O cobarde era tambem supersticioso. Deante do cadaver mais parecia victima, que algoz. Mas, como estava elle vivo, e o companheiro com o peito ensanguentado?

Era tal a physionomia do poltrão, que elle proprio, sem querer, mettia mêdo... Pepe não tinha tempo a perder, mas tambem não podia deixar atraz de si, e á hora de tão graves acontecimentos, o cadaver do seu bom amigo e a historia d'aquella morte, tragicamente mysteriosa.

Decidiu-se, pois, a interrogar o miseravel.

— Porque temes o meu olhar, reles escudeiro do mais infame dos esbirros? Temes o castigo?

O Morgado, ouvindo aquella voz, estremeceu, como se, de repente, lhe atravessasse o cerebro um raio de esperança.

— Quem és tu, que me falas em castigo?

— Não me conheces? Dize antes que não me esperavas... Gósto de fazer surprêsas...

— Se és Pepe, se és o pastor, tem dó de mim; salva-me d'este cadaver que me afflige e dos teus companheiros, que me ameaçam.

— Quem matou esse homem? Dize, bandido...

— Não sei... Juro-te que não sei. Achei-o assim como está agora, terrivel, ameaçador, ferido no coração!... Não lhe toquei, nada lhe disse; não vinha ameaçal-o, vinha para lhe dar animo e consôlo... Oh! Pepe! perdôa-me, e salva-me, que eu saberei fazer-te feliz! Livra-me d'esta tortura, mas não me entregues á furia dos teus companheiros... Juro-te que estou innocente da morte de Jacob!...

— E tambem não tens culpa do martyrio de Suzana?

— Não, não... Estou innocente de tudo. Olha, Pepe, sou muito rico; dar-te-hei quanto me pedires, mas salva-me d'esta tortura...

— E falas em torturas, perro sem coração! Lembra-te da traição que fizeste a esse desgraçado...

— Eu não sabia a sorte que o esperava, juro-t'o, pela salvação da minha alma.

— Farei quanto puder para que o Diabo a arrume bem nas profundas do inferno...

— Estás só?

— Tenho commigo toda a vassallagem de Sevilha para saldar contas comtigo e com os teus complices.

— Queres que te ajude a salvar Suzana?

— Salvaremos todas as victimas da Inquisição, descança, e, se alguma nos foi roubada, largaremos fogo a tudo isto...

— Fogo! Piedade, Pepe...

— Ao fogo arrastarias Jacob, se elle não estivesse já a contas com Deus. Has de tomar o logar d'elle, para que saibas quanto custa mudar em cinzas a carne que palpita em nós...

Ah! que é bem feito! Julgavas que Deus estava dormindo, e não presidia ao tribunal da Providencia, Já vês que te enganaste!

Se queres ser perdoado faze com que te responda a bôcca da tua victima; beija-a, e se ella te morder, tambem eu te perdôo .. Enriqueceste vendendo fé, consciencia, honra, brio, tudo que poderia fazer de ti um homem util. Agora terás de restituir todo esse producto... Com o que deixares haverá missas por alma dos que perdeste...

E o Morgado nem já falava. Emquanto ouvia Pepe, ia pondo-se de joelhos, com gesto e olhar supplicantes...

— Com que então vieste aqui para consolar Jacob, ó refinadissimo hypocrita? Pois, então, acompanha-o, emquanto a podridão o invade e as exhalações da morte te envenenam!

Defendes-te, fechando o tumulo em que has de ficar, se eu preferir que morras de fome, de frio e de horror?... Fazes bem. Não haverá, assim, necessidade de tingir com a lama do teu sangue o meu punhal brioso!...

Vê se podes fugir, sem minha licença... E eu entrarei logo que a revolta vier rugir aos teus ouvidos! N'esse caso serás desfeito mais rapidamente que os teus amos fizeram a gente honesta e innocente.

Cada um de nós te arrancará um pedaço d'esse corpo tão acarinhado á custa de ouro e de vicios... Eu não serei muito exigente... Arrancar-te-hei a lingua, para que nunca mais denuncies heresias de judeus, nem enganes virgens com as tuas mentiras! Entregaste Jacob ao soffrimento, á desesperação, á morte; pois bem, entrego-te agora a elle. Agora elle que te cuspa, te espanque, te esbofeteie... Chama pelas guardas de Deza e pelos esbirros do tribunal...

Estão todos a braços com a matúla moura e judia, e não poderão soccorrer-te. Offerece lhes dinheiro, anda, que o ser rico deve servir para te livrar d'essa vibora, que roe a consciencia, e que se chama remorso!... Que mais queres? Fernando V e Julio II podem tudo, e estão do teu lado... O peior é que, apesar do teu poder, agora estás nas minhas mãos... Se

as fechar, esmago te! Foge d'esse cadaver e vem espetar-te no punhal d'um miseravel pastor!...

O Morgado tremia, como se estivesse com uma terçan... Ouviam-se-lhe os dentes a bater n'uma convulsão de frio...

A voz de Pepe, passando atravez da pequena abertura, fremente e commovida, dando ao mesmo tempo a impressão de dôr e de raiva, ora ciciava, sublinhando ameaças e ironias, ora parecia perder-se afogada em lagrimas.

Aquella bocca aberta na porta negra, soltando apostrophes, com toda a paixão de lamento, fazia echoar no carcere, como se viesse d'um tumulo, ou andasse no ar emittida por espiritos vingadores, a voz d'um juiz, ou d'um condemnado! Eram dois olhos que fallavam!... Dois olhos, que, ora brilhavam chammejantes, ora se velavam de lagrimas.

Ouvir, assim, aquellas sentenças de morte, que pareciam sibilar nas arestas da cruz de ferro, era um novo tormento para a alma agitada do miseravel servidor do Santo Officio. Não ver um corpo, e escutar uma voz, era um phenomeno que affligia o espirito supersticioso d'aquelle cobarde...

Por vezes se dava a mais terrivel illusão... Os echos de taes ameaças pareciam rebentar dos cantos das cellas, como se aquellas pedras ennegrecidas quizessem augmentar o flagello de tão perturbada consciencia! Havia n'aquelle praguejar inflexões que pareciam vir do chão, do interior d'um carneiro, pelas juntas d'uma lousa!

Outras vezes, á força de conjecturar a perseguição de phantasmas, o Morgado chegava a convencer-se de que era da bocca de Jocob que sahiam injurias tão acerbas!

A voz de Pepe, fresca, alegre, com resaibos de ironia picante e graciosa, transformara se de tal forma, que chegava a confundir-se com a voz do christão novo, que ali estava mostrando os dentes muito brancos por entre os labios ennegrecidos! Não havia a menor duvida: o Inferno estava conspirando contra a alma attribulada do fidalgo...

Elle sabia que estava ali um homem, mas um homem que, a pouco e pouco, se ia transformando n'um espectro.

O Morgado, em vez de responder, resava... rezas que constavam apenas de invocações e de suspiros! E Pepe continuava sempre, ora fallando em segredo, ora gritando com irritação:

— Mataste o meu amigo, ó christão mais judeu que os judeos! Mataste o homem que teve o braço mais valoroso e a alma mais gentil de quantos tem soffrido e morrido ás mãos dos inquisidores! Commetteste um grande crime contra os homens e contra Deus! Has-de ser punido. No ceo ha justiça, que te prenderá á hora da morte; mas, antes d'essa

hora, a Providencia, que tambem anda entre os homens, far-te-ha chorar lagrimas de sangue...

Não morrerás apunhalado, não, que o punhal é uma arma compassiva e generosa... Morrer n'um momento é premio, e tu precisas de castigo... Soffrerás muito e durante muito tempo!... Pedirás a vida, e verás a morte a caminhar para ti... pedirás a morte, e a vida te conservará em tormentos!... Os teus dias serão um immenso pezadello em que toda a tua vontade será impotente... Quando quizeres gritar, ficarás mudo, se quizeres fugir, ficarás quêdo; as armas, que empunhares, contra ti se voltarão; terás o odio das tuas amantes e serás perseguido pelos teus adversarios...

A tua vida, Morgado, já que mataste o meu irmão, o meu pae, o meu anjo tutellar, será um patibulo mais ignobil que o do *Plaza Mayor* .. Os vicios hão de queimar-te o corpo mais lentamente que a chamma das fogueiras; as saudades e o arrependimento reduzirão a cinzas esse cerebro, que o mêdo agora inflamma! A má fortuna hade garrotar todas as tuas aspirações — serás escravo de toda a gente, e trabalharás sob os estalos do azorrague... Os teus socios nas espoliações de que tens vivido, roubar-te-hão a riqueza, e chegarás a andar pelos caminhos pedindo uma codêa de pão e uma gota de agua!

Estás com mêdo de morrer, tu, que mataste Jacob? Pois bem, viverás, porque não é necessario que morras, mas que soffras... Has de soffrer muito, muito! Matar-te-ha a velhice essa mocidade de que te ufanas, e que envilece, e a lepra ha de corromper-te o corpo que te envaedece... O espelho ha de mostrar-te feio, disforme, chagado o rosto, que exploras em seduções bestiaes!... Pois, que julgavas?! Que é bandido quem quer, sem tribunal, sem sentença, sem execução?! Deus é melhor que Deza, mas sabe punir, na vida humana, os que julgam fugir á sua justiça, como o inquisidor persegue em terras luzitanas os foragidos das Hespanhas!...

Não apunhalaste agora Jocob? E' possivel. E's cobarde de mais para tal affronta... Se até depois d'elle morto lhe temes o cadaver!... Mas, oste tu quem o atraiçoou, quem o entregou aos inimigos, quem procurou roubar-lhe os amores, quem lhe matou as esperanças, quem lhe apagou a luz brilhante do entendimento... Hão de ladrar-te os cães, apedrejar-te as creanças, cuspir-te os homens, escarnecer-te as mulheres!... Apenas Satanaz te ha de envolver nas suas azas de morcego, e arrastar-te pelas entranhas da terra...

Com que então, com o teu halito envenenaste a respiração d'esse honrado cavalleiro de quem tinhas ciume e inveja?... Pois, viverás tão triste, tão miseravel, tão perseguido e amaldiçoado, que até dos condemnados á

excommunhão e ao fogo terás invejas e ciumes!... Estás rezando? Perdes o teu tempo... Nem eu te escuto, quanto mais o céo, que te condemnou já!...

Depois, voltando-se, para a sua companheira:

— Ah! Eva! se a vingança nos curasse as dores do coração, como eu devia estar agora consolado... O perfido, que andou a retoiçar-se pelos hortos da vida, á custa da fortuna alheia, chegaria a causar dó, se o nojo nos deixasse pensar em generosidades...

O energumeno a contorcer-se!... E' que Deus lhe aperta a gorja, sem o deixar morrer!

— Deus?

— Sim, Deus! Pois quem?

— Pois, Deus castiga como os homens nas suas luctas, como a Egreja nos seus julgamentos?

— Sim, castiga, mas não erra...

— E quem não erra, quando se vinga? Pepe, não lhe perdões, mas não te vingues...

— Que tenho eu com a desgraça que o fere?... O que succede, se não é obra de Deus, é obra do acaso — e o acaso é uma sentença que vem de muito alto! Se não queres que o não afflija vamo nos embora e deixemol-o n'esta tortura, a braços com Jacob, a sua victima, e com o Crucifixo, imagem do seu juiz.

— Antes isso! Viemos aqui para salvar, e não para perder alguem...

Jacob já não precisa de nós, mas ainda resta Suzana...

— Tens razão, Eva... A minha dôr fazia-me esquecer o teu amor. Iremos por ella...

— E sem demora... O alarido cresce e, n'um momento, podem os nossos ver perdida a sua empreza... a nossa empreza, meu Pepe!

O Morgado parecia desfallecer... A pallidez augmentava e a vista queria fugir-lhe...

Fazendo um esforço, ainda conseguiu dizer, com voz muito supplice e muito fraca:

— Pepe, se me salvares, entregar-te-hei Suzana...

— Queres nova traição?

— Juro-o... E ainda mais; revelo-te um segredo.

— Que me aproveita? Que salva algum desgraçado victima d'esta horda de bandidos?

— Sim, aproveita a Pedro Soares ..

— Vamos, dize depressa...

— E has de salvar-me?

— Terás a sorte que me estiver reservada .. n'este dia de aventuras...

— Pois bem, Pepe, Sarah foi roubada pelo arcebispo...

— Não pode ser, embusteiro; Sarah está livre e entregue ao poder de seu irmão...

— Não é verdade... Esta madrugada dois esbirros a conduziram a um retiro da Gardunha, por ordem do Inquisidor Geral...

— E onde é essa pousada?

— Abres-me a porta e livras-me dos rebeldes?

— Dize que sim, Pepe, pediu Eva, carinhosamente, beijando a mão do pastor.

— Está bem... Sabes que não sou da laia dos que mentem... Onde está Suzana? Onde está Sarah?

— Irei comtigo junto d'ellas. mas antes será preciso evitar que Deza saia do Palacio... Seria o bastante para eu não poder cumprir a minha promessa...

— Bem sabes que o arcebispo está bem guardado por gente sua. e que tem a retirada segura, caso a revolta triumphe por um momento.

— Tenho o segredo d'essa sahida. Se o tentar, será nossa prèsa.

Prender Deza era um dos mais arrojados sonhos de Pepe.

E tinha razão o Morgado! Deza em liberdade era o mallogro de todas as tentativas a favor das suas victimas, guardadas nas pequenas inquisições secretas. prizões e alcouces, que enchiam Sevilha.

— Não percamos tempo; deixa-me entrar, e poderás sahir.

O Morgado, sustendo-se a custo, encaminhou se para a porta do carcere e correu o ferrolho...

O ruido, que veio de fóra, era signal que Pepe o imitára...

A porta abriu-se, e Pepe e Eva, armados e em posição defensiva, espreitaram aquelle sinistro logar.

— Estás desarmado?

O Morgado mostrou submissamente as mãos nuas.

— Bem, n'esse caso, és nosso. Respondo pela tua vida, e tu respondes-me pelas tuas promessas. Vaes entregar-me Deza, e os meus dedos só hão de algemar os teus pulsos!... Se tentares enganar-me matar-te-hei, como se fosses um perro, mas dos mais ingratos... Que os perros me perdoem...

— Disporás do meu corpo e da minha alma...

E depois, dirigindo se a Eva, Pepe continuou:

— Vamos, meu thesouro, prestemos a ultima homenagem a este grande martyr, symbolo da tyrannia do Santo Officio... Ajoelha a seus pés, e ora por sua alma.

Eva obedeceu, e começou a orar, sem pôr as mãos .. Poz uma sobre o coração, que lhe saltava no peito, e a outra sobre os olhos, que não podiam contemplar o rosto do morto.

— Agora, tu, Morgado, ajoelha tambem, e pede-lhe...

— Perdão! Perdão! gemeu o miseravel, vergando o joelho e a fronte..

— Agora eu!

E, Pepe, cobrindo a porta com o corpo, que rojou no chão, como se quizesse orar — exclamou, com a voz cheia de vigor e de lagrimas:

— Que Deus tenha a tua alma no ceo, Jacob! e que eu viva na terra para defender os que amaste, e castigar os que te perseguiram!

E os tres, depois, ficaram alguns momentos silenciosos...

LXVIII

O Cardeal

Emquanto no carcere de Jacob se passavam tão tristes episodios, Diogo Deza, encerrado nos seus aposentos, esperava anciosamente que a revolta fosse dominada.

Elle não era um cobarde, talvez; mas tinha a consciencia de que abusára do seu poder e, portanto, de que o castigo poderia alcançal'o em nome das duas justiças — que são devéras para temer — a dos homens e a de Deus.

E Deza sabia Historia; conhecia quantas vezes os tyrannos haviam sido alcançados pela vindicta popular.

E começou a ennumeral'os — um por um, na vida de todas as nações... Imperadores, reis, consules, prebostes, validos, conquistadores! Todos, ou quasi todos, depois de terem derramado muito sangue, tinham morrido afogados n'elle!

Era quasi uma lei!

Chamavam a isso justiça de Deus executada pelos homens... Durante muito tempo não acreditou n'essa lei, contrariada pelo registo de muitas violencias, que tinham ficado impunes. Nem todos os tyrannos tinham pago com a vida as suas tyrannicas acções. Quantos tinham adormecido para sempre nos seus leitos dourados, tranquillamente? Quantos!

Bem sabia elle que o medo era já um castigo... Fazer mal não deixa dormir bem!

Ainda que haja a falsa consciencia de fazer o mal pelo bem, sempre se teme, senão a justiça, pelo menos a vingança...

Havia já oito annos que elle exercia aquella sanguinaria magistratura!... Tinha anniquilado muita gente, muita! Quantos fidalgos e quantos villões! Quantos cavalleiros, e quantos escravos! Nobres e parias, ricos e miseraveis, heroes e desconhecidos, quantos? Mulheres velhas e doentes, raparigas donzellas e formosas, quantas!?

Destruira muitos milhares de familias, enlutára muitas creanças, sacrificára muitos innocentes! A consciencia estava a fazer o inventario de todas as suas atrocidades! Quantos mouros e judeus levou a purificar na fogueira, quantos!? Confiscára grandes fortunas, apagára os mais formosos olhares, abafára milhões de gemidos, abatera orgulhos do Alcazar e odios de muitas choupanas!...

Lembrava se de ter ordenado execuções de bandos immensos de creaturas — paes, mães, filhos, amantes — com o sorriso nos labios e os olhos no céo! Nunca o sol désmaiára ao vel'o n'aquella faina!... O céo azul continuava a sorrir-lhe depois de taes façanhas!... Fizera mil vezes rodar o garrote e soprára, a peito cheio, durante esses oito annos, nem elle sabia dizer quantas fogueiras!! Enchera os carceres de gente fraca, torturara victimas sem conta, no pôtro, com chumbo derretido, com ferro em braza... Vira cegar muita gente á força de chorar, vira morrer muita gente, por sua causa, de fome, de frio, de infecções, de terror!... Enlouquecera os cerebros mais robustos, violentára as castidades mais resistentes, expoliára os thesouros mais defendidos! Oito annos! Como elle os aproveitára bem, para deixar um nome escripto com sangue na historia do seu paiz e nas pedras dos seus altares!

Ninguem ousára jamais resistir-lhe! Nem os principes, que esses eram os primeiros a beijar-lhe a mão, que elle espalmava, e a regaçarem-lhe os habitos, que elle arrastava na igreja, diante das imagens divinas e pelos degráos do throno, que elle dominava!

Um dia perdera todo esse poder, mas logo o reconquistára! Um rei, que ousára combatel'o, vivera apenas alguns mezes! Filippe perdera a vida e a corôa, Joanna perdera a razão! Elle, Diogo Deza, o arcebispo, achára de novo o seu perdido valimento, e, sob o poder do seu braço, quantos o tinham julgado perdido! Em Castella, no Aragão, em Navarra, — quem podia mais que elle?

E, emquanto a populaça se esforçava por invadir o Palacio, o inquisidor sentava-se, por um momento, a revolver os apontamentos da sua despotica existencia.

— Se fiz tudo isto, como poderei ficar vencido? E contava, pelos numeros que escrevera, as victimas que havia feito.

As suas victimas tinham sido, até aquelle momento, trinta e oito mil quatrocentas e quarenta! Em vida queimára duas mil quinhentas e noventa e duas pessoas, homens, mulheres — rapazes fortes como athletas, raparigas formosas como os anjos! Comprazera-se em se vingar dos fugitivos, lançando o fogo a oitocentas e noventa e seis estatuas de gente, que ficava espoliada de seus bens e manchada na sua honra! A trinta e

quatro mil novecentas e cincoenta e duas creaturas impuzera penas infamantes, captiveiro perpetuo e temporario, vergonhas e torturas quotidianas, affrontas na praça publica, envoltas em sambenitos açoutados a golpes de chicote!

Em trinta e seis annos, em todos os reinos unidos da Hespanha, desde Torquemada até elle, a Inquisição queimara doze mil e oitocentas creaturinhas de Deus, e applicara outras penas a cento cincoenta e duas mil oitocentas e cinco!

Bem se via que fôra elle que melhor cooperara n'essa obra terrivel em defeza da egreja e do estado catholico!

E nunca o céo lhe enchera, n'esses oito annos, de espectros, ou de remorsos, as suas noutes passadas a estudar theologia, ou a dormir para descanço de tão piedosa tarefa! Nunca as victimas se lhe ergueram á cabeceira, nem gemeram a seu lado, nos seus festins de amores sensuaes e de vinhos capitosos!

Quantas vezes, depois de ter ensanguentado o sólo das Hespanhas, affrontou o olhar do Crucificado, e, á face d'elle, ergueu, sem que a mão lhe tremesse, o calix de ouro a trasbordar de sangue!

Porque se lhe firmava o braço? Porque não desabava a cruz? Porque conservava o Martyr, no seu patibulo, a sagrada mudez nos labios que pareciam ainda suspirar um perdão?

Porque o céo era seu complice! Porque a sua obra estava defendida pelo juizo supremo que condemnára os apostatas, os herejes, os descrentes! Elle fôra o corajoso e incorruptivel vingador d'aquella raça de christãos, que tinham sido sacrificados pelos seus adversarios e perseguidores...

Sentia-se velho, mas sentia-se forte! Respirava enchendo o peito, tinha a mão serena, a voz clara, o passo firme, a memoria fresca! Todo o seu organismo estava ainda cheio de vigor, o animo invencivel, a esperança risonha, ladina a sua argucia, illuminado o entendimento!

Que queria dizer tudo isto? Que nada devia receiar!... Era isso... devia ser isso... e, comtudo, sem querer, lembrava-se de Pedro Arbués, de quem o céo se esquecera...

E, então, levantava se e passeiava, a principio placidamente, pondo o dedo nos labios, como se estivesse a resolver um calculo, ou a justificar uma prophecia, e depois, a pouco e pouco, com maior vivacidade...

Ali estava bem defendido; tinha lanças e alabardas a guardar-lhe aquelle refugio... Quem ousaria vencer taes resistencias, despedaçar taes escudos?

O que se estava passando lá fóra não era muito consolador, não era...

A lucta parecia estar travada com encarniçamento, mas a lucta não obedece a leis e a regras absolutas e infalliveis...

Luctar é oppor entre si diversas forças materiaes e moraes... Que força moral póde desenvolver um grande numero de combatentes? Que força numerica póde ser vencida por uma grande força moral? Toda a duvida inquieta um espirito...

Deza, por mais que fingisse serenidade, estava, na verdade, inquieto.

Deduzir nem sempre vale o mesmo que vêr... Por mais logico que seja um espirito, a deducção não vê tão nitidamente, como os olhos.

Deza calculava o que se estava passando, mas, se visse, tirava a prova d'essa operação...

Dentro do Palacio havia forças bastantes para a resistencia, e de fóra não haveria mingua de soccorros... Tambem elle tomára as suas precauções... Além de que, se fôsse atacado por um lado, fugiria por outro... Nos segredos d'aquelles muros havia de encontrar refugio...

Henrique Nunes, dentro, e o Morgado, fóra, haviam de ter concertado o esmagamento dos assaltantes...

Com toda esta confiança o arcebispo não estava confiado... Começava a admittir a possibilidade de uma traição...

Ora, desde que se admitte uma, admittem-se muitas, e a muitas traições não se resiste... Os ciganos podiam ser repellidos a ponta de lança, mas o cardeal de Toledo não era, como os bohemios, arrojado e cego... Cisneiros era mais que elle, porque recebera de Julio II o *osculum oris*, e déra aos outros principes da egreja o *osculum pacis*... Era necessario ter muito cuidado com elle... Não temia as victimas, que essas não voltavam á vida, nem os miseraveis rebeldes, que esses estavam armados com a panoplia da gandaia; o que podia temer era a intriga e a astucia do ousado conselheiro do Regente ..

Que de planos contra elle poderiam ter sido dispostos, desde que Lucero fugira de Cordova e o bispo de Catania fôra despojado dos poderes de inquisidor?!

Viver junto d'um rei é governar com o rei... O Cardeal regia o Regente .. O papa déra ao valido o chapéo de velludo, mas o rei fôra quem lhe pozera na cabeça o barrete de seda... Aquelle symbolo tão pequeno cobrira-o todo... Nem era um barrete; era uma corôa!

Talvez se pensasse em substituir os homens mais prestantes pelos mais ambiciosos!...

— A culpa não foi minha, decerto... Se eu terei de pagar os erros e as fraquezas do *tenebroso*, como lhe chama a villanagem, e as de João de La Fuente?

E o passeio era cada vez mais agitado...

E, comtudo, continuava só, entregue ás suas gravissimas apprehensões... E só, porque? Porque não chamava para seu lado um juiz mais affectuoso, algum familiar mais distincto... Lá dentro havia muitos frades e muitos seculares de forte musculatura e animo atrevido .. Se a turba chegasse até ali, sempre seria mais agradavel morrer, luctando em boa companhia, que ser assassinado pelo primeiro bandido que derrubasse a porta...

Quando se lucta doem menos os golpes recebidos... Mas, o arcebispo preferia estar só... E tinha medo? Sem duvida; mas o medo principal era o de o mostrar á gente que o suppunha valoroso e destemido... Um inquisidor não pode tremer, e, geralmente quem teme treme... Se o perigo chegasse a tomar o aspecto de invencivel, então o grande alarme não deixaria que o tremor fosse ridiculo! Por isso não perderia a vida mais cedo, e podia conservar toda a gravidade da sua magistratura.

Tinha dito aos seus esbirros e ás suas guardas, que estaria firme no seu posto, e ainda — que de cousa alguma se arreceiava! Aproveitaria até aquelles momentos de detenção forçada para examinar novas sentenças, e planear a investigação das responsabilidades.

Os capitães, ao retirarem-se para as suas posições de commando, juravam, uns aos outros, que nunca tinham visto um velho mais corajoso! Mal se via sem testemunhas, o inqusidor sentia frio e calor ao mesmo tempo, como se estivesse doente ..

Era da casa... explicava elle... ou então resultado de não ter dormido... Faz muito damno uma noite mal passada... parece que temos gelo sobre a espinha... e por todo o corpo um desconsolo!

Quem o visse, assim, a passeiar para aquecer, a parar para ouvir, agitando as pernas para entreter o tempo, havia de suppor que elle estava preoccupado com o que se passava lá fóra... Qual historia! Era mais facil cahir o throno de Fernando, que a sua cadeira inquisitorial!... Era mania dos homens de governo e de justiça sonhar, ás vezes, com a revolta dos espiritos... Uma historia como outra qualquer, boa para ser contada á lareira, para entretenimento dos velhos tontos e das creanças ignorantes!...

Para elle, que era um homem de estudo e de talento, tudo isso era ridiculo .. Não lhe tinham resistido emquanto vivos, e agora, depois de mortos, é que vinham ameaçal-o? Era o que faltava!

A judiaria e a mourama, essas sim; já que elle perdera tempo e não esmagara de vez toda aquella matilha, não tinha outro remedio senão atural-a agora... Que o povo, afinal, não passava d'uma matilha .. de po-

dengos... Coitados! teem o habito de correr atraz de quem corre... Em se lhes parando na frente, logo elles fogem para traz... E convinha não esquecer que a malta, apezar de hereje, era religiosa... religiosa, ou melhor, supersticiosa, o que não fazia grande differença... A uma lança é facil oppor uma lança, ou um chuço, mas a uma cruz!.. O respeito confunde-se muito com o medo... Ainda não estava bem averiguado se o Diabo fugia d'um crucifixo por lhe ter odio, ou por lhe ter respeito! Que, ainda que ouvisse o tropel das guerrilhas, elle proprio iria ao encontro d'ellas... No cimo da escadaria mandaria abater as armas dos seus defensores, e depois, de cruz alçada, habitos de pregas esculpturaes, rosto sereno, armado d'um sorriso de piedade, craneo nú, braço erguido para maldições, ou para bençãos, diria aos assassinos:

— A mim, pobres de espirito, vinde lancear de novo o corpo do Redemptor!»

A onda que vem das ruas é sempre suja. mas tambem imbecil... recuaria hesitante e reconhecida... A's portas do Inferno o exito seria o mesmo! Se isso não bastasse, prometteria adiar o auto e rever os processos... Antecipava-se assim aos planos da junta, que João Euguero já andava reclamando.

Este acto de audacia pareceria milagroso. Deus, que é fonte de todo o bem, dominando a alma dos rebeldes, deixaria ao inquisidor a gloria de thaumaturgo...

Depois, haveria ás mãos quantos lhe tinham roubado o somno e arrefecido os membros, e, para a outra vez, haveria muito menos ciganos, e mouros, e judeus, que ousassem quebrar com as suas maldições os ecos do Palacio... A fogueira mais alta teria a honra de queimar a purpura do cardeal, e a mitra do bispo de Vich teria, no logar das mais ricas pedrarias, as figuras diabolicas da artistica imaginação do Santo Officio!

Por isso elle queria estar só... Assim pensava mais e melhor...

Este isolamento era apenas interrompido pela necessidade de receber novas... Talvez nem fosse necessario pensar tanto!

Chegou-se, pois, ao timbre prateado, fel-o soar tres vezes, rapidamente. Appareceu-lhe o capitão da sua guarda pretoriana.

— Monsenhor...

— Que ha de novo?

— Esperamos, confiados em que saberemos morrer em defeza da vossa pessoa e da auctoridade da Egreja...

— Julgas ainda necessario tamanho sacrificio?

— Certos da victoria, anceiamos até pela prova da nossa lealdade e dedicação...

— Conheço as; mas prefiro que a sorte haja de poupar-vos. Dize-me: os invasores batem-se com vantagem?

— Com uma —: batem-se com coragem...

— E renovam-se?

— Dizem-me que não os emissarios, que espreitam a batalha.

— E' vaidoso o titulo que dás ao castigo da villanagem...

— Se não vem dos que ameaçam, merecem-o os que morrem ás duzias, em defeza da Santa Fé...

— Estão com os nossos as hostes do Regente?

— Estão, Monsenhor, e, graças a ellas, posso assegurar-vos o exito.

— Logo, não virão os herejes até as forças do vosso commando?

— Ignoro-o.

— Como assim?

— Os bandidos não se entregam ao Regente, entrincheiram-se no Palacio.

— Mas ficarão esmagados...

— Sem duvida. Mas não dizem, por emquanto, se querem morrer aqui, em frente das nossas armas, á porta dos vossos aposentos...

— E, se elles arremetterem com furia tal?...

— Monsenhor, somos trinta com tantas lanças e alabardas, e mais alguns com punhaes nas bordaduras dos cintos...

— E elles?...

— Chegarão fortemente acossados... e tantos corpos forrados de aço e empilhados a esta porta, formarão a melhor barbacã a defender-vos a posição e a vida.

— Está bem. Acautella-te d'alguma surpreza. Defendeste a outra saida?

— Dez homens a guarnecem e dos mais vigorosos e ousados...

— Dois homens, apenas, poderão utilisal-a.

— Bem sei — Henrique e o Morgado. Ensinei-lhes o santo e a senha.

— Esperemos, então; e, entretanto, irei descançar um pouco, disse o arcebispo com affectada serenidade e o exagerado estylo dos homens da sua raça.

— Agora? Descançar?

— Porque não? Augmentaste a minha confiança; não te mostres arrependido...

— Não, monsenhor... E' que está ali a mulher que mandastes trazer á vossa presença ..

— Ah! Tendes razão. Suzana que entre... Cobrirei o peito com esse escudo de carne humana. A rainha da Triana, ainda que os seus vassallos

triumphassem, abdicaria nas minhas mãos sagradas, todo o poder do seu odio. Capitão — se os vagabundos abaterem o teu braço, dize lhes, que me firam, a lança, e não a punhal, porque terão de atravessar com um só golpe o collo opulento da cigana e o peito mirrado do arcebispo...

E logo, á porta, n'uma escolta de esbirros e guerreiros, envolta no manto negro de Suzana, com a cabeça occulta no capuz, appareceu Sarah, de rosto pallido, mas sereno.

— Entra, disse um dos esbirros, empurrando-a, monsenhor quer ver-te e fallar-te.

O arcebispo fez um gesto de despedida á sua gente, que se retirou.

Deza recostára-se no rico espaldar da sua cadeira negra, sem encarar a sua victima, n'aquella attitude de orgulhosa superioridade d'um senhor que tem de tratar com um servo, ou com um escravo.

— Approxima-te...

Sarah ficou immovel e muda, junto da porta, que acabava de se fechar.

— Não ouves? Aproxima-te. Preciso da tua companhia... Aborrece-me demais este momento em que espero a destruição dos teus defensores. Respondes pela minha vida com a tua cabeça... Andaste com ella perdida, e achaste-a outra vez... Foi a Providencia que se lembrou de que poderia ser-me necessaria... Dizem me que és formosa .. Ainda bem! Para fiador da cabeça d'um arcebispo não vale uma cabeça qualquer... Só as mulheres que servem para viver commigo, podem ter o direito de morrer por mim e a meu lado... Com que então tens sonhado com a liberdade, á custa do meu sangue?... Um bello plano, não ha duvida... Julgaste-me um imbecil, que se deixava surprehender, como uma creança, por uma horda de salteadores, que fazem covis em mesquitas e synagogas... Já vês que perdeste o tempo... Emquanto a minha gente d'armas fôr destruindo todos os aventureiros, que veem á caça dos teus olhos bonitos e do dourado arcaz de Samuel, conversaremos sobre esta famosa conspiração. Se disseres quaes os mais culpados na rebeldia, e quaes os intrigantes que os alliciaram, talvez consinta que vás amortalhar os teus irmãos, cahidos por essas ruas de Sevilha e por essas encruzilhadas da Inquisição... Vamos, aproxima-te...

Sarah ainda d'esta vez não se moveu, nem fallou.

— Descança, atrevida cigana, descança, que não te convido a atraiçoar a memoria do mouro... Não preciso de ti... Sarah, a tua formosa companheira, está sob a minha guarda, e espera-me... Onde ha donzeilas nunca a velhice preferiu viuvas, despidas do pudor e vestidas de saudades! E não é só por isso... E' tambem porque o amor arrefece quando

se abraça com o odio... Ora tu, muito naturalmente, me odeias, e Sarah ama-me, e consentiu em ser minha...

— Mentis, Diogo Deza; Sarah odeia-vos, e não vos teme!...

O arcebispo levantou-se subitamente, fitando com surpreza, o vulto de Sarah.

— Quem ousa fallar-me assim?

E bateu com a mão, fortemente, sobre a meza, que tinha perto.

— Quem tem auctoridade bastante para vos dizer que mentis... Sou eu!... Vêde-me bem...

E Sarah descobriu a cabeça, levantando-a com fidalga indignação.

— Sarah! exclamou o inquisidor, entre admirado e receioso.

— Sarah! repetiu, como se não soubesse dizer mais, ou, como se aquella traição lhe fosse prenuncio d'uma grande catastrophe...

— Não comprehendeis como isto foi, poderoso chefe da Egreja de Sevilha? Nem toda a gente obedece ás vossas ordens, nem de todos os laços já sabeis acautelar-vos! Quem póde e quem manda nunca deve estranhar o que succede...

Evidentemente falta-vos authoridade e sciencia. Authoridade, que é illudida — sciencia, que não explica — se é isso que tendes, estaes perdido... Assim empobrecido estaes peior que sem cota de malha... Olhos que não vêem, ouvidos que não escutam..., intellegencia que não pressente, descobrem o peito, o orgulho e o prestigio... Tudo isso póde ser assaltado e ferido com golpes fundos e certeiros...

— Pensaes em alguma traição, Sarah? Sois a guarda avançada dos que se revoltam contra mim? Cuidado. Sarah, que ainda não estou vencido...

— No vosso caso qualquer teria esta surpreza como um aviso do ceo .. No jogo da maldade, como vêdes, nem sempre podeis ganhar. Meditae, Deza, n'este insuccesso com que não contastes... Quizestes perseguir-me, quando fostes forçado a dar-me a liberdade, e eu fiquei captiva... E' n'este captiveiro que me julgo mais livre e protegida! Contaveis com Suzana para vos vingardes, se vos julgasseis perdido, ou para vos salvardes se apenas vos ameaçassem, e Suzana, deve estar livre, afiando as armas da vingança! Cercastes-vos de lanças, escondestes-vos no recanto menos accessivel d'esta fortaleza, e são os vossos guardas quem vos trouxe quem não desejaveis avistar! Sou uma mulher inoffensiva, mas o meu braço poderia vir armado para a execução d'uma sentença! Abatei esse orgulho, Diogo Deza, e desconfiae do tecto que vos cobre, do chão que pizaes, das paredes que vos escutam... Tendes aqui segredos que inventastes para vossa defeza! Quem sabe o que elles guardam contra vós? Desconfiae do

vosso proprio braço, não acrediteis no que vêdes... Talvez que a vossa razão vacille... E' o destino que vos condemna, é a sorte que se cançou de vos proteger — é Deus que se envergonhou da vossa impunidade! Já não ouvis o tinir das armas lá fóra?... Tremei d'este silencio... Se estáis vencedor, porque não vos aclamam? Diogo Deza, acredito tanto na justiça de Deus, que, se n'este momento quizesseis luctar commigo, o meu braço seria mais dextro e forte, que o do mais valente cavalleiro! Sevilha odeia-vos! Posso affimar-vos; odeia-vos o Regente, amaldiçoa-vos a Egreja! clamam contra vós, do fundo das suas sepulturas, os cadaveres das vossas victimas! Reparae bem, que podeis até ser envenenado com as cinzas que andam no ar, e que dispersastes ao vento da praça publica!...

Quereis que me aproxime de vós? Para que? Dizei o que vos approuver, que só responderei o que me agradar! Quereis que eu fique em refens, como se fosse a condemnada? ..

— Não, Sarah, não; tremo até de que vos descubram n'este logar. Estaes sob a tutella da côrte portugueza, e não devo arrostar com as reclamações da chancellaria... Bem sei que o regente mantem o melhor trato com sua filha, a rainha D. Maria, e melhor ainda — que a vossa demora d'este logar, seria o melhor pretexto para a guerra que me estão movendo. Ouvi-me, Sarah: eu não vos quero mal, e, como tendes visto, nunca usei para comvosco qualquer acto de violencia... Tinheis promettido que serieis minha, se eu salvasse Jacob.

Era um ardil da vossa parte; logo o comprehendi, e d'elle me acautellei, sem comtudo pretender faltar á promessa feita. Consiga eu restabelecer a paz e a ordem, e Jacob será poupado aos martyrios que lhe annunciam!... Fui atraiçoado, e por isso vos attrahi... Bem sabeis que eu ignorava que fosseis vós quem viria á minha presença com o nome de Suzana .. Estaes livre — podeis sahir...

— Podeis garantir que serei respeitada? Seria rematada deslealdade, depois de me achar sob a vossa protecção, entregar-me á gente revolta, que me enche o caminho... Precisaveis d'um escudo, que vos livrasse da furia dos ciganos? pois bem — contae commigo: defender-vos-hei em nome de Pedro Soares, que nunca praticou um assassinio!

— E, se Pedro vier, que lhe direis, senhora?

— A verdade, com a qual poderei salvar a minha honra. Dir-lhe-hei, que, por vossa ordem, fui esta manhã roubada por dois esbirros, e conduzida...

— Não direis a verdade, porque estaes aqui...

— Contarei tambem como Suzana foi raptada em meu logar, e como eu tomei o logar de Suzana...

— Não, Sarah, ides deixar-me só... Saberei affrontar a morte...

— Não quero expor-me a novas aventuras — Esta casa é um covil de traições... Quantas me terieis preparado, se eu me resolvesse a fazer a perigosa travessia!? Esperarei aqui. Nada perdestes com a troca... Suzana, para se vingar, seria capaz de sacrificar a vida, e. eu sem me perder, poderei salvar-vos... Monsenhor, arcebispo de Sevilha, acceitae resignado a vossa sorte, como eu acceito a minha... Bem vêdes — sois o mais forte — estou nas vossas mãos... Estaes em vossa casa e tendes quem vos defenda!... Eu estou só...Se quereis mostrar-vos ousado, podeis tental-o... Quem sabe? Talvez que Deus esteja a meu lado e saiba defender-me...

— Fazeis mal, muito mal. em pretender esgrimir commigo... Assim como teria força para vos manter aqui, quando quizesseis fugir-me — terei para vos affastar, quando persistirdes contra o meu interesse e a minha resolução.

— Ameaçaes, emfim?!

— Entregar-vos-hei ao capitão das minhas guardas, que responderá por vós. A vossa presença representa, sem duvida, um laço armado á minha bôa fé... Não sois uma captiva, uma condemnada, confiada pelo tribunal ao arbitrio da minha vontade — sois uma estrangeira, cuja liberdade me foi ordenada... Cumpri essa ordem, e hei de mantel-a

— Talvez que não tenhaes tempo... Não ouvis?

Deza approximou-se da porta e escutou.

— Deus seja louvado! disse elle, erguendo os braços, alegremente; a ordem está restalecida e as acclamações enchem o Palacio!...

— Escutae melhor... O que ouvis agora?

— Os passos de muita gente, que se encaminha para aqui... Parou... E é gente armada!

— Abaixo Deza! disseram muitas vozes.

E, logo em seguida:

— Viva o novo Inquisidor!

— Estou perdido, exclamou o arcebispo, pondo as mãos na cabeça — e não é a rua que grita, mas o *Alcazar!* Não é a Triana — é Castella! Não é uma ameaça, é uma execução!

Com a haste d'uma lança alguem bateu trez vezes, compassadamente, nas ferragens da porta.

— Em nome do Regente, Fernando V, mando a D. Diogo Deza, arcebispo de Sevilha, que receba e acate os mandados de sua eminencia, o Cardeal Cisneiros, arcebispo de Toledo, e Inquisidor Geral de Castella!

— Sarah! lembrae-vos da vossa promessa? Jurastes que me salvarieis a vida...

— Lembro-me de que prometti não me vingar, e impedir que outros se vingassem...

— Que quereis de mim?

— Uma ordem para que Suzana seja posta em liberdade...

Deza escreveu immediatamente.

— Ponde a data de hontem...

— Seja. Aqui está tambem a indicação do seu paradeiro.

Sarah guardou a ordem.

— Agora podeis dizer...

— Não abrireis esta porta senão alguns momentos depois de eu ter desapparecido, por outra, que vou abrir n'aquella parede...

— Ide.

E fóra uma voz repetiu o pregão...

Deza revolveu as gavetas do seu arcaz marchetado e guardou no peito alguns rolos de pergaminho.

— Que Deus me ajude, e me dê tempo para chegar ao porto! Lucero preveniu tudo...

E, mettendo uma pequenina chave n'um dos filetes negros da parede, fez girar nos gonzos uma porta mysteriosa.

— Estou salvo!

— Sem pedir licença!? Isso é que não, monsenhor. Esta porta tanto serve para sahir, quanto para entrar!

Estas palavras, que fizeram recuar o arcebispo, foram ditas por Pepe, que surgio das sombras da abertura.

— Por Deus, ou pelo Diabo! deixae-me passar...

— Devagar, devagar! Quem vos deu salvo conducto?

— Eu, Pepe. Pagou-o com a liberdade de Suzana, accudiu Sarah.

— N'esse caso, menina Sarah, dae me esse talisman.

Sarah correu a Pepe e entregou-lhe a ordem.

— Agora, continuou o pastor, Eva que siga o fugitivo e vá resgatar os seus amores.

— Senhor arcebispo, disse Eva, alegremente, as vossas guardas desertaram; o caminho está desembaraçado... Vou servir-vos de guia.

Deza e a sua companheira desappareceram.

— Abramos esta porta, menina; a onda é de perdão e de liberdade.

E a voz lá fóra repetiu:

— Em nome do Regente mando a Diogo Deza!...

— Qual Deza! qual arcebispo!? Podem entrar os representantes da lei...

Ao franquear a entrada Pepe ficou attonito... Não era aquillo que esperava..

Pela galeria fortemente illuminada estendia-se um luzido cortejo.

Era grande o numero de frades e de seculares, que formavam as alas, entre as quaes, e, sob um pallio franjado de ouro, estava com manto e chapeu vermelhos, o cardeal de Toledo — D. Ximenes de Cisneiros — Era grande tambem a fila de Conegos, e a' dos escrivães e relatores do tribunal. Faziam a côrte ao novo Inquisidor pessoas gradas, por nascimento e funcções publicas. Ali estava, com todo o brilhantismo da sua farda, o logar tenente e capitão geral de Sevilha, o embaixador do Papa, D. João Manoel, o cordovez D. Gonçalo de Ayóra, Perez de Almazan, secretario do Regente, o bispo de Osma, D. Affonso Henriques e o conde de Cabra, valentes inimigos de Lucero e de Deza. Até o conselheiro Pedro Martyr Angleria, author das *Cartas latinas*, não quiz deixar de assistir áquella cerimonia, como protesto contra o arcebispo.

Ao lado do embaixador de Portugal estava Pedro Soares.

Perez de Almazan avançou para o salão do arcebispo.

— D. Diogo, em nome do Regente...

— Excellencia, disse Sarah, avançando para o secretario real, monsenhor fugiu...

— Fugiu?

E Sarah, indicando a porta secreta:

— Por ali.

— Que ha do sr. arcebispo, meu caro Almazan? Morreu de susto, ou imitou Lucero? perguntou, arrastadamente, o Cardeal, que se approximara.

— Eminencia! o vosso antecessor teve mais medo das ordens do rei, que da aventura dos ciganos.

— Bem, disse o Cardeal, se Deza fugiu para s seu arcebispado, adivinhou a vontade de Fernando V. Deixae-me tomar posse do meu alto cargo, rezando com fé viva em Deus, na prosperidade da Hespanha, e na administração da justiça, orando n'aquelle altar, que um máo servidor da Egreja offendeu e abandonou!...

E Cisneiros, seguido sempre, ajoelhou aos pés do altar a que Deza confiára, durante oito annos, os segredos da sua alma depravada e descaroavel. A comitiva ajoelhou tambem.

*
* *

Quando Pedro ia entrando no salão, Sarah lançou-se-lhe nos braços,

— Emfim, meu bom irmão, vamos fugir d'estes logares malditos!

— Minha querida Sarah! quanto tens soffrido!... E tu aqui? Que nova infamia preparou o bandido contra a tua felicidade e a nossa honra?

— Nenhuma, senhor Pedro, nenhuma. Eramos dous a defender a vossa e a nossa honra... Que a menina Sarah não precisava do meu braço... Ora vêde; aqui está o punhal com que ella se defendeu da primeira ameaça.

E Pepe apresentou o punhal de Sarah.

— Como vêdes ainda está manchado...

— Bem; oremos com sua eminencia, disse Pedro ajoelhando.

Sarah e Pepe imitaram-n'o

— Pepe, e Sarah, ao interrogar o pastor, não levantou os olhos do chão e fallou tão baixo, como se estivesse rezando, o meu punhal! como pudeste havel-o, se eu o havia perdido?

— Arranquei-o do coração de Jacob. Podeis guardal-o; este sangue pertence-vos... Estaveis lá dentro, com certeza...

Nas mãos de Sarah cahiram duas lagrimas ardentes.

E o Cardeal, affagando a sua capa vermelha, ergueu-se, e, estendendo as mãos, abençoava os seus amigos e os seus fieis.

E os sinos de Sevilha repicavam com bravura, parecendo dizer: *Abaixo o arcebispo! e viva o Cardeal!*

LXIX

Um raio de sol

Abria-se um periodo novo na historia da Inquisição hespanhola. Um intervallo de brandura n'aquella serie de violencias e atrocidades, e que, infelizmente, foi pouco duradouro. Não houve, durante elle, uma suspensão de máos costumes nem de politica intolerante; apenas alguns momentos de descanço para retemperar o genio de perseguição, que esvoaçava por todo o mundo, com as suas immensas azas de sombras e de lucto. Era a formação do salto da panthera, que se agacha para acommetter com maior energia, e ferocidade. É assim que os milhafres estacam no espaço sobre as cabeças das victimas!

As tréguas eram devidas á necessidade de animar esperanças e consolidar predominio.

Como succede em todas as occasiões em que um poder é substituido, o novo poder pretendeu radicar sympathias na opinião. Cisneiros precisava de divergir de Deza para convencer o mundo de que tinha idéas e processos differentes. — Depois viria e recrudesceria mais impetuosa.

Deza contava então setenta e trez annos, e aproveitara os ultimos oito em dominar, pelo terror, sobre o povo e sobre o throno. Usara e abusára do mando, chegando a pleitear primasias sobre o throno das Hespanhas e sobre a Côrte de Roma! Arredal'o era esmagar um usurpador de diversas realezas. Assim o comprehendeu Fernando V, não porque o rei fosse melhor que o Inquisidor, mas porque este estava já compromettendo a tyrannia... Pessoal novo fazia a força mais forte...

Deza já tinha dominado de mais... Toda a Hespanha lhe sentira o pulso.

O dominicano não deixara saudades, nem em Samora, nem em Salamanca, nem em Jaen, onde fôra bispo. Nos arcebispados de Sevilha e de Toledo não fôra mais feliz, e, como inquisidor, já vimos a excellencia da sua obra...

Havia toda a conveniencia em lhe reduzir o predominio, deixando-o entregue aos seus estudos theologicos.

Nem a tarefa da Inquisição poderia continuar na sangria e na queima dos partidarios das velhas religiões. As novas causavam mais receios.. A reforma era peior inimigo, que a tradicção!...

Luthero era mais vigoroso e suggestivo que Moysés e Mahomet. Os judeus e os mouros uniam e disciplinavam a Egreja, e os lutheranos dividiam-n'a. — A obra d'aquelles creava e desenvolvia novas forças; a d'estes debilitava-as...

O protestantismo vinha do norte sobre o poder de Roma, e trazia o vigor de independencia e de critica, que abalava as columnas do templo. Luthero tinha alguma cousa da energia dos barbaros e annunciava uma invasão terrivel, á moda do Attila.

Todo o trabalho de Deza seria perdido, se Cisneiros não viesse salval'o.

O arcebispo entretivera-se a acommetter os que apenas se defendiam — e o scisma tomava a offensiva sobre o dogma!

Era, pois, necessario parar algum tempo, para adoptar nova orientação... É para isso que servem as generosidades dos que não são generosos.

Na liquidação de responsabilidades fingiu-se um pouco haver sinceridade. Houve revisão e annulação de processos, que mais tarde foram revalidados; sahiram dos carceres muitos condemnados, que foram cheios de sorrisos aspirar as brisas do Gualdquivir, e que depois regressaram ao captiveiro, cheios de lagrimas e de desespero...

Aquillo foi apenas um raio de sol que fundiu uma nuvem, rapidamente, n'um céo tempestuoso.

Entretanto, muitos desgraçados aproveitaram aquellas tréguas. — Os que não tinham quebrado as azas no encerro, soltaram o vôo, e foram pousar muito longe!

Sevilha tomou um aspecto festivo... A Giralda, coberta de flamulas multicores, parecia um palmito de fogaceira... A Triana desfazia se em cantares, e, no rio, os barcos de commercio e as lanchas das náos andavam garridos sobre as aguas tranquillas, saudados pela multidão, que se debruçava da ponte.

Abriram-se muitas portas ha tanto tempo fechadas! Nos balcões, o vento sacudia os pequenos toldos brancos, e o sol curava aquelle formoso estendal, como costumava fazer ás roupas que as lavandeiras punham, espreguiçadas, sobre as hervas dos campos!

As creanças andavam, aos bandos, nas ruas, e os rapazes fugidos aos

labores e amanhados com elegancia, chicoteavam, com olhares de amor, o pudor das raparigas.

Passava no espaço uma aragem de fé, e de bôa fé! A religião mostrava tantos encantos, sorria com tanta meiguice, resuscitava com tanta vida, que fazia lembrar uma viuva fresca, que despe o luto da saudade no dia das novas bôdas!

Era um dia de reconciliação!

Rara era a casa em que não havia um regresso a festejar, e festejava-se com vinhos muito dourados e com lagrimas muito risonhas!

Os sinos pareciam mais pequenos, e o bronze soava como o crystal!

Os ricos lançavam á rua effigies do Regente, embrulhadas em retalhos de côr, para que não se perdessem na calçada, e os pobres levantavam-nas, beijando-as, e cantando orações á Virgem e louvores a frei Ximenes.

Nas caravanas dos mendigos appareciam miseraveis, que tinham obtido perdão e liberdade, mas que já não encontravam nem pão, nem familia! Magros como esqueletos, amarellos como a cera, alquebrados, tropegos e trémulos, enchiam os olhos de luz e de ar o peito, a chorar de surpreza, como tinham feito quando deixaram o seio materno! E, quando elles passavam, de todas as janellas lhes atiravam dinheiro, e de todas as portas vinha gente ao seu encontro com mendrúgos e gamellas de caldo!

Na *Plaza Mayor,* a mesma gente que ajudára a construir pavilhões e palanques, e a formar estrados, postes e pyras, abalava tudo isto com braços rijos, dispondo montões de lenha, que outra levava á cabeça, cantarolando, como se voltasse do matto para os cuidados da lareira!

Como é voluvel o caracter das multidões!

Respirava-se uma atmosphera de paz e ouvia-se no vento um echo de perdão!

Oh! que se o povo não tivesse quem o estragasse, que esplendido leão para as grandes luctas! que formosa creança para os melhores affagos!

No logar dos patibulos espalhava o rapazio ramos verdes das oliveiras, que tinha assaltado e que trouxera ás braçadas, com o mesmo zelo com que n'outros dias tinha ajudado os algozes a armarem-se de tições!

Até a gente d'armas puzera mais garbo na lança e mais brilho nos olhos!

Cisneiros deixava que todos lhe festejassem a conquista... Assim lhe ficava mais tempo para meditar na reforma do tribunal...

Fernando v não tinha de que se arrepender... o que fizera fôra acclamado, o que vencera não poderia resistir, porque não tinha auxiliares.

Depois das primeiras alegrias vieram as primeiras gratidões... Era

urgente dar graças a Deus, que, afinal, se elle não tivesse querido, nada d'aquillo teria succedido!

Então, a expensas dos fieis, os templos illuminaram-se e fioriram! O zelo dos christãos novos pelo brilhantismo das festas, se não excedeu, egualou o fervor religioso dos velhos crentes. Em todas as egrejas e capellas foram rezados e cantados *Te-deums,* na frente dos altares prodigamente enriquecidos e com um concurso de gente, que segurava as portas escancaradas, e descia pelos degráos dos adros, vindo estender-se pelas ruas!

Nuvens, se as havia, eram de incenso e perfumavam a nave, e até pareciam vir cá fóra envoltas nas ondas vibrantes dos canticos sagrados.

Tambem a nobreza da cidade quiz dar culto esplendoroso á sua fé e preparou os officios na grande cathedral. Altos dignitarios da egreja se associaram a esse voto, os do arcebispado e os de fóra, que ali estavam de visita, por causa dos acontecimentos que a côrte e o cardeal tinham prevenido e aproveitado.

Deza era o unico que faltava, e isso provava que não é incompativel o mêdo com a compostura. O cardeal respeitou-lhe a idade e os achaques...

O templo encheu-se de flores, e, por toda a parte, ardiam os cirios engrinaldados.

Durante todo o dia foi grande a concorrencia de povo, e, ao fim da tarde, as melhores familias da cidade foram tomar os seus logares. No côro, ao centro d'uma das naves, e fechado por diversos retabulos da talha mais caprichosa, os cantôres tinham-se sentado deante de altas estantes, ladeados de tocheiros graves e pezados. A' porta abundavam as liteiras, que, depois de largarem as damas mais gentis, se affastavam, indo postar-se no recanto mais affastado.

As altas dignidades ecclesiasticas foram as primeiras que chegaram, e o matiz das suas vestes veio dar brilho maior ao aspecto interior da egreja.

As obras da cathedral tinham sido suspensas n'esse dia, apezar do zelo com que Fernando V, procurava ultimar, em sua vida, aquelle colossal edificio...

A megestade do templo já então se affirmava, na ampliação da velha mesquita. Já voavam, com elegancia e firmeza, as altissimas abobadas, sem inveja das torres do *Notre-Dame;* a mão do arcebispo, com grande solemnidade, sagrava as cinco e formosas naves, suspensas em columnas tão fortes que nem obedeceriam aos empuxões de Samsão.

Um escriptor portuguez, que singelamente escreveu as impressões

das suas viagens na Andaluzia, n'um rasgo de eloquente admiração, exclama: «Parece que toda uma geração de cyclopes e de artistas gigantes andou a accumular, durante seculos, no seu vasto recinto, os mais preciosos e variados materiaes, e a dispol-os com habilidade rara.»

E era assim; na verdade o colossal edificio, conquistára na terra uma extensão superior, ao que hoje chamariamos mil e quinhentos metros quadrados!

Por estarem ainda desguarnecidas essas immensas paredes e abobadas, não eram menos artisticas e magestosas... Estavam já rasgadas as largas janellas e as rozaceas, que mais tarde deviam coar os raios de sol pelos seus cristaes multicores. Pelas sete portas já abertas e emquadradas em arabescos e laçarias, desenhavam-se já todos os estylos architectonicos, desde o das phantasias arabes, até o gothico e o romano!

Ainda a cathedral não tinha, agarrados aos seus marmores, as melhores glorias artisticas, que um seculo mais tarde vieram enriquecel-a — os portentosos quadros de Murillo... A capella do baptisterio, já se impunha pela opulencia das suas linhas, mas ainda, na sua nudez, parecia esperar impaciente a tela de Santo Antonio, de braços abertos, querendo receber o Menino, que se desprende de entre anjos e nuvens!

Na Capella-mór havia primores de archictetura e riquezas que scintillavam entre myriades de estrellas, e já lá estava o logar onde mais tarde havia de brilhar, á luz dos cirios, o magestoso sacrario de prata, que tem sido o orgulho da Cathedral sevilhana. Na capella real já tinham sido recebidos os tumulos d'alguns reis, e até o de Maria Padilha, a formosa favorita de Pedro, *o cruel*, se ennobrecia entre esses monumentos, como se fosse tarefa e honra iguaes, amar os principes, ou governar as nações.

Ainda incompleta, a Cathedral tinha muito que ver... No thesouro, ainda reduzido, mas já muito visitado, se não existia a celebre custodia de prata, que não tem igual em todo o mundo, em tamanho e valor, poderia admirar-se, como curiosidade historica, a chave que S. Fernando recebeu do rei mouro, ao conquistar a cidade...

Depois da sagração do templo, era aquella a primeira festa que n'elle se celebrava. A egreja de Sevilha commemorava assim o advento de Cisneiros, e o povo a liberdade de tanta gente captiva, o perdão de tanta gente condemnada!

Por toda a parte a conversação era viva e interessante.

— Reparem como o dia está bonito! Ha quanto tempo não temos assim um sol tão claro e tão quente!

— E' que Deus approvou a deposição de Desa...

— E é verdade — gente que tem sombras na alma até escurece o céo!...

— Bem hajam os ciganos que venceram, tendo sido vencidos...

— Segredos da sorte...

— E da côrte...

— E' isso. O Regente metteu-se no conflicto e enganou os dois adversarios...

— O caso é que fez bem...

— A viuvez adoçou-lhe o coração...

— E' que tambem passou a ser menos que era: regente é menos que rei...

— Tal qual — ser menos faz ser menor... e os menores são melhores...

— E Cisneiros começa bem...

— Lá isso começa... E' que tem mêdo de acabar...

— Tambem me parece! Em elle firmando o poder, a intriga o fará tyranno.

— Pois sim, mas, entretanto...

— Entretanto é bom e justo que agradeçamos a Deus a sua intervenção.

— E na verdade, se o céo não se tivesse feito cigano, em pouco tempo Sevilha seria um lago de sangue...

— Se fosse só de sangue de mouros e judeus!... ainda, ainda! Mas qual — já andava tanto sangue limpo misturado com esse!

— Como se tem vivido assim!

— Nem se pode dizer *vivido;* morrido é que é...

— Pelo menos esta noute já poderemos dormir descançados... Que pezadellos em todos os sonhos!

— Que a Inquisição ainda tem muita gente...

— Está o tribunal a rever-lhe os processos.

— E a junta tem vontade de annullar todos... Os bispos estão irritados...

— Os bispos e a outra nobreza... O marquez de Priego gasta dinheiro a rôdo!

— Olá, D. José, já entrastes na cathedral?

— Isso assim! Não cabe lá mais ninguem. Ella é táo grande que, apezar de estar dentro de Sevilha, parece que poderia conter Sevilha... e não pode.

— E' que Sevilha está hoje maior... Nem cabe em si de contente! Depois o campo...

— O campo, e os foragidos... Quantos, que já iam distantes voltaram para traz! Até no porto o movimento é grande!

— Já vistes como estão azues as aguas do rio?

— Podera não! O rio é o espelho do firmamento...

— Bôa tarde, senhor D. Praxedes. Folgo de vos ver! Ha quanto tempo não lograva encontrar-vos...

— Tenho estado escondido...

— Tinheis o nome no rol?

— Não; tinha sobre mim os olhos dos esbirros

— De que vos accusavam?

— De estar em liberdade!

— Ao que nós chegámos!

— E ao que nós voltaremos!

— Sois agourento, D. Praxedes...

— Sou propheta, e tanto que deixei aberta a porta do meu esconderijo .. Qualquer demora em abri-l'a poderá perder-me...

— Creio, que poderemos estar socegados...

— Pelo menos hoje. Na primavera é vulgar que um dia tempestuoso siga um dia de sol.

— Veremos isso amanhã.

— Vós o vereis, não eu...

— Voltaes para a sombra!

— Não — fujo — A noute ha de ter estrellas, e pedirei a uma que me conduza a terras de Portugal.

— Ah! quem me déra lá estar!

— Aquillo é que é uma terra abençoada para christãos e judeus!...

— Sabeis? E' tambem esperado na festa o embaixador da nossa princeza...

— Qual prineeza?

— A filha do regente...

— Ah! sim, o embaixador de D. Manoel... Talvez devamos a elle este raio de sol que nos aquece.

— Acreditaes então no que por ahi se diz!

— Que a perseguição feita aos portuguezes complicára a situação de Deza? Sem duvida alguma... Pelo menos serviu de pretexto... Esse cavalleiro, enviado da Alcaçova de Lisboa, intrigou com tanta energia junto dos outros representantes estrangeiros, que o Regente teve de ceder...

— Abençoado elle seja!

Um momento depois, n'outro grupo, a conversação não era menos animada.

— Já sabeis quem abriu a porta do Palacio a tantos infelizes?

— Foram os *gitanos?*

— Qual! esses abriram-nas, mas deixaram-n'as logo fechadas. Nem elles, coitados! puderam sahir!

— Lá isso sahiram; só lá ficaram os mortos e os feridos. Ainda ha pouco passava para os lados de *S. Telmo,* junto ao palacio em construcção, um bando dos que conseguiram fugir pela cêrca...

— Pois sim, mas elles não deram liberdade aos presos...

— Mas então quem foi?

— Ora quem? O enviado portuguez, que Deza deteve, por suspeito de conspirar com a gente de Cordova.

— Sério?

— Sério. E' Pedro Soares... decorem-lhe o nome, rapazes.

E, de bôca em bôca, correu, accrescentada de mil pormenores, a narrativa em que Pedro era o melhor protagonista. Fallava-se já em notas diplomaticas trocadas entre as duas côrtes, citavam-se palavras asperas do embaixador portuguez... dizia-se que até a rainha D. Maria escrevera a seu pae, protestando contra as arbitrariedades e violencias do Inquisidor!

As mulheres não esqueciam tambem a intervenção d'uma mulher. O nome de Sarah já era repetido com frequencia e acclamado com sympathia.

Entre a multidão havia ciganas, que muito se entretinham fallando de Suzana.

A pobre mulher fôra arrancada, por Eva, da casa de Mercedes, para onde as complices do Morgado a tinham levado.

Com a ordem de Deza não hesitou em voltar á Triana, e ali, abraçando os seus velhos amigos, contára minuciosamente todos os episodios que lhe tinham roubado e restituido a razão. Não esqueceu, nas suas narrativas, de manifestar a sua admiração pelo desgraçado Jacob e pela amizade que conquistára no coração de Sarah.

Suzana passou alguns serões fallando na formosura e na coragem da portugueza!

Os seus ouvintes chegaram a apaixonar-se por essa creaturinha tão perfeita no corpo e na alma, e, suggestionados pela eloquencia de Suzana, não hesitaram em attribuir á irmã de Pedro Soares, como todos lhe chamavam, uma influencia angelical em todos os acontecimentos que determinaram a demissão do arcebispo.

A narração de Suzana andou, de lareira em lareira, a commover os espiritos — e até as creanças já perguntavam ás mães — se aquella mulher era Nossa Senhora?...

— Quem sabe! respondiam as interrogadas. Do ceu veiu ella, com

certeza; entre as santas, não ha, alma mais pura, rosto mais bello, mão mais protectora!

Pepe, que conhecia Sarah do convento de Lorvão contava tambem a apparição e a vida da noviça, e, ao descrevel-a nas solemnes situações d'aquelle lupanar religioso. altiva, casta, eloquente, dominando e vencendo os mais poderosos, defendendo e acariciando os mais fracos e perseguidos, fallava com tanto enthusiasmo e com tanto respeito, que a pobre gente, ouvindo-o, sem reparar no que fazia, abria muitos os olhos e punha as mãos, como se estivesse vendo-a e quizesse adoral-a!...

— Sarah é uma santinha! Parece-me ainda que a estou vendo! O habito de noviça ficava-lhe tão bem! Era tão doce a sua tristeza! Tão meiga a sua voz! Até as mais poderosas a respeitavam! As mais pobres e desprotegidas lhe contavam os seus males, e duas palavras só da celestial figurinha as consolava e lhes dava resignação!

Pepe lançava-se ás vezes n'estes exageros:

— Lembram-se d'aquella imagem de Santa Justa, a nossa padroeira, que está n'aquelle nicho da entrada principal do Alcazar, parecendo proteger a passagem do rio? Pois, Sarah, era tal qual! O que, principalmente, se devia admirar na bondosa filha de Lopo, era que, sendo ella tão christã, tanto se compadecia da sorte dos mouros e dos judeus! Eva tambem depunha com o mais exaltado fanatismo, n'este processo da santidade de Sarah.

— Eu não acreditava demais no que me dizia Pepe... Os homens teem o habito de adorar um rosto bonito, e julgam que todos os corações se espelham nos olhos mais seductores... Mas, afinal, tambem a vi, tambem a ouvi!...

— E então? perguntavam com grande anciedade, as raparigas da Triana.

— Então? Se Pepe me fallava d'uma mulher — eu só posso fallar d'um seraphim, que se beija com os labios e a quem depois tambem com os labios se reza... Não é da terra, não é... Parece que nos beija, quando nos olha!...

E coragem? Não tem menos que a cigana mais aventureira! E' uma fidalga, das que Roma santifica, uma rainha, que tem na fronte uma corôa de luz!

Entre a sociedade mais peralta de Sevilha tambem se fallava com inveja de Pedro Soares.

— Andam amores entre os dois!... Feliz cavalleiro que, na liça mais arriscada, ganhasse a mão de tal dama!

— Vistel a?

— Advinhei-a atravez da cortina da liteira. Parecia uma fada a caminho do seu palacio encantado!

— Tambem a enxerguei hontem, á porta da embaixada... dizia outro.

— E' mais formosa que uma formosa andaluza?

— Põe n'uma andaluza o collo d'uma franceza, e talvez possas imaginar...

— Talvez?

— Talvez? que, além de tantas perfeições, envolve-a uma castidade seraphica, que não é innocencia, e uma audacia respeitavel, que não é petulancia...

— Sabes se ella se demora em Sevilha?

— Julgo que não... Anda o fogo da paixão em muitos olhares perigosos...

— Ah! quem me déra ir por esse mundo fóra agarrado á fimbria do seu manto!

— Já a viste andar?

— Já; parece que vôa!

— Se eu fosse rico, muito rico, havia de lhe cantar toda a noite sob o balcão da sua alcova...

— E eu havia de lhe erguer um altar de ouro e flores n'uma das naves da nova cathedral!

— O melhor era reunir toda a fidalga mocidade d'este reino, e passeial-a, em andor de rosas e violetas, na proxima semana santa!

— Se eu fosse judeo, fazia-me christão!

— Isso era commodidade, e não sacrificio, n'estes tempos de conversões forçadas... Pois eu, se ella fosse judia, fazia-me judeu...

— E tens razão... Pelo fogo d'aquelle olhar podia-se soffrer o fogo do Santo Officio!...

*
* *

Já o sol tinha fugido e ainda na egreja havia rezas e canticos...

Entre a multidão, que assim entretinha o tempo e que não lográra entrar na Cathedral, houve um movimento de viva curiosidade.

Todos se interrogavam:

— Que ha de novo?

— Talvez acabasse a festa...

— Isso não, que o povo corre para lá...

— Alguma manifestação alegre entre os gitanos...

— Não ouvem gritos?

— São acclamações!...

— Que formosa liteira! Será a do arcebispo?

— Qual?! o arcebispo não ousaria apparecer tão publicamente e tão desacompanhado...

— A do Cardeal tambem não é... nem tem aquellas côres... e não traria guardas e caudatarios...

— Ah! já sei — é a liteira de gala do embaixador portuguez...

— E não vem só... traz a seu lado o enviado extraordinario do rei D. Manuel.

— Então, aquella dama?

— Espera... é isso... é Sarah, a heroina de que toda a Sevilha tem fallado...

— Vamos vel'a, vamos vel'a!

A gente mais affastada se aproximou n'uma correria alegre e ruidosa.

De todos os lados o povo, ao reconhecer a filha de Lopo, envolveu a liteira com tal empetuosidade, que os cavallos se assustaram, e em grandes saltos e corcovas, ameaçavam de desmanchar, com os seus desatinos, o famoso vehiculo.

A noute cahia rapidamente.

Os gritos de *viva Sarah!* echoavam com energia, mas o tropel era tamanho, que mais parecia obra d'uma chusma alboratada que de gente alegre a festejar uma mulher.

Ao sentir-se arrastado sobre a multidão, que já clamava, ao ser pisada pelas patas dos cavallos, que, aos galões, sacudiam a cabeça ricamente ataviada, e rinchavam como se estivessem n'um campo de batalha, Pedro, abrindo a portinhola, saltou para a rua, e logo foi seguido pelo embaixador. Era seu proposito deter as alimarias para evitar atropellamentos e ainda salvar Sarah de qualquer catastrophe.

Com o espirito exageradamente prevenido, Pedro não hesitou em acreditar que alguma cilada estava occulta n'aquella brusca manifestação popular.

Pedro bem sabia que o sol alegre, que n'aquelles dias aquecera Sevilha, não affastára todas as sombras que enchiam o espirito dos intrigantes... Que novas desgraças lhe estariam preparadas?

Nem Pedro, nem o seu companheiro lograram o proposito com que se tinham movido... Uma onda de povo os envolveu e arrastou...

N'esse momento um dos cavallos, sacudindo fortemente os arreios que o prendiam, abandonou a liteira, que o outro levou de rastos, por entre a multidão, que fugia, sem conhecer a causa d'aquelle desastre e d'aquelle terror.

Sarah, que se julgava perdida reconheceu os seus salvadores

Ouvio-se então uma voz que gritou, e se fez ouvir:

— Morra a traição! Querem roubar a nossa salvadora! a mãe dos pobres! a protectora de mouros e judeus!

Do lado da Giralda, irrompeu um bando de gitanos, que cortou a multidão e se precipitou, com denodo e valentia, sobre o assustado animal... A liteira, toda ouro e seda, parecia desfazer-se de encontro ás columnas do portico e sobre as pedras da rua!

O cavallo, coberto de espuma, foi dominado pelo pulso herculeo d'um ou mais ciganos...

A gente da Triana accorreu pressurosa a procurar Sarah, que se achava desfallecida dentro da liteira, e Pepe, que entre todos mais se distinguira arrancou a pobre menina, e, erguendo-a nos braços, como um tropheo, a mostrou á turba curiosa.

Agitada por tal forma e sentindo no rosto a luz dos archotes, que da egreja tinham vindo em soccorro, Sarah, que se julgara perdida, reconheceu os seus salvadores. Eram elles Pepe e os companheiros de Eva.

Os ciganos formaram, em torno de Sarah, um circulo de ferro, não só para a livrarem da curiosidade que agitava aquelle mar de cabeças, mas ainda para a defenderem d'um bando armado, que ali surgio, como por encanto, e que, se não vinha da Gardunha, muito fazia lembrar os que a serviam por ordem da Inquisição...

Sarah foi, então, levada em triumpho para dentro da egreja e acclamada com a mais viva alegria.

Pedro, luctando com muitos braços que o embaraçavam, e entre os quaes descobrio musculaturas de esbirros afamados, conseguio chegar perto de sua irmã.

— Meu caro Pepe, quanto te agradeço! Sarah nada soffreu?

— Parece que não, sr. Pedro; apenas a commoção...

— Que terrivel desastre! continuou Pedro Soares.

— Desastre? Dizei antes — cilada.

— Então os perigos continuam?

— Sem duvida — isto foi apenas um raio de sol. Em Sevilha as trevas da noute vão continuar as perfidas armadilhas de todos os tempos. O palacio da Inquisição ficou de pé... Emquanto em Hespanha uma tremenda revolução não deixar pedra sobre pedra n'estes abrigos de corujas, a traição ha de ser a vergonha do Estado e da Egreja.

— E quem julgaes que ainda se atreva?

— Quem? Toda a gente. Hoje ainda Deza, amanhã já Cisneiros!... A vossa vida e a honra da menina Sarah correm perigos iguaes.

— N'esse caso ficarei. Preciso de ajustar contas com todos esses bandidos, que nos ameaçam.

— Isso seria loucura, sr. Pedro. O que vos cumpre é partir immediatamente. Este sólo está cheio de surprezas. Se o vosso orgulho vos aconselha a que fiqueis, a felicidade da vossa companheira reclama a partida...

— Pensarei, interrompeu Pedro.

— E depois, dirigindo-se a Sarah:

— Minha irmã, quereis agradecer a Deus a vossa salvação?

— Sim, Pedro; já agradeci a esta boa gente a sua caridade; agora preciso de agradecer ao céo que a inspirou.

— Bem, n'esse caso, vireis commigo até á capella mór, bem em evidencia, e a meu lado. . Desafio o genio do mal a que renove as suas tentativas contra a nossa felicidade.

E, tomando Sarah por um braço, a foi conduzindo por entre os fieis, que lhe abriam caminho...

Os ciganos detiveram, com os seus corpos de gigantes, as alas, que se abriram, e não as deixaram fechar senão depois de Sarah descer o templo...

A' porta, a multidão prorompeu em acclamações, e Sarah, tendo entrado de novo na liteira, seguiu para a embaixada nos braços d'aquellas desgraçadas creaturas. Alguns archotes iam allumiando o caminho.

Entretanto pelas esquinas reappareciam os esbirros da antiga cáfila da Inquisição.

— Ouves?

— O que é, sr. Nunes?

— Toda aquella gente, que vae ali saudando os portuguezes, é gente de má nota, suspeita para o Santo Officio...

— Que devemos fazer?

— É facil de adivinhar.

— O borzeguim, ao romper do dia e depois das Trindades, fará amanhã a sua rusga.

— Então já?

— Que querias? Que a canalha se crestasse, em liberdade, a este sol sevilhano?

— É ainda por conta de D. Diogo?

— Não; por ordem do Cardeal...

— Cedo começa, e começa bem! E os estrangeiros?

— Esses, por emquanto não; mas não perdem pela demora.

E a liteira foi seguindo, distinguindo-se bem os rostos de Pedro e de Pepe, á frente, illuminados pelos archotes...

*
* *

Ainda o dia não começára a luzir no horisonte, e já Pedro, que passára a noute volteando n'um dos saiões da embaixada, despertára Sarah.

Sarah veio ter com elle e abraçou-lhe o pescoço.

— Porque não dormiste, Pedro?

— Para velar por ti...

— Repousa então agora, emquanto vélo...

— Não posso, ou melhor, não podemos. Vamos partir. Está tudo prompto.

— De noute?

— Sim, de noute. Tomei todas as precauções. O alcaide de Sevilha põe á nossa disposição vinte lanças das mais luzentes e vigorosas.

— Adivinhaste-me o pensamento, Pedro. Quem me déra vêr-me muito longe d'esta formosa, mas amaldiçoada terra!

— Nada já nos detem aqui, e a velha Joanna deve ter chorado de saudade...

— Valem-lhe na solidão as caricias de teu filho...

— Dize antes assim: — do nosso filho!...

— Pois seja. Partimos então?...

— Sim, partimos já, para a nossa terra, e nas azas do amor...

E Pedro beijou Sarah, na testa, com um beijo e um sorriso...

SEGUNDA PARTE

Os novos judeus

I

Fraco e feliz

Ainda temos bem nitidas na memoria as syntheses da philosophia historica, com que Emilio Castellar illustrou a tribuna hespanhola...

Dizia elle, n'aquelle notavel discurso em que inventariou a obra da humanidade, em dezenove seculos de Christianismo, que ao seculo xvi coube a reivindicação da Historia pela Renascença e a reivindicação da Consciencia pela Reforma. Ao seculo xv assignalou o grande professor as suas maiores glorias nas viagens epicas dos portuguezes ao Oriente, e nas viagens mithologicas dos hespanhoes ao novo mundo.

Queria isto dizer que, no seculo xv, se procurou descobrir novos horisontes no mundo physico, e, no xvi, novos horisontes no mundo moral!

Para essas immensas e arrojadas viagens pela geographia e pela philosophia, houve necessidade de encontrar a energia temeraria da acção civilisadora com a ardilosa e tyranica reacção da rotina e da ignorancia. A terra foi menos reaccionaria que o espirito. Quando os portuguezes quizeram ir ao Oriente, o Adamastor desenrugou a catadura e deixou passar as caravellas de D. Manoel; mas, quando a Reforma quiz penetrar o Dogma, a Inquisição ameaçou e resistio, como não o fizera o monstro tormentorio! O mundo physico foi menos reaccionario que o mundo moral! Convem repetir a affirmação.

Pode-se, pois, dizer que o seculo xvi foi o inimigo do seculo xv.

Porquê?

Porque este inventou a imprensa, que é uma luz, e aquelle inventou o Santo Officio, que é uma fogueira! Porque aquelle alargou os continentes e os mares, e este reduziu a Consciencia, e impoz a Fé, quando só a Sciencia deveria triumphar.

Foi n'estas duas luctas colossaes—uma no seu auge, outra no seu inicio —que o seculo xv se esbateu e confundio com o seu successor, fazendo coincidir em terras portuguezas, que eram então onde circulava a vida universal, as glorias mais esplendidas e as vergonhas mais condemnaveis— grandes heroes e pequenos devassos, a coragem e a cobardia, gente leal e perfidos hypocritas, a abnegação e a avareza, os esplendores de D. Manoel, que foi o *Venturoso,* eguaes aos de Luiz XIV, que havia de ser o *Grande*, e as torpezas de D. João III, turvo reflexo de Fernando e Izabel!

Alvoreceu em Portugal o seculo xvi quando começava a desfazer-se a obra de D. João II, e já se annunciava o vandalismo de D. João III!

Ainda invadiam o porto de Lisboa as melhores riquezas do Oriente, e ainda o nosso nome eccoava com prestigio em todas as partes do mundo!

Leão X recebia a grande embaixada portugueza, portadora dos melhores thesouros orientaes e dos mais levantados protestos de fé catholica; prosperavam as artes e as letras, affirmando-se nos templos da mais caprichosa architectura e nos livros de Gil Vicente e de Bernardim Ribeiro!

Depois da descoberta da India, que glorificava o nome de D. Vasco, os Côrte Reaes descobriam a *Terra Nova,* e andavam aventurando-se ao mar glacial!

Dominavamos a costa oriental da Africa, e tinhamos conquistas, navegação e commercio na Ethyopia, na Arabia, na Persia e na India!

Na galeria immensa dos nossos homens illustres figuravam Alvares Cabral, Duarte Pacheco, Francisco d'Almeida, e Affonso de Albuquerque, que arvorou a nossa bandeira em Gôa, em Malaca e em Ormuz!

Era nosso o uberrimo sólo do Brazil!

O grande cyclo das glorias nacionaes ia, porem, estreitando-se, á proporção que eram esquecidas as altas virtudes do Mestre d'Aviz, enfraquecendo, nos seus successores, a fibra real de D. João II, e apagando-se a estrella propicia de D. Manoel! Tendo-se alongado, até os mais afastados limites da terra, o olhar da realeza, muito pouco se pensou em abrir horisontes novos ao espirito popular...

Bem pelo contrario—o poder absoluto, dia a dia, mais se affirmou; foram mais cerceados os comesinhos direitos democraticos, e até os velhos privilegios feudaes, desembaraçados do algoz do Bispo de Vizeu, renasceram, como a Phenix das proprias cinzas, das cinzas de D. João II!

D. Manuel pelo que fez em sua vida, e pelo que legou ao throno no caracter de seu filho, preparou e tornou inevitavel o grande eclipse de 1580!

Elle, que sonhára com a corôa de Hespanha, ageitou a cabeça de Felippe II para cingir a corôa de Portugal! Elle, que tivera por companheira e guia a melhor fortuna, a ponto de ter engrandecido o seu paiz, apezar

da fraqueza do seu animo e das deficiencias da sua intellegencia, deixou que a paixão, que o prendera á rainha D. Isabel, lhe creasse no coração as raizes da intolerancia e do fanatismo!... A ponto de se esquecer das conquistas, que fizera no mundo, que reclamava progressos, para se fazer vassallo do Papado e juiz descaroavel de mouros e judeus!... d'esses miseraveis, que tinham invadido Portugal, emigrado dos paizes, onde a Inquisição os batera n'uma caçada maldita, como se elles fossem lobos famintos, descidos das serras e matagaes aos povoados mais cultos!

A paixão que lhe despertaram os encantos da formosa irmã de Carlos V, fel'o esquecer aquella tenacidade e aquelle vigor com que seu cunhado enfraquecera o poder dos padres e dos nobres; e, assim como na *Reforma dos Foraes* enfraqueceu o seu povo, cumulou de isenções e privilegios o clero, seu alliado...

Para obter a mão da adoravel princeza não hesitou em encher-lhe o regaço com os decretos de perseguição contra os infelizes que mourejavam, trémulos de susto e ávidos de desforra!

O rei afortunado não hesitou em desgraçar tanta gente! tanta!

E o amor levou o rei a fazer uma lei de odio!

Resolvendo expulsar mouros e judeus, limitou ao porto de Lisboa a auctorisação para embarque d'esse povo trabalhador e submisso, e reduziu a poucos dias o praso para a partida!

Como deveria ter sido difficil e penoso para tantas familias ricas e pobres, como se a guerra ou a peste lhes tivesse invadido os lares, arrastar filhos e alforges, abandonar propriedades e amôres, para virem pedir ás aguas do Tejo que os levassem ás terras do exilio!

Mais de vinte mil deixaram de embarcar! familias inteiras e pedaços de familia!

Partiram mães, deixando os filhos nas praias, abandonados e afflictos! e muitas creanças roubadas, por acaso, ao seio materno, foram barra fóra, a chorar de fóme, a olhar para o ceo e a queixar-se da crueldade do apaixonado e feliz soberano!

Não diz a Historia como se acudio ao sustento e agasalho d'esses miseraveis, que ficavam sem casa, sem trabalho, ameaçados pela lei de proscripção, batidos pelo olhar bestial da populaça açulada pelos seus mentores! Diz-nos, apenas, que essas vinte mil creaturas, com a fé religiosa de seus paes, agora mais bella e cariciosa, sob tão estupida e brutal vingança, foram compellidas a vergar a fronte sobre a pia baptismal dos conventos e ermidas de Lisboa!...

Humedeceram-se os cabellos quando sobre os neophytos se inclinaram as conchas sagradas dos baptistas, mas em raros a agua do baptisterio lo-

grou atravessar os craneos e lavar os cerebros do estygma da religião e da raça...

Se algumas gotas cairam, d'essa agua que nos consola, pelas faces pallidas, ou negras, d'esses christãos á força, essas se perderam ou adulteraram misturando-se com as lagrimas brilhantes e quentes segredadas pela dôr e pelo odio!

As creanças ficaram, deviam ter ficado, puras de todo o mal... Onde não havia consciencia não podia haver resistencia...

Mas os homens? as mulheres? os crentes?

Quem acredita na convicção imposta pelo mêdo? Quem na fé gravada com o sello de tyranias? Mouros e judeus se sentiriam elles mais que nunca, quando, nas horas de meditação, recordavam a sua egreja sem Roma e sem Portugal — isto é sem Leão X e sem D. Manuel, a imporem-se a essas consciencias violentadas, e não seduzidas!

Mouros e judeus se sentiram elles, ao encontrarem-se sob o mesmo tecto, cerradas portas e janellas, talvez apagadas as luzes, receiosos de espiões, aconchegados em segredo quando invocavam os seus deuses e murmuravam as suas orações!

Mouros e judeus, então e sempre, quando a verificarem se os laços do amor tinham sido quebrados pelas aguas do baptismo, affirmavam os filhos aos paes, os maridos ás mulheres, que continuavam na mesma fé, que eram ainda mouros e judeus, que assim queriam e haviam de morrer!

Eram estes os christãos feitos, n'um momento, na officina Catholica de D. Manoel, ao findar o seculo XV, esse seculo que inventou a imprensa!

Eram estes os Christãos, que tendo no peito bem reerguidos os altares das suas destruidas synagogas, ao sairem de suas casas, ou ao entrar n'ellas a luz do sol, tambem cumplice das devassas e da espionagem, sem o rubor da vergonha, e com a mão tremula, para serem vistos pela luz, pelo povo, pelos visinhos, e principalmente pelos cortezãos do rei afortunado, faziam o signal da cruz!

A egreja assim decretava que a hypocrisia fosse a melhor das virtudes catholicas!

E apezar da submissão á hypocrisia, e da resignação para todos os martyrios, em cima, pelos degraos do throno, pelos gabinetes das chancellerias, pelos recantos dos conventos, a propaganda catholica continuava fomentando a guerra de intolerancia!

E D. Manoel não quizera fazer tanto! Elle fôra apenas um instrumento na mão da reacção palaciana, que o envolvia a todo o momento.

Acceitava como verdadeiro, e justo, e necessario, tudo aquillo que mandára fazer e firmara com o seu punho... Isso lhe diziam a rainha,

quando o beijava, e os cortezãos, quando dobravam o joelho diante d'elle... Fôra assim que mandára armadas á India e escolhera grandes capitães para as suas emprezas... Se lhe diziam que era assim!

Talvez tivesse commettido uma imprudencia, talvez! Mas, depois da suspeita do erro, pedia correcção aos seus conselheiros, áquelles que não quizera ouvir... O mêdo das consequencias dos seus actos espontaneos é que o levava a declinar no conselho pedido as responsabilidades que assumira.

Os ministros de D. Manoel não lhe faziam a biographia, concertavam-n'a...

Lêmos, algures, que D. Manoel não tinha grande estatura de rei, e que só parecia grande em virtude da grandeza do seu pedestal. Era de facto tão venturosa a vida d'este rei, que até a desgraça, que andou açoutando-lhe os parentes mais proximos e queridos, se transformara em felicidade ao passar por elle, e, ao levantal'o da sua timidez e do seu affastamento, ao throno de Portugal e á gloria de ser o rei que mais dominou o mundo e n'elle foi admirado!

Do sangue de seu irmão, o Duque de Vizeu, e de seu cunhado, o Duque D. Fernando, tirou, por acaso, tanto proveito e fama, que, não sendo herdeiro de D. João II, d'elle houve corôa e sceptro, quando menos os esperava e tão pouco parecia merecel'os.

D. Manoel era tão fraco, tão pusilanime, carecia de tanta coragem e caracter, que, já adolescente, sabia vergar o joelho diante do assassino dos seus, e beijar a mão dadivosa ainda tinta de sangue!...

E a Historia o exalta e recommenda, como se o que a sua bôa estrella lhe concedera lhe houvesse sido concedido por sua nobreza e virtudes!

E não se ha de corrigir a Historia? E ha-de se premittir que ella, feita, mercenaria e cortezãmente, pelos chronistas da côrte, por subverção ou ameaça, atravesse os seculos, engane a escola e falle do inepto, ingrato, vaidoso, fracalhão e voluvel, tão lisongeiramente, a ponto de offuscar o alto valor, a probidade, e o patriotismo da notavel pleiade de homens, que lhe illuminaram o reinado e lhe illustraram o paiz!

E' tempo de acabar com essa lenda absurda que põe no sceptro de D. Manoel gestos dominadores que venciam os mares e os continentes, e, na corôa constellada das joias mais preciosas, symbolos de qualquer grandeza, heroismo, talento, iniciativa, que brotassem do seu trabalho, ou da sua fé.

D. Manoel foi apenas um nome com que na Historia do nosso paiz se assignala uma epoca de prosperidades! A mão do destino atirou com elle para um meio riquissimo de quanto poderia resultar da acção poderosa

de D. João II e da accumulação de varões illustres que lhe rodearam o throno!...

Nada o recommendou á herança do principe que melhor desaffrontou a realeza das investidas do feudalismo absorvente e atrevido... Não foi elle que preparou essa marcha triumphal dos portuguezes pelas mais longinquas paragens; não foi elle quem apparelhou as náos e quem animou os nautas ás grandes emprezas em continentes desconhecidos! Não foi elle quem fundou o pedestal d'essa portentosa dynastia de Aviz, que encheu das melhores estrophes o poema epico da nossa nacionalidade! A morte do Duque de Vizeu que lhe deu o poder, nem elle a inventou, nem sequer a soube vingar! Se as corôas de Castella e de Aragão estiveram, algum tempo, suspensas sobre a sua cabeça, já corôada com o diadema portuguez, foi isso devido á morte natural do principe D. João, herdeiro dos reis catholicos... De seu sobrinho, D. Miguel, soube aproveitar, sem derramar uma lagrima sequer, o sceptro que ambicionava e a mulher que adquiria, a troco de torpissimas condicções. Se teve um Gama, um Albuquerque, um Cabral, um Albergaria, um Tristão, um Francisco d'Almeida, que o representaram e serviram, com os montantes da melhor tempera e o tacto mais superior, não foi elle quem os descobrio e escolheu, e até para elles todos se houve com ingrata desconfiança!... Não, não creou D. Manoel os talentos de Gil Vicente, nem o de Garcia de Resende, nem o de Diogo Pacheco! Encontrou-os, e de tal arte, que até com elles poude fazer notar as suas glorias na capital do mundo christão, por occasião d'essa embaixada portadora de tantas maravilhas do Oriente!

Tão feliz! que contou sempre a seu lado regrando-lhe a politica mais prudente, homens do estofo estadistico de Antonio Carneiro, ainda hoje quasi esquecido nas referencias passageiras das chronicas manuelinas!

D. Manoel foi um grande herdeiro de tudo quanto tivemos de melhor no seculo xv: principes, cabos de guerra, homens de sciencia, litteratos, marinheiros, poetas e artistas!

Foi o herdeiro feliz d'esse grande saldo de nobrezas, de virtudes moraes e civicas, que honraram uma geração de heróes!...

Tão feliz! que tendo commettido erros graves na politica e na administração, por não attender ministros e vice-reis dos mais sabios e leaes, morreu sem experimentar os effeitos dos seus desatinos e da sua vaidade!

Tão feliz! que tendo, com vergonhosa doblez, excitado o fanatismo religioso do povo, perseguindo barbaramente mouros e judeus, e sollicitado, com ancia, o estabelecimento da Inquisição, occultou-se no tumulo sem ter a illuminar-lhe os funeraes as fogueiras, que abrazavam o solo da Hespanha, e da Italia! Tão feliz! finalmente, que se entre os seus filhos

contou o infante D. Henrique, depois cardeal rei, o sinistro coveiro de Portugal, tambem veio a honrar o seu nome e o do paiz o illustrado infante D. Duarte!

O berço, a conquista por terra e por mar, os amôres, a vida serena da Alcaçova, com os seus serões e as suas caçadas, a riqueza, a gloria, o prestigio entre as nações, a galeria de varões illustres, tudo lhe sorrio, tudo!. . Até a sua morte foi opportuna e serena!

Parecia que a terra, o mar, o ceo, o povo, os cortezãos, os conselheiros, os servidores—tudo e todos se empenharam em lhe augmentar a estatura!

Foi esse o seu immenso pedestal!

As ondas que mandava sulcar, o gentio que avassalava, o povo que irritava, as liberdades que constrangia, as consciencias que violentava—tudo se submetteu, tudo lhe respeitou o throno, sem o abalar, como se, nos seus vinte e seis annos de reinado, a estrella propicia e brilhante, que protegia e guiava o seu reino, na sua missão civilisadora, lhe tivesse escolhido a corôa para n'ella reflectir e multiplicar os raios da sua luz!

Parecia? Foi assim, na verdade!

E tanto, que, depois da sua morte, as brumas da desgraça começaram a escurecer o céo de Portugal!

II

Beato e máo

As creaturas supersticiosas que um dia, em 1502, em pleno estio, notaram, cheias de medo, a coincidencia do nascimento do principe D. João e o ruido ameaçador d'uma grande tempestade, tiveram, depois da morte de D. Manoel, como que a certeza de que o parto real dava ao mundo um rei que parecia emissario do inferno, para desacreditar a idéa de religião e de moral, e matar, com o seu halito venenoso, a vida gloriosa d'um grande povo!

D. João III succedeu a seu pae, mas não lhe herdou nem a estrella de gloria nem a brandura de coração. O filho dilecto da rainha D. Maria, que foi honesta, pareceu resultar da conceição diabolica provocada por Satanaz no utero da reacção, que se aninhára em todos os recantos da alcaçova portugueza.

O inferno tomou conta da Peninsula no seculo XVI, e logrou collocar dous demonios no meio dia da Europa.

O Filippe portuguez chegou mais cedo que Filippe de Hespanha, mas foi um admiravel precursor d'essa epocha de tyrannias e de vergonhas, que deshonraram dous thronos e escravisaram dous povos!

A' intolerancia que escurecia a consciencia do homem, e enchia de labaredas uma grande parte do mundo, o novo rei abriu, de par em par, as portas d'uma terra, que teimara em conserval'as resistentes a tão terrivel invasão.

O *Piedoso* foi a negação absoluta de todos os sentimentos de piedade!...

D. Manoel, indeciso e fraco, deixando-se balançar entre as pressões do partido inquisitorial e os conselhos dos seus ministros, prudentes e tolerantes, teve a feliz qualidade da sua indecisão para não se resolver nem por umas nem por outros. Mas, emfim, como não resolver foi sempre peior que resolver mal, os seus erros, filhos de impetos, que esmoreciam, de convicções, que se tornavam em duvidas, de arrogancias que se desman-

chavam em mêdos, se não se corregiam de todo, pelo menos eram constantemente attenuados.

D. Manoel não era um sectario — apenas um impulsivo — queria e não queria — e assim, se não foi sempre um convicto e dedicado servidor do bem, nunca chegou a ser um partidario da má politica e da má religião que perturbavam o mundo.

D. João III não foi assim. Era um decidido, um fanatico, um teimoso imbecil e um máo! Falho de intelligencia, suppria com a vontade essa mizeria! Era talvez tão mediocre como seu pae, mas, nas suas tendencias de familia, para copiar servilmente os modelos do seu tempo, como era máo, por indole e educação, aproveitava os peiores exemplares.

Poderia ter imitado seu pae, que melhor acompanhara a opinião do seu reino, mas preferio copiar seus avós, os estrangeiros, que ha tanto tempo estavam desgraçando Castella e o Aragão.

A rainha D. Maria, sua mãe, creara-o ao calor do seu peito de reaccionaria; rodeara-o de aios e conselheiros com idéas de grosseira repressão para o pensamento, que se abrio com o alargamento do mundo e o progresso das sciencias e das artes; déra-lhe a insoffrida ambição de ser rei para servir os reis, e de ser catholico com mais feitio de Judas, que de Jesus!

Ao morrer, a rainha, chorando, pedira-lhe, em nome de Deus, que fizesse de Portugal uma officina de mordaças e algemas...

Lembrou-lhe até que a Inquisição tinha forjas bem accezas que elle poderia aproveitar para essa obra de fundição... Lembrava-lhe a piedosa senhora, que a egreja mostrava Christo no Calvario, para que os christãos não se esquecessem de lhe vingar o martyrio...

E o principe, estupida e imbecilmente, com a mão sobre o peito, jurava á filha de Fernando V, que havia de ateiar o grande incendio, por forma, que até nos confins do mundo as chammas de Portugal haviam de brilhar por entre os raios do sol nascente.

E, mal sua mãe desfalleceu, o principe D. João não teve outra idéa, nem outro cuidado: — ser rei, para poder ser assassino!

No cerebro empobrecido só lhe appareceu uma idéa que se lhe affigurou original — que a humanidade não era uma especie determinada pela fecunda iniciativa da creação, mas apenas uma seita recrutada nas especies, e registada nos cartorios de Roma. O resto não era gente — tanto valia queimal'a na praça publica, como immolar um cordeiro nos altares, esmagar a uva nas dornas, ou moer o trigo sob a mó!

Seu irmão fôra illudido pelos que lhe fallavam na humanidade, que se affirmava no feitio do corpo e não na qualidade da crença e no temor de

Deus! Todos os males d'este mundo, se vinham um pouco do peccado original, vinham principalmente do Calvario.

Para João III o inferno era uma verdade... Até acreditava mais n'elle, que no ceo!... Fazer o inferno n'esta vida, era inutilisar a acção do outro... Queimar era uma obra de purificação! Quem mandasse na terra tinha de mandar em nome de Deus. Verdade era só o que lhe tinham ensinado... Quando nascera já encontrara animaes, fructos, a luz, a realeza, o velho e o novo testamentos, a relegião catholica e o *Padre Nosso*... Havia outras cousas contrarias, differentes, ou, alem d'estas... Para elle só existiam as que lhe tinham ensinado como verdadeiras!... Havia outras religiões, mas essas não eram religiões — só viviam, onde a religião verdadeira não chegara... Elle poderia errar? Tel'o-hiam enganado? Nem por sombras! O gentio não podia dar leis aos povos civilisados, nem estes podiam saber mais verdades que os eleitos de seculos para governar e dirigir os homens! O Papado começara em Pedro, um dos discipulos, e os papas eram eleitos d'elle... Os reis eram socios e auxiliares dos papas... Se elle não admittia que lhe discutissem o seu direito á corôa, como poderia consentir que lhe discutissem Deus? Seu irmão fôra um louco, que atraiçoára a sua missão... Se elle descobrira novos mares e novos continentes, fôra Deus que lh'o ordenára. Em todas as espadas dos guerreiros e em todas as velas dos navios havia uma cruz... Que queria isto dizer? Não fôra seu tio que preparara as armadas, nem seu pae que as mandára singrar pelo occeano... Deus, e só Deus é que os inspirára e decidira, e lhes déra exito e gloria! Se Deus não houvesse querido, não seriam descobertos os povos selvagens... Quiz, porque julgou necessario que os reis christãos fizessem revelações a essa gente ignara e perdida. Se assim não fosse seria necessario que Deus novamente viesse ao mundo... Desde que Jesus passou na terra, a sua doutrina tinha-se enraizado, e já não poderia perder-se. O apostolado era isso! Sua mãe lh'o ensinou muitas vezes... Todos os conquistadores são apostolos. A conquista levara nuvens de homens e levara-os a paizes affastados, a ensinar a Verdade, como o vento leva aos punhados as sementes das ervas que crescem até nos muros dos castellos onde germinam.

Seu pae alargara o mundo e trouxera de lá, aonde chegou o seu poder, as mais bellas especiarias e as preciosidades mais maravilhosas... Elle, o novo rei, tinha de pagar toda essa pirataria de seu irmão, levando a toda a parte a fé catholica — levando-a e impondo-a...

Nem se comprehendia que o mundo se fizesse maior, por obras de reis catholicos, e o numero de catholicos minguasse! Alargar a fé nas florestas da Africa, da Asia, da America, e deixar crescer a heresia no ve-

lho mundo, era um peccado mortal contra o qual o Ceo havia de insurgir-se.

O programma do novo rei consistia n'isto: — Crear a Inquisição em Portugal, e dar-lhe tanto prestigio, tanta força, que d'ella houvessem inveja as outras Inquisições.

Seu pae enviara a Roma uma explendida embaixada; pois, elle havia de enviar ao céo uma dadiva opulentissima de cinzas de herejes, de reformadores, de mouros e de judeus!...

Que Deus lhe désse vida e saude, e elle havia de alcançar tal gloria, maior e mais bella, que a descoberta do Brazil e da India!

Isso havia de lhe assignalar o reinado. Na Historia o seu nome ficaria bem nitido, por ter, com decisão e energia, attendido a grande necessidade do seu povo! Chegava até a alegrar-se por não ter seu pae realisado tal maravilha... Se elle a tivesse feito, nada lhe restava com que glorificar o seu nome! Nem sequer D. Manoel lhe preparara a resolução de servir o Santo Officio ensaiando, de novo, nos ultimos tempos do seu poder, as leis que lhe arrancara, havia mais de quinze annos, a rainha D. Izabel, sua primeira mulher!... Já estavam esquecidas as matanças de S. Domingos, e a judiaria já de novo acampara tranquillamente commerciando nos seus bazares! Tinha, pois, que fazer tudo de novo! Para a sua empreza não tinham ficado caravellas apparelhadas... Mas havia de leval'a a cabo... Com muita diplomacia e com muito dinheiro tudo se vencia em Roma...

Nem era para admirar que elle fosse fiel ao seu juramento e á sua fé... Porque não havia elle de adoptar o que estava adoptado já, e ha seculos, nas maiores e mais catholicas nações do mundo?

No principio do seculo XIII o concilio de Latrão já começara a pensar assim.

Pensar como Domingos de Gusmão não é errar no conceito... Honorio III não foi um mentecapto, e, por isso mesmo, authorisou a existencia dos dominicanos! Como esta verdade é já velha! Os *inquisidores da fé* contam já mais de trezentos annos de idade!... Pena foi que tanto se hesitasse então, porque ha trez seculos que teriam desapparecido todos os dessidentes em materia religiosa. A fraqueza da egreja armou o braço dos albigenses... Para não vingar o assassino de Castelnau, o legado do papa, deu-se a impunidade a tantos herejes e rebeldes... Foi a santa allucinação do arcebispo de Bruges, que fez perder tanto! O perdão será proprio dos santos, será; mas é melhor decretar e cumprir, com mão de ferro e vontade intolerante, como fez o imperador Frederico II. Felizmente não tardou o concilio de Tolosa, e Gregorio IX, e Luiz IX, e Frederico,

e quantos principes mais crearam e mantiveram alguma cousa parecida com o que se pretende!

E n'isto se entretinha a imaginação do principe *Piedoso,* quando a morte de seu pae o elevou ao throno.

A corôa real na cabeça de D. João fazia lembrar um abútre, empoleirado n'um rochedo!

Um homem novo com o entendimento apertado n'um circulo estreito de idéas velhas e dogmaticas, é um aleijão, que apenas do homem conserva a apparencia, de rei as insignias e a tyrannia, e da mocidade os appetites indispensaveis á garantia da successão.

João III era d'estes homens novos, que, para serem velhos, apenas careciam d'um leque de rugas em cada face e d'um punhado de fios de prata no cabello... No mais João III era um velho, na monotonia da voz, no descolorido da phrase, na pequenez dos pensamentos, no egoismo das acções!

Se não fôra o manto de rei, dir-se-hia que a sua figura fôra moldada para habito de frade. Acanhado o gesto, olhar sem brilho e sem lealdade, reduzida toda a sua sciencia abaixo da leitura de trechos latinos, não dos melhores poetas, mas dos livros sagrados, conhecendo o mundo pelos mappas dos seus geographos, apreciando a terra, pela riqueza do sub-solo, como poderia apreciar o mar pelos enxames das pescarias, João III, quando não cultivava a vaidade, quando não ostentava o orgulho, quando não alardeava o imperio sobre a vontade e a consciencia de seus subditos, rezava, rezava sempre, com todo o requinte lithurgico! Espirito supersticioso, beato como um frade, hypocrita como uma beata, só lhe faltava, para dar a imagem de Luiz XI, a sordidez e a cobardia do sanguinario rei de França.

Parecia mesmo trazer no coração todo o grande bazar de bentinhos e amuletos com que Luiz adornava o seu notavel chapeo, de que a Historia guardou o figurino...

Era mais varonil; lá isso era! Parecia que n'elle se confundira um pouco a catadura indomavel de João II com o apparato exterior de D. Manuel. Não tinha, porem, um unico traço que inspirasse sympathia; nem a gravidade inconfundivel d'aquelle, nem a desleixada bonhomia d'este.

Cioso do seu poder, mas só do seu, nunca procurou concentrar os direitos do throno, para fortificar o poder da nação. Por sua causa, e só por sua causa, reagira contra todas as pretens
repartira as terras do seu reino.

Não se queixava á Providencia nem das náos que se lhe afundavam no mar, nem dos filhos que lhe fugiam da terra. O que elle queria era ser o primeiro nome e a primeira força em terras do seu mando...

Para isso empregava todos os esforços, desde os mais violentos até os mais ridiculos!

E, com taes ninharias entretinha sua alteza o tempo e o espirito dos seus conselheiros e secretario, que até os forçava a perder muitas horas, emquanto perdia algumas praças d'Africa e se perturbavam os negocios da India, a discutir se nos alvarás e mais escripturas, em que o seu conselho houvesse de fallar em nome do rei, se deixaria de empregar o estylo *Nós, el-rei* — e se adoptaria o de *Eu, el-rei!*

E tudo isto, que recordava as longas discussões de Bysancio, era proposto e resolvido com o fim de bem significar que estava assegurada a monarchia absoluta, desprendida dos tres estados e senhora unica do direito de mandar!

As côrtes viam assim afundar-se o seu prestigio, e a nobreza resignava-se á usurpação, compensada com honras e riquezas derivadas das capitanias da India, da Africa e do sólo brazileiro.

Tinha desapparecido da alcaçova aquella vivacidade, que alegrava a côrte e servia de cultivo ás artes e ás lettras. Já os poetas não diziam villancetes de improviso, nem os menestreis cantavam ás damas com os olhos entreabertos e a bocca suspirante!

Fechadas as adufas, deixando os salões ensombrados, desertos os jardins, e em dias de conselho, recatos, segredos e encerros, e padres, muitos padres, e frades! muitos frades, murmurando no recebimento, ou resonando nas ante-camaras!...

A morte, como se aquella athmosphera a attrahisse, depois de matar a alegria e a luz, que ali viveram n'outros tempos, andava constantemente a debruçar-se sobre os berços dos infantes para os mallograr para a felicidade do rei, e para a successão do throno.

Do lado da Hespanha, tão estreitamente ligada com Portugal, vinham nuvens densas, que rapidamente ensombraram toda a vida particular e politica do piedoso monarcha.

O conselho de D. João não era differente, ou muito differente do que acompanhara D. Manuel. Antonio Carneiro luctava, mas, seu filho Pedro d'Alcaçova transigia com o que já encontrára planeado e resolvido. Transigia o illustrado ministro para não perder o valimento.

Era tão fixa aquella idéa de instituir a Inquisição que, quem a contrariasse havia de incorrer no desagrado do novo monarcha, e o filho de Antonio Carneiro, que foi durante muitos annos a alma da administração e da politica, comprehendeu facilmente que o tribunal religioso era o preço da sua intervenção em todos os outros negocios do estado.

Os companheiros da infancia foram chamados para junto do rei, que,

ao menos n'essa resolução, se não provou o melhor tino, provou que era coherente.

Damião de Goes affirmou que D. Manoel mostrou, por vezes, receios do predominio de homens indignos no animo do principe...

D. Manuel devia conhecer bem esses beatos e esses hypocritas, que formavam a côrte da rainha e que acompanhavam o filho nas aventuras da adolescencia.

Faria e Souza o affirma, e é n'isso insuspeito, porque demais se mostra amavel para com a sinistra figura do rei *dominicano*.

Luiz da Silveira, mal soube da morte de D. Manoel, veio collocar-se ao lado do principe, e junto d'elle se deixou ficar... Tinha talvez uma dupla missão a cumprir, — vingar-se dos que o tinham intrigado na antiga côrte, e, quem sabe, se velar pelo filho d'aquella que elle amára e que tantas vezes lhe pedio que auxiliasse o seu rei na obra de perseguição cruenta ás velhas e ás novas herezias?!

Os altos cargos do paço foram confiados a esses antigos companheiros e mentores.

Os velhos officiaes da sua casa tiveram promoção. A acclamação não foi apenas d'um rei; foi tambem d'um partido.

A reacção tinha excellentes auxiliares — o Conde de Castanheira, D. Antonio de Athaide, que tanto animára o rei a fundar um grande convento, quando ainda era creança, andava já indicando embaixadores que fossem a Roma pedir bullas ao Papa, para accender fogueiras purificadoras nas praças portuguezas, do continente e do ultramar. Estava feito seu mordomo-mór o conde de Portalegre, e seu primeiro estribeiro D. Pedro de Mascarenhas.

Para seguir processos differentes dos de seu pae, e, ao mesmo tempo, parecer que honrava as tradicções, manteve os ministros de D. Manoel... Foi assim que o secretario Antonio Carneiro, um pouco nominalmente, manteve o seu logar, fingindo ter por companheiros no governo do estado D. Alvaro da Costa, o conde de Villa Nova e o conde de Linhares, escrivão de puridade...

Tudo isto fôra recommendado, na hora extrema por seu pae; e o rei, que de muitos d'esses affirmava ter aggravos, a todos conservou, bem disposto; comtudo, resolvido, a guiar-se pelos homens da sua confiança e pelos frades da sua devoção.

No *Elogio de D. João III*, Castilho crê na sinceridade d'esse respeito filial!... Como se pudesse ser sincero conservar os conselheiros do pae e transformar-lhe ou destruir-lhe a obra!

Herculano revela mais criterio, attribuindo tanta generosidade, mais

ao respeito pelos proprios interesses, que ao culto pela memoria paterna. E' que Herculano foi historiador, e não cortezão...

Com egual sinceridade escutou D. João os queixumes dos christãos novos, quando elles pediram protecção contra as ameaças populares!...

De facto o povo odiava os conversos e só pensava em perseguil-os... E os desgraçados começavam a recordar as scenas de 1506! E o rei, que os escutou, e que guardava odio profundo á raça hebrêa, não se commoveu com os lamentos d'essa pobre gente, e só foi vencido pela opinião do conselho! Contrariado, profundamente contrariado, manteve as concessões feitas por D. Manuel!...

E D. João bem sabia o que essas concessões importavam. Garantia-se a protecção das leis e a conservação do reino! Isto queria dizer que não haveria novas leis que cerceassem os direitos promettidos, que não mais se pensaria em expulsar esses milhares de familias, que em Portugal tinham seus bens e affectos! .. Era muito pouco, e muito pouco sincero. Tambem as leis não fallavam em punir os christãos novos, em 1506, e o povo foi algoz, sem que as victimas tivessem a protecção do estado! Sim, o rei não legislaria mais contra elles, o que não impedia que todo o povo, que insultava os marranos, soubesse, pelas mais calculadas indiscreções, que o rei odiava a raça hebrêa e pensava na Inquisição, para se livrar do que elle chamava gente damnada, que é o mesmo que gente maldita!

Assim, a paz mal entretida durante algum tempo começou em breve a transformar-se n'uma agitação assustadora. Andavam no ar gritos de ameaça! Levantavam-se os espectros de S. Domingos! Os judeus ou os conversos, já começavam, em sonhos, a ouvir as pragas do Aragonez, á frente da turba enfurecida!...

O rei folgava com isso; o rei queria um pretexto para resolver d'uma vez esse problema, que tanto preoccupava a sua imbecilidade e o seu fanatismo.

D. Manoel fôra surprehendido com a carnificina, porque não quizera provocar uma sedição que poderia surprehendel'o... Se não tanto, pelo menos esperava, soprando esses odios, que a populaça invejosa, intolerante e agonisante, baseando-se em aggravos nascidos da mais estonteada phantasia, fosse aos pés do throno supplicar a creação do tribunal ecclesiastico para o julgamento das herezias e dos herejes!

Os frades eram os grandes emissarios da Corôa. Como elles atiçavam o incendio, que já começava a crepitar! Com quanta arte se intrigava nas praças e bazares, e como, por todo o paiz, se preparava a opinião para as Côrtes de Torres Novas!

Nos infolios das *Côrtes* de 1825 e 1835, descobrio o nosso grande

historiador, que tratou do estabelecimento da Inquisição, curiosos pormenores sobre a reclamação do povo contra os conversos.

Por mais atrazadas que estivessem a intelligencia e a educação dos christãos velhos, bem se deprehendia d'esses depoimentos que o odio popular era habilmente explorado pela propaganda venenosa e subtil dos agentes do rei e do seu partido intolerante.

As calumnias eram tão grosseiras, que apesar dos esforços contrarios de D. João, o conselho não ousou attendel'as.

Talvez que, com serio motivo, os contribuintes se queixassem dos cobradores das rendas publicas... Isso comprehendia-se: as execuções fiscaes são sempre odiosas. Fossem judeus os nossos actuaes juizes que tem o cargo de coagir o povo ao pagamento do imposto, e a questão religiosa não deixaria de se manifestar...

Mas, não era só d'isso que se tratava... Os judeus eram principalmente accusados de não observarem as praticas religiosas a que se tinham obrigado pelo baptismo, e, como se tudo isso, mais devesse indispol'os com a Egreja que com o povo inculto, não faltou quem accusasse a pobre gente de exercer a medicina e de manipular medicamentos para matar os christãos, que a odiavam! Ao serviço d'esta propaganda infame andava Henrique Nunes, o bandido, o sordido lacaio de Lucero, o espião de Deza, que depois das suas façanhas em Hespanha, viera para Portugal e já mirava a alta posição de valido junto do throno, que nunca vira tão perto dos seus degráos personagens de tão baixa condição!

Os meritos d'este terrivel agente deram lhe fama de tal ordem, na sua passagem por Cordova e Sevilha, que D. João procurou informar-se do seu paradeiro... Resta saber se foi a fama que o descobrio, ou se a fradaria, que rodeava o rei de Portugal, por conhecer as manhas do perfido vassallo, que já lograra o cognome de *Firme Fé*, o indicara para servir na obra da Inquisição... O caso é que das Canarias, por onde andava em feias aventuras, o discolo foi attrahido a Lisboa, e se poz a bom recato sob o manto real...

Llorente, na sua Historia da Inquisição falla d'esta personagem, com interessantes referencias, e Acenheiro não hesita em affirmar que—o dito rei queria fazer Inquisição em Portugal, e por esta causa o mandara chamar.

E era com este homem que o rei piedoso tinha as suas mais graves confidencias! e era a elle que confiava torpissimas missões de espionagem, e a divulgação de boatos e noticias tendentes a excitar os odios de raças e de religião.

Assim, a Corôa preparava todos os elementos para se desobrigar das

promessas feitas de que seguiria a politica de D. Manoel... O hypocrita confiava na proficuidade do seu plano, e graças a elle, esperava que havia de provocar taes reclamações populares a favor do estabelecimento d'uma filial do Santo Officio, que elle e o seu conselho haviam de parecer coagidos a tão violenta resolução.

Havia já alguns annos que fallecera D. Manoel, e alguns se tinham passado sobre a tragedia de S. Domingos, e o reino ia de novo cahir n'um mar de luto e de sangue! O odio era o senhor do mundo, e, como um flagello, que dá a volta á terra e vem novamente estadiar onde já passára assolador e impune, invadira de novo as fronteiras, mais impetuoso ainda!

E a terra portugueza estava agora, mais que nunca, em condições de dar alentos á sua furia e voracidade.

Dos paços reaes emigrara a reacção platonica e branda, das rainhas, que pediam, e dos reis, que resistiam ou hesitavam, e nas classes populares a maior das inconsciencias e o rancor mais profundo, enchiam toda a a capital de alaridos, e pediam vingança com o nome de justiça!

Ia dar-se o tremendo cataclismo, que começaria pela morte do povo nas fogueiras, e acabaria no campo da batalha, que havia de abalar a sociedade portugueza no convento de Dominicanos e lançal'a por terra nas plagas africanas! Era uma obra de destruição encetada pelo secptro de João III e concluida com a espada de D. Sebastião! Era o fogo que ia escravisar as liberdades publicas e esmagar uma nacionalidade!

O grande terramoto de Portugal, causado pela erupção vulcanica da intolerancia, dando a grande derrocada de Alcacer Kibir! Fructo amarissimo de duas plantas venenosas e exoticas, que germinaram em Portugal — o fanatismo religioso — e a temeridade guerreira.

Tinhamos chegado ao apogeo do nosso dominio colonial, e iamos aproximar-nos do perigêo da nossa decadencia continental.

Como fazem as aves negras da grande especie dos vampiros, que voam dos seus rochedos para esvoaçar em volta da morte, assim começavam a voltear sobre toda a terra portugueza os bandos dos discipulos de Loyolla.

E D. João III, em vez de os saccudir, do alto do throno, agitando-os, ao menos, com uma dobra do seu manto real, com o grande estandarte das quinas e com o pendão de S. Domingos, acenava-lhes para que viessem! E, para que o bando de Roma não errasse no caminho e sentisse o cheiro da carne morta, mandava acender as fogueiras da sua piedade e lançava n'ellas, aos montões, frangalhos da raça hebrêa!

Iam ser esmagados os christãos-novos pelo braço endurecido dos novos judeus...

III

Um conselho piedoso

Tinham-se passado alguns annos, algumas dezenas d'elles, depois dos acontecimentos a que assistimos durante a vida de D. Manoel.

A Alcaçova de Lisboa transformára o seu aspecto de alegria e de luxo que o caracterisavam durante o reinado do rei *sol,* como se diria de Luiz XIV! Sentava-se no throno o mystico D. João III, cujo espirito se absorvia nos problemas da fé, e cujos sonhos não esvoaçavam nem pela Africa, nem pelo Oriente, mas rastejavam pela intriga continental contra os herejes e os reformadores.

O desejo ardente de estabelecer a Inquisição em Portugal convertia o piedoso soberano no esbirro mais activo em tal obra e tal empenho. Aquecia-lhe esse sentimento a sollicitação constante do irmão de Carlos V, que, com igual intuito, tanto sollicitava e exigia, em nome do seu amor, que, quasi podemos affirmar que o thalamo de taes principes, se ardia em chammas de paixão conjugal, por tal fórma o fanatismo o inflammara que o amôr se convertera em cinzas, e só o odio brotava da alliança d'esses dois corpos e do accordo entre essas duas almas. Não o odio reciproco, mas aquelle que d'ambos irradiava sobre a cabeça das raças perseguidas.

Perdera-se muito do antigo fausto da côrte: mas, com essa perda, desapparecera tambem o colorido alegre dos habitos e dos rostos.

Poderiamos até dizer — a alegria das almas; e, porque não? a tranquillidade das consciencias, o prazer da gloria e o encanto artistico, nas decorações, na linguagem, na poesia e no galanteio!?

Nos ultimos annos do reinado de D. Manuel a victoria do regimen de tolerancia sobre o odiento e odiado trabalho de reacção, ainda mais dulcifica os costumes da côrte... Por tudo isso o contraste era agora mais desconsolador.

Os serões estavam trocados pelos conciliabulos. o throno tomara a forma do confissionario, e. em logar dos menestreis e dos tangedores, fidal-

gos e conselheiros andavam sempre atraz dos soberanos, pelos balcões das capellas!

Já não se recitavam glosas, em voz alta, ao centro dos salões; apenas, pelos cantos, havia murmurios de intrigas e orações resmungadas em latim... Começavam a rarear as espadas que tilintavam sobre as tapeçarias persas, parecendo que o valor portuguez assim affirmava as suas conquistas, calcando a industria asiatica; e, em compensação, triste compensação! as camandulas á cinta, agitavam-se batendo, na enfiada, os galhos polidos da flora oriental.

As luzes já não reflectiam nos pellotes dos pagens, nem nos collares preciosos dos peitos fidalgos, nem nas pedrarias dos cintos de donas e cavalleiros, e até a chamarra real de setim e a coifa de rede de oiro, se tinham substituido por deselegantes habitos fradescos, tudo da côr da noute sem estrellas!

A côrte estacionava na Alcaçova como se estivesse convertido em Mosteiro o antigo Paço do Castello.

Fechára-se, por muito tempo, o paço da *Casa da Mina*, ou da *Ribeira*. Quem sabe se esse abandono resultava de ser aquella vivenda obra de D. Manuel, se por estar junto a *Ilha nova de Gibraltar*. A judiaria era visinhança incommoda para o catholicismo d'el-rei... Do paço de *Santos-o velho* nem se fallava ao menos!

Desdenhava D. João III de frequentar o solar de Fernão Lourenço, que fôra mais rico que fidalgo. Nem o rei se deliciava com as brisas do Tejo, nem com os aromas campestres, que batiam as torres elegantes, e subiam pelo arvoredo, que ensombrava as adufas da formosa vivenda.

El-rei era um religioso, ou melhor, um fanatico, do peior feitio — dos que convertem a vida n'um cemiterio, e descrevem o ceo sem auroras e sem cherubins. Nem sequer tinha dos ascetas e dos cenobitas aquella paixão artistica, que poderia enleval'o na contemplação do mar e dos campos! do céo azul a sorrir á Terra no rosto corado do sol — de céo negro como o seu manto de velludo, estrellejado em prata e ouro — das florestas frondosas e perfumadas — das campinas immensas de cearas louras, penteadas pelo vento!

O rei fanatico tinha sombras nos olhos e na alma, sombras nos habitos e na palavra!... O seu prazer era passeiar, na meia luz das galerias da Alcaçova e das capellas fulgurantes, apenas á luz dos cirios.

Havia entre elle e seu pae a differença que existe entre a luz d'um archote e a chamma lampada, entre uma ave e um reptil, entre uma acacia e um cipreste!

Ambos eram beatos, á feição do seculo, mas o pae resava, por entre

incensos — *TeDeum, laudamos!...* e o filho — espargindo agua benta — *De profundis clamavit.*

D. Manoel tinha todas as commoções da sua fraqueza, da sua volubilidade e dos seus affectos — Conhecia os lexicons das tres linguagens do coração humano — a do amor, a da colera e a do galanteio.

D. João, como se um terrivel azedume lhe agitasse e torcesse a lingua, nada expremia que não fosse — a desconfiança e a cautella!

Aquelle erguia vaidosamente a cabeça, sacudindo ao vento as melenas luzidias — este fitava o chão, tapando o olhar com as pestanas negras e trémulas!

A alegria, o amor, e a arte, gorgeavam livremente na côrte do *afortunado,* como se a realeza, que elle exercera, tivesse os amantes, a mocidade e os artistas como aulicos ou cortezãos; na côrte do *Piedoso* — até a piedade era negra e triste como se a sua realeza só dominasse sobre a cabeça de escravos! O throno manuelino, com o seu aspecto religioso, erguia-se n'uma palma verde e n'uma pyramide de luzes, como um altar que sustenta, lá muito em cima, a custodia rutilante! — o throno de D. João parecia um altar, que vela á cabeceira d'um esquife, pobre e raso, com um Christo chagado e morto!

D. Manoel tivera o fanatismo ousado e guerréiro que armava o braço dos cruzados, que iam, ao sol das batalhas, conquistar os logares santos; D. João era o rei, que preferia ser cardeal, o cardeal que preferia ser inquisidor, o inquisidor que preferia ser esbirro!

Esqueçamos, pois, a côrte illuminada de D. Manoel, com os seus brandões em lustres dourados, com os serões de musica e poesia, em que figuravam as *moiriscas* e os *tordiões* e muito se repetia a scena do *Amadis;* esqueçamos os improvisadores em prosa e verso, e o matiz dos brocados e dos cassequins em toda a nobreza dos dois sexos, em que havia variedade de pellotes e de lobas, e em que os altos topetes suspendiam véos de gaze de côres diversas, cahindo pelas costas até á fimbria do vestido! Já não encontramos ali as rendas que occultavam os decotes em quadrados, abaixo das gorjeiras de rêde de ouro e perolas, e por cima das curtas cinturinhas, apertadas em cintos de pedrarias como diademas de fadas! Agora tudo entristeceu, tudo medita e reza! Teem aspecto sombrio os moços fidalgos, officiaes-móres, os reis d'armas, os arautos, até os pagens! e os escanções! e os escudeiros!

Á Alcaçova só deve ir agora quem desejar saber como um principe governa um reino, e o perigo que resulta do principio da hereditariedade, que põe uma herança gloriosa nas mãos d'um doido, ou d'um imbecil!...

*
* *

Costumava D. João passar alguns momentos, isolado e pensativo, na sala do conselho.

Sentado na sua velha poltrona, firmando o queixo na mão esquerda e o cotovello sobre o joelho, aconchegada a coifa de rede sobre a testa e sobre as orelhas, entretinha-se a olhar o chão, muito fixamente, ou talvez o borzeguim dourado, que adiantava á fimbria do seu immenso pellote, sobre as tapeçarias orientaes.

Entregava-se, amiude, el-rei a estas abstracções, em que parecia comprazer-se em exthasis religiosos. Passava-lhe ás vezes, pelos olhos muito abertos, um relampago, que denunciava uma visão mystica que lhe atravessava o cerebro; outras vezes, revolviam-se-lhe os labios, geralmente mordentes, n'um sorriso diabolico, que parecia fallar d'uma vingança conquistada, ou d'uma esperança maldosa. Depois, passeiava o olhar, attentando vagamente. com superior desdem, nos adornos mais sumptuosos do grande salão, e, se via moverem-se os largos reposteiros, que fechavam as arcarias, logo mascarava o olhar e o sorriso, como se quizesse, com o aspecto de piedade, occultar todos os seus pensamentos mais sinistros!

Sobre a meza, que lhe ficava proxima, erguia-se sempre, como se fosse um brandão da melhor luz para o seu espirito, uma cruz negra e um Christo amarello, e, nunca, ao sentir passos de pagens e escudeiros, deixou de pôr as mãos, e elevar os olhos, como se estivesse orando...

O rosto d'el-rei, que era novo ainda, tinha sulcos d'uma velhice precoce, restos das suas libertinagens, de que a Historia falla de passagem, mas que se deduzem demoradamente das precauções e ralhos de seu pae e dos costumes dos fidalgos seus companheiros e validos.

A beatice da epocha, que fazia a genuflexão e a prece coincidentes com os mais violentos actos de justiça e de vingança — aquelle aspecto hypocrita, que tomava D. João II á hora da execução do Duque de Bragança, e que. á hora das Trindades, vergava reverente o busto de D. Manuel, aggravaram-se por tal forma, nos habitos d'el-rei, que, assim como os sinos das torres estavam sempre annnnciando officios divinos, os seus labios pareciam trabalhar sempre á mercê do seu rozario!

Erguendo se, passeiava, monologando e irado, como se estivesse inventariando os embaraços, que lhe transtornavam os planos, menos prezos á gloria da patria que á victoria da Egreja.

Ao passar pela escrevaninha do seu secretario, D. Pedro de Alcaçova, folheava quantos pergaminhos ali estavam, marcados com as armas da côrte de Roma, ou com o timbre particular de Carlos V; e, sempre os affastava, depois de os ler, com magoa e desabrimento...

Impacientava-se, então, no seu passeio, e resolvia-se a chamar ou o seu secretario particular, ou o conde de Castanheira, D. Antonio d'Athayde. Em alguns dias o preferido era o estribeiro-mór D. Pedro de Mascarenhas.

D'esta vez, como se quizesse esquecer antigos aggravos, não hesitou em recorrer ao conde de Villa Nova, do seu conselho, e que lhe pedira audiencia especial.

Quando o Conde entrou no salão, el-rei acolheu o benevolamente.

— Bem vindo sejas, conde, que já me agastava a tua ausencia... No tempo d'el-rei, meu pae, o sr. D. Manuel, eras mais assiduo no serviço da corôa...

— Senhor... Pedi-vos licença para me ausentar por algum tempo da côrte. Havia mister de redourar o brazão da minha casa, dando-lhe o fundo e o timbre que veem da mercê com que vossa alteza honrou, se não meus serviços, o meu affecto e leal vassalagem.

— Por tal causa não se demorou tão longe da Alcaçova, D. Pedro Carneiro, a quem não fiz conde, e que mostra novo e rico o seu castello de prata com cinco torres, em fundo côr do céo!

— Não me movem os ciumes de D. Pedro pelo conde de Castanheira... Dez torres preciosas faria o zeloso secretario junto do throno, só para não deixar a sós com vossa alteza, D. Antonio d'Athayde, que hombrêa com D. Pedro em merito e pretende excedel-o em valimento...

— Mordes com os beiços, conde de Villa Nova... Taes mordeduras parecem beijos. Agrada-me, que me requestem fidalgos e conselheiros. Dize-me: tens a vaidade de me possuires, ou o orgulho de me dispensares?

— Vaidade e orgulho em merecer-vos, sem vos attribular com intrigas que veem da lisonja...

— Ha azedume no teu dizer, amigo...

— Senhor — fizestes-me conde de Villa Nova.

— E como tal te quero. Ao amigo me dirijo, quando o conde se mostra tão saudoso do tempo em que assim era tratado pelo sr. rei D. Manuel...

— Senhor — magoam-me palavras severas de quem bem comprehende que é de bom fidalgo adivinhar intenções e desejos do seu rei...

— Não te comprehendo!... Extranho-te a ausencia, e dizes que é meu desejo?!...

— Se permittis, senhor?...

— Falla, que, por mais que te defenda de velhas intenções em palavras novas, sempre me apraz saber o que pensas, quando fallas...

— Pois bem, senhor: sou grato ao vosso real favor e advinho quanto sois benevolo em conservar junto do throno antigos servidores d'elle; mas, é meu dever não abusar de tanta deferencia e generosidade... Precisaes, senhor, de gente nova em vossos conselhos... Cada principe deve ter a sua historia... De que vos serve, senhor, o meu plano, se elle não corresponde ao vosso pensar e querer? Tendes a vosso lado D. Pedro d'Alcaçova, o conde de Castanheira, Luiz da Silveira, os condes de Portalegre e de Linhares! Foram todos vossos companheiros nos tempos da juventude, conhecem vossas tendencias e planos, pretendem assignalar uma politica nova á face do mundo e alterar as regras da administração interna... Acceito-vos, senhor, o cargo honorario ao lado d'elles — permitti-me, porém, que não os perturbe no seu empenho, nem vos contrarie nos vossos intentos...

— Como estão mudados os tempos e os costumes! O orgulho da corôa já assenta em peitos de servidores! Eu, rei de Portugal, acceito e acato a herança de meu pae e senhor, sigo-lhe os exemplos, decóro-lhe as lições, protejo-lhe os homens... Ficam a meu lado os que eram contra mim, esqueço aggravos, e até os premeio, e as querellas não apparecem do alto do throno, mas aos pés d'elle! Antonio Carneiro retrahe-se e emmudece, quando o chamo e interrogo! hesita em me servir o escrivão da puridade!

— Fallastes em Antonio Carneiro?

— Sim, fallei. Que maior prova poderia eu dar de respeitar a memoria de el-rei, meu pae, que a de conservar Antonio Carneiro dando-lhe por companheiro seu filho D. Pedro? E tu, conde, se me approuvesse affastar tua presença e não escutar teu conselho, terias de mim recebido mercês que não pediste, e pedidos que não mereceste?

— Meu senhor — as perguntas, que me fazeis, são liberdades que me offertaes. Pleitear, comvosco, senhor, se não molestasse vossa condescendencia, enfraqueceria a minha palavra e desarmaria a minha razão. Não posso contradizer o vosso parecer, senhor...

— Conta com a minha graça... estamos sós...

— Pois bem — n'esse caso — dizei-me, senhor: estaes disposto a governar com os dominicanos?

— Judeus e christãos-novos! exclamou el-rei, vivamente irritado.

— Sim, meu senhor — a lucta religiosa que está abalando o mundo, e que ha muito ensanguenta os melhores reinos e imperios, poupou os ulti-

mos annos do ultimo reinado, e permittiu que o suspiro final do meu chorado amo e senhor, tivesse responsos sentidos nos templos christãos, nas mesquitas dos mouros e nas synagogas dos judeus! Fernando V ensanguentou apenas o solo das Hespanhas... Os rios que atravessam a peninsula chegaram vermelhos á fronteira, e foram ao mar limpidos como o crystal mais puro... Senhor, quereis resistir a Carlos V?

— Sim, resisto a todos os thronos da Europa, quando elles sejam contrarios aos interesses do meu reino, mas não posso ser contra elles, quando se trate da salvação da alma de meus subditos e do rei dos reis, isto é, d'aquelle que rege os destinos do Universo... El-rei D. Manuel deixou em paz os christãos novos, mas não os converteu nem submetteu. Ficou-me essa terrivel herança — a de os reprimir e castigar... Se elles vergaram a fronte para orar por meu pae, porque se levantam de novo para abusar da minha tolerancia? Sabeis o que elles fazem? Esquecem o baptismo, e duas vezes se fazem apostatas!... O impudor os desmascára, e a impunidade os anima!... Esqueceram a matança de 1506, e vivem á sombra das bullas mais absurdas. Para que sou rei? Para defender os infieis, ou para defender os catholicos? E' o povo que se queixa, que reclama, que me impõe o dever de vigiar e punir .. A caridade real não deve aproveitar aos impios, mas aos piedosos! Escuta os clamores que echoam por todo esse reino... Hei de ser surdo, para não incommodar a heresia triumphante? Começaram os malditos por encolher as garras e estão já dilacerando as victimas! De todas as provincias me chegam reclamações pedindo o castigo dos marranos... Tanto os odeio que os appellido á moda da villanagem! Que sabe el-rei D. Manuel, no fundo do seu esquife, do que faz essa raça, que enriquece na terra offendendo o céo? Que faria el-rei, meu senhor, que Deus haja em sua gloria, se visse agora perdida toda a sua tolerancia, revoltados aquelles a quem perdoou? Vamos, conde, dizei-me que me cumpre fazer? Sendo o continuador da obra de meu pae, devo corrigir-lhe as imperfeições e evitar-lhe os damnos, ou, sem vontade, sem consciencia, desattento e cobarde, consentir que os ingratos escarneçam dois reis, ao mesmo tempo? Ah perros vis! que hei de obrigal-os a respeitar os mortos e os vivos, e, com a ajuda do céo, queimar-lhes o corpo sobre a terra e envial-os ao inferno para que Satanaz lhes creste tambem as almas...

E el-rei, passeiando agitadamente, dava expansão á sua ira, até ali occulta, mas não dominada.

Como elle justificava, assim, aquellas palavras da *Symmicta Lusitana* — *Joannem jurenem istos novos christianos odio habere!*

E continuou:

— O meu dever é attender todos os clamores do meu povo, desde as classes mais gradas até á gentalha, que tambem zela a religião. Que fez el-rei D. Manoel? Attendeu as reclamações da opinião e é isso o que me cumpre fazer. Vomita a Hespanha todos os dias herejes sobre Portugal! Os que ella não mata, afugenta; e eu heide dar-lhe asylo e protecção? Não se trata de perseguir, mas de não ser perseguido... A judiaria toma a avançada, é ella que arremette, é ella que ameaça e lucta! Que menos é Portugal que os outros reinos, que teem o favor da côrte de Roma? Desce, conde, á praça publica e escuta o protesto das multidões... Que dizem ellas? Que estão fartas de serem enxovalhadas pela heresia brutal dos que se animaram na rebeldia com o castigo dos dominicanos!... Os queixumes são frequentes, a atoarda não deixa de echoar sob as adufas do paço... O povo pede justiça... Porque hei-de tolerar que os judeus medrem, e que os christãos se definhem? O que se tem feito é mais que perdoar — é estimular o crime. Não vês, conde, que se amesquinha a estatura do teu rei, quando elle se mostre mais fraco que os outros reis? D. Manoel morreu, e não pode agora julgar os abusos que me relatam... Conquistar a terra, sempre a conquistar a terra! Não está descoberto o mundo inteiro? De que me serve a Africa, tão extensa e tão selvagem, se não tenho gente e armas que a povôem e civilisem? Como hei-de sustentar as fortalezas do Oriente? Pois, não me bastará o goso das riquezas que d'ali veem e que me enchem o reino? E' n'este egoismo, n'este goso de bens materiaes, que a minha alma poderá salvar-se!

Antonio Carneiro não pensa d'este modo, e faz mal. A herança d'elle é a minha... Porque insiste elle em não reconhecer que os tempos mudaram?... A mesma lei que affastou do throno D. Manoel, que não comprehendeu os perigos da sua fraqueza, me elevou ao throno, que vejo esses perigos, e hei-de combatel'os:

— Senhor, não é meu proposito irritar-vos; bem, pelo contrario, pudesse eu acalmar o vosso animo, e mostrar-vos depois, que mais altos problemas se agitam e de que está dependente a felicidade da nossa terra. Porque não ouvis, senhor, D. Pedro d'Alcaçova?... Sou insuspeito dando-vos este conselho. D. Pedro, não se parece com seu pae; é mais ambicioso, e menos escrupuloso que elle... Mas D. Pedro é homem de valor, sabedor e perspicaz... Escutae-lhe os conselhos, e pensareis mais nos negocios diplomaticos, que nas pequenas intrigas de Villa Nova e da Mouraria...

— Conselhos de sobra tenho eu sobre negocios do estado; mas estes da Igreja são do fôro intimo da minha consciencia. Sou cunhado de Carlos V, e tenho na rainha D. Catharina parecer bem fundado e bem favoravel aos meus deveres de christão e de catholico!

— E não tendes por negocio do Estado, a lucta religiosa, que perturba a consciencia d'um povo e distrae a attenção do seu rei?

— Isso nunca. Reuno o meu conselho para que elle me inspire o remedio contra os males que affligem o reino na ordem economica e financeira. Que elle me ensine a exterminar a vadiagem que infesta a capital e as provincias, que ordene providencias contra o vicio do jogo, que faz de todo o reino uma tavolagem cheia de rixas e de brigas, e contra o luxo excessivo dos meus fidalgos, com seus castellos a transbordar de creadagem; que me ensine a prover ás necessidades da agricultura, que definha, e a substituir os administradores, que nas colonias enriquecem á custa do erario publico... D'isso sim, d'isso é que deve tratar o meu conselho... A respeito da Igreja, da minha fé, dos officios divinos e dos sacramentos, nada lhe pergunto; basta-me a Inspiração do ceu! D'os bispos, que obteem escriptos de Roma e se arvoram em magistrados, d'o padroado da Ordem de Christo, que deixou centenares de parochias sem pastores, cuidarei eu. Os procuradores dos concelhos reclamam de mim, percebes bem, conde? reclamam, de mim, providencias contra os abusos da raça hebrêa... sou eu quem deve attendel-os... só eu! D. Pedro d'Alcaçova que trate da administração civil do estado; do ecclesiastico tratarei com tanto zelo, que a minha alma ha de ser premiada pela graça de Deus...

Um pagem, affastando o grande reposteiro do fundo do salão, annunciou:

— O secretario particular d'el-rei!...

— Que venha, respondeu D. João, e com elle, os condes de Castanheira e de Portalegre, Antonio Carneiro, e D. Antonio de Noronha — que venham todos...

E o pagem desviou-se para deixar entrar no salão o secretario, os dous conselheiros, mordomo-mór e o escrivão da puridade.

— Que novas me trazes, D. Pedro d'Alcaçova?

— Para o fim me reservo, que as minhas não são de molde a alegrar o espirito de V. Alteza. Começae por meu pae, que recebeu hoje de França mostras de estima e admiração pelo reino que governaes, senhor, com tanto zelo e esplendor.

— E' ás vezes peior annunciar que dar novas tristes. — Doe mais, e a dôr dura mais tempo...

— Se permittis, senhor, digo-vos que el-rei Francisco I, por saber dos feitos de Antonio da Silveira, que, em honra do vosso nome, ganhou o titulo de vencedor de Diu, com gentileza, que mereceis, e que tanto illustra o rei de França, pede o retrato do heroe para o collocar na galeria dos varões mais notaveis d'este seculo.

— Cumpre as ordens do soberano francez, já que tanto apraz ao vencido de Pavia exaltar o vencedor de Diu! E, nos dizeres que testemunham o meu reconhecimento, recorda protestos de amizade e promessas de alliançás...

— Estão prevenidos vossos desejos, senhor, emquanto a gratidão e estima... Findam ahi meus poderes... Meu filho, D. Pedro, que conhece planos d'el-rei Carlos V, pode ser de melhor aviso na alliança de que fallaes...

— Que dizes, D. Pedro? perguntou D. João, com um ligeiro sorriso.

— Que todas as allianças se acceitam, quando boas; mas raras se sollicitam... O vosso reino, senhor, trouxe da Africa e do Oriente titulos de gloria que bastam para não recordar promessas de tal ordem... Tendes na peninsula a natural alliança de reinos diversos... Já as firmastes na alcôva nupcial, e não precisaes de passar os Pyrineos para que tenhaes assegurado o vosso imperio no continente e além-mar.

— Talvez tenhaes razão, talvez... As côrtes da Europa intrigam de mais contra mim, por que são tão invejosas, quanto levianas..

— Não vos molesteis com taes murmurios... Sobram-vos as Hespanhas, a Allemanha, e vão a bom caminho os negocios de Roma.

— Os negocios de Roma! Mais que todos os outros, esses me interessam... Deixemo-nos pois, de Francisco I em homenagens a Antonio da Silveira, que de taes lisonjas se tem enriquecido o nosso orgulho nacional. A França já está habituada a requestar-nos... Que não esqueçamos as palavras de Carlos VIII, em resposta aos principes colligados e a proposito da gente portugueza... Dizes bem D. Pedro — a melhor politica é a do isolamento... Afinal a Hespanha é nossa, não é nossa alliada!... Ha de unir-se a terra como se teem unido as monarchias! A morte do principe D. Miguel tem bôa compensação na vida da rainha D. Catharina! De Roma, sim, de Roma é que urge tratar... Bem fazes, Antonio Carneiro, em não te metteres n'estes negocios...

— De mais os conheço para que n'elles me envolva. sem fé e sem interesse.

— E com esse desinteresse e essa falta de fé, comprometteste o orgulho d'el-rei, meu pae, que nunca obteve de Roma appoio ás suas tentativas de repressão...

— E com isso, a heresia não medrou, cresceu o commercio, e a paz muitos annos conservou feliz o reino... Não houve el-rei, meu amo, inveja dos crimes e excessos que teem ensanguentado a Hespanha... Talvez por culpa minha ..

— De taes responsabilidades livrarei eu amigos e conselheiros. Em nego-

cios espirituaes é Deus meu unico mestre... Para servir a religião de meus paes não consulto secretarios, peço-lhes novas do que ha, e dou-lh'as do que resolvo. — Não és d'este parecer, conde de Castanheira?

— Pela minha fé vos affirmo, meu senhor, que pena foi que el-rei, vosso pae, tanto usasse dizer — *nós*, pensando um pouco ainda nos secretarios do estado e nos procuradores dos concelhos... Senhor, dizei sempre *Eu*, quando firmardes os alvarás e pensardes em defender a christandade...

— Conheces-me bem, Antonio d'Athayde, e recordas decerto as minhas confidencias d'outr'ora... O que dizes podia ser lisonja de cortezão, mas é bem conselho d'amigo...

— De amigo cortezão, observou Antonio Carneiro...

— Conheces d'outros na vida d'um principe?

— Sim, meu senhor — conheço os que são amigos dos reis, por causa do reino.

— D. Pedro, teu filho, não é assim? — Esse louvor é quasi em bocca propria.

— Não me fiz comprehender, senhor — só de mim fallo, pois tenho a certeza de que vos amo e respeito, e não vos sirvo no que poderia causar-vos damno.

— Então, se te ordenasse que fosses a Roma pelas bullas que ha tanto tempo peço e reclamo, ancioso de estabelecer um tribunal religioso, não irias?

— Pedir vos hia que mandasseis D. Antonio de Athayde, ou D. Antonio de Noronha... Melhor talvez — Luiz da Silveira... Como sabeis, nenhum d'estes procurou aconselhar o senhor D. Manuel a que seguisse a religião da tolerancia e a politica de resultados .. Sem desobedecer-vos, senhor, poderia eu atraiçoar a vossa causa... Como defender idéas que não tinha? Nem razões, nem enthusiasmo poriam brilho na vossa reclamação... Havia eu de esquecer as concessões que aconselhei a favor da raça hebrêa? Antes mandasseis meu filho, que é novo de mais para que não tenha ambições... Eu ficaria junto de vós, pedindo-vos em nome dos meus cabellos brancos, que me deixasseis descançar os braços e calar tantas magoas...

— Não te fatigarei demais, Antonio Carneiro, que, se te peza a idade e os cuidados te perturbam, podes confiar a teu filho todos os labores da governação. Dóe-te, bem sei, que eu resista ao teu conselho sempre triumphante no espirito d'el-rei, meu paè; mas, que queres? se mais que a tua prudencia, me aconselham as rebeldias dos contumazes? Tambem eu te escutei e obedeci, durante alguns annos, porque o mêdo dos christãos novos os regia de forma, que parecia tino e lealdade.

Cançaram-se de obedecer, e eu cancei-me de os supportar. E' mister dobrar a regidez para os que, por vaidade e philaucia, confundem a generosidade com a fraqueza...

— Sobra-me confiança, meu senhor, em meu filho, e na lealdade d'elle poderei ter fé, como na minha... A elle vos entrégo, fazendo votos por que os talentos de que tem dado provas, substituindo-me, não enfraqueçam com os requintes de valimento, que lhe dispensaes... Só vos peço, senhor, que o não corrompaes, nem com as lisonjas, nem com as mercês...

— Vae em paz, Antonio, que se elle, o teu filho, encarreirar commigo nos negocios do estado e nos da egreja, não estará com o seu rei, mas com o reino... Assim procedeste sempre, assim procederá elle...

— Senhor, beijo-vos a mão... Quem, como vós, assume o alto encargo de governar, por vontade de Deus, pode, por humildade evangelica, ouvir os seus vassallos, porque interrogando-os, os inspira!...

E D. Pedro, dizendo estas palavras, vergava o joelho diante d'el-rei.

— Já vês, Antonio Carneiro, que se inverte a tua prophecia. E' D. Pedro o lisongeiro, e eu o vencido! Achaes-me razão, conde de Portalegre?

— Eu não a teria, se não a reconhecesse...

— E tu, D. Pedro de Mascarenhas?

— Se os negocios da Mordomia ensinam a resposta que ouvistes, os meus fazem-me emmudecer no conceito, e agradecer, com a etiqueta, a graça da pergunta!...

E o estribeiro-mór imitou na attitude cortezã, a D. Pedro de Alcaçova.

— Conto comvosco tambem sr. escrivão da puridade?

— Se o não fizesseis, meu senhor, não saberieis contar...

— Fallaes, como um lettrado, sr. escrivão... Ficae certo de que conto comvosco, e ainda vos accrescento com o conde de Villa Nova...

— E fazeis bem contando-me no fim, que os ultimos, diz o Evangelho...

— São os ultimos, bem sei, visto que os primeiros teem de mudar de logar...

— E, não tendes logar para mim, senhor?

— Para ti, D. Alvaro? Collocar-te-hei onde te approuver. Não estando os meus conselheiros muito unidos, tenho espaço para ti, entre elles, e a qualquer distancia...

— Na vossa bocca, meu senhor, até os remoques são galanteios.

— Está bem! está bem! saboreou com um sorriso, cheio de ironia, o rei *piedoso*... Estou como quero! se não fosse Antonio Carneiro bem poderia dizer-vos que estavamos todos de accordo.

— Perdoae-me se eu discordo... ou melhor se pareço discordar... Isto é pequice de velho, que mais sabe livrar o seu rei dos cortezãos, que ser cortezão do seu rei... Vae mudada a etiqueta na côrte e entre o povo! Se até as côrtes de Torres Novas mostraram fazer bem trocadilhos e requebros, em vez de conceitos e inqueritos...

— Sentes-te um pouco só, meu caro Antonio, e por isso te lamentas... Faço-te justiça... Cançaste a eloquencia a convencer meu pae e senhor, contando com os applausos da turba... Como has de agora luctar commigo, se até a villanagem nas ruas e os procuradores nas côrtes se impacientam com o praso das isenções e privilegios da tua lavra a favor dos herejes!...

— Que só poderão findar em 1834...

— Que hão de findar quando isso approuver ao rei de Portugal!

— Sim, meu senhor, ao herdeiro d'el-rei D. Manuel...

— Que respeito, que amei e que me inspira... Sim, ao filho da rainha D. Maria, a catholica princeza, em cujas veias corria o sangue de Fernando e de Isabel. Pois, que julgavas tu, meu velho amigo?... Que Deus transmittia heranças ao acaso, sem as dirigir a quem as soubesse accrescentar? Todos os rios vão ao mar... uns sulcam a terra á luz do sol, outros profundam-n'a, ramificam se, e lá vão juntar-se tambem... A piedade d'el-rei D. Manuel enraivou-se, occulta, lentamente, no meu coração de principe...

— E agora?

— Rebenta em cachão na minha palavra, que manda, e no meu olhar que fulmina...

— E nenhum d'estes senhores, sem vos desobedecer, detem essa corrente, que pode ser mais que um mar, que fecunda — um diluvio, que extermina?

— Bem os ouvistes. Escuta-os porque os inspiro... Vamos, amigos da mocidade, e conselheiros devotos, dizei ao illudido secretario d'el-rei D. Manuel, que a minha bocca diz o que meu pae calou, que o meu braço edifica o que el-rei, meu senhor, não poude edificar...

Os assistentes vergaram a cabeça e o joelho, reverentemente.

— Meu senhor, disse Antonio Carneiro, fazendo a mesma venia, se tendes tanta confiança em quem vos cerca e applaude, para que chamaes para vosso lado os dominicanos de Castella?

— Dominicanos são de Roma. Castella é da rainha D. Catharina!...

— E tambem de Clemente VII, é o espião Henrique Nunes, que alliciastes nas Canarias?

— Sim — esse é portuguez de lei e serve o papa, cheio de devoção...

— Portuguez que infamou Cordova! Catholico ao serviço de Julião de Medicis!

— E, comtudo, a egreja o reconhece com o nome de *Firme Fé!*

— Oh! meu senhor! Por quem sois, não vos deixeis dominar por estranhos e perfidos servidores. Desviae os olhos de Roma, e alongae-os para a Africa que desfallece, para o Oriente que se apaga! Sustentar essa obra d'el-rei D. Manuel seria a melhor obra do vosso reinado. Concertae com o vosso conselho accordos com Francisco I, senão para inquietar Carlos V, ao menos para enxotar das costas portuguezas a pirataria da França. Limpae o mar, que os nossos mareantes descobriram, e defendei as mercadorias ameaçadas, menos pelos temporaes da Mancha, que pelos corsarios da Flandres... Ha urcas aprisionadas em Rouen, e batem-se, na Rochella, os mercadores do nosso Minho. Pois isto não vale mais?

El-rei não estava de animo sereno. E tinha razão — o seu conselho era muito trabalhado por dissidencias profundas.

Entre os antigos conselheiros de D. Manuel e os validos de D. João havia mais que differenças de parecer; sobejavam até invejas irritantes.

D. João, na opinião de Herculano, era uma mediocridade, mas tinha, sem duvida, aquella sordida perspicacia, perfeitamente instinctiva, que o levava a defender-se de quem o contrariava nos seus fanaticos designios.

Ouvia os seus cortezãos, mais sobre os actos que já praticára, que sobre aquelles em que estava pensando. Assim, os mais atilados se abstinham do conselho, e os mais servis lhe louvavam a resolução.

Entre o povo andavam agentes secretos, que os ministros desconheciam, e que tinham recebido instrucções dos dominicanos, que privavam com o soberano e lhe encaminhavam a politica, fingindo que apenas lhe ministravam consolações espirituaes.

No confessionario inspirava-se muito mais el-rei, que na sala do conselho!... O frade estava acima dos ministros!...

D'estes o que mais se equilibrava entre o confessionario e a chancellaria era Pedro d'Alcaçova...

Esse fallava pouco nas reuniões officiaes, e até, no que dizia, se mostrava tão ambiguo, que, ora parecia concordar com os mais avessos a perseguições, ora com a politica famigerada do throno.

Esta situação embaraçava, por vezes, a resolução do conselho, e assim, no meio da conversação mais animada, se davam pausas tão longas, que pareciam remates de questões graves, mas remates, que não eram soluções.

El-rei era sempre, n'estes casos, o primeiro que emmudecia, e, n'esses

momentos, em que elle affectava ter entrado nos seus frequentes exthasis religiosos, os conselheiros se entr'olhavam mudos, esperando o final da prece...

Passados alguns momentos, D. João fazia o signal da cruz, passava a mão pela fronte, e interrompia o silencio, propondo assumpto novo, como se houvera esquecido aquelle que interrompera...

— Mas, agora me recordo, D. Alvaro da Costa — pediste-me uma audiencia, que te concedi, e nada me disseste a respeito do que pretendias.

— Senhor, como sabeis, chegam todos os dias á côrte noticias de naufragios de navios portuguezes. Não ha razão para que o mar esteja revoltado contra as caravellas lusitanas... Rara é a semana em que o oceano não devora muitas dezenas de marinheiros portuguezes! No caminho da India tem desapparecido o melhor trabalho dos nossos arsenaes... Se todos nos apparelhamos para vencer o gentio e converter os infieis, não se compadece de tanto zelo a nossa incuria perante o mar, que nos attrae primeiro e nos conquista depois...

— Queres, D. Alvaro, que tenha em conta pouca os nossos mareantes? Bem sei que não é isento de perigos o caminho do nosso imperio d'além-mar... Se tão enredada de querellas anda a politica das nações, por causa das nossas audaciosas conquistas, como não ha de o mar tirar seu desforço de lhe termos devassado os segredos? Menor damno vem das ondas, que da pirateria infrene soprada por Francisco I...

— Dizei a D. Alvaro, meu senhor, accudiu D. Pedro, que, á nossa coragem de conquistadores, temos sabido alliar a melhor sciencia de mareantes.

— Elle o sabe... Na côrte d'el-rei meu pae, muitas vezes elle poude convencer-se de que os pilotos portuguezes não contavam em suas aventuras apenas com a coragem e o patriotismo... A fé lhes ensinára os maiores segredos da navegação, e os Roteiros, que hão de vir a lume, serão de tanta sciencia prova irrecusavel...

— Não é só do mar, que me queixo, meu senhor, que n'elle andam bandeiras de todas as côres, com menores riscos e perigos que a nossa. Fômos aos confins do mundo, e por toda a parte temos deixado afundar, não o nosso brio, mas os nossos galeões. Convém estudar as causas de tanto damno... Lembrae-vos, senhor, do *S. Raphael*, que nos ficou no caminho da India... Perguntae a Alvares Cabral quanto lhe doeu ver afundarem-se cinco naus da sua armada... Perdeu o seu navio almirante o grande Francisco d'Albuquerque!... Nicolau Coelho tambem viu a perder-se o throno das suas glorias... E os navios de Souza Lima! E a nau

Santo Antonio, á vista de Moçambique, a desapparecer, carregada de fazendas e de gente!...

— Que queres então que eu faça, D. Alvaro? Queres que ordene a bonança? Se nenhum de vós me aconselha a que serene, á força, o vendaval de impiedade, que ruge em terra firme, perdendo tantos thesouros e tantas almas, como hei-de aplacar a furia do vento, que, se nos rouba uma ou duas naus das nossas armadas, sopra as outras, e as leva a tão affastados continentes? Mas, emfim, D. Pedro que estude e resolva tão grave problema.

— D. Alvaro vem cheio de queixumes e, talvez tenha razão... Veremos, se não podendo educal'o, nos será facil prescindir do Oceano... Dizei lhe, meu senhor, que vem a pé da India, a caminho de Lisboa, Antonio Tenreiro, o arrojado pioneiro, que o mar poupou e vem por terra a derrear-se de fadiga ..

— Não gracejeis, D. Pedro, que é vosso dever evitar tantos desastres e queixumes...

— Tendes razão, D. Alvaro, o oceano não tem culpa de que os armadores tenham mais cubiça que arte... Conheço de sobra o que, por economia de trabalho e ignorancia do officio, praticam os empreiteiros mais procurados. Arvores ainda verdes, applicadas a interiores e revestimentos, sacodem pregadura e estopa, se torcem e encolhem, e abrem caminho á agua que faz a podridão com a quentura da pimenta e das drogas carregadas... Tenho pensado n'isso, e mais n'isso que nos barcos de *Villa Nova* e que levam especiarias aos mercadores judeus... É que não ha peior judiaria que poupar alguns maravedis em calafetos, que importam salvação de fazenda e vidas...

— Recommenda, então, esse negocio a quem mais entenda de tão importante mister.

— Apezar da nossa fama de ricos e poderosos, não abundam os recursos para taes melhorias. Seria necessario impedir as cargas exageradas, o emprego de madeiras verdes ou pôdres, e ainda a maldita invenção de Italia, de concertar as naus, virando-as de querena, e fazendo-as assim gemer sob o pezo dos castellos...

— Bem, D. Alvaro, consultaremos o erario, que n'este caso é o mais conselheiro... Que mais vindes reclamar?

— Providencias contra os corsarios de Francisco I. Senhor, a audacia dos piratas lança-os até a foz do Tejo, e arrasta-os a porfiados combates com os guarda-costas! Estão fechados para nós os portos de Flandres. Os armadores pedem garantias para as especiarias do seu commercio...

— Entender-me-hei com João da Silveira, que ora se acha em Paris,

e, entretanto armarei em corso os navios perseguidos... Vale bem mais a nossa gente... Falta-nos o direito, teremos a força em logar do direito...

— Daes me só essa esperança, meu senhor?

— Que mais prometter?... O reino não tem recursos que cheguem para a sustentação das praças d'Africa, quanto mais para fazer uma guerra, a sério, contra os principes de velhas terras europêas!...

— Mas, os corsarios não são subditos de Francisco I ..

— Bem sei, bem sei; mas el-rei de França aproveita-os... Uma reclamação poderia provocar um reconhecimento perigoso... Depois, tudo custa dinheiro, e Roma absorve tanto! E até que ella ceda as bullas, que lhe peço, quero ter reservado quanto possa vencer a resistencia de Clemente VII...

— E é por isso, que o thesouro está exhausto? perguntou Antonio Carneiro.

— D. Pedro, teu filho, que te informe...

— Se fosse só isso! Lembrae-vos, meu pae e senhor, que o dote da nossa rainha e senhora, foi apenas de duzentas mil dobras!...

— É isso, é; tem razão el-rei. Roma e Hespanha não deixam recursos para defender o nosso commercio, nem melhorar os nossos arsenaes!

— Ora, ainda bem que comprehendem o motivo porque me desinteresso da Africa! Um sorvedouro! Além de que devo ainda a meu cunhado Carlos V, o dote de minha irmã. O meu reino agradece com umas novecentas mil dobras castelhanas...

Houve um novo momento de silencio.

El-rei interrompeu-o.

— Temos muito que resolver, D. Pedro-d'Alcaçova?

— Muito, meu senhor — noticias de Arzilla, noticias e queixas dos governos da India, pretensões de Francisco I, respostas de Roma, corsarios nas costas do Brazil, transferencia das côrtes de Thomar para Torres Novas, regulamento da Casa da India... Muito, meu senhor, muito, e tudo urgente...

— Esqueceste o negocio de Jorge Themudo?...

— Não o esqueci; não o citei por menos urgente, e até menos importante...

— Menos importante? Menos urgente!? Não terá syndicado como ordenei?

— Sem duvida, mas julgo que tal negocio, que merece os vossos mais particulares cuidados, poderia ser reservado para depois dos que mais estão embaraçando o governo do reino. Na reunião dos concelhos farão o que lhes approuver, sabendo-se que ardem todos elles no zelo de Vossa Alteza.

— Não me fio nos concelhos, que apenas reuno por generosidade do meu animo e tradicção do reino. Não sei que haja em Portugal questão mais grave que esta — a contumacia da gente hebrêa em fazer alarde da herezia!... A ella sacrifico todas que mais de perto se liguem aos meus interesses pessoaes. Onde está Jorge Themudo?

— Chegou hontem de Montemór e espera nos jardins da Alcaçova que encerreis o conselho...

— Soubesse eu que elle estava tão perto, e não o teria feito esperar... Elle vae fazer toda a luz sobre os crimes d'essa raça maldita, que anda a envenenar o reino e a agourar mal de todos os meus intentos e planos. Sim, foi isso, mandei-o a Montemór, com ordem de vir depressa a Lisboa, onde encontrará um poderoso auxiliar para a sua obra providencial. Está bem, meus senhores, está bem; ides ouvir quanto me ha de relatar Jorge Themudo... Bom é que ouçaes todos aquillo em que pareceis não acreditar... N'outro dia cuidaremos dos outros negocios... Este prende-se com o corpo e com o espirito... É uma questão de interesses, e é uma questão de fé. Roma saberá quanto eu descobrir, e ha de providenciar-se contra o augmento dos perigos que ameaçam a egreja. Não ha de a Hespanha ser mais catholica que a minha terra!... Fundar a Inquisição é o mesmo que descobrir e conquistar o céo... Nas azas da penitencia lá chegaremos todos... Vamos, meus senhores, sentem-se e escutem.

E el-rei fez um signal a um pagem, que estava proximo d'elle.

— Que entre Jorge Themudo.

O pagem obedeceu, e, momentos depois, Jorge vergava reverente a cabeça e o joelho diante de D. João, que o acolheu com um sorriso.

— Bem fizeste em vir, sem delongas, Jorge Themudo. Ancioso tenho estado por saber novas da incumbencia com que te distingui.

Themudo, hypocritamente embaraçado, esfregando as mãos com vagar intencional, passeiou o olhar e o sorriso pelos assistentes, como para os reconhecer...

A myopia e a curiosidade quasi o obrigavam a fechar os olhos, que, muito piscos, esfusiavam sobre a côrte de D. João...

E, á proporção que ia reconhecendo quem o cercava, o syndicante real, como se el-rei não o houvesse inquerido, ia cortejando, a um por um, os conselheiros, que o olhavam indifferentes.

— Vamos, Jorge Themudo, podes falar á vontade. Estamos entre gente amiga, e instruida da missão em que andaste.

— Bem sei, bem sei, respondeu Jorge, estendendo um grande lenço de seda oriental, e assoando-se com estrondo e compassadamente. Bem sei que estamos entre gente que é tão dedicada a Vossa Alteza, quanto

temente a Deus; mas, o habito educou-me assim... Não me sento sem apalpar os estofos, nem falo, sem reconhecer os ouvintes... E, depois, como falo muito mais que vejo, procuro sempre ver primeiro que fale... Que, na verdade, é ousadia receiar de quem vos cerca, meu senhor. Nem tão bom rei pode ser mal servido, nem espirito tão sagaz me havia de interrogar com menos tino e cautella...

E, de novo, passeiando a vista, emquanto enrolava o grande estendal de seda fina, foi, em vez de responder, cortejando a assistencia.

— Ah! o sr. D. Pedro d'Alcaçova!... Que Deus vos guarde, egregio secretario, cujo nome escutei em todos os recantos de Lisboa .. Digno herdeiro sois, de vosso pae, o senhor Antonio Carneiro... sábio e fidalgo como elle, e mais que elle votado aos interesses da egreja... Eu vos saudo, trazendo-vos novas da impiedade que alastra .. Esperem... tambem aqui estaes, sr. Antonio Carneiro?! Que vista a minha! Pois devia ter-vos adivinhado, que a vossa presença põe sempre animação e vigor no conselho real! E' de tal quilate vosso caracter e vosso entendimento, que até por sobrar nas musas o que vos tem faltado em fé, ao throno déstes D. Pedro, que vos continúa e compléta.

E sempre a affirmar-se:

— Oh! nobre conde de Villa Nova! e vós tambem D. Alvaro, quanto vos agradeço terdes aconselhado el-rei a aproveitar os meus modestos serviços... Já deveis ter curado, junto do throno, ao nosso rei e senhor, saudades que nos legou o sr. D. Manuel, que Deus haja! Que Deus vos salve, sr. escrivão da puridade, e vos dê alento para a tarefa que vos trago... Ha mister de muitas providencias contra a heresia que alastra por todo o reino... Ouvi dizer — ieis ser conde de Linhares... A justiça d'el-rei nunca esquece os seus leaes servidores... Sr. mordomo-mór, eu vos saúdo, recordando folguedos que são passados na intimidade d'el-rei, quando principe tão devoto quanto alegre e zombeteiro!... Perdoae-me, sr. D. Pedro de Mascarenhas... se não vos cortejei ha mais tempo; a culpa foi toda vossa... occultaes sempre tanto na sombra gentileza de estribeiro, que não vos teria visto, se não tivesseis vencido a escuridão... Que Deus, nosso Senhor a todos salve, que bem necessarios sois para a felicidade do throno e defeza da santa Fé...

Os companheiros d'el-rei nem com um movimento de cabeça corresponderam ás mesuras lisongeiras de Jorge Themudo.

— Não percamos mais tempo, disse D. João. Dize o que aprendeste em cumprimento das minhas ordens. Inquiriste da vida e costumes dos christãos novos? Penetraste palavras e intenções d'essa gente incredula e rebelde?

— Fiz quanto pude, meu senhor, e bastante aprendi para vos ensinar... Mais que as devassas ecclesiasticas valeram as minhas junto dos parochos, que delataram atrevidas e impudicas confissões. Puz agentes ladinos á altura dos postigos e das adufas, e obriguei-os a demorarem-se nas boticas, na escolha de amuletos e estofos... Pelas vendas andaram elles em libações, que obrigam mais as confissões que os proprios confissionarios, e até, convertendo os espiões em esmoleres dos conventos, espreitei segredos das alcovas e preces de heretica devoção.

— Assim, se fôr necessario continuar com actividade os processos civis, será facil deter e castigar os criminosos, convencendo-os da culpa?

— Nada mais facil! meu senhor... Que nem todos se recatam na pratica da impiedade e em scenas de bruxaria e sortilegio...

— Perdem, então, o medo?

— Fructos da tolerancia, senão do desleixo, d'aquelles a quem cumpre velar pelo cumprimento das leis... Nos ultimos tempos do feliz reinado d'el-rei, vosso pae e meu senhor, judeus e mouros, e falsos christãos feitos de tal gente, tinham defeza e pudor na hypocrisia... Para os julgar seria necessario abrir-lhes o coração... Mas, a pouco e pouco, perdido o medo da repressão esperada na herança do throno, voltaram de novo a todos os abusos, que, ha quasi vinte annos, irritaram o povo devoto e ensanguentaram as ruas de Lisboa...

— E' certo, pois, que já fazem alarde da impunidade e confundem o perdão com a licença!? Pois eu os ensinarei, alcatea de lobos que andam no povoado devorando o cordeiro do Senhor!... Posso ter por boas as petições que me chegam?

— Sem duvida, meu senhor. As queixas são justas e até provadas! Resguarda-se um pouco em Lisboa, a heresia contumaz, mas pelas provincias se alastra e pavoneia, que é mesmo uma dôr d'alma ver tantas offensas impunes feitas á face dos christãos e dos altares!

— E' que julgam reinar ainda el-rei D. Manuel! Pois, enganam-se; o sceptro de Portugal ergue-se agora nas mãos do filho dilecto da rainha D. Maria, do neto de Fernando V e de Isabel!

E, depois, voltando-se para os seus companheiros:

— Ahi tendes, senhores, o fructo da minha benevolencia. Conspiram contra mim e contra o céo, esses a quem eu já poderia ter reduzido a cinzas... E, ainda me dizeis, que medite! Que não affaste do reino isso a que chamaes trabalho e riqueza, e a que eu chamo vergonha e miseria! E ainda hesitaes em aconselhar-me a que levante a cabeça diante da côrte de Roma! Por este caminhar perco o throno e a alma — o throno de meu pae e a alma de minha mãe! Vamos, Themudo, conta-me o que viste.

— Que eu nem sei como possa contar-vos tudo, continuou o confidente do rei, fazendo gestos de nojo, ou de compaixão. Se em Hespanha se fizesse a centessima parte de taes crimes, se por lá existisse um quinto dos nigromantes, herejes, reformadores, scismaticos e atheus, que empestam este reino de impiedade christã, Carlos V accenderia uma fogueira em cada pedra das ruas e em cada torrão das glebas provincianas! Tenho de toda a parte rol tão vasto de nomes e maleficios, que, a lel-o, perderia quanto tempo seria necessario para fazer as sentenças e executal-as...

— Vamos — cita os factos, que eu farei os commentarios e activarei a justiça.

— Senhor, quanto sinto não ter trazido na minha companhia o auxiliar que me enviastes... Esse sim, que bastante espreitou e viu, e poderia, com fidelidade e ardor, narrar o que tanto sinto e não sei descrever.

— Falas de Henrique Nunes?

— Pois, de quem? Só elle, com aquelle fervor devoto, que ha de santifical-o aos olhos de Roma, com aquella agudeza de vistas e de intelligencia, que o faz advinho, senão previdente, com aquella arte miraculosa com que occulta intenções e impetos, e se transforma, a todo o momento, com rara dissimulação, poderia dizer-vos quanto fogo de impiedade lavra em toda a terra, desde a cabana dos pastores, até os salões dos nobres e cavalleiros! Lingua, habitos, inflexão, aspecto, caracter, passo, placidez e arrebatamento, ameaça e resignação, perdão e vingança, sorrisos que alegram, risos que escarnecem, lagrimas que commovem, tudo isso de que elle tem precisado para parecer, ora o melhor christão, ora o judeu mais relapso, ora o mouro mais rancoroso... tudo elle possue e tudo emprega com superior talento e exito infallivel! Assim se apparelha para entrar em todas as casas, ouvir todas as confidencias, devassar todas as intenções! Ora me apparecia avaro, como um filho de Moysés, ora dadivoso e compadecido como um missionario de Jesus! Conhece as preces de todos os ritos, calça as sandalias de todos os fieis, ora na linguagem de todas as seitas! Do corpo faz estojo de todas as preciosidades delicadas e fortaleza de todas as energias aggressivas... Quando se verga confunde-se com um fraco, doente, velho, inoffensivo! Quando se ergue tem peito de montanhez, braços e pernas de cavalleiro e guerreiro, fronte de mocidade!

— E tanto merito e zelo, perguntou Antonio Carneiro, é servido por tanto desinteresse, quanta hypocrisia?

— Interesse, e do maior é o que o anima e exalta... mas não é o interesse mundano — é o interesse na salvação da alma, que elle espera haver á custa de sacrificios...

— E de traições! interrompeu o velho secretario de D. Manuel.

— Henrique Nunes é homem da minha confiança... Sei o que elle vale.. Com elle tratarei a sós, que a tão honrado interesse o céo e eu não seremos indifferentes!

E el-rei pronunciou estas palavras em tom reprehensivo, passeiando o olhar pelo salão, e demorando-o nos seus conselheiros.

— Ouvil-o-hei, eu só, que a missão que lhe confiei é de minha iniciativa e será para meu proveito. Agora, continúa. Foste a Montemór?

— De lá chego. para confirmar, senhor, o que por outra via, vos communiquei. Não ha a menor duvida: os christãos novos já não se molestam assistindo aos officios divinos nos domingos e dias festivos... Os cadaveres d'elles já não vão a repousar nos templos; ficam pelos adros, ou escondem-se nos claustros dos conventos e das egrejas!... Alguns d'estes herejes, oh! Deus de misericordia! até são enterrados... Perdôae-me, senhor, se vos magôo com esta nova triste e irritante: alguns d'estes herejes até buscam sepultura em terra virgem!! Por mais que isto me custe, é mister que tudo narre... Os moribundos já não pedem a extrema unção! O descaro augmenta — é certo que elles guardam os sabbados e as paschoas antigas...

— Custa-me acreditar-vos, dr. Jorge Themudo; mas acredito-vos por conhecer vosso illustrado descernimento.

Jorge Themudo vergou a cabeça, reconhecido.

D. João fez o signal da cruz, como se quizesse defender-se do contagio da... narração.

— Para deante, doutor...

— Mais ha, e muito, que referir a respeito de abusos. Previna-se Vossa Alteza contra o desenvolvimento de tantos e tão graves... Verifiquei que entre os moribundos, que se confessam, muitos tem havido que não tomam o viatico! E confissões em quinta feira santa?! Quantas, meu senhor, quantas! Pelas terras do Alemtejo ha quanto tempo não morre um christão novo que, em seu testamento, mande dizer missas por sua alma! N'outros pontos notei algumas esmolas com tal fim, mas raro, rarissimas as destinadas a trintarios! ou a anniversarios! ou a suffragios ao oitavo dia!...

— Nem trintarios! exclamou el-rei, abrindo muito os olhos!? A que tempos chegámos, Jorge Themudo!

— E' verdade, senhor meu, a tempos em que os actos de caridade praticados pelos christãos novos só a elles aproveitam! Nem uma moeda de prata a favor dos christãos velhos...

— E, como se explica o silencio do clero curado, sabedor de taes aleives?

— Ora, meu senhor, se podesseis avaliar qual a damninha influencia dos onzeneiros!... Os judeus são gente rica, e a usura faz dependentes, dos ricos de dinheiro e de impiedade, os servidores da egreja!... Os miseraveis villões teem em mãos hebreas as searas e os rebanhos... Até o colmo das arribanas, e as sementes dos almargens, e os estrumes do gado, são bens de gente sacrilega! Sabeis o que todo o reino pede para bem se defender da gente hebrea? E' a Inquisição!... Senhor, salvae a fé christã e o reino de Portugal!...

— Assim; tens razão. E' necessario castigar essa gente que judaiza em vida e depois da morte!

— Dizeis bem, depois da morte! Quereis saber, meu senhor, o que os infieis fazem aos mortos n'estes tempos de peste? Enterram-nos sem distincções de raça!... E não ha de o castigo do céo cahir sobre a nossa cabeça!? Vae tão longe o impudor que até, sem rebuço, se desposam á porta da egreja, e até baptisam os filhos, guardando seus ritos e solemnidades!

D. João escutava taes narrações, como se estivesse escutando historias de abusos no governo da India... Estava mais irritado que se tivesse recebido noticia da perda d'alguma das nossas praças d'Africa! De quanto Themudo lhe estava dizendo houvera já conhecimento por cartas d'elle recebidas.

Existem essas cartas no Archivo Nacional, — vivissimo documento d'esse abominavel tempo de ignorancia e de intolerancia!

Com as cartas de Themudo passaram tambem aos nossos tempos as do espião Henrique Nunes.

— Conheço em demasia o que estás narrando, Jorge Themudo. Está tudo conforme a tua ultima carta e as que *Firme Fé* me tem enviado desde que em meu serviço, divaga pelo reino... Sei, pois, o que fazem os christãos novos e o que me cumpre fazer. Para os castigar, por meios directos ou indirectos, Nunes me deu o mais sabio conselho. Os accusados estarão em meu poder logo que isso me apraza!...

E D. João tirou do seio uma extensa lista de nomes, que Themudo examinou.

— Está certa, está, meu senhor. N'ella encontro os principaes que descobri e fiquei conhecendo... E' isto, é... gente de Olivença, perigosa por ousada e fronteiriça... Está em conspiração permanente com os refugiados de Hespanha... Ha aqui tres nomes que ainda hão de dar cuidados serios a Vossa Alteza. Selaya, o inquisidor de Badajoz, conhece-os .. Não faltarão reclamações do santo officio, a que tambem terá de se associar el-rei Carlos V!

E continuou lendo:

— Cá estão mais — estes são de Campo Maior... tive a respeito d'elles delações muito importantes... Na maior parte fugitivos de Llerena... O vosso reino, senhor, está sendo couto amigo para taes bandidos... Bem, muito bem... aqui está o rol dos de Gouvêa. Isto é um thesouro! Os herejes alli andam aos bandos! São tantos como as cegonhas que por lá estão rematando os campanarios... Estes, meu senhor, só a tiro de trabuco!... Conheço esta relação... foi começada por duas santas almas que tanto porfiam a favor da religião — Barbuda e Richarte... Haveis, senhor, de premear tão sántos varões...

— Já vês, que nada me falta. O faro e a traça de Henrique Nunes a tudo me habilitam. Se comtigo tivesse ido a essa devassa sagrada, por Deus, o juro, que até de longe, descobriria os traidores...

— Quem vos educou por tal forma a vista aguda para taes emprezas, senhor?

— Esse homem extraordinario a quem chamas *Firme Fé*. E não a ha mais firme! E não o ha mais crente! D'aqui, debruçado d'este balcão, disse el-rei, puxando Jorge Themudo para uma gelosia do salão d'onde a vista descia, sem obstaculos, ao grande valle da cidade, eu poderei descobrir um christão novo, falso como Judas, escarnecendo do baptismo, por ser fiel ainda ao rito de seus paes... Eu que o veja, em caminho do templo sem livro de reza, e sem rozario na mão, ou á cinta!... Eu que não lhe ouça, a tilintar nas manilhas ou pulseiras, cruzes, ou bordões de Sanctiago! Acreditas n'um christão verdadeiro sem vieiras pendentes de adornos profanos? Se um pobre lhe pedir esmola, pela Virgem ou por Jesus, elle que não dê esmola, e eu logo o apontarei, como falso e relapso, que em vida não vae a romarias, e morto quer dormir em sepultura separada da dos seus parentes de sangue...

— E agora que o conheceis, se o descobrirdes, o que lhe fareis, meu senhor?

— Pela chamma d'aquelle sol, prometto e juro, que antes ou depois de ter dotado o reino com um tribunal religioso, quer agrade, ou desagrade a Clemente VII, hei de fundil-o ao calor d'uma fogueira! Ah, que nem vós todos imaginaes com quanto prazer festejarei o anniversario das minhas bodas, offerecendo tal espectaculo á rainha D. Catharina, minha muito amada!...

— Meu senhor, disse erguendo-se reverente, Antonio Carneiro, perdoae-nos se interrompemos entretenimento tanto do vosso agrado... Os negocios do estado reclamam nosso conselho, e os vossos conselheiros sollicitam vossa resolução...

— Negocios do Estado! que outros tendes de mais urgencia e pêso?

— Muitos e graves! D. Pedro vos dará d'elles relação minuciosa... Fóra e dentro do reino ha riscos e até perigos, que muito convem evitar...

— E's d'aquelle parecer, D. Pedro d'Alcaçova?

— Urge nomear novo embaixador para Roma, pelo menos...

— E D. Miguel da Silva?

— Já vol-o disse... as razões de estado... meu senhor...

— Pois não percamos tempo: nomeia D. Martinho de Portugal.

— Se me permittis... D. Martinho é mais delegado do Papa, que de Vossa Alteza...

— Mas é homem arguto e energico, e tenho communicações secretas a fazer-lhe... Não hesito em nomeal-o.

— Da India...

— Faze o que te approuver a respeito da India... Tenho o espirito perturbado... A alma de christão geme dentro d'este peito, sob o peso d'esta cruz... Isso a que chamas negocios do estado será tratado ámanhã... Preciso de encommendar-me a Deus e pedir-lhe que me perdôe raquezas de homem e de rei... Saiam todos, com isenção de Jorge Themudo...

— Se vos apraz, virei, senhor, em hora mais propicia...

— Não; será hoje, e já, que saberei novas do caso de Campo Maior...

— De Campo Maior! Mas, senhor, isso é uma lenda... Para que haveis de cançar os ouvidos escutando historias de embusteiros?

— Embusteiros! Sei pelos inquisidores de Llerena que um medico judeu envenenou com peconha bons christãos d'aquella nossa terra... O povo tem razão: os judeus, que mataram o senhor, são capazes de destruir todos os christãos velhos. Se nada averiguastes sobre taes crimes, ide informar-vos. A desconfiança e o odio entre as duas raças pungem-me... A vida dos christãos não pode estar á mercê da sciencia hebraica. Vingam-se do fogo com que os ameaço, empregando segredos de physicos e herbolarios. Taes physicos não são homens, são frascos de peçonha, mais perigosos que as linguas das serpentes... Preciso de saber tudo... Deixae-me... ide... ide todos... Se não me reconcilio com Deus, o espirito de Satanaz pode apoderar-se da minha alma... Ide, ide, ide depressa... Olha, conde de Portalegre, não te esqueças do teu mister — manda que seja exposta na minha capella, no altar-mór, com trinta lumes de melhor cera, e adornada com as alfayas mais custosas e de mais rico lavor, a imagem da Virgem, que era de minha mãe e senhora.

E, mal acabou este recado, sem mesmo corresponder á venia dos seus conselheiros, que desappareceram no farto reposteiro, ajoelhou junto da sua poltrona coroada, e, pondo as mãos, começou a orar...

IV

Firme-fé

Tres vezes ainda fez o signal da cruz, o principe beato, antes de se erguer da genuflexão em que cahira... Ergueu-se, poz as mãos de novo, como se quizesse pedir mais uma vez perdão para os seus actos ou pensamentos menos conformes com as leis de Deus...

Depois conchegou o cinto e repuxou a chamarra, carregou sobre a orelha a coifa dourada, palpou no peito o cabo d'um punhal bem occulto, e perfilou sobre a abotoadura de velludo, um crucifixo de ébano, suspenso do pescoço em collar de pedrarias...

Olhou em roda, como se quizesse verificar o isolamento que provocára, e applicou o ouvido, como se esperasse algum ruido longinquo...

O silencio era completo... Nem o ruido de passos nas escadarias, nem vozes nas ante-camaras — apenas o grande reposteiro que dividia os dois salões contiguos, por vezes se balouçava serenamente, movido pela aragem que vinha da gelosia aberta e que deitava para os jardins!...

Cruzou então os braços o rei de Portugal, carregando, pensativo, o queixo sobre o peito, como se estivesse pensando, profunda e tristemente, e passeiou sobre a fôfa alcatifa. . Passeiou muito, ora de vagar, ora acceleradamente, parando ás vezes, recomeçando logo, interrompendo a attitude com gestos sacudidos, como se estivesse conversando com alguem...

N'uma das voltas demorou-se parado, fitando o retrato da rainha D. Maria, sua mãe, de olhos negros e collo de garça, alvo como jaspe, destacando-se exuberante d'um corpete, scintillante de rendas feitas de ouro e prata! O colorido do retrato tinha todo o exagero d'um pintor cortezão...

— Como foste formosa, ó minha mãe! dizia elle, fitando-a... Nunca, em throno portuguez, se sentou mulher mais graciosa e de mais nobre piedade! Tiveste o busto das mais bellas patricias de Roma, e no olhar,

a doçura das santas mulheres que choraram sobre o tumulo de Jesus! Como eu adoro a tua memoria e o teu conselho! Quando fixo o meu olhar no teu olhar, parece-me ainda que ouço as tuas palavras de uncção e fé!... Pobre martyr! tiveste por mór empenho da tua vida remir a humanidade, salvar a egreja, deter a heresia, castigar a obstinação dos desvairados, e passaste o melhor tempo da tua esplendida mocidade vendo a impiedade a tripudiar no teu reino, á custa da fraqueza do teu rei e companheiro, receioso dos queixumes de Deus, isto é, da maldição da egreja! Fundaste toda a esperança no principe, que aconchegaste ao seio, e a quem recommendaste, senão vingança, que tal palavra não cabia em teus labios, mas justiça, que enchia o teu coração... Confia em mim, oh! mãe! O meu sceptro está inflammado, e com elle incendiarei o reino... com os raios da minha fé!...

E voltava, de novo, a passeiar, com passo lento, e a fronte descahida...

— Porque heide hesitar ainda? Não é o povo que se alvorota contra os insultos á crença dominante? Não me sollicita o clero meneios de energia contra a tibieza dos principes portuguezes? A paz do reino e a paz da familia me aconselham e impellem... Só os delegados do meu poder hesitam e se embaraçam! Para honrar a memoria da virtuosa rainha, que me educou, e da princeza catholica, que me illumina o thalamo com a chamma dos seus olhos e a luz da sua fé, que devo fazer? Deixar perder-se o reino na duvida e na descrença, ou acabar com a criminosa tolerancia de meu pae, que tanto se envaideceu com as grandezas do mundo, e nada se affligio com os desastres da egreja?

E de novo se sentava, benzendo-se, e de novo se erguia, gesticulando irritado!

— Pois, eu heide consentir, de animo leve, que amesquinhem o meu poder os conversos encorajados pela impunidade de muitos annos? Todo o mundo christão se accende em enthusiasmo contra a heresia, e só o meu reino arrefece sobre as cinzas da cobardia e da duvida?! Descem da Allemanha nuvens espessas e negras, prenhes de idéas reformadoras, e não heide inflammar as fronteiras para as desmanchar ao calor e ao fumo das labaredas!?

E foi-se a levantar o reposteiro para verificar se algum fidalgo se quedára na ante-camara desejoso de acolhimento, ou curioso de informações... Apenas um pagem se recostava em confortavel estofo, dormindo como um justo, emquanto um alabardeiro guardava a porta que communicava com a galeria.

Voltou, pois, el-rei ao seu preoccupado passeio. Mal o recomeçou,

porém, logo o interrompeu... Tres pancadas fracas e compassadas soaram na parede mais ornada de quadros e armarias.

Então, el-rei, como se estivesse esperando algumas das suas amantes mais gentis, desenrugou o rosto entristecido e deixou escapar um sorriso de alegria... Lançou um rapido olhar a todo o salão, e, subtilmente, se dirigiu para o lado d'onde viera o alarme, pousando a mão no angulo inferior d'um escudo prateado.

Um pedaço da parede girou bruscamente, e, no logar d'elle, assomou a figura de *Firme-fé*.

— Obrigado, meu senhor, disse o espião, inclinando a cabeça, e rojando no chão a pluma do seu gorro de velludo. Perdoae-me, se me demorei...

— Vieste a tempo, Henrique; vieste mesmo a proposito... Andava-me o espirito attribulado...

— Hesitações?...

— Não; tristezas, apenas.

— Trago-vos, senhor, alegria e decisão...

— Oxalá! que bem preciso de ambas!

— Permittis?...

— Entra. — Estamos sós... poderemos concertar, á vontade — idéas e procedimento.

Firme-Fé avançou para beijar a mão do rei, e a parede voltou de novo á sua posição normal.

D. João sentou-se com rosto prasenteiro, accolhendo familiarmente o seu perfido valido.

Conhecemos ainda o nome de Henrique Nunes, mas não podemos já reconhecer-lhe a physionomia, as maneiras e a figura.

Transformara-se completamente o boçal lacaio de Lucero, o torpe espião de Deza! Aquelle aspecto de audacia e de saude, isto é, aquella dupla arrogancia de homem forte e feliz, convertera-se no vulto seraphico, ou hypocrita, d'um asceta. A idade emmagrecera-lhe o corpo e enrugara-lhe as faces...

As cans, que não tinham sido vencidas pela calvicie, ornavam-lhe parcamente a caveira mal guarnecida... Tinham-se-lhe recurvado, em sentido opposto, o queixo e o nariz, e, entre ambos, que tanto se aproximavam, viam-se os labios descorados, muito unidos e franzidos, a denunciarem a bocca desdentada!...

Firme-Fé não era ainda, mas já estava velho... No rosto nem um cabello! nos olhos palpebras sem pestanas! As viagens, a inveja, os acasos da fortuna, os climas inhospitos, talvez a fome, quando fugitivo, talvez os vicios, quando bem vindo, tinham-n'o mumificado...

Ha monges, victimas de abstinencias e cilicios, com aquelle aspecto de mortificação, nos grandes escuros das telas sagradas, em que se vê apenas colorido nas calvas de marfim e nas mãos escarnadas, a sahirem de habitos de burel e estamanha!

No olhar havia todos os cambiantes... Passava n'elle o azul caricioso e o verde tigrino... Na voz a mesma inconstancia — ora doce como a d'um apostolo venerando, ora aspera e rude, como a d'um bandido avinhado... O fato modesto e limpo, e o gesto, estavam já indicando as maneiras hypocritas, que um seculo mais tarde habilitaram o grande Moliere a conceber a figura litteraria do Tartufo. á luz da côrte de Luiz XIV!

Firme Fe ganhára muito com o que perdêra... O seu caracter tinha agora melhor corpo para se abrigar... Novo, gordo, rosado, olhar audaz, tinha mais vida, mas vivia peior...

A hypocrisia precisa de se envolver em tudo quanto inspire tristeza e compaixão... Ninguem se lembrou ainda, de chamar hypocrita áquelle que disfarçasse as dôres da sua alma com os sorrisos da sua bocca... O contrario, sim.

A hypocrisia é um ardil para os tristes e para os bons.

A victoria da mentira está em inspirar compaixão... Uma lagrima, por mais falsa que seja, é sempre a melhor gasúa para abrir os corações amoraveis... Ora, os máos teem a tristeza facil... A bondade é que tem o sorriso á flor do rosto... Quando a virtude chora, tem sempre um sorriso a dourar-lhe o pranto... E' que a alegria é uma luz!

Firme Fé tinha dentro do peito os dois negrumes que se oppõem a todas as alegrias — a cubiça, que nunca se sacia — e o odio que nunca se desarma. A cubiça é sempre triste como o odio... Seria necessario que ninguem possuisse o que ella reclama e que o odio se aquietasse com a vingança!

O tempo faz os hypocritas mais perigosos, como as hervas fazem as viboras mais traiçoeiras.

Um craneo encanecido traz a idéa d'uma lapide coberta de gêlo... Ninguem desconfia das paixões e da maldade humana n'aquelle trecho de cemiterio... Diante d'um velho, os novos mais cautos teem vontade de ajoelhar... Advinha-se, parece, a lisura e o polimento do coração, n'aquelle marfim tão fresco e luzidio!

Como ha de ferver o sangue n'aquella carne e n'aquelle osso tão mortos e tão frios!

Tartufo foi mal escondido em carnes palpitantes e em nervos excitaveis... Um rosto córado e cheio atraiçôa toda a mentira d'um peito... Os olhos

da mocidade são claraboias do corpo humano — passa atravez d'elles, o fogo, que arde lá dentro, e atravessam-n'os os olhares que vem de fóra... *Firme Fé* já não tinha cristal nas orbitas do seu craneo — tinha espelhos... A velhice puzera camadas de luto n'essas manchas lenticulares... Quem lhe fitasse os olhos via-se, mas não o via. Aquelle olhar já não era transparente, era reflector!

Que admiravel adufa é a velhice para as gelosias dos hypocritas!

Velho e emmagrecido! Que esplendido estojo para o punhal da traição! Como se acamam bem dentro d'um corpo assim as douradas bocetas dos venenos mais perigosos! Um rosto de caveira já não ostenta aquella inversão de tarefas, de que nos falou Victor Hugo — *dentes que sorriem e olhos que mordem!*

Firme fé estava no auge do seu poder: era valido! E ser valido é mais que ser rei...

N'esse momento, abaixo de D. João, mandavam só duas pessoas: D. Pedro, o secretario — e *Firme fé*, o valido... Mas quem mandava, a valer, era o alcaiote!

O valido fallava mais alto que o secretario, e até que o rei! Tinha liberdades o lacaio que não podia ter o conselheiro!

Carregue-se a catadura d'um bôbo e teremos o confidente. Entre o bôbo e o valido houve sempre uma differença profunda — o bôbo era o escravo do rei, e o rei o bôbo do valido. Um divertia os principes, o outro divertia-se, com elles!...

O bôbo acceitava liberdades e pagava-as, divertindo os amos; o valido tomava-as, e divertia-se com ellas.

Firme fé installara-se na alcaçova como em sua propria casa. E não entrára supplicando, mas accedendo...

Mas accedera, rojando-se, e rojara-se mordendo... Valido, que não se fazia valer, era o mesmo que um bôbo que não fazia rir... Os homens teem amantes que os enfeitiçam, mas os reis teem cortezãos que os governam.

Os bôbos dos reis de França compareciam nos salões da côrte e tinham o tapete das suas truanices — o valido andava sempre occulto — o seu trabalho era nas sombras das ante-camaras.

Ambos vinham da ralé — um com o riso e a lisonja, o outro com a ameaça e o conselho!

Firme fé era o valido por excellencia — era mais que conselheiro, era confessor... Ouvir confidencias a um rei é o mesmo que estar dentro d'elle... O espião d'el-rei, chegava-se tanto a seu amo, que se confundia com elle... O valido, quando fallava, ordenava... Era como o barbeiro,

que põe as mãos na cara — isto é, que tem o privilegio que é concedido ás mulheres...

El-rei não podia passar um dia sem fallar com o seu valido... O confidente não era como os seus botões... ouvia e replicava.

Quando Henrique Nunes não concordava com elle, o rei não se julgava humilhado... O espião não era um conselheiro, mas um augurio. O espirito fraco e supersticioso do principe consultava *Firme fé*, como poderia uma cigana consultar um baralho de cartas! O homem de Borba não passava d'um feiticeiro que lia a *buena dicha*.

D. João não julgava abrir o peito ás confidencias, quando era indiscreto com o beato hypocrita; julgava apenas que lhe mostrava as linhas da palma da mão...

O valido não era consultado por saber mais que seu amo, mas porque advinhava o que nenhum amo poderia saber... Lia no futuro, o que é mais difficil que aconselhar no presente...

Firme fé era aproveitado pelo rei, com o recato com que um crédulo inferior pode recorrer a um exorcismo... Aquella intimidade constituia um vicio secreto... Tal recurso estava fóra da sciencia e da fé — constituia uma fraqueza, e não sahia dos limites d'um palpite...

Isto emquanto á confiança, que, emquanto ao aproveitamento, *Firme fé* não chegava a ter a honra de mentor, e ficava na esphera de serviçal.

O rei, ás vezes, tinha repugnancia d'aquelle braço que aggregara ao seu braço... Por mais que o occultasse, sempre elle se via sob as dobras do manto... Quasi gesticulava com elle! Até o rei julgava que estava sendo ajudado, quando movia a espada ou levantava o sceptro!

O santarrão ia reconhecendo a sua influencia, e sem o parecer, ia abusando d'ella; mas abusava com taes artes, n'um progresso tão lento e com tal suggestão, que todos diriam que elle usava o abuso...

Como adquirira elle tal cognome? Escrevera em Hespanha uma auto biographia, e n'ella puzera esse pormenor. Que lhe tinham chamado *Firme fé* as gentes que servira, em respeito aos seus serviços prestados á causa da egreja e da inquisição. E, á força de repetir que assim lhe tinham chamado, assim lhe chamavam.

D. João, principalmente, achára bem posto o titulo, porque mais lhe agradava dar-lhe tal nome que o de Henrique, vulgar demais, e de mais nacional, para ser citado na côrte.

Assim, o vampiro ia insinuando-se no animo do monarcha, e, como era intelligente e ladino, á força de ler livros de theologia, já se abalançava a discutir com os frades a historia das religiões e a interpretação dos textos sagrados.

Tinha o corpo delgado, e movia-o com facilidade, como se a espinha se lhe houvesse deslocado para exercicios de humildade e de orgulho. Rojava-se de joelhos, diante do throno e do altar, como se obedecesse de subito a uma pressão divina, ou a mysticas revelações!... Simulava extasis, recurvando o busto, ou santas indignações, erguendo-se bruscamente para olhar o ceo e aspirar, a peito erecto, os raios de melhor luz...

Todo o odio que se abrigava no perfido coração, explodia em labaredas de enthusiasmo misericordioso!... Fazia denuncias, com as lagrimas nos olhos. e, ao narrar falsas historias, no proposito de fazer victimas, punha *tremolos* na voz, como se a piedade estivesse a commovel'o ..

Dizia desprezar os bens materiaes, e os fructos que guardava da cornucopia real, cada vez mais fertil e dadivosa, eram recebidos com ar triste, e sempre protestando ser o thesoureiro dos christãos velhos e miseraveis.

Conhecia profundamente o caracter do rei, e com elle, no tracto mais intimo, graduava, habilidosamente, a humildade e a arrogancia.

Houvera, o máo beato, cuidado e zelo em devassar segredos da corôa, — isto é, negocios diplomaticos e velhas intrigas amorosas, e sempre que a elles desejava alludir, para mais conquistar intimidade e prestigio, o fazia em estylo de revelação que tivera em sonhos...

Aventuras da mocidade de el-rei, fraquezas amorosas no convivio da côrte, tudo elle conhecia, e a tudo fazia referencias, não referindo os factos, mas enunciando hypotheses.

Lia o impostor no coração do seu rei, como em livro aberto, e lia tão facilmente que D. João, escutando-o, lhe ia confessando o que elle já sabia, ou que desejava ficar sabendo melhor.

O espirito do rei fluctuava á mercê do sôpro com que o valido bafejava os degráos do throno...

O rei chegára a pedir-lhe que se tornasse a sua sombra, e, porque algumas vezes o valido fôra pedido para espreitar as sessões do conselho, elle, por sua conta, passára a vigiar todas!

E era elle que explicava palavras e intenções dos conselheiros, que mais discursavam e que menos diziam.

E raras vezes se enganava; o que podia succeder era que elle enganasse seu amo, não por menos engenho em devassar consciencias, mas por maior interesse em falsear prophecias.

Com dinheiro e valimento matriculára os servos da alcaçova e os fidalgos peralvilhos no seu mister de espião. Os pagens, os alabardeiros, os moços fidalgos, os arautos, os tangedores da côrte, os apaixonados ciumentos, as damas mais faceis, os frades mais sordidos — tudo elle dirigia com promessas de mercês e miragens de riqueza.

E toda essa cáfila o maldizia e desprezava, servindo-o, comtudo, que ser contra elle nada tinha de lucrativo e até era, por demais, perigoso.

Elle, por seu turno, se puzera ao serviço das mais altas influencias clericaes, para dominar o rei, e até conspirar contra elle, se a causa dos dominicanos assim o reclamasse.

Nem toda a gente na alcaçova conhecia *Firme fé*, mas toda tinha a certeza de que elle existia... Pelos recantos se fallava no escandaloso valido, que todos maldiziam, muito em segredo, que não era maior ousadia murmurar da rainha que do tôrpe conselheiro!

O pulso de Henrique Nunes não se fazia sentir apenas na casa de D. João; pelos conventos de diversas ordens, pelos palacios da gente grada, pelas alfurjas mais sombrias, se fallava d'elle, ora com admiração e amor, ora com desconfiança e odio!

Tão depressa apparecia no bairro judeu, como nos Paços da Ribeira — na alcaçova de S. Vicente, e nos antros da Mouraria...

Os validos são productos venenosos da tyrannia dos reis. Quer os reis os procurem, quer elles procurem os reis, sempre aos pés dos thronos dos monarchas déspotas, ou imbecis, taes servos privilegiados germinam e crescem.

Elles são tudo — desde lacaios até conselheiros aptos para todos os misteres — com grandes e pequenas referencias historicas — *menelaus* ou *galeotos* — que são os menos perigosos... Começam na esphera da pequena intriga e acabam, de sceptro aperrado, elevados a executores d'alta justiça.

São, alem de tudo, umas sanguesugas de bocas colladas ao thesouro real e ás arcas do erario publico...

Firme fé não se contentava com isso — andava já estendendo os labios para sugar o sangue hereje nas arterias da raça hebrêa!

Era grande a sua actividade e longos os seus tentaculos... Era mais que sanguesuga — era um polvo!

Em pouco tempo enlaçara el-rei, no sitio do sceptro e da corôa, e prendera as mãos da rainha n'um só meneio, porque a surprehendera a rezar!

Por entre a côrte passára rapido na faina do aliciamento, e já sentia bem seguras as espadas d'alguns cavalleiros, a penna d'um secretario, e a vara da justiça nas mãos do escrivão da puridade!

Enredadas andavam tambem damas amofinadas com ciumes, e fidalgos arruinados nos rendimentos de suas heranças...

Os cargos publicos, e os de diversa cathegoria na alcaçova, já não cabiam a quem mostrava merito para os occupar, em sabedoria e probidade; só os logravam os felizes que desejassem ler nos diplomas a rubrica d'el-rei e, bem proximo da guarda, a sancção do valido!

Firme fé projectava-se em toda a parte, atraz do vulto real, como se fosse uma sombra; e, como succede ás sombras, quando a luz muda de posição no caminho em que vamos, não poucas vezes se via o valido sombrio caminhando á frente do rei na estrada das aventuras!

Após uma sessão do conselho, irrompia o discolo d'uma porta secreta, como se se tivesse animado o retrato d'algum cavalleiro do seculo XVI, adorno movel da mysteriosa parede. Se el-rei volteava no jardim, ao lado de seus ministros, ou de seus confidentes, no primeiro macisso de verdura e flores esperava *Firme fé*, um gesto convencional, para que se aproximasse, ou para que ficasse espreitando... Quantas vezes a liteira real parou em meio de pomposo cortejo, para que, ao postigo, o rei beato e o servo espião, tivessem confidencias!?

Nem parecia bem um homem, o encantado valido!... mais parecia um espirito, que andava esvoaçando por todas as salas e galerias da alcaçova e por todos os pontos do paiz!

O que agitava os reposteiros que dividiam os salões no palacio e as capellas nas igrejas, não era o vento indiscreto, mas innocente; era o diabolico agente dominicano a mover-se nas dobras d'aquelles estofos!

Para elle não havia portas fechadas, nem as dos mais secretos aposentos... Parecia ter nas mãos, em vez de dedos, chaves falsas — ou mais ainda — parecia que affastava todos os obstaculos á sua marcha e á sua curiosdade com a propria respiração.

Tão depressa estava nos aposentos da rainha contando os passos e os ais, que ouvira a el-rei, por onde andára, como estava segredando a conta dos rozarios percorridos pelos dedos da princeza hespanhola!

Se o corpo de *Firme fé* era como uma sombra, que de subito se forma, e de subito, desapparece — a voz d'elle parecia um echo... Vibravam a distancia os labios d'elle com as palavras que os outros diziam...

Devassa ordenada entre o povo, intriga medrando entre fidalgos, a ninguem se attribuia por mera suspeita, ou fracos indicios. Um grande côro logo pregoava que fôram, uma e outra, obra de Henrique Nunes!

Nem tinha um só corpo e uma só voz! O dom milagroso da ubiquidade explicava-se com a grande e apertada rede de espionagem, que já creára no paiz.

Firme fé já não era um exemplar d'uma especie, era uma multidão!...

E, tanto, que a voz publica fallava dos feitos d'aquelle heroe, como poderia contar uma historia de feiteçarias.

Firme fé tinha as honras de Satanaz, que atormenta as almas bôas espalhando sobre o mundo a grande horda de diabolicos agentes... O

mesmo se diz da influencia de Deus, que enche todo o ceo, que envolve a phantasia dos crentes, d'uma chusma deliciosa de seraphins!

Firme fé era o grande symbolo do inferno humano — isto é do inferno, que arde n'este mundo, e onde servem a maldade e a injustiça todos os bandidos, sem consciencia e sem medo...

Era, talvez por isso, que ninguem, nos bairros da cidade, e nas villas do reino, sem nunca o ter visto, o descrevia, com idade e formas diversas!

Emquanto ao caracter é que havia accordo.

Influencia da grande superstição popular e da grande arte dos hypocritas, que tão bem sabiam exploral'a!

Não havia maleficio praticado contra judeus e christãos, que não fosse logo attribuido ao nefasto valido d'el-rei...

Roubo de dinheiro, rapto de donzella, prisão de hereje, tudo que fosse desgraça, ou crime, cahia sobre os hombros de *Firme fé*!...

E, raras vezes, a voz popular se enganava nas suas accusações.

— Quem deitou fogo ao casal do christão novo?...

— Um villão ruim, que ali servio, e se vingou de ralhos e conselhos... E' um homem novo, forte.

— Ah! já sabemos, já sabemos — é o espião da alcaçova!

— Quem roubou a filha do judeu?...

— Um moço estudante das Escolas Geraes...

— Já sabemos, já sabemos — foi *Firme fé!*...

E assim se poderia dizer, que o valido tinha agentes em toda a parte, e, quando não inventava a maldade e o crime, garantia-lhes a impunidade...

A justiça portugueza — tinha-a elle preza e submissa... Por isso andavam os innocentes a gemer e os criminosos a foliar!

Com tal poder e influencia, como não havia de recebel'o affavel e alegremente el-rei D. João III?

Firme fé era a melhor esperança que sorria a el-rei, quando elle pensava no estabelecimento da Inquisição.

Um tribunal d'aquella natureza precisava de ter a preparar-lhe a fama na consciencia publica — a sinistra figura d'um bandido, ou d'um fanatico.

Firme fé mostrava a el-rei possuir ambas as prendas.

*
* *

D. João, cuja catadura ia, dia a dia, ensombrando, não só com as responsabilidades do cargo e da idade, mas tambem com a preoccupação dos

seus designios e as paixões odientas que o invadiam, como se estivesse n'aquelles momentos em que se entretinha galanteando a rainha D. Catharina, ou em que permutava epigrammas com o conde de Vimioso, acolheu *Firme fé* com um dos seus melhores sorrisos, mostrando assim, que o servo, que enconmmendára para as Canarias, era para elle mais que um famulo, um cortezão, ou um valido — era um fetiche, descoberto em qualquer gruta milagrosa, ou talisman revelado em sonhos por qualquer fada ou feiticeiro!...

A alma do rei, ao puxar para si o sordido hypocrita, esvoaçava-lhe alegre nos olhos e na bocca—n'um olhar fixo e meigo e n'um sorriso, quasi parado como se um extasi o interrompera!...

— Chega-te a mim, *Firme fé*, que preciso de te fallar e de te ouvir... que se te não fallo, me afogo em pensamentos que só tu comprehendes; se não te ouço, desalento n'este meio de conselheiros impios, ou cobardes... Só tu poderás avaliar a fogueira, que a fé accendeu no meu peito, e as nuvens de fumo, que d'elle sobem e me obscurecem o entendimento! Só tu, espirito rebelde a todas as fraquezas, inflexivel como a justiça, crente como um apostolo, devotado como um martyr, que só tens de humano o vulto com que podes atravessar o mundo para enraizar n'elle a fé mais pura e castigar os vicios mais damninhos, só tu podes e sabes moderar a força d'esta chamma e escurecer a minha perturbada razão!

E o rei apertava nos braços o tronco delgado de Henrique Nunes, e com as mãos tremulas lhe tateava o peito, fitando-o com o olhar supplice de baixa adoração. O espião ia fallar com fingida humildade, e logo D. João lhe punha a mão direita sobre a boca mirrada, a recommendar-lhe que fosse cauto.

E, elle proprio, o orgulhoso soberano, se erguia, e, pé ante pé, de novo percorria os cantos do salão, collando o ouvido nas portas e reposteiros, para se assegurar de que ninguem o escutava. E voltando ao seu logar, respirando mais profundamente, affagava com palmadas protectoras as mãos do seu confidente...

— Vamos, *Firme fé,* posso contar comtigo?

— Talvez...

— De que procede a duvida?

— De não saber ainda se posso contar com el-rei...

— Podes — juro o.

— Juro-o! Para que juraes, meu senhor? Cuidado com taes juramentos... São feitos a Deus e não a vassallos... Faltar a elles é comprometter mais que o poder real, n'este mundo, é desprezar a graça Divina... O que juraes, senhor? Que tentareis castigar a heresia? Isso já fez vosso

pae, e, afinal, não a castigou! A côrte de D. João 3.º continúa sob o dominio dos conselheiros do senhor D. Manuel! Jurar o quê? Que valem esses juramentos, emquanto Antonio Carneiro dominar a vontade do seu rei e do seu filho?... Vós, senhor, e D. Pedro d'Alcaçova, sois filhos e tutellados d'essa gente que vos coube por desgraça no testamento do rei feliz! Jurae menos, senhor, e resisti mais. Que vos amedronta? Não tendes Carlos V do vosso lado? Não vos ajuda e anima a formoza rainha, a senhora D. Catharina? Não estou junto de vós? E os vossos companheiros de infancia?... Metei hombros á empreza, meu senhor... E' necessario e urgente agir e reagir ..

— E' isso que faço, *Firme fé*... E' isso só o que tenho feito! Pois, julgas que levo o respeito pela vontade de meu pae e senhor, a ponto de ser apenas um continuador da sua obra, um escravo da sua vontade? A corôa que cinjo emancipou-me... Preciso mais de legar exemplos para os meus successores, que de seguir os dos meus ascendentes. Sim, tenho transigido, mas estou farto... E de mais; quem me convence de que outro rei procederia com a incerteza e a fraqueza de meu feliz pae e senhor?

— E' isso, meu senhor, é isso... Já não ha tempo para perdões ou indifferenças .. Cumpre ser diligente e energico. Qualquer fraqueza, pode originar uma derrota .. Fortalecei o vosso animo, honrado descendente dos maiores reis que teem propagado a fé no velho e em novos mundos!... E' mister que illustreis vosso nome, não só no reino, que governaes, mas ainda entre os principes da terra, que melhor teem servido a causa de Roma.

— Apezar da ingratidão do Pontifice?

— Sim, apezar d'isso. Roma, como sabeis está ameaçada. A heretica Allemanha aggrava-a sem piedade... Accudir-lhe é vencel'a...

— São os mouros e os judeus?

— Qual! E' velho esse dizer. Que me importam os judeus e os mouros? Tudo isso é caça batida em todos os matagaes catholicos... Contra os judeus, temos mais que o poder real e a espada dos cavalleiros — temos o odio da populaça... Cada villão é um archote que accende brazeiros... Atirae com os judeus para a praça publica, e o povo arremetterá contra elles, como faziam aos Christãos as féras assoladas nos circos romanos! Deixae essa raça aos cuidados da minha intriga... Eu saberei enredal'a e perdel'a... Os judeus repugnam á villanagem como os leprozos que vagueiam pelos campos, e que nem recebem por esmola mendrugo endurecido para matar a fome, nem um punhado de resteva para descançar os ossos. A esses podereis, em poucos dias, esmagar nos carceres, ou despedaçar na polé... E' negocio feito. Um crente, miseravel como

eu, á mingua de Santo Officio, provoca a justiça popular e renova a sedição que não esquece.

— Tenho pensado n'isso, *Firme fé*, tenho pensado n'isso...

— E deveis continuar... Pilatos lavou as mãos... essa agua manchou se com o sangue de Christo... Fazei de Alcaçova o vosso Pretorio... e deixae-me, com o vosso dinheiro e o vosso applauso... A sizania é negra como a noute, mas aquece como o sol! O judeu já hoje não é um inimigo — é apenas um pretexto. Moysés está vencido e Mahomet esmagado... — As suas heresias não alastram senão dentro das raças... E' lepra que só a herança transmitte. O judaismo agora tem outro nome e outra fortaleza — chama-se reforma, e contamina Roma, em nome de Jerusalem, desthrona o Papa, em nome de Jesus. — O novo Jordão corre na Allemanha!

— Corre muito longe! observou D. João, distrahidamente.

— Mas corre muito! Ah meu senhor, que nem sabeis calcular como voam as idéas novas quando o espirito do mal, o Satanaz da Saxonia, declara guerra de impiedade aos dominicanos, que amparam o templo de Leão X!

— Luthero?

— Sim, Luthero, o famigerado agostinho, que flagellou os costumes de Roma, e quer adiantar-se a Erasmo e a João Huss.

— Roma que se avenha com elle, que ha christãos novos demais para esmagar dentro do reino. Luthero é um visionario... Comprehendo que um judeu chegue judeu ao seculo XVI; mas que, n'este seculo, um christão, volte ao peior dos judaismos, creando scismas na egreja catholica, nem sequer me preoccupa... Não haveria fogo n'este mundo que chegasse para queimar corpo e alma de taes philosophos bandidos, que ousassem enfraquecer a egreja com internas dissidencias, quando todo o mundo catholico está a braços com os infieis, sem lograr vencel'os!...

— Eis o vosso erro, meu senhor. Distinguis de mais umas vezes, n'outras confundis palavras com idéas. Notae bem — disse-vos que n'estes tempos já não importa chamar judeus e mouros aos herejes, que não seguem a santa religião ou que fingem seguil'a... Hoje a heresia alastra o mundo com diverso nome e diversa arte. Houve christãos novos, sim, e esses eram os que, por salvar a vida, acceitavam o baptismo; raros por conversão invocavam o verdadeiro Deus. Nem vencidos nem convencidos, esses falsos christãos tramaram a desforra... A fraqueza dos principes, e a generosidade dos inquisidores commetteram o grande erro... Ha violencias que não sendo perfeitas, se convertem em cobardias... Se o Santo Officio tivesse feito justiça á mesma hora e em toda a parte, o enxame das raças e das seitas amaldiçoadas por Deus, voaria em cinzas pelo espaço!...

Assim, todo o trabalho está perdido... Vingança, que se interrompe, não é repressão — é estimulo! Justiça, que se compadece, chega a ser iniquidade. Por cada judeu cahido se levantam dous judeus indignados... Em Roma os condemnados eram mettidos n'um circo... Os de hoje devem ser mettidos n'um cêrco. O circo era para exterminar criminosos — o cêrco deve ser para destruir raças inteiras... De que serve inflammar o ceo das Hespanhas, se em sorrisos azues se ostenta o ceo de Portugal? Para que serve largar fogo ao matto em que se acouta a judiaria, na terra de Carlos V, se a caça perseguida se precipita velozmente nas clareiras alegres de D. João III? As consequencias revelam-se — ahi estão... Não se consegue impellir os judeus para o christianismo, apezar da invenção dos christãos novos, e temos dado tempo a que de tão nefastas mistura e hypocrisia resulte a reversão dos fieis ás religiões mixtas — formadas pela piedade dos christãos para com judeus e mouros!... Hoje, reparae bem, senhor, os christãos-novos já não merecem nem o nome de christãos, nem o nome de judeus — são os novos judeus!

— Perseguil-os-hei tambem, Firme fé...

— Se não os conheceis!... O que vos ensinei a respeito dos infieis, já não vos aproveita para a punição d'essa nova seita, porque esta não tem templos onde esteja a orar...

— E chama-se a essa revolta?

— Reforma...

— N'esse caso, a repressão...

— Já não tem só de punir a heresia de duas raças, mas de defender o poder espiritual do Papa e o poder temporal dos reis!

— E ainda será tempo?

— Duvido. O catholicismo despedaça-se... Luthero, de quem desdenhaes, veio augmentar as hostes dos infieis... A um saldo immenso de marranos veio alliar as grandes forças protestantes, que reformam a fé e o culto... Os novos judeus são mil vezes mais perigosos, porque teem mais invenção que tradicção, mais certeza que fé, mais idéas que dogmas! O novo judaismo improvisa um concilio em cada consciencia! E' horrivel! Os revoltosos fazem a obra do Diabo, com a cruz nas mãos, e bem alçada! Judaizam, em nome de Jesus! Não injuriam blasphemando; blasphemam discutindo! São os judeus que já não se impressionam com as lendas do passado, mas com a philosophia d'este seculo...

— E Roma crusa os braços!

— Sim, meu senhor, imprevidentemente, e vae apenas queimando, ás duzias, os herejes, que fogem e se escondem, e se transformam aos milhares!

— E negam-me as bullas que tenho pedido para começar de vez a grande obra de justiça!

— Qualquer demora será desgraçada para todos! Não vos dão as bullas com que podereis defender o ceo? Pois bem, roubae-as em nome de Deus... Que vos importam os meios? Santificae os fins, e triumphareis, como fôr possivel. As querellas já são feitas pelos padres da egreja... A vista dos revoltados augmenta de alcance... Já affrontam, os herejes, o olhar de Deus, como encaram o sol, como contam as estrellas!... O Papa está mais perto d'elles que o sol e que a Divindade... Se os pensadores da Allemanha examinarem, attentamente, as duas corôas que regem o mundo, cairão em estilhaços...

— E, n'esse caso, o poder real?...

— Bem sabeis que os reis estão muito abaixo dos Pontifices... Se permittirdes que vos estudem, apparecereis com formas humanas, e nos lavores da vossa corôa todos verão o buril dos artistas... Os santos teem, em vez de corôa, a aureola do Espirito Santo... Tiveram-n'a os apostolos. O primeiro d'elles foi Pedro, e é de Pedro que Leão X recebeu a thiára. Leão X e Adriano VI... Estaes seguindo o meu raciocinio?

— Sim, estou distinguindo...

E el-rei ao dizer estas palavras, tinha o olhar torvo e a testa rugada...

— N'esse caso, estaes percebendo que o vento de revolta, que sopra do norte, mais uma vez, pode derrubar os imperios de Roma e abalar todo o occidente...

— E é para mim que deve vir toda a responsabilidade?

— Por acaso esperaram os reis de Portugal, que outros reinos soltassem ao mar as suas caravellas para a descoberta e conquista de novas terras? Porque hesitaes ainda? Adriano VI confessou que poderia errar até em cousas de fé, apezar de Papa... Não conheceis o *commentario sobre o livro 4.º das sentenças?* Pois ha dez annos que essa doutrina o ameaça de incoherencia, ou de desprestigio. Meu senhor, salvae as corôas d'elle e a vossa... Que bullas deram a Portugal os paizes que se debruçam no mar, para que os nossos mareantes se aventurassem a novos mundos, e a cruz, em mãos portuguezas, á conversão de novas almas?

Depois da empreza, Roma vos agradecerá o empenho e a decisão... É bom o ensejo... Adriano está a braços com a reforma... a Allemanha é o seu pezadello, e nada favoravel lhe offerece, n'este momento, Carlos V, que se limita a convidar Luthero a comparecer na dieta de Worms, e procura ganhar tempo, para não contrariar a opinião nem o eleitor de Saxe... Mãos á obra, meu senhor, com tribunal, ou sem tribunal, com bullas, ou sem bullas; declarae guerra franca, insistente, contra mouros e

judeus, contra christãos e judeus novos... Para accender fogueiras não é necessario que os frades assignem as sentenças... Sois rei, julgae, condemnae, executae... A heresia, qualquer que ella seja e saia de labios christãos, deve ser exterminada... Affirmo-vos que Luthero está já, em espirito, dentro do vosso reino... Por cada judeu dous lutheranos, não é de mais... Se vos demorardes, estará tudo perdido. Em Spira já se falla em liberdade de consciencia! Sabeis o que isto quer dizer? Que se ella triumphar surgirá no mundo a Inquisição para exterminio do clero e dos reis! Libertar uma consciencia é peior que provocar uma sedição...

— E, se eu começar já?

— Começareis para não acabar, emquanto houver um inimigo... Guerra de morte, e com a morte. — Deus, purificou a nossa especie, com o diluvio... Inflammae a terra e purificae o vosso reino. — Salvem-se Vossa Alteza e os seus servidores mais leaes, e Deus será comnosco...

— Quanto tempo perdido! meu bom amigo, quanto tempo perdido! E tudo porque tenho tremido diante dos conselheiros imbecis, que só me fallam das riquezas do Oriente, e nem sequer pensam nas miserias do norte! O perigo é, pois, maior hoje, que á hora da morte do sr. D. Manoel? Dize, *Firme fé,* que tu me consolas a alma como se fosses um enviado do ceo para me guiar n'este mundo de amarguras e de vicios... Dize, que eu prometto glorificar o meu reinado, fazendo mais que alongar o mundo dos homens, purificando-o para eterna gloria do Senhor!...

E el-rei ainda mais aconchegou o valido, para bem o ver e ouvir...

— Imaginae, meu senhor, que vae mais acceza que nunca a lucta entre os agostinhos e os dominicanos. As queixas a proposito de indulgencias produziram as mais extraordinarias rebeldias contra o poder do Santo Padre. O alegre Leão X morreu entrestecido, por não ter apresentado a idéa da reforma, queimando as theses de Luthero. Deveis lembrar-vos de que os partidarios do monge de Erfurth, se vingaram de Maximiliano queimando tambem a bulla de Leão e muitos regulamentos da Santa Sé... Pois bem, essa lucta toma hoje um aspecto singular. Já não se trata do escarneo com que Erasmo apreciava as ceremonias da Egreja. Luthero chegou aos mais graves excessos — advoga já a substituição do poder religioso pelo poder civil!...

— E os principes allemães?

— Esses estão cançados de soffrer a authoridade ecclesiastica... Emmudeceram!...

— Que Deus lhes perdõe...

— E ha de perdoar-lhes tambem por consentirem que Luthero chame — *a prostituta de Babylonia* á egreja romana?

— Que horror!

— Ha de perdoar-lhes por elles ouvirem condemnar todas as santas leis e santos costumes da velha idade? Como se tolera n'aquelle impio trecho do mundo, que um monge condemne a confissão e a communhão, e negue a existencia do Purgatorio?

— N'esse caso não ha na Allemanha almas christãs, mas gente maldita ou dementada!...

— A impunidade tem dado resultados gravissimos. Luthero, sem rebuço, chama a Roma — a canalha de Sodoma! scelerado ao Papa! doudos aos cardeaes!

— E do ceo não desce um raio, para que o illumine, ou o arrase?

— Pelo contrario — Luthero triumpha, e a sua doutrina espalha-se pela terra e enfraquece e divide a egreja catholica.

— Tem discipulos?

— Muitos, e entre elles theologos de nomeada.

— Na Allemanha?

— Tambem em França.

— Tão perto!?

— E tambem na Italia e na Hespanha.

— E' uma ameaça!

— Foi.

— Porque dizes, foi?

— Porque hoje é uma invasão.

— O quê? Pois em Portugal, além de gente moura e hebrêa temos já discipulos de Satanaz?

— E' como vos digo, meu senhor. Por isso vos previno dos perigos.

— Gente fraca e tonta, não?

— Não, gente grada e illustre, da nobreza e do clero, gente sabedora, que sabe negar a liberdade, e, portanto a responsabilidade do homem.

— E sustentam?...

— Que o homem é tão livre como um cavallo sob o corpo do cavalleiro.

— E essa gente vive aqui. entre os herejes das outras raças?

— Sim, meu senhor, graças á generosidade dos vossos conselheiros e ao vosso piedoso respeito pela memoria do sr. D. Manoel...

— E fazem alarde do que pensam...

— Pouca cousa, dizem e escrevem, imitando o mestre, que os bispos são lobos que devoram, que os frades são sepulchros caiados, que deve ser atacada a disciplina ecclesiastica, discutidos os mandamentos da egreja, extinctos o celibato dos padres, os votos monasticos, a abstinencia, o culto dos santos, e até os tribunaes sagrados!...

— E' de mais! Quero pôr termo a taes investidas. A Roma me anteponho na defeza dos interesses d'ella!...

E el-rei passeiou agitadamente.

— *Firme fé*, estou disposto aos mais levantados commettimentos... Ajuda-me e eu darei o exemplo de esmagar, com mão de ferro, estes atrevidos iconoclastas, que, em vez de auxiliarem a egreja, quando ella lucta ainda com os impios de falsas religiões, a dividem, enfraquecendo-a e despedaçando-lhe os altares e os idolos.

— Contae commigo, meu senhor, que atravez de todos os perigos, perseguido de golpes e calumnias, saberei luctar com as viboras, rojando-me como ellas, e como ellas fazendo surprezas e traições... Mandae, senhor, que, por mais que me repugnem tramas e ardis, com elles devassarei consciencias e dilatarei intenções perigosas e crimes mysteriosos. Conto comvosco, Senhor?

— Sem duvida. Processos regulares, provas legaes e demoras na justiça — planos reservados, escrupulos nos recursos — tudo isso que serve apenas para facilitar a impunidade, vou banir dos meus habitos. Golpes crebros e certeiros contra toda a matilha de herejes e de *reformadores*, como se tivesse a animar-me o braço a musculatura que armou o de D. João II contra a nobreza revoltada!

— Senhor, se Deus tivesse, emfim, tocado da sua graça infinita o coração do meu rei! Oh! como eu seria o seu escravo mais fiel!... Com os meus olhos vereis toda a maldade que a hypocrisia occulta no peito dos cobardes! Com as minhas mãos fareis presa vossa todos os fidalgos, lettrados, philosophos e protestantes, que ameacem o vosso poder e offendam a nossa religião!

— Começarei por fallar bem alto, na côrte, a respeito dos meus designios...

— Tal não fareis, senhor. Repito-vos que os novos judeus, são mil vezes mais perigosos que os christãos novos. Portugal é um mar coalhado de peixe heretico... Annunciae que ides pescar judeus, e pescareis philosophos... As leis civis tambem se referem a garrote e ao fogo .. Garrotae e queimae a esmo nos bandos que encontrardes... A Reforma é uma peste, que deveis desconhecer... Não sabeis senão que existe gente que não é christã... Para quem fôr de livre pensamento, arranjaremos accusações livres... A favor d'um rei lia sempre quem affirme, jurando pelas chagas de Christo, o que fôr necessario jurar... As obras mais delicadas fazem-se com os instrumentos mais rijos...

— E, se a côrte resistir?

— O poder real tem a sancção da Divindade; ser contra elle é heresia

da peior especie... No baraço cabem admiravelmente as cabeças do marrano vulgar e a do fidalgo impertinente... Lembrae-vos do bispo de Vizeu, e do Duque de Bragança...

— Tingir de vermelho a mão real!...

— Nem d'isso se trata... Basta que façaes de juiz, e a vossa bolsa terá bem armados os braços dos algozes...

— Preferia, *Firme-fé*, um tribunal ecclesiastico...

— Elle virá depois. Até lá fazei de Portugal todo um palacio de Inquisição. Ponde a mascara negra no rosto do regedor das justiças, e tereis n'elle uma sombra do Santo Officio.

Estaes decidido?

— Estou. Por isso te chamei; por isso te encarrego de provocar os acontecimentos...

— E podereis confiar em mim. Só, valerei tanto para irritar o populacho, quanto valeram os dominicanos, ha vinte annos... O povo vos pedirá justiça, em altos gritos sob os balcões da Alcaçova!

— E eu farei justiça!

— E sereis inflexivel contra os criminosos que forem convencidos?

— Sim; serei inflexivel.

— Contra quem fôr? fidalgo ou villão, mouro ou catholico, rico ou pobre, cavalleiro ou peão?

— Seja contra quem fôr!...

E *Firme-fé*, olhava com grande firmeza para el-rei, interrogando-o.

— Fareis cahir a cabeça do marrano fanatico, e a do sabio, que amesquinharem o dogma?

— Sim, mil vezes — sim.

— E, se essa cabeça vos apparecer coroada com os louros ganhos nas batalhas d'além mar, em defeza do vosso imperio?

— Já te disse — seja quem fôr...

— N'esse caso — mandareis que me deem muito dinheiro, muito, quanto eu pedir, que só pedirei o necessario — nomeareis, para minha guarda, esbirros de vista aguda e braço robusto... O resto fica a meu cargo.

— A rainha receberá tão boa nova e terá de seu irmão auxilio para o meu emprehendimento. Os procuradores dos concelhos, quando vierem a novas reclamações, terão resposta prompta e clara. Oxalá que o povo não esmoreça nos seus protestos...

— O povo está cada vez mais irritado, e, se mais não protesta, é porque perdeu a esperança na justiça real. Farei que lhe conste o proposito de Vossa Alteza e elle virá com rol extenso dos aggravos recebidos...

Vereis, meu senhor, se é certo, ou não, que os physicos judeus receitam mésinhas perigosas para a vida dos christãos, e quantos mercantes usurarios arrecadam o pão em tercenas, indifferentes á fome que alastra pelas villas e cidades...

— E não esqueças os lutheranos... E' conveniente afogal'os á nascença...

— Ficam tambem a meu cuidado... Conheço-os bem, e facil me será provar-lhes a heresia... D'elles tenho sido, sempre que me apraz...

— Bom seria concertar o ataque com os dominicanos...

— Com elles ando já em boa empreza de resgate...

— Ainda lembram os frades da matança?

— Ainda, meu senhor. Já o povo, condemnando a justiça do fallecido rei, faz romaria, a Evora, para rezar na egreja de S. Francisco, sobre a sepultura dos frades...

— Uma provocação! disse el-rei, meneiando a cabeça em ar reprehensivo.

— Nada digaes, meu senhor, que os frades hão de ser vingados...

— Já morreram os juizes que os condenaram! Cahirá a vingança sobre innocentes?

— Innocentes? Por acaso o sômos, por não termos commettido o peccado original? Animou-se a villanagem de *Villa Nova* e da *Mouraria* com a fraqueza do sr. D. Manuel, e a todos os christãos, quando é ameaçada, responde, indicando-lhes a torre de Alconchel!... Taes arengas excitam os odios, e entre os dominicanos ha quem inveje a gloria que a Historia reserva ao bravo aragonez, que ardeu sempre em zêlo christão, e morreu sacrificado aos olhos da judiaria triumphante! Aquellas sepulturas são a garganta d'um vulcão!... A lava, que vae irromper, poderá cahir sobre as mais notaveis familias de Lisboa...

— Ouve, *Firme fé*, é urgente que a populaça seja fortemente provocada... A minha intervenção precisa de justificar-se, com os excessos da raça maldita... Preciso de actos publicos, escandalos dos mais ruidosos... Que o meu conselho se veja embaraçado em face dos clamores populares... Estou farto de renovar as isenções e os privilegios com que meu pae adoçou os costumes de gente tão cobarde e tão hypocrita...

— Rasgaremos as mascaras, e, decerto me fazeis a justiça de me julgardes bastante devoto e devotado, para que não me escape a empreza de semear protestos e até de inventar pretextos.

D. João continuava passeiando, batendo na testa, como se quizesse arrancar, com a mão de rei, os pensamentos de bandido.

E, por vezes parava, muito attento para o seu cumplice, com um sorriso onde rebentava a ironia d'um cynico.

— Olha, meu velho, disse elle, n'uma d'essas paragens, saccudindo familiarmente o hombro do borbense — tu foste judeu, não é verdade?

— Que Jesus e Vossa Alteza me perdoem... Fui, sim, emquanto não me illuminou a santa luz da razão...

— Não te accuso: é outro o meu proposito. Se foste judeu, conheces os mysterios e as cerimonias do culto...

— Já o provei em cartas enviadas a Vossa Alteza... Por tudo conhecer reneguei a religião mosaica, e até já vos tenho, senhor, recordado os testemunhos da Biblia contra a minha raça condemnada...

— Pois bem — de nada me informam juizes civis e ecclesiasticos, que me animem a suspender as leis benevolas que hão de vigorar até 1834! E' muito! E' de mais! Não me soffre o animo tamanhas demora e generosidade perante tantos abusos! Tu o disseste. Deus perdôa a mentira quando ella sirva a justiça do Ceo... O olhar de Deus não pode descer a miserias tão baixas e tão immundas... Ajudemos Jesus Christo...

— Só penso em tão dôce sacrificio...

— *Firme fé*, voltas a ser judeu... e para os judeus... Como elles vestirás, acompanhando-os e incitando-os... Dá-lhes força, esperanças e dinheiro... muito dinheiro... Ajoelharás com elles nos seus altares mais occultos, entrarás com pharisaica compaixão nas suas alcôvas e nas suas suas consciencias... Ao sabbado serás o amphytrião á meza dos mais pobres, e prégarás a vingança, abraçando-os de encontro ao peito, aos mais fanaticos e ousados... Fingirás que és perseguido, e na verdade, por vezes te deixarás vigiar e prender pelos esbirros da tua escolta... Aos conversos sinceros desperta-lhes de novo a fé que perderam... De noute vae aos templos, durante os trintarios; não os deixes passar o mez inteiro ouvindo as missas de S. Gregorio e de S. Amador... Aos mais fanaticos arrasta a desfeitear as imagens... Se elles não obedecerem, despedaça-as tu, e lança-as ás portas dos seus cubiculos, como prova do desacato .. Chama-lhes amigos e irmãos, e chora com elles... Dize-lhes bem do bispo de Silves e insulta D. Martinho de Portugal... Arranca-lhes confissões de crimes que não possas ver, nem praticar... Accode aos pestosos, e leva-os a sepulturas fundas, para que fiquem ao lado d'outros mortos... Toma cuidado, *Firme fé*... Não esqueças as mulheres...

E el-rei ia volteando, revistando as dobras dos resposteiros, parando por vezes, e seguindo, com enthusiasmo, a ordem dos seus conselhos...

O espião media-o constantemente, ora sorrindo malicioso, quando elle o não fitava, ora fitando o, muito attento e grave, quando D. João o puxava para si, para melhor o suggestionar.

— E depois, meu senhor, e depois?

— Não esqueças as mulheres... Quando os homens não cederem, ataca-as com mais energia... Intriga esses casaes, affectando conciliai'os... Aviva tanto o fogo da lareira, n'esses serões de impiedade e de revolta, que se veja cá fóra o clarão... Inventa para cada morada um tôlo que possa ser accusado de espião e denunciante... Quando eu houver de proceder, falla contra mim, ou a favor, como julgares mais util... Não lhes quebrantes o animo, isso não... Affirma que sou fiel á politica de D. Manuel... que já não podem temer as luctas de S. Domingos... que a tolerancia será maior que nunca!... Não te detenhas — percorre o paiz... Sopra o odio entre os imbecis, que mourejam pelo Alemtejo, e os fugitivos que se refugiam em terras da fronteira. . Acaricia as creanças, e ás que puderem comprehender-te — dize-lhes em segredo — que não são christãs, mas judias ou mouras, como foram seus paes... Affasta-lhes das portas os christãos velhos que andam mendigando, e explica-lhes que é d'elles que vem a gafeira ao gado e a peste aos homens... Espreita os namorados, e indaga pelas moçoilas quem elles são e como pensam... principalmente se fazem leituras estrangeiras... Não esqueças tambem os autos de Gil Vicente!... De tudo tomarás nota, de tudo, e me enviarás noticia com muito recato e prudencia .. Que queres! só em ti confio, só em ti!... Toda a gente me revela suspeitas, mas não me offerece factos. Themudo presume a heresia, mas não a sacode da sombra da consciencia, para o escandalo da rua! Preciso d'isto, *Firme Fé*, preciso d'isto... Se me déres razão para intervir com a minha vontade soberana, se irritares com habil intriga o povo já exaltado, em breve terei no meu reino um tribunal tão santo como os de Castella e Aragão... E, então, a Corôa de D. João 3º, ha de reflectir, com o sol da gloria herdada de D. Manoel, que devassou os segredos da terra e dos mares, a auréola de graça com que o Eterno-me recompensará de ter devassado os segredos das almas!... Comprehendeste?

— Ao rei que, por tal custo, quizesse accrescentar seus dominios e bens materiaes — responderia não... A vós, senhor, que tão honradamente servis a egreja — juro, pelo odio que tenho á minha raça e aos infieis — matarei, com a hypocrisia do bem, a hypocrisia do mal! Assim, poderei remir minhas faltas e purificar a minha alma da peçonha que n'ella deixou o baptismo de meus paes..

— Senhor, disse o bandido, ajoelhando aos pés do rei e beijando-lhe a mão: para obedecer a Deus, Abrahão decidiu se a sacrificar um filho; para servir ao ceo e a vós, sacrificarei quem fôr contra o meu Deus e o meu rei!

— Todos? perguntou el-rei, tentando erguel'o.

— Todos, sim; e começarei por meu irmão!...

— Teu irmão!?

— Que mór garantia poderei dar-vos de meus leaes propositos?—Meu irmão, que abjurou como eu, continúa, occultamente, prestando culto á sua antiga fé!... Vae em breve passar em Portugal, sob disfarce, e, em asylo seguro, passará seus dias. — Para mim não terá segredo o renegado de duas religiões... Salvarei a honra e a fé do nome que eu e elle herdámos, entregando meu irmão dementado ás justiças d'el-rei... Por Christo, tal farei, meu senhor!

— Punge te o coração esse proceder?

— Nem poderá haver virtudes onde não houver sacrificio...

— Parte, *Firme fé*, parte e não descances... Que Deus te acompanhe e nos dê proveito em nossa santa empreza. Já tens conselho e poder. Toma dinheiro!... e apontou-lhe um cofre de prata... Compra com elle judeus e reformadores, beatos e bandidos, esbirros e rufiões... Ainda me fica muito para comprar o que é mais caro, mas tambem se vende, os ministros da minha côrte e os Papas de Roma!... Até á vista, *Firme fé!*

E sahiu do salão, com passo largo e braços cruzados, abanando a cabeça, como se fosse em proposito de ameaça.

No farto pellote de velludo iam-lhe tilintando as franjas de ouro batidas pela espada núa e pelos rosarios de Jerusalem, pendentes da cintura...

O espião ficou enchendo de moedas reluzentes os segredos do cinto e os abysmos do gibão...

— Emfim, exclamou elle, ao ver-se só.

E cobrindo-se com o gorro, diante do throno de D. João e do Calvario de Jesus:

— Emfim! sou rico e poderoso! Os principes e a villanagem terão de obedecer-me! A mão d'el-rei e o punhal de Pedro Aragonez acordarão velhos odios adormecidos...

E a porta secreta fechou-se silenciosamente sobre o vulto do bandido.

Ouvia-se apenas na sala proxima os passos do alabardeiro, e as ondas de seda dos grandes reposteiros continuavam docemente a balouçar-se com a aragem tépida que entrava pelas altas gelosias de architectura gothica, abertas para o grande valle da cidade.

*
* *

Grave injustiça seria falsear a Historia exagerando na bocca de D. João as torpezas, que lhe segredava o seu cruel e immoral fanatismo. Não tem

o historiador, por menos responsabilidades que lhe caibam, o direito de sacrificar a verdade dos archivos aos vôos da sua phantasia.

Para bem se avaliar se o principe beato, que estabeleceu a Inquisição em Portugal, era ou não capaz de aconselhar o seu valido com as palavras que lhe ouvimos, bastará consultar no arch. Nac. a 1.ª carta do app. ao *Inquerito*, feito em 1525.—Sobre esse documento e a narrativa de Acenheiro, redige Alexandre Herculano, na sua *Historia da origem da Inquisição,* este trecho, que demais justifica as nossas accusações, e o perfido conselho do rei *piedoso.*

Vejamos:

«Effectivamente, se dérmos credito ás cartas dirigidas por Firme fé a D. João III, este, não só lhe pedira que expozesse por escripto os seus alvitres para se combater o judaismo, mas tambem lhe ordenára que, associando-se com os outros christão-novos, fosse, como irmão em crença, introduzir-se no seio das familias suspeitas e praticasse tudo quanto julgasse opportuno para conhecer o estado das opiniões religiosas dos seus antigos correlegionarios. Este mister infame era o que ainda exercitava o antigo creado de Lucero quando escrevia a el-rei a sua ultima carta.»

Nenhuma injustiça, pois, nos fica pezando na consciencia.

O rei era digno do seu famulo!... Injustiça, se alguma ha, é no cognome com que a Historia deixou chegar até nós principe tão religioso e tão devasso!

V

Lopo Soares

Iam-se apagando. uma a uma, as grandes ogivas da Alcaçova do lado que se debruçava sobre as portas de S. Vicente da Moiraria. Em diversas torres da cidade já tinham soado as nove horas. Em todos os nichos estavam accezas as lampadas, que se balouçavam com o vento, que soprava rijo.

Havia luar, que, por vezes se apagava, occultando-se com as nuvens que corriam... Mal se podiam distinguir os vultos, raros, por signal, que atravessavam a ponte que dava accesso a S. Matheus do Borratem.

O bairro estava quasi deserto. Se ainda havia gente nas ruas era lá para as bandas da Betesga e da Rua Nova. A essa hora Firme-Fé, que sahira cautellosamente do Beco da Boca Negra, levando debaixo do braço um volumoso infolio, encaminhou-se para a ponte, em direcção á Albergaria.

Ninguem, mesmo ao luar, poderia reconhecel'o, porque andava com agilidade, corpo erecto e firme... Perdera aquella curva doentia, ou servil, com que o viramos na presença de D. João III, e occultava o rosto sob as dobras d'uma capa, negra como os recantos do caminho.

Alguem o seguia ou acompanhava a distancia, ao parecer. mais para o guardar que para lhe seguir os passos.

Por vezes o valido, para lhe darmos uma cathegoria mais decente, embora bem merecessem outra mais consoante o seu mister e o seu caracter, parava para escutar o trote d'algum cavallo ou o gemer compassado d'alguma liteira, em caminho do Rocio.

Por fim accelerou o passo até chegar a uma casa modesta, com o aspecto vulgar d'aquella epoca, e de que hoje ainda se vêem algumas no interior de Alfama. Fachada como empena, no dizer archaico de Julio Castilho, rematada em bico — apenas uma janella ogival, com farta rotula de madeira, aberta por cima d'um velho portal formado por laçarias de pedra.

Ao chegar, Firme-Fé affastou do rosto a capa escura, e, em vez de puxar a pesada sineta, que de fóra se via por entre as grades da bandeira, deu uma palmada, sem força, uma especie de segredo dito pelas mãos ao ouvido d'aquella casa... Na ogiva rebuçada brilhou logo uma luz que se reflectio na parede fronteira, rebentando pelos espaços pautados da adufa.

— E' o sr. Henrique Nunes? perguntou uma voz de mulher.

— Sou: podes abrir.

— Vindes só?

— Completamente só.

— Então os nossos amigos?

— Virão mais tarde. Abre, não te demores, que vamos ter chuva.

— Bem, bem, eu desço...

E a luz desappareceu da janella e, logo em seguida, começou a tremer atravez da grade e das fisgas do portal.

De lampada na mão appareceu no limiar uma rapariga com a cabeça resguardada n'um capuz, que lhe emmoldurava um rosto rosado e alegre. No sorriso de acolhimento brilharam, como se houvesse explosão de alegria, os olhos negros e os dentes brancos — olhos grandes em orbitas de sombras, dentes miudinhos entres labios de roza.

— Que Deus vos salve, senhor Henrique Nunes! Com que anceio vos esperava!

— Obrigado, minha boa Martha... Que o ceo te dê uma noute feliz, como tanto mereces.

E Firme-Fé, acompanhou com um beijo na testa da Martha, esta carinhosa saudação.

— Desejavas a minha chegada por mim, ou por ti?

— Por ambos, sr. Nunes — por vós — que melhor estaes entre amigos, que lá por fóra tão vigiado e perseguido... E, por mim, continuou ella sem desarmar o seu adoravel sorriso, porque, não gosto de estar só, principalmente, á noute...

— Estás só? Então esse tunante do André Dias, foi-se para *Villa Nova* á caça dos seus amôres e deixa abandonada a sua gentil irmãsinha?

— Como sabeis, André nunca me abandona, mas hoje não teve outro remedio... Um negocio urgente...

— Ah! um negocio urgente! Foi recado de Diogo Vaz?

— Qual!? Parece me que não...

— Então temos nova pieguice do franchinote das Escolas Geraes...

— Talvez... senhor Nunes, talvez — respondeu Martha baixando os olhos, emquanto o rubor lhe tingia melhor as faces... Mas, porque não entraes, sr. Nunes?

— Entro, sim. A rua parece deserta, mas não está. Ha na ponte mais sombras que as que vêem das lampadas de S. Marçal...

— Os vossos inimigos?!

— Está visto! Qualquer dia essa raça maldita dos velhos christãos fanaticos e intolerantes assalta-me, ao voltar uma esquina, e eu não posso acabar a minha empreza...

— Como sois bom! Assim arriscaes a vida para salvar meu irmão!...

— E os que elle ama, e tambem defende... Olha Martha, queres ver?...

E puxou a formosa rapariga para o degráo.

— Repara bem — aquelles vultos...

— Não ha duvida — são dous malfeitores. Entrae, senhor, entrae...

— Não dou um passo, sem que estes perros me sigam!... Ah, que se um dia os reconheço á luz do sol... elles hão de ter que contar a el-rei, que lhes paga, e a Pedro d'Alcaçova, que os manda... Bem, subamos...

E os dous subiram, depois de terem fechado cuidadosamente a porta. A meio da escada, Martha, que seguia atraz do espião da côrte, parou...

— Preciso de vos prevenir, meu bom amigo, de que Diogo Vaz contou a André que se falla muito na Ribeira do novo valido, espião d'el-rei..

— Já sei, já sei... E' D. Antonio d'Athayde, ou melhor, o conde da Castanheira.

— O Diogo diz que não é esse...

— Então ha de ser o Conde de Portalegre — D. Antonio da Silva... Um mordomo-mór é sempre o valido mais perigoso...

— E esse veiu agora das Canarias?

Firme-Fé estremeceu, mas disfarçou habilmente a commoção, continuando a subir.

— Isso cheira-me a contos de bruxas, Martha... El-rei tem a Alcaçova cheia de validos.... Para que havia elle de encommendar ás Canarias mais gente de tal raça?...

— Tendes razão, tendes. — O Diogo é muito desconfiado! E já tem pegado esse defeito a meu irmão.

— Deixa-os fallar — mais espião, menos espião, não faz mal... Se eu fosse desconfiado!

— A vossa bôa-fé...

— Bôa-fé e justiça... Não creio que haja gente tão preversa, sendo de boa linhagem... Esbirros resultam da cafila de vadios, que infestam as cidades. — D'esses nos acautellaremos...

E, assim, foram conversando até se sentarem em duas velhas poltronas de couro e pregaria, junto d'uma meza de trabalho.

Martha, do lado da parede azulejada, encostou os braços á meza fortemente illuminada pela luz do candieiro.

Descido o capuz com que recebera Firme-Fé, mostrava a cabeça mais formosa ainda com os bandós de cabello negro como azeviche.

Martha tinha o aspecto da alegria e da sinceridade —, e, como se a esse aspecto correspondesse nitidamente o caracter, ao sentar-se diante de Henrique Nunes mostrava o olhar e o sorriso ao clarão do candieiro. Parecia desejar instinctivamente fugir da sombra que bailava nas paredes d'aquelle quarto e que o reduziam aos dous palmos da sua officina.

Era ali que ella costurava ao serão, emquanto seu irmão estudava, ou escrevia.

Firme-Fé, ao contrario, collocara-se do outro lado, affastado da meza, impertigando o busto para o furtar á luz indiscreta.

O valido era creatura da casa, sem duvida alguma... Entrava e estava ali como pessoa de familia!...

Era de ver a confiança com que Martha, antes de tudo, o accomodara no seu logar, com cuidados e preceitos que o uso já estabelecera.

Até o candieiro parecia conhecel'o já!... Sem se saber ás vezes quem o movia, elle collocava-se sempre do lado de Martha... Havia ali, todas as noutes, uma grande luz e uma grande sombra, e tambem uma alma grande, e uma alma pequenina... Talvez uma creatura bondosa como um anjo, e outra pérfida como um sicario... A luz mostrava um rosto, e a sombra creava uma mascara!

E comtudo aquelle quadro tinha encantos.

A mão d'um grande artista aproveitaria aquellas figuras para formar um quadro de vida intima cheio de encantadora verdade!

Não se poderia melhor descrever o serão d'um pae envelhecido e d'uma creança, em cujo coração se tivessem aninhado todo o amor que vem do berço e o outro que caminha, em sonhos de esperanças, para o thalamo!

Martha estava n'aquella disposição alegre e meiga em que a innocencia, sem querer, anda a ensaiar o vôo, e em que todas as pessoas e todos os objectos são acariciados, como se tudo estivesse fallando n'uma imagem intima cheia de sorrisos.

Firme-Fé, espionava tudo, e não lhe podiam escapar estes estados de alma, que tão indirectamente andavam a mostrar-se no olhar, no sorrir e no fallar de tão desacautellada creaturinha.

Martha, sem duvida alguma, guardava um segredo, que lhe andava a rebentar dos olhos e dos labios!

Nem havia necessidade de a interrogar; bastava notar-lhe aquella vivacidade traiçoeira. O amor é um segredo que as raparigas escondem no

coração, como poderiam guardar no seio uma ave chilreante. Sentem-lhe o calor e as palpitações, e acham uma graça infinita quando ellas gemem abafadas, reclamando luz e alimento!

E, se alguem pergunta com um sorriso: que é isto que eu ouço? ha vozes no teu peito? logo entreabrem o vestido, e mostram a innocente mal emplumada!

Martha tinha no seio alguma d'essas avesinhas roubadas a outro ninho...

Firme-Fé ouvia-a cantar, e nada perguntava... Se ella lhe havia de contar tudo, tudo!

E os amores que se contam são os mais innocentes e os mais castos.. Os outros resguardam-se e defendem-se.

Firme-Fé lançava o seu olhar de sombras sobre o rosto illuminado de Martha, e sorria-se tambem, recordando o sabio conselho de seu amo: *não te esqueças das mulheres!*

Aquella era preciosa — innocente e enamorada!

— Nem podeis imaginar, senhor Henrique Nunes, quanto prazer me déstes não faltando esta noute!

— Por te fazer companhia, não é verdade? Se teu irmão não houvesse mister de se ausentar, e não tivesses emprestado a tua *negra,* não terias pena da minha ausencia, nem cuidados na demora...

— Sois ingrato, senhor... Pois, não sabeis quanto vos estimamos e reconhecemos?... Demais sabeis que não poderia substituir-vos... Diogo é leal, mas é novo de mais para fazer companhia a uma rapariga... Nem André permitte que elle venha em taes casos... Conheceis, decerto, o tino e os escrupulos de André...

— Sim, convenho, tens medo dos ladrões... E fazes bem. N'estes tempos não ha que fiar... Quem vê caras... Uma conheço eu, e tu tambem, que é d'alguem que, se soubesse que estavas aqui tão só, viria, affectando interesse por ti, e havia de roubar-te, se pudesse...

— Roubar-me? Valho tão pouco!

— Roubar-te, pelo menos um beijo...

— Quem ousaria? Calumniaes Diogo Vaz...

— Innocente! Não fallo d'esse, que é philosopho e pensa mais nos sabios da reforma, que nos teus olhos negros e seductores...

Martha baixou os olhos.

— Fallemos n'outra cousa.

— Dize antes n'outro ladrão... de beijos e de olhares.

— Sei defender-me, senhor... E se tal me roubassem não haveria de queixar-me — olhares dão-se sempre, e beijos nunca se reclamam, que rehavel'os é peior que dal-os...

— Ora imagina que em vez de ter sido eu o primeiro que chegou, tivesse sido outro, qualquer outro dos nossos companheiros de serão.

— Esperaria na rua...

— Com que magua o dizes, Martha.

— Era meu dever. Nenhum dos nossos amigos, não tendo a vossa idade, ousaria queixar-se...

— Poderia enviar-te os seus lamentos atirando com elles ao balcão em que estivesses a namorar a lua.

— E, se ella fosse contar tudo isso a meu irmão?

— A lua protege, não denuncia os namorados .. Menos virtuoso que ella sou eu, e tenho guardado segredo...

— Segredo do quê, sr. Nunes? Que vos contou de mim a lua curiosa, ou que vistes, a meu respeito, á luz com que ella espreita?

— Nada e tudo. — Nada quer dizer — amor — e tudo — quer dizer — o futuro, a felicidade, a honra, os filhos. — Amor é tudo e nada! A's vezes não passa d'um olhar, e vulgarmente representa o addito d'um paraiso, ou d'um inferno! Que te debruces do teu balcão para ouvir galanteios — é cousa de pouca monta... Parece um rosario de missanga... Nem se podem contar os Padre-Nossos! Amor da janella para a rua, tendo o ceu e as estrellas por testemunhas, não deixa de ser artistico, e é sobretudo honesto! Descança que não te ralho. Palavras ditas a distancia não aquecem os labios...

— Está brincando, senhor padrinho, disse ella sorrindo... Não é verdade que já promettestes ser meu padrinho, se acaso meu irmão consentir nas bôdas?

— Sim, prometti, e não faltarei. — Mas, eu quero ser mais que paranympho n'esse dia de festa; quero tambem ser pae e conselheiro para te defender das travessuras dos diabretes das Escolas Geraes...

— E eu que vos quero assim mesmo!... André tem auctoridade de mais... Tenho querido confessar-lhe, e não posso... A's vezes, quando estamos aqui sós, um diante do outro, e que, ao levantar a cabeça do brocado em que matiso, o surprehendo a olhar para mim, tenho tentações de lhe revelar o meu segredo... mas, depois, envergonho-me, córo, baixo os olhos... e cá me fica no fundo do peito o que vós adivinhaes, sem que eu vos revele...

— Tudo isso é muito natural, minha querida Martha... Teu irmão é mais velho que tu, mas é muito novo ainda. Tem esses dois grandes defeitos... Julga mal dos homens do seu tempo, e não tem a experiencia dos da minha edade. Depois um clerigo, pelo esforço que emprega para se defender do amor que lhe aquece o sangue, avalia quanto pode ser in-

domavel o amor que tu inspires... Os teus olhos são feiticeiros, como os das andaluzas mais requebradas... Quem os fitar, encanta-se. — E quem se encanta? Qualquer!... Quem os fitar. Bem faz elle em ser cauto e vigilante... Minha filha, o mundo anda cheio de feitiçarias — umas cheias de candura — são as tuas — as outras de maldade e de prazeres... são as d'elles...

— D'elles!

— Sim. Dos que trepam os cachorros de pedra e illuminam o sorriso, bem perto da tua adufa, á luz do nicho de S. Marçal!...

— E não admittis que haja entre tantos moços de coração mal educado, algum tão casto e tão bom que seja digno do meu amor?

— Sim, é possivel... mas é difficil. Aos vinte annos todos os homens conservam ainda os instinctos brutaes das creanças. Ha n'elles todos aquella tendencia para a curiosidade e para o goso, que sentem as creanças em face dos seus brinquedos... Namoram-n'os, conquistam-n'os, e depois...

— E depois?...

— Depois, desmancham-n'os e despresam-n'os...

— E' tão triste tudo isso que me estaes dizendo, sr. Nunes. Nem pareceis meu amigo!

— Sois uma tontinha... Como posso eu tentar entristecer esse rosto tão vivo, tão alegre!? Conheço o teu segredo, minha querida Martha, e, se quizeres o revelarei a André. Queres?

— Sim, quero. Oh! se soubesseis quanto me custa enganar meu bom irmão! A's vezes imagino que elle tudo vê e tudo sabe, e, então fico muito contente, por não ter necessidade de lh'o dizer... Mas, afinal, convenço-me do contrario!... Se elle está sempre entregue aos seus livros; sempre occupado nas suas obras de caridade! Sempre a discutir ideias velhas e novas... Elle só pensa em fazer uma revolução nas leis, nos costumes, na religião...

— Sei, sei isso tudo, e applaudo-o. — Teu irmão tem muito talento e muito estudo... Oxalá que elle não comprometta o seu futuro... com a ancia que tem de emendar tantos erros!

— Mas é um excellente christão, pois não é?

— Com certeza. — Raros christãos velhos poderão medir-se com elle!

— E o coração? E' de ouro! Crê em Deus, o que não admira; mas crê tambem nos homens, o que é mais raro... E, comtudo, os homens obrigaram nosso pae a fazer abjuração da sua fé, e depois deportaram-n'o...

— Coitado! Ha quasi vinte annos! Felizmente a seita hebrêa protegeu os filhos do desgraçado hebreu!

— E ainda nos protege, Deus bemdito!

— Faz ella o seu dever, que André Dias e sua irmã bem o merecem.

— E André não tem sido ingrato! Isso não! Judeu, ou christão novo, que venha á nossa porta, é logo acolhido e beneficiado.

— E essa gente acceita esmola que vem de mão tão piedosa e christã!?

— Acceita, sim; porque bem sabe que se elle reconheceu a religião de Christo, não deixou de amar e respeitar a religião de seus paes...

— Assim tenho feito tambem... Submetti-me, mas não me deixei convencer...

— E, se não fosse clerigo de primeiras ordens, quantas vezes já teriamos celebrado as paschoas em nossa casa, quando os hebreus da familia nos visitam a occultas...

— E porque o não faz? Quem pode vêr atravez d'estas paredes? Se tendes esse desejo, minha boa Martha, havemos de levantar um altar na tua alcova, que recordar n'um dia o mosaismo de nossos paes é consolar-lhes a vida eterna e refrescar-lhes os cadaveres...

— André respeita e adora as tradicções, mas já se affeiçoou com fé viva á religião de Christo... Não quer abandonal-a, mas corrigil-a. Diz elle que hade fazel-a tolerante e pura!

— Combater Roma é pouco, e até talvez impossivel.

— Não tanto quanto imaginaes. — André corresponde-se com Damião de Goes...

— Máo conselheiro, que esse anda ao serviço de D. João...

— Ah! é que vós não sabeis senhor, que Damião, emquanto anda pela Polonia, pela Dinamarca e pela Suecia, conversando com Segismundo, Frederico e Gustavo, estuda ideias de Luthero e já excede as criticas de Erasmo!

— De Erasmo? Quem te ensinou isso tudo, Martha? Iniciou-te, por acaso, André, n'esses segredos que são apenas d'elle, de mim e de poucos mais?

— André nada me diz a este respeito... Palavras soltas trocadas entre elle e Diogo, seu companheiro, me fazem suspeitar...

— O que acabas de dizer não pode ser producto de expressões casuaes e reservadas... Alguem te industriou com mais vagar e proposito...

— Pois bem — é isso mesmo... Alguem que pensa, estuda e crê, como André e como vós, me tem ensinado taes mysterios...

— Á lampada de S. Marçal?

— Sim, disse Martha, baixando os olhos sobre a costura...

— Vês, minha má, nada me tens contado do teu noivo, e com taes segredos poderiam esses amores perder a minha protecção! Com que então, o estudantinho das Escolas Geraes, mistura no latim theologias da terra e

a Reforma da Allemanha! Deve ser moço de talento esse que assim te falla de amor e de religião!

— Talento e bondade!

— Sim, sim; quando um homem mistura com os galanteios de namorado, arengas de protestante, não é nem um seductor, nem um banal... Estou advinhando o nome do teu Adonis...

— Eu vol'o digo... é Lopo.

— Lopo?! Não creio;.deve ser Pedro.

— Tambem lhe chamam assim, por ser esse o nome do pae... mas não. Lopo é que elle é, porque lhe deram no baptismo o nome do avô. Conheceis-l'o?

— O bastante. A historia do velho Lopo recorda todas as tristezas e todas as calamidades da matança de S. Domingos!

— Elle contou-me tudo!

— Tudo!? E diz que é filho?...

— De Pedro Soares, d'esse brilhante fidalgo que andou muitos annos a pelejar na India e voltou á côrte coberto de gloria... Não é assim?

— Será, será.

— Sabeis mais alguma cousa a seu respeito?

— Talvez.

— E não o contaes, a mim, que tanto vos amo e que a elle tanto respeito?

— Inverteste, Martha, as duas expressões... Se o amas hei-de contar-te um dia o que te falta n'essa historia...

— E porque não o fazeis já?

— Porque isso depende d'uma entrevista...

— Ides fallar-lhe?

— Sem demora.

— Por minha causa?

— Por nossa causa.

— Mas ides ralhar com elle?

— Não, minha tonta, vou pedir-lhe para vir a tua casa, com licença de André!

— Aqui! Como sois bom!

E Martha bateu as palmas como uma creança alegre.

— E, se elle não quizer vir?

— Virá, sem falta...

— Sim, para me ver, elle virá...

— Para te ver, e para ter uma surpreza, que eu lhe preparo.

— Surpreza alegre, sim? Elle é tão triste, sr. Henrique Nunes, tão triste!

— Quero offerecer-lhe a leitura d'este in-folio, disse o espião, indo buscar o volume que puzera sobre uma ucha.

— Préso muito os moços estudiosos. Quero que elle conheça a fundo, no meio das suas tristezas, uma das melhores obras de Erasmo...

— Como se chama? Como se chama? disse Martha desligando o rolo. que Henrique puzera sobre a meza.

— O *Elogio da Loucura*...

— Que nome tão triste! disse ella, ficando a pensar, com o olhar muito fixo nos olhos pequeninos do valido d'el-rei.

— Isto é perigoso?

— É.

— Para mouros, judeus, ou christãos?

— Para todos, principalmente para Roma.

— E se o regedor das justiças vier a nossa casa com os alguasis?

— Não estamos em Castella ou no Aragão...

— E, comtudo, estou orfã, sr. Henrique Nunes.

— Fructos da politica indecisa de D. Manoel. El-rei não enferma d'este mal... Não vês como elle mantem privilegios e isenções á raça hebrêa?

— Mas o povo reclama em altas vozes...

— E el-rei não lhe presta ouvidos... E, demais, obras mais perigosas tem por aqui teu irmão André Dias, e protestos mais perigosos costuma lavrar Diogo Vaz nas conversas dos serões.

— Mas as palavras vôam...

— Para os ouvidos dos indiscretos...

— Desconfiaes d'alguem?

— De toda a gente.

— N'esse caso levae comvosco o *Elogio da Loucura*... Não vá o pobre moço cahir no laço dos inimigos.

— E' uma experiencia, Martha. Precisamos de saber se elle é dos nossos... Se o deixar ficar é indicio de que não deseja a sorte a que nos expomos...

— Que suspeita, santo Deus! Ah! senhor, que não conheceis o filho de Pedro Soares...

— De quem é a culpa? Tão pouco me contaste de suas fallas e pensamentos que apenas sei que, ensinando-te as doutrinas de André, te arranca a confissão dos segredos de familia... N'estes tempos todo o cuidado é pouco... A manha anda mascarada, e o amor póde usar, na aljava, alguma setta venenosa...

Martha, debruçando-se sobre a meza, depois de ter arredado o candieiro, pegou com violencia na mão esqualida do valido. Affogueara-se-lhe

um pouco mais o rosto juvenil... Nos olhos tinha a viva expressão do amor e do enthusiasmo.

— O vosso zelo pela minha felicidade, honrado amigo, leva a desconfiança á injustiça... Se não conheceis o meu Lopo, porque assim o malsinaes? Haveis de vêl'o e de arrepender-vos! Não ha em todo o reino fidalgo de maior nobreza! Coração de heroe, onde palpita, puro e quente, o sangue de portuguez, de portuguez de lei! Espirito subtil e gentil, palavra doce e eloquente, gesto e porte de gentilhomem, orgulho de cavalleiro! Ponde-lhe a lyra no braço e tereis Apollo! Dae-lhe uma espada e elle será mais guerreiro que Marte! E' meigo como uma mulher, crente como um apostolo! Affagae-o e vêl'o-heis cordeiro do Senhor na meza paschal, ou nos retabulos das capellas; provocae-o, feri-o na sua honra, ou nos seus brios, e vêl'o-heis saltar e rugir como um leão na defeza da sua femea! Oh! não desconfieis d'elle, que se tal affronta elle presentisse, por Deus vos juro, matar-vos-hia!...

Henrique Nunes, que estivera admirando a explosão apaixonada de Martha, ouvindo aquellas palavras — matar-vos-hia — sorriu desdenhoso. Depois, dominando-se:

— E tem vinte annos, esse semi deus?

— Vinte annos de semi-deus! sim, porque todos os vinte que tem vivido, os tem empregado em amar, em estudar, exercitando nas luctas do corpo e do espirito, o braço e o caracter! Anda-lhe a alma a esvoaçar no rosto, e atravessa com o olhar a mascara de todos os hypocritas! Haveis de vel'o e de adoral'o! Tem uma tristeza cheia de sorrisos, e os sorrisos cheios de affectos! O olhar d'uma mulher póde enganar-se quando vê o que não ama; mas se o amor o dirige e illumina — conhece, sabe, advinha, crê... E eu creio n'elle!...

— Mas que fogo! que enthusiasmo! Como os olhares trocados a distancia produzem incendios taes! Comprehendo agora quanto esse homem pode ser perigoso para a tua felicidade, e para a de teu irmão. Mas tu bem o sabes, minha querida Martha, quanto me interesso pela tranquillidade d'esta casa... Melhor fôra que os teus cuidados se dedicassem a qualquer modesto artista lavrante, que estes cavalleiros de espora dourada... gente que vive á sombra da alcaçova e faz excursões nocturnas pelos sitios do Borratem... Como pudeste, sendo menina tão intelligente e sabedora, esquecer que, se da tua parte ha paixão no dizer e sinceridade nas promessas, n'elle só pode haver leviandade de rapazelho ou embuste de seductor!... Ah! Martha, Martha — que a edade e o estudo fizeram culto o teu espirito, mas o amor o deixou enleiado na mais perigosa innocencia! Que podes tu esperar do filho de Pedro Soares, do fi-

dalgo que ganhou ouro e glorias, e sonha talvez em accrescentar no filho graças e nobreza! Não te esqueças, Martha, de que és irmã d'um pobre clerigo, e de que te corre nas veias sangue de christão novo.

— Ah! bem se vê que não o conheceis!

— Conheço todos os homens. Achas-l'o formoso, não é assim? Será hoje e talvez ainda ámanhã .. Depois a formosura foge... Uma viagem á Africa ou á India — uma cicatriz na guerra, ou uma paixão na paz, apagam todo esse esmalte... Ha um momento só em que temos vinte annos... A mocidade é um relampago; quando a vemos brilhar já o raio tem desapparecido na terra!

— Causaes-me tristeza, e dizeis-vos meu amigo?

— E dos melhores, que são os que dizem a verdade. Porque o achas forte e corajoso? Porque d'elle se contam brigas entre companheiros, ou desaggravos em excursões bairristas? A coragem é causa bem differente — consiste mais em soffrer que em praguejar... ter paciencia denota mais força, que ter força... Perdoar um aggravo é mais difficil e menos vulgar, que castigar uma affronta! Julgas que os fidalgos são valentes porque são brigões? Qual! É preciso excluir os que teem sobre a villanagem o privilegio da impunidade... Porque o julgas leal? Porque diz amar-te, e não falla em fugir comtigo? Mas enfeitiça-te, lisongeando-te — attrae-te entristecendo, chama-te fugindo! Martha, defende-te mais da sua timidez, que da sua audacia! Julgal'o meigo como uma mulher! Creança!... A cubiça é untuosa, e o carinho tambem. — As caricias são os dentes dos appetites; mordem sem fazer doer, mas tambem mordem. E apezar de não doerem são dôres, que as maiores dôres não são as que fazem gemer, mas as que atormentam os sentidos... Fia-te no velludo das suas phrases e verás depois como te sangram os ouvidos... Mas, emfim, veremos, talvez tenhas razão, e eu não passe d'um calumniador... Sabes porque fallo assim... porque não quero ver perdidos esforços, que tantos fiz!, empregados em proteger-te, e aos teus. André é um excellente moço, mas não lograria tomar ordens, se eu não o tivesse defendido... Aquellas idéas! Aquellas idéas! Bem sabes que é necessario ter muito cuidado em vigiar todas as entradas d'esta casa... Aqui protege-se de mais a raça hebrêa...

— Vós o tendes ajudado n'esse empenho...

— E, porque não? eu, se mostro receios não é por mim, que em soffrer pelos que estimo está o maior prazer da minha vida. Digo isto por causa de ti, de André, e até do pobre Diogo, que ha de ser bom padre e é já amparo de sua mãe. Julgas que esta casa tem só portas e janellas!? Pois, enganas-te. Onde ha gente de coração aberto, como o teu, pelo me-

nos, o filho de Pedro Soares pode entrar, á luz d'um olhar, e sahir com as sombras dos nossos segredos!...

— Senhor! elle nunca me fallou senão do seu amor!..

— E ha quanto tempo isso foi?

Brilharam de novo os olhos de Martha, como se lhe tivessem inspirado uma recordação feliz.

— Foi ha um anno... pouco mais d'um anno... Era um domingo de Paschoa, um dia cheio de sol e flores... Havia em toda a rua Nova o cheiro activo do rosmaninho das egrejas. André entrou commigo na ermida da Senhora da Oliveira... Meu irmão levava as suas vestes novas, muito garridas, e eu estreiára uma coifa de perolas... Se elle não fosse padre pareceriamos-dois noivos!... A porta da capella, parou uma liteira, luzente como um espelho, com muitos metaes nos paineis, e, em cima, pinhas de prata e ouro. Dentro havia paramentos de brocado com franja, que se balouçavam nos postigos. Os murzellos sacudiam alegres as cabeçadas cheias de custosos guarnimentos. Quanto gostei de ver aquella nesga de ceo na felicidade alheia!

— Parece tudo isso um conto de fadas!

— Se não é d'esses o conto, é da impressão, que me deixaram os da meninice, que guardo tão grata memoria d'esse momento! Havia tanta gente pobre dentro da ermida!

Aquella liteira parecia conduzir uma princeza, d'aquellas que a feitiçaria encanta em castellos rouqueiros e que andam em busca do amoleto que ha de restituil'a á vida da realidade! E na verdade, foi uma princeza, e das mais formosas, que saltou no adro, garbosamente, batendo com os pésinhos leves e vibrantes, que fizeram esvoaçar, de todo o vulto elegantemente enroupado, ondas de perfume!... Estaes rindo de tudo isto, que vos estou contando, não é assim? Que importancia pode ter tudo que digo? Nenhuma. São minucias que não esqueci e que revelo, não pelo valor d'ellas, mas pela impressão que me causaram n'aquelle momento... Que se passa no espirito d'uma rapariga, ás vezes, em certa edade, quando parece que o amor começa a esvoaçar-lhe no peito?!... Porque estava eu, n'aquelle dia, assim, tão predisposta para me encantar com as liteiras garridas e com as mulheres mais gentis e fidalgas?...

Dir-se-hia que o sol d'aquella esplendida primavera, aquella alegria da cidade, o incenso do templo, o aroma das flores, que atapetavam a ermida, as harmonias do côro, as côres alegres que tinham irrompido na multidão depois do luto das Endoenças; que tudo isso acordára os meus dezoito annos!...

Ah! sr. Henrique Nunes, as festas religiosas, que entristecem a ve-

lhice, alegram a mocidade... N'aquelle dia comecei a comprehender, sem saber porquê, os tons, as vozes, os aromas... Estava tão contente, que até sentia vontade de chorar!...

Ia toda vestida de novo! Até os linhos das roupas occultas tinham sido vestidos pela primeira vez... Quanto tempo me demorára ao espelho a pentear os cabellos e a aconchegal'os dentro da coifa modesta de froco e perolas! Andava-me a fimbria da saia tão proxima dos pés, que até, na sombra, eu notára que parecia, ou estava, mais crescida... Com certeza não me fizera uma dona, no espaço d'uma noite... mas fôra, ao alvorecer d'aquelle dia, vestindo o meu novo enxoval, que notei ter formas iguaes ás das moças do meu bairro, que iam de rozario e livro, embiocadas, cheias de brocados e cassequins, trocando olhares com os rapazes que as seguiam! Quantas vezes me tinham dito que eu era bonita?! Pois, apezar d'isso, apezar da educação com que sempre André acompanhou a minha infancia, sentia ainda a tôla innocencia que confunde a belleza com a bondade!

Parecia-me que toda a gente andava alegre n'aquelle dia... Até os judeus e os christãos novos tinham, sem o saberem, sorrizos deliciosos!...

E porque não havia de agradar a todos elles a resurreição de Jesus?

Os judeus não são malfeitores. . Porque alguns mataram Christo, não quer isto dizer que uma raça inteira os applaudisse... Aqui estou eu, que tenho origem hebrea, e, comtudo, delicio-me olhando o presepio do Menino, pelo Natal, e, quando começam as trevas, entristeço tanto, tanto! Mas, se gosto do Natal, ainda gosto mais da Paschoa...

Resuscitar é melhor que nascer, pois não é sr. Henrique Nunes?

— Segue o teu conto...

— Ia eu dizendo: que sinto em mim uma alma nova, quando chegamos áquelle mysterio em que o Ceo annuncia que Jesus vae triumphar dos seus algozes...

Todos os homens, judeus e christãos, são a favor dos fracos, dos vencidos, das victimas, não é verdade? Ora, Jesus, talvez não devesse destruir o templo em que aprendera a adorar o Deus, que preside a todas as religiões; porque, emfim, era o mais fraco...

Sr. Nunes, sois dos melhores christãos, mas haveis de perdoar este meu dizer... Não vêdes que vos fallo com o coração nas mãos?... Eu não sei explicar-me, mas o que penso e sinto não me parece máo... Sou muito amiga de Jesus, por causa dos judeus de agora, não dos outros, dos que o perseguiram e crucificaram...

Pois, não é verdade que os christãos foram ha muitos seculos tão infelizes como são hoje os mouros e os judeus?

O valido fez um gesto indicando que ia responder.

— Não me interrompaes, que estas perguntas talvez não mereçam resposta... Eu digo isto por dizer... São cousas que tenho pensado, ás vezes, quando não posso dormir... Loucuras, creancices, talvez!...

Parece que os judeus novos são os christãos que se fizeram judeus — isto é, que os christãos, que perseguem os herejes, atraiçoam hoje Christo, como os antigos judeus atraiçoaram Moysés!

Mas, ia eu dizendo — que os fracos me inspiram compaixão, e sou por elles, sempre, sempre!

E' tão triste ver fazer mal a alguem!

Gosto muito de rezar ao berço do Nazareno, muito pobre, muito rustico, incensado pelos reis Magos, e adorado pelos pastores; mas, depois, quando o tumulo se abre, e Jesus se levanta, e sobe, limpo de chagas, entre nuvens de ouro... ainda gosto mais!... Parece-me ver o filho de Deus a subir, a subir muito alegre, muito feliz, sem ameaçar os seus juizes e os seus algozes... Parece-me vel'o a repetir, entre sorrisos de reconhecimento, as mesmas palavras de perdão que elle pronunciou, moribundo, por entre lagrimas e sangue! Na vespera eu vira romper, n'aquella mesma ermida, e na de S. Braz, a escuridão das naves e dos altares... cahirem, em chuva, do côro, sobre os fieis, braçados de flôres lançadas pelos frades e pelas monjas... e até, em vez da prece triste e pesada, irromperem por toda a parte hymnos de gloria, misturados com o repicar, tão fresco e tão vivo, como se os anjos andassem no ar a rir ás gargalhadas por verem perdido todo o trabalho da maldade!... Oh! que quanto mais christã me sinto, mais me compadeço da minha raça, que anda como o Messias da Gallilea, a ser açoutada, calumniada, subindo o calvario da vida, com a cruz da Inquisição, crucificada por causa da sua fé, escarnecida na sua esperança, sorvendo a esponja da amargura, ensanguentada, lacrimosa, morta!

Se ella um dia tambem resuscitará, meu leal amigo!? Se algum dia tambem virá Christo assistir a essa alleluia! derramando luz e flores, e até repicando o campanario?!... Não sei por quê! creio firmemente que Moysés não mandou matar Jesus e que Jesus protesta contra os que martyrisam os sacerdotes de Moysés...

Seguiu-se aquelle formoso domingo de Paschoa... Sonhei com elle, como se aquella festividade religiosa me fosse consagrada... Tive n'esses sonhos o presentimento de que o Ceo ia começar a illuminar-me a vida com o sol do amor. André ia passeiar commigo na cidade, pela primeira vez, com os habitos ecclesiasticos, e eu estreiaria as galas, que elle me comprára e escolhera, onde havia estofos baratos, mas de côres alegres e

de talhe elegante! Sentia-me tão vaidosa! Ao passar com elle pela rua dos Ourives, debaixo dos alpendres que ensombravam as boticas, dizia alguem, apontando-nos:

— São irmãos... que par tão bonito!

Eu, então, com o meu lenço de rendas, disfarçava um sorriso de contentamento, e olhava para André, que se fizera mais vermelho que eu!... Ah! que já me ia esquecendo da minha princeza encantada... Mal saltou no adro da ermida veio a ella, para a beijar com um sorriso respeitoso e alegre — um mocinho cavalleiro, garboso na attitude e meigo no olhar. Tinha a esbelta figura d'um gentil-homem da côrte, mas, no rosto imberbe, notavam-se ainda linhas delicadas e côres rosadas e palpitantes, que tão bem desenham e esmaltam a saude e a mocidade... E, apezar d'isso, no meneio da cabeça, no aprumo do busto, nos olhos com que beijava sua mãe e na mesura com que cortejava os tunantes, que lhe abriam caminho, lembrava aquellas gentis fidalgas, que vestidas, de pagem, diziam versos de Gil Vicente no paço da rainha D. Leonor!

— Pois, minha querida Martha, poucos rapazes apaixonados fallariam com tanta arte e ardor dos donos dos seus sonhos... Encheram-te de phantasias a cabecinha innocente as santas monjas de Odivellas.

— Fica-me mal dizer-vos isto? Mas, que quereis? A alegria de me vêr livre do claustro, entregue ao amor caricioso de André, quando a mocidade me enchia o peito de esperanças, n'aquelle dia em que a egreja estava em festa e toda a christandade parecia compadecer-se dos pobres, que pediam pão, e dos christãos novos, que pediam tolerancia, essa alegria mais viva que a chamma do cirio paschal, trazia-me, do coração aos olhos, um céo cheio de sóes e de estrellas! Via meu irmão mais bello e mais bondoso, e as mulheres, pobres e ricas, da nobreza e do povo, entre flores e aromas, pareciam-me flores tambem! Reconheci que aquelle homem, ainda quasi adolescente, acordára no meu peito um sentimento, um affecto, que n'esse momento me pareceu fraternal, e que agora já sei que era aquella mysteriosa attracção de duas almas, que se encontram e que se comprehendem, e se affagam e se alliam, na troca d'um olhar!

— Já sei, já sei! Era Venus que andava mostrando a Cupido os bazares da Rua Nova!...

— Ah! sr. Nunes, se sois meu amigo, não gracejeis... Aquelle dia foi o mais notavel da minha vida, e foi talvez o precursor das terriveis desgraças do meu futuro!

— Para que fallas em tristezas?... Nada mais risonho que tudo isso que tens contado! O teu conto é côr de rosa, pelo menos até esse olhar que te faz sonhar acordada ..

Martha muito pensativa, olhando as folhas e os ornatos d'um verde desmaiado, que enchiam um pedaço de arraz estendido sobre a meza, parecia estar segredando saudades. ou vaticinios... Esquecera-se, sem duvida, do seu companheiro. Elle é que a estava prescrutando com olhar duro e penetrante... Era assim que elle julgava prender a pobre menina aos seus planos traiçoeiros.

Passados alguns momentos o valido desarmou aquella attitude aggressiva, pousando docemente a sua na mão de Martha.

— Então, Martha Dias, ficas-te a sonhar? Olha que pode crestar-se, porque a deixaste ao sol, a formosa Sarah Soares...

— Já conheceis essa mulher?

— Como te conheço, minha filha...

— E' uma santa, pois não é?

— Por emquanto, sem altar...

— Tem-n'o já, e bem erguido, dentro do meu peito!

— Por ser formosa, e rica?

— Não, por ser boa como um anjo!...

— E ter manto de rainha! Ora, vamos, minha cabecinha louca, prova-me que o teu heroe, além do rosto de seraphim, tem mais alguma virtude capaz de te impressionar, a ti, que não és um espirito banal nem grosseiro...

— Tendes razão... Porque no rosto advinhei o que elle era e valia cheguei a acreditar, que, sem o vêr, alguem o poderia julgar... Que loucura! Mas eu vi-o formoso e terrivel, creança e homem, humilde e provocador, beijando e mordendo, compassivo e inflexivel! Parecia haver n'elle dois feitios e duas indoles, duas educações e duas origens! Uma pomba e um tigre!... Elle, que parecia ainda córar de pudor, empallideceu, depois, de raiva e de odio. Os olhos, que despediam uma luz suave e branca como a do luar. chammejaram depois ardentes como boccas de fornalhas... A mão fidalga tomou a fórma de garra!... A voz doce como um canto d'ave, rugia como a d'uma féra! Que assombrosa transformação!

— E amaste-l'o ainda com esse aspecto tenebroso, em dia de tanta ventura no céo e na terra?

— Sim, amei-o mais por essa colera, que me assustou, mas que me defendia, do que pelo seu olhar carinhoso que poderia ser para mim uma ameaça e um perigo! Mas, eu explico... Lopo déra o braço a sua mãe e ia a entrar na ermida, quando um enxame de mendigos o seguiu pedindo esmola... Sarah atirou para todos com uma moeda de ouro... A turba acclamou-a... Voltaram-se, então, os miseraveis para meu irmão,

que apenas encontrou no fundo do seu bolso uma moeda de prata. E André depol-a nas mãos do mais proximo.

— Olhem esta miseria! replicou o mendigo desdenhosamente. Como havemos de dividir isto por tantas almas christãs?

— Dá-lh'a outra vez, para que elle diga uma missa por alma d'algum judeu...

— Vejam, disse outro, approximando-se muito e olhando com insolencia para André, podia até ser por alma d'elle...

E a turba irrompeu em injurias.

— Como se deixa que sirva Nosso Senhor um judeu forreta, feito christão para roubar o altar!

— Agora reparo, outro ainda, é o filho de André Dias, que foi para a Mina, e não voltou. D. Manoel fêl'o emigrar á força, mas esqueceu-se de que aquelle judeu tinha esta cauda...

— Como Belzebuth!

— E atreve-se a vestir aquelle habito o filho do onzenario!

André não poude caminhar mais: os desgraçados tomavam-lhe o passo e já lhe tocavam os vestidos... Agarrei-me a meu irmão, que estava sereno e procurou tranquilisar-me. Os meus terrores alegraram homens e mulheres... Ouvi, á roda de nós, estridentes gargalhadas! De longe vinha muita gente, correndo, para vêr o que era aquillo e tomar parte na assuada. Tremia de medo! Passou-me pela memoria a narração que ouvira dos crimes de S. Domingos, ha vinte annos... Vi o meu André assassinado, desfeito pelos bandidos, queimado pelos fanaticos .. Ali ninguem era por nós... Refugiarmo-nos no templo era impossivel, e talvez até mais perigoso... Avançar para a rua uma temeridade... Pelas costas é que as multidões atacam com mais furia... Esperar era o mais prudente. mas esperar parecia uma provocação.

— O judeu não tem medo! Isso sim! Não responde! A palavras lou cas!... clamava um.

— Não o deixem entrar, accrescentava outro. Não é d'esse lado que está o inferno.

— Se elles tivessem tido uma lição boa, já não se atreviam a ser representantes de Jesus, depois de o terem crucificado!

As mulheres começavam a praguejar. Aos pés de meu irmão cahiu uma pedra arremessada de longe. Era o signal da avançada. Os lobos já batiam os dentes como se tivessem raiva e fome!

Da rua vinham ondas de miseraveis subindo o adro da ermida... Eram ondas sujas, que não espumavam branco, como as que o mar arremessa sobre os rochedos.

Pareciam lodo onde houvesse muitas rãs a coaxar...

Até os aleijados gesticulavam com violencia! Um coxo ameaçava com as moletas — um mendigo, com os braços decepados, cuspia-nos de longe!... Ai! que momentos aquelles! Depois dos mutilados vieram os válidos... Cada qual inventava uma injuria...

Pareciam-me injurias das mais torpes, por serem arremessadas dos labios d'essa gente como se fossem saliva...

André, nem sequer empallidecera .. Olhei-o e vi que elle levantára os olhos para o céo... Este ar de piedade ainda mais irritára a turba...

— O christão novo julga que o céo já o conhece... disse um.

— Pede a alguem que te apresente... apontou outro.

— Isso era bom, se lá entrassem perros, como entram na igreja...

Tudo isto teve um successo de alegria.

Evidentemente, o grupo formado por mim e por André irritava aquella gente, mas impunha-lhe algum respeito .. Eramos agredidos de longe, mas, em redor, de nós mantinha-se um circulo isolador... Os que tinham tocado, n'um movimento mais audaz, nas pregas do meu manto ou no hombro de meu irmão, recuaram como se tivessem escaldado os dedos... Era por isso que os motejos se tornaram mais crueis... Os meus habitos de mulher e as vestes sacerdotaes de André quasi nos isolavam da matilha! Os habitos, ou a resignação... Eu estava pallida, mas serena, e André, como se fosse uma estatua, enlaçava-me com o braço esquerdo, e, com o direito, parecia abençoar os miseraveis, que avançavam e recuavam... O canil ladrava á lua! A multidão, porém, ia crescendo, e os curiosos que chegavam apertavam o cerco. Vencida a pequena distancia, quebrava-se a linha de respeito... Os que não affrontavam os nossos olhares em breve poderiam morder-nos nos pés... Um empurrão dado por um atrevido confundiria tudo... As estatuas quasi tinham perdido o pedestal! Entretanto, os insultos iam preenchendo aquelle espaço. De facto, as pragas quasi nos ligavam aos praguentos... Julgava ter os pés na areia da praia e ver subir o mar que me havia de arrastar!...

Quasi me escondi nos braços de André... Fiquei assim mais distante, olhando fixamente o esfusiar de tantos odios!... Os punhos cerrados galgaram o espaço que resultou do meu terror! Foi vencida então a ultima resistencia: fechei os olhos...

— Morte aos judeus, que nos roubam e envenenam!

Este grito foi repetido por centenas de vozes.

Apezar de tudo, a multidão não se precipitou.

— Sucia de cobardes! Tanta gente! e ninguem se atreve a fazer justiça!

E um colosso de braços nús e gorro descahido, erguendo um forte cajado, deitou uma das mãos ao pescoço de André.

Meu irmão, ao peso da aggressão, vergou o joelho...

— Acabemos com isto, rapazes, disse o bandido; auxiliemos el-rei, que é preza de judeus, como a egreja e o povo... Já não existe o Aragonez para inflammar a cidade e castigar esta raça maldita... Vamos, pela memoria d'elle, ainda não vingada, salvar a fé christã e a corôa d'el-rei!

E Martha, ao chegar a este ponto da sua narração, respirou mais fortemente e ficou-se de novo a olhar a luz do candieiro e o matiz dos brocados.

— Animo, minha filha... Parece-me estar ouvindo a historia d'esses terriveis maleficios de S. Domingos, e que tanto affligiram o senhor rei D. Manoel! Como haveis de ter soffrido!...

— Assim foi, meu bom Firme-fé. Soffri muito, muito! Aquelle momento deu-me uma angustia, que não posso conter! Vi André espancado, ferido, morto, aos pedaços, n'uma fogueira infernal... Eu propria me vi, rasgadas as vestes, affrontado o rosto, polluido o corpo, morrer de golpes no peito, dispersos os membros por entre essa multidão endominhada, feroz!... Quanto me lembrei, n'esse momento fugitivo, das scenas de cannibaes, que ensanguentaram a nossa formosa Lisboa! Que crueldade nos algozes, que martyrio nas victimas! Morrer seria o menos, que morrer com meu irmão era a unica compensação para a dôr de o perder... Mas, sentir nas faces os beijos selvagens da bandidagem, sacrificar-lhe, á força, o pudor de mulher?... E quantas infelizes soffreram isto tudo, ha vinte annos, ao lado dos cadaveres dos seus amores!

E Martha limpou, com o lencinho de rendas, duas grandes lagrimas, que brilharam, como rubis, á luz que a separava de Firme-fé.

E, logo, como se recordação mais fagueira lhe tivesse accudido, desprendeu um sorriso por entre essas lagrimas, e, endireitando o busto, continuou:

— Como já contei, a invocação da memoria do Aragonez ainda mais exaltou o animo d'aquelles desgraçados. A grita encheu o adro, a rua e a ermida! A situação tornara-se decisiva. Os judeus, que andavam sob as arcadas da rua Nova, alvorotaram-se, fugindo uns a pedir soccorro, accorrendo outros para junto de mim! Foi então, quando já sentia braços que me magoavam para me separarem de meu irmão — que ouvi uma voz, aspera e forte como as dos arraes das caravellas de Tanger, gritar sem mêdo e sem ameaça, mas como se fosse de capitão no commando das suas hostes.

— Olá, rapazes, arraia da mais miuda, canalha da mais cobarde, aqui tendes o Aragonez que vos falta:

E, dizendo isto irrompeu por entre a turba surpreza, a espada de Lopo Soares, tão agil e tão castigadora, que a passagem se lhe abriu rapida e facil!

— Querem o Aragonez? aquelle que matou dois mil homens e deshonrou muitas donzellas? Pois bem, aqui estou; serei o vosso Aragonez: Não trago alçado o Christo, de S. Domingos, mas este montante, que não peza mais, e faz melhor justiça... Vamos a isto... — Qual de vós deseja ser o primeiro a quem eu abra a cabeça, ou atravesse o peito? Aqui estão estas duas creaturas, é apontava para nós; são christãos-novos, de boa raça, judia, ao que parece. Avancem contra elles, que eu dou licença... Essa licença, porém, paga-se com a vida... Falta-vos o milagre, não é assim? O sol não bate no sacrario, e não está aqui nenhum Lopo, que o explique á gente ignorante e fanatica?!... Mas eu sou tambem Lopo... E' uma coincidencia... Se quizerem, serei tudo—Lopo e Aragonez... Vamos, poltrões — vós todos, mendigos, arraes, tunantes e tratantes, gente de fé e de polé, aqui tendes o Aragonez! — Vá, canalha de Lisboa e seu termo, valentes da Adiça e da Alfôfa, tendes aqui um chefe para assassinos de gente hebrêa...

E a turba parou callada, a fital'o, sem pestanejar, esquecida de mim e de André. D'onde viria tanta estranheza e tanto pasmo? Seria surpreza de tal audacia, ou medo de tal aspecto? A mascara do odio deve ter aquelles sinistros moldes... O rosto de Lopo transformara-se por fórma, que em tal momento, só o denunciavam o talhe airoso e a riqueza dos estofos. — O rosto, que eu vira antes tão menineiro e gentil, desapparecera de subito. — Lopo dobrára a idade e transformára as feições! Incharam-lhe, como se lhes mordera bicho venenoso, os olhos, o nariz e os beiços!... Nas faces sempre alvas e rosadas, a grande convulsão de odio e raiva, pintou laivos e bubões de asquerosa gafeira! Os labios roxearam entumecidos e as narinas enfunadas, com a respiração em vendaval, se a uns causavam apenas surpreza, a outros até medo e terror! Eu propria, vendo-o em perigo por defender-me, julguei que arremettida de tal furia, a todos poderia ser mais ameaça que salvação... Assim como abrira caminho, mais acutilando com a espada, que proclamando com a voz, assim, emquanto a nosso lado injuriava os cobardes, lhes ia açoutando as faces com uma das mãos, emquanto com a ponta da lamina, ameaçava o peito dos que mais o offrontavam!

— Abri caminho, disse elle afinal, ao ver que ninguem lhe embaraçava a empreza. — Já vêdes que não sois de ha vinte annos! — Se o Aragonez viesse, e um novo banquete de sangue quizesse dar á voracidade dominicana, não teria gente senão para tocar na saia d'uma creança, ou na batina

d'um padre... Já não sois fanaticos nem valentes. A malta, que sopra velhos odios para servir intrigas de inquisidores, é formada por famintos bródistas que se esfregam pelos portaes dos conventos! Não é verdade, ó gentalha, que obedeceis aos lacaios de Cordova, que tendes mais appetite de beber a ôlha de S. Domingos, que o sangue dos cristãos novos? Vamos, quem se aventura a tomar-me o passo? Se quizerdes o duello, para melhor eu vos parecer o Aragonez, que se levanta, como um espectro, da sepultura de S. Francisco, não vos atravessarei o coração, se é que o tendes, com o meu aço de Toledo; bater-vos-hei com os copos da minha espada, que estão modelados em cruz, para acabar por uma vez com abáfas e alaridos...

Os miseraveis recuaram mais fascinados, que medrosos... Lopo tinha um aspecto diabolico e selvagem! Todo elle vibrava como um vime sacudido pela ventania.

— Se não é o Aragonez, exclamou um do povo, como se estivesse pensando em voz alta, é o diabo por elle!...

— Reparem, accudiu do outro lado um arraes de barbas brancas, aquelle olhar é o mesmo que se apagou nas fogueiras d'Evora!

— Não ha dúvida, João Bezerro, é a alma do frade que entrou no corpo do aulista!...

— É que houve commercio espiritual entre as *Escolas geraes* e a *Torre de Alconchel*.

E, fazendo taes commentarios, os fanaticos iam recuando sempre até deixarem larga clareira sobre o lagedo do adro.

Lopo dirigiu-se, então, a André em cujo olhar não havia expressão de surpreza, nem de medo, mas de admiração e reconhecimento. E, como se ao dirigir-se-nos tivesse desafivellado a mascara temivel com que tratara o bando aggressivo, Lopo nos apresentou aquelle mesmo rosto delicado e franco, aquelle mesmo sorriso doce e fidalgo, com que pouco antes, cortejára os devotos de N. S. da Oliveira e atravessava por entre elles, ao lado de sua mãe.

— Senhor, disse elle a meu irmão, perdoae-me a colera que me descompoz a palavra e o gesto. Foi meu proposito desembaraçar de gente importuna o caminho que conduz á liteira de minha mãe e senhora, que me encarregou de vos offerecer, e á vossa gentil irmã, a sua companhia.

Que expressão de lealdade e de modestia n'aquelle olhar, que me dirigiu, emquanto esperava a resposta de André!

— Obrigado, senhor, disse este, acceito... por minha irmã, o que me offereceis por vossa mãe... Nem aqui, nem agora, haveria logar e tempo para dizer-vos, senhor, quanto vos devo e quanto vos admiro!

E Lopo deu-me o seu braço, pedindo a meu irmão que nos abrisse caminho. O fidalgo, tendo dado apenas dous passos, parou para embainhar a espada, á face dos desordeiros, que ainda murmuravam.

— Como vêem, rapazes, ainda é cedo para fazer a vontade a Carlos V! Ide ver como arde o cirio Paschal! Entrae no templo e apiedae-vos da Virgem! Depois, ide para vossas casas e commungae com a familia, como se os filhos fossem os vossos apostolos.

E, mettendo a mão na borzoleta de couro, tirou d'ella um punhado de moedas de prata que arremessou aos pés d'aquella gente. Os rapazes e os mendigos cahiram de tropel sobre as lageas, ao chamamento feito por aquelle tilintar, que estonteia ricos e pobres. Se entre os injuriados alguns se refaziam do assombro e planeavam desforço, as moedas disputadas tudo baralharam, desconcertando os que vomitavam injurias e os que pediam esmola. Assim nos conduziu Lopo á liteira de Sarah.

— Para o Campo de S. Barbara, disse elle, junto da ermida, primeira vivenda entre os arroyos, que correm aos pés do cabeço do Alperche.

E puzemo-nos a caminho por entre ranchos pacificos de gente boa, que levava braçadas de rosmaninho...

VI

Ao luar

— Que longa historia vos estou contando, sr. Nunes, como se devesse prender-vos a attenção, cousas que nada valem, senão para mim, que recordo esse bello dia, que começou e acabou cheio de sorrizos, mas em que tive um momento terrivel de tristeza e de desespero! Fallemos, pois, n'outra cousa... Esta historia não pode ser acabada agora, porque apenas começa. Fallemos n'outra cousa... Em vós, por exemplo, ou em meu irmão. O resto é tudo um sonho com que tenho enchido as noutes e os dias d'este anno ultimo, e que, como todos os sonhos, será interrompido pela realidade, que nos espera escarnecedora, á hora de despertar!

— A tua historia foi interrompida quando mais começava a ser interessante. Deixaste o teu heroe n'uma situação de triumpho aos olhos de teu irmão e aos teus... Comprehende-se bem que o amasses... Lopo, pelo que dizes, é uma creatura excepcional...

— Onde encontrar outro egual, Firme fé?

— Aos vinte annos não é vulgar, não. Valente...

— E generoso!

— Cavalleiro...

— E fidalgo!

— Nem judeu para a heresia...

— Nem fanatico contra os judeus!

— E, tão bem o descreveste que estou a vel'o gentil no trato e na figura...

— Sim, sim, Firme fé; sem os arrebiques de Adonis nem a musculatura de Hercules, daria uma estatua de Phyrias, representando Apollo!...

— Se elle te corresponde em paixão, poderiam os dous emprestar os mais bellos lances para uma tragedia grega.

— Não me chameis louca, meu caro amigo; fallo talvez impropriamente, sem o recato d'uma mulher que é honesta, e assim tenciona mor-

rer... Mas, que quereis? Haveis de ver n'este olhar, inferior á chamma tremula d'uma lampada d'altar, um amor modesto, n'um momento, saltar clarões que assombrem esta geração de egoistas, de frivolos e de cobardes... Antes de conhecer o meu Lopo eu era uma creança, ou uma mulher como outra qualquer... Um galanteio convencional poderia fazer de mim uma creatura reconhecida e submissa... Hoje não; hoje não tenho o amor por um affecto, doce, subalterno, um laço colorido e apparatoso em saiote de bérneo, ou de brocado... O amor, que sinto, põe-me nos hombros manto de déusa, ou de rainha!... enche-me o peito, erige-me a cabeça, fortalece me o braço!... Por tal forma este amor me illumina e doura a existencia, que julgo que só a morte poderá luctar com elle! Já não durmo; sonho, e vejo n'esses sonhos de todos os instantes, em lampejos de razão ou de loucura, que este mundo é pequeno para se amar assim! Não cabe nas primaveras da mocidade enleio igual ao que estou gosando, nem se resigna, na velhice, este anceio, todo espiritual e mystico, transformado na amizade, que é o amor esperança cahido em amor saudade.

— Se teu irmão te ouvisse?! interrompeu o valido.

— Comprehender-me-hia, como a elle tambem comprehendo. Elle ama Deus sobre todas as cousas, e o seu grande ideal tral'o na terra entretido e resignado. Perguntae-lhe se elle teme a morte, e elle vos responderá que é a vida isso a que daes tal nome! Elle tem o seu extase, como eu tenho o meu .. Elle julga ter vindo do ceo a esta peregrinação dolorosa, e eu creio que vou da terra para o empyreo de que não se volta... Elle ama na terra por amor de Deus, e eu amo Deus por amor... do amor!...

— Inflammou-te a cabecita, ainda perplexa e indouta, o fidalgote de Santa Barbara... Cura-te d'esse mal, emquanto é tempo, Martha, que, n'esse pendor para a credulidade, podes chegar ao abysmo das desillusões... Ha feitios diabolicos n'estes feiteceiros apaixonados... A serpente do Parayso trazia veneno em cada annel quando se enroscou na arvore do Bem e do Mal...

— Não me fareis receiosa... Creio n'elle como em mim propria! Ou mais ainda, porque elle é bom e sabedor...

— E, se te enganasses?

— Se me enganasse?... disse Martha, parando o olhar, se elle me enganasse, acreditaria que eu tinha enlouquecido.

— E a elle deverias essa loucura! E, ao vel'o fugir e esquecer-te, voltarias á razão...

— N'esse caso deixaria até de acreditar na palavra de Deus!

— Tanta heresia!

— A verdade!

— Dize, Martha — Lopo nunca procurou penetrar n'esta casa, durante a ausencia de André?

— Nunca.

— E, se elle o tentasse?

— Não tentará. Salvo se essa tentativa tivesse por fim a defeza da minha honra.

— E já te fallou em casamento?

— Quantas vezes!

— E' claro, citando difficuldades a vencer, queixas de familia, differença de classe...

— Não. Pelo contrario. Disse-me que esperava apenas concluir os estudos...

— Eis o perigo... pensou em voz baixa Henrique Nunes, como se não desejasse ser ouvido.

E, levantando-se, passeiou com affectada agitação.

— Dissestes — eis o perigo? — perguntou Martha, seguindo-o com o olhar.

— Digo que é preciso que alguem te aconselhe e vigie...

— Tendes razões para desconfiar?

— A desconfiança chama-se tambem previdencia, e está sempre independente da razão. A desconfiança nunca espera, e aguarda sempre...

— Estou confiada...

— Acautella-te, Martha, que deve estar perto o momento em que a seducção se entende com a cilada...

— Desafio-vos a que me convençaes...

— Não ouves? Soam, a proposito, as onze horas. Confessa, minha filha, que aquellas badaladas, que descem da Alcaçova até a tua rua, te annunciam que Lopo, está rondando o teu balcão.

— Talvez...

— Pois bem. Teu irmão está ausente... Ninguem sabe que estou aqui... Falla-lhe á luz do nicho de S. Braz, e ficarás conhecendo o biblico e casto José...

— Seja: acceito. Ouvireis as suas palavras e confessareis que Lopo é o mais amoravel e leal dos fidalgos que amam. Vinde, collocae-vos na sombra das minhas roseiras... O luar, já declina, mas ainda bate indiscreto na adufa florida... Não fareis o menor ruido...

E Martha levou o velho candieiro para um recanto da casa, tapando-lhe a luz com um amplo espelho de metal. Fracos revérberos dançavam

na sala escurecida... Pela adufa meio aberta jorrou a lua a sua caudal de prata, e logo, no ladrilho, tremeram bem desenhados, como se a luz estivesse cobrindo o chão com flores de rendas pretas, as rozas que emmolduravam a gelosia.

Lá fóra, na rua, o mais completo silencio... Apenas pelas arribas da *Alcaçova*, e pelas almoinhas que escorregavam de *S. Gens*, vinham, até a *Albergaria* e *S. Matheus*, as horas repetidas nos campanarios de S. Vicente e outros, que coroavam a cidade.

Martha, em quanto Firme fé occupava o seu posto, lançou sobre os hombros um manto de beirame da India e repuxou o capuz até cobrir a testa.

Depois, pé ante pé, pondo o dedo nos labios, para indicar ao valido de D. João III que deveria conservar-se silencioso, aproximou-se do balcão e prescrutou a rua, onde havia largas fachas de sombras projectadas pela casaria e pelas arvores que se debruçavam dos muros.

Apagára-se a lampada do nicho, e não fazia falta...

Sobre a ponte, que pouco distava da sua varanda, vio Martha um vulto de homem envolto e rebuçado em amplo capote.

Martha desnudou um dos braços para o erguer até um ramo de botões da Alexandria, que lhe serviam de docel. Arrancou-o demoradamente, e depois lançou-o no espaço...

— Diabo, diabo, pensou o espião, espreitando ancioso por entre as grades da adufa; se a minha gente não vem a tempo, está perdido o meu serão!...

O vulto desceu a ponte, levantou o ramo que cahira no meio da calçada, e, aproximando-se do balcão de Martha, lançou as flôres para cima da lampada apagada.

— Que Deus venha em tua companhia, meu Lopo!

— Até a luz do ceo, que deve ser a do teu olhar!

— Rejeitaste as minhas rozas?

— Não; dei-as á Virgem em agradecimento do teu amôr.

— Lopo! Não sei o que hei de dizer-te!...

— Não admira! tambem eu, não!...

— E, comtudo, tenho tanto para confessar!

— E quanto te disse eu, emquanto te esperei!?... E agora esqueci-me de tudo!

— Porque será isto, Lopo?

— É porque o amor é um enleio...

— E não falla?

— Falla... com o olhar... Não me vês os olhos?

— Quando o luar te bate no rosto... Mas, não vejo quanto queria! O que dizem elles?

— Que te adoro!

— Tem graça! Se elles dizem tal é que teem echo nos meus!

— Echo, ou reflexo?

— Se elles olham e fallam, eu vejo-os e ouço-os!...

— Então, olha bem para mim... O que dizem elles agora?

— Agora não os vejo. Volta-os para a lua...

— Isso não faço — prefiro fechal'os, se não posso fitar os teus.

— Bem, olha-me, pois...

— Não vejo nada.

— Que admira?! — Vae-se-me por elles a alma alegre e feliz...

— E porque não brilha ella tendo tantos esplendores?

— Porque a tua imagem me enche os olhos!

— Porque não a sacodes?

— Porque não me entristece esta cegueira d'amôr...

— Vês, não tinhas que dizer, e já soltas tantos carinhos em palavras de lisonja!

— Isto não são palavras, minha querida Martha... Repara bem... tremem-me os labios ao dizel'as!

— E dizei-l'as tão bem!... Essas devem ser ditas assim.

— E' porque não são palavras — são suspiros.

— E vôam para mim?

— Em ondas de saudade e em fremitos de desejos!...

— Então, cerra os labios... Prefiro que olhes...

— Acautella-te d'este olhar, que sóbe tambem e se abraça com o teu...

— N'esse caso fecho os meus.

— E eu abro-t'os...

— Não podes...

— Se os fechas, cóbre animo, e mando um suspiro e um olhar que hão-de abril'os...

— Isso seria uma traição.

— Chama-lhe antes um beijo...

E os dois amantes ficaram alguns momentos silenciosos.

O amor é um reptil; quando avança de mais pára de repente.

Cupido, apezar de ter azas, solta os vôos tambem assim. É a unica ave que colhe as azas por vezes, e pára no espaço...

E nunca volta para traz!...

Martha, na verdade, fechara os olhos.. para ver melhor.. E ella

bem via que as palpebras e os labios de Lopo trepavam pelas rozeiras, que pendiam em festões da sua varanda illuminada!

E assim era: Lopo já subira o marco da lampada e segurava-se, com uma das mãos, ao alpendre do portal.

Martha nem se lembrava de que tinha ali, muito proximo, Firme-Fé, que tudo estava escutando e vendo!

Lopo bem dissera que o amor era um enleio. Quando falla e olha é tudo mais esquecido....

E, depois, o moço estudante tinha fóros de fidalgo até na côrte que fazia á gentil irmã de André Dias. Aquelle beijo não era promettido em ar de travessura de *arrojado* junto de mocinha bonita. Aquelle beijo podia ser nova lembrança nascida na familiaridade dos dois amantes, ou um novo passo na marcha do amôr, com feição enganadora d'um impulso carinhoso, mas, de facto, planeado por quem tinha por dever adeantar-se em ousadia.

Tudo quanto a mocidade segreda e permuta nos seus idyllios ao luar, parece fructo do acaso, e vem de ha muito ensaiado na meditação da saudade e nos sonhos da esperança!

Só quem nunca amou é que ignora esta lei.

Porque é uma lei das mais estaveis e cumpridas — dita-a o instincto dos dois sexos, quando estes estão livres da tutella convencional, que permitte apenas o olhar e o sorriso.

Os beijos, que aquecem os labios, andam no ar, no espaço de duas bocas, equilibrados pela respiração; e, se, durante algum tempo, avançam e recuam sem se tocarem, se o peito arfa mais commovido, ou se a palavra vem mais suspirada, precipitam-se e fundem-se...

Um fio de palavras amoraveis traz no fim um beijo, que fica bailando á flôr dos labios. E' um ponto final nos periodos das confissões carinhosas .. Bocas, que se contorcem em desejos de affagos, lembram ninhos de aves, que, ainda não vôam, mas já espreitam e chilrêam, como se quizessem ensaiar as azas.

De admirar é que elles não escorreguem pelo rebordo macio e humido dos labios, quando do peito sóbe um ai, ou o éxtasi se desmancha n'um sorriso!

Os amantes entendem-se por mil formas, e nunca acreditam que foram comprehendidos! Por mais que se olhem, por mais que se fallem, sae-lhes sempre incompleta a confissão.. O que deixaram de dizer é sempre muito mais do que disseram! Na rethorica do coração todas as regras da eloquencia são insufficientes de clareza... O amôr póde ser definido por milhões de formas, mas nunca a expressão corresponde á idéa que elle

encerra. E' tão difficil descrever o nosso amor, como descrever o nosso Deus!... O que vale mais que tudo, não tem essencia que caiba nos moldes que servem para tudo!

E' como a musica que temos na memoria e não podemos cantar... Quem não amar não póde fallar d'amor, e quem amar só contará o que sente a quem lhe inspirou esse sentimento. E' por isso que um peito amante não terá voz quando não tiver echo... E. ainda assim, subsiste o desconsolo por não ser o echo tambem uma voz...

O que se procura com a linguagem suggestiva do amor? Convencer? Não — provocar ainda a que nos convençam... Ainda não é bem assim, que a convicção é obra da intelligencia, e, n'estes jogos floraes, tão secretos e mysteriosos, anda muito mais que a razão, o sentimento.

O que se procura é approximar... Quanto mais se approximam, mais se conquistam... Palavras, gestos, olhares, suspiros — tudo isso é inventado, creado, impellido para preencher o espaço entre elles como um general póde mandar, n'um difficil assalto, encher de cadaveres os fossos d'uma fortaleza sitiada!...

O beijo é a ultima granada que torna inevitavel a rendição!

Gasta-se um milhão de palavras a descrever o amor... e afinal elle só é bem comprehendido, quando aos prelectores acode a formula synthetica d'um beijo!

Suppõe-se até que o ruido de dois beijos, aquelle unisono, em que não é facil distinguir o tenor do suprano, é apenas uma exclamação que chilrêa: *Afinal! era isto o que queriamos... dizer!*

Emquanto um amante não chega á eloquente concisão d'esta linguagem, tudo se inventa, tudo se diz, cousas banaes, idéas novas, formas singelas, versos e monosyllabos, imagens e reticencias, preces e heresias, comtemplações e convulsões, supplicas e juramentos!... E' um estontear, um delirio, em que uma cobardia se segue a um arrojo, em que um discurso remata em grandes pausas... Quando chega o beijo é que se faz a luz!... E' o choque entre os dois pólos electricos... Quem havia de dizer que estavam ali as duas metades d'uma grande luz — o esplendido olhar d'uma saphira já lapidada e que tem um raio de lua em cada faceta crystalina!?

E' então que se percebe, que os olhares que se crusaram, que as palavras tremulas, que bailaram ao acaso, em estylo de lisonja e de adoração, eram apenas laços enleiadores, que se iam apertando, apertando, até que duas bocas se unissem, como já se tinham unido duas almas!...

Foi, por isso, que de cada conferencia havida n'aquelle balcão florido, resultára durante muito tempo, uma separação desconsolada e triste!

Tinham dito tanto, tanto, e afinal não se tinham entendido!... E, d'ahi o appello para o serão mais proximo, e a premeditação, embora casta, de em breve encurtar as distancias ..

Os grandes segredos do amor não se dizem ao ouvido — suspiram-se nos labios ..

E para dizer esse segredo é que Lopo, com o risco de se ferir nos rozaes do balcão de Martha, trepara ao marco de S. Braz, e se agarrára com mão trémula ao alpendre do portal...

* * *

— Olhae, senhor cavalleiro, que o marco da lampada não é morzello para tão gentil figura!

— Mas, tem a sella mais alta que o meu ginete corredor...

— E contaes ganhar no torneio com jaezes de tão pouco brilho?

— Não tenho a quem disputar a posse da minha dama...

— Esquecestes então, o santo? Está mais alto e pode armar-vos uma cilada.

— Coitado do bispo armenio! Tomara elle as honras de ser martyr aos golpes da minha espada, elle que só poude ganhar a santidade a golpes de sedeiro...

— Não digas mal do santo, Lopo, que elle ha muito me guarda, como se eu fosse da sua ordem...

—Faz-me ciumes o santo varão, tão perto de ti, a escutar-te as confissões...

— E' bom, porque é discreto... Já o ouviste ralhar?

— Tambem nunca me lamentou, e, comtudo, eu não tenho capella e lampada ao lado do teu rosto—capella que tu aceias e perfumas, luz que tu accendes e balouças!

— Ingrato! déste-lhe as minhas rozas em paga do pedestal a que sóbes, e ainda soltas queixumes contra o seu olhar que nos abençôa!

— Se elle quizesse trocar?...

— Talvez; has-de prometter estar como elle, quieto e calmo, quando eu lhe sacudo o manto e lhe affago a aureola de prata.

— Se me queres assim, queres-me mais santo e mais martyr que elle...

— Pois amo-o e adoro-o, e sabes porque?

— Porque elle não te faz rosadas as faces, beijando-te as unhas rosadas?...

— Não por isso; porque me parece que é elle que me inspira o que te digo e me explica o que te escuto...

— Se elle te explicasse tambem o que eu calo!...

— Quem sabe? Os santos lêem em todos os corações.

— Menos nos dos amantes.

— Teem segredos mais profundos?

— Tanto, que só podem ser escutados á flor dos labios!...

— Toma cuidado, Martha, disse em voz baixa Firme-Fé, puxando o manto da seduzida creaturinha — a mascara da castidade desafivella-se do rosto do fidalgote!

— Tinha-vos esquecido, senhor, respondeu Martha para dentro, n'um movimento disfarçado de perturbação e surpreza.

— Com quem estaes fallando? Não me respondeis?

— Consulto o santo bispo sobre o valor do teu dizer tão meigo e tão subtil!

— E elle respondeu-te?...

— Que escutar assim o coração é o mesmo que debruçar-se uma mulher no cayrel d'um grande abysmo.

— Seria assim, se esse abysmo não estivesse cheio com o amor d'essa mulher, ou se ella não tivesse a segural'a o braço d'um homem de bem...

— Perdôa-me, Lopo, fui injusta... Nem sei bem o que sou... Sabes? amo-te tanto, que tenho mêdo...

— De mim?

— Não: de mim. Valho tão pouco, é tão modesta a minha condição, tão condemnada a minha origem, que receio confundir de mais as nossas almas, n'estes encantos, que a lua perdôa, e o sol pode extinguir! E's rico e nobre, christão e valoroso, e ha tanta mulher formosa e fidalga que te mereça e a que te destinem!

— Martha, offendes-me...

— Oh! não quero tal. Abri-te o meu coração, para que, mesmo d'ahi, lhe conheças todos os mysterios que n'elle encerro... Se o teu amôr fosse apenas uma chamma, que a vontade da familia, as convenções do mundo, ou uma nova impressão da tua mocidade, apagasse, como hoje se apagou, a uma aragem muito leve, a luz d'esta lampada... Se tu, que foste o meu baptista na religião em que é Deus o amor e são altares os nossos corações, com o mesmo ardor com que sobes até mim com os olhos cheios de fogo e os labios de juramentos, me fugisses e esquecesses...

— E' a primeira vez que me fallas assim. Quem te lançou no peito o veneno d'essa duvida? Que tenho feito que authorise essa triste preoccupação?

— Se tal succedesse, continuou Martha, com a voz magoada e o olhar humedecido, não soffreria muito, porque viveria muito pouco; mas, na

hora derradeira, teria o martyrio d'um seculo de dôres e de torturas, se morresse menos pura aos olhos das outras mulheres, julgando-te menos leal aos meus proprios olhos!

— Não te reconheço, Martha, assim tão cheia de maus augurios!... Quem te despertou, no confiado espirito, prevenções da experiencia tão pouco proprias da tua credulidade innocente? Poude teu irmão assim blasphemar da minha fé, ou veio ao teu lar conselheiro de velha traça, enredadeiro de torpezas e aleives? Martha, se outra te fizeste desde a ultima vez que te abri meu peito confiado e leal, dize que. n'estes tempos de vinganças e suspeições, mal vae a quem não se previne e defende.

— Não, Lopo, ninguem me aconselhou nem preveniu; nem contra ti solto queixumes, que seriam tão injustos como a ingratidão, e tão aleivosos como a calumnia. Sei quem és, e quanto te devo. Para de tudo isto me esquecer haveria mister de não te amar como te amo! Não é de ti que tenho medo, não; é de mim... Se estou tão só, e sou tão tua! Um dia vi-te cheio de colera, e tive vontade de te fugir! E, tantas vezes te tenho visto amoravel e alegre, que tremo de pensar que me foges! Presenti, e hoje sinto, que te pertenço, e tenho medo de que penses em guardar o que te pertence!... Lopo, sou tão tua, que tremo de que me queiras.

— E esse medo vem do amor?

— Vem, do mais confiado...

— Queres que te diga o nome que isso tem?

— Dize.

— Ciume. O ciume é uma flôr que nasce na arvore do amor, que nos primeiros dias parece arvore de sombra, que depois começa a florir...

— E, depois secca, esfolha-se, e morre!

— Mas que, antes de morrer, dá o fructo dulcissimo da familia, e, em muitas primaveras, vae renascendo com maior seiva, dando sombra mais fresca, flôr mais aromatica e fructo mais saboroso!

— Como é bello tudo isso que me dizes, meu Lopo! Se Deus quererá que tudo seja assim!

— E porque não hade ser? Eu não tenho ciumes, vês? E sou homem! Do teu lado é que está a belleza, o carinho — isto é, a mulher e o anjo, que tantos olhos cubiçam e tantos corações adoram! E não tenho ciumes, porque a bondade não atraiçôa e a castidade não se deixa adorar por muitos olhares cubiçosos, como a santidade nos altares por um templo cheio de fieis... Será vaidade? Será. Mas que queres? Julguei-te minha um dia... foi n'aquelle em que me disseste que o eras! E, se m'o disseste chorando, e, se te ouvi sorrindo, certo foi que antes do enlace, que os ho-

mens legalisam, os nossos corações realisaram as suas bôdas espirituaes abençoadas por Deus!...

— Continúa, Lopo, que, se emmudeces, voltam-me receios de que assim não penses...

— Isto não é pensar, é sentir... Mal sabes tu, minha Martha, em que deliciosa contemplação se me vão os dias e os sonhos, a vêr-te sempre em toda a parte, occultando, com a tua figurinha gentil, todas as mulheres que me cercam, todas as tristezas que me procuram! Se o vento geme, julgo que me chamas, se a lua me beija, parece-me que és tu que me olhas... Nas estrellas do ceo vejo scintillar o diadema dos teus cabellos, no aroma dos rosaes prepassa a fimbria do teu manto! Quando adormeço vou voando nos teus braços... Vejo-te, se te olho, e vejo-te ainda quando já não posso vêr... E o que te digo, santo Deus! o que eu te digo, que tu não ouves! Fallo-te em voz alta, cheio de orgulho, para que todos me ouçam, e proclamo-te rainha do meu peito, senhora do meu braço, companheira de minha vida, estrella do meu caminho! E fallo-te em segredo, muito baixinho, a contar-te o que penso, o que sinto, por meio de expressões imaginosas e em phrases tão banaes, como se fossem apenas suspiros!... Fallo tanto, n'esses momentos, que nem te deixo fallar!... Outras vezes quero dizer-te muito e nada me accode. Persigo com o meu o teu olhar, aperto as tuas nas minhas mãos febris, descubro-te a fronte e annedio-te os cabellos... Como se fosses uma creança emmolduro-te o rosto delicado nos meus dedos de espadachim, e collo os meus labios nas tuas palpebras cerradas!... Depois, solto-te dos meus braços, volto te para a luz para te vêr melhor, inclino a cabeça para te admirar o perfil, e, de novo, te attraio e, de novo, te affago, repetindo-te, com um sorriso que parece uma aurora que me inunda — como eu te amo! como eu te amo!

E Lopo, emquanto fallava, por uma d'estas artes maravilhosas inventadas pela mocidade para encurtar distancias, n'um esforço muscular, tinha galgado as laçarias do balcão e appoiava-se já nos rendilhados da adufa... Um brusco movimento de cavalleiro habilidoso, e o balcão, mais firme que o corcel das suas aventuras, aguentou orgulhoso o garbo do seu senhor.

Por entre os cachos de roseiras que escorregavam da gelosia e descançavam no alpendre, a capa de Lopo cahia em pregas desordenadas, confundindo-se com elles.

O luar destacava, então, nitidamente, o busto do agil rapazote, onde luzia o cinto com orlas e colchetes d'ouro. Da bainha de velludo sahia-lhe a cruz da espada com pedrarias, que movendo-se á luz que as banhava, se accendiam e apagavam como se fôssem vagalumes que andassem por

entre a folhagem das roseiras. O rosto de Martha estava de marfim modelado na moldura de ebano do seu capuz...

Henrique Nunes deixou de ouvir os dois amantes, e então espreitou mais ousadamente, sem, comtudo, se descobrir...

A eloquencia do coração estava nas suas syntheses mais suggestivas. A palavra fôra esmorecendo até se apagar de todo! A ultima confissão tinha sido dita com um beijo nos cabellos de Martha.

Beijos ainda innocentes, é certo, mas em todo o caso beijos. Um beijo trocado é o mesmo que uma malha cahida... O tecido fica inteiro, mas uma creança poderá depois desmanchal'o todo.. E o amor é pintado na figura d'um menino! N'aquelle idyllio a phrase *amo-te* fôra muito repetida, e fechára com ella, n'um ciciar tão esbatido, que se deixou de ouvir antes de terminar o canto!...

— Sei a que vieste, meu fidalgote, pensou o valido, e vaes dizer-me o que preciso de saber... A' mulher que se ama, e quando a temos com a cabeça no nosso hombro, diz-se tudo .. A carne é mais indiscreta que o espirito... Vou ouvir-te, animal.

— Se alguem nos visse? perguntou Martha, lembrando-se do seu velho amigo.

— Dir-lhe-hia: vim aqui perguntar á minha amada, se ella quer ser minha mulher...

— E eu accrescentava: se não fôr tua mulher, ou morro de pena ou sepulto-me n'um claustro!

— Por S. Braz, o juro.

— E eu, por Nossa Senhora da Oliveira.

— E que dirá teu irmão, Martha?

— Que ha de elle querer senão a minha felicidade?! E teus paes, Lopo? Que responderiam?

— Responderão o que lhes approuver. A minha vontade é mais forte que o meu braço. Se não nos entregarem um ao outro, liberto-me e roubo-te!

— Póde ser a tua desgraça ..

— Temes por ti?

— Não, por ti.

— E se te arrependeres? Teus paes adoram-te.

— N'esse caso, deixar-me-hão livre.

— Mas, pode ser que a tua felicidade não esteja commigo.

— Ser feliz comtigo é a unica felicidade, mas, a desgraça a teu lado é a melhor das desgraças!

— Vaes partir, não é assim?

— Emquanto a lua nos beijar, porque não heide eu beijar a lua, que brilha no teu rosto!

— Porque têmo que ella ámanhã não queira beijar-me por me julgar menos pura...

— Defender-te-hei...

— Estou só, Lopo...

— Só! e teu irmão?

— Foi em piedosa missão esta noute... Se elle nos encontrasse?!

— Cortejal'o-hia assim: senhor, dae-me vossa irmã.

— Vem dizer-lhe isso amanhã, á luz do sol.

— Amanhã não posso; tenho de partir.

— Partir?! Para onde partes, Lopo?

— Voltarei breve...

— Enganaste-me! Lopo, porque só agora me fallas em partir? Porque vieste até aqui enlouquecer-me de amor, se querias matar-me de saudade? Para onde partes?

— E' segredo, minha filha.

— Segredo para mim?

— Por teu bem.

— E', pois, empreza arriscada?

— Um pouco.

— Que importa o perigo?—se tal segredo me envolve no teu destino, quero conhecêl'o.

— Volto em breve—saberás então.

— Espera-te alguma mulher?

— Uma mulher, sim; amante, não.

— Tu o dizes, Lopo, e não posso, nem devo hesitar. Partes, e não dizes para onde! Um segredo? Tão pouco vale uma mulher, que nem merece conhecer um segredo do homem que jura amal-a!

— E, se o segredo não fôr meu?

— Saberei guardal-o, como se tu estivesses dentro do meu peito.

— Tens confiança em mim?

— Nada te posso occultar; tenho...

— Bem, n'esse caso, decóra bem as minhas palavras — em breve serás minha, que em tal prazer vae todo o meu empenho. Amanhã vou a uma santa empreza... Verás quanto ella tem de arrojada e generosa! Tu, que és bôa, amar-me-has mais ainda, quando houveres d'ella conhecimento... Sabes tão bem accudir aos infelizes!

— E quando me annuncias a vida a teu lado, vaes expôr-te a perdêl-a? Com que direito dispões do que pertence a nós ambos?

Lopo não respondeu. Evidentemente receiava insistir no assumpto.

— E quando voltas?

— Não sei. As saudadas hão de reenviar-me antes que tu me esqueças.

— Essa mulher vale mais que eu?

— E' mais infeliz...

— E, se eu 'o fosse tambem, valeria mais que ella?

— Tu vales mais que todas, a meus olhos, porque não tens ciume de minha mãe, nem das desgraçadas a quem defendo.

— Sou uma louca. Ciume de quem, e porque? Não és tu cavalheiroso e leal como o melhor dos fidalgos portuguezes! Bastava o respeito que tens por tua mãe para não lhe dares o desgosto de enganar uma pobre rapariga, que te ama, a ponto de se sacrificar, sacrificando o amor e a vida á tua felicidade. Era só este o segredo que eu queria conhecer: Pela vida de tua mãe juras amar-me?

— Juro amar-te! melhor; que te amo, e só a ti!

— E, se um dia amares outra mulher, terás tanto respeito pelo meu amor, que não deixarás que elle seja enganado? Juras?

— Juro, ainda.

— Bem, assim estou confiada. Sabes, Lopo? o meu amor não se parece com o das outras mulheres .. Talvez, por isso, valha menos... Mas, que importa, é assim mesmo. Só uma cousa me compensará de não poder viver para ti: será morrer para todos, quando tu tiveres morrido para mim! Não me conheces ainda!... O ciume faz-me uma grande pena, muito pelo que receio perder, e muito mais pelo que receio que percas... Quando penso que poderei ser estorvo aos teus prazeres, tenho vontade de fingir que te não quero! Se amasses outra mulher, eu mesma te daria essa mulher. Isto é ser inferior, pois não é? Não me julgues nem ingrata, nem orgulhosa. Sinto isto porque prézo mais a tua ventura que a minha. Se amares outra mulher, bôa, honesta, rica, nobre, que te ame devéras, dize-m'o, que eu tudo te perdôo, que eu nada reclamo! Quando, ás vezes, penso que o acaso me lançou no teu caminho para te cortar a carreira brilhante em que vaes, ou para apagar essa mocidade alegre, que te brilha no rosto, tenho tentações de pedir a Deus que me chame para o seu serviço... Depois de se amar um homem, como eu te amo, só é possivel amar o Senhor, que ama todos os infelizes...

— Martha, és a creatura mais deliciosa que o ceo me deparou! Pela minha espada, e pela gloria de Christo, em cuja ordem meu pae foi armado cavalleiro, prometto confundir a minha com a tua vida, compartilhar as tuas alegrias e as tuas tristezas, respeitar-te quanto a minha mãe, e amar-te mais que ao proprio Deus!

O espião lançara-se de rastos, para não ser visto e pareceu morder a fimbria do vestido de Martha..

A pobre menina repetiu machinalmente uma palavra que lhe parecera ouvir:

— O segredo?!

— Pois bem. Vaes saber quanto vale o meu amor. Martha, queres conhecer o segredo da minha partida?

— Não, não, accudiu embaraçada a victima do réptil. Não, não preciso de o conhecer... Partes, mas voltas; é quanto me basta. Os teus juramentos, o teu caracter... Que bellas garantias... Não, Lopo, nada digas.

— Para que has de ficar inquieta e apprehensiva? Vou dar-te a primeira prova do meu amor... A que vale alguma cousa, porque se prendem a ella a minha liberdade e talvez a minha vida!...

— A tua vida? Vaes, pois, arriscal-a? N'esse caso esse segredo é terrivel! Peço-te que o guardes, guarda-o até em sonhos; não vão elles denuncial-o aos echos tristes da noute! Cala-te, Lopo, cala-te!

— Tenho remorsos de não te haver dito tudo! Pois, eu poderia nunca desconfiar de ti, tão amorosa, tão dedicada! Como pude eu reservar só para mim um segredo ligado á vida de nós ambos? Sabel-o tu tambem, é o mesmo que sabêl-o eu só. Sim, Martha, se estás dentro do meu peito, como poderia occultar-te, o que occulto dos meus inimigos? Queres saber o motivo da minha ausencia?

Martha comprehendia agora que tinha sido imprudente. Com que direito havia de provocar uma revelação, que era só feita a ella e que podia ser escutada por outrem?

Firme Fé estava ali; ouviria tudo... Martha tinha confiança no valido; e Lopo tel-a-hia tambem?

O melhor seria dizer ao dedicado e confiado rapaz que havia ali uma testemunha... Elle, porem, havia de estranhar que tão tarde viessse tal aviso... Se tinha alguem ali, tão proximo, porque o animára a confissões?

Era verdade: Firme Fé era o mesmo que um pae... Comtudo, parecia uma traição!

O melhor era aconselhar Lopo a que não fallasse mais em tal cousa... Era um segredo? Pois fosse um segredo... E, demais era um segredo de gravidade... Dependia d'elle, talvez, a liberdade e até a vida!

Taes segredos nunca podem deixar de o ser... Que grande responsabilidade que assume quem os descobre!... Mas, tambem deixar de se interessar por uma confissão, depois de saber que ella envolvia um mysterio cheio de perigos, não era rasoavel.

O que julgaria Lopo d'uma mulher que lhe pedia a revelação d'uma

futilidade, com o interesse que apenas o ciume inspirava, e que d'ella se desinteressava quando havia prenuncios de desgraça?!

No meio d'estas hesitações Lopo interveiu acariciando-a.

— Promettes guardar segredo?

— Se elle arrisca a tua vida, não o guardarei.

— Em não guardal'o é que está o perigo.

— Creio em ti. Se me prometteste voltar, se me juraste não se tratar d'uma amante, guarda no fundo do peito o segredo da tua empreza... Podem ouvil'o o ar, que nos refresca, e a lua, que nos illumina!

— Que importa! Se tiver castigo para a minha acção generosa, quero, ao menos a consolação do teu applauso...

— Vaes salvar alguem?

— Vou.

— N'esse caso de quem temes condemnação e castigo?

— Dos máos, dos que não salvam em nome da humanidade, mas perseguem, em nome de Deus.

— E, se não salvas a quem queres, e te perdes, sem que te salvem?

— E' destino. Cumpra-se.

— E arriscas-te a perder-me, por salvar — quem?

— Uma degraçada mulher, que ha vinte annos anda fugitiva por terras de Hespanha e por quantas o Santo Officio domina no mundo catholico!

— Grande criminosa?

— Assim lhe chamam o Papa, de Roma, o rei das Hespanhas e o Inquisidor de Llereña.

— E não é?...

— Que julgas tu um crime?

— Matar alguem... roubar o alheio, não respeitar os principes, offender a Egreja...

— Pois a desgraçada mulher, que eu e os meus companheiros ha dias roubámos a Badajoz, onde ella estava occulta, essa infeliz nada d'isso fez...

— E fazem-lhe montaria como a lobo?!...

— Ha vinte annos que a miseravel, depois de ter recuperado a razão, logrou fugir de Sevilha... depois de perdoada... A demissão de Deza arrancou-a aos carceres da Inquisição, onde soffreu as crueldades mais infernaes. — De noute pelos campos, de dia occulta nas cavernas dos ciganos, essa mulher, regenerada pelo amor e pelo martyrio, tem conseguido escapar á batida com que os esbirros da Egreja e os alguasis de Fernando V e de Carlos X a teem perseguido! Ora occulta nos trigaes, ora nos feixes dos palheiros, pelos matagaes mais densos, pelas fendas das serras, de

aldêa em aldêa, pelas locandas e pousadas, envolvida em caravanas de mendigos ou em bandos de salteadores, cantando entre os bohemios, vagando entre pescadores, atravessando a fronteira do seu paiz, adormecendo em Hespanha, despertando em Portugal, essa creatura, formosa como uma madona de cathedral, encanecida como os velhos romeiros de Jerusalem, passa, como uma nuvem de vento por cima da cabeça dos seus perseguidores, que a avistam de muito longe, e, se desfaz depois, açoutando-os no rosto...

Essa luz, ou essa sombra,—luz, que o amor accendeu, sombra que o martyrio projectou no sólo hespanhol, arrasta-se e vôa, canta e chora, ameaça e pede, premeia e castiga! As caravellas que se fazem ao mar carregadas de judeus e christãos novos, de philosophos herejes e de inimigos das duas tyrannias alliadas, em nome de Christo, que não foi rei nem Papa, invocam-na, ao verem no topo dos mastros as luzes que o ceo, ou o inferno ali põem a scintillar! A fama do seu nome atravessou os portaes dos velhos alcazares, onde os reis e os bispos concertavam trabalhos de intolerancia contra os homisiados e os foragidos. A's sombras dos carceres religiosos chegava o echo das suas ameaças como um grito de esperança para suspeitos e condemnados! A imaginação popular creava lendas maravilhosas em que a formosa cigana, em tratos com os espiritos, descobrira talismans que faziam brotar o ouro do seio da terra, e os raios da vingança celeste das nuvens acastelladas sobre a cabeça dos inquisidores!—Citava-se a morte repentina de frades e esbirros, em cumprimento de decretos de taes bruxedos e de taes juizos de vingança, ou de justo castigo. Se, em alguma parte dos reinos onde a Inquisição mais trabalhava na sua obra de tortura, appareciam vestigios de peste, dizia a crendice dos perseguidos que por ali passara o habito da vingadora!

Havia quem jurasse tel'a visto, de noute, de olhar fulminador, sobre a cupula incompleta de S. Pedro, em Roma, e a gritar com o vento, em dias de temporal, nas agulhas da Giralda, de Sevilha! Acreditava-se que essa mulher presidia a uma grande associação de christãos novos, que animavam a heresia e conspiravam contra os thronos de Francisco I, Carlos V e João III!

Que alguma cousa de verdade havia em taes ousadias e terrores, era ponto assente entre a espionagem da côrte e os mais prespicazes juizes dos tribunaes religiosos...

Por entre tanto dizer absurdo, passava, ás vezes, noticia de factos averiguados. Em Llereña tinham desapparecido do carcere alguns condemnados, sem que nunca se soubesse como succedera o milagre.

Em Sevilha, uma noute, o borzeguim, que levava tres judeus para o Palacio da Fé, quando chegou ao seu destino, ia despejado!

Tudo isto era attribuido a uma associação secreta servida e dirigida pela famigerada cigana. Ninguem se lembrava de attribuir essas façanhas á Gardunha. A torpe associação estava n'esse tempo em notavel decadencia... Nem o fazer bem se achava consignado nos seus estatutos!... Em virtude de algumas buscas domiciliarias tinham sido encontradas muitas armas brancas em casas sem moradores. Evidentemente de alguma parte vinha dinheiro, em alguma parte elle era reunido e administrado... A corrupção dos pequenos funccionarios da justiça vinha d'ahi...

E Lopo descreveu a Martha taes mysterios.

— E, conheces todos esses segredos?

— Todos.

— Porque alguem t'os revelou?

— Porque faço parte d'essa congregação de gente bôa, apparelhada para a salvação de innocentes ..

— E essa mulher é uma realidade, ou um sonho?

— Uma realidade.

— E chama-se?

— Suzana.

— E vaes salvál'a?

— Já a salvámos.

— Então a que vaes?

— A defendêl'a no seu esconderijo.

— Em Hespanha?

— Não, em Portugal. Cercada em Badajoz, para onde partira de Llereña com um desgraçado fugido a um auto de fé, ia ser detida quando a nossa gente invadio a cidade, e á mão armada, atravessou de novo a fronteira.

— Está salva?

— Se el-rei não a descobrir em terras portuguezas...

— E, se a descobrir?..

— Entregal'a-ha a Selaya, que já a reclama com insistencia!

— Como és bom e generoso, meu Lopo! Sou eu agora que te peço que partas e que accudas á santa creatura... Esconde-a bem... Que nem o céo presinta o logar em que ella se acouta!... Pudesse eu ir comtigo!... Felizmente el-rei é bom e não ha de entregar ás fogueiras de Hespanha quem se accolheu em terras de Portugal...

— Confias em D. João?

— Confio.

— Quem te trouxe novas d'elle?

— Um santo homem, que muito protegeu meu irmão e a quem devemos desinteressados beneficios...

— E é da côrte?

— Diz elle que não, mas sabe e vale tanto, que, decerto, tem nome e valimento na Alcaçova. Quando partes?

— Amanhã.

— E para onde? Pode-se saber?

— Para Campo Maior.

— E' lá que está a tua Suzana?

— E'.

— Queres que recommende a tua empreza?...

— A ninguem. Este segredo deve morrer no fundo do teu peito — aliás seriam muitas as desgraças... Se queres ver-me perdido, perdida muita gente da nossa e da alheia terra, basta que uma só das minhas palavras seja repetida aos ouvidos d'el-rei, d'algum dos seus ministros, ou dos espiões seus validos. — Arde a côrte portugueza no desejo de haver ás mãos foragidos de Hespanha... Assim lisonjeará o Santo Officio e justificará, perante o Papa, o pedido de bullas para o estabelecimento da Inquisição em Portugal.

— E', então, muito grave quanto tenho ouvido?

— Gravissimo, Martha, gravissimo! Deixar fugir este segredo seria o mesmo que destruir o mais bello edificio de esperanças, que, á custa de lagrimas e de sangue, a raça perseguida, houvesse levantado, n'este mundo de odios e de iniquidades! Ah! não imaginas, minha querida Martha, se a minha voz tivesse n'este momento echo n'esses logares, onde se planêam vinganças contra os que teem escapado á furia inquisitorial, quantas familias se vestiriam de dó, quantos lares arrefecerão de todo!?

— Mas, se gente boa e amiga nos tivesse escutado?...

— E a que chamas gente boa e amiga n'estes tempos? Pois queres gente mais piedosa que essa que cerca a rainha e que inspira os protestos de Pedro d'Alcaçova? O Inquisidor de Badajoz, que pretende vingar a Inquisição de Llereña, não pede sangue e cinzas, em nome de Deus offendido e para salvação da alma dos fugitivos? Quem é bom n'estes tempos em que só pensam em fazer mal a justiça, a egreja e até o amôr?

— Até o amor!?

— Pois que? Ignoras, minha pobre Martha, que o fanatismo tem alastrado por tal forma no coração das mulheres, que até na historia dos grandes martyrios, ha denuncias, feitas por donzellas, das heresias de seus amantes?! A ignorancia tudo tem avassallado! Recordo agora um pae que ajudou a accender a fogueira para suas filhas, e que, emquanto as desgraçadas se occultavam em nuvens de fumo, ajoelhava piedosamente offerecendo a Deus a sua prole purificada no patibulo!

— Que horror, meu Deus! Quem sabe se o acaso, uma leviandade, a boa fé, o fez réo d'um crime praticado sem intenção?

— E' por isso, que te recommendo, Martha, que me agradeças a confiança, mas que não a atraiçoes sequér nas orações que meditares, no silencio da tua alcôva, ao santo da tua devoção... A espionagem anda no ar, scintilla na luz das lampadas, espreita sonhos e pensamentos, move-nos os gestos e os olhares... Devemos temer a luz do ceo, devemos temer o manto das imagens... As aves que passam voando, as aguas que vão pelos ribeiros, se nos vêem, espreitam-nos — se cantam ou murmuram, vão delatando nossos segredos!

— Fazes-me muito mêdo, Lopo, muito mêdo! Então não ha quem nos mereça fé, confiança, mais confiança e mais fé que nós proprios?

— A verdadeira solidariedade só pode ser garantida pela cumplicidade...

— Queres dizer?

— Que só a garganta, que ha de affogar-se no mesmo laço feito para a nossa, é cauta e discreta.

— E, comtudo, déste-me o teu segredo!

— Dei-te a minha vida. Dispõe d'ella, Martha, como de cousa tua. Não me queixarei... Querias uma grande prova do meu amor? Ahi a tens... Dá-me agora uma prova do teu...

— Manda...

— Vês, alem da ponte, aquelles vultos embuçados, que evitam o luar, tanto, quanto eu o procuro?

— Sim, e muitos são... Não deve ser honrada a empreza...

— Não sabes o que elles ali fazem?

— Por Deus, que não.

— Esperam-me para me seguirem, ou para me deterem... E' indispensavel que me percam a pista. Aquillo é signal de traição. Queres salvar-me?

— E perguntas?...

— E' preciso que entre em tua casa...

— Mas...

— Disseste-me que estavas só... teu irmão não virá, que eu sei onde elle pára...

— Mas virá...

— Virá, sim, e se viesse e me encontrasse, o perigo não seria maior. Não me defendo — defendo a minha empreza... Sou fidalgo... appello para o teu amor: não commetto cobardias. Preciso de atravessar a tua casa e sahir pela porta que communica com a betesga que dá serventia ao terraço...

— Espera, disse Martha, e internou-se em busca de Firme Fé.

O espião desapparecera. A pobre menina teve um estremecimento d'alegria. Talvez que não tivesse ouvido o segredo de Lopo! Que felicidade!

Voltou á adufa.

— Salta... guiar-te-hei os passos.

Lopo obedeceu rapidamente.

— Não esqueças a capa.

— Deixo-a em meu logar. Emquanto ella ali estiver, julgarão os esbirros que não subi, nem desci, e, entretanto, estarei a salvo...

E os dous amantes, de mãos dadas, foram seguindo, até á porta do terraço onde, em vez de luar, cahiam as sombras das altas chaminés.

— Que Deus vá em tua companhia! disse Martha estendendo a mão, que Lopo beijou com amoroso respeito.

— E que o teu olhar me illumine o caminho, e que a minha saudade me reconduza em breve!

E, depois d'um momento de silencio:

— Martha, queres ser minha?

— Sou...

— Pois bem — se eu não voltar, acreditarás que fui vencido por uma cilada...

— Morrerei de dôr...

— Não se trata de morrer, mas de esperar — de esperar e de me procurar.

— Irei por ti, juro-o.

E Lopo tirou dos dedos uma formosa annilha de ouro com duas letras no timbre.

— A quem se apresentar com outra igual dando-te noticias da minha vida, ou da minha morte, acceitarás por guia e conselheiro.

Martha reflectia...

— Estas duas letras — significam — *filhos de Jacob*. Confio-te este talisman. O que mais approuver ao teu espirito, protecção ou vingança, elle te dará...

— Filhos de Jacob! repetio Martha mentalmente, ou em voz tão fraca que Lopo nada ouviu.

— Agora um beijo.

E os echos da noute, por entre a ramaria que fechava a porta da betesga, repetiram esse beijo...

Entretanto, os vultos, que pairavam alem da ponte, aproximaram-se do balcão de Martha, cada vez mais illuminado.

— Perdoae, meu fidalgo, se vos interrompo em tão doce entretenimento. Venho da parte d'el-rei, pedir-vos que subaes á Alcaçova antes de nascer o sol.

E, como ninguem respondesse, a mesma voz, proseguio.

— Negocios do estado, e da mais alta importancia, reclamam os serviços do nobre cavalleiro, que é dos de maior valia e não se confunde com os de espora dourada, fadados para torneios amorosos...

A capa preta de Lopo moveu-se em meio da adufa semi-cerrada.

— Vamos, gentilhomem, não desdenheis, que não vos faremos guarda, mas cortejo. Se aqui estão gibões de menor custo sobre os quaes podereis descer do altar de S. Braz, tambem aqui tendes amigos e pares de D. Pedro d'Alcaçova, secretario mais privado d'el-rei!

O mesmo silencio.

Então, uma das figuras, que mais, affastada se conservara, levantou a espada até tocar a capa, e, com um brusco movimento, fel'a saltar no espaço.

— Não está ninguem sobre o balcão e a adufa não se moveu! Que quer isto dizer, sr. Henrique Nunes?

— Se eu affirmo, por minha fé, que ali o vi e ouvi, narrando maravilhas da cigana, e informando sobre os negocios de Selaya! Se não desceu, entrou...

— Espera, espera! gritou quasi com a surpreza, um dos esbirros.

— Nem esta capa é de Lopo. Ora, vejam, disse elle, apresentando-a do avesso, onde havia um signal a côres. Tem graça! Esta capa tem a marca particular de Jorge Themudo! Querem ver que o emissario d'el-rei anda em pesquizas... salutares pelos suspeitos do Borratem!

— Basta de gracejos! E' indispensavel impedir que elle parta para Campo Maior. Se não o viram fugir por este lado, é evidente que sahiu pelo outro...

— Pois bem, cerquemos a casa... Entretanto não seria mau saber o que dizem estas cousas que rumorejam no forro da capa...

— Se ella é de Jorge Themudo devemos ter ahi apontamentos da maravilhosa busca de heresias encommendada por el-rei...

— Vê sempre, vê, que uma capa, com marca de Themudo, cahida dos hombros de Lopo Soares, tem feitiço, com certeza...

— Olha lá, disse o esbirro, apresentando á lua o que quer que fosse, onde tentava ler — ha por aqui aspas e besantes, que lembram fidalguia mais alta que a de Jorge Themudo...

— Se não podes ler, adivinha...

— E estou adivinhando, que tenho olhos de lynce e faro de perdigueiro ..

— Estamos suspensos...

— E' um salvo conducto passado por D. Pedro d'Alcaçova, com ameaça de prisão e perdimento de logar que exercer, a quem detiver, vigiar ou perseguir o possuidor d'elle.

— Bravo! exclamaram os embuçados mais silenciosos.

— Iamos fazêl-a bonita, sr. Henrique Nunes. . Lá se iam logares e prebendas em troca do prazer de interromper amores, bem guardados por S. Braz! Era o mesmo que prender um principe de sangue ou um arcebispo frequentador dos serões da Alcaçova!

— Jorge Themudo, D. Pedro d'Alcaçova e Lopo Soares entendem-se?! Como é isto? Se a côrte assim conspira contra o throno, mal vae á côrte e mal á Egreja!

Depois, em voz alta, Firme Fé continuou:

— Dá-me essa capa e essa ordem... Veremos quem pode mais, se o valido, se o secretario. Não querem acompanhar-me, poltrões?

— Que Vossa senhoria, disse um, nos perdôe, mas fechar a nossa gloriosa carreira de alguasis, com um acto de rebeldia, poderá ser obra muito agradavel para os dominicanos, que não teem ainda prerogativas de juiz, mal talvez desagrade áquelle que tem em seu poder os sellos do estado.

— Não vêem, imbecis, que Lopo Soares abusou da confiança de D. Pedro e prepara uma traição contra os interesses do estado? O bando real annunciou paga generosa a quem descobrir o paradeiro dos judeus roubados á justiça de Castella pelos villões de Campo Maior. Lopo Soares vae a esta hora seguindo o caminho que nos deve levar á descoberta... Eu sou o valido d'el-rei! Posso mais que o poder; pago melhor que o erario real! Aquelle que realisar tal empreza servirá duas cabeças coroadas, João III e Carlos V... Ha um punhal constantemente erguido contra os servidores da justiça e da egreja... Uma forte associação, formada pelos marranos da peninsula, servida pelo ouro dos onzenarios e instigada pela vingança de herejes e malfeitores, ameaça o poder dos principes e de Deus... Aquelle de vós que metter hombros a tão nobre e gloriosa empreza terá honras e dinheiro, gibão de velludo, mercê de cavalleiro, quinhão no confisco, graças do throno e indulgencias do céo!

Ficaram mudas as sombrias personagens.

Henrique Nunes não desanimou:

— Se restituirmos a Selaya os fugitivos de Llereña, se dermos á Inquisição hespanhola os condemnados, teremos servido o throno e o altar, a rainha e o rei, a Hespanha e Portugal, os dominicanos e a fé! Vamos, rapazes, não ha ahi um só que tenha ambições de riquezas, de nome, de força e de gloria!?

Do grupo, então, se destacou a figura mais pequena e retrahida.

— Aqui me tens, Firme Fé. Por minhas virtudes, ou por meus vicios, acceito a empreza.

— Tens espada?

— Um punhal me basta... Ganharei com elle a lamina de fidalgo que promettes.

— E dinheiro?

— Dar-m'o-has, que tens a borzeleta pejada com o oiro d'el-rei.

— Aqui o tens, disse o valido entregando-lhe a bolsa que lhe pendia do cinto.

— Dize-me agora: Como te chamas?

— Diogo Vaz, disse o desconhecido, levantando a cabeça e mostrando o rosto.

— O clerigo?

— Sim, Diogo Vaz de Olivença, amigo, quasi irmão, de André Dias de Vianna.

— E queres?...

— Como não hei de querer? Clerigo de ordens menores, desprotegido, ignorado, sem artes nem talentos, arrastado por André, como sabeis, a philosophias perigosas, trabalhado por intrigas dominicanas, em perigo de me apaixonar por Martha Dias, porque não hei de fazer-me aventureiro e acceitar o que me offereces? Dizes-me que hei de ser rico? Pois, sel-o-hei. Farto estou de miseria desde que perdi meus paes e busquei o trabalho ingrato, pesado, deprimente.

— Julgava-te tão outro! Diogo, queres deixar a casa de André?

— Quero. Para que me hei de perder em protestos de reforma, inutilisando presente e futuro?

— Surprehende tal mudança... tão rapida!...

— E tu não mudaste tambem? Quando te ouvia, ali, em casa, taes cousas dizendo que parecias um imbecil, tinha vontade de reagir contra a moral que prégavas, moral que traz a miseria á bolsa, a gafeira ao corpo e a cobardia ao espirito! Soube, depois, que não dizias o que pensavas, que era outro o teu plano, outras as tuas vistas, mais largas e brilhantes as tuas ambições! Dize, Firme Fé, que precisas de mim?

— Que sigas e persigas Lopo Soares.

— Obedecerei.

— E tens odio que baste?

— Calcula! Ha mais de uma hora que vigio este balcão, e que sinto o ciume a morder-me no peito...

— Tens razão, Diogo; já que tens de resignar o amor, eleva-te e domina. Clerigo, agarra-te ao mainel dominicano e sobe a correr a escada dos prazeres e da riqueza.

— Levanta-me nos teus braços, que a difficuldade está em vencer o primeiro degrau.

— Sabes por onde começar?

— Por te ouvir.

— Pois bem, vae a Campo Maior, onde estão refugiados os conversos, e vive com elles...

— Vivo com elles?

— Sim, para que alguem morra ás nossas mãos, nada ha melhor que conviver com alguem...

— Henrique Nunes, conheço-te agora, és o mais notavel dos hypocritas!

— Se te atirarem á cabeça para que te abaixas? Para a defenderes, ou para fingires que não a tens? A hypocrisia é um escudo.

— Estou armado, como tu, e parto, com a capa de Jorge Themudo, o salvo-conducto de Pedro d'Alcaçova e o dinheiro d'el-rei.

— Aqui tens tudo isso, disse o valido, entregando-lhe a capa de Lopo.

— E de mim que levas? ajuntou, despedindo-se.

— Uma missão de justiça... Conviverei com os réus...

E, depois de ter atravessado a ponte e tapado o rosto com a dobra da capa:

— Conviverei com elles e arrasarei os algozes.

E a rua e a ponte ficaram silenciosas.

A lua, essa continuava illuminando a adufa, onde Martha espreitava.

VII

Intervallo

Amenisar a Historia sem a falsificar é a missão d'este livro. E dizemos, acintosamente, amenisar, em vez de romantisar, porque o nosso proposito não é converter a Historia em Romance, mas intercallar o Romance na Historia. — Intercallar não é misturar nem confundir; — n'este caso, é enfeitar a narração da verdade com as invenções da phantasia.

Não temos a convicção de cumprir com proficiencia a nossa tarefa, nos moldes do programma que nos impuzemos; mas confiamos, vaidosamente, nos intuitos que annunciámos e na probidade do nosso trabalho.

Emmoldurar as paginas da vida nacional do seculo XVI pode significar apenas uma tentativa para expor na sala da leitura popular as paginas poeirentas dos archivos, ou a obra methodica e pesada dos historiadores que trabalharam para os estudiosos.

Os chronistas, que escreveram o que ouviram e viram, legaram-nos noticia de factos e de homens, sabe Deus com que defeitos de vista e de criterio! Nem por estarem mais perto viram talvez melhor, nem por serem mais minuciosos foram, talvez, mais justos.

Em todo o caso, o seu trabalho ficou, e trouxe ao nosso tempo os melhores vestigios das epocas que não voltam.

E' certo, porém, que essas chronicas teem um cheiro bolorento e uma apparencia funebre, que não convidam a folheal-as e muito menos a traduzil-as.

Lembram lapides cheias de inscripções subterradas e partidas, que só os sabios procuram e interpretam, escavando o solo de Portugal.

Toda essa Historia pormenorisada, com o scenario e a linguagem mais proprios, apesar de representar, em muitos casos, mentiras interesseiras de cortezãos, ou ironias pungentes de tutellados, contem em si uma percentagem de verdade, e que n'ellas transluz como os metaes preciosos, em raras scintillações, aqui e ali, no filão d'uma grande mina!

A chronica, tendo atravessado seculos com todos os defeitos das paixões dos que a escreveram, veio afinal ao tribunal do seculo XIX, a depurar-se n'um processo instaurado pela liberdade e pela sciencia.

Foi ella então, confessando vergonhas da corrupção que a inspirou e alterações impostas pelas mesas censorias, acareada com os documentos sepultados no pó dos archivos, apontamentos d'uma historia nunca escripta, testemunhas vivas de quanto houve de glorioso e de miseravel...

Todos esses depoimentos, que o absolutismo guardou e defendeu até que vingou entre nós a grande revolução liberal d'este seculo, foram limpos, abertos e consultados. A Bibliotheca e o Archivo conjugaram-se, por tal fórma, sob o influxo dos nossos mais illustres homens de letras e de sciencia, que a Historia, emfim, poude apresentar-se com a austera belleza da sua idade, a gentil independencia da consciencia humana, e a verosimilhança e a philosophia das verdades descobertas.

Esse trabalho está feito, e é sobre elle que encetámos e desejamos concluir o nosso.

Teem, pois, os estudiosos, n'este momento, bem provido de elementos de estudo o gabinete das suas investigações na vida da nossa terra. Pode a geração lettrada, que deseja alongar a propria experiencia com a vida de seculos, vivida por seus avós, dispensar-se da trigança de bibliophila e paleographa, para escutar os echos funebres da intolerancia e os hymnos gloriosos das nossas vergonhas e das nossas façanhas, nos seculos XV e XVI.

Mas, os que carecem de vocação e de tempo para aprimorar o civismo no estudo do passado, dos heroes e dos mestres?

A instrucção popular não é só um direito dos povos, é tambem um dever dos que mais pensam e estudam. As melhores litteraturas do mundo são as que educam e instruem o povo, nas suas captivantes e variadas fórmas — a canção, o theatro, o romance...

Em cada nação um poeta, ou um novellista, espalhou, no estylo mais ligeiro e suggestivo, punhados de boa moral e de boa historia, que as creanças e os ignorantes, ao vel-as dispersas como folhas de rosa, ou faúlhas de girandolas, colhiam e admiravam.

A litteratura moderna será a pedagoga mais ardilosa e artistica, se quizer comprehender e desempenhar a sua missão.

O que a intuição dos litteratos mais evolutivos tem produzido até hoje, um pouco desordenadamente, carece de ser methodisado.

A Historia verdadeira cabe no romance imaginado, como cabem na alma d'um homem a razão e o sentimento. O que é indispensavel é que o sentimento não perturbe a razão, isto é que o romance não contrarie a Historia.

Ha, para obter esse resultado, dois processos: um consiste em não baralhar os episodios e as personagens romanticas com os factos e as figuras que a Historia authentica; o outro consiste em crear acção e figuras, que, sem terem registo na historia, representam fielmente episodios e caracteres, com tanta analogia com a epoca, meio, costumes e sentimentos d'um periodo historico, que a lição resalte, perfeita e proficua, do romance creado.

Adoptámos cumulativamente estes dois processos.

O que n'este romance pode ser filho da imaginação vae sem medo de que a Historia querelle... Personagem que não esteja na galeria dos archivos, funde-se nos moldes da especie, cuja existencia se comprova. O resto é tudo real e verdadeiro, como se mostra das chronicas, que os documentos corrigem ou comprovam, e com as modificações do criterio de nossos dias.'

O que tiver passado sem referencia bibliographica, ou parecer de auctoridade, deduz-se logicamente de outros factos. A deducção historica não desauctorisa nem o historiador, nem o romancista.

Amenisemos, pois, a Historia sem a prejudicar... E' um caso de consciencia...

* * *

Na primeira parte d'esta obra, aproveitámos os dous factos que principalmente determinaram, no reinado de D. Manoel, as tentativas frustradas para o estabelecimento de Inquisição em Portugal — a matança de 1506, producto da perseguição imposta a Portugal pela côrte de Hespanha e do furor popular contra a raça hebrêa — e o pacto secreto para a extradição dos refugiados em terras portuguezas, a requisição da Inquisição hespanhola. O primeiro deu-nos exacto conhecimento do fanatismo da nossa gente, instigada pela nobreza que formava o partido da rainha, pelos dominicanos, que dominavam em toda a peninsula, e pela fraqueza e versatilidade do rei que melhor vio brilhar a estrella d'Aviz.

Assim conjugados os interesses das corôas de Fernando V e Manoel I, observámos quanto activa e barbaramente a Inquisição operava além das nossas fronteiras, e quanto áquem se procurava servil'a, e até imital'a.

A peste da intolerancia, que se alastrára pelo mundo, fazia-nos cerco por terra e pelo mar, e, se não conseguio invadir-nos e assolar-nos, emquanto o rei afortunado teve bom conselho e consolada existencia, poude incubar os germens mais perigosos na alcova real e no soalheiro da populaça.

A expulsão dos judeus, que foi um acto de leal brutalidade, e a cumplicidade secreta e diplomatica, que, foi um acto da mais deshonrosa cobardia, provaram-nos que o clarão das fogueiras castelhanas se reflectio em terras lusitanas desde o alvorecer do seculo XVI.

Na segunda parte, teremos de historiar a invasão definitiva do flagello, protegida pela incursão de fugitivos e pela extradição clara e franca d'esses desgraçados. E, porque á creação dos tribunaes religiosos correspondiam complicadas formalidades e conciliação de interesses internacionaes, buscou-se reanimar a questão religiosa, provocar aleives e represalias, e brindar a justiça dos tribunaes civis com as torturas e os patibulos inquisitoriaes.

Para isso a desventura poz D. João III no throno de Portugal, e deu-lhe por ministro Pedro d'Alcaçova — dous filhos degenerados — que só cuidaram em destruir a obra de seus paes — o rei sem alma de homem. o ministro sem caracter de cidadão.

Procuravam-se pretextos para procedimentos graves, e dada a existencia da Inquisição em terras fronteiriças, não era difficil encontral'os.

Mas, antes de avançarmos, justifiquemos o caminho por onde desejámos que o leitor nos acompanhe.

E ao partir, far-nos-hemos acompanhar das melhores referencias, que authorisem a sinceridade da nossa narrativa.

No capitulo precedente alludimos á existencia d'uma forte sociedade de judeus e christãos novos... Seria a que tinha por titulo *Os filhos de Jacob*? Talvez.

Herculano ensina-nos: «Dizia-se então, geralmente, que os conversos haviam constituido uma vasta associação para mutuamente se ajudarem com os immensos recursos que lhes davam as riquezas d'uns, a illustração de outros, a astucia de muitos, e o temor vigilante de todos. Ao mesmo tempo accusava-se a Magistratura de corrupção...».

Não havia a menor duvida: os perseguidos defendiam-se, e era natural, que, para mais devotadamente se congregarem, haviam de appellar para o sentimento da vingança e recordar as suas victimas mais celebres.

Foi essa associação que raptou a condemnada de Badajoz? Haveria effectivamente refugiados em Campo Maior?

No Archivo Nacional ha documentos importantes a este respeito, além da carta de Selaya, o Inquisidor de Badajoz.

O nosso grande historiador resume-os assim:

«A imprudencia de alguns refugiados castelhanos vinha, por aquelle mesmo tempo, aggravar a situação dos christãos novos portuguezes. Perseguidos pelo Inquisidor de Badajoz esses conversos tinham procurado

refugio em Campo Maior. D'aqui, tendo reunido gente armada, voltaram áquella povoação e, libertando uma mulher já inhibida pela Inquisição de sahir da cidade, pozeram, ao mesmo tempo em salvo alfaias e outros objectos, que não tinham podido trazer comsigo na occasião da fuga» As reclamações de Selaya e dos inquisidores de Llereña estão tambem comprovadas com documentos existentes no Archivo Nacional.

Selaya era o Inquisidor de Badajoz e tão irritado ficou com o attentado, que escreveu directamente ao rei de Portugal!

D. João III tinha relações particulares, e até muito intimas, com os verdugos religiosos da Hespanha. Foi talvez essa circumstancia que moveu alguns historiadores portuguezes, e de inconstestavel authoridade, a isentar de graves responsabilidades, no miseravel reinado de que nos estamos occupando, aquelle perfido ministro, que se chamou Pedro d'Alcaçova. D'esses contos largos trataremos em capitulo especial... Que alguem, por mais modesto que seja, proteste contra a fama de *Primeiro Pombal,* ao filho de Antonio Carneiro. O caso foi que Selaya escreveu a D. João, como se tratasse d'um negocio, de igual para igual.

Corresponderam-se muito confidencialmente, como bons amigos, o rei e o inquisidor, a respeito dos fugitivos.

Para servir os seus collegas de Llereña o carrasco d'alem Caia, declarou inevitavel a extradição, e foi annunciando que a intervenção de Carlos V n'esse assumpto não se faria esperar.

E não fez...

O grande rei, apezar do enorme pezo da corôa que puzera na cabeça, perfillou-se muito arrogantemente diante do seu cunhado, e exigio o que Selaya apenas recommendára.

Não está bem averiguado o resultado d'este conflicto, mas, por mais que se conjecture o conselho contrario do governo portuguez, os acontecimentos, que se seguiram, fazem-n'os deduzir, que, estando morto D. Manuel e affastado da Alcaçova Antonio Carneiro, e a gente de Campo Maior pagou no carcere e na fogueira, a sua corajosa aventura.

Nem podia deixar de ser! O secretario d'estado não era homem para embaraçar a vontade do seu rei, que isso poderia lesar interesses que o fascinavam; e o rei não perdeu, de certo o ensejo de se mostrar solidario com a princeza, que tinha a seu lado no thalamo e no throno. Com a dialectica de Selaya tambem deviam ter concordado os dominicanos, os habeis urdimallas que muito bem se entendiam com o Papa e com Firme Fé, isto é, com o chefe da egreja e com o alcaiote de D. João.

Herculano fartou-se de procurar noticia da solução no tombo aberto á Historia pela revolução liberal; mas perdeu o seu tempo...

Que a logica nos auxilie n'esta escuridão de mais de tres seculos!

Os fugitivos de Badajoz estavam, pois, mettidos entre a arrogancia hespanhola e a hypocrisia portugueza, como um molusco entre as duas valvas d'uma concha!...

E a argucia dos inquisidores era de molde a convencer da extradicção as intelligencias mais refractarias.

Na carta de Selaya discorre-se muito sabiamente sobre a necessidade de, com tratados, ou sem elles, dar caça sem treguas á gente hebrêa, antes ou depois do baptismo.

Por exemplo — a conversão era e não era obrigatoria, porque, se na verdade, iam á inquisição os que não abjuravam, certo era que o baptismo podia ser substituido pela fogueira!...

Isto queria dizer que a intolerancia creára um dilemma... Ora, se um delemma tem duas pontas, era evidente que a do baptismo era preferida *livremente* pelos perseguidos.

E continuava:

Tão dignos de castigo eram os judeus, quanto os christãos novos. Os judeus, porque professavam a mentira, e os christãos novos, porque mentiam ao christianismo, mantendo-se fieis á sua antiga fé!

E, se os conversos eram sinceros, que confiança poderiam inspirar, elles que tinham uma fé tão pouco firme, tão insconstante, que pareciam ter o vêso de mudar de Deus e de doutrina!

E, depois, andára, havia pouco, na peninsula, um judeu, chegado do Oriente, que se cançou prégando a restauração de Judá e a vinda do Messias!

Selaya chegava até o excesso de defender a religião de Moysés não admittindo que fossem tolerados os judeus que interpretavam o *Velho Testamento* contra a opinião dos karaitas!

D. João III leu isto tudo, que lhe dizia o perfido hespanhol, consultou a tal respeito a rainha, o valido e o seu odio á raça hebrêa, e convenceu-se de que estava tudo d'accordo!

Não se sabe se el-rei tambem consultou o seu secretario... *Pro forma* — talvez; mas, n'esse caso, é mais que certo, que Pedro d'Alcaçova lhe respondeu que deixava a seu amo a resolução de todos os negocios da egreja!

E foi assim que elle obteve, mais de trez seculos depois, uma promoção escandalosa a *Pombal* do seculo XVI...

Ainda não havia inquisição em Portugal, na epocha em que tem ido deslisando este romance; isso é verdade! Mas havia já em Portugal a inquisição de Hespanha! Estavam os tribunaes, os juizes, os carceres, os

algozes para alem das nossas fronteiras seccas, mas os esbirros que ella trazia a soldo, andavam livremente recrutando as victimas em todos os dominios de Carlos V, até a foz do Tejo!!

A perda da nossa independencia perante o Santo Officio, foi o prenuncio da perda da nossa nacionalidade.

Os frades chegaram primeiro que os Filippes:

Quem sabe se no espirito de tantos fidalgos e estadistas da côrte de D. João III andava já, como uma vaga aspiração, o tenebroso plano de dar o inquisição ao povo, para o quebrantar e perder?! Não fosse elle um dia vingar a perda do reino no sangue corrompido dos fidalgos venaes!

Quem sabe se até o celebre e indifferente secretario, que não se intromettia em negocios de fé, não estava já antegosando os titulos e thesouros, que soube mais tarde haver, em paga de servilismos e traições, do usurpador castelhano!

E' pois n'este momento, e com esta gente, que teremos de desenvolver alguns d'esses episodios que assignalam torpezas de reis, servidos por espiões, crueldades da egreja, servida por bandidos, vergonhas populares servidas pelo fanatismo e pelo odio!

Quem ler com attenção os processos d'aquelle tempo, e comparar as sentenças applicadas em Portugal com as que deshonravam a Hespanha, não hesitará em reconhecer que bem cedo, embora sem reconhecimento official, logrou D. João III estabelecer a Inquisição em terras portuguezas.

Que o digam os acontecimentos de Olivença e de Gouveia, se a intolerancia religiosa não era já o regimen penal adoptado em todo o paiz.

Os processos summarios, as devassas, a corrupção das testemunhas e dos magistrados, a dispensa de provas, as sentenças deseguaes e apaixonadas, as execuções com a assistencia do clero, o garrote, a fogueira — tudo indicava que, emquanto de Roma não vinha licença para a creação dos Tribunaes da Fé, el-rei e os seus ministros, a rainha e a sua côrte, os dominicanos e a sua intriga, o povo e o seu fanatismo — todos se empenhavam em entreter o tempo ensaiando, sobre os cadafalsos levantados nas praças publicas, o cruel espectaculo dos autos de fé.

A espionagem alastrava por toda a parte, as prisões secretas tornavam-se episodios vulgares, as querellas por heresias eram a faina principal dos regedores da justiça... As injurias dirigidas ao céo, admittiam retratação que era já a formula embryonaria da apostasia, ou da conversão.

O bispo de Ceuta, á frente da diocese d'Olivença, então ainda sob o nosso dominio, e que ganhava o titulo de *isenta*, por sua conta e para sa-

tisfazer o seu odio contra a raça hebrêa, cercava-se de frades, e aproveitava as delações que elles faziam, para ministrar justiça inquisitorial.

Este santo bispo nunca percorreu a terra da sua jurisdicção que não fosse para encarcerar homens e mulheres accusados de judaismo.

Animado com os applausos imbecis do populacho, julgava, á moda de Castella, e ia lançando ao fogo os corpos dos judeus, por não quererem converter-se, e dos christãos novos por se terem convertido!

Sabiam de tudo isto a côrte e o governo de D. João?

Evidentemente. Sabiam e não intervinham!

Aquella *isenção* era pretexto para fazer mais proveitosa a extradição tacitamente accordada.

Olivença fazia ainda parte da lareira de Badajoz onde crepitava a toda a hora a chamma do Santo-Officio. As faúlhas e as cinzas das fogueiras de Carlos V punham estes incendios em territorio de D. João. E o incendio ia, pouco a pouco, descendo pelo Alemtejo...

Pedro d'Alcaçova e o seu rei lamentavam decerto, estes abusos, mas, como eram respeitadores dos fóros concedidos, deixavam o bispo arvorar-se em inquisidor, apezar de não haver ainda inquisição.

Mais meia duzia de dioceses *isentas* e o flagello da perseguição religiosa alastraria por todo o reino.

E o povo estava de harmonia com o bispo e com o rei, e bem instigado por quem o conhecia e sabia exploral-o, elle proprio se encarregava de reclamar essas perseguições.

Os frades inventavam cartas regias e breves da nunciatura em que eram conferidos aos christãos velhos poderes para prenderem os novos, a devassarem-lhes as heresias, e até a punil-os com as chammas!

E' por isso que a *Symmicta*, descrevendo os tumultos de Gouveia, refere que o povo, por vezes, se amotinava e logo fazia soar os sinos da egreja matriz. E a turba, na ferocidade do seu odio, como se para tal houvesse motivo e direito, soltava o pregão — *Justiça, em nome d'el-rei nosso senhor contra os hereges*...

E os nomes das futuras victimas vibravam sinistramente pelas ruas sombrias e iam acordár os innocentes á hora em que elles sonhavam, talvez, com a sua fé e os seus amores!

E ainda não havia inquisição em Portugal!

Havia alguem que protestasse contra tamanha selvageria?

Havia pouca gente, e essa, por pensar de forma tão contraria ao povo e ao rei, era constantemente despojada dos seus cargos e do seu valimento.

Que o digam o bispo do Algarve D. Fernando Coutinho, e o do Funchal D. Diogo Pinheiro.

Tinham tão santos e illustrados varões servido D. João II e D. Manoel, e junto d'elles defendido os desgraçados conversos...

De que serviam, porém, os eloquentes protestos de gente honrada e velha?

Serviam apenas para provar que nem tudo estava ainda perdido, mas esse pequeno saldo ia em breve desapparecer, que a doença, a velhice e a indignação o fazia incompativel com aquella gente ignorante, fanatica e má!

E esses dois bispos, que nada se pareciam com o de Ceuta, costumavam restituir á liberdade os desgraçados, que, em virtude de falsas accusações, eram confiados á sua jurisdicção espiritual.

Nobres e gentilissimas figuras as d'esses velhos servidores do throno e da egreja, e que, apezar de saberem que era infallivel o advento do santo tribunal, não hesitavam em defender as idéas de tolerancia para com o judaismo, affrontando o tribunal metropolitano e até o Desembargo d'el-rei!

D. Fernando Coutinho teve um dia de julgar um crime de grave heresia — um ébrio falára com descortezia da Virgem Maria... O accusador era um official de justiça... e os frades de Loulé testemunhavam o facto...

O processo foi devolvido ao rei e ao arcebispo de Lisboa! E o rei e o arcebispo de novo o enviaram ao bispo pertinaz, que então, mais altivamente se desembaraçou da tarefa, deixando-a aos novos jurisconsultos, que tanto bajulavam a vontade cruel do rei e a opinião imbecil da populaça.

Herculano traduziu esta pungente ironia com que o integro juiz declinava o exercicio do seu cargo:

«Se eu não tivesse feito setenta annos e fôra homem d'este tempo que corre, ainda assim havia de julgar falsa a prova, porque a sua falsidade é patente e clarissima aos olhos da jurisprudencia. Tanto o meirinho, que deu a querella como as testemunhas deviam ir á polé».

E concluia:

«Sem ser Pilatos, lavo minhas mãos d'este negocio. Julguem-n'o os litteratos modernos».

E os litteratos modernos, os taes que lisonjeavam e rei perfido e a turba brutal, arredaram o velho altivo e independente e levaram o ébrio ao carcere e á fogueira!...

E ainda não havia inquisição em Portugal!

E Olivença, e Gouveia, e Loulé, acompanhando outras miserias e tyrannias de outras cidades e villas, iam-se illuminando com as chammas que o Inferno punha ao serviço do céo!

*
* *

Em Portugal estava tudo disposto, tudo, para inaugurar a Inquisição.

Ainda não tinha chegado o momento em que, a Braz Netto, nosso embaixador em Roma, haviam de ser dadas instruções para impetrar uma bulla de Clemente VII, mas já no espirito de toda a gente dominava a ideia de que os crimes de heresia haviam de ser punidos em Portugal com as penas estabelecidas em Hespanhas.

Faltava apenas a creação do tribunal com todos os poderes para administrar justiça, independentemente do estado civil!

Faltava ainda o estabelecimento do carcere com os seus mysterios e das torturas com todos os seus horrores! Por isso mesmo corriam os processos mais velozmente e as fogueiras accendiam-se com menos apparato religioso!

O rei accumulava a tyrannia civil com a tyrannia da igreja...

Ora, essa accummulação levava alguns espiritos dados a distincções casuisticas a declarar que era preferivel a Inquisição, como se achava estabelecida em Castella...

Que ao menos, diziam esses pseudo liberaes do seculo XVI, que a politica do estado não se barulhe, com estas questões de fé.

O governo de D. João III tinha muito em que pensar. A politica internacional não se apresentava de feição pacifica e os problemas relativos aos negocios da Africa e da India eram de sobra para occupar os cuidados dos secretarios do estado.

Esta corrente da opinião tinha sido habilmente explorada na Alcaçova pelos partidarios da rainha, os frades tambem achavam razoavel que a elles só fosse confiada a missão de defender o ceo.

E o povo? Benza-o Deus! Dera-lhe a gafeira do fanatismo, e andava, que era mesmo uma lastima, a fazer-se instrumento da corôa e do altar.

Até o povo era tyranno n'esses omminosos tempos de obscurantismo! Até elle armava o braço dos seus principes e fazia continencia á milicia fradesca, que lhe escravisava a consciencia e a acção!

Não sabia pensar, nem ler, nem escrever! Não comprehendia nem a sua, nem a obra alheia!

O povo?

Sim, o povo, essa grande multidão, que conteria toda a força d'um rei, se tivesse a minima parcella de bondade e de sciencia!

O povo dos campos e das cidades, o martyr, o imbecil, é que mais

que os planos arteiros da nobreza, concorreu para que a Inquisição surgisse em Portugal!

Foi elle que lapidou os marranos e contra elles soltou brados de ameaça e de exterminio! A sua mansidão, ou cobardia, só se transformava em odio e em revolta quando os miseraveis hebreus, na lucta pela vida, ganhavam com o seu trabalho recursos para luctar com a morte.

Quem lapidava nas ruas os miseros que renegavam a sua fé religiosa, para não serem espoliados e mortos? O povo, que se dizia christão e tinha do christianismo a falsa noção da industria da Igreja e do roubo do estado...

Escravo o pensamento, escravo o trabalho, reduzido a material de guerra, no mar embravecido e na terra selvagem, affastado da vida publica, privado de fóros e regalias, que lhe tinham negado escarnecendo-o, ainda pesado pelo feudalismo, que se reanimava á proporção que arrefeciam as cinzas de D. João II — sem voz nas côrtes dos trez estados, que se repelliam e incompatibilisavam — esse povo, entretido com milagres e sortilegios, sombrio, divagando pelos claustros, faminto, de escudella estendida nos portaes dos conventos, nem sabia ser uma multidão que inspirasse dó aos investigadores da sua historia. A sua desgraça não lhe abrandava o coração, nem lhe inspirava sentimentos de justiça! Pelo contrario! Era elle que formava cortejo triumphal aos grandes victoriosos, que alentava e acclamava a realeza déspota e sordida, que accendia odios e fogueiras!

Esse povo do seculo XV, que enchera o mundo com as suas façanhas e glorias, estava no seculo XVI em genuflexão fanatica e imbecil diante dos altares, que tinham a forma de patibulos, e continuava, estupidamente, a flagellar-se e a envilecer-se! Com tal rei, tal povo e tal clero, com aquella nobreza que se apparelhava já para as cobardias do Santo Officio e para as temeridades de Alcacer-Kibir, o nosso Portugal ia a resvalar para o grande abysmo em que havia de encontrar a bulla de Clemente VII e o sceptro de Filippe II!

Mas ainda não havia Inquisição em Portugal!

*
* *

O que havia era um rei que só pensava em tal empreza a toda a hora, com sacrificio dos mais caros interesses nacionaes!

O que havia era uma princeza de Castella, ao lado do rei portuguez, aconselhada pela sua educação, ferozmente religiosa e intolerante, e pelo

soberano hespanhol, que pretendia governar todo o céo e toda a terra!...

O que havia era uma nobreza, cançada de glorias e avara de riquezas, envolvida nas intrigas dos dominicanos — uma fidalguia que formava uma cohorte de cortezãos beatos e perfidos, que lisongeavam o rei, esperavam os bens dos conversos e faziam a politica de Castella!

O que havia era um clero fanatico e corrupto, que dava aos judeus, á força, as graças celestes e recebia, em troca, os bens materiaes, que haviam de resultar do confisco.

O que havia era um povo sem a comprehensão dos seus deveres e dos seus direitos, escora em que se appoiavam as duas tyrannias do primeiro quarto d'aquelle seculo — o poder absoluto do rei e o poder deshumano da egreja!

Mas ainda não havia a Inquisição em Portugal!

A espionagem, ao denunciar as devassas, os julgamentos, as sentenças, as fogueiras, era tudo obra da justiça do estado. A herezia tinha o seu logar na escala dos crimes infamantes acima do assassinio, do roubo, da fráude e da violação!

Faltava apenas uma formalidade — a bulla de Clemente VII.

E a tyrannia nunca se embaraçou com a falta d'uma formalidade.

Principalmente quando a mouros e a judeus já vinham a reunir-se, para dar batalha aos dogmas dos concilios e á intolerancia da egreja Catholica, o trabalho de muitos cerebros que comprehendiam *Erasmo, Luthero.* e outros arrojados reformadores...

FIM DO SEGUNDO VOLUME

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

1.º VOLUME

	Pag.
I — Não vêdes, além?	7
II — N'essa noite infernal a matança não desanimou	19
III — ...e partiu pela ingreme ladeira	30
IV — Agora, podeis entrar, e confiae em nós	42
V — Mas isto é uma violencia! exclamou Ruy Vasques	58
VI — Amar é doce como o mel, alegre como o sol, risonho como os labios dos anjos	75
VII — Judeus, marranos armados..., larguem os santinhos	86
VIII — De novo o conego de Evora lançou a benção á multidão	108
IX — Ignacio pegou na taça que Deborah lhe encheu	122
X — Senhora minha, perdoae-me se vos molesto com a solemnidade da lei	138
XI — Ainda Jacob não tinha desapparecido e já outros cavalleiros se apeavam	166
XII — E precipitou-se sobre Jacob, que não alcançou, por ter logo sido agarrado e detido pelos braços musculosos d'alguns frades	181
XIII — Zampa subiu com o auxilio de Pepe	211
XIV — Porque elle é muito amigo de Deus e do Pápa e da Santa Inquisição	234
XV — Ahi vae o mote, disse D. Manuel	260
XVI — Segurem-n'o bem, disse um d'elles em puro castelhano, e passem-lhe já as laçadas	297
XVII — Jacob... parou a meio do salão	332
XVIII — O supplicio da agua tinha, como todos os outros as suas variantes	370
XIX — Os esbirros esticaram a corda, e o corpo do mouro ficou suspenso	384
XX — Deborah, disse Pedro levantando-se e batendo com a mão nos copos da sua espada	428
XXI — Traição! murmurou Philippa	467

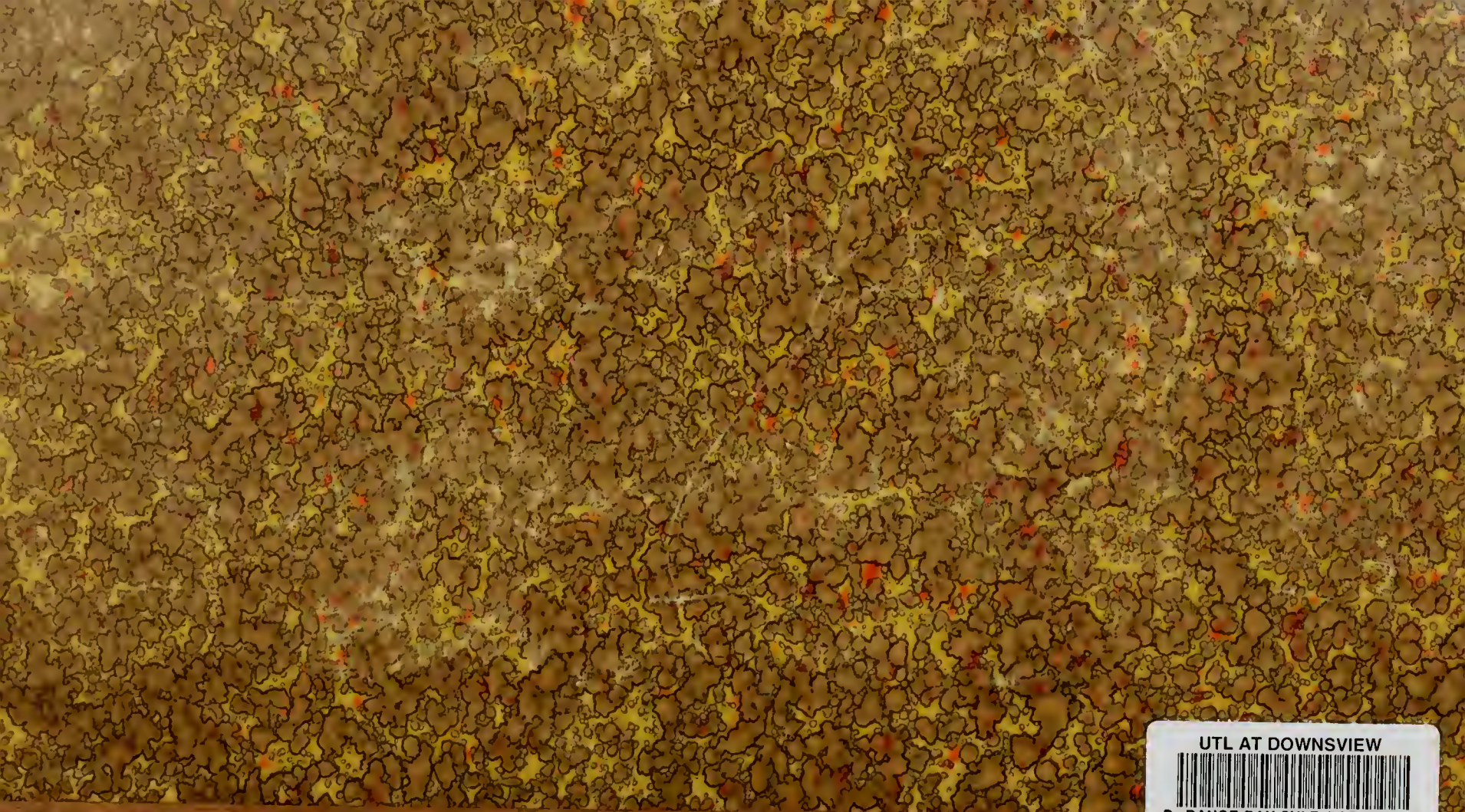
Pag.
XXII — Que os remorsos para defender a fé são obra do demonio. 498
XXIII — Sabemos que soffres e és feliz..... 521
XXIV — Sentiu-se baquear um corpo..... 564

2.º VOLUME

I — Ouvindo isto, Pepe precipitou no rio o cadaver do gardunho..... 21
II — Eva sobre as ancas do animal sustinha-se de lado..... 33
III — Então julgaes que a doença..... 51
IV — Jacob Adibe... Sou eu, disse o prisioneiro 94
V — E o judeu chorou pranto copioso, abraçando-se ao pescoço de Jacob.. 112
VI — São raros os que nos apparecem aqui n'este estado..... 120
VII — Salve-os Deus, boa gente, d'onde vindes?..... 168
VIII — ...Por traz, tomando-lhe tambem as espaduas duas mãos o prendiam e apertavam..... 208
XI — Appareceram tres esbirros, rigorosamente mascarados..... 228
X — Olha, Pepe, olha os gitanos..... 243
XI — Fujamos, fujamos, gritou o falso guerreiro..... 260
XII — O chefe vinha acompanhado de quatro ciganos..... 278
XIII — E Sarah apertava convulsamente as mãos de Suzanna..... 309
XIV — Um auto de fé — O prestito dos condemnados..... 317
XV — O auto de fé — Queima dos corpos e purificação das almas..... 320
XVI — ..Cahia inanimado a golpes de lança e a estallos de azorrague..... 323
XVII — ...o muro negro se abriu, mostrando a formosa imagem..... 347
XVIII — Já pensaste em fugir, monsenhor?..... 351
XIX — Queria occultar a dadiva com que Sarah lhe offerecera a paz da morte 376
XX — Suzanna foi descendo, atraz o seu guia mysterioso..... 378
XXI — Os esbirros no carcere vestindo o sambenito a Jacob..... 380
XXII — Parecia que mão piedosa o fôra cobrir com a grande cruz de Santo André..... 392
XXIII — E o novo rei dos ciganos a todos animava..... 410
XXIV — Faze-te homem, já que lhe vestiste os habitos..... 432
XXV — O ferido ergueu a fronte onde a morte apagára já todas as energias... 433
XXVI — O arcebispo fez um gesto de despedida á sua gente que se retirou.... 465
XXVII — ...Sarah que se julgava perdida reconheceu os seus salvadores..... 483

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 09 18 04 019 9